

comissão do

IV centenário

da cidade de são paulo

JOSÉ DE ANCHIETA, S. J.

POESIAS

Manuscrito do séc. XVI, em português, castelhano,
latim e tupi. Transcrição, traduções e notas
de

M. DE L. DE PAULA MARTINS

são paulo

1954



COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO
SERVIÇO DE COMEMORAÇÕES CULTURAIS



POESIAS



JOSÉ DE ANCHIETA

POESIAS

Manuscrito do Séc. XVI, em português, castelhano, latim e tupi.

Transcrições, traduções e notas

de

M. DE L. DE PAULA MARTINS

Boletim IV — Museu Paulista — Documentação Lingüística, 4

Petr. Joseph de Smet
Brasiliæ Apostolicus
Novi Orbis
Thaumaturgus

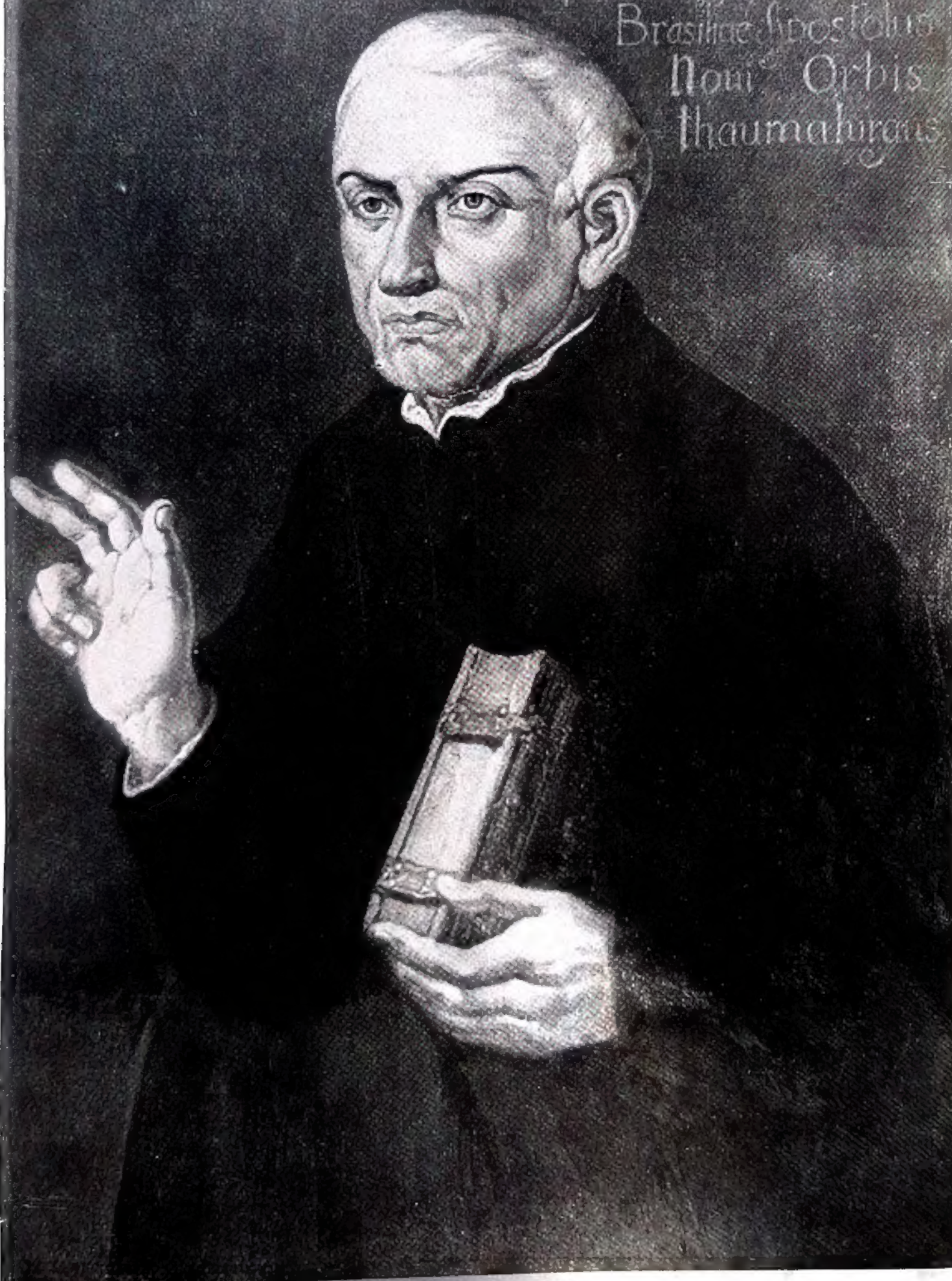


FIG. 1

Anchieta — óleo de Oscar Pereira da Silva. Coleção do Museu Paulista.

Í N D I C E

Apresentação	XVII
Prefácio	XXI
Agradecimento	XXVII
Siglas	1
Indicações Bibliográficas	1
Notas Prévias	9

PRIMEIRA PARTE: REPRODUÇÃO DIPLOMÁTICA

	<i>Orig.</i>	
+	+	17
I — +	2	18
II — Outra	2v	19
III — O peccador ao minino Nascido	3v	21
IV — Outra de Vita X	4	22
V — Outra	6v	27
VI — Do 1 ^{mo} sacram ^{to}	9	31
VII — De f. Mauricio	11	35
VIII — Cantiga	12	37
IX — Outra	12v	38
X — Outra	13	39
XI — Outra. / f. tomedemira.	13	39
XII — Outra	14	41
XIII — Outra	14v	42
XIV — Outra	15v	44
XV — Outra	16	45
XVI — Outra	16v	46
XVII — Outra	17v	48
XVIII — Outra	18	49
XIX — Outra	18v	50
XX — Outra	19	51
XXI — Recebimêto, q̃ fezeraõ os Jndios/ de guarapari ao Pe Proui=/cial Marçal Belliarde...	21	53
XXII — Dãça de dez / mininos.	24v	58
XXIII — Câtiga por / o sen Vêtura / a N. Sôra	25	59
XXIV — Câtiga & querêdo o alto Df	25v	60
XXV — Câtiga &/ el sin Vêtura	26	61
XXVI — Da Afsûpçaõ	26	61
XXVII — Dia da Afsûpçaõ, quando leuaraõ / sua jmage a Reritiba	27	63
XXVIII — Outra	28	65
XXIX — Outra	29	67
XXX — Outra	29v	68
XXXI — Outra	30	69
XXXII — +	32	72
XXXIII — qñ no spũ santo se recebeo huã reliquia das / 11 mil Virgenf	33v	75

XXXIV	— Dos Misterios do Rozairo / de noſſa ſar..	37	82
XXXV	— Del niño Jeſu // y deſumadre. . . .	38v.	85
XXXVI	— +	39v.	87
XXXVII	— Da reſurreiçãõ	40v.	89
XXXVIII	— +	41	90
XXXIX	— +	42	91
XL	— De Aſſumptione B Mariæ / Virginiſ..	44	92
XLI	— Dialogo de X comp. ^o diaz.	53v.	101
XLII	— +	56v.	107
XLIII	— +	57	108
XLIV	— Na feſta de ſ. L ^o	60	111
XLV	— Dança que ſeſez na &ciſſaõ / de ſaõ Lourenço de / 12 mininoſ.	92	175
XLVI	— Mira Nero	94	178
XLVII	— ſobre el ciegoamor	94v.	179
XLVIII	— Outra pola meſma toada / Eſta ſecantou eſtando S. / L. ^o naſ grelhaſ.	95	180
XLIX	— Eſtaſ ſe fizeraõ na feſta / do P. ^o Igna- rio dazeuedo / E ſeuſ Companhei / roſ.	95v.	181
L	— +	97	184
LI	— outra	98	186
LII	— +	98v.	187
LIII	— aliud	98v.	187
LIV	— +	100	188
LV	— por graci g ^{co} gte	131	250
LVI	— +	132	251
LVII	— De Noſſa ſõr	132v.	252
LVIII	— Outra	133	253
LIX	— +	133v.	254
LX	— +	135	256
LXI	— Dança Dos Reys	143	274
LXII	— Da Conceiſaõ de Noſſa ſar	146	276
LXIII	— por graci g ^{co} gte	147v.	279
LXIV	— +	148	280
LXV	— +	158	300
LXVI	— Carta da Comp ^a de Jeſuſ pera / o ſeraphico ſ. Fr. ^{co}	166	310
LXVII	— +	167	312
LXVIII	— +	167v.	313
LXIX	— polo Molciro	169v.	317
LXX	— dança	170v.	319
LXXI	— Outra	171	320
LXXII	— +	171v.	321
LXXIII	— Da Conceiſaõ de N. ſ ^a / por graci g ^{co} gte	171v.	321
LXXIV	— Dança	172v.	323
LXXV	— Outra	173	324
LXXVI	— +	173v.	325
LXXVII	— +	174	326
LXXVIII	— Dos Jrmaõſ Martyreſ.	175v.	329
LXXIX	— +	176v.	331
LXXX	— +	177	332

LXXXI — +	177v	333
LXXXII — +	178	334
LXXXIII — Hũ peccador à Uirgẽ parida	181v	337
LXXXIV — Hum peccador ao / Minino nascido	185v	341
LXXXV — Repuesta do Minino / nascido al peccador	187v	343
LXXXVI — Na Visitação de s. Jfabel	200	346

SEGUNDA PARTE : REPRODUÇÃO CRÍTICA

+	361
-------------	-----

Textos :

A — Poesias em português

1 — Do Santíssimo Sacramento	366
2 — De São Maurício	373
3 — Em Deus, meu criador	377
4 — Como vem guerreira !	379
5 — A Santa Inês	381
6 — Ao P. Costa	385
7 — Quando, no Espírito Santo, se recebeu uma relíquia das Onze Mil Virgens	389
8 — Da ressurreição	398
9 — O pelote domingueiro	399
10 — Carta da Companhia de Jesus para o seráfico São Francisco	409
11 — Ao P. Bartolomeu Simões Pereira	412
12 — Ao P. Bartolomeu Simões Pereira	414

B — Poesias em castelhano

1 — El buen pastor	418
2 — Jesus e o pecador : I — O menino nascido ao pecador II — O pecador ao menino nascido	421
3 — De uita Christi	425
4 — Desconsolada	432
5 — Cantiga	435
6 — Venid	437
7 — Por te dar mi amor	438
8 — São Tomé de Mira	440
9 — ¡ No !	442
10 — ¿ Quién verá al pastor ?	443
11 — ¡ Enhorabuena !	447
12 — Campanas	449
13 — En el huerto	452
14 — Enamorados	454
15 — Del niño Iesú y de su madre	456
16 — Prima	459
17 — Diálogo de Cristo com Pero Dias	460
18 — A Inácio de Azevedo	464
19 — Ao Irmão Manoel	466
20 — ¡ Mira Nero !	469
21 — Sobre el ciego amor	471

22 — Cantiga	472
23 — Por graciár Iesú Cristo	474
24 — Corona de rosas	476
25 — De Nossa Senhora	477
26 — ¡ Por ti muero !	478
27 — Iesú	480
28 — A Pero Dias	481
29 — Dos Irmãos Mártires	483
30 — A Inácio de Azevedo	485
31 — São Cristóvão	487
32 — ¡ Desdichado pecador !	489
33 — Um pecador à Virgem parida	494
34 — O pecador e o menino : I — Um pecador ao menino nascido II — Resposta do menino nascido ao pecador	499
35 — Na visitação de Santa Isabel	505

C — Poesias em latim

1 — Ladainha	531
2 — De Assumptione Beatae Mariae Uirginis	533

D — Poesias em tupi

1 — Cantiga por o sem ventura a Nossa Senhora	552
2 — Cantiga por querendo o alto Deus	554
3 — Cantiga por el sin ventura	556
4 — Da Assunção	558
5 — Dia da Assunção, quando levaram sua imagem a Reritiba	561
6 — Pitangi	573
7 — Tupána kuápa	576
8 — Trilogia	578
9 — Dos mistérios do rosário de Nossa Senhora	581
10 — Pitangi porangeté	590
11 — Oú, tubixá katú	595
12 — Da Conceição de Nossa Senhora	596
13 — Na aldeia de Guaraparim	601
14 — A Nossa Senhora	639
15 — Polo moleiro	646
16 — Dança	652
17 — Da Conceição de Nossa Senhora	654
18 — Tupansý, Santa Maria	658

E — Poesias polilíngües

1 — Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao Padre Provincial Marçal Beliarte (<i>português-tupi</i>)	663
2 — a) Na festa de São Lourenço (<i>castelhano-tupi-português</i>)	681
b) Na festa do Natal (<i>tupi-castelhano-português</i>)	747
3 — Brasil (<i>português-latim</i>)	773
4 — Aliud (<i>latim-português</i>)	774
5 — Na Vila de Vitória (<i>castelhano-português</i>)	775
6 — Dança dos Reis (<i>tupi-português</i>)	831
Resumo	833

ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 — Anchieta — óleo de Oscar Pereira da Silva. Coleção do Museu Paulista.....	IX
„ 2 — As primeiras fôlhas do caderno de Anchieta. A nota inicial deve ser de Antonil.....	8-9
„ 3 — As pp. 202v e 203, em autógrafo de Anchieta, parcialmente destruídas.....	10-11
„ 4 — A última página do caderno de Anchieta (<i>autógrafo</i>). A nota final deve ser de Antonil.....	12-13
„ 5 — Táboa a óleo, muito antiga, que se supõe representar Anchieta. Pertence ao Colégio São Luís, da Companhia de Jesus, em São Paulo (<i>anônimo</i>).....	358-359
„ 6 — Aspecto atual da Igreja do Rosário, de Vila Velha, à qual se teria destinado “Na visitação de Santa Isabel”.....	506-507
„ 7 — <i>Ao alto</i> : O Convento da Penha, em Vila Velha, no Espírito Santo. <i>Em baixo</i> : O santuário primitivo e a pequena gruta que, dizem, serviu de abrigo a Frei Palácios, seu fundador.....	520-521
„ 8 — Aspectos de Anchieta, antiga Reritiba, no Espírito Santo.....	562-563
„ 9 — <i>Em cima</i> : Aspecto atual do Convento Anchieta, em Anchieta, antiga Reritiba, no Espírito Santo. <i>Em baixo</i> : O mesmo Convento segundo gravuras antigas.....	566-567
„ 10 — Aspecto atual da cela onde morreu o Venerável P. José de Anchieta. Constitui hoje um pequeno museu religioso.....	568-569
„ 11 — Fragmento, considerado autêntico, de um osso de Anchieta, conservado em sua cela, em Anchieta, no Espírito Santo.....	570-571
„ 12 — Certificado referente à autenticidade do fragmento ósseo conservado na cela de Anchieta.....	570-571
„ 13 — A imagem de Nossa Senhora da Assunção, que se conserva na cela onde morreu o P. José de Anchieta e que seria a mesma a quem dedicava os seus arroubos poéticos.....	572-573
„ 14 — Aspecto atual da igreja de Guaraparim, restaurada pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional. Nela se teria representado parte da peça “Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao P. Provincial Marçal Beliarde”.....	602-603
„ 15 — A “Fonte dos Padres”, em Guaraparim, onde, ainda hoje, se abastecem as lavadeiras.....	602-603
„ 16 — Ruínas da igreja iniciada em princípios do séc. XVII, em Guaraparim, e destinada a substituir a velha, dos jesuítas.....	602-603
„ 17 — A Capela de São Lourenço, no morro do mesmo nome, em Niterói.....	680-681
„ 18 — Distribuição topográfica dos textos E 2 a e E 2 b.....	746-747
„ 19 — O antigo Colégio dos Jesuítas (<i>a</i>), hoje Palácio do Governo (<i>b</i>), em Vitória, no Espírito Santo.....	776-777
„ 20 — A antiga Igreja de Santiago, em Vitória, no Espírito Santo, hoje Secretaria da Educação. Nela se teria representado “Na Vila de Vitória”.....	780-781
„ 21 — A lápide de Anchieta, conservada no Palácio do Governo de Vitória, no Espírito Santo, em compartimento reservado e recentemente decorado.....	830-831
„ 22 — Anchieta — tela existente em Tenerife, sua terra natal.....	834-835

Apresentação

A comovedora e edificante figura de Anchieta é a mais representativa da cristianização do Brasil. É também a de um dos maiores contribuidores para a formação de uma unidade cultural cada vez mais distinta: a cultura brasileira. Cartas, "informações" e outros escritos do insigne jesuíta são subsídios para a historiografia. Sua "Arte de Grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil" é a primeira tentativa de sistematizar o estudo de uma língua indígena desta terra e continua sendo fonte preciosa para o conhecimento do tupi antigo. Sua "Informação dos casamentos dos índios do Brasil" constitui um dos mais importantes documentos etno-sociológicos de sua época. Na literatura sobre os nossos índios, certas das suas observações relativas à organização de parentesco têm similares só em alguns trabalhos recentes.

Também a presente obra é rico manancial científico. Seus fac-símiles abrem aos estudiosos acesso direto a reproduções do vernáculo brasileiro quinhentista mais fiéis à realidade do que a "Arte de Grammatica" talhada em molde latino. Ouso dizer que os textos de tupi destinados a serem ouvidos pela população indígena satisfazem mais às exigências da lingüística moderna do que todos os outros documentos sobre idioma do Brasil daquele tempo. E para mais ainda aumentar o seu valor confiou-se sua publicação e anotação a uma especialista de tão reconhecida competência como a Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins.

Mas, o estudioso das coisas brasileiras encontrará, neste volume, ainda muitos dados de outra espécie, informações sobre a vida de então, seus aspectos culturais, sociais e materiais. E penetrará cada vez mais na compreensão da personalidade do venerável apóstolo que, justamente por ocasião da comemoração do IV centenário de fundação da cidade de São Paulo, está mais vivo que nunca no coração de seus inúmeros admiradores.

* * *

A fim de legalizar convenientemente a presente publicação, dirigi a Sua Reverendíssima, o Padre Provincial da Companhia de Jesus no Brasil Central, o seguinte ofício:

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

MUSEU PAULISTA

Diretoria

N.º 61

São Paulo, 28 de fevereiro de 1953.

Reverendíssimo Provincial:

Tendo o Museu Paulista merecido a honra de ver incluída na Biblioteca do IV Centenário da Cidade de São Paulo, a publicação de textos poéticos de Anchieta, elaborados pela Sra. Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins, deste Museu, venho respeitosamente à presença de Vossa Reverendíssima para expor e solicitar o seguinte:

a) Os originais dos textos citados pertencem à Companhia de Jesus e se encontram em seus Arquivos, em Roma, onde foram, há tempo, fotocopiados pelo Revmo. P. José da Frota Gentil, S. J.

b) Os documentos sobre os quais se baseiam os trabalhos deste Museu são reproduções das fotocópias obtidas pelo referido P. Frota Gentil, algumas fornecidas por ele próprio ao Prof. Dr. Plínio Ayrosa e as demais confiadas pelo Revmo. P. Armando Cardoso à Sra. Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins, para estudos na Cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, estudos que, posteriormente, por transferência daquela Sra., prosseguiram na Seção de Documentação Lingüística do Museu Paulista.

c) Embora, com o conhecimento e consentimento da admirável Companhia de Jesus, tenham já sido parcialmente divulgados, em publicações da Faculdade e do nosso Museu, alguns desses textos ("Na festa de São Lourenço", "Na vila de Vitória", "Na visita de Santa Isabel"), cumpre-me, no momento em que deverá sair a lume o conjunto dos textos, solicitar a autorização oficial da Companhia de Jesus para a publicação integral do caderno de Anchieta.

Eu desejaria, ainda, solicitar a Vossa Reverendíssima, como prefácio da publicação, uma nota da Companhia, explicando a procedência dos documentos que, tão generosamente, cedeu. Nesse sentido, queria lembrar quão valioso seria o testemunho do P. Frota Gentil, que os obteve e deve estar a par dos problemas de sua origem.

Certo de que Vossa Reverendíssima, pela proximidade da comemoração do IV Centenário da Cidade de São Paulo e, portanto, da data prevista para a publicação, não deixará de considerar a urgência do meu pedido, apresento à Companhia de Jesus, tão dignamente representada por Vossa Reverendíssima, os meus melhores agradecimentos pela oportunidade que foi concedida ao Museu Paulista de proceder a estudos sobre os mais extensos textos de tupi antigo até hoje conhecidos e outros documentos quinhenistas.

Valho-me da oportunidade para apresentar a Vossa Reverendíssima os protestos da minha mais elevada estima e distinta consideração.

(a) *Herbert Baldus*
Diretor em exercício

A Sua Reverendíssima, o Padre Provincial da Companhia de Jesus
Rua de São Clemente, 226
Botafogo
Rio de Janeiro

Sua Reverendíssima teve a bondade de me enviar a seguinte resposta:

IHS
R. P. PROVINCIAL
Da Província do Brasil Central

Rua São Clemente, 226 — Botafogo
Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 4 de março de 1953

Exmo. Sr. Dr. Herbert Baldus
DD. Diretor do Museu Paulista

Acuso o recebimento de seu honroso officio n.º 61, de 28 de fevereiro último, no qual V. Excia. pede o devido consentimento, em nome da Companhia de Jesus, para que sejam publicados por esse Museu textos poéticos do Venerável Padre José de Anchieta, fotocopiados em Roma pelo P. José da Frota Gentil, S. J. e elaborados pela Exma. Snra. Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins. Requer, outrossim, V. Excia., que o mesmo Padre José da Frota Gentil possa prefaciar a coletânea, que ora sai a lume como parte da Biblioteca do IV Centenário da Cidade de São Paulo, publicada por esse Museu.

Cabe-me, antes de tudo, agradecer a V. Excia., como Diretor de tão notável instituição, a delicada atenção e a auspiciosa notícia, a mim comunicada.

Concedo, de todo coração e com ânimo reconhecido, a autorização que se pede, em nome da Ordem por mim representada, e de boa mente permito que o Padre José da Frota Gentil, a quem já notifiquei o seu indeclinável convite, redija o prefácio solicitado.

Reiterando a V. Excia. os sentimentos de sincera gratidão, em nome da Companhia de Jesus, e a expressão de minha profunda admiração, subscrevo-me

de V. Excia.
humilde servo em Jesus Cristo,

(a) P. J. B. Rocha, S. J.
P. João Bosco Rocha, S. J.
Prep. da Prov. do Bras. Centr.

Exmo. Sr.
Dr. Herbert Baldus
Museu Paulista
Secretaria de Educação
São Paulo

* * *

Cumpre-me, pois, agradecer ao Reverendíssimo Padre Provincial da Companhia de Jesus a amabilidade e boa vontade demonstradas em sua carta, aos Reverendíssimos Padres José da Frota Gentil e Hélio Viotti a colaboração e, last not least, à minha prezada colega Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins, os grandiosos esforços aplicados a uma publicação que, sobremaneira, honra o Museu Paulista.

HERBERT BALDUS

Prefácio

Sob os auspícios da Comissão do IV Centenário da Fundação de São Paulo, apresenta o Museu Paulista à luz da publicidade, pela primeira vez integralmente, esta coletânea de poesias anchietanas, primeiro monumento literário do lirismo e da arte dramática no Brasil. Boa parte, efetivamente, do Livrinho de várias poesias do Venerável Padre José de Anchieta, — título que se lê na nota prévia aposta ao original —, mormente a sua produção em castelhano, permanecia até agora inédita.

Até fins do século XVIII, como consta do catálogo dos Scriptores Provinciae Brasiliae, sòmente a sua gramática tupi, o poema da Vida de Nossa Senhora, as "Piae Laudes" e algumas cartas em português e latim haviam sido publicadas. Restavam inéditos não poucos dramas sagrados, o poema dos Feitos de Mem de Sá e a História dos Jesuítas no Brasil (Gesù, Colleg. 20, f. 9; S. Leite, I, 533). Exce-tuados os poemas e as "Piae Laudes", das poesias de Anchieta apenas as dramáticas vêm explicitamente mencionadas nesse catálogo assaz incompleto, levantado já após a supressão da Companhia de Jesus — seguramente posterior a 1780 — por algum membro da antiga Província do Brasil.

Afora poucas poesias avulsas, estampadas em livros e publicações periódicas, só em 1923 aparece a primeira coletânea. Por feliz iniciativa de Afrânio Peixoto, logrou nesse ano a Academia Brasileira de Letras reunir e publicar, em pequeno volume intitulado Primeiras Letras e com o subtítulo de Cantos de Anchieta, uma parte de suas composições poéticas em português e tupi. Estas últimas, na versão por demais infiel do Padre Dom João da Cunha. Colhidas aliás, tôdas elas, em cópias manuscritas bastante imperfeitas, obtidas em Roma por Franklin Massena, em 1863, que se guardam no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; e algumas, pelo Barão de Arinos, que as cedeu a Melo Moraes Filho e por êste foram estampadas, em apêndice, no seu Curso de Literatura Brasileira (Rio, 1882).

A competência científica, ao diuturno e devotado empenho da Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins, que, à frente da Secção de Documentação Lingüística do Museu Paulista, havendo já publicado (Boletim n. I, 1948 e n. III, 1950) algumas peças anchietanas,

traduziu agora inteiramente os textos da língua tupi, transcreveu e anotou o precioso códice do Arquivo da Companhia de Jesus em Roma (Opp. NN. 24), fica hoje a dever a cultura nacional — bem como às entidades supramencionadas — um inestimável serviço.

Se nenhum outro mérito possuísem estas Poesias de Anchieta, o fato só de constituírem um documento praticamente único no seu gênero pertencente ao século XVI, verdadeiro pórtico da literatura brasileira, justificaria o alvoroço com que hão de saudar o aparecimento desta obra todos aqueles a quem a ilustração mental, o amor ao passado de sua pátria, o justo aprêço pelas manifestações culturais de nossos antepassados concedem a capacidade de avaliar a significação do acontecimento. Não fôssem estas Poesias mais um legado de quem, merecidamente, vem sendo apontado como um dos forjadores da nacionalidade!

Acresce ainda que, embora nem tôdas as composições desta coletânea apresentem o mesmo quilate, quer quanto à forma, quer quanto à substância artística das idéias e dos sentimentos, é de justiça reconhecer a existência nela de autênticas jóias literárias. Evidentemente que o tema invariavelmente religioso-parenético não é de molde a satisfazer todos os paladares. Cabe, porém, ao crítico sobrepor-se à própria ideologia e aos pendores pessoais, para julgar com isenção se, dentro das concepções e do ambiente em que viveu, da meta a que visou, conseguiu ou não o artista realizar, de maneira mais ou menos perfeita, a sua obra de arte.

Interêsse constante e já agora secular vêm mantendo nossos homens de letras, tupinólogos, historiadores e literatos em tórno destas poesias anchietanas. Além dos que acima mencionamos, poderíamos indicar ainda Joaquim Norberto, Batista Caetano, Couto de Magalhães, Pereira da Silva, Sílvio Romero, Luís Gonzaga Cabral, S. J., Eugênio Vilhena de Moraes, Celso Vieira, Armando Cardoso, S. J., Carlos Sussekind de Mendonça e quantos se têm ocupado com as origens do teatro no Brasil. O mesmo se diga de tôdas as mais altas instituições culturais do país. A Academia Brasileira de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Arquivo Nacional, a Universidade de São Paulo, disputariam, temos certeza disto, ao Museu Paulista, a honrosa iniciativa.

Com a presente edição integral, se não perfeita — tal é a condição de tôdas as obras humanas —, pelo menos realizada com a preocupação do rigor científico e da maior objetividade, abre-se, finalmente, para o público em geral e principalmente para os mestres da boa arte literária, a oportunidade de estabelecer criticamente o valor de Anchieta como poeta lírico e dramático, dentro do cenário do nosso quinhentismo colonial. E, se no Brasil sua posição, para a época, é absolutamente ímpar —, qual o seu pôsto, segundo critérios que se não limitem às nossas fronteiras, no panorama mais vasto da literatura universal.

* * *

Minha tarefa, ao empreender este prefácio, em colaboração com o Padre José da Frota Gentil, S. J., e por delegação da Companhia de Jesus, possuidora, em seu arquivo central de Roma, do precioso documento, é sobretudo comprovar-lhe os caracteres de indiscutível autenticidade. Através de provas extrínsecas de ordem histórica e de argumentos intrínsecos fornecidos pela materialidade do próprio documento, não será difícil, — em refôrço da análise feita pela ilustre anotadora e tradutora dos textos brasílicos —, traçar-lhe a trajetória de quase quatro séculos, das mãos de Anchieta para as dos eventuais leitores destas Poesias.

No Archivum Romanum Societatis Jesu, na Cúria dos Jesuítas, em Roma, examinou o Padre José da Frota Gentil, S. J., em 1929, em busca de documentos relativos ao Venerável Padre José de Anchieta, o códice aí guardado sob a cota Opp. NN. 24, dêle obtendo, no ano seguinte, boa reprodução fotográfica, que trouxe para o Brasil, ao regressar em fins desse mesmo ano de 1930. Notemos de passagem que outros arquivos dos jesuítas, em Roma, além desse, possuem documentação de interesse para o Brasil e para a história de Anchieta: o “Arquivo da Pontificia Universidade Gregoriana” e o da “Postulação Geral” das causas dos servos de Deus da Companhia de Jesus. Possui este último, por exemplo, cópia caligráfica deste mesmo códice (S. Leite, VIII, 29).

Para o arquivo central da Ordem entrou, com alguns mais, este documento, entre 1731 e 1733, enviado que foi para Roma, para a revisão dos escritos de Anchieta, exigida em vista de sua beatificação pela Sagrada Congregação dos Ritos. Sem tal circunstância providencial, teria seguramente perecido, como tantos outros, no ruinoso descalabro dos “cartórios” jesuíticos do Brasil e de Portugal, que se seguiu ao decreto de banimento da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal. Se ainda em 1788 sobreviviam, no antigo Colégio da Bahia, segundo o testemunho de Domingos Alves Branco (R. I. H. G. B., XIX 48, 55, 56, 59), Cartas jesuíticas em dois copiadores diferentes, manuscritos vários e até um Discurso de Nóbrega. — que é feito hoje de tudo isto? A traça alia-se a incúria e a inconsciência...

A 26 de agosto de 1730 escrevia o Arcebispo da Bahia, D. Luís Álvares de Figueiredo, à Sagrada Congregação dos Ritos, anunciando terem-se encontrado no Colégio dos Jesuítas na Bahia os opúsculos, manuscritos e a Arte, “o que tudo, juntamente com o... auto sobre as diligências executadas, envio a essa Sagrada Congregação, enfeitado em um volume envólto em sêda verde, perfeitamente fechado e lacrado com o carimbo de nossas armas, claramente impresso em dois lugares” (Responsio ad novas animadversiones, Sum. Objectivum n. 3, p. 5, Romae, 1735).

Entre os opúsculos manuscritos, enumerados no Decreto de 26 de março de 1733 da Congregação dos Ritos, citam-se, sob o n. 2, “uma coleção de poesias sacras, hinos e composições em honra e louvor de Deus, da Virgem Ssma. e dos Santos”; sob o n. 4, “um auto por ocasião de se admitir na Companhia um noviço”; sob o n. 5, outro

auto "por ocasião da transladação das relíquias de santas Virgens"; e sob o n. 8 e último, "um livro completo em que se contém várias obras espirituais e poesias sagradas, escritas em língua portugüesa e brasílica" (Positio super dubio, Romae, 1733, Summ. Additio-nale, p. 2).

O exame do auto ("processiculum"), com que se acompanhou a remessa para Roma, feita pelo Arcebispo da Bahia, dos opúsculos manuscritos de Anchieta, poderá decidir claramente sob qual dos itens acima enumerados, se o n. 2 ou o n. 8, estava contido o códice Opp. NN. 24. Entretanto, pela menção que sob o n. 8 se faz de composições na língua brasílica, parece-nos que é com êsse último item que o devemos identificar. O fato de se não mencionarem expressamente as composições em castelhano não pode estranhar. Fora da Península Ibérica, em Roma, mormente naquela época, pouca atenção se deveria dar à distinção entre o portugüês e o espanhol.

Nesse caso o item n. 2 designaria o códice Opp. NN. 23, preparado, segundo parece, para publicação, pelo Padre João Antônio Andreoni, e que constitui uma seleção de poesias em portugüês e castelhano, às quais dera o título de El Canarino del Cielo. Tal códice pertence igualmente ao Archivum Romanum Societatis Jesu. Compõe-se de duas partes: a Doutrina do Venerável Padre José de Anchieta e El Canarino del Cielo, que abrange vinte e cinco composições líricas, cada qual com seu título apropriado, transcritas por mão de Andreoni, como insinua a página de rosto e facilmente demonstra o cotêjo com autógrafos seus.

* * *

Muito antes disso, em 1643, dava notícia o Provincial Manuel de Oliveira, em carta que publicamos no Jornal do Comércio de 31 de maio de 1953, dirigida ao Geral Múcio Vitelleschi, da existência, nos arquivos da Província, de poesias de Anchieta, não só as latinas, mas também as portugüesas. Simão de Vasconcelos, então Vice-reitor do Colégio da Bahia, se dispunha a pôr em forma tais poesias para a publicação. E a carta pede expressamente para isso a licença do Geral (Bras. 3(1), 237).

Na sua Vida do Venerável (Lisboa, 1672), bem como na Crônica (Lisboa, 1663), mais de uma vez alude Vasconcelos às poesias líricas e dramáticas de Anchieta, "que ainda hoje andam de sua mesma letra" (Vida, l. 1, c. V, n. 6). Referências igualmente explícitas encontram-se no Agiológio Lusitano (III, 608, Lisboa, 1666) e na Vida do Padre José de Anchieta, escrita em 1605-1606, por Pero Rodrigues (Anais da Bibl. Nac., XXIX, 208-210 etc.). Mas já em 1598, na Breve Relação, consignara Quirício Cara essa atividade poética de Anchieta (Op. cit. 1934, 14).

Inúmeros, por outra parte, são os depoimentos dos Processos para a beatificação de Anchieta, em que a isso se referem as testemunhas. A propósito de suas Cantigas, declara Baltasar de Horta,

tê-las cantado “sendo moço . . . , em companhia de outros, pelas ruas e praças”. De si atesta João de Sousa Pereira que Anchieta “lhas dava escritas e as fazia cantar”. Narra este último, mas também o filho de Jerônimo Leitão, Padre Francisco da Silva, e os irmãos Aleixo e Pedro Leme terem tomado parte, como atores, em diversos de seus autos.

Que muitas destas poesias anchietanas se destinassem para o canto, um exame atento dêste códice deixa perfeitamente comprovado. À pág. 95, nota-se, por exemplo: “Outra pela mesma toada. Esta se cantou estando São Lourenço nas grelhas”. Tal disposição artística de Anchieta para utilizar a música como fator de educação moral e religiosa, era sem dúvida uma tendência de sua formação familiar. Parente seu indubitavelmente foi o Maestro da Capela Real, D. João de Anchieta, compositor e poeta, de Urrestilha, na Guipúscoa, donde emigrou para as Canárias o pai de José de Anchieta. Em Tenerife, dois irmãos seus, sacerdotes, — diz o depoimento de André do Sim —, ensinaram “uns irmãos dêle, testemunha, também sacerdotes, a tanger cravo e órgão” (Proc. Apost. do Rio de Janeiro, 83v).

* * *

Frisa a Nota prévia do códice Opp. NN. 24 que o fato de ser o Venerável Padre José de Anchieta o autor das várias poesias contidas no livrinho de 208 folhas numeradas era fama antiga e constante entre os jesuítas do Brasil. De resto, a mais ligeira análise da matéria da maioria das composições dêste códice — as escritas em tupi desde logo, tôdas as de caráter dramático, outras muitas, cujo conteúdo, explicita ou implicitamente envolve assunto relativo da mesma forma ao Brasil ou aos jesuítas do Brasil — não deixa a menor dúvida de que o documento tem que forçosamente inserir-se no ambiente histórico do nosso país no século XVI. Quanto a outras poesias em castelhano, o fato de ser Anchieta espanhol lhe confere precedência indisputável nessa indagação de autor.

Excluído, aliás, o autor português da Prosopopéia, poemeto impresso em Lisboa em 1601 e cujo tema se prende à batalha de Alcácer-quibir, embora respeite igualmente ao Brasil, — que outro nome de poeta quinhentista em nossa terra foi até hoje documentadamente apontado, dentro ou fora da Companhia de Jesus, além daquele, cuja celebridade de santo, missionário e poeta, proporcionou ao jesuíta baiano Padre Francisco de Almeida assunto para um poema latino em verso heróico e juntamente o título, altamente sugestivo, de Orfeus Brasileus, obra impressa em Lisboa em 1737 (S. Leite, VIII, 6)?

Argumento irrefutável, nem um sequer foi até hoje aduzido, que nos imponha admitir autor diferente, daquém ou dalém-mar, para qualquer destas poesias. No artigo já citado, no Jornal do Comércio de 31 de maio de 1953, o deixamos demonstrado a respeito de ligeiras reservas para duas composições anchietanas em

português, reservas dubitativamente apresentadas por Serafim Leite, S. J. (*História*, VIII, 184). Nem há por que voltar a este ponto. Histórica e cientificamente, portanto, tôdas as peças contidas neste códice, sem discrepância, continuarão sendo atribuídas ao Padre José de Anchieta. *Poesias de Anchieta* é bem o título que convinha a este livro.

* * *

Cedidas, como foram, para cópia, as fotografias do códice Opp. NN. 24 do Archivum Romanum Societatis Jesu, pela Companhia de Jesus ao Museu Paulista — do que oficialmente dão fé os documentos que vão incluídos neste volume — e depois do benemérito e pacientíssimo labor da Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins, hoje, finalmente, se cefetua o que os antigos jesuítas Padre Manuel de Oliveira, Simão de Vasconcelos, João Antônio Andreoni outrora almejaram fazer: entregar ao público estas poesias de Anchieta.

E aqui tem o leitor, na medida em que nos foi possível, traçada a trajetória desta obra. Longa foi ela até aqui. Maior será para o futuro. Para glória de Anchieta, auguramo-lo confiantes, e regozijo de sucessivas e sempre mais numerosas gerações de brasileiros.

Pe. Hélio Abranches Viotti, S. J.

Agradecimento

Muitas pessoas contribuíram para que se desse à publicidade o presente volume.

Quase todas, por diferentes modos, procuraram favorecê-lo. Agradeço-lhes profundamente.

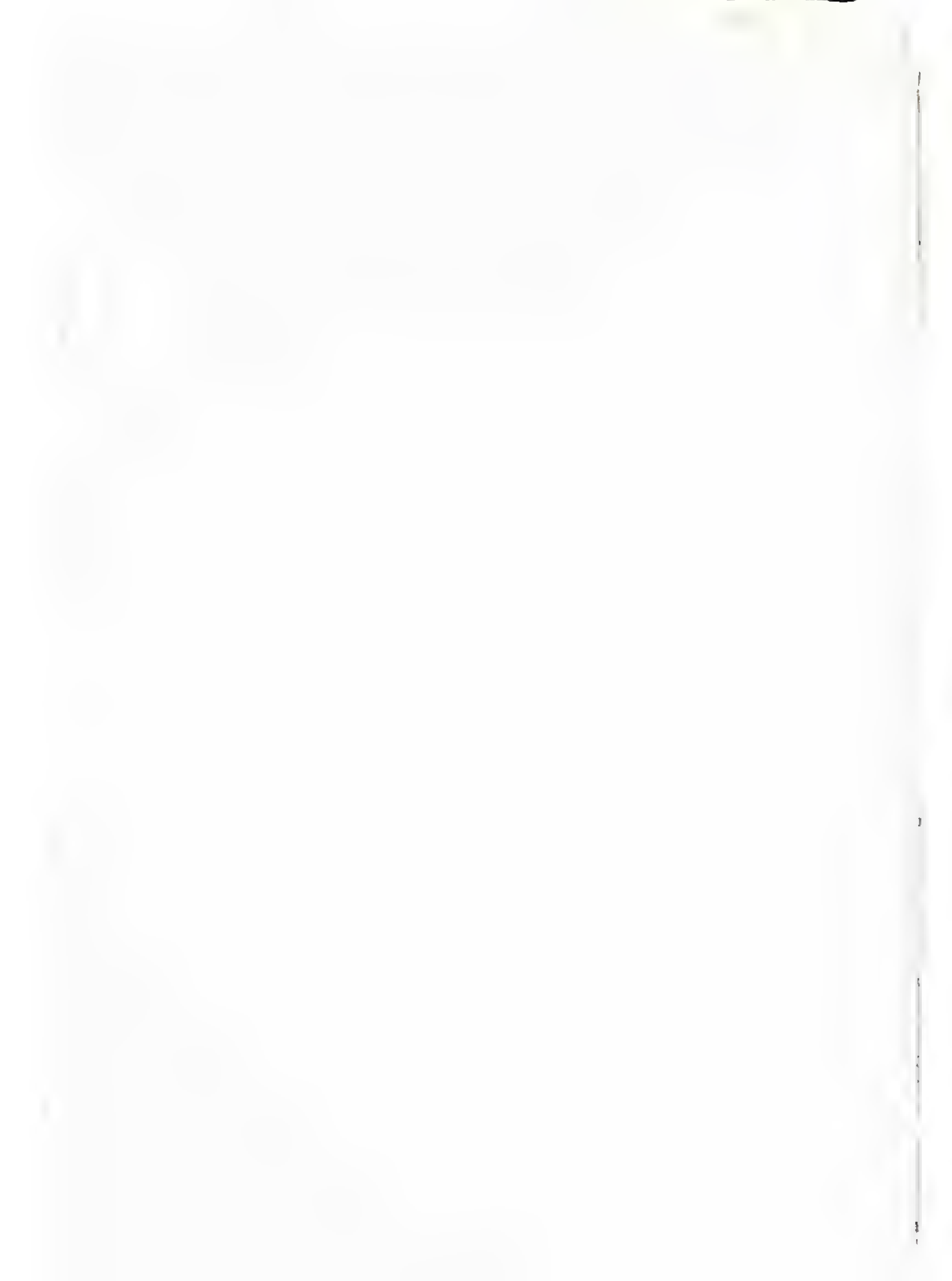
Algumas tentaram obstar-lhe a execução. Estimularam, de certa forma, o meu esforço.

Devo, porém, consignar especial referência à ação decisiva de três nomes ilustres: Embaixador José Carlos de Macedo Soares, que não hesitou em abrigar o meu trabalho no Museu Paulista; Prof. Fidelino de Figueiredo, que o amparara nobremente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo; e Sérgio Buarque de Holanda, que acompanhou o seu desenvolvimento até final publicação pela Comissão do IV Centenário.

A todos, muito obrigada.

M. de L. de Paula Martins

São Paulo, maio de 1954.



SIGLAS

- A — poesias em português
- B — poesias em castelhano
- C — poesias em latim
- cf. — confronto
- D — poesias em tupi
- E — poesias polilíngües
- fac. — facsímile
- ms. — manuscrito
- NI — Nota Inicial (da peça, IIª)
- NP — Notas Prévias
- ns. — números referentes às peças do manuscrito
- p.,pp. — página, páginas
- sgs. — seguintes
- v. — verso da página
- V.,VV. — verso, versos
- () — nota de rodapé
- * — indicação do original manuscrito
- + — sem título, sem número ou sem autor
- Iª — primeira parte
- IIª — segunda parte

As demais siglas referem-se a obras constantes das Indicações Bibliográficas.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

	OBRA	EDIÇÃO	AUTOR
A	Anchieta	Pequena Biblioteca de Literatura Brasileira, I. Editôra Assunção Limitada. São Paulo. (1946)	José de Anchieta, Resenha por M. de L. de Paula Martins.
AG	Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil	Edição da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1933.	José de Anchieta
AM	Anchieta e a Medicina	Biblioteca Mineira de Cultura. Edições Apolo. Belo Horizonte. 1935.	Lopes Rodrigues
BFF-XXIV	Contribuição para o estudo do teatro tupi de Anchieta (Diálogo e Trilogia)	Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, XXIV. Etnografia e Língua Tupi-Guarani, 3. São Paulo. 1941.	José de Anchieta. Tradução e notas de M. de L. de Paula Martins.

	OBRA	EDIÇÃO	AUTOR
BTF-LI	Poesias Tupis (Séc. XVI)	Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, LI. Etnografia e Língua Tupi-Guarani, 6. São Paulo. 1945.	José de Anchieta. Tradução e notas de M. de L. de Paula Martins
BMP-I	Auto-representado na festa de São Lourenço. Peça trilingue, do séc. XVI, transcrita, comentada e traduzida, na parte tupi.	Boletim do Museu Paulista, I. Documentação Linguística, 1. Ano I. São Paulo. 1918.	José de Anchieta. Transcrição, comentários e tradução de M. de L. de Paula Martins.
BMP-III	Na Vila de Vitória e Na Visitação de Santa Isabel. Peças em castelhano e português, do século XVI, transcritas e comentadas.	Boletim do Museu Paulista, III. Documentação Linguística, 3. Ano II-III. São Paulo. 1950.	José de Anchieta. Transcrição e comentários por M. de L. de Paula Martins.
BRJ	A Baía do Rio de Janeiro	Segunda Edição, Rio de Janeiro. Tipografia Militar de Costa & Santos. 206, Rua do Hospício. 1882.	Augusto Fausto de Sousa
C	Cartas (1549-1560)	Rio de Janeiro. Imprensa Oficial. 1886.	Manuel da Nóbrega
Ca	Cânticos do P. Anchieta	Diário Oficial da União. Números de 15 a 20 de dezembro de 1882. Rio de Janeiro.	Batista Caetano de Almeida Nogueira
CA	Cartas Avulsas, 1550-1568.	Publicação da Academia de Letras. 1931. Oficina Industrial Gráfica. R. da Misericórdia, 71 Rio de Janeiro.	
CB	Corografia Brasileira ou Relação Histórico-geográfica do Reino do Brasil, composta e dedicada a Sua Majestade fidelíssima por um presbítero secular.	Na Imprensa Régia Rio de Janeiro. MDCCXVII.	Aires de Casal
CI	Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões (1554-1594).	Civilização Brasileira, S. A. Rua do Lavradio, 160. Rio de Janeiro. 1933.	José de Anchieta
COB	Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas	Impresso em Lisboa, na oficina real Deslandesina, com as licenças necessárias, no ano de 1711. Novamente impresso no Rio de Janeiro. Em casa de Sousa & Cia, Rua dos Latoeiros n.º 60. 1837.	André João Antonil

	OBRA	EDIÇÃO	AUTOR
Cr.	Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil	Lisboa. Em casa do Editor A. J. Fernandes Lopes. Rua Áurea, 132-134. MDCCCLXV.	Simão de Vasconcelos
DAB	Dicionário dos Animais do Brasil	Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo.	Rodolfo von Ihering
DB	De Beata Virgine Dei Matre Maria	Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Arquivo Nacional. Vol. XXXVII das Publicações. Rio de Janeiro. Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional.	Armando Cardoso, S. J.
DES	Dicionário de Etnologia e Sociologia	Companhia Editôra Nacional. São Paulo. 1939.	Herbert Baldus e Emílio Willems
DLB	Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Brasileira	A Noite editôra. Praça Mauá, 7. Rio de Janeiro.	Laudelino Freire
DSB	A Dinastia dos Sás no Brasil	Agência Geral das Colônias. Divisão de Publicidade e Biblioteca. Lisboa. MCMXLIII.	Luís Norton
HCJB	História da Companhia de Jesus no Brasil	Livraria Portugália. Rua do Carmo, 75. Lisboa. Civilização Brasileira. Rua 7 de Setembro, 162. Rio de Janeiro. 1938.	Serafim Leite, S.J.
HSC	História de Santa Catarina	Editôra proprietária Companhia Melhoramentos de São Paulo. Rio. 1930.	Lucas A. Boiteux
JO	Jakaré-Ouassou ou Les Tupinambás, chronique Brésilienne	Paris. 1890.	D. Gavet e P. Boucher
MAB	Os mapas mais antigos do Brasil	In Revista do Instituto Histórico de São Paulo. 1902. VII: 227-254.	A. Orville Derby
MDH	Memória Histórica e Documentada das Aldeias de Índios da Província do Rio de Janeiro	In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Rio de Janeiro, 1894. XVII: 71-532.	Joaquim Norberto de Sousa e Silva
MH	Memórias Históricas do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro. 1822.	José de Sousa Azevedo Pizarro e Araújo
NB	Notícia do Brasil	Livraria Martins Editôra. São Paulo.	Gabriel Soares de Sousa

	OBRA	EDIÇÃO	AUTOR
NPM	Nossos Peixes Marinhos. Vida e Costume dos Peixes do Brasil.	F. Briquet & Cia. Travessa do Ouvidor, 11. Rio de Janeiro. 1952.	Eurico Santos
PL	Primeiras Letras	Edição da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro. (1923)	+
RAM	Revista do Arquivo Municipal	Departamento de Cultura. Prefeitura do Município de São Paulo.	
REA	Revista da Exposição Antropológica Brasileira	Tipografia do Pinheiro & C. Rua 7 de Setembro n.º 157. Rio de Janeiro. 1882.	Melo Moraes Filho
RGMS	De Rebus Gestis Mendi de Saa Præsidii in Brasilia	Ms. inédito dos Arquivos da Companhia de Jesus	José de Anchieta
SFA	Les Singularitez de la France Antarctique	Paris. Maisinneuve & Cia. Libraires - éditeurs. 25, Quai Voltaire. 1878.	André Thevet
SGRB	Storia delle guerre del regno del Brasile accadute tra la corona di Portogallo, e la Republica di Olanda.	Anno MDCXVIII, in Roma, nella Stamperia dell'Eredi del Corbelletti.	Gioseppe di S. Teresa, Carmelitano Scalzo.
SL	O Auto de São Lourenço. Uma peça teatral de Anchieta, em tupi, castelhano e português.	Separata da Revista Verbum. Tômoo VII. Fasc. 2. Junho de 1950. Universidade Católica do Rio de Janeiro.	A. Lemos Barbosa
SR	Sacra Rituum Congregatione Eñno & Rñno D. Card. Imperiali Brasilien, Jcñ Bahyen Beatificacionis, Et Canonizationis Ven. Servi Dei P. Josephi De Anchieta Sacerdotis Professi Societatis Iesu	Romae, MDCCXXXIII. Ex Typographia Reuerendae Camarae Apostolicæ Superiorem Facultate.	+
TP	História da Paixão de Cristo e Táboa de Parentescos em Língua Tupi	Viena. Impr. I.E.R. do Estado. 1876.	Nicolas de Yapuguay

TT	Teatro Tupi (Restituição de uma peça de Anchieta)	In Revista do Arquivo Municipal. Departamento de Cultura. S. Paulo. 1947. CXIV: 233-251.	M. de L. de Paula Martins
TTGB	Tratados da Terra e Gente do Brasil	Editôres J. Leite & Cia. Rua Regente Feijó, 12. Rio de Janeiro. 1925.	Fernão Cardim
VH	Vera Historia y descripcion de un pais de las salvages desnudas feroces gentes devoradoras de hombres, situada en el nuevo mundo America.	Buenos Aires. Imprensa y Casa Editora "Coni". 684, Calle Perú. 1944.	Hans Staden. Tradução e comentários de Edmundo Wernicke.
VJA	Vida do Venerável Padre José de Anchieta	Instituto Nacional do Livro. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1943.	Simão de Vasconcelos
VLB	Vocabulário na Língua Brasílica. Manuscrito português-tupi do séc. XVII.	Coleção Departamento de Cultura. Prefeitura de São Paulo. XX. 1938.	+ Coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa.
VTB	Viagem à Terra do Brasil	Livraria Martins. São Paulo. 1941.	Jean de Léry

NOTAS PRÉVIAS

Dele livando de vany poring.
Le guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.

Dele livando de vany poring.
Le guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.

Dele livando de vany poring.
Le guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.

Dele livando de vany poring.
Le guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.

Dele livando de vany poring.
Le guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.

Dele livando de vany poring.
Le guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.

Dele livando de vany poring.
Le guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.

Dele livando de vany poring.
Le guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.

Dele livando de vany poring.
Le guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.

Dele livando de vany poring.
Le guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.

Dele livando de vany poring.
Le guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.
De guping. De guping. De guping.

Fig. 2

As primeiras folhas do enderno de Anchieta. A nota inicial deve ser de Antuill.

NOTAS PRÉVIAS

1. Há, nos Arquivos da Companhia de Jesus, em Roma, um caderno de poesias do século XVI, cujo texto manuscrito é, em grande parte, do punho de Anchieta (1). A primeira e a última páginas do caderno contêm notas de outra letra. Segundo consta, elas seriam de Antonil (2). De fato, a nota inicial do manuscrito dá o exemplar por muito prejudicado, pelo que se havia tirado d'ele cópia fiel, onde alguns versos, já então ilegíveis, teriam ficado incompletos, mas onde se lia com mais facilidade. Sabe-se que existe cópia do referido caderno tirada por Antonil (3).

2. Não dispondo dessa cópia, precisei completar as lacunas do manuscrito, certamente mais numerosas agora, e êle menos legível para reprodução. Assim, os versos que, na cópia, devem estar incompletos, aparecerão aqui restituídos conforme me pareceu plausível. A consulta da cópia mencionada poderá corrigir ou confirmar o restante das minhas suposições, anotadas, em qualquer caso, em itálico.

3. A numeração do manuscrito refere-se a fôlhas, não a páginas, razão por que a desdobrei com a indicação "v" (verso). Segundo a anotação da página de rosto do caderno, ela é original. Com efeito, parece anterior às notas, pois estas indicam 208 páginas, embora a última esteja assinalada 206, número que não é, realmente, exato (4).

-
- (1) — José de Anchieta nasceu em S. Cristóvão de La Laguna, capital de Tenerife, nas Canárias, em 19-3-1534. Foram seus pais: Juan de Anchieta, biscoinho de Guipúzcoa, e D. Mência Dias de Clavieco Llaena. Entrou para o Colégio dos Jesuítas, em Coimbra (1551). Por razões de saúde, foi enviado, com outros missionários, para o Brasil (1553). Chegou a S. Vicente em dezembro d'esse ano e assistiu o P. Manoel da Nóbrega na fundação oficial do Colégio de São Paulo (25-1-1554). Dedicou-se à catequese dos indígenas, para o que aprendeu a sua língua, que fixou em uma gramática (AG), em poesias e peças de teatro destinadas aos catecúmenos. Consta ter composto, em língua tupi, diálogos catequéticos e um vocabulário, ainda hoje não identificado, mas que deve ser o excelente VLB. Com Nóbrega, apresentou-se em Iperoig (1563), obtendo a aliança dos tamoios. Tomou parte ativa na expulsão dos franceses do Rio de Janeiro (1567). Até o ano de 1577 exerceu vários cargos administrativos em S. Vicente. Em 1578 recebeu, na Bahia, patente de Provincial. Visitou Pernambuco, voltou até S. Vicente e passou a residir no Rio de Janeiro. Em 1585, doente, depôs, na Bahia, o cargo de Provincial. Voltou ao Rio (1586), mas foi enviado ao Espírito Santo, fixando-se em Reritiba, atual Anchieta. Exerceu ainda o cargo de Superior até a chegada do P. Pero Soares. Tornou, então, a Reritiba, para ali permanecer até a morte (9-6-1597). Dedicara ao Brasil 44 anos de santo sacerdócio.

O caderno de poesias de Anchieta ora publicado foi fotocopiado em Roma pelo Revmo. P. José da Frota Gentil, S. J., e confiado, por generosa interferência do Revmo. P. Dr. Serafim Leite, S. J., pelo Revmo. P. Dr. Armando Cardoso, S. J., para estudos na Cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, onde havia sido iniciado o estudo e publicação de algumas páginas tupis, únicas até então conhecidas em autógrafo de Anchieta e pertencentes ao arquivo do Prof. Dr. Plínio Ayrosa, sob cuja orientação o trabalho vinha sendo executado (Cf. BFF, XXIV e LI). A elaboração dos documentos prosseguiu, posteriormente, na Seção de Documentação Linguística, então criada no Museu Paulista, pelo qual vão agora a lume. No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, existem cópias manuscritas de parte d'esse caderno (Lata 120, ms 2105), obtidas por D. João Franklin Massena, em 1863.

- (2) — André João Antonil, pseudônimo do P. João Andreoni, cuja admiração pelo P. Anchieta o fez declarar, no início de "Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas" (COB), que a empreendia para ofertar a Deus uma dádiva em prol da canonização do "Santo do Brasil". Estêve no Brasil, onde terminou seus dias. Era Provincial em 1680. Cf. figs. 2 e 4.
- (3) — HCJB, II, 559, alude a ela, nem sempre *ad litteram*, conforme se declara na nota inicial no texto (Cf. fig. 2). As quintanilhas referidas podem ser observadas na fig. 3 e em sua restituição em LXXXVI, VV. 232-242.
- (4) — Os números 19, 20, 21, 22 são de página, não fôlha, e a 141 repete-se, o que perfaz o total 208, indicado na nota citada.

4. O caderno está incompleto. Falta-lhe a primeira fôlha, o que deixa a poesia inicial sem as primeiras estrofes. É provável que a perda seja de, no máximo, 40 versos, o que corresponderia a uma página manuscrita, com disposição idêntica à de p. 2 e, possivelmente, em forma de vilancete, como se observa em todo o caderno repetidas vêzes (5).

5. Observando-se o conjunto das poesias, notam-se certos temas — Natal, Semana-Santa, Festa dos Mártires, Circuncisão — repetidos, o que faz supor celebrassem, em anos diferentes, as mesmas festividades. Exemplo : a poesia XX repete-se, com variantes, na XXXIX ; a XXXIV, na LXXVII.

Isto parece indicar que o caderno reúne composições de determinado período de anos e que sua seqüência pode, talvez, auxiliar a fixação das datas de composição. Assim, devendo a primeira poesia, sem título e sem início no original, prender-se a assunto de Natal, como as XIII, XXVIII, XXXV, LX, LXXXIV e LXXXV, fixar-se-ia para início do caderno um fim de ano, e sabendo-se que a última peça dêle data de, provavelmente, julho de 1595 (6), seria interessante indagar de que dezembro dataria a poesia inicial.

Por outro lado, aparece à p. 60 um auto que foi representado em 1583 ou pouco antes (7). O caderno teria, pois, início num dezembro anterior a 1583. Precedem êsse auto, a p. 53v e seguintes, três poesias referentes aos mártires do Brasil. Tendo suas comemorações sido iniciadas em 1574, na Bahia (8), aquelas peças, anteriores a 1583, seriam posteriores a 1574. Assim, a parte do caderno de Anchieta que vai de p. 53v a 206 pertenceria ao período intermediário a 1574-1595.

6. É possível que a ordem das peças, no caderno, não seja exatamente a ordem cronológica das composições. Há, numeradas embora, páginas em branco (9), e não seria de estranhar que, em certos pontos, tivessem sido aproveitados espaços para se intercalarem poesias avulsas, posteriores, talvez, às que lhes ficaram a seguir. Seria êsse o caso da peça XXI, sem dúvida posterior a 1587 (10) e, portanto, à XLIV (11).

Além disso, algumas poesias se repetem. Exemplo : a XX e XXXIX são idênticas, salvo pequenas variações (12), como a XXXIV e LXXVII. Partes de poesias são aproveitadas, exemplo : a poesia XVII e o final da XXXIII. A peça LX é um resumo, individualizado com partes autônomas, da peça XLIV. A peça LXIV contém partes das XLIV e XXI. Isto complica, de certa forma, a fixação da data das composições.

7. Em todo o caso, o exame das primeiras poesias revela, de maneira geral, época em que o autor parece essencialmente lírico e subjetivo. São peças curtas, meditativas, escritas quase sempre em castelhano, sua língua natal.

(5) — Cf. II, III, LXVII, em que há moles de quintilha glosada no último verso de cada duas estrofes ; VIII, onde os dois últimos versos da primeira estrofe se repetem, o primeiro dêles como terceiro da terceira e da sétima estrofes e ambos no final da quinta ; X e XIII, onde a glosa é variável, etc.

(6) — BMP 3, 127.

(7) — BMP 1, 15.

(8) — HCJB, II, 264.

(9) — Pp. 30v, 42v, 43, 43v, 59, 59v, 99, 99v, 134v, 145, 145v, 163v e 189v a 199v.

(10) — HCJB, I, 242, cf. TT, BMP 1 ; E 1, NI.

(11) — Cf. (7).

(12) — II*, B 13, -VV, 6, 9, 32, 37, 41, 44, e 47.

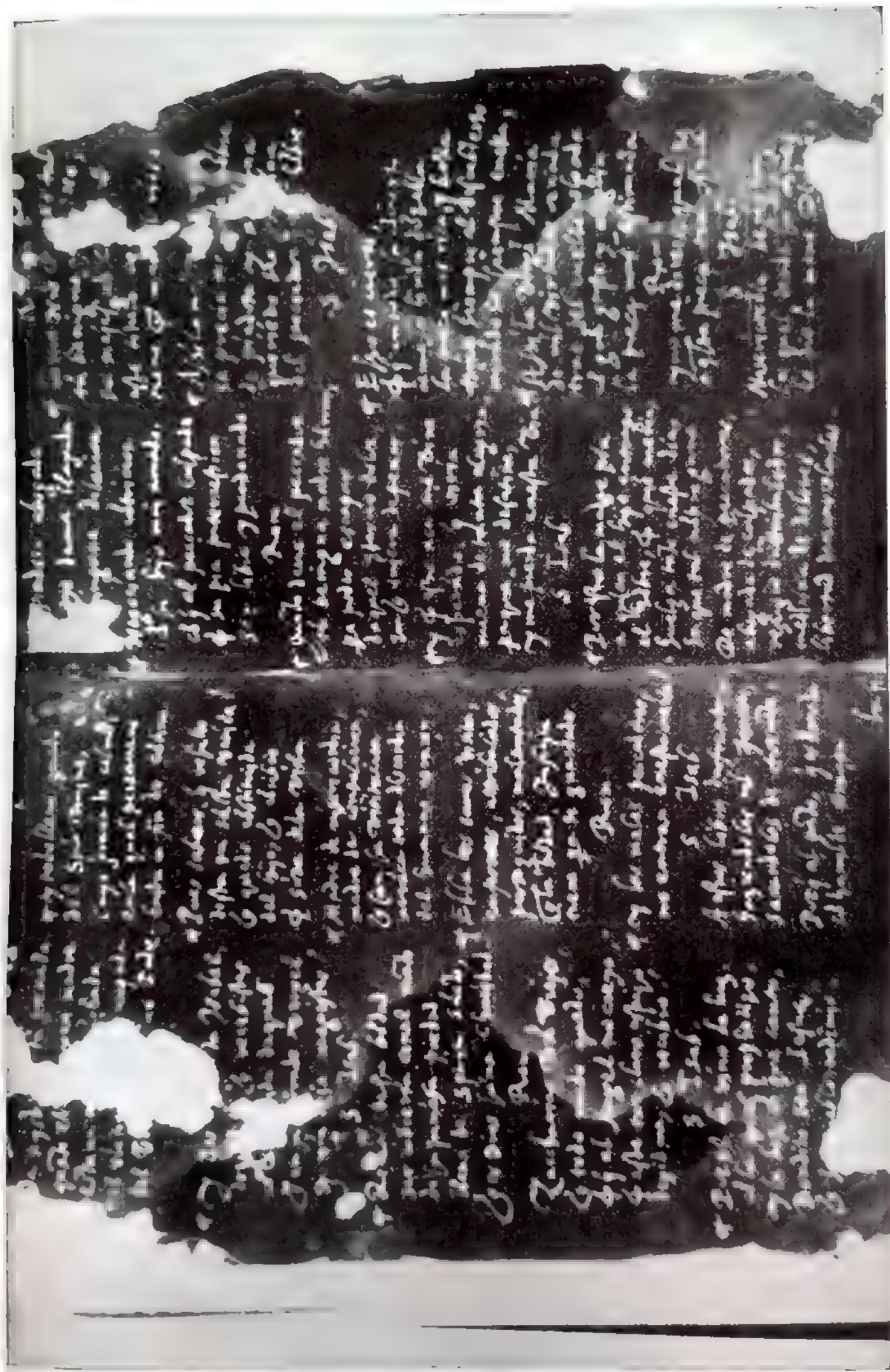


Fig. 3

As pp. 202 v. e 203, em autógrafo de Anchieta, parcialmente destruídas.

Anchieta anseia por martírio :

*"Haz que yo muera por tí,
¡ oh pastor muy amoroso !"* (13)

*"Tú naces, ¡ y yo no muero !
No vivo, ¡ y tú morirás,
niño, príncipe de paz !"* (14)

Tortura-se com a ingratidão do homem ao seu criador :

*"... gñame, que me perdí.
(¡ Y tú perdiste la vida
por me dar la vida a mí !)"* (15)

Precisa resistir a tentações, que o afligem :

*"Siempre anda batallando
la carne con la razón.
Pero, vence la pasión . . .
Así, miserable, ando
sin paz ni consolación."* (16)

Comove-se carinhosamente diante do Menino Jesus :

*"Digo que ser tuyo quiero . . .
¡ No sé que te diga más !"* (17)

Sofre com a Virgem Maria :

*"¡ Oh corazón maternal, por culpa mía
con cuchillo de dolor todo rasgado . . ."* (18)

É apaixonado, ardente. Ao Santíssimo Sacramento, diz :

*"... ar fresco de minha calma,
fogo de minha frieza,
fonte viva de limpeza,
doce beijo
mitigador do desejo
com que a vós suspiro e gemo,
esperança do que temo
de perder."* (19)

E exagera como um bom espanhol :

*"¿ Cómo puedo yo vivir,
pues que se muere mi vida?
Y, con muerte tan sentida,
¿ cómo vivo sin morir ?"* (20)

características, sem dúvida, de uma sensibilidade extremamente jovem.

- (13) — II^a, B 1, vv. 61-62.
(14) — II^a, B 2, vv. 56-58.
(15) — II^a, B 1, vv. 56-58.
(16) — II^a, B 2, vv. 81-85.
(17) — II^a, B 2, vv. 59-60.
(18) — II^a, B 4, vv. 77-78.
(19) — II^a, A 1, vv. 173-180.
(20) — II^a, B 5, vv. 21-24.

8. À medida que o caderno avança, menos subjetivas se tornam as poesias. Elas perdem o aspecto meditativo para se tornarem didáticas, servindo a celebrações religiosas e festivas :

*"Onde vais tão apressado,
periquito tangedor?"* (21)

Abandonam o castelhano pelo português, de preferência, a princípio, e pelo tupi, depois. Procuram ser objetivas e cômicas, desenrolando-se, afinal, em longas peças teatrais catequéticas e eruditas, onde se confundem mitologia e cristianismo (22) e se exhibe variedade de línguas, nem sempre exatas, mas ricamente baralhadas, enfeitadas com trocadilhos e agudezas à moda da época (23).

O poeta tornou-se soldado de Loiola. Usa do metro para não usar a chibata ; distrai, com um teatro, os catecúmenos, para mantê-los aldeados. Bem sabe que não é definitiva a conversão desses selvagens, mas está certo, com a Inquisição, de que é preciso fazer morrer em graça, porque a justiça de Deus será inflexível:

*"Él que muere en el pecado,
sin arrepentirse de él,
éste tal, es excusado
campanas doblar por él."* (24)

10. No final do caderno, Anchieta envelheceu. A longa vida, que lhe faz a letra trêmula (25), ensinou-lhe a tolerância inteligente. Suas peças revelam novo aspecto de bondade, de confiança serena :

*"Yo soy el manto del mundo,
que sus pecados cubrí."* (26)

*"¿Quién me llama, que no alcance
remedio para sus males?"* (27)

11. Estas observações fazem supor que o caderno acompanhou Anchieta por muito tempo e até os últimos momentos. Faltando-lhe várias de suas composições poéticas conhecidas — o "De Rebus Gestis Mendi de Saa", o "De Assumptione Beatae Uirginis Mariae" e, em particular, o célebre auto da "Pregação Universal" (28), parece necessário admitir que datasse de época posterior à dessas composições. Sendo elas de entre 1563 (Iperoig) e, provavelmente, proximidades da morte de Mem de Sá (1572), pode-se admitir que o caderno percorreu o período intermediário a 1572-1595. Mas, considerando que até 1577 Anchieta esteve em São Vicente, a que não fazem referência as poesias do caderno, passando, então, a residir no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1586, quando se fixou definitivamente no Espírito Santo, campo principal e quase total da obra contida no caderno aqui apresentado, parece razoável concluir que ela esteja compreendida no período 1578-1595.

12. É possível duvidar da autoria de Anchieta em certas poesias desta coletânea (29). Surpreende, em obra tão volumosa, não se encontrar uma única

(21) — II^a, A 12, VV. 1-2.

(22) — II^a, C 1, V. 20 ; C 2, VV. 242, 255, 271.

(23) — Cf. BMP 1, (16). As inexatidões de Anchieta refletem-se, ainda, nas variantes ortográficas, facilmente observáveis na transcrição diplomática dos textos.

(24) — II^a, B 12, VV. 1-4.

(25) — Fig. 4.

(26) — II^a, B 35, VV. 496-497.

(27) — II^a, B 35, VV. 501-502.

(28) — Várias vezes citado por Nóbrega, Simão de Vasconcelos, etc. Cf. VJA, I, 34.

(29) — Cf. BMP 3, 11, § 5.

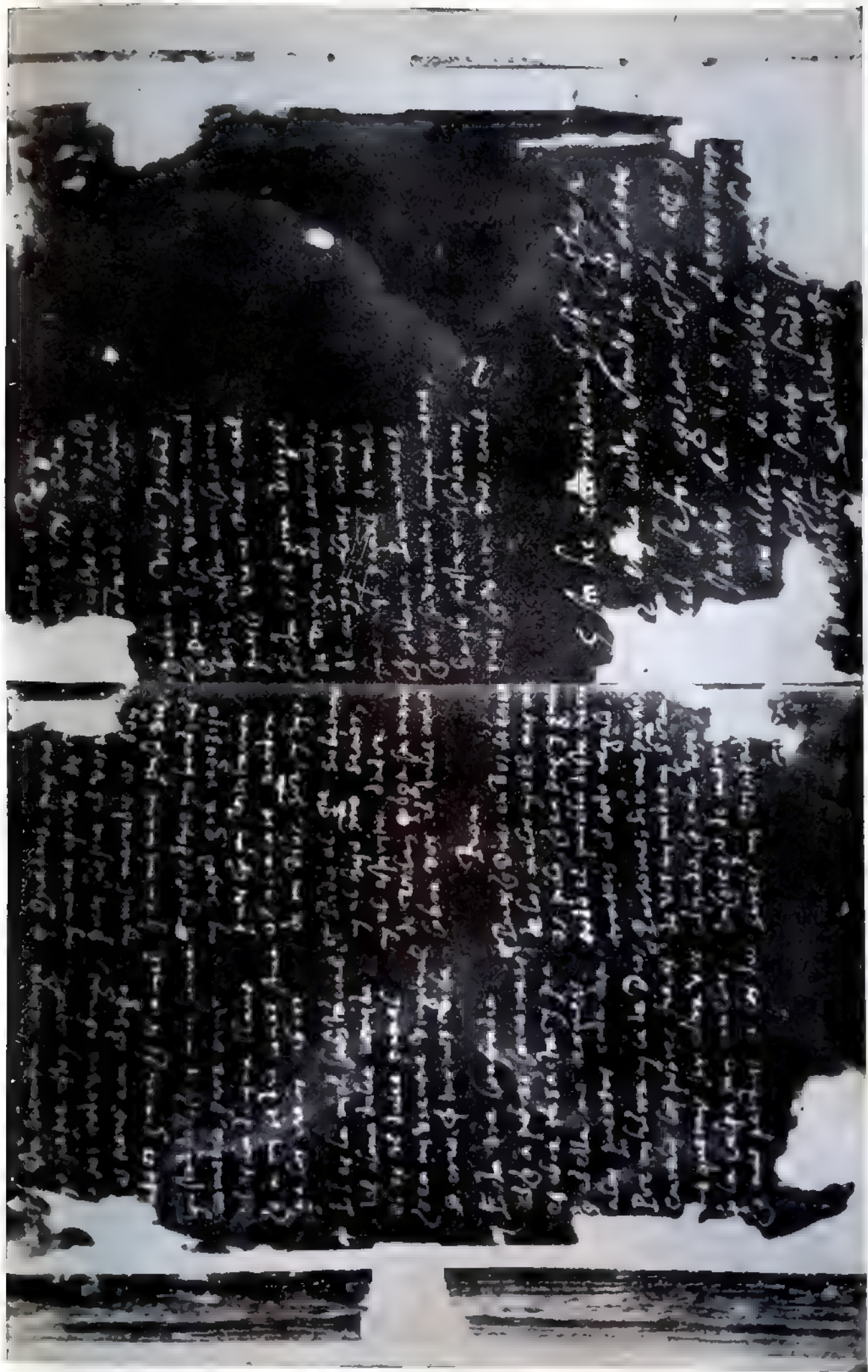


Fig. 4

A última página do caderno de Anchieta (autógrafo). A nota final deve ser de Antonil.

assinatura do autor. Fora de dúvida está que, mesmo nas peças em que a composição é seguramente de Anchieta, foram aproveitadas peças já existentes, mas é indubitável também que esse processo, freqüente no aproveitamento das próprias peças do autor (30), seria habitual e admitido, principalmente se levarmos em conta que não tinham intenção literária e muito menos preocupação de originalidade, mas pretendiam celebrar festivamente meros acontecimentos do dia, muitas vêzes inesperados. Nota-se, por exemplo, que em determinados pontos, reescrevendo uma peça já composta, Anchieta esqueceu o original e recriou o trecho, com pequenas alterações vocabulares (31). Isto indica, de um lado, a urgência dos preparativos, de outro, percurso de tempo capaz de apagar da memória a composição já feita. Finalmente, sugere que o caderno ora apresentado não constituiria exatamente um caderno, mas folhas avulsas e esparsas, reunidas por Antonil, talvez, com mais probabilidade, porém, por alguém anterior a ele.

13. Algumas poesias do caderno já foram publicadas (32). Esta edição apresenta-as no seu conjunto, dividida a obra em duas partes. Na primeira, são reproduzidos os textos acompanhados de seus fac-símiles, mantida a ordem e distribuição em que se encontram no manuscrito. Na segunda, esses mesmos textos são divididos em cinco grupos: poesias em português, castelhano, latim, tupi e polilíngües. Em cada grupo aparecerão os textos modernizados (33) e comentados, traduzidos os em latim e tupi e mantidas as referências entre primeira e segunda partes, para que possam ser esclarecidas dúvidas e se facilite o contronto crítico-diplomático. Esta separação permitirá que se evitem repetições de poesias, como se observará na primeira parte do trabalho (34) e que se reünam partes evidentemente relacionadas, mas separadas, nos originais (35). Além disso, as abreviações do manuscrito são desenvolvidas na segunda parte, razão por que a numeração dos versos, na primeira, nem sempre pôde ser feita por linha, incluindo, como se verifica na segunda, o seu desenvolvimento real (36).

14. Das poesias que figuram no caderno, nem tôdas trazem título e muitas têm títulos iguais (37). Por esse motivo, sempre que possível, foram intituladas, na edição crítica, por palavra ou frase em evidência no texto, ou, finalmente, por forma que parecesse expressiva relativamente ao tema (38).

15. A parte tupi do manuscrito constitui, sem dúvida, a mais importante do volume, pois representa extenso e fidedigno documento do tupi da costa em fins do séc. XVI. Grafado em ortografia hispano-lusitana, representa a língua tal como foi ouvida, entendida e empregada pelo colonizador. Destinada a festas

(30) — XLV e LX.

(31) — XX e XXXIX.

(32) — Cf. (1) e PL, BFF XXIV e LI, TT, A, BMP 1, BMP 3.

(33) — Foram modernizadas na ortografia e pontuação, esta rara em documentos do séc. XVI e aquela irregular na época e no autor. Desta atualização ortográfica, indispensável num trabalho destinado a divulgação, resultam várias inevitáveis incoerências. Por exemplo: embora se tenham mantido sem alteração os acúsmos do texto, variações como *pera*, *para* tiveram de ser uniformizadas. Das divergências ortográficas atuais entre o português, espanhol e tupi (grafia adotada pela Cadeira de Língua Tupi-Guarani, Cf. (1), com leves alterações), decorrem variações como: *vila* (port.), *villa* (esp.); *quaçu* (port.), *quazú* (tupi); *Jesus* (port.), *Jesú* (esp.), *Iesu* (lat.). Por outro lado, palavras portuguesas que, introduzidas no tupi puderam ser mantidas sem variação, foram necessariamente modificadas quando se acomodaram à língua, ex.: *rainha*, *picado*, *rei* (port. e tupi) e *rañamo*, *réjamo* (tupi).

(34) — Cf. (12).

(35) — Cf. XLIV, XLV e XLVIII.

(36) — Cf. I^a, IV e II^a, B 3.

(37) — "Outra", "Otra" é título das poesias II, V, IX a XVIII, etc. Não têm títulos as poesias XXXII, XXXVI, XXXVIII, XXXIX, etc. As poesias LXII e LXXIII distinguem-se apenas por um subtítulo indecifrado cf. (39).

(38) — Cf. II^a, B 4, 16, 26, etc. e II^a, B 1, 14, etc.

populares e a espetáculos teatrais, deve aproximar-se de sua forma real, porquanto do contrário não seria entendida pela população indígena a que se dirigia. Finalmente, sendo quase toda essa parte em autógrafo de Anchieta e sabendo-se que êle foi grande língua, pode merecer consideração como documentário próximo da realidade lingüística tupi, hoje passível apenas de reconstituição teórica.

16. Às poesias em latim e tupi pareceu conveniente acrescentar, na segunda parte do trabalho, tradução portuguesa. Algumas delas já foram publicadas em monografias (39), cujos resumos figuram como nota inicial da peça, condensada e ajustada ao processo adotado para as ainda inéditas. Mas nem sempre as dificuldades de versão e localização histórica puderam ser superadas. Pequenos problemas permaneceram, sem lograr solução cabal (40). Na interpretação da parte tupi há dificuldades por ora irremovíveis, tanto que acompanha o texto diplomático a reprodução facsimilar do manuscrito e a tradução é apresentada em notas, sem caráter definitivo. Tratando-se de uma primeira edição de autógrafos da poesia polilíngüe de Anchieta, e, portanto, de uma tentativa inicial de interpretação fiel de textos arcaicos, na maioria em língua exótica, estou certa de que as dúvidas e inexatidões de que não pude eximir as notas serão corrigidas pelos que, depois de mim, se dedicarem ainda a esta tarefa encantadora, mas complexa, que eu pude iniciar apenas.

17. De qualquer forma, o conjunto do caderno fornecerá uma visão sucinta dos recursos culturais da época, do esforço catequético da Companhia de Jesus, dos acontecimentos e celebrações da colônia, do alcance intelectual dos catecúmenos, e, principalmente, da extraordinária operosidade, perseverança e piedoso zêlo do Venerável P. José de Anchieta.

É de esperar que, através dêle, se possa ter mais clara e mais completa idéia do bondoso missionário, que a tradição nos ensinou a admirar frágil e velhinho, de bordão na estrada, aureolado de santo, mas não bem conhecido ainda em alguns aspectos de sua personalidade humilde, apaixonada, às vêzes sonhadora, quase sempre, porém, objetiva, prática, laboriosa, enérgica, pujante e, sobretudo, habilidosa e capaz.

(39) — BFF, XXIV e LI; BMP I e 3; A.; TT.

(40) — Exemplos: a abreviatura "g^{co} gio", que figura a pp. 131, 147v e 171v.; a correspondência exata do tratamento "pai" dado aos sacerdotes, aos brancos em geral e ao próprio Deus, o qual só pôde ser traduzido por "Senhor", mas que, na realidade, significa "reverendo", "digno", "alto", etc.

PRIMEIRA PARTE

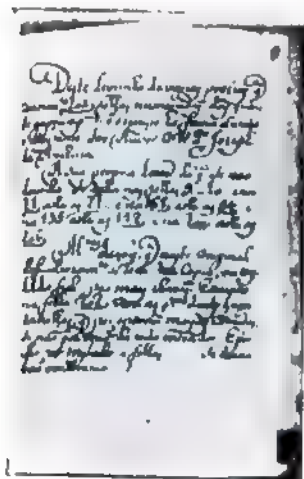
REPRODUÇÃO DIPLOMÁTICA

Deste livrinho de varias poezias, q̃
contem 208 folhas numeradas, das quais
se gastouap.^{ra} cõ o tempo, he fama antiga,
e coñstante ser Auctor O V. P.^e Joseph
de Anchieta.

[60]

A sua propria letra, de q̃ se não
duvida, se acha nas folhas 9.-10., e na
21 athe as 27, e na 61 athe as 84, e na
135 athe as 142, e na 200 athe as
206.

M.^{ta} diçoẽs, q̃ neste Original
deficultozam.te se lem, na Cópia, ou tres-
lado fiel estão mais claras. Excepto
na folha 202, vers. as p.^{ras} duas quin-
tanilhas, q̃ por estarem meyas Comidas,
se não puderaõ de todo entender. E por
isso, no treslado afolhas...⁽²⁾ se deixa-
raõ embranco.

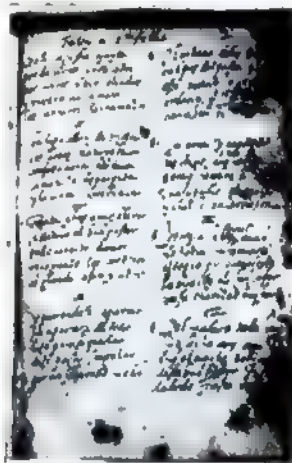


p. 1

(1) — Falta, no ms., a primeira fôlha. O número 1, que se lê nesta, está riscado. Cf. fig. 2.

(2) — Espaço em branco. Cf. NP, § 1.

1. §. Dalli luego fue ajuntar
por desierto y poblado
por ualles, y por collados
y ribera dela mar
los carneros derramados.
6. §. Con supalabra de vida
los lobos ahuyētaua (3)
con supalabra aiũ taua
la manada dispargida
y la iunta conseruaua.
11. §. Trinta y tres annos ēteros
se dituu el buē pastor
todo uencido damor
recogiendo los corderos
con grande afan y sudor.
16. §. Y querendose apartar
sin apartarse de todo
hizo para se quedar
desi pasto singular
por un soberano modo.
21. §. Oluidado dela Vieja
culpa del pastor primero
este nueuo ganadero
ordeno, q̃ su oveja
comieffen su cuerpo ētero.
26. §. su Carne y sangre real
les dexo deq̃ comieffen
paraq̃ siempre biuieffen
con supastor eternal
y enel se conuertieffen.
31. §. Y porque la grei (4) biuir
no podia sin su muerte
escogio por buena sorte
la muerte de Cruz sufrir
con su charidad muy fuerte.
36. §. Del madero dela Cruz
hijo lecho muy amado
enq̃ el cuerpo delicado
deste buē pastor Jesu
de todo fue se rasgado.



p. 2

(1) — II^a, B I. Fig. 2.

(2) — Faltando a primeira fôlha, fica a poesia sem as primeiras estrofes. A numeração corresponde portanto, à parte apresentada. Sobre a observação, cf. NP, § 1

(3) — Riscado *h-* (*ahuyētaua*).

(4) — Corrigenda (*grei*), sob a qual se lê, riscado, *ley*.

41. §. Enelquiso q̄ se abriescē
cinco fuentes perenales
y cinco rios caudales
p.^{or} q̄ desed no moriesen
sus ouejas racionales.

46. §. El pastor perdio la uida
polagrey q̄ seperdio
y el pecho roto dexo
paraqueofse garida
del ganado q̄ gano.

51. §. Pues buscādome rōpiste ⁽⁵⁾
buen pastor el çamarron ⁽⁶⁾
de la carne q̄ vestiste
y tupecho y coracion
pera my garida abriste.

56. §. Ganame q̄ meperdi 2v
y tuperdiste la vida
por medar la vida amy
Yo soy la oueja perdida
q̄ deti siempre huj.

61. §. Haz q̄ yo mueraporti
O pastor muj amoroso
pues tu sendo tan hermoso
mueres por amor de my
con tormento tanpenoso.

(5) — Riscado (-e).

(6) — Borrão -a- (ça). O m está emendado.

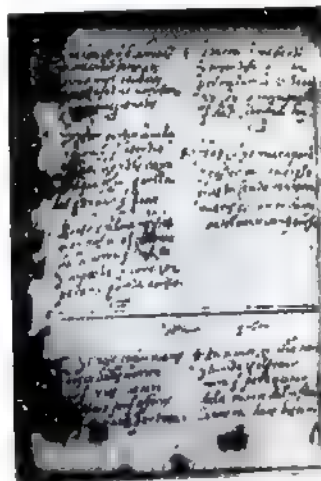
II (1)

Outra

glosa

1. F Yo nací porq̄ tu muera
porque biuas morire
porq̄ rias llorare
y espero porq̄ esperas
porque ganes, perdere.

6. §. Por tu amor soy niño tierno
y tuuida es elpeccar
mira q̄ para escapar
dela muerte del infierno
la muerte deues buscar.



p. 2v

(1) — II^a, B 2.

11. §. Muere ati sin mas tardar
porq̃ amī biuas deueras
porq̃ sibien confideras
eneſte pobre lugar
yo naſci por que tu mueraſ.

16. §. Lacarne q̃ me veſti⁽²⁾
paſſara mui cruda muerte
porque deſco tenerte
ſiempre biuo pardemi
preſo con amor muj fuerte.

21. §. Eſta vida y buena ſorte
eſ de charidad y fee
mira à quanto me obligue
que por biuo poſſeerte
porque biuaſ morire.

26. §. ſime ueſ eſtar llorando,
lloro, porque tu no lloreſ
porque tuſ guſtoſ y amoreſ
ya te eſtaõ aparejando
trifteſ llantoſ y doloreſ.

31. §. Porque eſcapeſ detembloreſ
tiemblo agora, y temblare

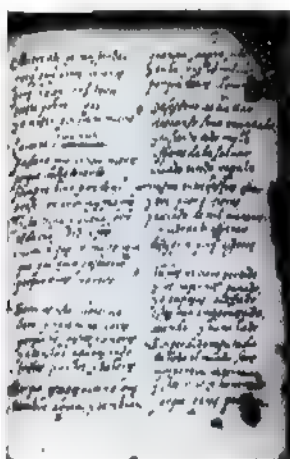
quando ſangre ſudare³
y enla Cruz cõ mil doloreſ
porque riaſ⁽³⁾ llorare.

36. §. Deſeſpero de hallar
deſcanſo ſino enunpalo
y tu ſiendo todo malo
eſperaſ de te ſaluar
biuiêdo entodo regalo.

41. §. Veſme entre beſtiaſ eſtar
y ereſ peor q̃ fieraſ
peccando de mil maneraſ,
q̃ puedo de ti eſperar
deſeſpero porq̃ eſperaſ.

46. §. Tu haſ el cielo perdido,
y loſ infernoſ ganado,
yo enpajaſ acotſtado
eſtoy tan empobreſcido,
abatido y humillado.

51. §. Porperdido reputado
de todo el mundo ſere
maſ porque determine
q̃ ſeaſ rico y honrado
porque ganeſ perdere.



p. 3

(2) — Corrigenda (*me veſti*) sôbre riscado (*ueſ en mi*).

(3) — Emenda (*ri*) sôbre borrão (*biu*).

III (1)

O peccador ao minino Nasceido

17

56. F Tu nasceſ y yo no muero
no biuo, y tu muriraſ
niño principe depaz
digo q̃ ſer tuyo quiero.
noſe q̃ te diga maſ.

gloſſa

61. .§. Eſte nueuo naſcimento
eſ, paraq̃ muera yo
alpeccado, q̃ me dio
vida, cõ que deſcõteto
alſõr, que me crio.

66. .§. Tanto conſigo meato
q̃ enel ſiempre biuir quiero
y aũ q̃ niño uerdadero
O mi dioſ te ueo yo
tu nasceſ, y yo no muero.

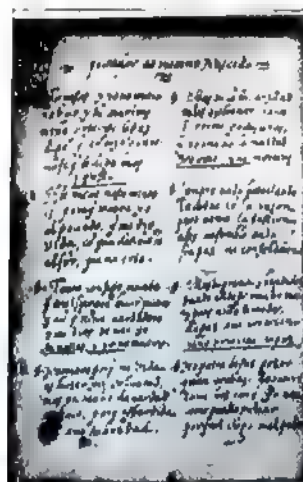
71. .§. Nomuero, porq̃ mi vida
eſ hazer mi voluntad,
maſ en hecho de uerdad
no biuo, porq̃ eſperdida
ſi no amo tu bondad.

76. .§. Maſ tu cõ tu caridad
taleſ extremos haraſ,
q̃ pormi padeſceraſ,
y yo amado la maldad
No biuo, y tu moriraſ.

81. .§. ſiempre anda batallando
la carne cõ la razon
pero uence lapaſſion
aſſy miſerable ando
ſinpaz, ni conſolacion

86. .§. Maſ tugracia y bendicion
puede entodo mucho maſ
y pueſ niño te medaſ,
dapaz ami coracion (2)
niño principe depaz.

91. .§. No podra depaz gozar
quien contraſi no guerrea
dame luz conq̃ yo uea
como puedapelear
porquel ciego malpelea.



p. 3v

(1) — II^a, B 2. Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terço em II^a, B 2, onde aparecem numa única peça os ns. II e III.

(2) — Riscado o -i-.

96..§. siqueres q̃ tuyo sea,
y dexe el s̃or prim^o
paraq̃ afsy todo intero
ati fumo bien possea,
digo quefer tuyo quiero.

106..§. Digo q̃ eres mi s̃or,
Digo q̃ muerto seras
Digo q̃ das uida ypaz
Digo q̃ es sinfim tuhonor
No se que tedigamas.

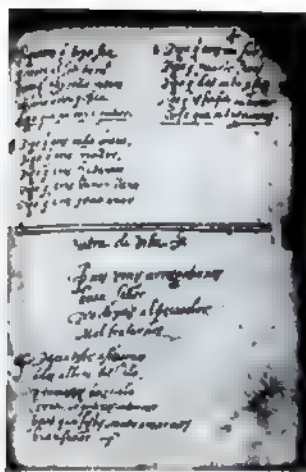
4

101..§. Digo q̃ eres todo bueno,
Digo q̃ eres Criador,
Digo q̃ eres Redentor,
Digo q̃ eres damor lleno
Digo q̃ eres todo amor.

IV (1)

Outra de Vita X̃

1. Pues venis arresgatarnos
 buen señor.
 No dexeis alpeccador
 Mal tratar nos.
5. F Descendistes a sa^luarnos (2)
 delas alturas del Cielo,
 y tomastes sin recelo
 Carne, cõ que rescataremos
 pues quesistis tanto amar nos
 buen señor ∞.



p 4

(1) — II^a, B 3. A numeração dos versos indica o seu desenvolvimento normal. Cf. II^a.B 3.

(2) — Emenda (l) sobre borrão (ua).

13. § Nela Virgen sendo dios
os quereis, hombre hazer
para los hōbres boluer
Dioses vnidos con uos.
Pues quereis auos atarnos
con amor ∞.

21. .§. Nascistes sin corrupciō
de Vrå bendita madre
parañ nos tome elpe,
& hijos de bendicion
Pues quisistes procurarnos
tal honor ∞.

29. .§. Quisistes Circuncidado
Vrå Carne lastimar
para en nosotros cortar
el deleite delpeccado
Pues quereis enesto darnos
tal fauor. ∞.

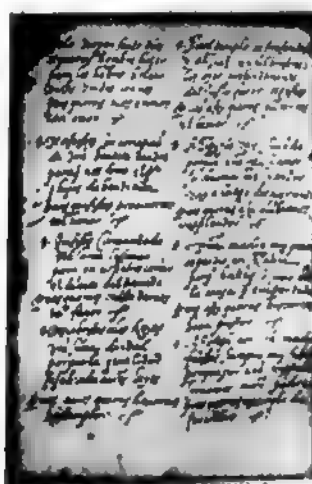
37. .§. Descubristes alos Reyes
Vrå sūma deidad
porquela gentilidad
sesuiecte aurās leyes
Pues auos quereis lleuarnos
Redemptor. ∞.

45. §. Enel templo os presentastes ⁽³⁾ 4v
y al Juez contalpresente
los ojos profundamente
del Justo furor cegastes
Pues asy quereis quitarnos
el temor. ∞.

53. .§. A Egypto vais huyēdo
porque urā see y amor
su diuina luz y ardor
vaya luego descubriendo
Pues quereis asy alūbrenos
resplandor ∞.

61. .§. Vrå madre muj querida
os perdio en Jeru^usalem ⁽⁴⁾
porq̄ halleis ô suño bē
la oueja q̄ eraperdida
Pues asy quereis buscartos
buenpastor. ∞.

69. § A Joseph con urā madre
fuestes siempre muj subiecto
porque por urō respecto
firuamos aurō padre
Pues quereis exemplo darnos
seruidor. ∞.

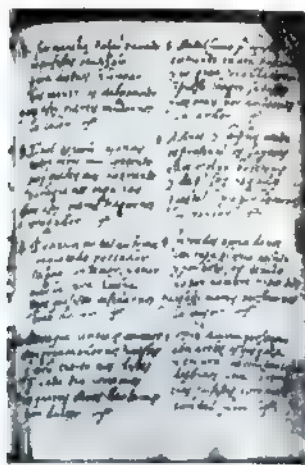


p. 4v

(3) - - Restituição conforme os VV. 29, 37, 48, 109, 112, 240, 243, 247 e 248

(4) - Emendado (ru)

77. .§. sin mancha dalgũ peccado
uof quiseſtes bautizar
para deſpueſ ſe limpiar
laſ manzillaſ delganado
pueſ aſſy quereis mudar noſ
la color. ∞.
85. .§. Enel deſierto ajunaſ
entre feraſ muj contento
porq̃ quedeis maſ hãbriendo
paraque noſ engullaſ
pueſ aſſy quereis tragarnos
tragador. ∞.
93. .§. Predicaſteſ tal doctrina
conque todo peccador
llegue con temor, y amor
auer la cara diuina.
pueſ quiſiſteſ enſeñar noſ
buen doctor. ∞.
101. §. Paraque ſiempre oſ amemoſ
muigrande amor noſ tuuiſteſ
y urõ cuerpo noſ diſteſ
q̃ a cada dia comemoſ.
pueſ quereis deuoſ hartarnos
con dulçor. ∞.
109. §. Ante! ſũmo p.^{te} oraſteſ ⁽⁵⁾ 5
entrando en urã paſſion
y cõ gran tribulacion
Copioſa ſangre ſudaſteſ ⁽⁶⁾
pueſ oraſ por aiudarnos
con ardor. ∞.
117. .§. A Anaſ, y Caiphaſ atado
oſ preſentã oſ ſayoneſ
elloſ oſ dan bofetoneſ
y dep^o ſoiſ negado
pueſ tal ſufriſ por librarnos,
ſin rancor. ∞.
125. .§. Herodeſ burla de uoſ
con ropa blanca ueſtido
y por bobo ſoiſ tenido,
no por hombre, nipoſ dioſ
pueſ aſſy quereis moſtrarnos
lo mejor. ∞.
133. .§. Vrã diuina perſona
con açoteſ eſ raſgada
y en urã cabeça trãçada
deſpinoſ una Corona
pueſ quiſeſteſ coronaroſ
contal flor. ∞.

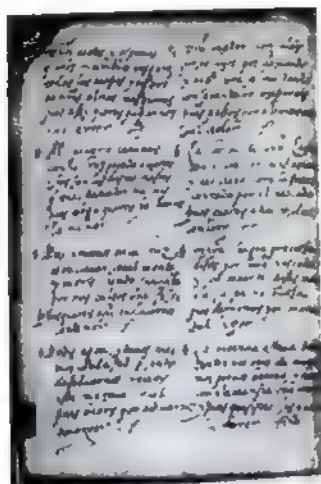


(5) — Cf. (8).

(6) — Cf. (3).

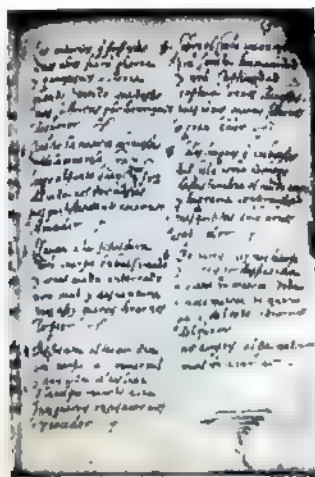
141. .§. Vros açotes, y espinas
q̃ urõs miembros rasgarõ
todas las culpas pagarõ
de nrãs almas mesquinas
pues asy quereis pagarnos
nrõ error. ∞.
149. .§. Al Caluario caminais
conla Cruz pesada acuestas
estas son las tristes fiestas
q̃ enel peccador hallais
pues carga quereis hecharnos
la menor. ∞.
157. .§. Pies, y manos en la Cruz
os enclauan cruel mente
y moris siendo Jnnocẽte
por mis culpas buẽ Jesus.
Pues quereis asy enclauarnos
contemor. ∞.
165. .§. Pedis agoa, y dáuos hiel.
mas conla sed, q̃ sentis
desaluarnos, recebis
este xaraue Cruel
pues bebeis por aduçarnos
amargor. ∞.
173. .§. Vra madre consolais
por sus hijos nos dexando
y alpe urã alma dando
con grandolor expirais
pues passais por aliuiarnos
tal dolor. ∞.
181. .§. La Carne de urõ Lado
con cruel lança es abierta
y del cielo abris lapuerta
cerrada por el peccado
Pues quereis alla en salçarnos
conloor. ∞.
189. .§. Vrà sangre preciosa
distes por nrõ rescate,
y con muerte distis mate
ala sierpe põçoñosa
pues derramais por sanarnos
tal liqor. ∞.
197. .§. La sentencia estaua dada
contra nos otros de muerte
mas por uos benino y fuerte
con clemensia fue mudada
y pues quisistes Jusgarnos
sin furor. ∞.

5v



p. 5v

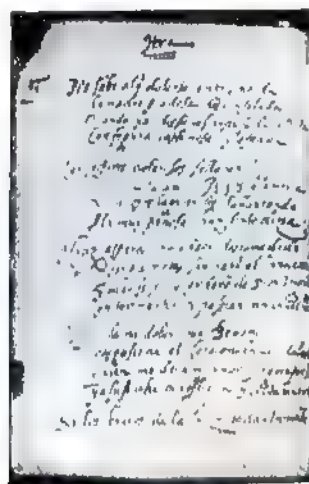
205. .§. Las iniurias q̄ passastes
anos otros fuerō gloria
y ganastesnos uictoria
quando vencido quedastes
pues suffrirtes por honrrasnos
de shonor. ∞.
213. §. Quādo la muerte abraçastes
de la temerosa Cruz
luego alpunto buen Jesus
ala uida nos tornastes
pues quisistes tanto amarnos
Amador. ∞.
221. §. Lleuan alas sepultura
urō cuerpo enbalsamado
y conel queda enterrado
nrō mal y desventura
pues afsy quereis tirarnos
lopeor. ∞.
229. §. Resuscita altercer dia
Vrō cuerpo ia Immortal
y dais uida al desleal
q̄ laculpa muerto auia
pues quereis resuscar nos
vencedor. ∞.
237. .§. sobre el Cielo leuastastes 6
Vrā sancta humanidad
y nrā Captiuidad
captiua con uos lleuastes
pues cō uos quereis s̄etarnos
gran(?) señor. ∞.
245. §. Colas lenguas q̄ embiastes
del Cielo, como defuego
destes lumbre al mūdo ciego
y lagracia confirmastes
pues quisistes embiarnos
tal Calor ∞.
253. §. Boluereis Juez muj fuerte
y dareis por despedida
al bueno sin muerte vida
almalo muerte, sin muerte
para del todo librarnos
delfuror
no deixeis alpeccador
mal tratar nos.



p. 6

(?) — Riscado b.

1. F. No sabe alq̃ dolerſe entriſteſcida
la madre piadoſa deſconſolada
Viendo ya deſfalleſierſe ſu dulce vida
Configura laſtimofa, y afeada.
5. Conſuſpiros doloroſos ſolloçando
Miraua ſu amor JEſVſ q̃ ſe moria
Y con ojos lagrimoſos lamentando
Ala muy penoſa Cruz triſte dizia.
9. O Cruz aſpera, o madero deſcomedido
porque mataſ ſin razõ al Innocente
y manſiſſimo Cordero de Dios Vngido
Con tormentos y paſſion tan cruelm.^{te}
13. O Hijo de mi dolor mi Benonj
raſgaſſeme el Coraçon en uer dolerte
Quien me dera mi amor, q̃ agorapor ti
Yo ſufrieſe tu affliccion y cruda muerte
17. ſi los braçoſ de la Cruz te dan tormẽto

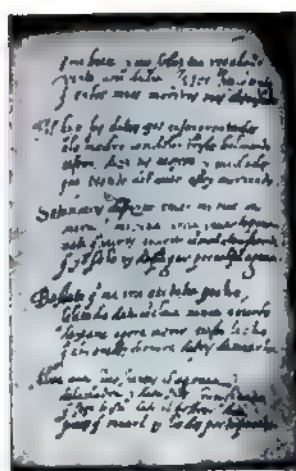


p. 6v

(1) — II^a, B 4

O mi bien y mi solaz tan regalado
 Vente ami dulce JESUS fite cōtento
 q̄ enlos mios moriras mas descāsado

21. El hijo sus dulces ojos ensangrentados
 ala madre condolor triste boluiendo
 cessem, dize tus enojos y cuidados
 que vencido del amor estoy muriendo.
25. setemueres depezar enuer mi muerte
 mira q̄ mi pena crece enuer tupena
 notequieras afligir cō mal tanfuerte
 q̄ yo solo ey depagar por culpa agena.
29. Bastate q̄ me crie a tu dulce pecho
 saliendo detu cō clauue nunca abierto
 dexame agora morir eneste lecho
 q̄ atus braços tornare depois demuerto.
33. Alma mia fino sientes el agonía
 delamadre y detu Dios Crucificado
 q̄ sera triste deti elpostrer dia
 pues q̄ muerē oy los dos por tupeccado.



37.

Llegado el fin de sus penas y dolores
la cabeça inclino pera la madre
esgotada ia las venas de sus licores
con gran boz el almadio al fũmo p.^e

7v

41.

Jarecibe en su regaço el Cuerpo sancto
y con lagrimas lo rego la Madrepia
y apretado entre sus braços cõ graue llãto
dulces bezos en sus llagas imprimia

45.

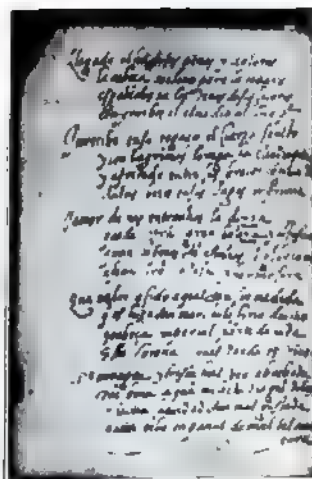
O amor de mis entrañas le dizia
quede Vrå gran beleza y cõpustura
quien cõ penas tã estrañas ô gloria mia
afeou urã lindeza yhermosura

49.

Que calor à sido aquel tan sin medida
q̃ os hizo tan marchito lyrio diuino
O cabeça imperial fuente de uida
Esta Corona Cruel donde os vino.

53.

De uinagre y triste hiel veo abrebada
Vrå boca aquẽ mi leche dio grã dulçura
O diuina suauidad tan mal gustada
Quien echo en panal de miel tal amar
gura.



p. 7v

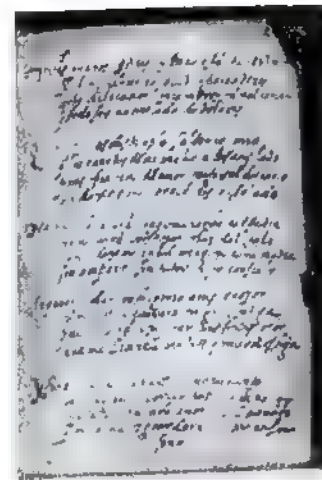
57. ⁸ Vras mãos ⁽²⁾ pies y lado estã hendidos
Echos fuentes de salud a peccadores
urõs delicados membros tã mal heridos
q̃ todo sois untreflado de dolores.
61. Quien así os destemplo salterio mio
q̃ las cuerdas de mi pecho à destemplado
pues fuerça de amor causo tal desuorio
no dexeis mi coraçõ de consolado.
65. ⁽³⁾ Nome habla urã lingua uerbo de padre
no me mirã urõs ojos oluz del Cielo.
Como dexais ental mengoa aurã madre
sin amparo sin tutor y sin consuelo.
69. siquereis dar refrigerio amis enojos
cõ morir se acabara mi grã fatiga
pues os uirã expirar mis tristes ojos
dadme licencia mi dios q̃ muerta os siga
73. Y sino lleuad conuof al monumento
mi llagado coraçõ de penas lleno
nose aparte urõ amor solo ù momẽto
q̃ mi alma os goardara dentro en su
feno.

(2) — Riscado y.

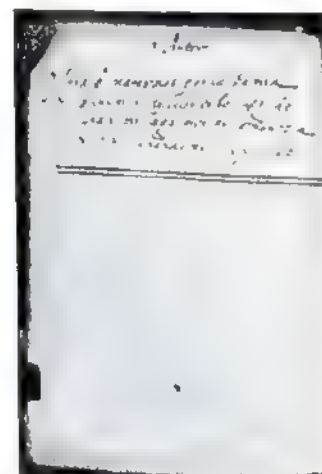
(3) — Deste ponto em diante há trechos quase nã pagados.

O Autor

77. O Coraçõ maternal por culpa mia
cõ cuchillo de dolor todo rasgado
Curad mi llaga mortal cõ manopla
y fereis, sanando yo, refocilado.



p. 8



p. 8v

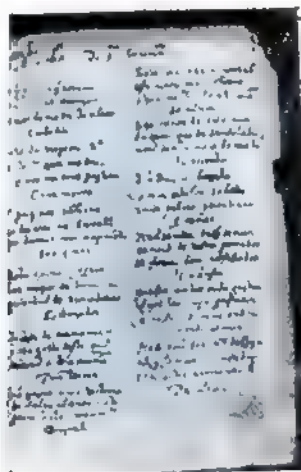
Letra do V.P.

Joſ. Anchieta.

Do 1.^{mo} ſacram^{to}

9

1. O q̃ paõ o q̃ comida
o q̃ diuino manjar
ſe noſ da no ſãcto altar
Cada dia
5. Filho da Virgem M^ã
q̃ D^s P^e qua mãdou,
E& noſ na cruz paſſou
Crua morte
9. E p^a q̃ noſ cõforte
ſe deixou no ſacram^{to}
p^a darnoſ com augmêto
ſua graça.
13. Eſta diuina fogaça
hee mãjar de lutadoreſ,
galardaõ de vencedoreſ
Eſforçadoreſ.
17. Deleite de namoradoſ
q̃ coo goſto deſte paõ
deixaõ a deleitaçaõ
Trãſitoria.
21. Quê quiſer auer victoria
do falſo cõtentamêto
goſte deſte ſacram^{to}
Diuinal.
25. Eſte daa vida jmmortal,
eſte mata toda fome,
pque nelle D^s ehome
ſe cõtem.
29. Hee fonte de todo bem,
daqual quẽ bẽ ſembebeda,
naõ tenha medo da queda
do peccado.
33. O q̃ Diuino bocado
q̃ tem todoloſ ſaboreſ,
Vinde pobreſ peccadoreſ
A comer.
37. Naõ tendes, deq̃ temer,
ſenaõ de voſſoſ peccadoreſ,
ſe forem bem cõfeſadoreſ
Jſſo baſta
41. Queſte mãjar tudo gaſta,
& que hee fogo gaſtador
q̃ cõſeu Diuino ardor
tudo abraſa.
45. Hee paõ doſ f^oſ deCaſa,
cõ q̃ſempre ſe ſuſtêtaõ
Evirtudeſ acrecentaõ
De cõtino.



p. 9

(1) — II^a, A 1. Sôbre a observação inicial, cf. NP, § 1.

49. Todo al hee defatino
senaõ comer tal vianda,
cõq aalma sêpre anda
satisfeita.

53. Este mājara a&ueita
p^a viciof arrācar
e virtudef arraigar
Naſ entranhaſ

57. ſuaſ graçaſ ſaõ tamanhaſ
q̃ naõ ſe podem cõtar,
maſ ben ſe podẽ goſtar
de⁽²⁾ quẽ ama.

61. ſua graça ſe derrama
noſ deuotoſ coraçõſ,
eoſ⁽³⁾ enche de bençoĩſ
Copioſaſ.

65. O entranhaſ piadoſaſ
de voſſo diuino amor!
Ó meu D^s, e meu ſõr
humanado!

69. Quẽ Voſ fez tã namorado
de quẽ tão to voſ offende?
quẽ voſ ata? quẽ voſ prẽde
com taiſ nooſ?

73. Porcaber dentro de noſ
voſ fazeiſ tã piquinino,
ſem o voſſo ſer diuino
ſe mudar.

77. Para voſſo amor prantar
dẽtro em noſſo coraçãõ
achaſteſ tal jnuençaõ
De manjar.

81. Em o qual noſſo paadar
acha goſtoſ differenteſ
debaixo doſ accidenteſ
Eſcõdidoſ.

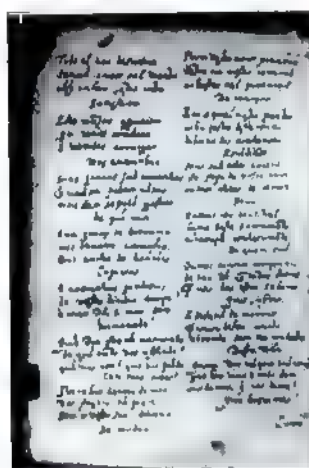
85. Hũſ ſaõ todoſ encendidoſ
do fogo do voſſo amor
outroſ cheoſ de temor
Filiaſ.

89. Outroſ coo ceſtial
lume deſte ſacramẽto
alcançaõ conheſcimẽto
De quem ſaõ.

93. Outroſ ſentem compaixaõ
de ſeu D^s, q̃tãtaſ dooreſ
& noſ dar eſteſ ſaboreſ
Quiſ ſoffrer.

97. E deſejaõ de morrer
& amor de ſeu amado
viuendo ſem ter cuidado
Deſta vida.

101. Quem vio nũqua tal comida
que hee ſũmo etodo bem?
ay de noſ, q̃ noſ detem?
Que buſcamoſ?
Como



(2) — Borrião (-e).

(3) — Borrião (-e).

105. Como não nos enfraqueçamos
nos deleites deste pão
cô q' no/so coração
Tem fartura

109. se buscamos fermosura
nelle eſtaa toda metida
se queremos achar vida
Eſta hee.

113. A qui se refina a fee,
pois debaixo do que vemos
eſtar D' ehomê cremos
ſem mudãça.

117. Acrescentaſe a eſperança
pois na terra nos hee dado
quãto nos ceos guardado
Nos eſtaa.

121. A charidade, q' laa
ha deſer perfeiçoadã
deſte pão hee confirmada
Em pureza.

125. Delle nace a fortaleza,
elle daa perſeuerãça,
pão de bemaumenturãça.
Pão de gloria

129. Deixado p^a memoria
da morte do redemtor
teſtimunho deſeu amor
Verdadeiro.

133. O mãſiſſimo Cordeiro,
o minino de Belem,
o Ieſu todo meu bem
Meu amor.

137. Meu eſpoſo meu ſôr
meu amigo meu jrmaõ,
centro de meu coração
D' e pai.

141. Pois cô entranhas de mãy
quereis de mi ſer comido
roubai todo meu ſentido
Para voſ.

145. Prendeyme cô fortes noos
Ieſu filho de D' viuo,
pois q'ſou voſſo catiuo
Que cõpraſtes

149. Coô ſangue, q' derramaſtes
cô a vida, q' perdeſtes,
cô a morte, que quiſeſtes
Padecer.

153. Morra eu, &que viuer
Voſ poſſais dentro de mi,
ganhaime, pois me perdi
Em amarme,

157. Pois q' p^a encorporarme
emudarme em Voſ de todo,
cõhũ tam diuino modo
Me mudaís,

161. Quãdo na minhalma entraiſ
edella fazeis ſacrario
de voſ meſmo ereliquario
Que voſ guarda,



165.

Em quãto a presêça tarda
do Vosso diuino rosto,
o sabroso e doce gosto
Deste paõ

10v

169.

seja minha refeição
etodo meu appetite
seja gracioso conuite
De minha alma.

173.

Ar fresco de minha calma,
fogo de minha frieza,
fonte viua de limpeza
Doce beijo

177.

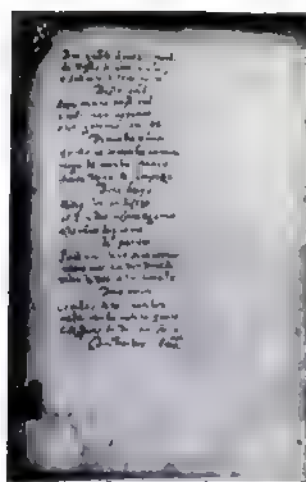
Mitigador do desejo
cõ q̃ a Vos suspiro egemo,
esperança do q̃ temo
de perder.

181.

Pois não viuo sem comer
coma uos em vos viuêdo
Viua a vos a vos comêdo
Doce amor

185.

Comêdo detal penhor
nelle tenha minha parte
ede spois de Vos me farte
Com Vos ver. Amê.



p. 10v

10

1. §. O Mauricio Capitaõ
Cuja gloriosa fama
resplâdece como flâma
que lume sê dilaçaõ,
portodas partes derâma.

6. Vossa vida e morte clama
nosas almas despertando
p^a q̃ uiuaõ hõrrando
a D^s q̃ tanto nos ama
sua sancta ley goardando

20.

11. §. Qñ o Emperador dattera
aseus Deoses quis honrrar
obrigou asacrificar
os soldados q̃ nagera
con elle auiaõ dentrar.

16. Mas Vos pera gloriadar
a D^s todo poderoso

vosso esquadraõ animoso
fezestes logo apartar
detrato taõ pernicioso.

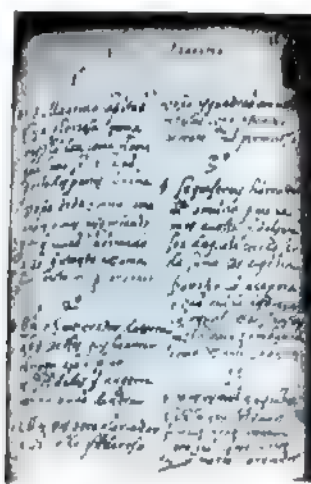
30

21. §. se quiseris hõrrater
m^{ta} omũdo & metia
mas auossa fidalguia
soo daquele eterno ser
do sũmo D^s depêdia

26. Porisso cõ alegria
o vaõ mũdo desprezastes
cõ oqual nos ensinastes
fazer dele zombaria
como vos dele zõbastes.

40

31. §. Vossoz seis mil eseiscêtos
esesêta eseis soldados
poruos foraõ animados
pera serẽ cõ tromentos
e cõ morte Coroados.



(1) — II^a, A 2.

36. Peraferē degollados
Cadahū querafer
oprim^o sen temer
(²) os cutelos aguçados
cō furia de Lucifer.

5º

41. §. O valerozo esquadraõ
O gēte victoriosa
O victoria gloriosa
O fortiss^a legiaõ
O Companha generosa,

46. Vossa morte preciosa
hee hōrra do grã Jesu
e daquesta uilla vossa
defensaõ mui poderosa
e espāto de Bersebu.

6º

51. §. Vossa vida f. Mau.
edof uossof, q̃ perdeste
qñ polafee morreste
foy hū uiuo sacrificio
conq̃ ad f^r engrādeceste,

56. Cō tais mortes mereceste
triumphos mui gloriosos
e q̃ vossof fortes ossof
q̃ defender naõ quiseste
seiaõ defensores nossof.

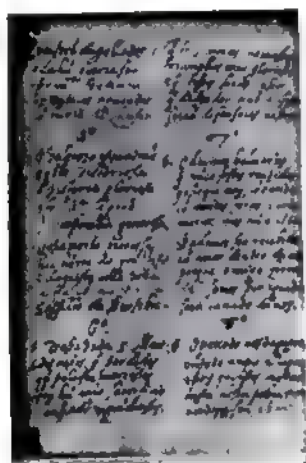
7º

61. §. O diuinof baluartes
q̃ nūca fostes rendidos
postoque muj cōbatidos
cō mujtas forçaf, eartef,
mortos, mas nūca uēcidos

66. Pedimos ser recebidos
cō amor dentro de uos
porque o imigo ferroz
de q̃ somos perseguidos
seia uencido de nos.

8º

71. O peccado nos daguerra
entodo tempo elugar
epois quisestes morar
nesta nossa pobre terra
aiudajasen sefsar



p. 11v

(²) — Os vv. 39, 40, 44, 45 e 49 lêem-se difíceis.

76. porque cessando opeccar
cessaraõ muitos reuezes
cõ q̃ os herejes francezes
nos poderaõ apertar
e Lutheranos Ingrefes.

96. Das nouidades sejamos
prouidos sã carestia
E uossa Capitania
liure doq̃ arreceamos
vos honrre cõ alegria.

12

9^a.

VIII (4)

Cantiga

81. §. Martyres mui esforçados
pois sois nossa defenſaõ
defendeys cõ uossa maõ
vossof fof esoldados,
q̃ saõ idos ao fertaõ,

1. §. Mil suspiros dio M^a
porfe estar Jesus finando,
quien conel fuera expirado
pues muere la uida mia

86. Pois uaõ cõ boa intençãõ
abuscar gente perdida
q̃ possa ser conuertida
a Jesu de Coraçãõ
eganhãr a eterna vida.

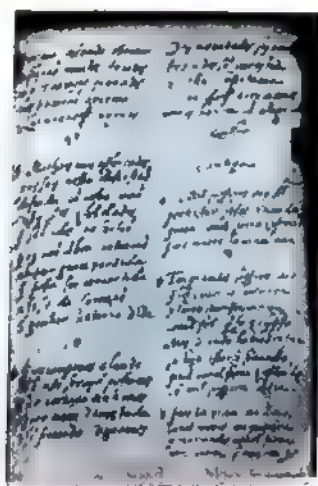
5. §. Tan grandes suspiros dio
q̃ los Cielos lo sintieron,
y luego sentistecieron
conel sol, q̃ se eclipso,

10

91. §. Procurainos aſaude
cõ q̃ aDf seruir possamos
e no coraçãõ tenhamos
o puro amor dauirtude
esẽ peccado viuamos

9. Mas viendo lamadre pia
su hijo estarſe finando
quiẽ conel fuera expirado
cõ mil suspiros dizia.

13. §. pues la vida mo lleuo
conel morir mequisiera
y muriendo conel fuera
mas biua, q̃ muerta yo.



p. 12

(1) II^a, B 5.

17.

O q̃ terrible agonia
de Dios q̃ se esta finãdo
quiẽ conel fuera expirãdo
pues muere la uida mia.

12v

21.

§. Como puedo yo biuir
pues q̃ se muere mi vida?
y cõ muerte tan sintida
como biuo sin morir?

25.

Mi Jesus, q̃ el luz del dia
cõ muerte se ua apagãdo
quiẽ conel fuera expirãdo
y muriendo biuiria.

IX (1)

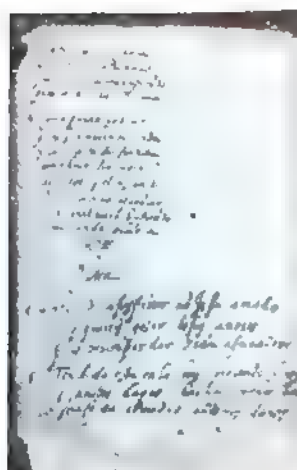
Outra.

1.

§. Venid a suspirar cõ Jesu amado
lo q̃ quereis gozar de sus amores
pues muere por dar vida a peccadores

4.

§. Tendido esta en la Cruz corriendo sangre
sus sanctas llagas hechas limpios baños
cõ que se da remedio a n^{ue}stros⁽²⁾ daños



p. 12v

(1) — II^a, B 6.

(2) — Corrigenda (ue) sobre borrão.

§. Venid q̄lbuen pastor y adio su uida
conq̄ libro de muerte su ganado
Jdale deber a su Costado.

X (1)

Otra

- | | |
|---|--|
| <p>1. §. Jesu buen pastor
Como andais penado!
ando mal tratado,
por te dar mi amor.</p> <p>5. §. Andais pensatiuo
Jesuf pastor bueno
de cuidados lleno
mas muerto, q̄ biuo</p> <p>9. hizeme Captiuo
sendosūmo s̄or
ando mal tratado
por te dar mi amor</p> <p>13. §. Depel deCordero
Vos. ueio cubierto
eneste desierto
alpie dū madero</p> | <p>17. O Jesu Ouejero
quien os ha mudado
el amor q̄ meda cuidado
detedar mi amor</p> <p>21. §. Es unmaltan fuerte
el amor q̄ tengo
q̄ degrado uengo
asofrir la muerte</p> <p>25. O dichosa fuerte
lademi ganado
pues por elsoi Crucificado
por le dar mi Amor.</p> |
|---|--|

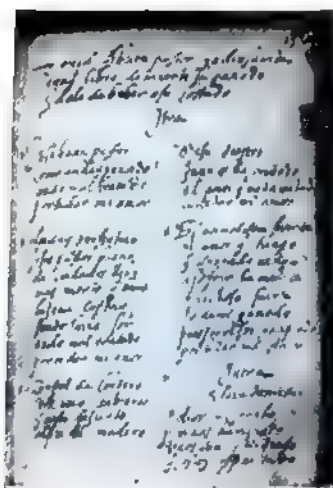
XI (1)

§.

Otra

f. tomedemira.

1. O dios infinito
por uos (2) humanado
Veos tan chiquito
q̄ estov espantado



p. 13

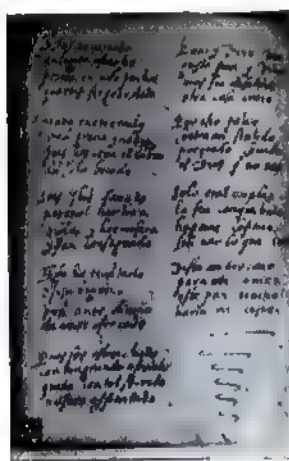
(1) — II^a, B 7.(1) — II^a, B 8.

(2) — Engano provável (= no f).

5. Estaís ençarrado
enlugar estrecho
porque en nro pecho
quereis fergoardado
9. Hame enamorado
vrã gracia y nõbre
pues uos come elhõbre
dũsolo bocado
13. Jois Jhũs llamado
perenal hartura
vida y hermosura
ypan consagrado
17. Esto ha enuẽtado
O Jesu bignino
Vrõ amor diuino
de amor forçado
21. Pues jois estreichado
contangrande aprieto
quien contal secreto
nosera espantado

25. Pan y Vino Veo
gusto pan y Vino
mas sin desatino
otra cosa creio
29. Por esso peleo
Contra mi sentido
porquelo Comido
es Dios q̃ no ueo
33. solo enel empleo
la fee conque biuo
hagome Captiuo
sin uer lo que Creo.
37. Deste mepro ueio
para mi camino
este pan diuino
harta mi deseo.

13v



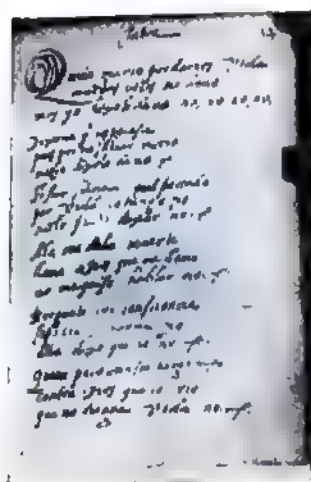
p. 13v

XII (1)

Outra

14

1. Quien murio pordarnos Vida
muchas uezes me llamo
mas yo dixole deno, no, no, no, no,
4. Dixome q̃ no pecasse
pues por me saluar murio
mas yo dixole de no. ∞.
7. Estar siempre enelpeccado
por vida lo tengo yo
nolo puedo dexar no. ∞.
10. Ala ora dela muerte
llame aDios que me llamo
no mequiso hablar no. ∞.
13. Pergunte ami consciencia
sepodre saluarme yo
ella dixo que ia no. ∞.
16. Quien pero tanfin uergoença
contra Dios que lo Crio
que no tenga vida no. ∞.



p. 14

(1) — II^a, B 9.

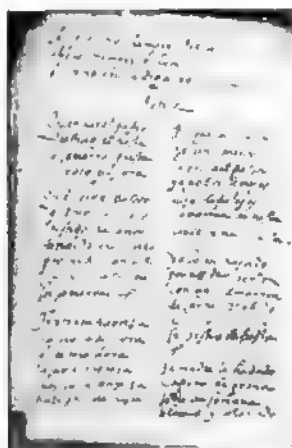
19. Al que no, siempre dizia
alque siempre le llamo
q̃ tambien le diga no, no. ∞.

14v

XIII (1)

Outra

- | | |
|---|--|
| <p>1. Quien uiral pastor
uestido defiesta
su samarra puesta
Viralo la (2) pastora.</p> <p>5. Quiẽ viralpator
q̃ vino del Cielo
vestido de amor
tendido enel suelo
por nrõ consuelo
seuistio defiesta
su samarra ∞.</p> <p>12. Entantapobreza
lo uio lapastora
q̃ defrio lora
lafũma riqueza
maş cõ la baxeza
haze grande fiesta. ∞.</p> | <p>19. Porquelas ouejas
ojeſsen meior
la boz delpastor
yanopor semejas
hizo depelejas
ſamarron defiesta
lindo y muj apuesta. ∞.</p> <p>27. Yo lo ui nascido
por noſ dar perdon
con un ſamarron
de Carne vestido
de amor vencido
se vestio defiesta
∞.</p> <p>34. ſu madre le hadado
Capotin de grana
ſale deſomana
blanco y colorado</p> |
|---|--|

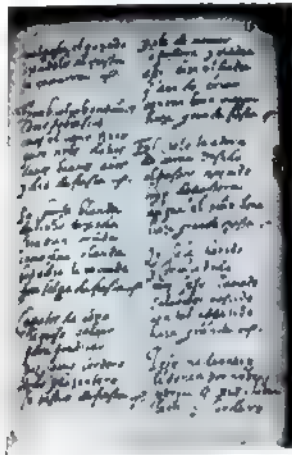


p. 14v

(1) — II*, B 10. (Cf. Ia, IV, (1)).

(2) — Restituido conforme a V. 101.

- huelgasse elganado
viendolo de fiesta
su çamarra ∞.
41. Embueluele enpañof
Como pobrefico
maç el como fizado
quita nrõs dañof
danof buenos años
y dia defiesta. ∞.
48. su Camisa blanca
delinho texida
sera bien cortida
como fina olanda
supadre le manda
que salga defiesta. ∞.
55. Çapatos de co^ero⁽³⁾
le quiso calçar
para predicar
paz como Cordero
todo plazentero
se vestio defiesta. ∞.
62. Dale de mamar
la pastora y madre
así dize el padre
q̃ lean de criar
contan buen manjar
haze grande fiesta. ∞.
69. El Cielo le adora
de Carne vestido
alpastor nascido
hijo depastora
aũ que el niño llora
haze grande fiesta. ∞.
76. Oy sale herido
y Circũ cidado⁽⁴⁾
maç Jesu llamado
saluador nascido
con tal appellido
haze grande. ∞.
83. Iesu medeanero
leponen por nõbre,
porque es Dios y hõbre
leon y Cordero



p. 15

(3) — Emenda (e).

(4) — A leitura dos VV 76 e 77 está prejudicada por várias manchas.

pareſce ouejero
q̃ ſale defieſta
ſuſamarra pueſta ∞.

90. Depueſ de Crecido ⁽⁵⁾
le daran ſombrero
por el carniceiro
deſpiñoſ texido
agora naſcido
haze grandefieſta
ſu. ∞.

Par

97. Para dar guarida
a todo el ganado
tomara Cayado
alſin dela vida
con ropa teñida
y la Cruz acueſtaſ
ſu ſamarra pueſta
Viralo lapafſtora

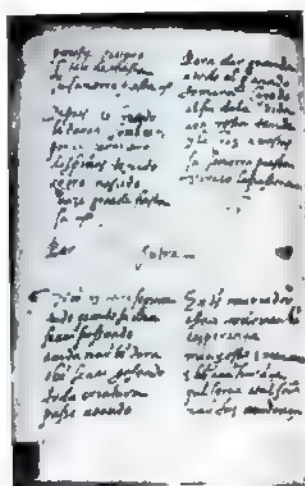
(5) — Borrão (-ee-), emendado o -i-.

XIV (1)

Outra

1. F. Naõ ay couſa ſegura
tudo quanto ſe uee
ſeuai paſſando
auida naõ tẽ dura
obẽ ſe uai gaſtando
toda criatura
paſſa uoando

8. En dſ meucriador
eſtaa todomeubẽ
eeſperança
meugofſto emeu amor
Ebẽ auẽturãça
quẽ ſerue atalſõr
naõ faz mudança



p. 15v

(1) — II^a, A 3.

15. Contête ajsy minha alma
do doce amor de d^s
todaferida
omūdo dexa ã calma
buscando aoutra vida
naqual dezeja ser
toda abso^lbida ⁽²⁾

22. Dopee dosacro monte
meus olhos leuando
ao alto cume
vi estar abertaafonte

do uerdadeiro lume
q̃ as treuas de meupeito
todas consume .

16

29. Corrê doces liquores
das grãdes aberturas
dopenedo
leuantanse os erroses
leuantafseo degredo
etirafse ^a(³) amargura
dofruito azedo.

(²) — Emenda (r).

(³) — Emenda (a).

XV(1)

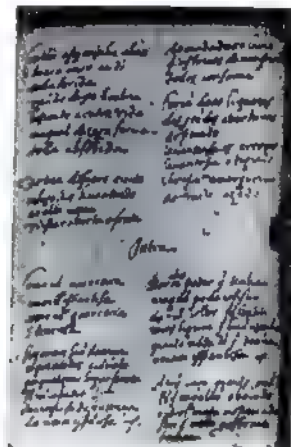
Outra.

1. Como uê guerreira
amorte espantosa
como uê guerreira
etemerosa.

5. suas armas são doença
cō que atodos acōmete
por qualquer lugar semete
sẽ nũ capedir L^{ca}
tantoque se da sentença
da morte espãtofa. ∞.

13. Por mto poder q̃ tenha
ninguẽ pode resistir
da mil uoltas sã sentir
mais ligeira q̃ huã azenha
quando mãda d^s q̃ venha
amorte espantosa. ∞.

21. A hũs caça quando Comẽ
sẽ q̃ engulaõ o bocado
outros mata no peccado
sen q̃ ⁽²⁾ gosto nele
tomem



(1) — II^a, A 4. Cf. I^a, IV, (1).

(2) — Riscado (nele).

quando menos teme homẽ
amorte espantosa ∞.

29. A ninguẽ quer dar auiso
porque vê como ladraõ
fenaõ acha contriçaõ
entaõ mata mais deliso
quando toma de improuizo
amorte ∞.

afegüdaquando vem
aalma eo corpo rapa
co inferno se cõtrata
amorte espantosa
como uem guerreira
e temerosa.

16v

XVI⁽¹⁾

37. Quãdo esperas de uiuer
longa uida muj cõtete
ella entra de repẽte
fẽ deixarte aprecher
quando mostra se poder
amorte ∞.

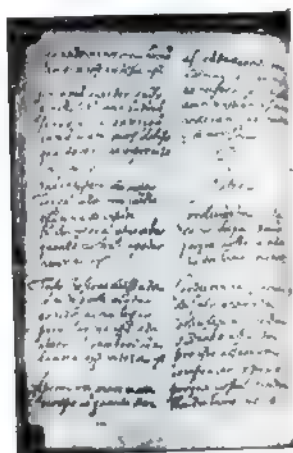
Outra

1. Cordeirⁱnha⁽²⁾ linda
como folga opouo
porque uofsa uinda
lhe dalume nouo.

45. Tudo lhe ferue de espada
cõ tudo pode matar
entodos acha lugar
pera dar sua estocada
aterriuel bombardada
damorte espantoza ∞.

5. Cordeirinha sancta
de Jesu querida
vossa sancta vinda
o Diabo espanta
por isso uos canta
comprazer opouo
porque uofsa vinda
lhedalume nouo.

53. Aprimeira morte mata
o corpo cõ quanto tem



p. 16v

(1) — II^a, A 5. Cf. I^a, IV, (1).

(2) — Emenda (i) sobre horraõ.

13. Noſſa culpa eſcura
fugira depreſſa
poiſ uoſſa cabeça
uē con luz taō pura
voſſa fermoſura
honrrahe dopouo ∞.

21. Virginal Cabeça
polafee cor tada
cō uoſſa chegada
ia ninguē pereça
vinde muj depreſſa
aiudar aopouo
poiſ cō uoſſa vinda
lhe daō⁽²⁾ lume nouo.

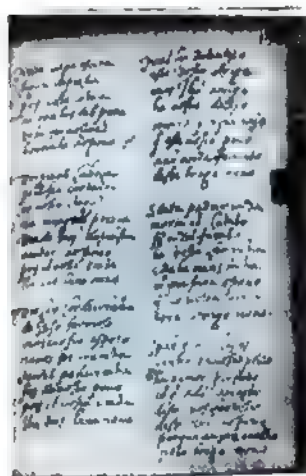
29. Voſ ſoiſ Cordeirinha
de Jeſu fermoſo
maſ o uoſſo eſpozo
iauoſ fez rainha
tambē padeirinha
ſoiſ de noſſo pouo
poiſ cō uoſſa uinda
lhe daiſ lume nouo.

37. Naō he dalentejo
eſte voſſo trigo
maſ Jhū amigo
he uoſſo dezejo
morro porque uejo
q̄ eſte noſſo pouo
naō andaſaminto
deſte trigo nouo.

45. ſanta padeirinha
morta cō Cutelo
ſē nhū farelo
he voſſa farinha
ella he menzinha
cō queſara opouo
q̄ cō uoſſa uinda
tera trigo nouo.

53. Opaō q̄ amaſaſteſ
dentro enuoſſo peito
he o amor perfeito
cō q̄ ad^ſ amaſteſ
deſte uoſ fartaſteſ
deſte daiſ aopouo
porque deixe ouelho
polo trigo nouo.

17



p. 17

(2) — Engano provável (=da:ſ), cf. V. 36.

61. Naõ se uende ãpraça
este paõ de vida
porque he comida
q̃ se da degraça
oprícioſa maça
oq̃ paõ taõ nouo
q̃ cõ uoſſa uinda
quer d/ dar aopouo.

69. O q̃ doce bolo (4)
queſe chama graça
quẽ ſẽ elle paça
he muj grande tolo
homẽ ſem miolo
qualquer deſtepouo
q̃ naõ he faminto
deſte paõ taõ nouo.

(4) — Riscado (q̃).

81. Debaixo doſacramto
enforma depaõ detrigo
uoſ espera como amigo
cõ grande cõ tentamento
ali tendeſ uoſſo aſento
entrai adaltare Deý. ∞.

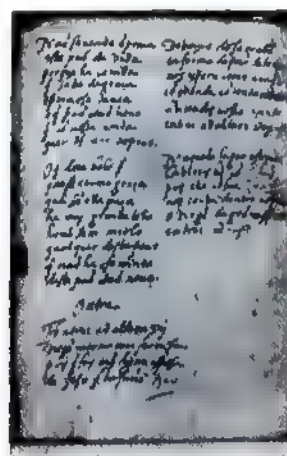
90. Naquele lugar eſtreito
Cabereiſ bẽ cõ Jhũſ,
poiſ elle cõ ſua Cruz
uoſ coube dentro nopeito
O Virgẽ degraõ reſpeito
entrai ad. ∞.

17v

XVII (1)

Outra (2)

77. Entrai ad altare Dej
Virgẽ martir mui fermofa
poiſ q̃ ſoiſ taõ digna eſpoſa
de Jeſu q̃heſũmo Rey.

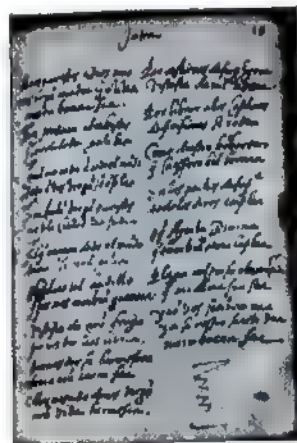


p. 17v

(1) — II^a, A 5.

(2) — Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em II^a, A 5, onde aparecem numa única peça os ns. XVI e XVII. Cf. II^a, A 5, (1) e I^a, IV, (1).

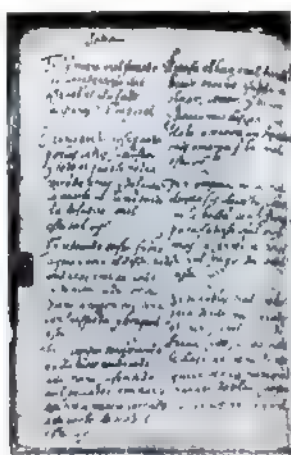
1. Pues paristes a Dios uiuo
Virgẽ madre Galilea
nuerabuena sea.
4. En Nazare cõcebiestes
flordetoda galilea.
7. Quiẽ no cabe ẽ todo el mũdo
todo ẽ vos Virgẽ se ẽplea.
10. Embelẽ Virgẽ paristes
noble Ciudad de Judea.
13. Elq̃ mueue todo el mũdo
toma ẽsi nrã pelea.
16. Obẽdito tal Caudillo
q̃ por nos tambiẽ guerrea.
19. Vistisẽ de nrõ trage
por nos dar leal librea.
22. pornoẽ dar su hermosura
toma nrã carne fea.
25. Mas nascido deus Virgẽ
nrã vida hermosa sea.
28. Por uestirnos de sugloria
vistose de uil librea.
31. Por librar alos Captiuos
de priõiones se rodea.
34. Como diestro bõbardero
q̃ fue spera biẽ bornea.
37. En los pechos de sup^e
todolos tiros emplea.
40. O q̃ Aguila Diuina
q̃ tambiẽ toma laplea.
43. Plega ael por su clemẽsia (2)
q̃ mi alma sua sea.
46. Y cõ Vos senhora mia
yo su rostro sancto vea
nora buena sea.

(1) — II^a, B 11. Cf. P, IV, (1).

(2) — Borrão (-e-).

Outra

1. El q muere en el peccado
sin arrepentirse del
este tal es escusado
Campanas doblar por el.
5. Mancebino rofagante
por las calles sepasea
y todo el pueblo rodea
mirado atraf, y delante
la muerte cō su mō tante
da de subito conel
este tal ∞.
13. Embiuido en su sñoa
a quien ama el desdichado
mil uezes en el peccado
sedeleita cada ora
Viene la muerte traidora
confuespada y broquel
este ∞.
21. El siempre biue riendo
endeleites embiuido
alli tiene su sentido
mil peccados comittiendo
entra la muerte corriēdo
alleuarlo de tropel.
este ∞.
29. Pienfesa el loco en el peccado
biuir mucho a suplazer
olgar, comer, y beuer
ypeccar mui descañado
dale la muerte un bocado
mas amargo q la hiel
este ∞.
37. Ni Corefma ni Carnal
dexasus delectaciones
ni le bastā confisiones
para salirse del mal
mas la sentēcia final
en el fuego da conel
este ∞.
45. si le hablas en el Cielo
pera donde fue Criado
el dize q en el peccado
tiene todo su consuelo
se desí no tiene duelo
quien terna memoriadel
parale doblar Campanas
ni salmos rezar por el

(1) — II^a, B 12. Cf. I^a, IV, 2).

53. se le dize q̄ se emmiēde
por Jesus⁽²⁾ y sus dolores
el dize q̄ andar damores
es mejor y niesso entēde
el fōr aquíē offēde
tal vengança tomadel
q̄ detodo esescusado
doblar, ni rezar porel.

61. Como la muger fin cura
q̄ biue enla mācebia
pafsa el malo noche y dia
cō la Carne ysu blādura
merecesu vida impura
q̄ se muera enel burdel
este ∞.

69. Anda ia tan estragado
como cesto todo roto
aldiablo ha hecho uoto
destar siempre amācebado
cō el ha capitulado
delefer sieruo fiel⁽³⁾
este tal es escusado
Campanas doblar porel.

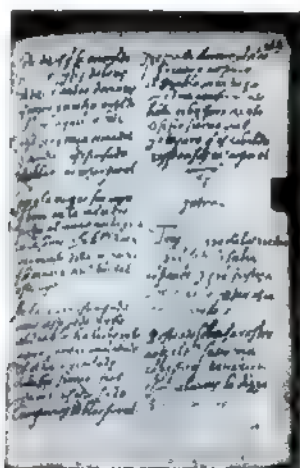
77. No puede dormir cōtēto 19⁽⁴⁾
si primero nopecco
al Diablo se entrego
confirme conoseimiento
hale echo Juramento
delefer sieruo fiel⁽⁵⁾
yo te juro q' es debalde
responsof rezar por el.

XX⁽¹⁾

Outra

1. Tras del rio delos ciedros
el buē Jesu se salia
cō pauor y grā tristeza
aorar como soler⁽²⁾ azia
enel huerto.

6. Postrado sobrefurostro
ante elp^e seponia
cōsuspiros entrānables
estapalauras le dizia
e nel huerto⁽³⁾



p 19

(2) — Jesus, termo quase completamente apagado.
(3) — Repetido em V. 82, por provável engano de cópia. A letra não é de Anchieta. Cf. (5).
(4) — O ms. não traz p. 19v.
(5) — Cf. (3).

(1) — II^a, B 13. Cf. XXXIX.
(2) — Emenda (soler) sob a qual se lê saper.
(3) — Várias palavras destas duas estrofes estão quase completamente apagadas.

20(4)

11. Padre mio si mi muerte
escusar nossepodia
hagafse perfectamte
tu volutad y nola mia
Enel huerto.

16. Orando porlixamente
puesto en mortal agonía
sudauagotas de sangre
q̄ hastalaterra del corria
E nel huerto.

21. Mis grādes males sō estos
o buē Jesu vida mia
q̄ te hazē sudar sangre
y causā tal agonía
E nel(5).

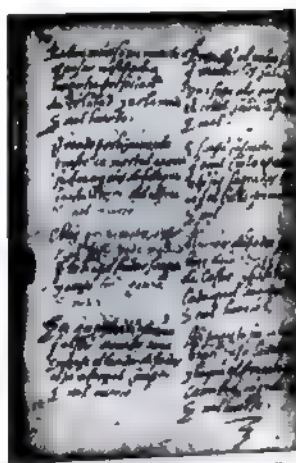
26. En angustia tā estraña
q̄ al sōr cercado auia
entrafe el traidor de Judas
cō su infernal Comp^a
E nel huerto.

31. Pren dē al mazo Cordero
q̄ recibir los salia
Vna foga ala gargata
el cruel saion le ponía
E nel.

36. Escupē susanta Cara
q̄ enel Cielo es alegría
atā sus sagradas manos
cō q̄ el Cielo formado auia
E nel.

41. Aluerbo del padre(6) eterno
hijo dela Virgē pia
de Coses ybofetones
Cadaqual leuapor fia
E nel huerto.

46. Asi pagas tusin culpa
buen Jesu la culpamia
y laque elprimer padre
Comittio cō gran ozadia
E nel huerto(7).



p. 20

(4) — O ms. não traz p. 20v. Cf. NP, (4).

(5) — Quase completamente apagados os vv. 19-24 e 25.

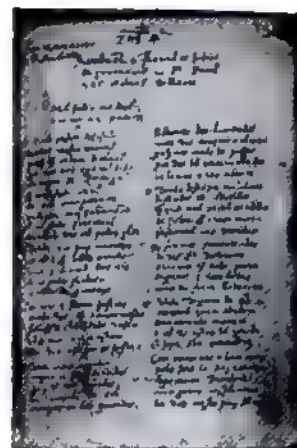
(6) — Emenda (D).

(7) — A página toda está prejudicada por borrões.

Este he caracter
 do P. Anchieta.

Recebimêto, q̃ fezeraõ os Indios
 de guaraparĩ ao P^e Proui=
 cial Marçal Belliarte

Hũ indio ao dese-
 barcar no porto ∞.



p. 21

- | | |
|--|---|
| <p>1. F Vinde pastor desejado
 Visitar vosso curral,
 pois & ordem diuinal
 p.^a nos sois qua mādado
 do reyno de Portugal</p> <p>6. A majestade real
 do s̃or omnipotente
 ordenou muj sabiamēte
 q̃ cō peito paternal
 venhaĩs ver tã pobre gēte.</p> <p>11. F Vinde ver pay amoroso
 os f.^{os} q̃ tãto amais
 cuja saluaçaõ buscaĩs
 e cō peito piadoso
 a vida lhe & curais.</p> <p>16. Por mar e terra passais
 trabalhos & causa nosa
 sem q̃ acharidade vosa
 cō q̃ tam aceso estais
 em vos apagar-se possa.</p> <p>21. F Vinde sabio regedor
 reger os desordenados
 p.^a q̃ & vos guiados,
 no caminho do s̃or
 escapemos dos peccados.</p> | <p>26. Estamos descōcertados
 mas vos trazeĩs o cōcerto
 p.^a q̃ nos mais de perto
 por Vos bẽ encaminhaos
 achemos o ceo aberto.</p> <p>31. F Vinde defensor muj forte
 defender os cōbatidos
 & que naõ sejaõ rendidos
 da Culpa, q̃ causa morte
 infernal aos vencidos</p> <p>36. se formos fauorecidos
 de vos P^e Belliarte
 seremos & toda parte
 seguros e recolhidos
 como em forte baluarte</p> <p>41. F Vinde Vigairo de X̃
 ao qual quem obedede
 ser coroado merece
 e cō D^s estar bẽ quisto
 q̃ por s̃or reconhece.</p> <p>46. Com ouir uos o bem crece
 pois sois do Rey eternal
 logo tente Prouincial
 cuja graça resplandece
 Em vos nosso pay Marçal</p> |
|--|---|

(1) — II^a, E 1. Sôbre a observação inicial, cf. NP, § 1.

(2) — O ms. não traz p. 21v. Cf. NP, (4).

22⁽³⁾

51. F Esta nosa pobre aldeia
de Guaraparí chamada
hee deleitosa morada
da sôra Galilea,
que & sua à tem tomada

56. Para nella ser amada
cô jnteira deuiação
e de todo coração
ser detodos venerada
sua limpa Conceição

61. F Neste tam pobre lugar
ella mora muj cõtente
pois seu f.^o omnipotente
nũ palheiro quis estar
nacido mui pobremête

66. Porq̃ a fee da nosa gête
p.^a Df hee doce leito
aqual cõ amor sujeito
deseja ser jnnocente
deixando o mal, & bẽ feito.

71. F Hũs saõ velhos moradores
outros nouos do fertaõ
mas todos de coração
desejaõ ser amadores
da Virgẽ da Cõceição

76. Porq̃ nella à redenção
obrou seu filho Iesus
e cõ sua graça e luz
nos deu vida e saluação
sendo morto nũa Cruz

81. F E pois sois tã namorado
dos sôres f.^o E maỹ
nosso bem nos &curai
tendo de nos o Cuidado,
q̃ se espera de tal pai.

86. Esta aldeia⁽⁴⁾ cõseruai
p.^a q̃ cõ paz moremos
epois ja na fee viuemos
todo remedio nos dai
cõ q̃ todos nos saluemos

~ fala agora aos
jndios ~

91. F Pejori
yanderuba rura ri
peroribamo pecoapa
pe apicicamo⁽⁵⁾ cori
co cecou mamõ qui
ou parana raçapa.

97. Angire
tiande poreauçubume
taceçai yãde retama
ara momorãganhe
jmaendua cece
yãde ruba angaturama

103. F Ae co paigoaçũ
pai Iesu recobiara
ae teco monhangara
ae co yãde rauçu
ae tecocatu jara.
Toço



(3) — O ms. não traz p. 22v. Cf. NP, (4).

(4) — Borrão (-e-).

(5) — Sob o -e- (ca) lê-se -g-.

108. Toçopa teco āgaipaba
yande retama çui
tocanhê teco poxi
Tupã teco monhangaba
timopo meme yepi.

~ Na igreja fala
hũ Diabo cõtra
os Brãcos ~

113. F Que Padres ora qua vem
meterse no meu lugar?
logo se podem tornar
q̃ nenhũa medra tem
pois tudo estã à meu mãdar.

118. Eu cõ hũa volta dar
quãto elles tem ganhado
lhe tenho todo roubado
e muj m.^{to} a seu pezar
trago tudo dũ bocado.

123. F E naõ tenho mais cuidado
p.^a isto executar
q̃ qualquer brãco chamar
dos que tenho⁽⁶⁾ à meu mãdado
eme feruê sem saltar.

128. Porq̃ estes tais sê cesar
reuoluem todalas casas
diferetos p.^a enganar,
ligeiros p.^a peccar
q̃ parece, q̃ tem asaf.

~ Outro Diabo cõtra 23
o prim.^o fala cõ=
tra os indios ~

133. F Olhay o Cara de Caõ
quẽ te fez o cãpo frãco
p.^a nesta procissão
vires dizer mal do Brãco
Sem nenhũa cõclusão?

138. Ifso laa
na villa naõ faltara
quẽ lho diga m^{to} bem
agora tratemos qua
dos q̃ neste lugar haa
dos Brasijjs, q̃ amor me tẽ.

°

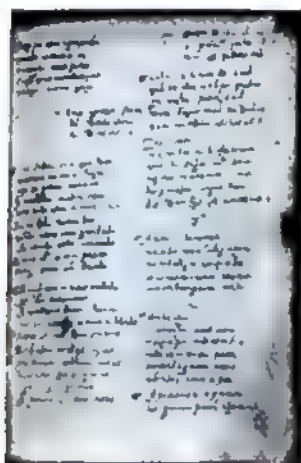
I

144. F Aani, Mairae
xenho xenheeg apia
xe nyeega rupinhe
oicomemoamo meme
omonhangara reia

2°

149. F Anhe ipo
Caraiba amo amo
yãgaipa ndererobia
nde reco poxi pota
omonhãgara reco
abiabo, ceitica pã

155. F Apiabare opacatu
Co guaraparĩ iguara



(6) — Borrão (-ha).

xe reco rupi tecoara
xenho xenheẽg endu
xenho cemierobiara.

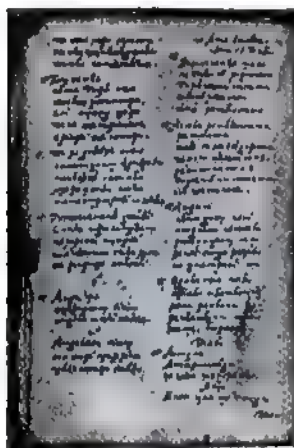
160. F Ey tenhe
abare Tupã rece
cerobag⁽⁷⁾ potaraupa,
eri, oçaang yepe
xete xerapiarete
opiape xe rerupa.
166. F Xe po guiripe areco
cunumigoaçu âgaipaba
tunhabaẽ cacuaba
oyepe yombe anho
nomoangaipabi co taba
171. F Naxereroiroĩ goaibĩ
Cunhã ciguaragibora
aipopoar, ayapitĩ
cunhamucu taba pora
xe piapupe anhomĩ.

1º

176. F Auge ipo
oyepegogaçu tiaico
angire mochi reitica.

2º

Augebete tiaço
oca rupi yapipica
yãde ratape imõbo.



p. 23v

~ Anjo daldea ~
cõtra os Diabos.

23v

182. F Peroritenhe yãdu⁽⁸⁾
co taba rõ pepuama
Tupã raira retama
açarõ potacatu
nitibi perẽbiarama.
187. F Aicobe pemõdoarama
pemocema
maẽ co xe itãgapema
xepope ndoicoi tenhe
pemobocaõma e.
Doguerobiari moema
ico xerairete.
194. F Angari
abare goaçu cori
aroguata cerecobo
paranagoaçu rupi.
peneĩ tauge peçobo
co guaraparĩ çui.

200. F Oguba rece anho
apiaba nhemboririj
pecoa penhana, pe cij,
penhemõgatu mamõ
xe çuj, nopoapij.

Diabo 2.º

205. F Acaigue⁽⁹⁾.
Areopotarãga
co taba xepopenhe

Anjo

Ecoa que çui tauge
Dia-

(7) — Borrão (-g).

(8) — Quase ilegível (-du).

(9) — Borrão (-e).

Taçone, xe abanga
nde abaitecatu çupe.

~ Vayse o Diabo
e day a hũ pedaço
torna, ediz ~

211. F Co aico, ajuribe
xeroriba mōbeguabo
açonhe moropeabo
tecopochi pupenhe
apiaba mōdecatuabo⁽¹⁰⁾.

216. F Eytenhe xe āgaguabo
abare
xe mōdopota tenhe
xe recoatiba çui,
eri, xerēbia meme
co tabiguara rece,
pai Tupã raçara ndi.

223. F Ociquij bite page
Caruara
Nopabi moropotara,
teçaināna, mara e
mōdarō, moema abe
cetanhe xe rauçupara
co guaraparĩ pupe.

Vem hũ jndio cō
hũa espada emba=
gada cōtra elle ~.

230. F Tete marā eyabo mǎ.
Dejuraruguai eicobo,
co xe ruri ndemōdobo
eremoirō pai Tupã
Jco taba rapeçobo.

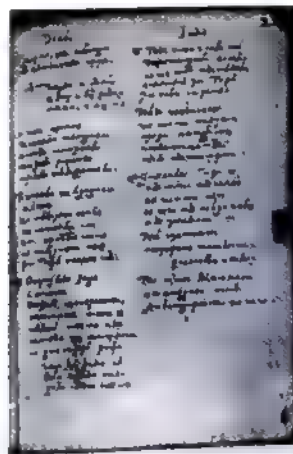
235. Nāde amotaretei
Xe anama tapijara,
oyoya ibitiriguara
nandererobiaribei
nitibi nderauçupara.

240. F Quecenheĩ Tupã ci
nde reitici nde peabo
ae xembou cori
co aico nde acāga cabo
nde yerobiara çui.

245. Neĩ eyemoçacoi
tayopune marādoera.

Quebra-lhe a cabeça

Te, ajuca Macaxera
omanōgatu mochi.
Anhangupiara, xe rera.



(10) — Emenda (-c-) sobre -g-.

~ Dãça de dez
mininos. ~

6°

1°

250. F Xeretama mooripa
ereju xerubigoe
xe abe nderobaque
aju uijëborimboripa

2°

254. F Co xe anama ruri pa
nde rapepe nderepiaca
xe abe xemoyeguaca
nde moori catu pota.

3°

258. F Tapuij pepira guabo
xe ramuya poracei
xe Tupã reco ayucei
xeruba reco peabo.

4°

262. F Xe ruba xemonhãgara
nde rauçu xe jrumobe
Endete xe rubate
pay Jesu recobiara.

5°

266. F Coi cotaba rerupa
oroicocatu bei
cerapoã guaraparĩ
Tupã oca rerocupa.

270. F Guaraparĩ cerumuana
oroitic pota yxuj
fãcta Maria coi
iporãg jmoerapoana.

7°

274. F Tupã ci morauçubara
ore anga oipicirõ
nde abe ereipitibõ
ore anga mboeçara.

8°

278. F Peccado amotareĩma
açauçu Pai Iesu
taxepitibõgatu
opia pupe xe mima.

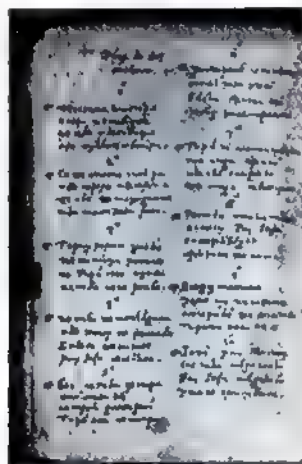
9°

282. F Ecegijucarume
Ique çui xeretama
toicopabẽ xe anama
Tupana reco rece.

10°

286. F Iori pay Maraça
ico taba mõgatuabo
Pai Iesu mõgetabo
ixupe çauçubuca.

Cãt.



p. 24v

(1) — Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em E 1, onde aparecem numa única peça os ns. XXI e XXII.

XXIII (1)

~ Câtiga por
o sen Větura
a N. ſorã. ~

1. F Tupã ci porãgete
oropab oromanomo
ore moigobe yepe
nde membira monhiromo
inõgatuabo
ore raromo
ore anga piçiromo.

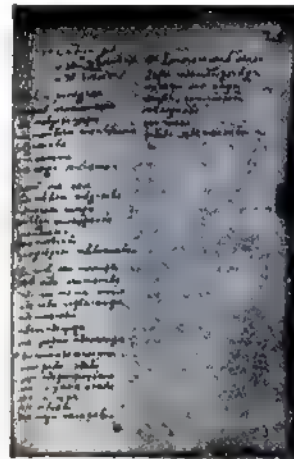
8. F Ejori ore rece
nde mēbira mōgetabo
toroecatu tauge
anhāga rauçupeabo
jmomocema
jmomochiabo
yangaipaba mōburuabo.

15. F De porãgatu rauçupa
teco aiba oromombo
nde rece meme oroico
nde roba repiacaupa
nde rapecobo
nde çu nde çupa
ore ybijme ndererupa.

22. F Morauçuberecoçara
oroe pabē endebo
jori nde porauçubara
moyaoyaoca orebo
ore rauçupa
ore mboebo
ore anga reçapebo.

29. F Emoyerecoab orebo
Ieſu ndemēhiporāga
teicatu ore anga
cerobia, çauçubetebo
imōbeguabo
are arebo
jndibe nde moetebo.~

25



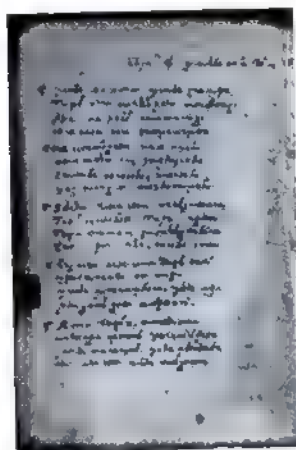
p. 25

(1) — II^a, D 1.

XXIV (1)

~ Câtiga & querêdo o alto Df ~ 25v

1. F yande canhemira yande rauçupa
Tupã amo cunhãgatu monhangî⁽²⁾
Aba çoçe pahê jmomorâgi
teco catu rece ymoyecoçupa.
5. F Xe ciramôgatu toico oyabo
amo cunhã çuj jmoingoebo
Çauçuba rerecobo, jmoetebo
yâgaturâgatu moeburuçunabo.
9. F fãcta Maria cera, anhâgupiara
Tupã rendabete, Tupã ragira,
Tupã cirama ri jmonhâgimbira
Teô rupiaranhe, tecobe iara.
13. F Cig uepe oeterama Tupã tarî
ypuc eimenhe oa oupa
yande poreauçuboca, yâde çupa
pitâgamô gatu cecopotari.
17. F Maria Tupãci, moroiticara
anhanga çumarã, yxiquicigeba
yande maranjrû, yâde abaiteba
teco catu rece yâde moigoara.



p. 25v

(1) II^a, D 2.

(2) Borrão, C h.

F Tiaçaçu pabē fācta Maria.
yande pia pupe ceco mōdepa
topoar anhangā ri, muru mōbepa
ceco poxi çui yande regija.

XXV (1)

Cātiga &
el jin Vētura

1. F yanderubete Iesu
yande recobe meēgara
oimōboreauçucatu
yāde amotareimbara
anhāga aiba
morapitiara
yāde anga iucaçara

8. F yāde anga rauçupape
ibira pupe omanomo
yāde repimeēgape
anhāgape oyemoiromo
yāde rauçupa
yāde raro
yāde anga piciro.

15. F Ejori Paí Tupā
xe anga moingocatuabo
tarojrō tecomemoā
anhangā rauçupeabo
toroauçune
de mōbegoabo
denho ndemoetecatuabo.

22. F Açopota nde retame
Deporāgatu repiaca
eique cori xe nhiame
xe queranama mōbaca
xe momaemo
xe moobaibaca
de coti xererobaca.

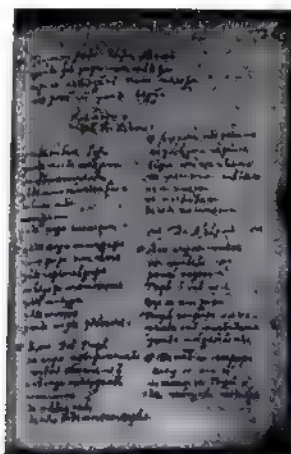
XXVI(1)

~ Da Ajsūpçaõ. ~

1. F Ara angaturamete
oa yandebo cori
penel taperori
Tupā ci reõ rece.

5. Oço co ara pupe
Tupā roripape ocema,
yande reõ mocanhema,
yande moigobebonhe.

9. F De mēbira roripape
ereço co ara ri
toroauçune Tupā ci
de moingobo xepiape



p. 26

(1) — II^a, D 3.

(1) — II^a, D 4.

13. De porauçubacatuape
naxereroiroi yepe
de maendua meme
xe rece xerauçupape.

17. F Derejar erimbae
co ibipe ndemëbira
de rece cerocipira
yapicicatu ete

21. Derepiaca potanhe
yacú quepe çui
de recoporanga ri
oyemomota meme

25. F Tupana repiacaupape
ereyaceo yepi
dererogeupi cori
demembira ogoripape.

29. Cori Caraibebe
deroba porãgepiaca
ejori xe moyeguaca
de recocatu pupe.

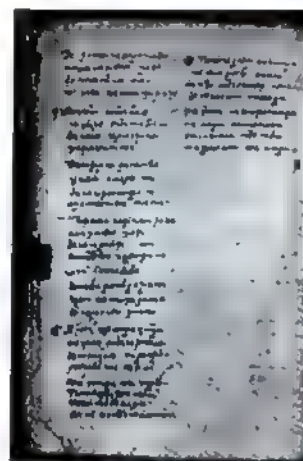
33. F Ejori xe angequija
taçone nderopeçica
derobaque uiguapica
peccado çui uixija.

37. Nei tauge xe regija
Toronquipoereca
taxemõdoçapia
de ri xenhemboririja.

41. F Taroirögatu anhang
xe reco pochi peabo
denho nderauçucatuabo
derecocatu raanga

45. Xe jara repiaporanga
xe anga toimomota
tacepiane nde roba
tiapicicatu xe anga.

26v



p. 26v

XXVII(1)

~ Dia da Afsūpçaō, quādo leuaraō
sua jmagem a Reritiba. ~

27

Anjo no caminho.

Anjo.

1. F Ejori Virgē Maria
Tupā ci co taba çupa
mamo anhāga mōdija
teicatu nde rauçupa
de rece oyēboririja.

21. F Tete marā eyabo mā
ybytiriguara abe
oçauçu pai Tupā.
ecoa ea(2) tata pupe.

6. Eipeapa maraara
tacuba, teicoarugui
tiguaeiba, uu aci
toyerobia tapijara
Tupā nde membira ri.

25. Yxe co taba raroana
oromōdonhe ixuine
oique Tupā ci corine.
Queixeçou nderepenhana.

Diabo

Diabo.

11. F Aani, ereju tenhe
taba çuj xe peabo
oyemomota pabē
tapijara xe rece
xe recopotacatuabo

29. F Xeporeauçubete mā
oipicirō Tupā ci
xe retama xe çui
Tupā ci xe çumarā.

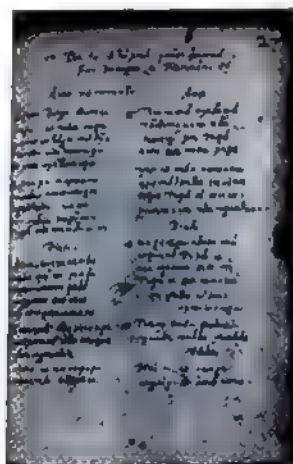
~ fala cō seuç
cōpanheiroç ~

16. Ecoayebi nde recoape
naipotari nde reique
ybitiriguara e
areco co xe rupape
naçoribi nde rece.

33. F Tiaço taba pobu
yande mōdo yanōde.

Diaboç

Neĩ tiaço tauge.
angaipaba amo reru.



(1) — Ifs, D 5.

(2) — Borrão (2a).

~ seif saluagēs
q̃ dāçãõ of ma=
chatīs. ~

.1.

37. F farauayamo oroico
caape oroyemonhâga
oroju nde momorâga
ore aiba reropo.

2

41. F Dejrumobe toroço
Tupã retame oroiquebo
ejori oremboebo
toroína⁽³⁾ nde reco.

3.

45. F Caapitera çuj
aju nderura repiaca
ejori xe rerobaca
de recocatu colí.

4

49. F Coi nde rura rece
xe aiba aitic ipane
arobie Tupã ete
inheêga rerobiane.

5

53. F Co aico nderobaque
xe igouarerop:pa
ejori nde xe mōdepa
xe recocatu pupe.

57. F Acejarumã can
de rerapoana rece
xerauçucatu yepe
xepoxi reitica pa.

Dāçãõ douf, e⁽⁴⁾
em p^a dos do
fertaõ dizem

.1.

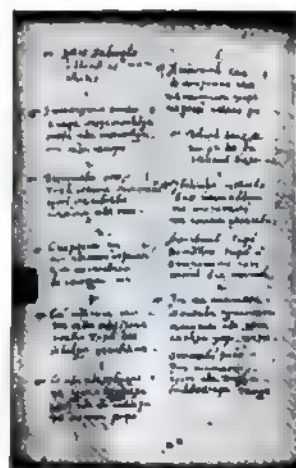
61. F Jbitiripe uitecobo
bae naicuabetei
coi aroporacei
xe anama çerecobo.

65. Aicuabumã Tupã
Demēbira Tupã ci
emonanamo cori
aroirō bae memoã.

2

69. F Jco xe anamete
Marataõa iguaroera
oicuacatu nde rera
cenōya yepi meme.

73. Oroicotebē pabē
Pay maraari
ejori nde Tupã ci
imōboerapa tauge.



p. 27v

(3) — Quase ilegível.

(4) — Borrão.

ndepitibōmo^(*)

77. § Co aico depicirōmo
tupana xembouçape
aju ndeanga rarōmo
teinhe nderete omanomo
nde anga toço cecoape

82. § Pai Jesu mōbegoape
Vuba ereiporara
Jori cepirāma ra
Caraibebe rupape

86. § f. sebastião nderera
Ndemoete pay JEsV
ndemoerapoāgatu.
Deibō ybōagoera

90. § Nderece cotabigoara
toriba monhang oicobo
tupã oca rapecobo
Emonanamo co ara
momorangi cerecobo

95. § Anguire co taba çupa
tereju meme yepi
Anhanga reco çuj
Tapijara cuacupa

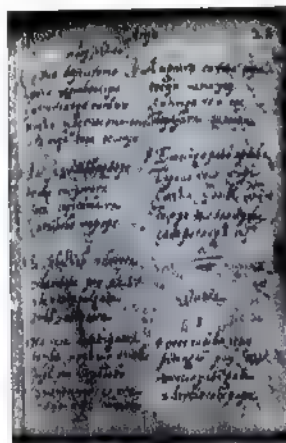
99. § Emoingo pabē apiaba
Tupana reco rupi
Cunha, Goaibī, Corumi
Toçopa tecoangaipaba
Cotaporanga çuj

XXVIII⁽¹⁾

Outra

I

1. § orerauçuba iepe
pitanguī pay JEsV
toroico pabē gatu
ndereco catu pupe



p. 28

(*) — Corrigenda (ndepitibōmo).

(1) — II^a, D 6.

5. § Pitanguinamo ereico
tupanamo eycobobe
Naçopotari mamô
ndepiri guitecobonhe.

21. § Yandemonhâgaranhe
Erenoin ndegibape
Xeabe çauçucatuape
tarur xepigâpupe.

3º

7º

9. § Ibaca çuy ereiur
xeanga picirôçape
Eingatu xepigape
xejari pay JEsV

25. § Emaê gatu oreri
tupã cig s. ta Maria
Jori Anhâga mōdija
ore moauge çuj.

4º

8º

13. § Xeanga mōgaturōmo
tupã tuba ndebouri
Emonanamo xerurj,
nderece guiepigciromo.

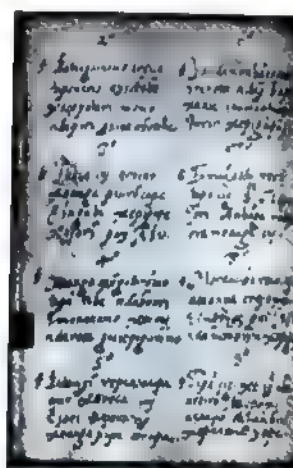
29. § Morauçubarecoçape
aceanga erejoçub
Eimoinge pai JEsV
nde membira xepigape

5º

9º

17. § Pitangi repiacaupa
ajur xeroca çuj
Ejori xejara cig
xeanga pupe çerupa.

33. § Tupã cig, xecig abe
aroirō tecopoxi
açauçub demembiri
xepeaume yepe.



p. 28v

No manuscrito (talvez erro de cópia mesmo)

10

37. § Oroauçub catu guitecobo
xerecobe yacatu
xeyequime terejur
ybate xereraçobo

110

41. § Amo ae tubixacatu
nderece oierobia
coxereçou dereca
xerubi pay JEsV.

12

45. § Derecocatupota
aroirô xerecopoera
Iporangatu derera
Ejori xerauçuba.

XXIX⁽¹⁾

Outra

1. Tupana Cuapa
coiaçaçu
xejara JEsV ∞⁽²⁾.

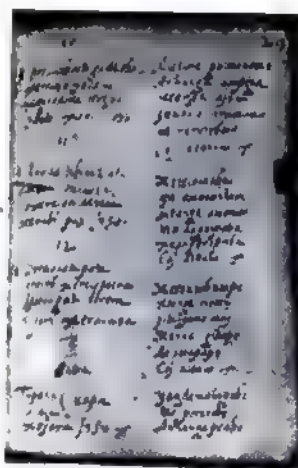
4. § Acoeime guimanomo
Anhang eçapiga
xeanga ajuça
peccado irumomo⁽³⁾
ae reroirômo
Coi açauçu. ∞

29

11. § Xetecocuaba
opa amocanhem
xeanga omonem
teco angaipaba
xeangoripaba
Coj açauçu. ∞

18. § Xerauçubaçape
xeanga motenj
pitangamo cenj
Maria gibape
Ae cuapape
coj açauçu. ∞

25. § Yandemoingobe
teô porarabo
Anhangapeabo



p. 20

(1) — II^a, D 7, cf. I^a, IV, (1).

(2) — Suprima-se o ∞.

(3) — Borrão (-u).

§⁽⁴⁾ teõ recebe
Aipo recenhe
coi açauçu
xejara Jesu ~⁽⁵⁾

Outra

32. § Opa oguguj
meengui omanomo
yande pigcirômo
Anhâga çuj
Aipobae ri
coj açauçu ~.

39. § Pejo pabenhe
JEsV momoranga
çauçuba raanga
xeirûnamobe
JEsV mbae ete
pej peçaçu
xejara JEsV
xeruba JEsV.

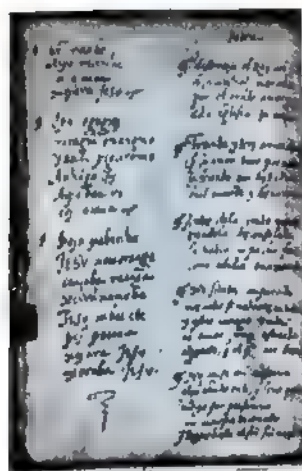
1. F deſterroſe el Rey del Cielo
deſu celeftial morada
por el grãde amor y zelo
dela igleſia ſu amada

5. F Treinta y tres annos de uida
& ſu amor tuuo por nada
ſuffriendo por deſpedida
Cruel muerte y deſhonrrada.

9. F Antes dela cruda muerte
viendola deſconſolada
le hablo cõ pecho fuerte
como adúlce enamorada

13. F No ſientaſ mipartida
maſ antes ſi metienef en tupecho
y eſtaſ conmigo vnida
cõ amor muy eſtrecho
alegrate, q̃ alp^e uoi derecho

18. F No caufe mi auſencia
algũ oluido enti, q̃ ſino quedo
cõtigo por preſencia
mi cuerpo teconcedo
q̃ tengaſ haſta el fin ſin ningũ miedo



p. 29v

(4) — Suprima-se.

(5) — Suprima-se.

(1) — Il^a, B 14.

23.

F Esposa muj querida
yo solo quiero ser deti amado
pues muero portu Vida
y soy Crucificado
p^a te dar sin fin glorioso estado.

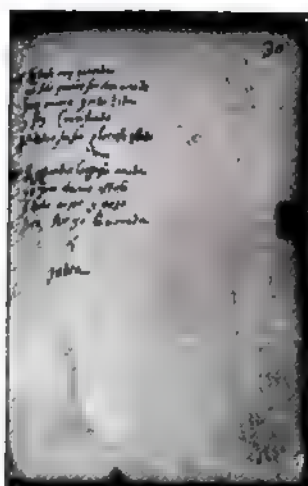
30

28.

F Respondio la esposa amada
yo Juro diuino esposo
q̃ todo miser y gozo
fera, ser yo tu morada

XXXI (1)

Outra



p. 30

(1) — II^a, D 8. Falta o início desta poesia (p. 30, parte, e 30 v em branco). A numeração dos versos corresponde à parte apresentada.

Paratij

1. F Xeparatij çui
aiu tupāci repiaca
guinhemoyegoayegoaca
xeroribaōamari.

5. Çori catu xe ibija
Jporangatu rece
çoriba xe yabe
xeruba tupuna⁽²⁾ quija. ✕

9. Arobicatupeca
iporang epia catuabo
Jaço cori ymōbegoabo
goaibī moeçaỹ āba⁽³⁾.

Oraçaō

13. Tupā cig porangete
xeanāma nderauçu
toçarō paj IEJV
xeretama nde abe.

Reritiba

17. F Rereritiba⁽⁴⁾ xeretāma
taba angaturāgatu
xeanāma xembou
tupā cig repiacarāma.

21. Iporang co tupā oca
gegoacabeta rerupa
augete co anga andupa
aceja quece xeroca
copupe mĩssa rēdupa.

Oraçaō

26. Eiori f. Maria
xeanāma rauçuba
yangaipa para para
oyemoririj ririja

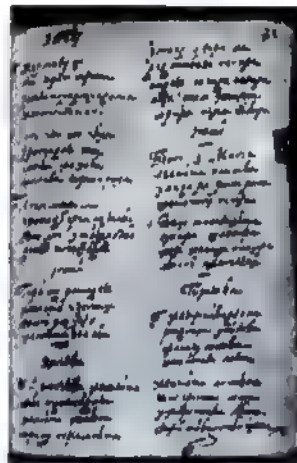
30. f Tiaço marataoāme
oyoupe oyobaupa
xete xeanga rauçupa
abiarī xeretāme.

Tupitāba⁽⁵⁾

34. F Xetupinābagoaçu
paigoaçu yrūdiba
opacatu caraiba
xemōbaete catuu⁽⁶⁾.

38. Xeanāma erimbae
teco ipiramo cecou
yxuperanhe Abare
tupā mōbegoabo ixou.

31



p. 31

(2) — Engano provável (= *tupana*).

(3) — Sob o -b lê-se -g-.

(4) — Engano provável (= *Reritiba*).

(5) — " " (= *Tupitāba*).

(6) — " " (= *catu*).

42.

Ore tupã ogueta
ipupe oronhẽboebo
tupã rerobiaretebo
tecopoera mōbopa

ogueta
oka + etã

31v⁽⁷⁾

46.

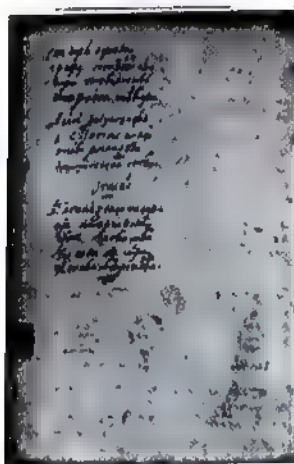
Aiurĩ guiyerurebo
f. Maria çupe
omēbi porangete
tomoyerecoab orebo.

Oração

50.

Paranagoaçu raçapa
aju derepiapota
ejori orerauçubã
Tej catu de cu^apa⁽⁸⁾
Xeruba Tupinãba.

ogueta



p. 31v

(7) — O resto da página está em branco.

(8) — Emenda (a).

1. § Vossa uinda bõ pastor
detodos taõ dezeiada
dosõr foi ordenada
porquefõis consolador
destapiquena manada

6. § Dez eja ser conseruada
noseupi queno curral
con uosso amor paternal
defendida, e ajudada
e liure de todo mal.

2

11. § Pois queuindespai benino
vossof fõis uisitar
deuemonos dalegrar
e cõ ofauor diuino
Vossa uinda festejar

16. § peraq todopezar
seia de nos desterrado
rogai uos pai mui amado
q nũca tenha lugar
en nos omortal pecado

3

21. § Viestes mestre e(2) doutor
dos rudos e inorantes,
pera sermos mais constãtes
no caminho dosõr,
e cõ X triumphantes.

26. § somos fracos caminhãtes
mas pera q naõ cansemos
vossa doutrina ouuiremos
e correndo mais q dantes
abõ porto chegaremos.

§

4^a (3)

31. Vinde grande Capitaõ
defender uossof soldados
pois estamos infestados
de nosso Jmigo sathã
edeperigos cercados

36. § pois que somos taõ coitados
aiudainos nesta gerra
naõ seiamos mal tratados
oprimidos e auexados
dos moradores daterra.

I

41. A N Marinheiro
q nouas corrẽ porca?

2

dizẽ ser chegado ia
nosso pai epadroeiro.

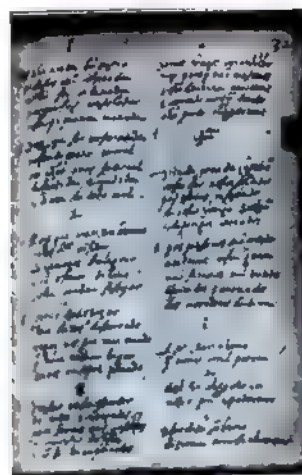
I

45. Epor dita saberas
dizerme como se chama?

(1) — II^a, A 6.

(2) — Sob o e lê-se f.

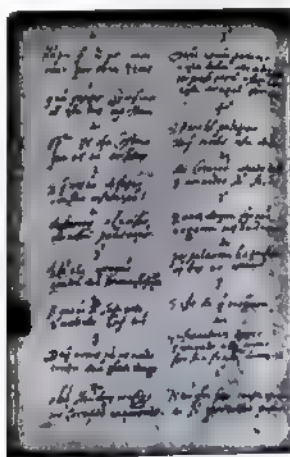
(3) — Engano provável (= 40). As
mulheres não tomavam parte no tea-
tro catequético. As figuras femininas
(Cf. E 2, E 5) eram representadas
por homens fantasiados de mulher.



2.
Hũ pai q̃ mto nos ama
como por obra veras
1
49. quẽ queres significar
cõ esta tua reposta
2
Op^e N da Costa
que nos uẽ auisitar
1
53. E q̃ nos ha defazer
consua uisitaçaõ?
2
desterrar aLucifer
denossa pouoçaõ
3º
57. Etã elle coraçãõ
contra taõ braua serpẽte
2
si que he mto sapiente
e ualente Capitaõ
3
61. Deq̃ armas uẽ armado
contra taõ forte imigo
2
o bõ Jhũ tras consigo
no Coraçãõ ençarrado.

3º
65. Desse nome poderozo
nasce toda afortaleza
conquise uence*afereza
deste dragaõ furiozo
4º
69. E pera bẽ peleijar
deq̃ modo usa dele
2
de Coraçãõ crendo nele
e amandoo sã sesar
3º
73. E anos deque feiçaõ
nagerra nos ha darmar
2
por palaura ha denfinar
oq̃ tras no coraçãõ
3
77. E isso de q̃ maneira
2
Infinandonos acrer
e amando aD^s correr
por sua sancta Carreira
1º
81. Naõ foi sem causa escolhido
de D^s por nosso pastor.

32v



p. 32v

Bê no mostra no amor
e zelo tão encendido

4

85. Para pagar tal amor
quefaremos companheiros

3

q̃ seiamos bons Cordeiros
pois temos tão bõ pastor

4

89. E detaõ sabio doutor
aley de D^s aprẽdamos
pera q̃ sempre osiruamos
con reuerencia etemor

1º

93. Pois talpai nos uẽ auer
bẽ sera q̃ ofestejemos

2

por ferto q̃ lho deuemos
se filhos queremos ser

4

97. pois uem cõ grande fadiga
da praya q̃ lhe faremos

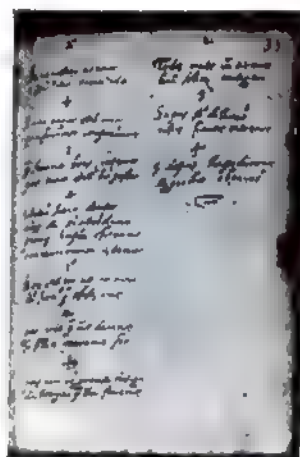
Todos iuntos lhe diremos
huã folene cantiga

3

101. Eapois sã dilaçaõ
nosas frautas entoemos

4

E depois lhapediremos
de giolhos abençaõ

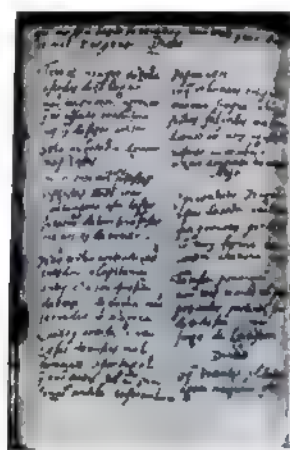


p. 33

qñ no spū santo se recebo huā reliquia das
11 mil Virgenſ Diabo

33v

1. Temos embargos dōzela
aſerdeſ deſte lugar :
naō me queiraiſ agrauar
q̃ cō eſpada erodela
uoſ ey defazer uoltar
6. ſela na batalha do mar
mepizaſteſ
qñ aſ onze mil jūtaſteſ
q̃ fizeſteſ en d/ erer
naō ha agora aſin deſer
ſeentaō de min triūfaſteſ
oie uoſ ey de uencer.
13. Naō tenho contradição
entoda a Capitania
anteſ ella ſem profia
de baixo de minha maō
ſe rendeo cō alegria
18. Cuido q̃ arraſteſ auia
eoſol tomaſteſ mal
tornaiuoſ aportunai
q̃ naō tendeſ ſol nē Dia
ſenaō anoite enſernal.
23. Depeccadoſ
enq̃ oſ homeniſ enſopadoſ
auorecē ſempre aluz
ſelheſ falardeſ na Cruz
daruoiſ aō muy agaſtadoſ
nopeito cū arcabuſ.
- a qui deſpara hū arcabuſ
- Anjo
29. Opeçonhēto Dragaō
epai detoda amentira
que procuraſ perdição
cō muy furioſa ira
contra ahumana geração
34. Tu neſta pouoação
naō tenſ mando nē poder
poiſ todoſ pretendē ſer
de todo ſeu coração
Jmigoſ de Lucifer.
- Diabo
39. Oq̃ valenteſ ſoldadoſ
agora mequero rir



p. 33v

(1) — II^a, A 7.

(2)malme(3) podē resistir
 of q̃ fracos(4) cō peccados
 não fazem senaō cair

Anjo

44. se caē logo seleuantaō
 E outros ficaō enpee
 of quais cō armas da fee
 te resistē e te espantaō
 porque D̃s cō elles he

49. q̃ cō excessiuo amor
 lhes manda suas espozas
 onze mil Virgens fermozas
 cujo contino fauor
 dara palmas gloriozas.

54. E perate(5) dar maior pena,
 a tua soberba inchada
 quer q̃ seia derribada
 pro huã molher piquena.

Diabo

58. O q̃ cruel estocada
 matiraste

qñ amolher nomeaste
 porque molher me matou
 molher meu poder tirou(6)
 E dando comigo ao traste
 acabeça me quebrou.

Anjo

65. Tois agora essa molher
 tras consigo estas molheres
 q̃ nesta terra aō deser
 as q̃ lhe alcançaō poder
 pera uencer teus poderes.

Diabo

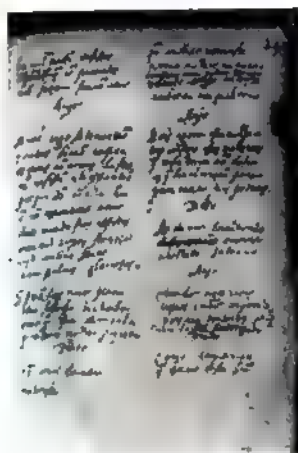
70. Ay de mim desuēturado
do(7)
 acolhe se sathanas

Anjo

O traidor aqui iaras
 depies emaōs amarrado
 pois que perturbas apaz
 deste Pueblo sosegado(8).

Diabo

75. O anjo deixameja
 q̃ tremo desta for



p. 34

- (2) — riscado (bê).
 (3) — Emenda (me).
 (4) — Emendado (o f q̃ fracos) sobre aquele f q̃, riscado.
 (5) — Emenda (te).
 (6) — Este verso foi acrescentado na entrelinha.
 (7) — riscado (depe f emaōs amarra).
 (8) — Quase ilegível. No original está riscado um f so-(f so sosegado).

Anjo

Cô tanto q̃ tenas fora
E nunca mais torneas ca.

Diabo

Ora seia na ma ora

Indose diz aopouo.

80. Ou, deixai uos descançar
sobre esta minha & me fsa
eu darei uolta de pre fsa
auosaf casas cercar
equebraruos acabeça

Villa

Mote.

85. Mais rica meuejo agora
q̃ nunca dantes me ui
pois que teruos mereci
Virgẽ Martyr por fnoã.

Gloza

89. O sôr omnipotente
mefez grande beneficio
dandome aquella excellẽte
legiaõ daesforçada gente
do grãde Martyr Mauricio.

94. Neste dia
se dobra minha alegria
con uossa uinda sãr
epois a Capitania
oje tẽ maior valia
mais rica me ueio agora

100. Cõ aprepetua memoria
de uossa mui sancta uida
eda morte esclarecida
cõ q̃ alcanfastes ⁽⁹⁾ vitoria
morrendo sã fer uẽcida
105. ferei mais fauorecida
pois uindez morar en mi
..... (10)

porque tendouos aqui
fico mais enriquecida
q̃ nunca dantes me ⁽¹¹⁾ uj.

110. Dasañ da Victoria
Victoria sou nomeada
epois sou de uos amada
donze mil Virgens nagloria
esperofer coroada.

115. Poruos sou aleuantada
mais doq̃ nunca sobi



p. 34v

(9) — Engano provável (= alcanfastes).

(10) — Riscado (porque tendouos aqui).

(11) — Borrão (m-).

peraq̃ sobindo aſi
naõ ſeia maiſ derubada
poiſ que teruoſ mereci.

120. Meus f^oſ ficaõ onrradoſ
enuoſ terẽ por princeza
porque de⁽¹²⁾ ſua baixeza
poruoſ ſeraõ leuantadoſ
aueradiuina alteza
125. Tudo temoſ
poiſ q̃ tendo auoſ teremoſ
a D^s q̃ cõ uoſco mora
elogio deſ deſta ora
todoſ uoſ reco^ulhecemoſ⁽¹³⁾
Virgẽ martyr por ſnõor.

~ hũ companheiro de
ſ. Maor. uẽ ao cami
nho a uirgẽ ediz

131. Toda eſta Capitania
Virgẽ Martir glorioſa
eſta chea dalegria

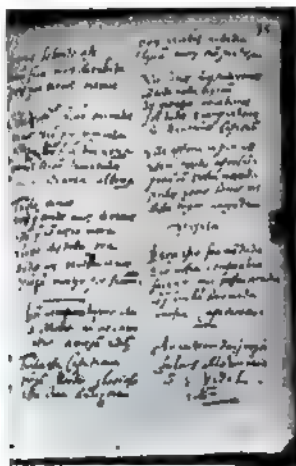
poiſ recbe⁽¹⁴⁾ neſte dia
huã may taõ piadoza

136. Noſ ſomoſ ſeuſ padroeiroſ
cõ toda noſſa legiaõ
doſ tebanoſ caualeiroſ
ſoldadoſ ecompanheiroſ
de Mauricio Capitaõ
141. Elle eſpera ia por uoſ
etem preſteſ apouſada
pera cõ voſſa manada
ſerdeſ como ſomoſ noſ
deſte lugar auogada.

Vrſula

146. Pera iſſo ſou mãdada
e cõ uoſſa companhia
faremoſ mui groſſa armada
cõ q̃ ſeia bẽ goardada
anoſſa Capitania.

Ao entrar daigreja
falaſ Mauricio
cõ ſ Vidal.
E diz



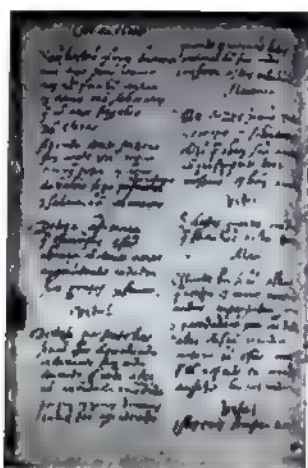
p. 35

(12) — Emenda (de) sôbre, riscando, por.

(13) — Emenda (n) sôbre, errado, l.

(14) — Riscando - f.

- 35v
- Mauricio
151. Naõ bastaõ forças humanas
naõ digo pera louuar
mas nẽ pera bẽ cuidar
as merces taõ soberanas
q̃ cõ amor singular
- Mauricio
156. Ds eterno
Abrindo opeito paterno
faz atodo este lugar
paraq̃ possa escapar
do brauo fogo do inferno⁽¹⁵⁾
e saluaçaõ alcançar
- Vit.
162. Ditoza Capitania
q̃ osumopai esõr
abraça cõ tanto amor
augmẽtando cadadia
suas graças e fauor.
- Mau.
- Vital
167. Ditoza por fertohee
fenaõ for desconhecida
ordenando sua uida
de modo q̃ iũte afee
cõ caridade encẽdida
- Vital
172. porque as merces diuinaiſ
entaõ faõ agradecidas
177. Bẽ dizeis Jrmaõ Vital
epor isso os sabedores
dizẽ q̃ obras faõ amores
cõ ques eupeito leal
mostraõ os bons amadores
- Vit.
182. E destes quantos cuidais
q̃ se achaõ nesta terra
- Mau.
187. e goardãdo cõ...⁽¹⁶⁾ cuidado
alei deſeu criador
mostraõ bẽ ofino amor
q̃ tẽ nopeito en cerrado
deJesu seuſaluador.
- Vital
192. Estes taiſ sempre teraõ



p. 35v

(15) — Emenda (do inferno) sobre, riscado, *Infernal*.
(16) — Riscado *grã*.

lembrança do beneficio
deterê por seu patraõ
cõ toda noſsa legiaõ
auos Capitaõ Mauricio.

Mau.

197. Assim tem
Epor iſſo oſũmo bẽ
lheſ manda aquelaſ ſnoſſ
onze mil uirgenſ q̃ uem
pera connoſco tambem
ſerẽ ſuaſ goardadoraſ.

Vital.

203. Taõ glorioſaſ donzelaſ
merecem ſer mui honrradaſ.

Mau.

E con noſco agasalhadaſ
poiſ que ſaõ virgẽſ tã bellaſ
de martirio coroadas.

recebẽdo a Virgẽ diz

208. Vrfula grandeprinceſa

doſumo Dſ mui amada
boa ſeia auoſa entrada
grande paſtora ecabeça
detaõ fermoſa manada

Vrfula

213. ſalue grãde Capitaõ
Mauricio de Dſ quirido
eſtepoouo he defendido
por uoſ euoſſa legiaõ
e noſſo Dſ muj ſeruido
218. ſou dele agora mãdada
aſer uoſſa Companheira

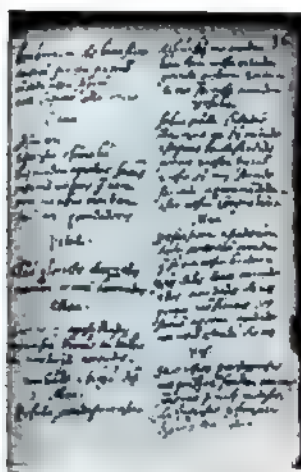
Mau.

Defenſſora epadroeira
deſta gente taõ onrada
q̃ ſegue noſſa bandeira.

223. Noſ deleſ ſomoſ onrradoſ,
elleſ goardadoſ de noſ
porque naõſeiamoſ ſoſ
ſeraõ agora aiudadoſ
con noſco tambẽ de uoſ

Vrf.

228. ſe oſ noſſoſ portugueſeſ
noſ quiſerẽ ſempre onrrar
ſintiraõ poucoſ rebeſeſ,
ede Ingreſeſ efranſeſeſ
ſeguroſ podẽ eſtar⁽¹⁷⁾.



p. 30

(17) — Tõda a págiua eſtã baſtante apogada.

233. Quê leuantara pendaõ
contra feis mil caualeiros
† de noſſa forte legiaõ,
econtra o grande⁽¹⁸⁾efcoadraõ
deuoſſos onze milheiros.

Vrſ.

238. Os tres inimigos dalma
começã adeſmaiar
epoiſ tẽ eſte lugar
nome de Vitoria epalma
ſempre deue ⁽¹⁹⁾triũphar.

Vit.

243. Jſſo he oq̃ Dſ quer
goardẽ elles ſeu mãdado
q̃ noſ teremoſ cuidado
degoardar eengrãdecir
eſte noſſo pouo amado.

Mau.

248. ſequereis ⁽²⁰⁾
aqui ficar podereis
nẽ tendes melhor lugar
q̃ aquele ſancto altar
no qual cõ noſco ſereis
veneradaſẽ ſeſſar.

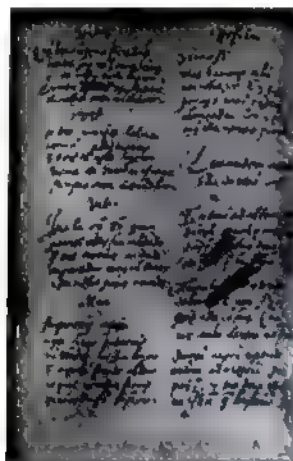
254. ſeiaaſi
recolhamonoſ ahi
con noſſo ſõr IESVſ
por cujo amor padeci
abraçada com a Cruz
enq̃ elle morreo por mim

Leuandoa aoaltar
lhe cantaõ ∞.

260. Entrai ad altare Dei
Virgẽ martyr muj *fermoſa*
poiſ q̃ ſoiſ taõ dina eſpoſa
de Jhũ q̃ he ſũmo Rey

264. Naquele lugar eſtreito
cabereiſ bẽ con JEũſ,
poiſ elle cõ ſua Cruz
uoſ coube dentro nopeito

268. Ouirgẽ degrã reſpeito
entrai ad altarei⁽²¹⁾ Dei
poiſ q̃ ſoiſ taõ diina eſpoſa
de JEũ q̃ he ſũmo Rey



(18) — Emenda (o grande), sobre, riscado, o forte.

(19) — Riscado (de-).

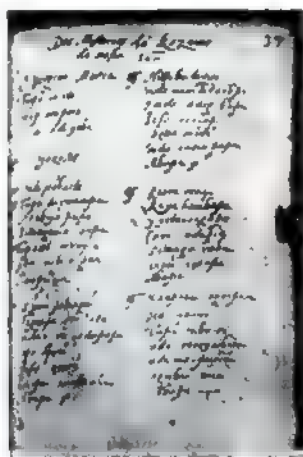
(20) — Riscado (aqui).

(21) — Engano provável (= altare).

Dos Misterios do Rozairo
de noſsa ſar

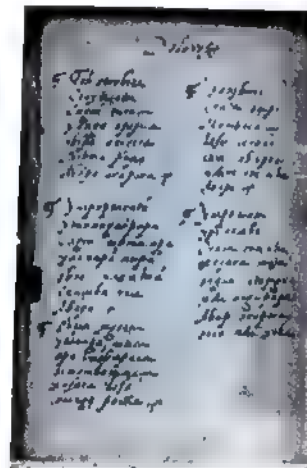
37

1. O Virgem Maria
tupã ci ete
Abap arapora
Oico nde yabe
Gozofos
5. H Nde mōbaete
Tupã derauçupa
Deibijã pupe
Pitangamo oupa
Tupana rerupa
ypo nde rigue
Abape ∞.
13. F ſ. Joaõ pitanguĩ
Tiguepe oendape
nderura andupape
opo oporĩ
Jeſu oyari
Cuapa aunhenhe
Abape ∞.
21. F Nitibi tugui
nde membiraçape,
Ende ndegibape
Jeſu ereçupi
Ipoſa mirĩ
nde camapupe
Abape ∞.
29. F Ojara reca
Reya bacêbape
y yetanongape
Çori ndepia
Pitanga roba
ceçai yxupe
Abape ∞.
37. F Ndepope ogoapica
Oço cunumi
Tupã tuba ri
nde reroyaibica
nde moapicica
oguba rece
Abape ∞.



(1) — II^a, D 9. Cl. I^a, LXXVI e IV, (1).

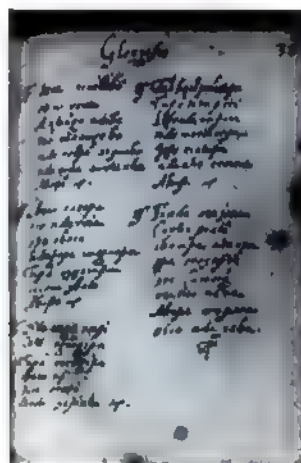
45. F Teõ rerobica
Ciaytecatu
Çugui turuçu
y anga apipica
ibipe ocirica
Mitima pupe
Abape arapora ∞.
53. F Y aipopoaratã
ymoangaipapa,
Çugui momucapa
yainupã nupã,
Oboc nde nhiã
Çauçuba rece
Abap ∞.
61. F Oique jugoaçu
yacanga cutuca
opa imõbupuca
oimomboreauçu
xejara Iesu
coçang⁽²⁾ porece ∞.
69. F O atijbari
Cruça oçupi
Membeca çuj
Iesu ceroari,
cece abapoari
ndereçape dhe
Abape ∞.
77. F Y aipo açaça
ypi recebe
Cruça çoce dhe
Xejara moja
oique itapigua
nde angapupe
Abap arapora
oico nde yabe.



p. 37v

(2) — Riscado -a.

85. F Ocem oicobebo
otimi roire
Anhāga ndibe
teō moaugebo
nde roc^upe (*) oiquebo
ndeçupa aunhenhe
Abape ∞.
93. F Ibaca raçapa
oço ndereia
opa oboia
ndepope imoguapa
Tupã mojiapa
cecou ybate
Abape ∞.
101. F Nde anga oçapi
Çata oquegipa
Tupã rerogipa
ibaca çuj
Ocie oreri
Cendi yepinhe. ∞.
109. F Teōbacēbape(4)
Tupã tuba piri
Iesu nde rupiri
nde moete çape
Iesu ecatupe
ndenho ereime
Abap. ∞.
117. F Ende ore jara
Cunha piatã
ibacupe ndoara
opa ereyopoã
ore Çumarã
reitica meme
Abape arapora
Oico nde yabe.



p. 38

(*) — Emenda (u).

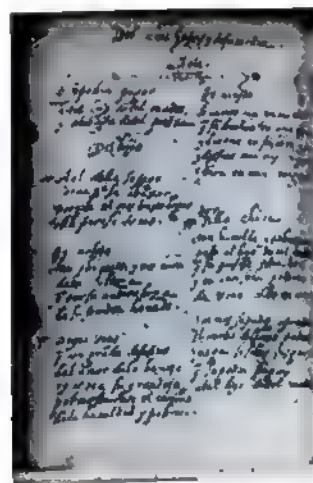
(4) — Riscado -pa- (Teōbacēpabape).

Del niño Jesu // y desumadre.

38v

Mote

- | | |
|--|--|
| <p>1. Q̃ sepodia pegar
à tal hijo detal madre,
y atal hija detal padre</p> <p style="text-align: center;">Del hijo.</p> <p>4. H A el della sepego
Carne p^a se abaxar
porque el mas baxo lugar
ella perasi tomo.</p> <p>8. Oy nascio
tan chiquito, y no curo
dela alteza
Q̃ por su naturaleza
desupadre heredo.</p> <p>13. H Daqui vino
Q̃ con grāde desatino
del amor dela baxeza
oy apoca su grandeza
pormostrarnos el camino
dela humildad y pobreza.</p> | <p>19. Oy niñjto
le uemos tan pequenito
Q̃ se buelue en una faja
y duerme en pesebre y paja
y despues mui mas chiquito
Estara en una migaja</p> <p>25. # Ella chica
tan humilde y pobrezica
puso al hijo en tal andar
Q̃ se quiesese estrechar,
y en una sola gotica
de vino todo en cerrar</p> <p>31. Que mas sepudo apretar
el uerbo del sumo padre?
Juzga, si sabes juzgar
Q̃ sepodia pegar
atal hijo detal madre</p> |
|--|--|



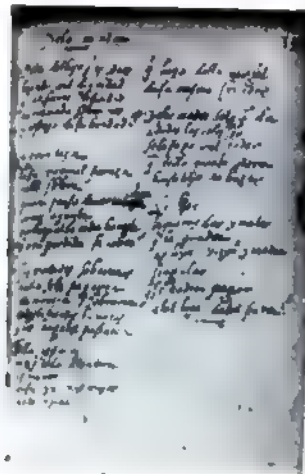
p. 38v

36. Esta del hijo q̃ es Dios
heredo tal dignidad
q̃ es fuente depiedad
derramada sobre nos
y espejo desu bondad.
41. La grandeza
desu Virginal pureza
todo sobra
quien penso deuertal obra⁽²⁾
como aquesta
porlaqual la uida honesta
q̃ era perdida se cobra?
48. sus virtudes soberanas
a ella se le pegaron
de manera q̃ sobraron
todas lasuerças humanas
y los angeles pasaron.
53. Ella espura
mas q̃ toda criatura
es menor
ensus ojos, mas major
ante aquel

q̃ hizo della uergel
desu mismo Criador

39

60. # Deser madre del q̃ da
a todas las cosas ser
se le pego tal poder
q̃ todo quanto querra
hasu hijo de hazer.
65. Si loor⁽³⁾
le quereis dar y ualor
q̃ le quadre,
es hija, Virgẽ, y madre
singular,
70. q̃ se podia pegar
atal hija detal padre?

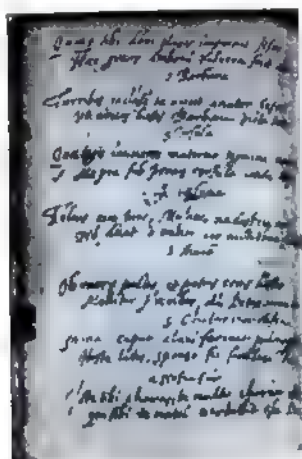


p. 30

(2) — Emenda (obra) sobre, riscado, cosa.
(3) — Emenda (o-) sobre borrão (o-).

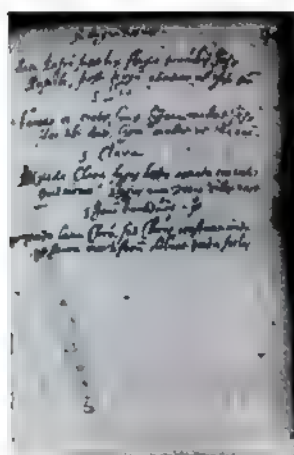
f. Fr^{co}

1. Quam tibi dñus plagas impressit Iesus
Hæc grauis amborū vulnera fecit amor
f. Barbara
3. Turribus inclusā te uincit amator Iesus.
Vt uincas hostes Barbara victa tuos.
f. Vrsula
5. Quæ tegis inumeros materno tegmine natos
(2) Me pia sub pennis Vrsula conde tujs
X in Cruce
7. Filius ecce tuus, Mulier, ne despice natū
Nō decet ò mulier cor muliebre furor
f. steuaō
9. Obrueris pectus & petris eruis hostes
Mollitur precibus dū Petra uiua tuis
f. Chatarina desena
11. spina caput, clauī feriunt palmas & pedes &
Hasta latus, sponso sic simile tuo.
a Nofsasār
13. Jste tibi charus, tu multo charior illi,
qui sibi te matrē, pertuit Iesu, Puer

(1) — II^a, C 1.

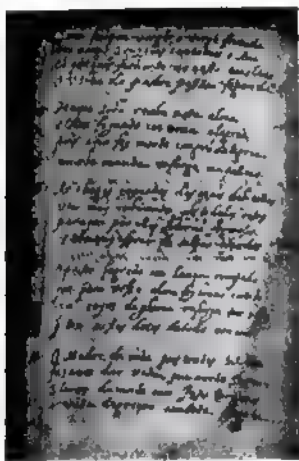
(2) — Lē-se, parece, um -f.

15. Ante Patrē supplex flexo procūbiſ Jēſu
Poplite, poſt tergū condar ut ipſe tuū.
ſ. Lſ^o
17. Ferrea te crateſ, Crux lignea mactat Jēſū
Hæc tibi dat, ligni mactet ut illa neçē.
ſ Clara.
19. Pixide Clara fugaf hoſteſ armata cruentoſ
Quid mirum? ſtygiuſ iam Draco victuſ erat.
ſ. Joaō baptizādo a Ā
21. Vnda laua Chrū, ſed Chrūſ conſecrat undā
Vt ſacra mortiferū diluat vnda ſceluſ.



p. 40

1. # O mãi sempre Virgẽ, o Virgẽ fecunda
Con nouos prazeres cantamos o Aue
Cõ que quis fecharse no uosso conclaue
o Verbo do padre pessoa segunda.
5. # De nouo sorã receba uossa alma
o Aue segundo con noua alegria
pois oque foy morto congrã dalegria
amorte uencida resurge compalma.
9. # As chagas cruentas das mãs delicadas
vem mais rubicundas que todas as rosas
paraque por ellas setornẽ fermosas
as almas q̃ foraõ da culpa afeadas
13. # O peito sagrado con lança rompido
que pera uossa alma foy brauo cutello
com rayos de gloria resurge tam bello
q̃ tem uossas dores detodo uencido
17. # O Madre de uida pois tendes tal dia
fazeinos dar vida, que mortos Jazemos
e liures da morte com Jesu tornemos
ãvida degraça com toda alegria.



p. 40v

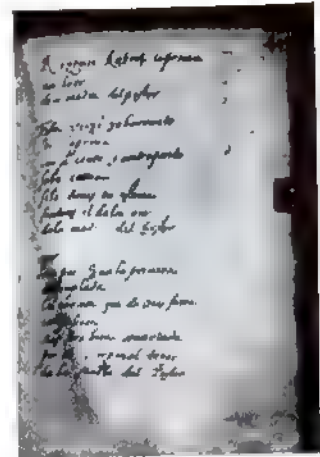
(1) — II^a, A 8.

Rezemos Ruben⁽²⁾ laprima
en loor.
dela madre delpastor.

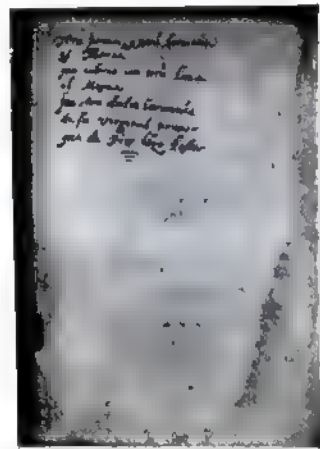
4. Esta Virgē yo barrunto
fer laprima
con q̃l canto y contrapunto
fube acima
sila tienes en estima
sentiras el dulce amor
dela madre del pastor.

11. Ee por Eua la primera
destemplada
la cancion que de Dios fuera
compasada
Mas fera bien concertada
por el Virginal tenor
de la Madre del Pastor.

18. Nra prima, y Nra hermana
es Maria
que cubrio con nra lana
al Mexia
fue tan dulce larmonia
desu Virginal primor
que de Dios hizo Pastor.



p. 41

41v⁽³⁾

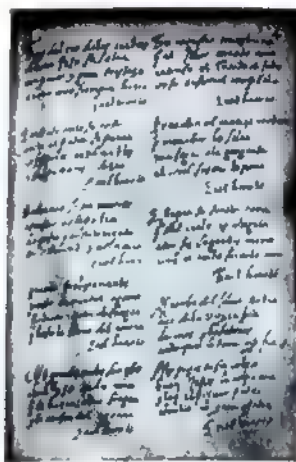
p. 41v

(1) — II^a, B 16.

(2) — O -n é um -m cortado.

(3) — O resto da página está em branco.

1. Tras del rio delos ciedros
el buen Jesu se salia
compauor y gran tristeza
aorar como siempre hazia
Enel huerto.
6. Prostrado ante su rostro
ante el padre seponia
cō suspiros entrñables
estas palabras dizia
Enel huerto
11. Padremio si mi muerte
escusar no sepodia
hagase perfectamente
tu voluntad, y nola mia
enel huerto.
16. Orando prolixamente
puesto en mortal agonia
sudaua gotas de sangre
q̄ hasta la tierra del corria
Enel huerto.
21. Mis grandes males son estos
obuē JESV vida mia
q̄ te hazen sudar sangre
yte causan tal agonia
Enel huerto
26. En angustia tanestraña
q̄ el señor cercado auia
entrafe el Traidor de Judas
con su enfiernal compaña
Enel huerto.
31. Prenden al manço cordero
q̄ arzebir los salia
Vna foga ala garganta
el cruel fayon le ponía
Enel huerto.
36. Escupen su sancta cara
q̄ del cielo es alegria
atan sus sagradas manos
conq̄ el cielo formado auia
Enel huerto
41. Al uerbo del sūmo padre
hijo dela Virgen pia
de cocef ybofetones
cadaqual le daua a&fia ∞.
49. Afsy pagas tu sin culpa
buen Jesus la culpa mia
y laq̄ el primer padre
cōmitio cō gran ofadia
E nel huerto.

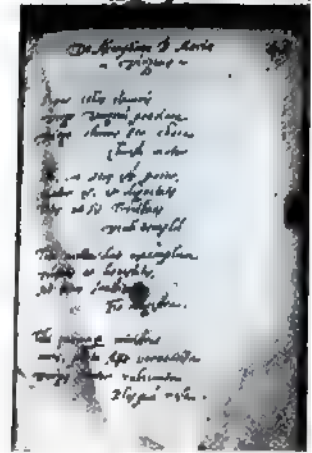


(1) — II^a, B 13. Cf. I^a, XX e IV, (1).

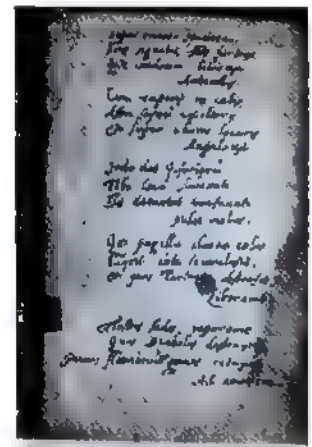
(2) — As pp. 42 v, 43 e 43v estão em branco.

De Assumptione B Mariæ
~ Virginis ~

1. super celos eleuariſ
Virgo Virginū præclara
Virgo clemens Deo chara
Christi mater.
5. Illi, cui Deus est pater,
mater es, & dignitatis
Talis, ut sis Trinitatis
Viuū templū
9. Tibi nulla dat exemplum
Virtutis & honestatis,
sed totius sanctitatis
Es magistra.
13. Tibi quæcunq̃ ministrat
mens, perte fiūt (2) verecunda
Virgo mater rubicunda
Plus quā rosa.
17. super omnes speciosa,
Fons signatus, flos hortor
Quæ candorem lilior
Antecellis.
21. Iam reciperis in celis,
Astra supra (3) exaltaris
& super choros locaris
Angelor
25. Ordo dat Inferiorū
Tibi locū subeunti,
Et decantat transeunti
Dulce melos.
29. Qui pugillo claudit celos
Inquit, inte se conclusit,
et quos Tartarus abstrusit,
Liberavit,
33. Nostras sedes reparavit
Quas Diabolus destruxit,
Genus Hominū (4) reduxit
Ad amorem.



p. 44

44^o

p. 44v

(1) — H^a, C 2.

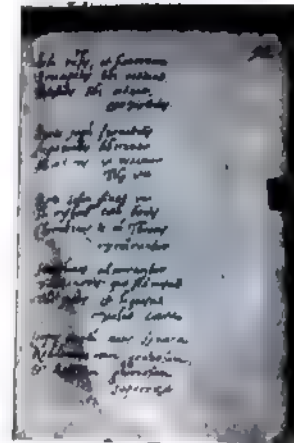
(2) — Emenda (-ū) sobre, riscado, -e.

(3) — Sob supra lê-se super.

(4) — Riscado genus; o Genus inicial foi acrescentado.

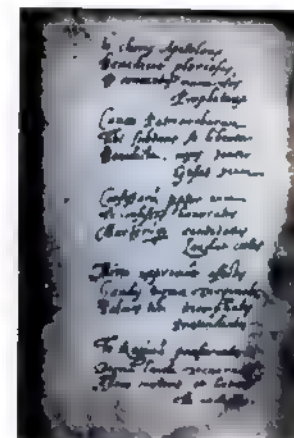
37. Inde trāsis, ꝛ honorem
Principatus tibi reddunt,
Potestates tibi cedunt,
ꝛ virtutes.
41. Perte jugū seruitutis
Deponentes liberamur
Ab infernis, et vocamur
Filij Dei
45. Perte salui fiunt rei,
Et replent' cæli bonis
Cherubines te cū Thronis
Venerantur
49. seraphines ad mirantur
Vim amoris quo flāmescit
Tibi pectus, ꝛ liquefcit
Velut cœra
53. Corpus mundū, mens syncera
Reddunt te tam gratiosam,
ꝛ Reginam gloriosam
superorꝝ
57. Te chorus Apostolorꝝ
Benedicit gloriosus,
et conuentus numerosus
Prophetarꝝ
61. Cuncti Patriarcharum
Tibi subdunt se libenter
Benedicta, cujus venter
Gessit Deum.
65. Confessorū &pter eum
Te confesus honoratus,
Martyrū ꝛ candidatus
Laudat cœtus.
69. Miroꝝ exprimūt affectus
Gaudij turmæ virginales
Palmas tibi triumphales
Prætendentes.
73. Te Reginā præferentes
Digna laude venerant'
Hýnos cantant et lætant'
Te uidendo.

45



p. 45

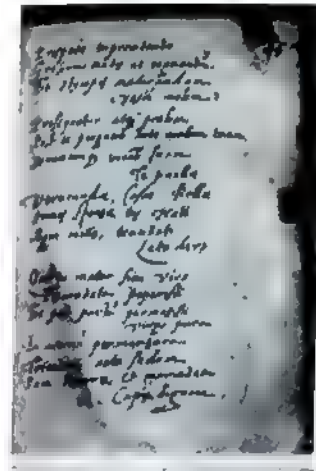
45v



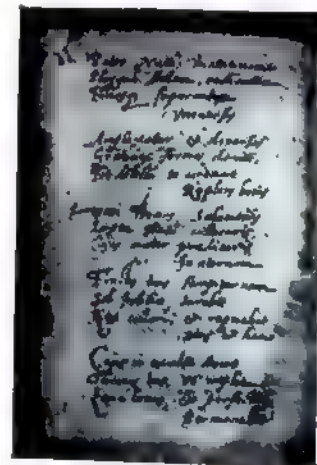
p. 45v

77. Prospere tu procedendo
Gressum tendis ad regnandū,
Et Olympi^(*) moderandum
Vastū molem.
81. Prosequuntur atq̃ prolem
Post te pergunt ante ^(*)tuam.
Dominamq̃ vocāt suam
Te puellæ
85. Verecundæ, Castæ, Bellæ,
Omnes sponsæ tuj Nati
Agni mitis, trucidati
Leto diro
89. Quē tu mater sine viro
Fæcundata peperisti,
Et post partū permāsisti
Virgo pura.
93. In æternū permanfura
Trinitatis ante sedem.
Iam locaris, et mercedem
Capis dignam.
97. Pater Natā, matutinam
Plusquā stellam, radiantem,
Filiæq̃ superantem^(?)
Vniuersas
101. Amplexatur, & diuersas
Gratiasq̃ formas donat,
Et dilectā te coronat
Replens bonis.
h
105. Veri Tronus^(*) salomonis
Iuxta Natū collocaris,
Cujus mater prædicaris
In æternum
109. Fructus tuus sempiternum
sol Justitiæ durabit
Rex cœlorū, et regnabit
Deus & homo
113. Cujus in excelsa domo
Thronus tuus, vt impleta
Luna lucens, & perfecta
Permanebit

(*) — Sob o -i lê-se -u
(*) — Ruscado molem.
(?) — Sob o -m lê-se -f.
(*) — Emenda (h).



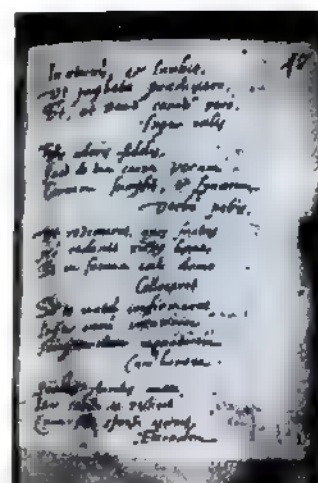
p. 46



p. 46v

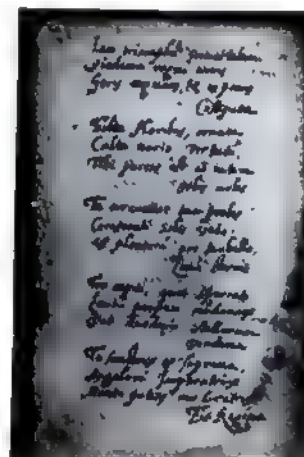
117. In æternū, & lucebit,
Vt prophetæ prædixere,
Et, ut David canit vere
super cœlis
121. Testis aderis fidelis.
Quod de tua carne veram
Carnem sumpsit, & synceram
Verbū patris,
125. Vt redimeret, quos fratris
Nō redemit virtus homo,
Et in summa cœli domo
Collocaret
129. Et te matrē confirmaret
super omnē creaturam
sempiterno^(*) regnaturam
Cum honore.
133. sanctus spiritus amore
Iam cœlesti te vestiuit.
Quam sibi sponsā ascivit
Æternalem.
137. Iam triumphū Immortalem
Diadema regni comis
Geris regnans, & es pomis
Costipata
141. Fulta floribus, ornata
Cultu uario virtutū,
Tibi parens est ad nutum
Orbis moles
145. Te circumdat tua proles
Coruscanti solis velo,
& plantarū pro scabello,
Lunā sternit
149. Tuo capiti, quod spernit
Laudū pompam mūdanas.
Dat duodecim stellarum
Diadema.
153. Tu sanctorū es suprema,
Angelorū Imperatrix
Mundi potens moderatrix
Et Regina.

47



p. 47

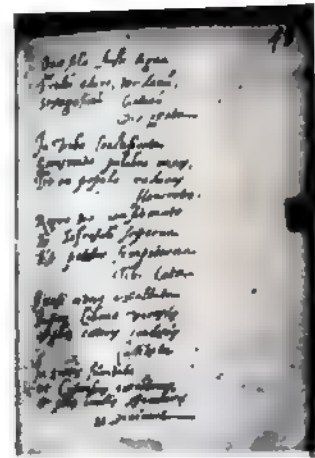
47v



p. 47v

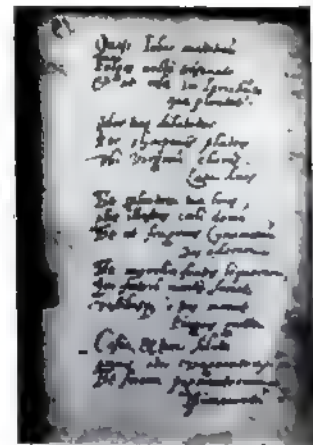
(*) — Emenda (o) sôbre, riscado, -am.

157. Quæ sola fuisti digna
Fructū edere, ter denū,
sexagesimū, Centenū
Deo grata.
161. In Vrbe sanctificata
Quiescendo pulchra micat,
Vt in populo radicas
Honorato.
165. Regno tuo confirmato
In Ierusalē⁽¹⁰⁾ superna
Est potestas sempiterna
Tibi data
169. Quasi cedrus exaltata
super Libano virescis
& plus cœteris candescis
Castitate
173. In sionis sūmitate
vt Cypressus exaltaris,
& plus cunctis specularis,
Os Diuinum.
177. Quasi Iubar matutinū
Fulges nocte trāseunte,
& ut rosæ, in Ierichūte
Quæ plantāt'.
181. Odor tuus dilatatur
Per olympicas plateas,
Vbi Virginū chore²s⁽¹¹⁾
Læta ducis.
185. Et splendore tuæ lucis
plus illustras cœli domū
Et ut fragrans Cynamomū
Das odorem.
189. Et myrrhæ fundis liquorem,
Qui foetorē mentis sanat,
vestibūq; è tuis manat
Pinguis gutta,
193. Casia, & tura soluta,
Omnis odor vnguentorū
Et suauis pigmentorum
spiramentū.



p. 48

48v



p. 48v

(10) — Riseado um -f- (Ie fr-)

(11) — Emenda (a).

197. Quasi platanus, quæ augmētū
Magnū capit ad de cursū
fata laticum, & sursum
Tollit caput,

49

201. sic tu sublimaris apud
Fontem vitæ copiosum,
& flumen impetuosum
Voluptatis

205. Oleū ꝑ pietatis
Fundis largiter vngendo
Plagas nostras, & medendo
sauciatif.

209. Intercedis propeccatis
Irā Dei mitigando
Peccatores occultando
subter alas.

213. Et lugentū tergis malos,
Mite præbens consolamen,
Nulli denegans Juuamen
Te poscenti.

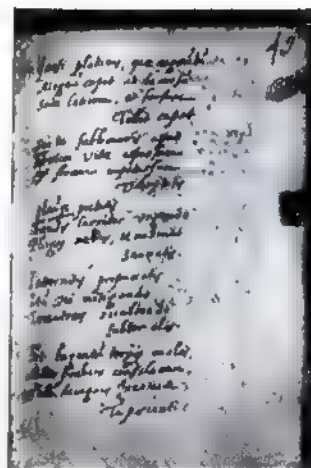
217. Vt oliua, quæ patienti
sita campo dat liquorē,
Qui tristem sanat langorem
Ægrotorū

221. Iure certā Jnsir morū
Te salutē inuocamus,
Et plorantes flagitamus
Desfauorem.

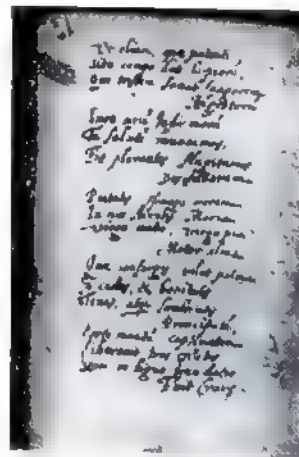
225. Pietatis sparge rorem
In nos steriles Maria
Virgo mitif, Virgo pia
Mater alma

229. Quæ consurgis, velut palma
In cades⁽¹²⁾, & bonitatis
Tenes, atꝑ sanctitatis
Principatū.

233. Perte mundū captiuatum
Liberauit tuus Natus
Dum in ligno trucidatus
Fuit Crucif.



p. 49



p. 49v

(12) — Engano provável (= caelos). Cf. o mesmo vocábulo, quase ilegível, nos VV. 270, 276 e 277

237.

Tu nos regis, tu nos ducis,
'Te sequentes consequent'
Palmam laudis, et fluentur
Verapace.

50

241.

Tetra jacet informis
Caeodemō parte victus
Diris ignibus addictus
Et tormentis

245.

Qui humanæ quondam mentis.
Ut possessor exultabat,
Quam factore consporecabat
Vitiis.

249.

Tu defæce peccatorū
Mentes purgas et Draconē
Calcas pedibus, Leonem
Comprimento

253.

Ne quos quærit, rugiendo
Labe culpæ reddat fontes
In torrentes Phlegetontis
Flāmas mittens.

257.

Tu Virtute Nati nitens
Bellū geris, et reportas
Victtricem palmam, & portas
Cœli pandis,

50v

261.

& tu ipsa miserandis
Cœli patens es fenestra,
Tui Nati mors sequestra
Quos redemit

265.

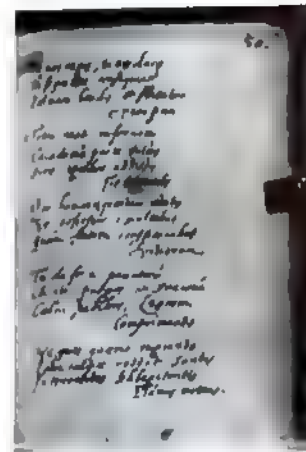
Qua morte mortē peremit
& Infernū spoliauit
Victus vicit, triumphauit
Triumphatus.

269.

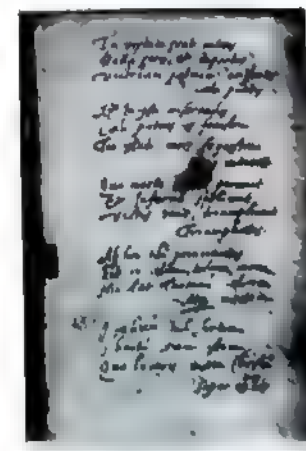
Ab hoc tibi principatus
Fit in cælum, terram, mare,
Hic dat Tartarū calcare
Atq; mortem

273.

O felicem tuā sortem
O beatū Diem istum,
Quo locaris iuxta Christū
super cælos.



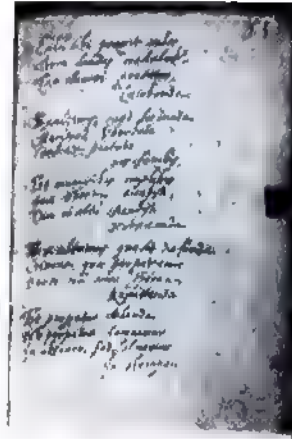
p. 50



p. 50v

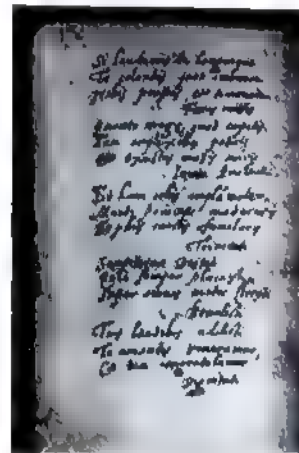
277. Cælū tibi pangit melos,
Terra laudes modulat',
Tuo decori gratatur
Lætabunda.
281. Exultamus, quod fœcunda
Meritorū vbertate
Consuetā pietate
nos fouebis,
285. Et muneribus implebis
Quæ vbertim accepisti,
Cum in altū ascendisti
Nobis danda
289. Exultamus quod⁽¹³⁾ nefanda
Crimina, quæ perpetramus,
per te mi nunc speramus
Remittenda,
293. Et perpetuo delenda,
Ne perpetuo damnemur
In obscuro, sed saluemur
In Olympo.
297. si laudemus de longinquo
Te colentes, quod amorem
Nobis præstas, et timorem
Foras mittis
301. Quanto magis, quod cupitis
Iam amplexibus potiris
et exultas modis miris
Iuxta Prolem,
305. Et hanc orbis amplā molem
Mundi princeps moderaris.
Et plus cunctis famularis
Trinitati.
309. sempiternæ Deitati
Quia semper placuisti
super omnes mater Christi
Benedicti
313. Tuis laudibus addicti
Te amantes veneramur,
✠ tuæ congratulamur
Dignitati

51



p. 51

51v



p. 51v

(13) — Riscada uma última letra, ilegível.

317. Infinitæ Bonitati
Grates ferimus, quod qualem
Tefecit, nec fecit talem
Nec creabit.

52

321. Ergo pete Natū, dabit
Matri dona supplicanti
Quæ te turmæ postulanti
Largiaris.

325. Quem muneribus ditaris
Nemo faciet egenum
Fac, ut numerum septenum
Consequamur.

329. Vt per illū mereamur
Tuo Nato famulari,
et à sordibus mūdori⁽¹⁾
Peccatorum

333. Leua mentes ad Cœlorū
Vitam semper contemplādā
Et perennē exoptandam
Voluptatem.

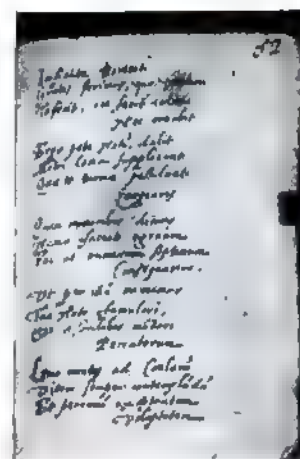
337. Fac, beatā Trinitatē
Vt credentes cognoscamus,
& noscentes diligamus
Corde puro

341. Vt in seculo futuro
Videamus Claritatem,
et Diuinæ puritatem
Faciei

345. O Maria lux Diei
Rosa vernāf, flos rosarū,
Consolatrix animarū
Vis et rosa,

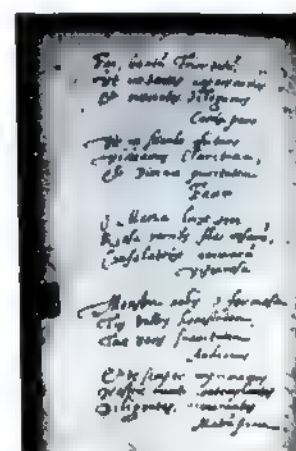
349. Monstra nobis Ò formosa
Tuj vultus honestatem,
Tuæ vocis suauitatem
Audiamus,

353. et te semper imprimamus
Nostræ menti contemplantes
Diligentes, venerantes
Matrē piam.



p. 52

52v



p. 52v

(14)— Engano provável de cópia (= mundari).

357.

Vt post actē vitæ viam
Tecum videamus eum,
Quem Trinū, & vnū Deum
Confitemur.

53

361.

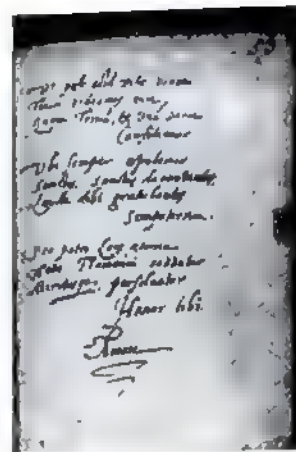
Vbi semper epulemur
sanctus, sanctus decantantes,
Laude tibi gratulantes
sempiterna.

365.

Deo patri Laus æterna,
Nato, Flammini reddatur
Meritus & persoluatur

Honor tibi

Amen



p. 53

XLI (1)

1.

Dialogo de X comp.^o diaz

53v

Petre rogaui & te patrē ut
non deficiat fides tua.

3.

Christo,
P
C.

Pedro di que as perdido?
Lo que luego hallare.
Perdiste quica lasie?

P.

No que con todo sentido
por guardarla trabage.

8.

C

Quien te dio fuerça, y ualor
cō que la se no per diste?

P

Tu señor, que me quisiste
dar tu gracia y fuerte amor
conel qual me preueniste.

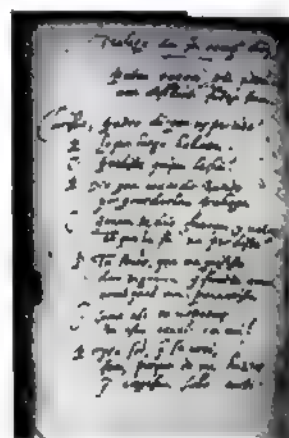
13.

C.

Como asi tu nopodrias
sin esso creer en mi?

P

No sôr, q̃ se crei,
fue, porque tu me hazias
q̃ creyefse solo enti.



p. 53v

(1) — II^a, B 17.

18.

Por que senti nẽ pensar
yo podria cosa buena

54

C.

segũ dizes, es agena
la fe, q̃ te quise dar
debalde cõ mano llena?

23.

P.

Confieso q̃ tuia es,
y desfa uerdad no huyo,

mas yo te pregunto, cuyo
es loque me das, despues
q̃ hazes mio lo tuyo?

28.

C.

Tuyo es, pues te lo doy,
mas dime tu cuyo eres?

P.

Pues q̃ todo dar mequeres
sin duda q̃ tuyo soy
con todo quanto me deres.

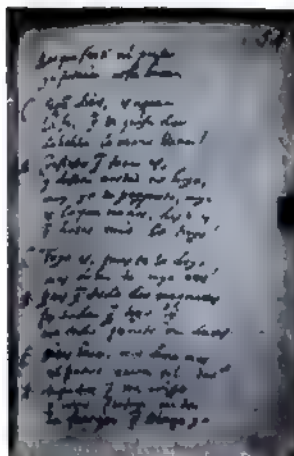
33.

C.

Dizes bien, mas dime mas
elpedro quien telo dio?

P.

tupoder q̃ me crio⁽²⁾
y como piedra me da
la fuerza q̃ tiengo yo.

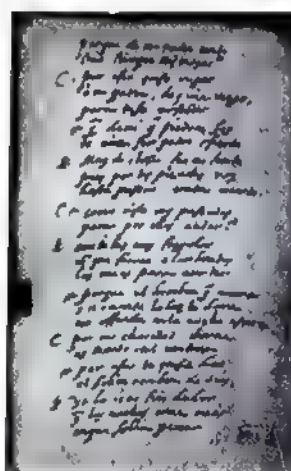


p. 54

(2) — Riscado, depois do -r-, um -p- (erigo).

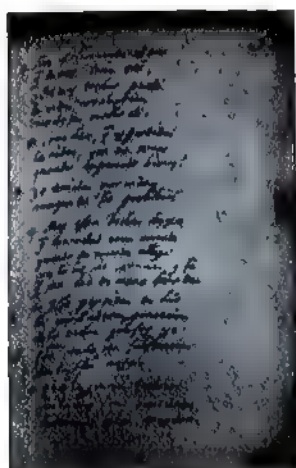
38. porque de mi nada tengo
fino siempre desfajar
- C. por esso quiso rogar
à mi padre, de quien uengo,
para tu fe nofaltar
43. H. ã demi ã piedra foy
te uiene fer pedro fuerte
- P. Muy di chofa fue mi suerte
pues por tus pizadas voy
hasta pafsar cruda muerte.
48. C. H. Como uiste mis pafsadas
para por ellas andar?
- P. Con tu luz muy fingular
cõ que fueron alumbradas
las mias para acertar
53. H. porque el hombre ã camina
Enquanto la luz le dura
no offende enla noche efcura,
- C. por mi charidad diuina
as tenido tal uentura
58. H. por esso te quise dar
el fobre nombre de dias,
- P. Yo lo creo fin dudar
ã las noches eran mias
enque folia peccar.

54r

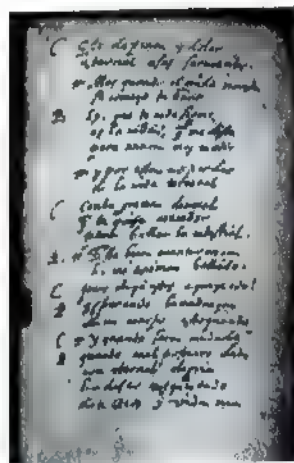


p 54v

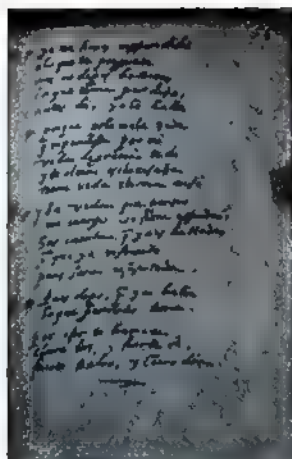
63. H Mas es clarescendo el dia
 q̃ tu eres, vime ami,
 y sin mas tardar perdi
 la uida con alegria
 viendote morir ati.
68. C H Como dizes, q̃ es perdida
 la uida, que no tenias,
 quando enpeccado biuias?
- P Yo teniala por uida
 aunque tu lo prohibias.
73. H Mas essa vida dexe
 q̃ deuerdad era muerte
 quando tu muerte mire
 con la luz de gracia y fe
 q̃ me dio tu mano fuerte
78. C H Essta perdida te dio
 la uerdadera ganancia
 dela vida que soy yo.
- P. s̃or toda mi substancia
 de tuspũ nascio.
83. H Qu'es la gracia Interior
 que lo mas son accidentes
 del mundo falso traydor.



- 55v
- C
Ejse dapena y dolor
Eternal asus feruientes.
88. H Mas quando al mudo moriste
se comego tu biuir
- P.
sy, que tu uida seguir
es la uida, q me diste
para nunca mas morir
92. y por esta noperder
di la uida terrenal
- C
Conla gracia diuinal
q te quise conceder
pera hallar la celestial.
98. P. H Ejsa bien auenturança
ha mi anima hallado.
- C
P
pues dequ' estas aquexado?
Esperando la mudança
de mi cuerpo estoqueado
103. C
P. H Y quando sera mudado?
quando enel postrero dia
con eternal alegria
ha defer resçucitado
deti Dios y vida mia



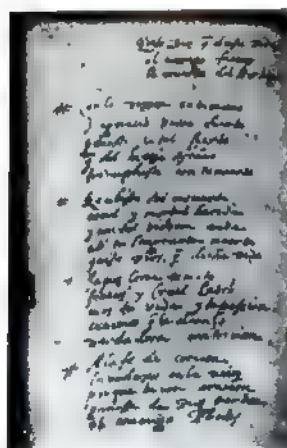
108. C. H ya me tienes respondido
a lo que te pregunte
mas no digas hallare
lo que tenia perdido,
antes di, ya lo halle.
113. H porque pola mala vida
q̃ tuperdiste por mi
vida de gracia te di
y tu alma esclarescida
tiene vida eterna en si
118. P. H y la vida que perdio
mi cuerpo con fiera espada?
- C. Has cuenta, q̃ ya es hallada
y que ya resuscito
pues sera resuscitada.
123. P. H Pues digo, q̃ ya halle
loque perdido tenia.
- C. Por eso te llamare
clara luz, y fuerte fe,
fuerte Pedro, y Claro dia.



p. 56

Quiso Dios q̄ diefse vida
al enemigo frances
la muerte del Portuges.

4. # Con la Virgen en tu mano
O' ignacio varon fuerte
peleaste detal fuerte
q̄ del hereje tyrāno
triumphaste con tu muerte.
9. # Recibiste sin mouerte
cruel y mortal herida
y con tal victoria auida
ati tu sangrienta muerte
quiso Dios, q̄ diefse vida.
14. # Jaquez Goria te mato
frances y Cruel Ladrō
mas tu vida y tupañsion
creemos q̄ le alcanço
verdadera contricion.
19. H A la fe de coraçon
se reduxo enla ueiez
porque tu con oracion
ganaste de Dios perdon
al enemigo Fran^ces⁽²⁾



p. 56v

(1) — II^a, B 18.

(2) — Emenda (c)

24.

H Como tenias por guia
a Jesu Crucificado
q̃ à bozes perdonpedia
para el pueblo, q̃ lo auia
enel madero enclauado

57

29.

H Le ruegas muy inflamado
por tu matador frances
El quiere por ti aplacado
q̃ gane uida el culpado
la muerte del portugues.

XLIII (1)

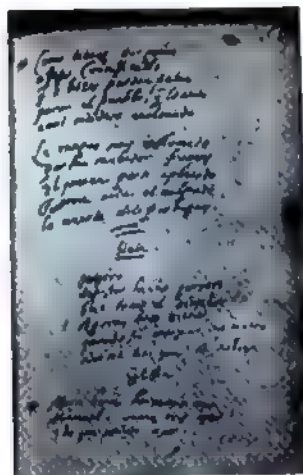
Mote.

Ouejero
depastor hecho gerrero
bien tocas el atambor
† Agora toco mejor
quando fin quexar me muero
con tal fuerza de dolor

Glosa

7.

H Mira bien hermano mio
Manuel, quien eres ayer,
y lo que ueniste a ser



p. 57

1) — 11^o, B 10.

contal honrra y señorio
por el diuinopoder.

57v

12. H fugaria te quiso hazer
buen religioso primero
y enel trāsito postrero
por su martyr te escoger
siendo dantes ouejero.

17. H Fueste oueja, quando entraste
mansamente enel corral
y como limpio Animal
los misterios ruminaste
dela uida perēnal.

22. H Combatiste al enfiernal
y cruento carnicero
con es fuerço mui entero
dela gracia Diuinal
depaſtor hecho gerrero.

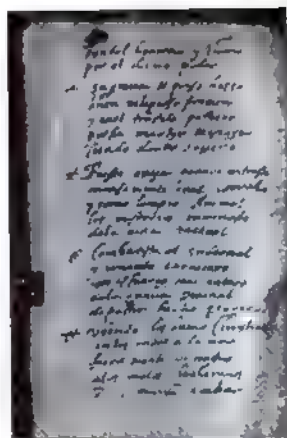
27. H Viendo los buenos Christianos
en las ondas dela mar
fuerte mente con traſtar
alos malos lutheranos
q̄ los quierē acabar.

32. H para mas los eſforçar
en la fe de tuſor
con increjble feruor
no ceſſando de gritar
bien tocas el atambor.

37. H Tocado de Dios toque
lo que el mundo dar podia
y tomando por mi guia
mi paſtor Jeſus entre
enſu ſancta Compañia.

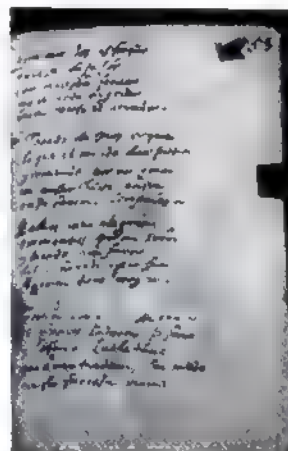
42. Padeci con alegria
tormientos por mi ſeñor
y tocado conſuror
dela hereticapor fia
Agora toco mejor.

47. H Tocome con gran denuedo
el franceſ ladron & fano
y Coſſairo Lutherano
quebrantandome ſin miedo
conſu furioſa mano



p. 57v

58



p. 58

52.

Yo como fiel Christiano
 mas y mas tormentos quiero
 y figo como Cordero
 a Jesus Dios soberano
 quando fin queixar me muero.

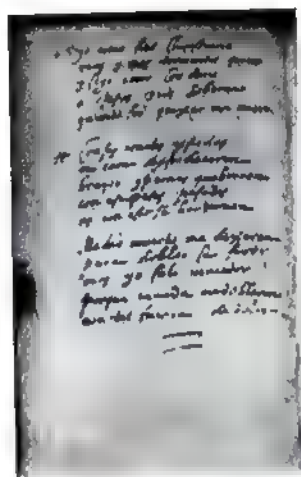
58v⁽²⁾

57.

H Con sus crueles espadas
 mi cara despedaçaron
 braços ypernas quebraron
 con escopetas pesadas
 nj con esto se hartaraon

62.

Medio muerto me dexaron
 para doblar su furor
 mas yo sali uencedor
 porque ennada medoblaron
 con tal fuerça de dolor.



p. 58v

(²) — As pp. 50 e 50v estão em branco.

XLIV ⁽¹⁾

Letra do V. P. † Joseph de Anchieta

60

Iesv f.

Na festa de .f. L^o.

No 2^o acto entraõ tres Diabos
q̃ querem destruir à aldea com
peccados, aos quais resisten
f. L^o e .f. sebastião e
o Anjo da guarda liurãdo
a aldea, e prendendo os Diabos.
Cujos nomes saõ. guaixara,
q̃hee o Rey, Aimbire, e
sarauaya seus criados~

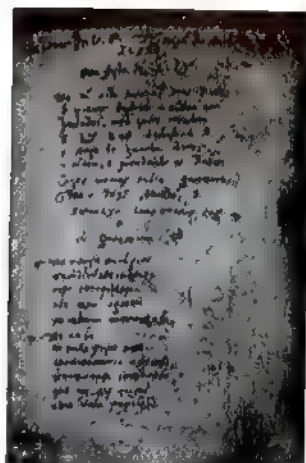
~guaixara.~

21.

F Xe moaju marāgatu
xemoirōetecatuabo
aipo tecopiçaçu.
aba çerã ogoeru
xe retama momoxiabo.

26.

F Xe anho
co taba pupe aico
çerecoaramo uitecobo,
xereco rupi imoingobo,
que çuj aço mamō
amo taba rapecobo.



p. 60

(1) — II^a, E 2^a. Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em E 2^a, onde aparecem numa única peça os n. XLIV, LXV e XLVIII. Para os VV. 1-21, cf. XLVIII e II^a, E 2^a, NI. Parte desta peça repete-se em LX, cf. LX, ⁽¹⁾. Sobre a observação inicial, cf. NP, § 1. Cf. I^a, IV, ⁽¹⁾.

32.

F Aba çerã xe yabe?
 Yxe çerobiaripira,
 xe anhanguçu mixira
 Guaixara çeribae
 quepe imoerapoanimbira.

60v

37.

F Xe reco iporang ete,
 naipotari aba çeitica,
 naipotari aba imombica,
 aipotacatu tenhe
 opabĩ taba mondica.

42.

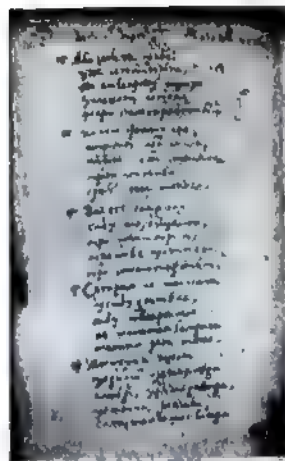
F Bae ete caugoaçu
 caõy moyebiyebira,
 aipo çauçucatupira,
 aipo anhe yamombeu,
 aipo imomorangimbira.

47.

F Çerapoan co moçacara
 ycaõyguaçubae,
 caõy mboapiarete
 ae maramonhangara
 marana pota meme.

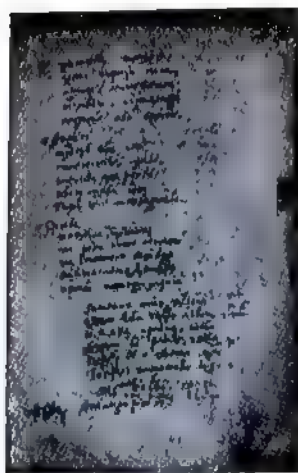
52.

F Moraçeyae ycatu
 yeguaca, yemopirãga
 çamõgi, yetimãguanga,
 yemouna, petimbu,
 caraimonha monhanga.



p. 00v

57. F Yemoirō, morapiti,
you, tapuija rara,
aguaça, moropotara
manhana, çiguaragi
naipotari aba çejara. 61
62. F Angari
ayoçub aba coti,
taxerero biar, uyabo.
Outenhe xe peabo
abare yaba cori
Tupã reco mombeguabo.
68. F Oicobe
xepitiboanamete
xe piri mara tecoara
xe irunamo ocaibæ
tubixacatu Aimbire
apiaba moangaipapara.
- sentase nũa cadeira
evem hũa velha achora=
lo, e elle ajudaa, como
fazem os Jndios, eella
despois de o chorar a=
chando se enganada diz.
- ~ Velha. ~
74. F Ju, Anhangã pico ri !



p. 61

xe moajute inema mā,
xe menduera ipo reĩ
Piracaẽ amirĩ
aeco ixupe biã.

61v

fala cõ elle.

79

F De poxi uj, dereuixo
cori xereminduune,
xenho aupacatune
queiçebe naco airumo
taçone gui, tacaune.

e foge.

chama Gauixara⁽²⁾a
Aimbire, e diz.

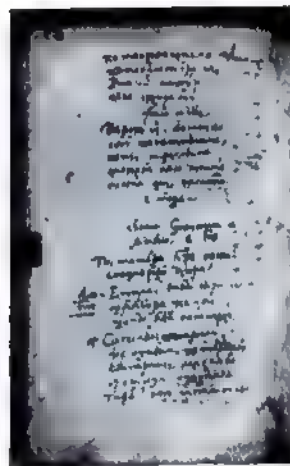
84.

F To, mamõpe ãhe recou?
erequepipo ejupa?

Aim. Erimae taba çupa
bire ybitiripe xe çou
yande boja rerocupa

89

F Çoricatu xerepiaca,
xe ayuban, xemõbitabo
coarapucui ocaguabo
oporaçeya, oyeguaca
Tupã reco momburuabo.

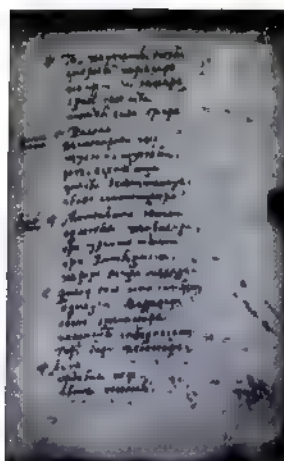


p. 61v

(2) — Engano provável (= Guaiçara).

94. F Te, xe reçemō toriba
ceco pochi repiacape
xe apiçicatu çecoape
opabi teco aiba
mondebi catu opiape.
99. guaix. F Daetee
Deratangatu reçe
uiyecoca, uiyerobia.
jori, eçenoĩ anga
queibo deremimoauye.
abape eremoangaipa?
105. Aimb. F Marataōame tecoara
ogoerobia xenheenga,
opa ypaume ndoara,
opa Paraibiguara.
xepope oanga meenga.
110. F Quciçe raco amo canhemi
ogueijpa Magueape
abare ogoeraçoape.
naçauçubi inheguaçemi
Tupi çupa xerecoape.
115. F Aere
opitabæ reçe
abare recoaubi

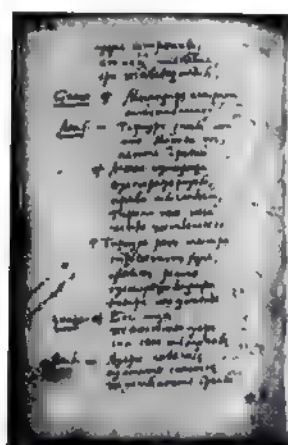
62



p. 62

yque çeru potanhe,
erĩ aani amorābue,
opa xenheengendubi.

121. Guaix. F Moçangape ereipuru
 tureimaõamari?
 Aimb. -- Tapuijpe guaibĩ aru
 amo Maguea çuj,
 aereme aputuu.
126. F Aeraco yangaipa
 Oyemopayepayebo,
 apiaba mboemboebo,
 Tupana reco rejã
 xenho xemõbaetebo.
131. F Tapuijpe poxi mboripa
 tupotareimi ique,
 oporaçei piçare
 oyemopaye angaipa
 tatape oço yanonde.
136. Guaix. F Eri, auye.
 xe mooricatu yepe
 inã teco mõbeguabo.
- Aimb. — Ayepic anhe çece,
 yanama caturire
 xe rembiaramo ipeabo.



p. 62v

142.

F Maene, Tupināba
Paraguaçupe ndaroera,
ytupā ocibae puera
opacatu yamomba
nitibetei çembiroera

63

147.

F Yaupa Moçupiroca,
Yequej, guatapitiba,
Nheterōya, Paraiba
Guayayo, Carijo oca
Pacucaya, Araçatiba.

152.

F Opaumā Tamūya çou
ocaya tatape oupa,
moconho Tupā rauçupa
co taba pupe çecou
oyepiçiro mo ocupa.

157.

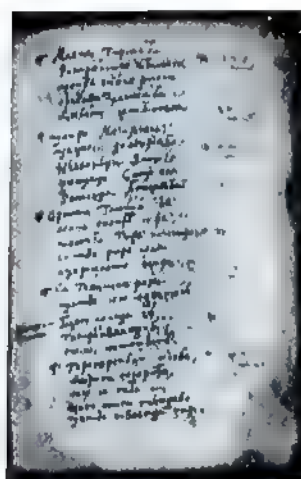
F Co Temimino poxi
yande reco ogoeroirō

guaix.

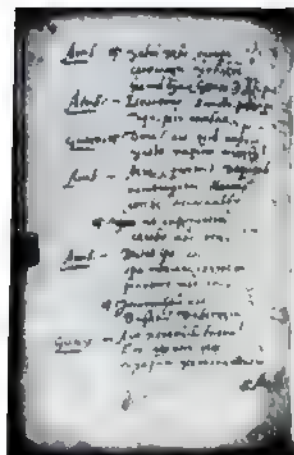
— Ejori çaanga rō
Totupānheengabi,
toeau, tomondarō.

162.

F Toporepenhan oicobo,
toipuru teco poxi,
toço co taba çuj
ejori muru moingobo
yande nheenga rupi.



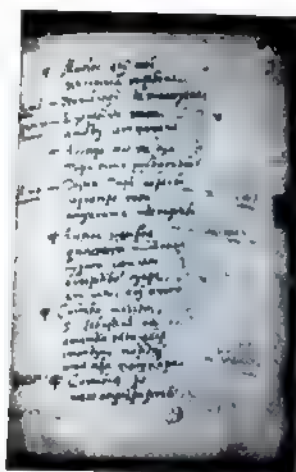
167. Aimb. F Yabai xebo çaanga,
 çerecoara yabaete
 xemôdija (Guaix.) Abapae?
- Aimb. Lourenço sancto poranga
 Tupã piri oicobae.
172. Guaix. F Vmã? aco rorẽ caẽ
 yande rapixa mixira?
- Aimb. Aeco. (guaix.) Deputuẽ
 naçatangatui Maira,
 coribe timocanhẽ.
177. F Yxe ae çapiçaroera
 çecobe abe reçe.
- Aimb. Deitee ipo coi
 opa nderauçuparoera
 piçiromo nde çuj.
182. F Jmaranjrũ abe
 Bastiaõ vuboroera.
- Guaix. — Aco xeremiibõbuera?
 Eri, xe rori çoçe
 toyepun xemaranduera.
- F Mocoibe



p. 63v

187. F Mocoibe ocij cori
xerepiaca rupibene.
- Aimb. — Namoangi, de moauyene.
- guaix. - Eyerobiate xeri
amōdij cori nonene.
192. F Abatepe oico xe oya
Tupā tiruā mōburuabo?
- Aimb. Deitee Tupā depeabo
aepueripe tata
auyerama nderapiabo.
197. F Acepiac erimbae
guaixara maranuçu
ygara çeta catu
ereipitibō yepe
eri aani, ocij muru.
- 202 F Caraiba naçetai,
f. sebastiaō ae
omondic tata çeçe
imondija, nopitai
amo aba maranape.
207. guaix. F Caraibae ipo
noico angaipa piribi.

64



p. 64

auye co Temimino
doguari Tupã reco,
doçauçubi, nomotibi

64v

212.

F Ecoã moxi mboa
yande yuçana pupe,
yanga toa tauye
omonhangara rejã
robia yande reçe.

217.

Aimb.

F Taço çaanga tenhe
eye tipo xe rapiane.

guaix.

— yambe, xe ranhe tacoane,
xe poroitica yabe
apiaba ereçepenhane.

222.

Aimb.

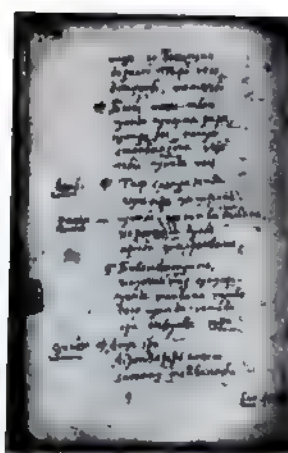
F Enhemboririjume,
tiayecotirüg yayupa.
Yande manhana ranhe
toço yande renõde
opa ocibijnha çupa.

227.

Guaix.

F Auye ipo.
Aiponhepipo ereico
farauay manhanaiba?

Sar.⁽³⁾ Oicobe

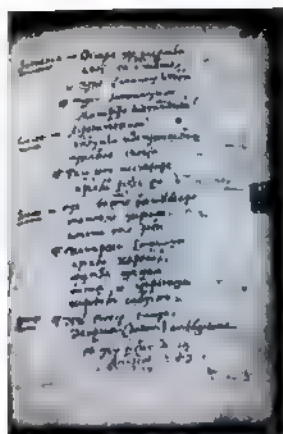


p. 64v

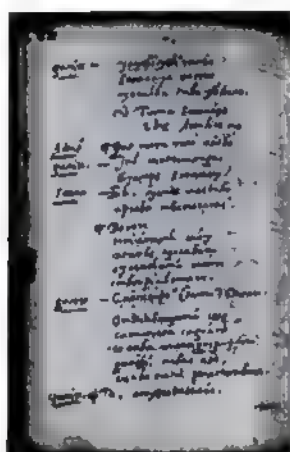
(3) Segue-se em borrão, riscado, um b'

- 65
- farauaya. — Oicobe xe taigaiba
enei taço mamó,
Yxe farauay oriba.
233. F Yxe farauayuçu.
Marapipo moranduba?
- Guaix. — Aipotaretecatu
ocibijnhe nde yxuçuba
yxubire tereju.
238. F Taço cori nderejape
apiaba piçica pa
- farau. — Ye, taçone xemôdoape.
memetixe xepiape
emona teco pota.
243. F Xerapixa farauaya
apiaba xepocua,
çeçe nhe ayecotia
taraço co igaporaya
xepotaba caõy ra.
248. guaix. F Nei tereço tauye,
Deapoan. (farau.) anhãgatune

~ fica paſſeando cõ
Aimbire, e diz ~.



- 65v
- guaix. — yayebe yebi ranhe
 farauaya rurire
 yamõba taba yādune.
- ~ Torna farauaya
 ediz Aimbire ~
253. Aimb. F Que muru ruri obebo?
- guaix. Jrõ niateimangai.
 Erejupe farauay?
- farau. — Eẽ, yande moetebo
 apiaba nhemoçarai.
258. F Derori
 tiniçemumã caõy
 cetanhe, igaçabuçu
 oyoenolumã muru
 imboapiaðamari.
- guaix. — Çaicatupe? (farau.) Çaicatu.
264. F Onheinhangumã çeçe
 cunumieta caguara
 co taba moangaipapara,
 guaibĩ, tuibae abe,
 cunhamucu jmoreimbara.
269. Guaix. F Te, auyecatutenhe.
- tiaço



p. 65v

tiaço begue yapuama
tixapi moxi retama.

66

~ Veni .f. L^{ro} cõ
douf Companheirof
ediz Aimbire ~

Aimb. Que aba recou ãhe
xerenopuapuama.

274.

farau. F Cai, Rorẽ caẽ piã?
— Ae. Bastiaõ abe.

Aimb. — Aepe que amboae?

farau. — Carai bebe çerã
co taba raroanete.

279.

Aimb. F Xe reitic corine mã,
Yabaete çepiaca yxebo.

guaix. — Aanixo? ndepiatã
ejori tixepenhan
imoçiquiyequiyebo.

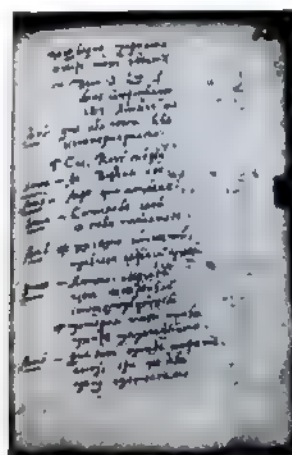
284.

F Yamõgua moxi ruuba
yxupe yayemoitiamo.

Aimb. Que turi yande nupamo
aririj, opa xe uba
xeciç oyemoatamo.

264 deste livro

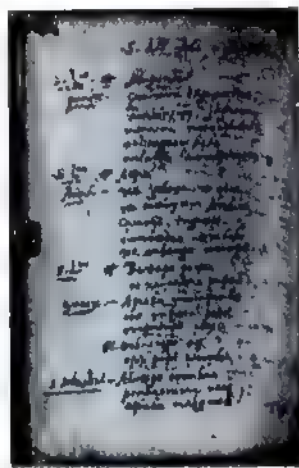
do manuscrito



p. 66

289. f. L⁹⁰
guaix. F Abapende?
guaixara caguara ixe,
boitininguçu, jaguara,
moruara, moroapiara,
andiraguaçu bebe
anhanga morapitiara
295. f. L⁹⁰
Aimb. F Aepico?
Xe giboya, xe coço
xe tamuyucu Aimbire
Çucuriju, taguato
tamandoa atirabebo
xe anhangá morope.
301. f. L⁹⁰
Guaix. F Baetepe peçeca
co xeretama pupe?
— Apiaba rauçupanhe
ore rapiara pota
oreputupa çeçe.
306. F Ombaenipo açe
opia pupe çauçubi.
f. febaftiaõ — Abatepe erimbae
pembraerama reçe
apiaba meçgaubi?

Tupã ae



p. 66v

311.

Guaix.

F Tupã ae
o caraiba pupe
yanga, çete monhãgi.
— Tupã tenipo anhe
çeco te ipoxi ete
çeco ae niporangi.

67

317.

Aimb.

F Yangaipa
Tupã oçauçu pea
çeçe oyerobia bebuya.
— Igaçape caõy tuya
aere yamomota
oyoya guaibĩ recuya.

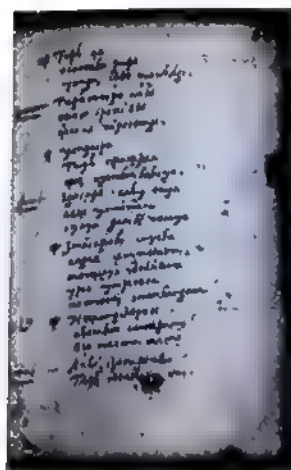
323.

F Imboapiaba cuyaba
angae çemimotara,
moraçeya rerobiara
ypia yaiporaca
nomoetei omonhangara

328. f. L.ºo

Aimb.

F Noçaangitepaco
nhembow coarapucuj?
Oço meemo mamõ.
Anhe, ijurupenho
Tupã rerobiara ruj.



p. 07

333. farau.

F Deitee opia pupe
oyemōgetāgetabo
Tupā mōburucatuabo,
çeça piço aupee
Tupā xerepiaca? oyabo.

67v

~ f. sebastiaõ cõ farau. ~

338. f. feb.

F Guabiru ruã pico?
Conipo çariguey nema?
piçare çerã ereico
arinhama mocanhema,
apiaba mōdiabõ?

343. farau.

F Yanga upota e
piçare naquerāgai.
Auye enheeng farauai.
Xerenoiume yepe
Yxupe, naxejucaj

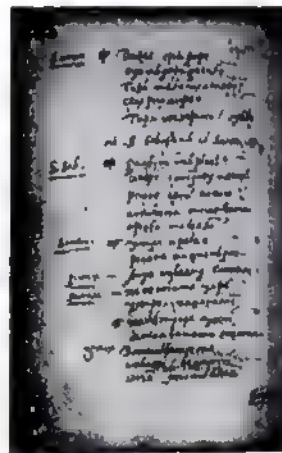
guaix. enheeng?
farau.

348.

goaix.

F Xemiŧeyepe yxui
demanhanamo toicone.
Doromōbeuixone,
enhemĩ dequirirĩ
coriẽ toromōdone.

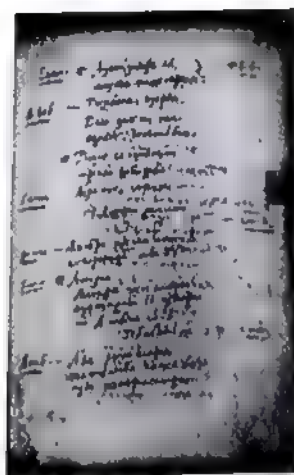
far. Aye



p. 67v

353. farau.
f. seb.
358. farau.
guaix.
363. farau.
- Aimb.
- F Ayemigatupe ca
auyete naxerepiaci.
— Tayibone, eyepea
Ecoa que çuj raa.
oqueri, deremõbaci.
- F Piçare co iquereimi
apiaba pobupobu?
Aipo ere, çupicatu.
- ~ Açoutao guaixara
e diz ~
- Marãpe nderenhemimi?
ereipotape nde u?
- F Acaigua.
Marape xeri erepoa?
ayemingatu co uitupa.
- ~ Aimbire cõ .f.
sebastiaõ ~
- Æhe, pecoa eçapia
xemoanhe co xe boia
yei xerepiacaupa

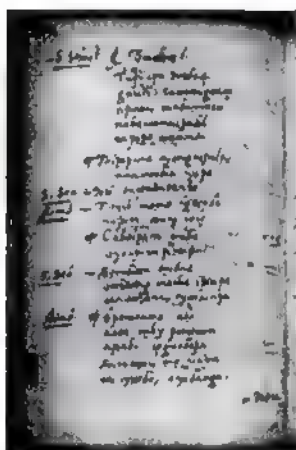
68



p. 63

369.	<u>f. febst.</u> <u>Aimb.</u>	F Vmabac? Tapijara tuibae guaibĩ, cunumiguaçu apiaba, cunhamucu xeboiaramo pabẽ xepope arecocatu.	68v
375.	<u>f. feb.</u> <u>Aimb.</u>	F Taipapane yangaipaba, taxereroibia yepe. — Neĩ taçendutenhe. — Tinicẽ meme igaçaba niapori caõy reçe	
380.	<u>f. feb.</u>	F Çabeipora çuibe oyoapixapixapa. Morubixa tuibae onheeng meme ixupe çenonhena, yacacapa.	
385.	<u>Aimb.</u>	F Oporacacab aba. aete caõy poaitara apiaba çoguabopa. Morubixa, moçacara tei yxebo, oyabanga.	

F Deitee



p. 08v

390.

F Deitee cunumiguaçu
morubixaba oçoguape
oiquebo meme caguape
aepe cunhamucu
repenhana, jpotaçape.

69

395. f. feb.

F Emona çeco çui
aracaya çapcou,
mûdepe iporeraçou.
— Aracayate ombori
oyoya marã çecou

Aimb.

400. f. feb.

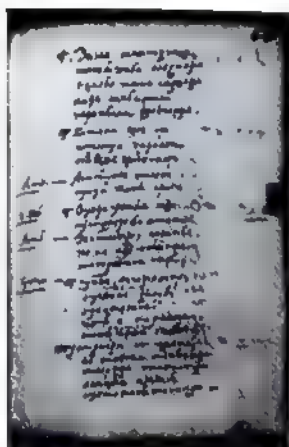
F Oyepe yombe nipo
Yangaipab amomee.
— Namangi, çetanhe
xe ae aporomoingo
moropotara reçe.

Aimb.405. Guaix.

F Yâbe, toropitibone,
oyoaoao guaibî,
oyoamotarei
marã e nopicixone,
marã ejara omboribî.

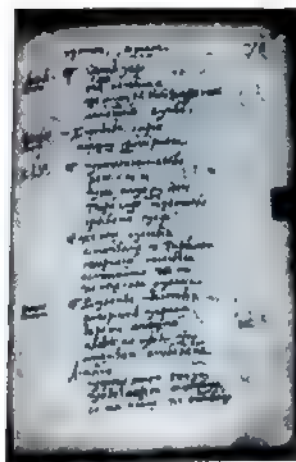
410.

F Yangaipa co quenai
ei moema monhanga
moçanga raaraanga
oauçuba oipotari
oyemomoramoranga.



p. 69

440. Aimb. F Cemō yepe
teō rerobicae
xe angaipatubixagoera
amoçene, eynhe
- Guaix. — Eçendute, çupie
açequij ipoxipuera
446. f. L^{co} F Yamotareimetebo
pereco ai ai
Yxe nayegij ixui
Tupã çupe uiyerurebo
ipitibomo yepi.
451. F Xe reçe oyerobia
oimonhang co Tupã oca
tecopuera recoaboca
oaroanamo xe ra
xe reçe catu oyecoca.
456. guaix. F Eytenhe ndererobia
ereipicirō yepene
depo çui anoçene
abebe co ybitu ya,
anonhan, arobebene
461. F Aimbire
yaraço muru tauye,
yãde roipira moeçaya,
co xe acuçu, xe ranhãya



467. Aimb. - Ye, cobe xepoapē
 Anjo. xe raibucu⁽⁴⁾, xe tiāya.

70v

472. F Napeapiçai yandu
 ico taba apamonana,
 aicobenixe çaroana
 f. sebastião jrū
 f. L^{so} pitiboana.

F Peporeauçu corine,
 pemoirō pay Iesu
 co taba pobu pobu,
 perapi tata endine.

~ fala coos fāctos ~

peĩ peipoa muru.

~ os fāctos prēdē
 os dous Diabos ~

477. Guaix.
 f. L^{so}.

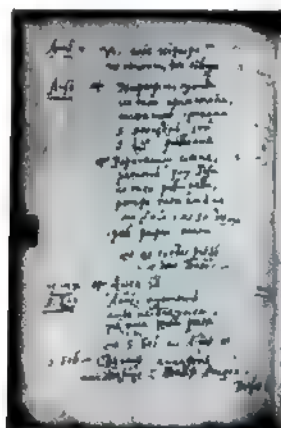
F Auye bō.
 Aani, ayemoirō
 ende ae ereyecoa
 xe roca pobu pota.

~ f. feb. ao Aimb. ~

f. feb.

— De racē, eyeapirō
 oropicjc. (Aimb.) Acaigua.

Presos

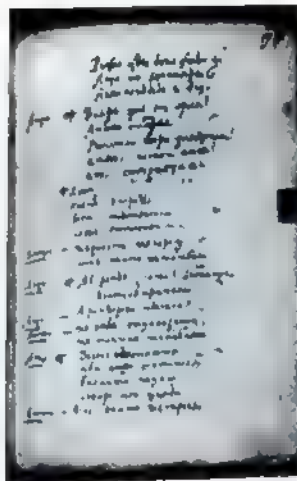


(4) — Borrão antes do -a-.

Preſos eſteſ douſ fala o
Anjo ao ſarauaya, q̃
ficou eſcõdido. e diz.

71

483. Anjo. F Baepe que tuj opica?
 Andira ruãpee.
 Panama, coipo guaiquica?
 enero, cururu açica?
 eri, çarigueya e.
488. F Ejori
 baenê baepoxi
 bora, miaratacaca
 ceboi, tamarutaca
 — Xepoeirai, xeropecij
 auye, teume xemombaca.
494. Anjo. F Abapende? (ſarau.) ſarauaya,
 Ajurujub upiaroera.
 Anjo. Aiponho pipo nderera?
 ſarau. xe abe⁽⁵⁾ tayaçugoaya,
 xe manhana manêbuera,
499. Anjo F Deitee nderuumuçu
 aba anga momoxiabo
 baeuuma tayaçu
 oroapi cori yandu.
 ſarau. Acai, teume xerapiabo.

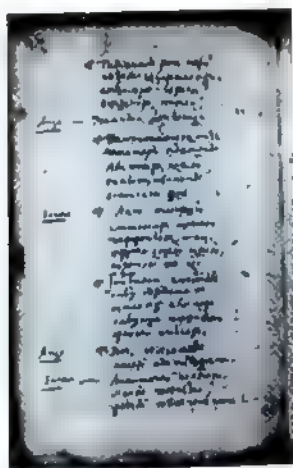


p. 71

(5) — Uma primeira letra (-a) está riscada.

504. Anjo F Tameene pira ruba
endebo uiyepimeenga,
erejuçeipe uipuba?
ercipotape itajuba?
— Nacendubi denheenga
509. F Deremimimbuera anhe,
Vmamepe ndemonda?
Aba rocupe erecoa
tanhemimianonde?
ererureta cerã.
514. farau. F Aani, moçapinho
Caraibocupe uitecobo
xepopenhote araço,
uiporabiquiabo uixobo,
niporibei xe ajo.
519. F Jrũbuera acoeimebe
caõy repirama ri
aimeeng aba çupe
caõyaya uçeya e,
opacatu amboapi.
524. Anjo. F Iori, tereiaceco
farau. taçepe nde mōdagoera.
— Aanumene, açabeipo,
ocaube xeraixo
guaibĩ, mara çerã çera.

F xeribit



p 7lv

529.

F Xeribit denhirõ xebo,
xeraçi, xemaraa
cobe xe rembiareta
tameene amo endebo
yacanga terejoca.

72

534.

Anjo
sarau.

F Eyeroc moxi rece
tandererapoangatu.
— Bipe erebaçẽ xupe?
— Aique nhãibiarapupe
angaipaba aipocoçu.

539.

Anjo
sarau.

F Abarairape uJ
Çe, aba raira ipo.
yijça pucu camo.
amo yaçanguçui
oporaquipue mondo

544.

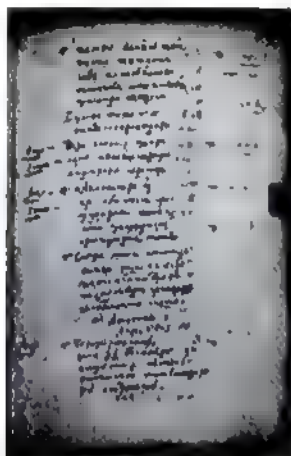
F Cotype muru amoinge
cunha jucai cecoape
xemanhaneimete
naquerangai çecaçape
xerëbiaramo meme.

~ Amarrao o
Anjo, e diz. ~

549.

Anjo

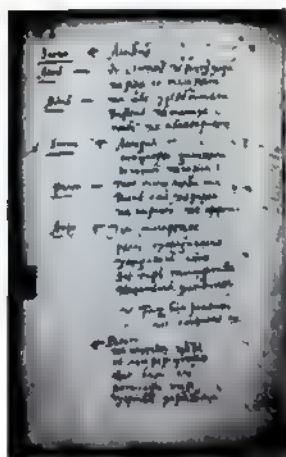
F Depoxipotaraub,
tereço rõ de ratape,
auyerama terejub
morauçuba monhangape.
jrõ, oropocoçub.



p. 72

554. farau. F Aimbire. 72v
Aimb. — Oi (farau) xe picirõ yepe
xe piçic co macaxera
Aimb. — Xe abe ygibõbiruera
Baſtiaõ xemoauye
nitibi xe abaetepuera.
560. farau. F Acaigua
erequepe guaixara
derejuri xerepica?
guaix. — Tete marã eiabo mã
Rorẽ caẽ xepopoa
xe rapiabo xe apipica.
566. Anjo F Jia moçapiribe
pecai oyepeguaçune,
Yangaturã coire
Pai tupã rauçupanhe
Xeremiarõ yandune.
- ~ Faz hũa pratica
aos ouuintes ~
571. F Perori
xe raireta xeri
co aico pepiçiro
aiur ibaca çui
perocibijã rupi
yepinhe pepitibomo.

F Co taba



p. 72v

577.

F Co taba renireme
pepirinhe xe recou
daroiai mamó xegou
taba raroanamohẽ
yande iara xemoingou.

73

582.

F Peyabiõ pay Tupã
caraibebe moingou
ae pemopiatã,
ae co peçumarã
pe anga çuj imõdou

587.

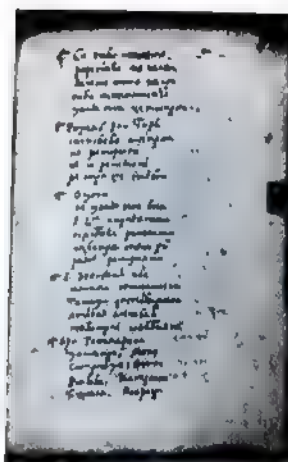
F Oyoya
co yande iara boia
f. I.º angutarama⁽⁶⁾
oçaronhe peretama
anhanga reitica pa
peẽte pemopuama.

593.

F f. sebastiaõ abe
marana rerecoaroera
Tamũya quireibagoera
omõbab erimbae
nitibangai çetãbuera

598.

F Opa Parapucú
Yacutinga, Moroi
Çarigueya, Guiriri
Pindoba, Parigoaçu
Curuça, Miapẽig.



p. 73

(6) — Engano provável (= angaturama).

603.

F Jabebiraçie tapera
aqueime niporetai,
yauye muamaroera,
oyoibiri çombuera
parana ibiri ycoai.

73v

608.

F Çauçupara Aiuruiuba
mocaba ogoeru tenhe
yabaete muru çupe
f. sebastião ruuba
f. L^{co} piribe.

613.

F Memetenipo peanga
amota, iporauçuboca,
coarapucui ipococa,
imoaiçobo, imomoranga
tecopuera recoaboca.

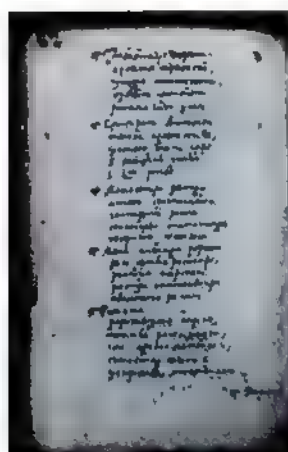
618.

F Mene anhangá popoari
peri çembiapotaçape,
peatôya noipotari,
peanga rauçucatuape
oboiaramo pe rari.

623.

F Peteume
pepoxiramo angire,
tocanhê perecopuera,
cau, águaça nembuera,
temoema, marã e
yoapixaba, maranduera.

F Peçauçu



p. 73v

629.

F Peçauçu pemonhangara,
peimoete Pay Iesu,
çeco angaturangatu
peretama rerecoara
f. L^o anhe oipuru.

74

634.

F Yacear apiabaiba
çecobe abe rapiabo,
çoçang tata porarabo,
omanorire toriba
rerecobo, oputuguabo.

639.

F Peyeauçubuca yxupe,
çauçupa, çeco pota
ipiribe perobia
pererecoara abe
inheenga mopo pa

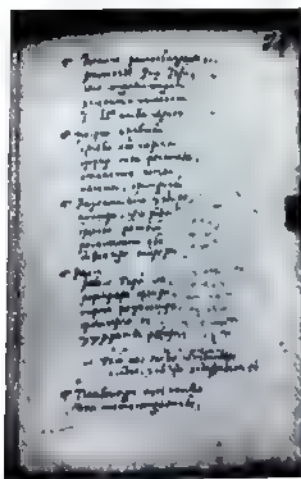
644.

F Pejori
pebaca Tupã coti,
pepiapupe çerupa,
tapeço peyecoçupa
ipotaripira ri
yyipipenhe pejupa.

~ Fala coos fãctos cõuidandoos
acãtar, e cõ isto sedespedem ~

650.

F Tianheenga miri ranhe
ara momorangatuabo,



p. 74

anhanga piçicire
taçaçi muru çupe
taçaçem oyeceguabo.

74v

~ Leuaõ presof of Diabof, of
quaif na vltima repetiçaõ
da câtiga choraõ ~

~ Câtiga polo tom de
Quien tiene vida enel cielo ~

655.

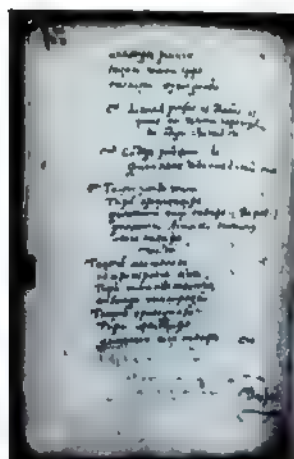
F Taçori yande raira
Tupã opiçironçape
guaixara toço tatape. (Repet.)
guaixara, Aimbire, farauay
toço tatape.

Volta.

661.

F Taçorib oicocatuabo
tecopoxipuera tima,
Tupã mocanhe meima,
anhanga rauçupeabo
Taçorib oputuguabo
Tupã opiçirõçape
guaixara toço tatape ~

Despois.

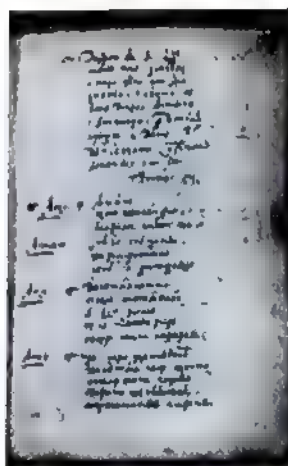


p. 74v

~ Depois de s. L^{co} ~
 morto nas grelhas
 o anjo fica em sua
 guarda, e chama os
 dous Diabos Aimbire
 e sarauaya, q̃ venhaõ
 afogar a Decio, e
 Valeriano, q̃ficaraõ
 sentados en seus
 Thronos ~ .

75

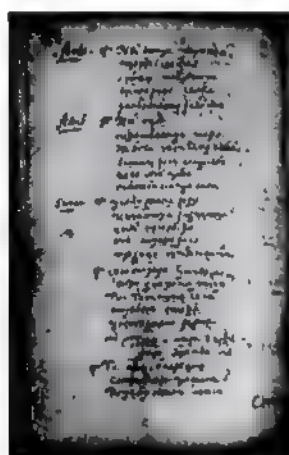
671. Anjo. F Aimbire
 ejori xerobaque,
 deapoan, enhan eju.
 Aimbire. Jrõ be, irõ yandu,
 xe piçicpotaribe
 çerã co guiragoaçu.
677. Anjo. F Derembiamae
 oicobe morubixaba
 s. L^{co} jucare
 tocai nderata pupe
 taçepi muru angaipaba.
682. Aimb. F Ye, aipo xemoitarõ
 xerembia çeçe corine
 araço muru çeçene
 taipuru xenhemoirõ,
 auyeramanhe açapine.



p. 75

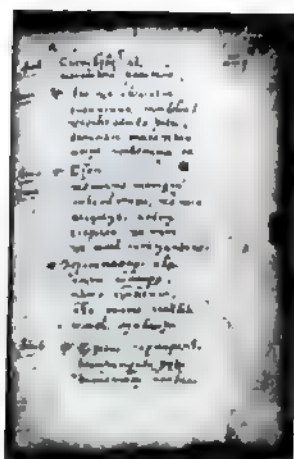
687. Anjo. F Neĩ tauye yayubica,
toçepiac ibeume
coaraçi, neĩ tauye
derata pupe çeitica
penheinhang pabē çeçe
692. Aimb. F Neĩ taço
aiponheenga mopo,
xe boia reinhang etabo.
sarauai jori ecaguabo
aere cori yaço
tubixaba acanga cabo.
698. sarau. F Ycaõygoaçu pipo
xeramūya jaguaruna?
eneĩ taçobeipo,
eri, auyete paco
ayeguac uinhemouna
703. F Çeco auyepe Guaitaca,
coipo guayana raira?
To, Temimino çerā,
auebete taupa
yacareguaçu pepira
- ~ Ve o anjo, e espā=
ta se dizendo ~
708. F To, añe, baepeque
caninde obi yaçoara?
Doyabij muru arara.

Caraib



p. 75v

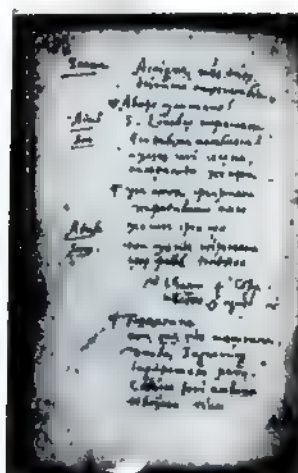
	<u>Aimb.</u>	Caraibebe ac morojubica poaitara.	76
713.	<u>fara.</u>	F Aco xejubicarocera tataurana, tamãdou / xejubic benhe pota, darobiari macaxera, açope uinhemima ca.	
718.	<u>Aimb.</u>	F Ejori Xeçuumo mariguĩ onharõ moxi, xe une aciquiye, arirỹ, eçapiate xe miri xe mocõ cori yandune.	
724.		F Doporomeengi aba oaira cuacupa, aemo ojubic uca, ãhe teume çerobia, cemoẽ oyobaupa.	
729.	<u>Aimb.</u>	F Epita, caguapenho daratangatu pota ! manemuçu ambua	



p. 76

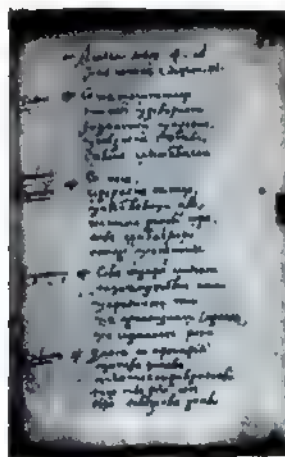
	sarau.	Acaigua, nêi taço deirumo taxerembia.	76v
734.	<u>Aimb.</u> <u>sar.</u>	F Abape yauraene? s. Lourêço rupiaroera Aco tubixa nembuera? ayeroc cori ceçene, tacetacatu xe rera.	
739.	<u>Aimb.</u> <u>sara.</u>	F Yia muru, ipiapuera xepotabamo toico. xe cori ipia çoo. tou yande roapiroera çeçe pabê tiaixoo. ~ chama .4. Cõpa= nheiro s. q̃ ajudê. ~	
744.		F Tataurana eru que nde moçurana. Vrubu, Iaguaruçu ingapemabe peru. Cabure jori enhana tobajara tiaü.	

Acodem



p. 76v

750. Tatau. F Co xe moçuranuçu
tau cori ygibapuera.
Jaguaruçu yugoera.
yacãgoera Vrubu,
Cabure çetimãbuera.
755. Vrubu(?). F Co aico
çigepuera taraço,
ynhiãbebuya abe,
xeraixo guaibĩ çupe,
oube çenhaẽpepo
tomogĩ xerenonde.
761. Iaguaruçu F Cobe ingapẽ coatiara
tayacang mōbuc muru
Yaputuuma tau
xe aguaraguaçu jaguara,
xe inguarete iporu.
766. Cabure F Queice co aporapiti
ajurujuba jucabo
uinhemoerapoãgatuabo
taço nde piri cori
aipo tubixaba guabo.



p. 77

(?) — Sobre *Urubu* lê-se, riscado, *Cabure*.

771. farau.

F Napeandubi, peiaibie
taçoane perenonde
pëmanhanamo ranhe
yacepenhan, yaipiçie
yapiçie eimebe

77v

~ Vaõ todos agachados
p.^a Decio, q̃ estaa
praticando cõ Va-
leriano. ~

Decio.

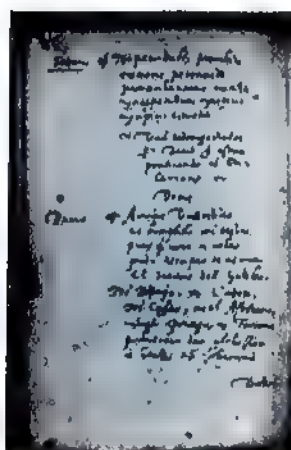
776. Decio

F Amigo Valeriano
es cumplido mi desseo,
pues & arte ni rodeo
pudo escapar de mi mano
el fieruo del Galileo.

781.

F Ni Pöpejo, ni Caton
Ni Cesar, ni el Africano,
ningü Griego, ni Troiano
pudieron dar cõclusion
à hecho tã soberano.

Valeria



p. 77v

786.

Valeriano.

F El remate grã sör
desta tã grãde hazaña
fue mas q̃ vencer España,
nũqua Rey ni emperador
hizo cosa tan estraña.

78

791.

F Mas sör quien es aquel
q̃ alli veo tan armado
cõ espadas y cordel
y cõ gente de tropel,
de q̃ viene acõpañado?

796

Decio

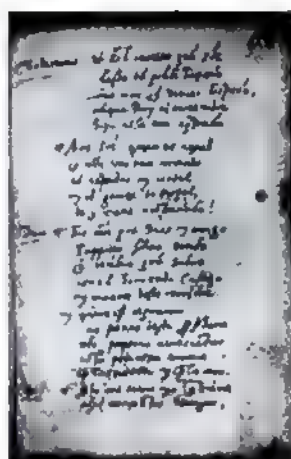
F Es nro grã Dios y amigo
Iuppiter sũmo señor
q̃ recibio grã sabor
conel horrendo Castigo
y muerte deste traidor.

Y quiere & regraciar
las penas deste &phano
nro jimperio acrescētar
cõsu poderosa mano
& la tierra y &larar.

8.

Val.

F Mas me temo yo q̃viene
asus tormētos vengar,



p. 78

y anofotros ahorcar,
O q̄ mala cara tiene,
ya yo comienço à tēblar.

78v

811. Decio.

F Ahorcar?
Quien me puede à mi matar,
o mouer mis fundamētos?
nila furia delos vientos,
ni braueza dela mar,
ni todos los elementos.

817.

No temas, q̄ mi poder,
q̄ los Dioses jmmortales
me quisierō cōceder,
nūqua se podra vencer,
pues no ay fuerças iguales.

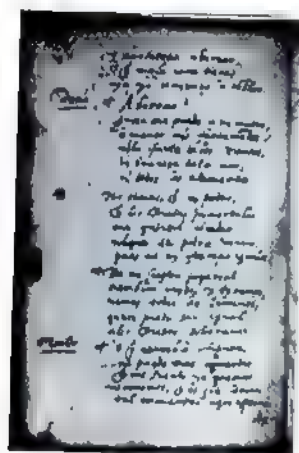
822.

F De mi sceptro imperial,
tiemblan reyes, y tyrānos,
venço todos los humanos,
quasi puedo ser igual
alos Dioses soberanos.

827. Valr.

F O q̄ terrible figura,
no puedo mas aguardar
q̄ me siento ya quemar,
Vamonos, q̄ es grā locura
tal encuentro aqui esperar.

Ay ay



p. 78v

832.

F Ay, ay, q̃ grãdes calores,
no tengo ningũ sociego.

79

Decio

Ay, q̃ terribles dolores
ay, q̃ feruientes ardores,
q̃ me abraſan como fuego.

837.

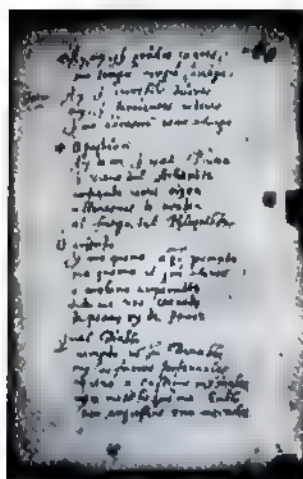
F O paſſion
Ay de mi, q̃ eſ el Pluton
q̃ viene del Acherōte
ardiendo como tizon
a lleuarnos de rondon
al fuego del Phlegetōte.

843.

Ò cuitado
q̃ me quemo. aq̃l quemado
me quema cō grã furor
ò mohino emperador
todo me veo cercado
depenas y de paur.

849.

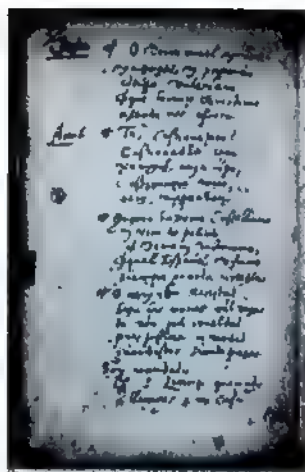
Quel Diablo
armado cōſu venablo
y las furias infernales
viene a caſtigar miſ males
ya no ſe lo que me hablo
con anguſtias tan mortales.



p. 79

855. Vale. F O Decio cruel tyrão
yapagaſ, y pagara
cõtigo Valeriano
&que lorenço chriſtiano
aſſado noſ aſſara.
860. Aimb. F To, Caſſiana pico?
Caſſianañhe gerã.
xerorib, auye nipo,
Caſſianamo taico,
aere taçepenhan
865. F Quiero hazerme Caſtellano
y vſar de policia
cõ Decio y Valeriano,
& quel Eſpañol vſano
ſiempre guarda cortezia.
870. O muj alta Majestad
bezo laſ manoſ mil vezeſ,
de Vra grã crueldad,
pueſ juſticia ni verdad
guardaſteſ ſiendo juezeſ.
875. ſoy mandado
& .ſ. Lorenço quemado
a lleuaroſ a mi caſa

Dõde



p. 79v

donde sea cōfirmado
Vrō jmperial estado
en fuego, q̄ siempre abraça

80

881.

F Ò q̄ thronos, y q̄ camas
os tengo ya aparejadas
en mis escuras moradas
de biuas y eternas llamas
sin nūqua ser apagadas.

886.

Vale.
Aimb.

F Che, acay.
Venistes del Paraguai
q̄ hablais en Carijo?
todas las lenguas se yo
Eçepenhan farauay,
co ndemōboitaba, co.

892.

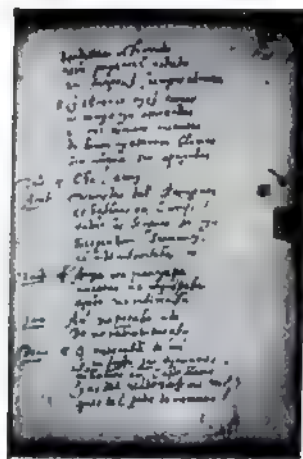
Vale.
fara.

F Auye xe juca yepe
naçetai xe angaipaba
ejate xe rubixaba.
Aã xepotaba nde
De xerēbiapotaçaba

897.

Decio

F O miserable de mi
q̄ ni basta ser tyranno,
ni hablar en Castellano.
q̄ es del mado en q̄ me vi?
ques del poder de mimano?



p. 80

902.

Aimb.

F Iesu grã Dios soberano
 q̃ tu traidor perseguiste,
 te dara suerte mui triste,
 entregandote en mi mano
 a quien maluado serviiste

80v

907.

F Pues me hōrraste
y siempre me cōtēntaste
offendiendo a Dios eterno,
es justo. q̄ enel jnfierno
palacio, q̄tāto amaste
no sientas mal el jnvierno.

913.

F Porq el odio jnueterado
detu duro coraçon
no puede ser ablandado,
fino fuere martillado
con agua del Phlegeton.

918.

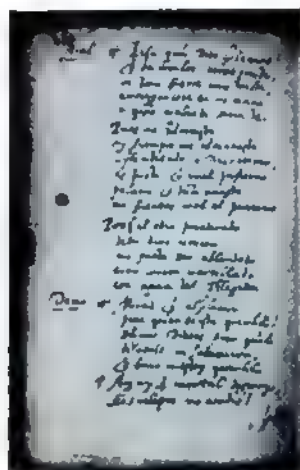
Decio

F Mirad q̄ cōsolacion
para quien se esta quemãdo!
sũmos Dioses para quãdo
dilatais mi saluacion,
q̄ biuo meſtoy quemãdo.

925.

F Ay, ay, q̄ mortal desmayo,
Esculapio no acudiſ?

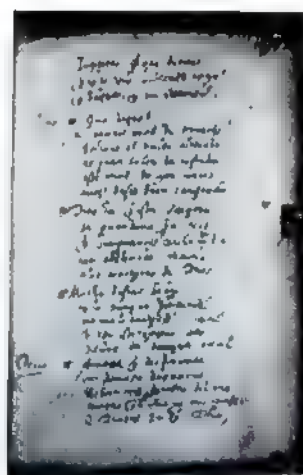
Juppiter



p. 80v

Iuppiter, & que dormis?
 q̃ es de Ṽro ardiente rayo?
 q̃ hazeis, q̃ no venis?

928. Aimb. F Que dezis?
 teneis mal de prioris?
 halloos el pulso alterado.
 es gran dolor de costado
 este mal de que moris,
 aueis desfer bien sangrado.
934. F Dias ha, q̃ esta sangria
 se guardaua p^a vos
 q̃ sangrauais noche y dia
 con obstinada porfia
 alos martyres de Dios.
939. F Mucho desseo beber
 Ṽra sangre imperial,
 no melo tengais a mal,
 q̃ con esto quiero ser
 hõbre de sangre real.
944. Decio F Acatad, q̃ disparate,
 y donoso desuario.
 echen me dentro dũ rio
 antes q̃l fuego me mate
 O Dioses en q̃ cõfio,



949.

F No quereis
 socorrerme, o no podeis?
 O malditos fementidos
 malos, y desconoscidos
 q̃ tan poco os cōdoleis
 de quien fuistes tan seruidos.

81v

955.

F si pudiefse dar vn buelo
 yo os jria a derrocar
 delos thronos desse cielo,
 y fer me ya grã cōsuelo
 en los fuegos os lançar.

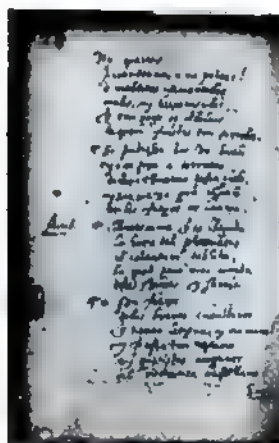
960.

Aimb.

F Parefceme q̃ es llegada
 la hora del phrenesij
 cō calentura doblada,
 la qual fera mal curada
 delos Dioses q̃seruis.

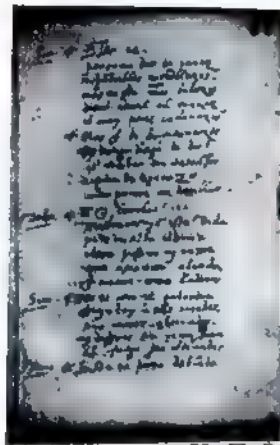
965.

F son fieros
 delos brauos caualleros
 q̃ tienen lengua, y no mano
 y & esso tan ufano
 oy quisistes acogeros
 al romance castellano.

fara

p. 81v

971.	<u>far.</u>	F	Esso es. pensaua dar de reuez espâtables cuchillazos mas en fin nros balazos dierõ conel al trauez cõ muy pocos cañonazos.	82
977.		F	Mas q̃ de bofetonazos les tengo luego de dar ! los tristes sin descãsar a poder de tizonazos como perros an daullar.	
982.	<u>Valer.</u>	F	O q̃ herida ! Arrãcame ya esta vida pues mi alta cõdicion cõtra justicia y razon vino a ser tan abatida, q̃ muero como ladron.	
988.	<u>sara.</u>	F	No es otro el galardõ q̃ yo doy à mis criados, fino morir ahorcados, y despues sin remission al fuego ser cõdenados.	
993.	<u>Decio</u>	F	Efsa es pena doblada	



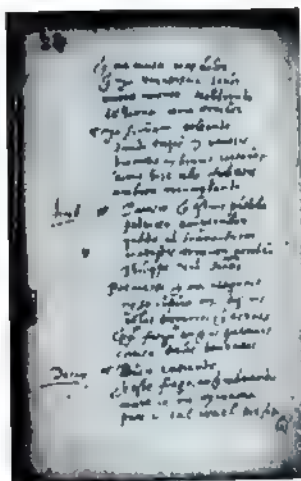
p. 82

q̄ me causa mas dolor
q̄ yo vniuersal señor
muera muerte deshōrrada
dehorca como traidor.

82v

998. F Ya si fuera peleando
dando tajos y reuezes
piernas y brazos cortado,
como hize alos frãceses
acabara triumphando.
1003. Aimb. F Parece q̄ estais pēsado
poderoso emperador
quãdo cō brauo furor
matastes traicion armado
Philippe vrō señor.
1008. F Por cierto q̄ me alegrais
y se cūplen mis desseos
cōlos desgarras q̄ echais
&q̄l fuego en q̄ os quemais
causa tales deuanes.
1013. Decio F Bien entiendo
q̄ este fuego, en q̄ mēciendo
merefce mi tyrannia
pues cō tal cruel porfia

los ch.



p 82v

los christianos persiguiendo
cōfuego los destruya.

83

1019.

F

Mas q̄ yo en mi monarchia
acabe cō tal pregon
muriendo como ladron,
es muj terrible agonía
y doblada cōfusión.

1024.

Aimb.

F

Como, pedis cōfession!
pretendeis bolar sin alas,
si, q̄ vrās obras malas
merecen auer perdon
pedildo ala Diosa Pallas.

1029.

F

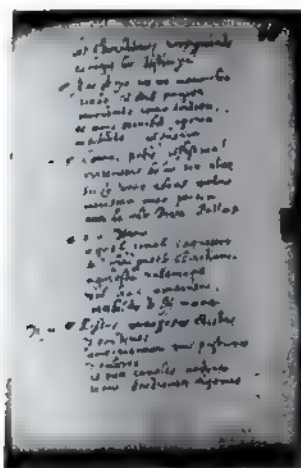
O a Nero
aquel cruel carnicero
del fiel pueblo christiano.
aqui esta Valeriano
vro leal compañero,
recebildo de su mano.

1035.

Decio

F

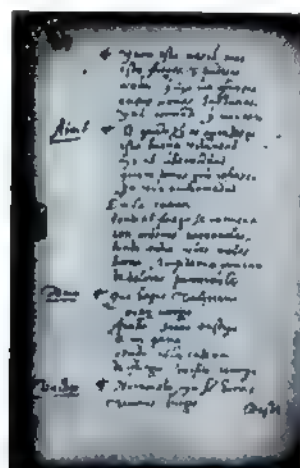
Esos amargosos chistes
y baldones
acrescientan mis pasiones
y dolores
cō tan crueles ardores
como dardientes tizones



p. 83

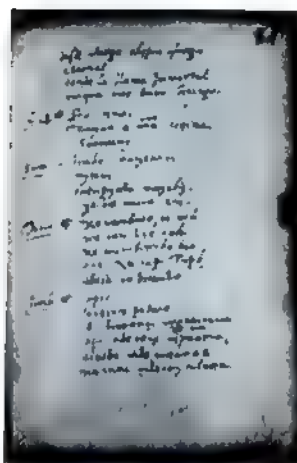
1041.		F	Y con esto creſcẽ maſ eſtoſ fuegoſ, q̃ padefco, acaba, q̃ ya me offreſco entuf manoſ ſathanaf, Y al tormẽto, q̃ mereſco.	83v
1046.	<u>Aimb.</u>	F	O quãto q̃ of agradeſco eſſa buena voluntad yo cõ liberalidad quiero darof grã refreſco p ^a v ^{ra} enfermedad	
1051.			Enla cueua donde el fuego ſe renueua con ardoreſ perennaleſ, donde todoſ v ^{roſ} maleſ haran ſempiterna prueua dedoloreſ jmmortaleſ.	
1057.	<u>Decio.</u>	F	Que hazeſ Valeriano buen amigo? Acabo ſeraſ teſtigo de mi pena atado cõla cadena de fuego ſin fin comigo.	
1063.	<u>Valer.</u>	F	Noramala, ya ſõ horaſ Vamoſ luego	

Deſte



p. 83v

- deste fogo al otro fogo
eternal
donde la llama jmmortal
nũqua nos dara sociego.
1069. Aimb. F sus aina, ∞
Vayan a nra cogina.
sarauay.
- sara. Aicobe, nayepeai
yxuj
tatapijnha noyabij,
oyeibe muru caj.
1076. Decio Xe racubete co mã
Xe reçi lorẽ caẽ.
Xe morubixaba biã,
eri, xerapi Tupã
oboia repicanhe.
1081. Aimb. F Çupie
erejuca potare
s. Lourenço angaturama
aju nde reçe uipuama,
oicobe nde aroara e
xe rata ndecayaõama.



Afogaõnos, e entre
gaõ nos aos .4. be
leguis, ecada douf
leuaõ o feu.

84v

1087.

F Pejori
peraço muru çupi
yande ratape çapeca,
imõgaemo, ipoqueca
Çaimbecatuabo, ceçi
imogipa, imomêbeca.

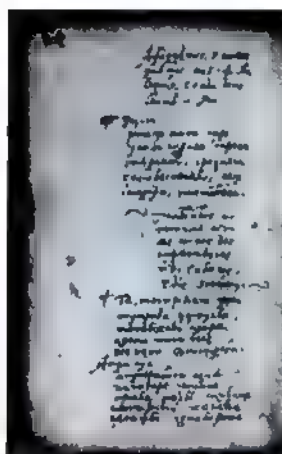
~ ficaõ âbof no
terreiro com
as coroaş dos
emperadoreş
naş cabeçaş
ediz şarauaya ~

1093.

F Te, morapitiara yxe
angaipaba ciquiyeba.
morubixaba yepe,
ayeroc muru rece
xe rera Cururupeba.

1098.

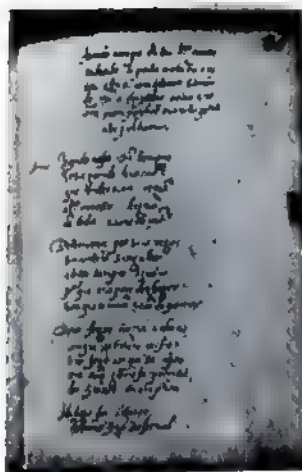
Anga ya
angaipabora ajuca
xeratape çeroane.
apiaba, guaibĩ, cunhane
coara pucui, xerêbia
çeraçobo, iguabopane. ~



p. 84v

Tendo o corpo de s. L^{co} amor
 talhado e posto natū ba en-
 tra o Anjo com o temor e amor
 de D^s a despidir aobra eno
 cabo acom panhaõ o sancto p.^a
 a sepultura

1104. Anjo F Vendo noſso D^s benigno
 voſa grande deuaçaõ
 que tendes e com rezaõ
 a L^{co} martir digno
 de toda aueneraçã
1109. Determina por ſeuſ rogoſ
 emartirio ſingular
 atodoſ ſempre ajudar
 p.^a que eſcapeiſ doſ fogoſ
 em que oſ maõſ ſeaõ de queimar
1114. Douſ fogoſ trazia nalma
 com que aſ braſaſ reſfriou,
 eno fogo em que ſe aſſou
 com tam glorioſa palma
 doſ tyranos triumphou.
1119. Hũ fogo foi o temor
 do brauo fogo Infernal



e como seruo leal
& honrrar a seu senhor
fugio da culpa mortal

85v

1124.

Outro foi o amor feruente
de Jesus que tanto amava
que mto mais se abraçava
com este feruor ardente
que coo fogo, em q se ahsaua.

1129.

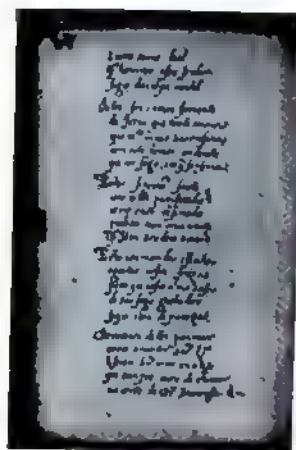
Estes ofizerao forte
com estes purificado
como ouro refinado
padeceo tam crua morte
& Jesu seu doce amado.

1134.

Estes uos manda o senhor
agastar uossa frieza
pera que uossa alma acesa
de seu fogo gastador
fique chea de pureza

1139.

Deixai uos delles queimar
como o martir saõ L^o.
E fereis hũ uiuo encenso
que sempre aueis de cheirar
na corte de D^s Imenso. ~



p. 85v

1144.

Peccador
Engulhes con gran sabor
el peccado,
y no te ues ahogado
contus males
y tus heridas mortales
no sientes desventurado.

1151.

El Infierno
con su fuego sempiterno
Ja te espera.
fino sigues labandera
de la cruz,
Enlaqual morio Jesus
p^a que tu muerte muera ~ .

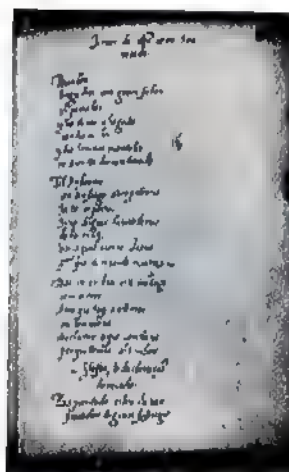
1158.

Dios te embia este mēſage
com amor
Ami que soy futemor
me conuiene
Declarar loque contiene
porque temas al ſenhor

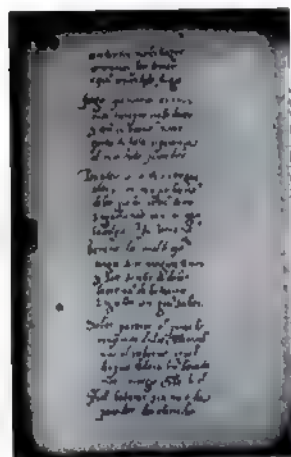
— Gloſſa, e declaraçaõ
do recado.

1164.

Eſpantado eſtoi de uer
peccador tugran ſoſſiego



- contantos males hazer
como uiues sin temer
aquel espantoso fuego?
1169. fuego que nunca descança
mas siempre causa dolor
Y con su brauo furor
quita todala esperança
al maldito peccador
1174. Peccador como te entregas
alos uicios tan sin freno?
de los quales estas lleno
engulliendo tan acegas
la culpa cõ su veneno?
1179. Veneno da maldiçaõ^(*)
tragas sin ningun temor,
y sin sentir tu dolor
la carnal de lectacion
engulles con grã sabor.
1184. sabor parece el peccado
muy mas dulce q̃la miel
mas el infierno cruel
despues tedara hũ bocado
mas amargo q̃la hiel
1189. Hiel beberas sin medida
peccador desatinado



p. 86v

(*) — Sob o -a- (-do) lê-se j.

Tu alma en fuego encēdida,
esta fera la salida
del deleite del peccado

1194.

Del peccado que tu amas
f. lorenço tanto huyo
que mil penas padesco
y que mado em huās llamas
por nõ peccar expiro.

1199.

El la muerte no temio
tu no temes el peccado
del qual te tiene ahorcado
lucifer, que te ahogo
y no te ues ahogado.

1204.

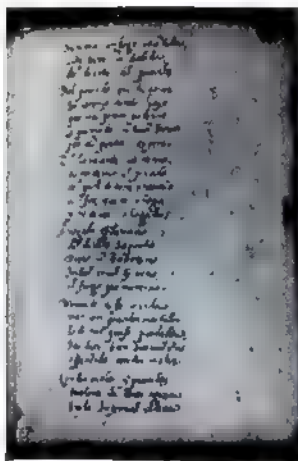
Ahogado & lamano
del diablo se partio
Decio cõ Valeriano
Infel, cruel tyrano
al fuego que merefco.

1209.

Merefco tu fe lauida
mas con peccados mortales
la tienes quasi perdida,
jtu dios bien sin medida
offendido con tus males.

1214.

Con tus males y peccados
tualma de Dios agena
en la Infernal cadena



pagara com los dañados
por su culpa iusta penna.

87v

1219.

Pena sin fin te daran
en los fuegos infernales
tus deleites sensuales
tus tormentos doblaran
y tus heridas mortales.

1224.

Mortales son tus heridas
peccador porque no lhoras?
no ues, que contus demoras
todas estan corripidas,
y cadadia jmepeoras

1229.

Empeoras, y te finas,
ma, tu peligroso estado
la priesa y grande cuidado
con que al infierno caminas
no sientes desventurado

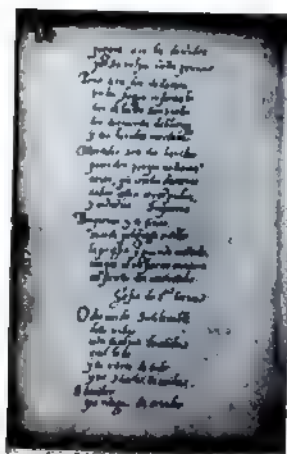
Glosa da 2.^a troua.

1234.

O descuido Intolerable
detu uida
esta tualma hundida
enel lodo
y tu rieste de todo
y no sientes tu caida

1240.

O traidor
que niegas tu criador



p. 87v

Dios eterno
 que se hizo niño tierno
 por salvarte
 y tu quieres condenarte,
 Ino tiemes el infierno.

1247.

O Insensible
 no sientes aquel terrible
 espanto, que causara
 el Juez, quando uendra
 con carranca muy horrible,
 y la muerte te dara

1253.

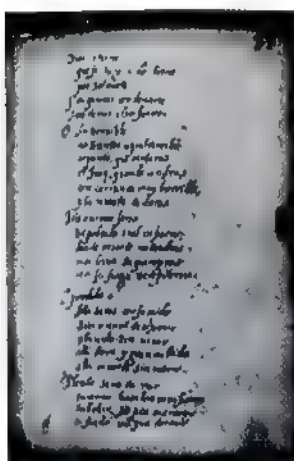
I tu anima sera
 sepultada enel infierno,
 donde muerte no tendra,
 mas biua se quemara
 con su fuego sempiterno.

1258.

O perdido⁽⁹⁾
 Alli seras consumido
 sin nunca te cõsumir
 alli uida sin uiuir
 alli lloro y gran aullido
 alli muerte sin morir

1264.

Planto sera tu reir
 tu comer hambre mui fiera
 tu beber, sed sin manera
 tu sueño nõqua dormir



p. 88

(9) — Segue-se, em borrão, a.

1269.

O mohino
pues que ueras de contino
al horrendo lucifer
sin nunca llegar auer
aquel conspecto diuino
de quien tienes todo ser

1275.

Acaba ia de temer
a Dios que siempre te espera,
corriendo por su carrera,
pues no puedes fuyo ser
fino sigues labandera.

1280.

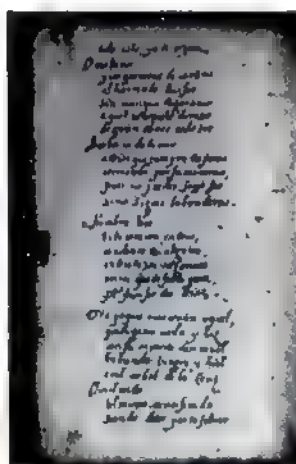
Hombre loco
si tu coraçon ia toco,
muden se tus alegrías
en tristezas eagonias
mira que te falta poco
p^a fenecer tus dias.

1286.

No peques mas contra aquel,
quetegano uida y luz
con su muerte tan cruel
bebiendo vingre⁽¹⁰⁾ y hiel
enel arbol de la Cruz.

1291.

O maluado
el murio crucificado
siendo dios por te saluar,



p 88v

(10) — Engano provável (= vinagre).

pues que puedes esperar
situ eres el culpado
y no cesas de peccar?

89

1297.

Tu lo offendes, el te ama,
el ciega por darte luz,
tu malo pisas la cruz
aquella tam dura cama
en la qual murio Jesus.

1302.

Hombre ciego
porque no comienças luego
a llorar por tu peccado?
y tomar por abogado
a Lorenço que nel fuego
& Jesu murio quemado

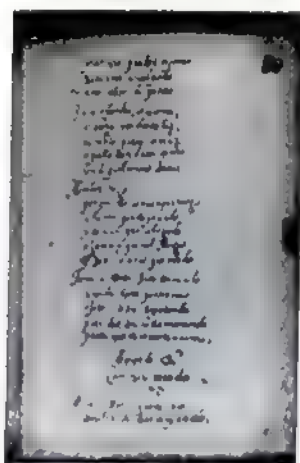
1308.

Teme a Dios Jues tremendo
en esta hora postrera
a solo Iesu byuiendo
pues dio su uida muriendo
para que tu muerte muera.

Amor de D^s.
Com seu recado. ~

1313.

Ama a Dios, que te crio
hombre de dios muj amado,



p. 89

Ama con todo cuidado
aquien primero te amo.

89v

1317.

su proprio hiyo entrego
a muerte & te salvar,
que mas te podia dar,
pues quanto tiene te dio?

1321.

Por mandado del señor
te dixe loque as oido
abre todo tu sentido
& queyo que foi suamor
sea enti bien imprimido.

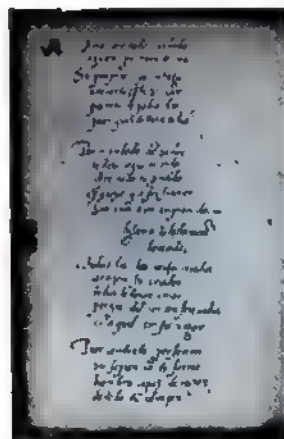
Glossa e declaraçã
dorecado.

1326.

Todas las⁽¹¹⁾ couças criadas
conosçem su criador
todas le tienen amor,
porque del son conseruadas⁽¹²⁾
cada qual em su uigor

1331.

Pues contanta perfeccion
su sapiencia te formo
hombre capaz de razon
de todo tu coraçon

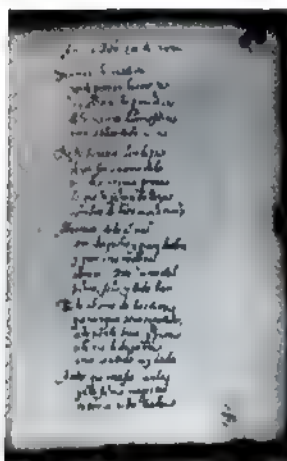


p. 89v

(11) — Riscado.

(12) — Sob o -r- lê-se n.

1336. siamaſ lacriatura
 porte parecer hermoza
 aquela uiſta gracioza
 de la miſma hermoſura
 ama ſobre toda coſa
1341. De ſu diuina lindeza
 deueſ ſer enamorado
 ſea tua anima preſa
 daquella ſūma belleza
 hombre de dioſ muiamado
1346. Aborreſce todo el mal
 com deſpecho y gran deſden
 y pueſ ereſ racional
 abraça a Dioſ Inmortal
 ſūmo, ſolo, y todo bien
1351. Eſte abifmo de hartura,
 que nunca ſera eſgotado,
 eſta fuente biua, y pura
 eſte rio de duçura
 ama contodo cuydado.
1356. Antef que criafſe nada
 ya la ſūma mageſtad
 te tenia uida dada.



p. 90

y tu anima abraçada
con eterna charidad

90v

1361.

Por hazerte todo fuyō
cō suamor te captiuo
y pues todo te lo dio
da tu todo el amor tuio
a quien primero te amo

1366.

Diote anima Immortal
y capaz de Dios Immēso,
para que fueses suspenso
enel aquel bien eternal,
q̄ es sin fin, y sin comienço

1371.

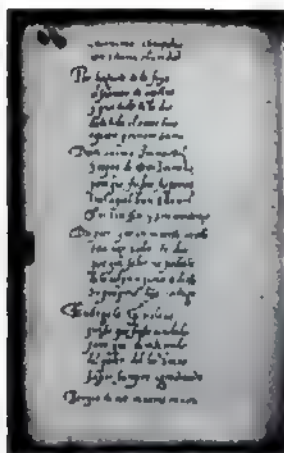
Despues que en muerte caiste
otra uez uida te dio
por que salir no podiste
de la culpa a quien te diste
su proprio hijo entrego

1376.

Entrego lo & esclauo,
quiso que fuesse uendido
para que tu redemido
del poder del liō brauo
fueses siempre agradescido

1381.

Porque tu no mueras muere



p. 90v

con amor mui singular
pues quanto de uez amar
a Dios que entregar se quiere
amuerte & te saluar?

1386.

El hijo que el P.^e dio
su padre te da por padre
y su gracia te ynfundio
y quando en la cruz murio
sumadre te dio por madre

1391.

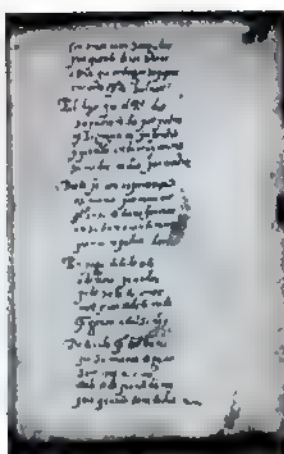
Diote fe con esperança,
asimismo por maniar
p^a ensi te transformar
en su bienauenturança
que mas te podia dar.

1396.

En pago de todo esto
o dichoso peccador
pide solo tu amor
mete pues todo tu resto
& ganar a tal señor

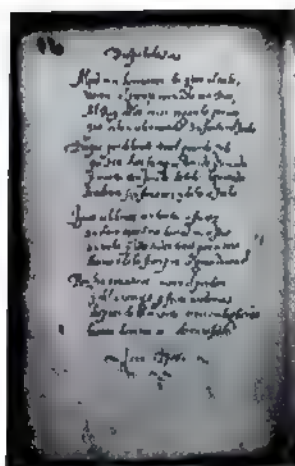
1401.

Da tu uida & los bienes,
que su muerte te gano,
suio eres tuio no
Dale todo quanto tienes
pues quanto tienè tedio. ~ ~



1406. Alçad mis hermanos los oÿos al cielo,
Vereis aLorenço reinãdo con Dios,
Al Rey delos reies rogando poruos
que estais celebrando su fiesta nel suelo
1410. Daqui por delante tened grande zelo
que sea dios siempre temido y amado
y martir tan sancto de todos honrrado
Tendreis sus fauores y dulce cõsuelo.
1414. Ipues celebrais con tanta afficion
su claro martirio tomad micõseio
su uida y uirtudes tened por espeio
llamandolo siempre cõ gran deuociõ
1418. Por sus oraciones auereis el perdon
y del enemigo &fecta uictoria
despues de la muerte uereis em lagloria
lacara diuina con clara uision.

~ Laus Deo ~



p. 91v

Dança que se fez na &cifsaõ
de saõ Lourenço de
12 mininos. ~

92

1422.

1.º Cooroico oronhemboripa
deara momorangape,
tou ndeyerureçape
tupã ore mooripa,
opitabo ore piape.

1427.

2.º Oroyerobia nderi
f. L.º angaturama
eçarõ ore retama
ore çumarã çui

1431.

F Toroitic ore poxi
paye rerobiareima,
moraceia, biririma
carai monhanga ndi

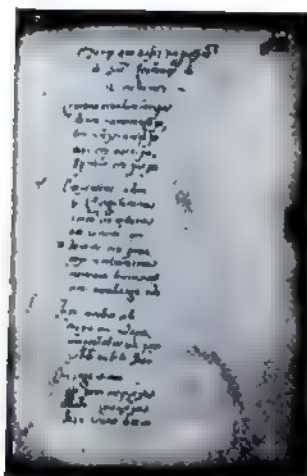
1435.

3.º Tupã rerobia catu
De pia çui ndoiri,
torogoerobia nde piri
yande rubete Jesu

1439.

Ore anga toioçu
ceco poxi moçaçãya
Deabe jmoeçãya
Jesu irumo terein

4.º



(1) — Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em E 2 a, onde aparecem numa única peça os ns. XLIV, XLV e XLVIII. Cf. E 2 a, NI.

1443.

4.º Tinicem Tupã rauçuba
Denhiame erimbae,
emae ore reçe
Toro çauçu yande ruba
yande monhangare te.

92v

1448.

5.º Ereçapia yande iara
inheenga mopo pa
eiori ore rauçuba
toroimomorang co ara
de reco poranga ra

1453.

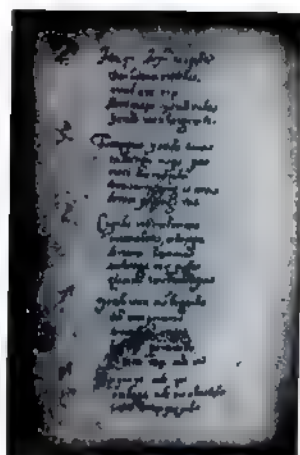
6.º Çupibe eremöboeira
maraabora, çobaçapa
deraira imaraa
anhanga reco pota
eçorino imöbeoirapa

1458.

7.º Yande iara möbeguabo
teõ erei porara
torepjatã anga
bae açi porarabo
Tupana reçe nde ia

1463.

8.º Oçiquiye nde çui
anhãga nde mo abaetebo
eiori imoçiquiyebo



p. 92v

1468.

9.º Tupā mōburuarete
tata pupe nde reciri
opa nde rete rairi
ita tiāya pupe.

1472.

Toroyaceo meme
pai tupā repiacaupa
tourcoara pupe
ore anga moacupa

1476.

10.º Orirý nde iucare
tupā çumarā reya
eiori ore requya
toroico nde ipipenhe
ore çumarā mōdia

1481.

11.º Deiucaçaroera oço
ocaýa anhangá ratape
ende tupā roripape
aue rama nhe ereico.

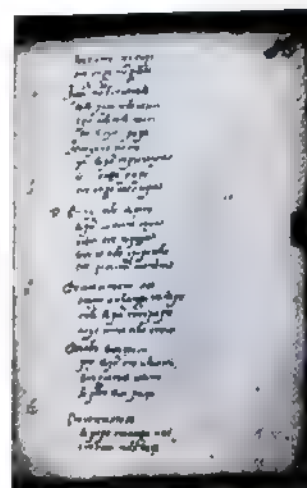
1485.

Deiabe toroçuçu
pay tupā ore nhame,
torogoereco cetame
de piri teco puçu.

1489.

12.º Orererecoarete
de pope oreanga rui
orobia nde reçe.
ore rauçuba yepe
ore recobe pucui.

~ finis ~



p. 93

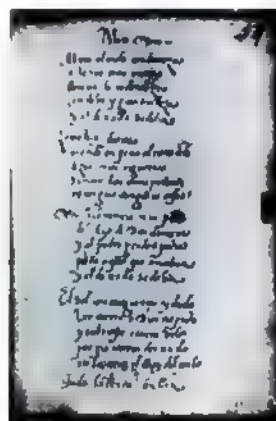
93v⁽²⁾



p. 93v

(2) — O resto da página está em branco.

1. Mira el malo condureza
a Jesus como moria
lloraua la redondeza
Condolor y grantristeza
y el de nada sedolia.
6. Laiustica furiosa
uiendo en pena al innocete
dezia mui rigurosa
summo dios omnipotente
nouengais tangraue cosa?
11. Mas la clemencia muy pia
del hijo de Dios clamaua
y al padre perdon pedia
para aquel que lomataua
y el de nada se dolia
16. El sol con uerguença y duelo
ver morir a Dios no pudo
y cubriofse escuro velo
por que moria desnudo
en la cruz el Rey del cielo
21. Toda la tierra bullia



p. 91

(1) — II*, B 20.

y las piedras sequebrauaõ
 en noche se buelue el dia
 todas las cosas lhorauaõ
 y el de nada se dolia

26.

El coraçon de la madre
 de dolor esta opprimido
 viendo suhijo querido
 ser de Dios su æterno P.^e
 como puesto ia en oluido

31.

Puesto en mortal agonia
 su señor y Dios miraua
 y uiua con el moria
 mas el malo duro estaua
 y el de nada se dolia.

XLVII (1)

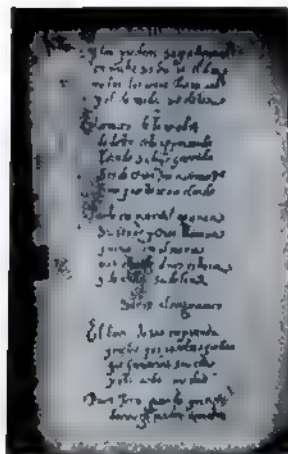
sobre el ciegoamor

1.

El buen Jesus me prendio
 y medio por madre aquella
 que yomoria sin ella
 y ella uida me dio

5.

Buen Jesu quando quisiste
 darme & madre tumadre



p. 94v

(1) — II^a, B 21.

Con amor mas que de padre
toda mi alma prendiste.

95

9. Tangrande amor mobligo
aferuir y amar aquella
que yo moria sin ella
y ella uida me dio

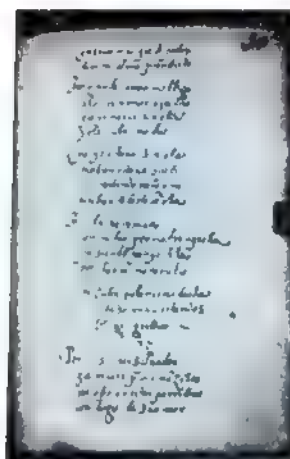
13. Como yo estaua sin ella
tambien estaua sin ti
mas tudando me la à mi
tambien te diste cõ ella

17. Tu uida se re mato
com me dar por madre aquella
que siendo yo hijo della
por her mano temedio

XLVIII (1)

Outra pola mesma toada
Esta secantou estando f.
L.º nas grelhas.

1. Por Jesu mi saluador
que muere & mis mázillas
me afso en estas parrilhas
con fuego de suamor.



p. 95

(1) — II^a, E 2 a. Cf. XLIV, (1).

5.

Buen Jesu quando te ueo
en la cruz por mi llagado
yo⁽²⁾ por ti biuo quemado
mil uezes morir deseo

95v

9.

Pues tu sangre rēdemptor
lauo todas mis manzillas
arda yo en estas parrillas
con fuego de tu amor

13.

El fuego del fuerte amor
ô mi Dios con que me amas
mas me quema q̃ las flamas
y brasas cō su calor.

17.

Pues tu amor, por mi amor
hizo tantas maravilhas
muera yo en estas parrillas
por el tuyo mi señor.

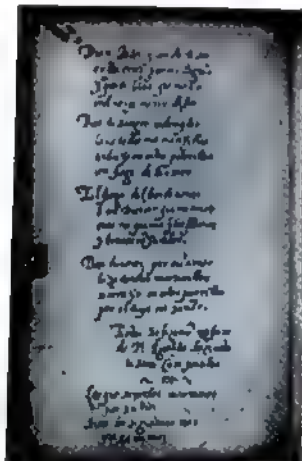
(2) — Emenda (-o).

XLIX (1)

Estas se fizeraõ na festa
do P.^e Ignatio dazeuedo
E seus Companhei
~ .ros. ~

1.

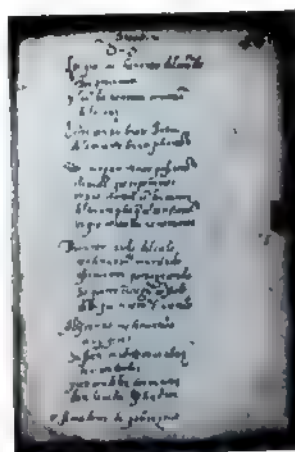
Los que muertos ueneramos
por su dios
fino los seguimos nos
que ganamos.



p. 95v

(1) — II^a, B 22.

5. Los que las honrras del mudo
Des preçiaron
y las des honrras amaraõ
de la cruz
Estos con su buen Jesus
de la muerte triumpharaõ
11. sin ningun temor passaraõ
alauida que esperamos
en sus manos cõ los ramos
del triumpho q̃ alcançaraõ
los que muertos ueneramos
16. Biuieron uida del cielo
continua^{te} muriendo
así mismos persiguiendo
si querer ningũ cõsuelo
de los que muere biuiendo
21. Altýranno no temiendo
muy feroz
suffren muerte mui atroz
mui contentos
y con crudeles tormentos
dan la uida & su dios
27. *F* Amadores de pobreza



p. 96

Zelozos de castidade
paciencia com humildade
Juntaraõ cõ senzilleza
obediencia y charidade

96v

32.

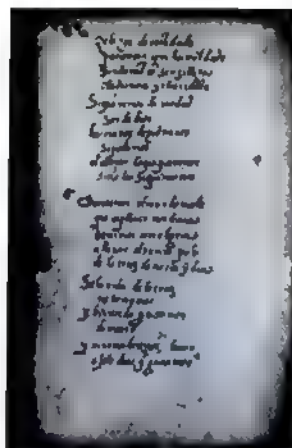
siqueremos de uerdad
ser de dios
hermanos dezid me uos
si podemos
alcançar loquequeremos
fino los figuimos nos

38.

F Deixamos el mundo malo
que captiuos nos tenia
Venimos com alegria
alleuar el sancto palo
de la cruz de noche y dia

43.

si la uida de la cruz
no tomamos
y biuiendo &curamos
de morir
y muriendoanos, biuir
a solo dios q̄ ganamos?



p. 96v

1°

1. H Pitanguĩ porangete
orogerochia catu
Xeiarĩ pai Jesu
Xemoingo catu yepe
de anho toroçu

2°

6. H Opa ybaca ereimopo,
parana, ibĩg abe
ae coĩg xerece
o mirĩ pupe ereico

10. Ejori teremondo
Xeçuĩ teco angaipaba
co xeanga deruçaba
derupabamo toico.

3°

14. H Deporaçuĩ ejupa
igbitu deraçapape
tapijruçu çaroape
Capij anhe rerupa.

18. Yori xemojecoçupa
dereco catu meenga
taimopone denheça
xepigape derauçupa.

4°

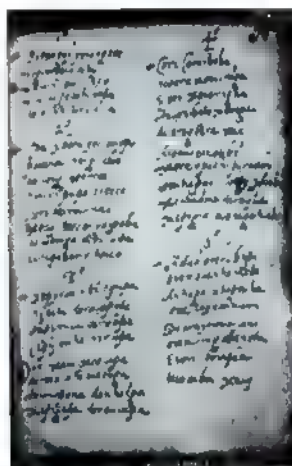
22. H Çori Caraibebe
icoara momorāga
Ejori xeiarigue
taçoribete xeanga
de aragoera rece

27. Acoeime aicotebẽ
Xerecopochipuruabo
taiticpac² coty³ ypeabo
xenhiāme tereiue
Xepig-a moingatuabo.

5°

32. H Adaõ orerubipi
oremocanhemete
Anhāgaratapenhe
ore cayaoāmari

36. De ereyemoçuçuni
eremoingobepota
Eiori toiepea
teco aiba Xeçuĩ



(1) — II^a, D 10.

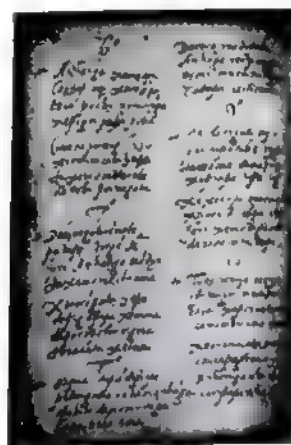
(2) — Engano provável, por *taiticpa*.

(3) — Riscado -q- entre o t-y.

- 6°
40. H Anhangá xemoaju
coarapucuj xeraãga
teco pochý momorãga
Xepiga pobu⁴ pobu.
44. Cunumi porang Jesu
xerauçu catuyepe
taxemomotarete
de roba porangatu.
- 7°
48. H Demoãgaturãmete
pai tupã Virgẽ Ma
Jori Anhangá mōdija
taxemomochi ume.
52. Xerarōgatu yepe
depig apupe xemima
deporopotareigma
toiacatu xerece.
- 8°
56. H Oiique tupã depupe
pitangamo onhemonhãga
opabim demomorãga
Caraibebe çoce.

60. Derera rendupabe
Anhãga rerij oçoapa
ejori muru mōbapa
çatape ceiticanhe
- 9°
64. H Oa derigue çuj
pai tupã tuba raigra
tarecone demēbira
xepiape tupã cig
68. Xe xeanga *aimomochi*
Xejara nheẽga abiabo
Jori xemoingocatuabo
de reco catu rupi
- 10°
72. H Tupã ciramo ereico
ipitanguĩ mocābuabo
ejori xepoicatuabo
demembiramo taico
76. Xeanama abe emoĩgo
çauçupa⁵ ramo yxupe
ynheenga abe cēdupe
çoripape nhe toico

97v



ip.º 97v

(4) — Sob o -b- lê-se -p-.

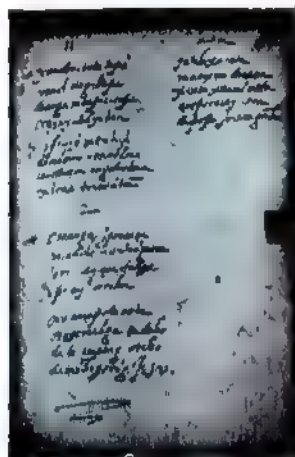
(5) — Riscado -g.

80. H Yanderubete tupã
erenoĩ degibape
deanga moapicicape
Oreyayubâyuban
84. Eypicirõ xenhiã
demêbira renaõãma
cecopoera angaturãma
xerece toieratã.

outra ⁽¹⁾

1. Outubixacatu
mamoçui dereca
Xeabe xeanã meta
aroporaceý ceru
depope Jmeengatu

88. H Oreanga Jporauçu
peccado monhãguire
Jori cequija tange
ypi çuj cerubu.
92. Oro auçupota catu
oroyemeêga endebo
de teremeeng orebo
demêbiporãg JEfV.



p. 98

(1) — II^a, D 11.

LII(1)

1. O Brasil que sê Justiça 98v (2)
 andaua muj cego etorto(3)
 Vos o metereis no porto
 se lançar desi acobiça
 q̃ de uiuo o torna morto
6. Quæ sine iustitia prauo Brasilia cursu
 ibat & obliquū cæca tenebat iter.
 Nunc directa tuæ iusto moderamine virgæ
 seruabit tuis rectis ius & piū & visu

(1) — II^a, E 3.

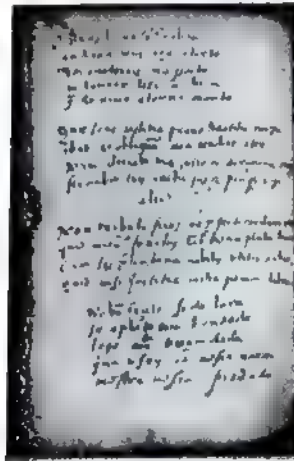
(2) — As pp. 99 e 99v estão em branco.

(3) — Quase ilegíveis os dois primeiros versos.

LIII(1)

aliud

1. Non tribuli ficus nō&fert carduus vanos
 quid mirū fructus dat bona plāta bonos
 Cum sis felix, bona, nobilis, vtilis arbor,
 Quid, nisi Iustitiæ mitia poma dabis
5. No bõ fruto se declara
 se aplāta tem bondade,
 logo aru^{ta} Vmanidade
 que usais cõ uofsa uara
 mostra uofsa piedade.



p. 98v

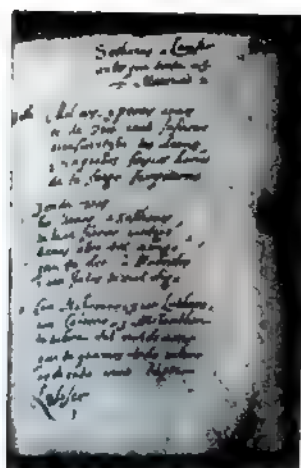
(1) — II^a, E 4.

sathanaſ a Lucifer
antes que tente aſ.
= Mauricio =

100

1. sath Mal meſ, y peores annos
te de Dios enel Infierno
acrescientēſe tuſ dannos
en aquellos frescos baños
de tu fuego ſempiterno
6. H Donde vaſ
ſin lleuar a ſathanaſ
tu leal ſieruo contigo?
tienes otro tal amigo?
que te doi à Barrabaſ
y con Judas te mal digo.
12. H Con Mahoma, y con Luthero,
con Caluino, y Melanthon
te cubra tal maldicion
que te quemes todo intero
ardiendo como tizon
Luſifer

Di



p. 100

(1) — II^a, E 5.

18.

H Dime, ques de tu saber
ques de tupompa y estado
solo des accompanado
quieres ir acometer
Capitan tan affamado?

100v

23.

Luc

H E como naõ poderei
vencer hũ fraco escoadraõ
pois no ceo derondaõ
tantos mil Anjos leuei
e na terra ogrande Adaõ?

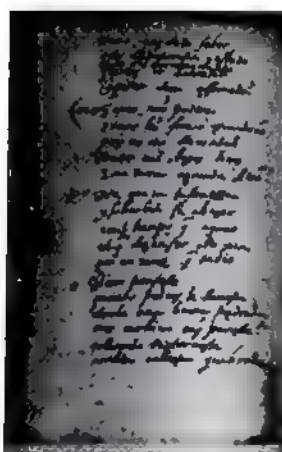
28.

f.

H No, que ia tufantazia⁽²⁾
y soberbia se abaxo
enel tiempo q̃ ayuno
elq̃ dizen ser Mixia
con un reuez q̃ tedio.

33.

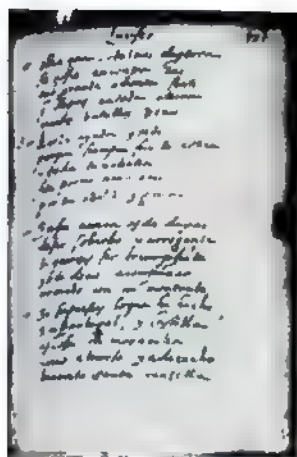
H Bien pensaste
quando piedras le lleuaste
darle una buena pedrada
mas mohino enq̃ paraste?
aullando te tornaste
conla cabeça quebrada



p. 100v

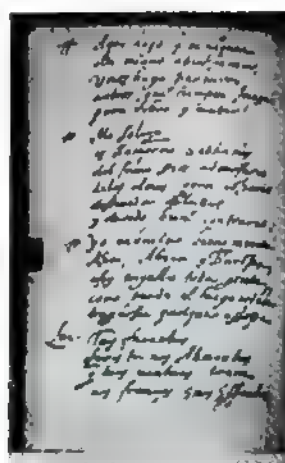
(2) — Restituido conforme o V. 932, cf. V. 385.

39. H Olha qua, tal uai degerra
se neſse encontro cai
taõ grande afronta ſenti
q̃ depois entoda aterra
muitaſ batalhaſ venci
44. f. H Porla ayuda, q̃ te di
porque ſiempre fui tu eſpia
y toda tu ualentia
fue porme tener ami
por tu adalid_y guia.
49. H Enfin nunca aſ de dexar
deſer ſoberbo y arrogante
ſi quiereſ ſer triumphãte
yo te deuo acompanhar
armado con mi montante.
54. H ſi ſupieſſeſ loque he hecho
Enpurtugal, y Caſtilla?
eſcoſa de marauilla
como atuerto y aderecho
leuanto tanta renzilla.



p. 101

59. H Aquí bago, q̃ reneguen
allí mueuo ablaſſemar,
vnoſ hago periurar
aotroſ, que ſiempre jueguẽ
para robar y matar.
64. H Mi ſolaz
eſ llamarme ſathanaſ
del ſũmo Dioſ aduerſario
delaſ almaſ gran coſſario
deſtruidor dela paz
y detodo bien contrario,
70. H Yo rebueluo breue miente
Aſia, Africa, y Europa,
aſſy engulho toda gente,
como puede el fuego ardẽte
tragarse qualquer eſtopa.
75. Luc. H Taiſ façanhaſ
faraſ tu naſ Alemanhaſ
q̃ tuaſ mentiraſ crem
naſ françaſ enaſ Eſpanhaſ

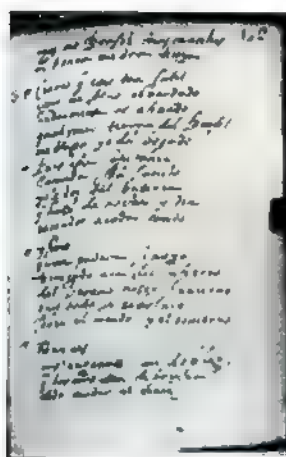


p. 101v

mas no Brasil tuas manhas
mto pouca medra tem

102

81. f. H Cierito q̄ eres tan sutil
como un Afno albardado
lindamente as atinado
qualquier tierra del Brasil
me trago yo dū bocado
86. H Pues esta Capitania
llamada spū sancto
yo le doi tal bateria
q̄ hazē de noche y dia
peccados acada canto.
91. H Yfino
Quien pudera si no yo
viniendo aca del Jnfierno
del verano hazer Jniuierno
pues todo se reboluio
sobre el mando y el gouierno
97. H Tu no uez
mis engannos mi doblez,
q̄ procuro tan depriesa
tudo mudar al reuez



p 102

y dela cabeça pieſ,
deloſ pieſ hazer cabeça?

102v

103.

H La iuſticia
quien haze q̃ con codicia
vaya contra ſu conſciencia
y quede mala ſentencia
con rancor y con malicia
ſin verdad y ſin clemencia?

109.

H Pueſ laſ guerras
q̃ hazen por eſtaſ teⁱrraſ⁽³⁾
loſ q̃ ſe llaman Chriſtianoſ
aloſ Braſileſ paganoſ
por mareſ, Rioſ, y ſierraſ
donde naſcen? de miſ manoſ.

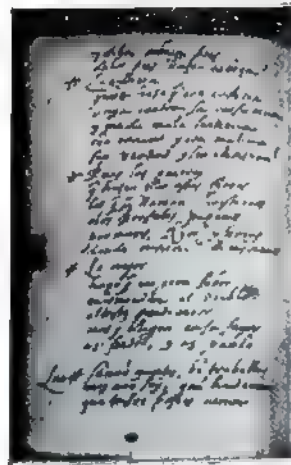
115.

H Lo mejor
hago q̃ con gran ſabor
encomenden al Diablo
altriſte predicador
maſ q̃ alleguẽ enſufauor
aſ. pedro, y aſ. pablo.

121.

Luc.

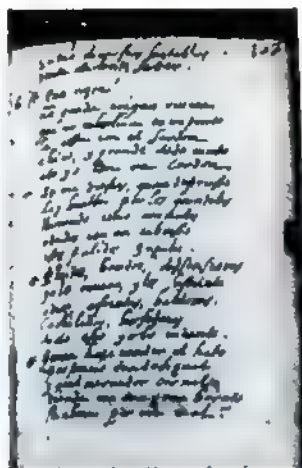
H ſenaõ mentes, bẽ trabajaſ
maſ naõ ſeý, quẽ hade crer
que tu ſoo poſſaſ uencer



p 102v

(3) — Emenda (i)

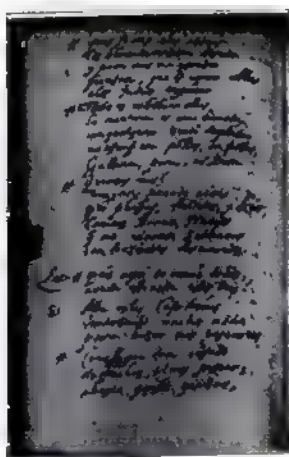
126. . ſ. H Que raxon?
no queda ningun rincon
que no rebuelua en un punto
la coſta con el ſarton
chico, y grande todo iunto
ato yo con un cordon.
132. H ſi me vieſſeſ⁽⁴⁾, quan deprieſto
doy buelta por loſ quintaleſ
lleuando como animaleſ
atadoſ con un cabreſto
eſtoſ pulidoſ zagaleſ.
137. H Pleitoſ, bandoſ, diſſenſioneſ
yo loſ mueuo, y loſ ſuſtiento
odioſ, afrentaſ, baldoneſ,
cuchiladaſ, bofetoneſ
todo eſo yolo in uento.
142. H Quien haze uender el hato
por precio tandefigual
y quel mercador carnal
vienda con tan gran barato
ſualma por un real?



p. 103

(4) — Sob o -i- lê-se e.

147. H pues si uoy alas aldeas
los blancos uanme buscar
y para mas me agradar
piensan, que es comer obleas
alos Jndios engañar
152. H Todo es reboluer ollas
la mentira es mui barata
conqualquer vintê deplata
no escapan pollos, ni pollas,
Gallina, piru, ni Pata.
157. H Quieres mas?
ningun peccado ueras
por playas, fuentes, y Rios,
Canoas, Barcos, Nauios
q̃ no inuente sathanas
con trezientos desuarios.
163. Luc. H pois aqui te amaõ todos,
aonde estiueste estes dias?
J. Alla enlas Capitania
Inuentando muchos modos
para hazer mis pescarias.
168. H Como llegue tan cãsado
de muchas almas pescar,
abaxo quise quedar,

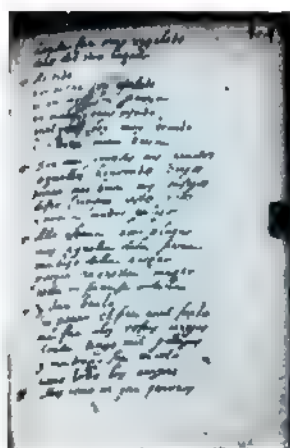


p. 103v

donde fue muy regalado
delos del otro lugar.

104

173. Luc. H As oido
fat. por dicha su apellido
es un lugar sin pareja
en males enuegescido
enelqual soy muy seruido
q̃ se llama uilla Vieja.
179. H son mui grandes mis deuotos
aqueellos honrrados viejos
toman mui bien mis consejos,
deser siempre cestos rotos,
y nunca mudar pelejos.
184. H Alli estaua ami plazer,
mas aquella dela pena
me hizo della acoger
porque daquela muger
toda mi pena se ordena.
189. H Y dun buelo
sin poner elpie enel suelo
mefue alas rossas uiejas
donde tengo mil pellejas
y me trago sin recelo
como lobo las oueyas.
195. H Mas como ui que quiriass

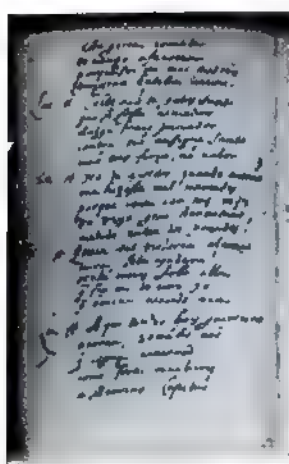


p. 104

Esta gerra cometer
te uengo afauorecer
porque sin mi mal podria
tan gran batalla uencer.

104v

200. Luc. H Calte naõ te gabeſ tanto
queſe foſte uencedor
dalgũ fraco peccador
contra taõ enſigne ſanto
naõ tenſ força, nẽ ualor.
205. ſa. H No te acordaſ quando antaño
me hizifte mil mercedeſ
porque cace con miſ redeſ
vn viejo gran Hermitaño
metido entre doſ paredeſ?
210. H Quien tal victoria alcanço
mira, ſete ajudara?
Note uaiaſ ſolo alla
q̃ ſin mi te iuro yo
q̃ buelueſ uencido aca.
215. Luc. H A qui tenho bonſ guerreiroſ
acarne, eomũdo uaõ,
q̃ comigo uenceraõ
como forteſ caualeiroſ
a Mauricio Capitaõ.



p. 104v

220.

H Essof dof yo lof atizo
q̃ sem mi puedē mui poco
fin mi ningun mal se hizo
y por tu honrra te auiso
Lucifer nofe as⁽⁶⁾ loco.

225.

H Yo de nueuo te requiero
no confief tanto enti
q̃ Mauricio es muy guer^rero⁽⁶⁾
no quedef por mora dero
silo combates fin mi.

230.

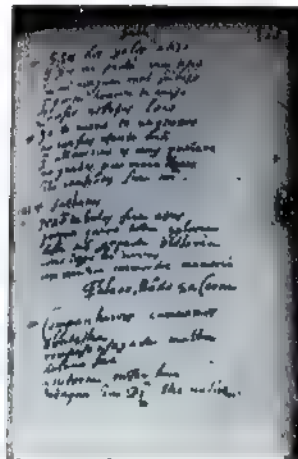
Luc.

H sathana^s
Naõ te bula^s fica atra^s
porque quero toda agloria
desta taõ grande victoria
como logo bẽ uera^s
com minha immortal memoria.

Fala ao Mũdo ea Carne.

236.

H Companheiros comecemos
a batalha
rompase ofsayode malha
desua fee
autoria nofsahe
Indaque seu D^s lhe ualha.



p. 105

(6) — Riscado i entre e-a.

(6) — Emenda (r).

Vaõ atentar aos santos
ficando sathanas atraz
oqual diz.

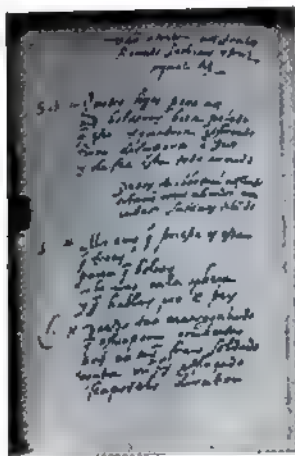
105v

242. sat. H Quatro higas⁽⁷⁾ pera uos
uos boluereis bien pelado
q̃ esse esquadron esforçado
tiene desuparte a Dios
y defee esta todo armado.

Depois de cõbaterẽ aosanto
tornaõ como uécidos ere
cebeos satãnas dizẽ do

247. f. H Mi amo q̃ priesa es essa
q̃ traeis?
parece q̃ bolueis
cõ la mano enla cabeça
y q̃ hablais con los peis.

252. L. H Venho taõ enuergonhado
q̃ estoupera arrebentar
pois un taõ fraco soldado
contra mĩ foy esforçado
senpodelo derubar.



p. 105v

(7) — O -g- corrige um y.

257.

f.

H En de mal
 porque no teparo tal
 q̃ quedaras sin rarizef
 pensauas, que era el real
 daquel pueblo sensual
 q̃ pedia codornizef

106

263.

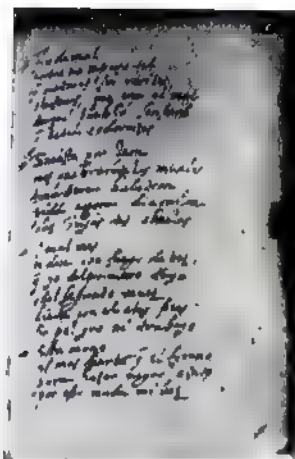
H Teniaste por leon
 mas quebrarāte las muelas
 tomadera baladron
 pide agora diaguilon
 alas viejas tus abuelas.

268.

H O mal mes
 te den con fuego de pez,
 q̃ yo delprimero tayo,
 o del segundo reuez
 diera con el atus pief
 sin peligro ni trabajo

274.

H Esta mano
 es mas fuerte q̃ el tyrāno
 para hazer negar aDios
 por esso mude mi boz



p.106

para hablarle Castellano
y mostrarme mas feroz.

106v

280.

H Dexameledar combate,
q̃ yo le dare mal año,
opor fuerça opor engaño
oy le tengo dedar mate
y restaurar nuestro danno.

Vai tentar as. Mau.

285.

Mau. H Mauricio crees en Dios?
si, quehe todo poderoso,
infinito, egloriozo.

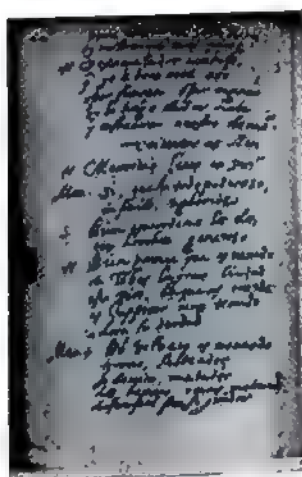
f. Bien concordamos los dos,
eres hombre generoso.

290.

H Bien parece que as uenido
de Tebas la gran Ciudad
es se Dios, enque as creido
es Juppiter muy temido
adora su deidad

295.

Mau. H Bõ velhaco es nomeado
tyrano, salteador,
so domita, matador
dos homens o mais maluado
de seupai presiguidor



p. 106v

H Adultero, fementido
peste dos gentios cegos.

fat consigo

Yo lo tengo alla en mis fuegos,
mas como tiene leido
las historias delos Griegos.

Cô Mauricio

305.

H Hermano enefso ua poco
sea Dios, quien se lo fuere,
quando el tyranno uiniere
cata, que no seas loco
adora, quien te dixere.

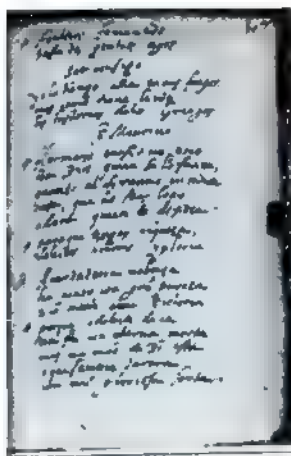
310.

H paraque tengas riqueza,
deleites, honrras, ygloria.

M A uerdadeira nobreza
he uiuer con grã pureza
e cõ morte auer victoria

315.

H porque odeleite de ca
ten fim con eterna morte
mas na maõ de D^s esta
o que sempre durara
com mui gloriosa sorte.



320.

H Ya me allega con Daud
mal camino lleua esto,
e miedo, q̄ muy depresto
dara fin anuestra lid
lleuandome todo el resto.

Cō Mauricio.

325.

H No te digo q̄ te entregues
sin mas consi deracion,
sino, q̄ en la adoracion
solo cō la boca niegues,
mas la fee en lo coracion.

Mau.

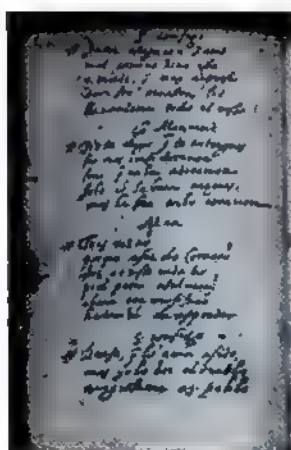
330.

H Tenf rezaõ
porque afee do coraçã
faz ao iusto uida ter
porẽ pera a saluaçaõ
aboca con confissaõ
hatambẽ dereponder

f. configo

336.

H Penſe, q̄ lo auia aſido,
mas yo lo doi al diablo
acogiofeme aſ. pablo



p. 107v

yo estoi medio emudicado
y no se loque me hablo

108

fala con⁽⁸⁾ Mau.

341.

H Esto es cierto
q̃ Dios tiene elpecho abierto
para atodos perdonar,
silo quiseres negar
ni porestes quedas muerto,
niteas de condenar.

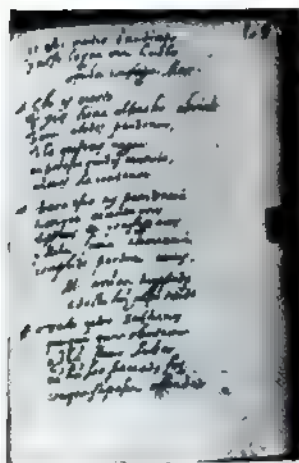
347.

H pera esso ay penitencia
conque remedearas
despues te confesaras
y dela suma clemencia
cumplido perdon auras.

M. arāca daespada
edalhe hũ golpe dizēdo

352.

H Vade retro sathanas
quequē quer obedecer
aJhũ fumo saber
nē hũ soo peccado faz
conque sepossa offender.



p. 108

(8) — Riscado - f. 100.

357.

H Tomaſ con el Thebeo
como tenia aguzada
aquella terrible eſpada
q̃ enel libro de Matheo
ſu X dexo goardada.

362.

H Maſ q̃ fiero cuchillazo
el Mauricio me arrojó
por pocos q̃ me lleuó
el peſcueſſo, y eſpinazo
ox, y como me dolio.

Vai fugindo pera
lucifer ediz.

367.

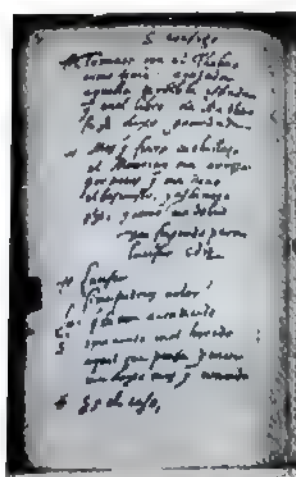
H Lucifer
ſimepodriaſ ualer?

Lu. q̃ te tem acontecido

f. O que uendo mal herido
aquel que penſe vencer
me dexo maſ q̃ uencido

373.

H Eſ el caſo,



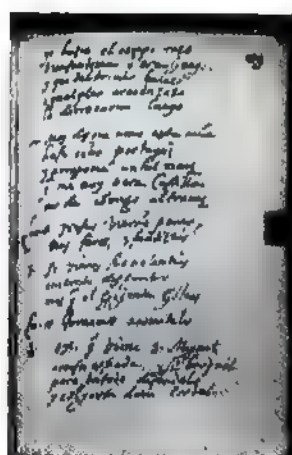
p. 108v

yo hazia el campo razo
 pienfandome q̄ era Grego,
 y que delprimer balazo
 o qualquer arcabuzazo
 lo derrocaria luego

379. H Mas dezque uino aesta uilla
 hafe echo portugez
 y arrojome un tal reuez
 q̄ me uoy pera Castilla
 no de comigo altrauez

384. Luc. H Nisso vieraõ parar
 teus feros, efantizias?
 f. si vieras sus ualentias
 ouierãte despantar
 mas q̄ el Gigante Golias

389. Lu. H Tornemos acometelo
 f. Ox q̄ viene f. Miguel
 consu espada, y su broquel
 para entodo defendelo
 y colgarte dun cordel.



394.

H Bien lleuo, q̃ remendar
para dez, o doze mefes
Or, que tajos y reuezes
acostumbran darrojar
estos sanctos portugueses.

109v

E acolhe se.

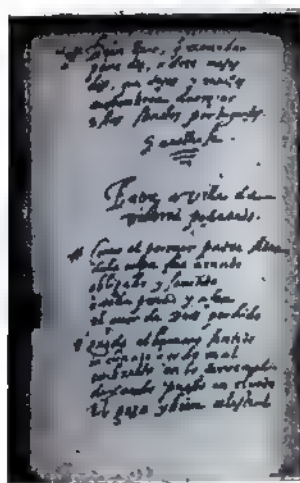
Entra a Villa da
Victoria paſseando.

399.

H Como el primer padre Adan
dela culpa fue uencido
obligado y fomitido
à toda pena y afan
el amor de Dios perdido

404.

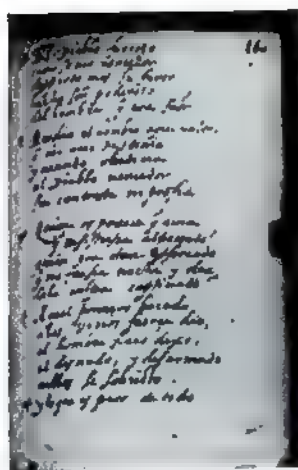
§ Quedo el humano ſentido
in clinado à todo mal
embuelto en lo terrenal
dexando puesto en oluido
el gozo y bien ceſtial.



p. 109v

409. H El Diablo furiozo
como se uio uencedor
desperto mas su furor
hecho sör poderozo
del hombre, q̄ era snör.
414. § Perdio el hombre aquel ualor,
q̄ del sūmo Dios tenia
y uencido obedicia
al Diablo uencedor
sin contraſte ni profia.
419. H Quien os parece q̄ auia
q̄ resistieſſe alpeccado?
quien era tan eſforçado
q̄ no fueſſe⁽⁹⁾ noche y dia
de la culpa captiuado?
424. § A quel primero bocado
alos vicios fuerça dio,
al hombre flaco dexo,
el deſnudo, y deſarmado
aellos se ſobieto.
429. H Yloque eſ peor de todo

11



p. 110

(9) — Sob o -u- lã-se -s-.

El cielo quedo cerrado
paraque el hombre formado
de poluo, ciniza, y lodo
no fuese enel aceptado

434.

§ Pues siendo echo y criado
à ymagen de Dios biuo,
quiso ser prezo captiuo
dela muerte del peccado
y desu Dios fugitiuo.

439.

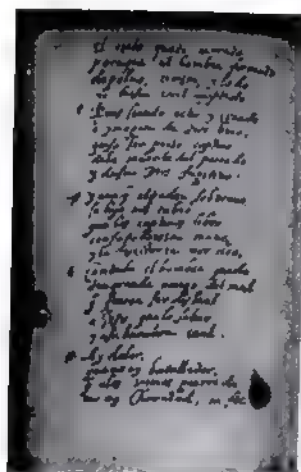
H Y aunq̃ el padre soberano
su hijo nos enbio
que los captiuos libro
con supoderosa mano,
y la victoria nos dio,

444.

§ Contudo el hombre quedo
tan grande amigo del mal
q̃ quiere ser desleal
a Jesu quelo saluo
y a su bandera real.

449.

H Ay dolor,
que no ay batallador,
q̃ a los vicios guerra de,
no ay Charidad, ni fee



p. 110v

falta el diuino temor,
triste de mi que hare.

111

Posta de gíolhos.

455.

H A uos mi Dios llorare
y con suspiros del pecho
Justicia demandare
pues Victoria me nõbre
q̃ me goardeis mi derecho.

sentada em hũa cadeira.

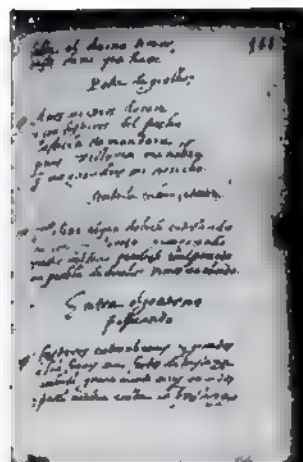
460.

Nosabe alque dolerse entristicido
mi coraçon llorozo, y congoxado
viêdo del todo perderse enel peccado
mi pueblo de muchos vicios ua⁽¹⁰⁾ uécido.

Entra o Gouerno
passeando.

464.

suspiros entranhaueis egimidos
q̃ saõ sinais mui sertos de tristeza
combatẽ graue mente meus ouidos
epedẽ minha ajuda cõ presteza.



p. 111

(10) — Engano provável (= 20).

468.

sospeito ecõ rezaõ q̃ esta toruada
agente desta terra minha amiga
eã tera perdida apaz antigua
por naõ querer de D^j ser governada

111v

Victoria so consigo.

472.

H llorad sin descansar mis tristes ojos
mi pena, mi dolor, mi desventura
porque esta es la mas breue y ciertacura
para dar refrigerio amis enojos.

Gouerno.

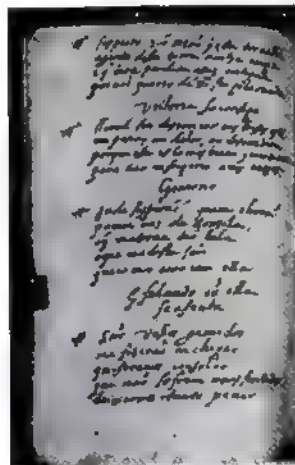
476.

H Onde suspiraõ? quem chora?
parece uoz de donzela,
oã matrona taõ bela
oque modesta saĩ
quero mir auer com ella.

E falando cõ ella
se asenta.

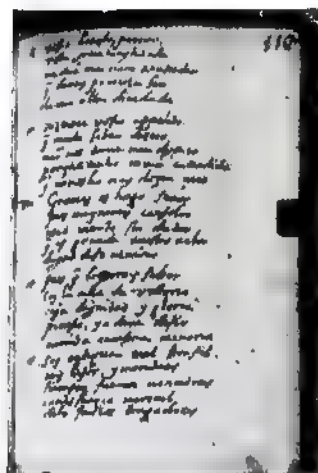
481.

H saĩ vo.sso.s gemidos
mefizeraõ ca chegar,
quiserauo.s consolar
que naõ sofrem meus sentidos
deixaruo.s tanto penar.



p. 111v

486. H Vosso honesto parecer,
vossa graue honestidade
medaõ mui claro aenteder
q̃ deueis princeza ser
de mui alta dinidade.
491. H Dizeime vosso appellido,
q̃ muito saber dezeio,
naõ uos torue meu despeio,
porque tenho en mim entendido
q̃ enuof ha mais doque ueio
496. Vic. Gracias os hago señor
pues mequereis consolar
creo cierto sin dudar
q̃ es grande uuestro ualor
digno dese uenerar.
501. H pues q̃ loquereis saber
soy la uilla de Victoria
cuya dignidad y gloria
pienso, ya deue defer
uenida auuestra memoria.
506. H soy antigua enel Brasil,
mis hijos, y moradores
siempre fueron uencedores
conesfuerço uaronil
delos Jndios tragadores.



511.

H En mi se planto la ley
de Dios, que todo crio
con su sancta fee alumbro
Jesu X ſūmo Rey
los Braſileſ, que eſcogio.

112v

516.

Gouer. Naõ debalde ca en meupeito
enoponto, que uoſ ui,
gran credito concebi
tendouoſ hũ tal reſpeito
qual ſinto dentro de mim.

521.

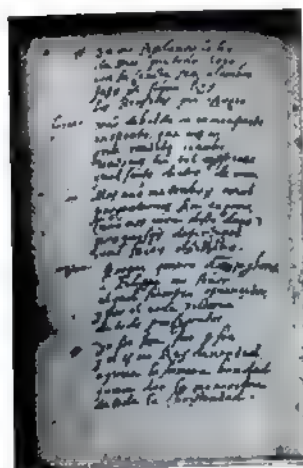
H Maſ naõ metenhaiſ amal
perguntaruſ ſen engano,
(naõ uoſ uira diſto dano)
pois queſoiſ deportugal
como falaiſ caſtelhano.

526.

Vic. Porque quiero d^{ar}(¹¹) ſu gloria
à Filippe mi ſeñor
elqual ſiempre eſuencedor,
y por el aure Victoria
detodo preſiguidor

531.

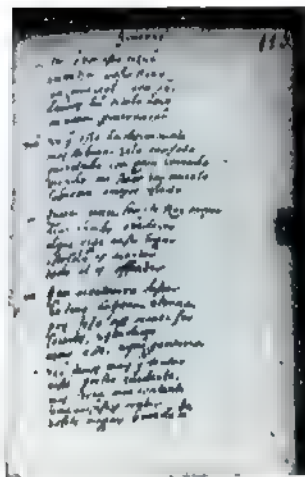
H Yo ſoi ſuja ſin &fia
y el eſ mi Rey deuerdad
a quien la ſumma bondad
quiere dar la monarchia
de toda la Chriſtandad.



p. 112v

(¹¹) — Emenda (ar) sôbre borrão.

536. H sei, q̃ por essa rezaõ
pertendia uosopouo
con mui leal coraçãõ
daruos hũ titulo nouo
con noua gouernaçaõ
541. Vict. No q̃ esso fue desconcierto
mas de buen zelo causado
queriendo con gran cuidado
viendo mi seõor ia muerto
subirme amejor estado.
546. H Quien quiere ⁽¹²⁾ asu Rey onrrar
deue entodo obedecer
alque rige en su lugar,
estosolo es acertar
todo al es offender.
551. Gou. Quem ocontrairo disser
hedino depena eterna
pois Jesu nos mandaser
soieitos, eobedecer,
como aD^s, aquẽ gouerna.
556. H Naõ temos mais q̃ tratar
nisto, porser euidente,
mas seria mui contente
femequiseis contar
vosas magoas brandam.^{te}



p. 113

(12) — Riscado ser.

561.

H Ouviendo vossos gemidos
tiue deuos compaixaõ
qual he senhora arezaõ
de terẽ vossos sentidos
tanta desconsoลาõ.

113r

566.

Vict. Pues mi nombre aueis sabido,
q̃ soi uilla de Victoria
por si se queda entendido
q̃ ser mi pueblo uencido
es afrenta de mi gloria.

571.

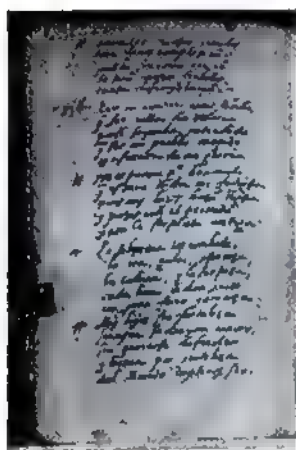
H No os parece p.^e honrrado
q̃ es mui iusta mi fatiga⁽¹³⁾
pues mis hijos hazẽ liga⁽¹⁴⁾
y pazeis con el peccado
y con la serpente antiga.

576.

H La soberuia los combate,
la ira, gula, ypereza,
la codicia, y la torpeza,
cada hora le dan mate
con gran furor ybraueza.

581.

H Mis hijos sin fortaleza
siempre se deixan uencer,
sin querer se defender
y tienen por gintileza
del Mundo captiuos ser.

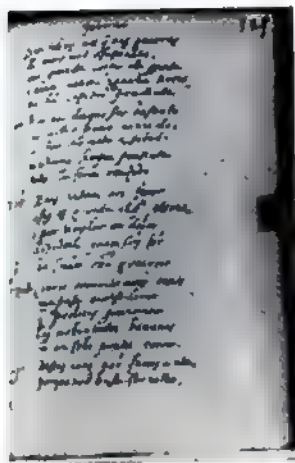


p. 113v

(13) — Riscado -u- (fatiga).

(14) — Riscado -u- (liga).

586. *H* Bien sabeis uos q̃ nas guerras
b̃ mais ual osapiente
que grande corpo de gente
q̃ quem uence eganha terras
he hũ Capitão prudente
591. *H* Por eu daqui ser ausente,
o uosso pouo uencido,
sefor discreto esabido
tenhame sempre presente
tudolhe sera rendido
596. *Vict.* Pues dadme uro fauor
afsy os goarde el p^e eterno,
y por templar mi dolor
dizidme quen sois s̃or
Gov. sou sñar obō gouerno.
601. *Vict.* Cierito enuiendo uñas canas
me puse aconsiderar
q̃ podieis gouernar
las uoluntades humanas
sin un solo punto errar.
606. *G.* Destas cans naõ façais conta
porque naõ basta ser uelho



bem posso tomar conselho
de mancebo sê afronta
e tomalo por espelho

114v

611.

H Que quẽ tem virtude esaber
seia dequal quer idade,
este tal tera maiesdade
pera poder bem reger
todo o mundo con uerdade.

616.

H Moço era Daniel
mas muitos uelhos uenceo
em uirtude, econuerteo
todo opouo de israhel
e a susana defendeo

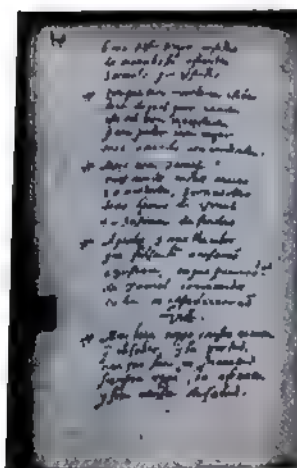
621.

H Aqueles enuelhecidos
que falsam^{te} acufaraõ
asusana, enque pararaõ?
de Daniel conuencidos
en fim os apedreiarã⁽¹⁵⁾.

Vict.

626.

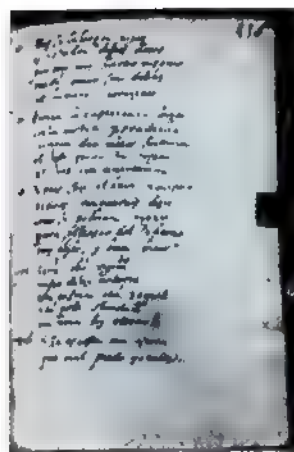
H Mui bien caigo enessa cuenta
q̃ el saber, y la virtud,
aun que sea en juuentud
siempre rigẽ sin afrenta
y son causa de salud.



p. 114v

(15) — Riscendo - (apedreiarão).

631. *H* Mas si la larga uejez
es dotada de ssoz donez
por muy mas fuertes razones
puedē guiar sin doblez
los humanos coraçones
636. *H* Porque la experiencia larga
con la uirtud y prudencia
siempre dan mejor sentencia
el Justo queda sin carga
el Juez con reuerencia.
641. *H* Y pues sois el buen Gouerno
pidoos⁽¹⁶⁾ mequeirais dizir
como se podran rigir
para escapar del Jnfierno
mis hijos, y bien biuir.
646. *Gou.* forã obõ regimto
nafse deley natural
esta ensina obẽ, e omal
e tẽ posto ofundam^{to}
na sũma ley eternal
651. *Vict.* Efsa es cosa mui escura
que mal puedo yo entender.



p. 115

(16) — Os Vv. 631-642 estão dificilmente legíveis.

bem mostrais que sois mulher
antes toda criatura
opode mui bẽ saber.

656.

H o q̃ ensina anatureza
naõ som^{tes} o Christaõ
mas tambẽ qualquer pagaõ
o conhece cõ clareza
sẽ lhe por contradiçaõ.

661.

H Naõ sabe qualquer pagaõ
ser mao, ter odio, matar
fornicar, adulterar,
naõ lhe diz logo arezaõ
ser mao furtar, eenganar?

666.

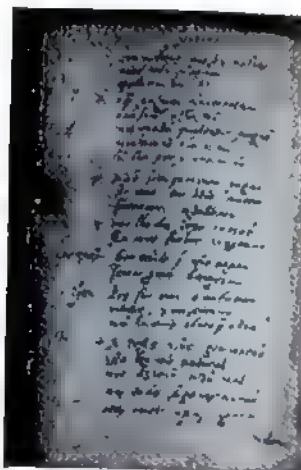
Vict. por cierto, q̃ esso negar
seria gran heregia

Gou. Pois ser mao o infamar,
mentir, e mixiricar,
naõ he mais claro q̃ o dia?

671.

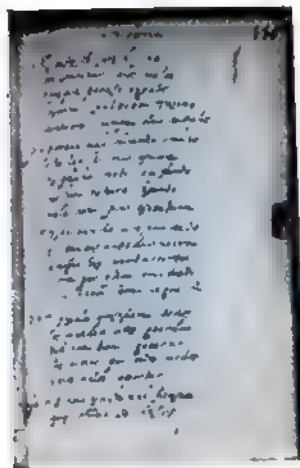
H se vossos filhos goardaraõ
essa ley taõ natural
naõ fizeraõ nhũ mal,
mas todos se governaraõ
con amor e paz igual.

Victoria



p. 115v

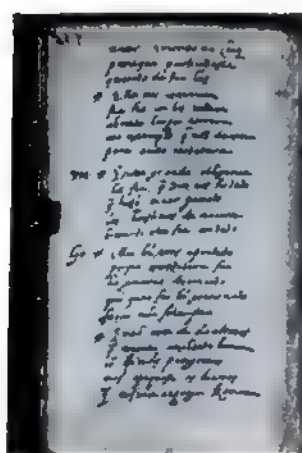
676. *H* Es iusto el Juez diuino
en condenar alos malos,
pues que perasi regalos
buscan y al pobre vezino
quieren siempre dar depalos.
681. *Gou.* porque naõ dixeſſe o mudo
Esta ley ſer mui eſcura
Df quehe fundo ſem fundo
no ſeu roteiro ſegundo
nola deu por eſcretura.
686. *H* Eſcreuendo con ſeu dedo
en tauoas depederneira
a noſſa ley uerdadeira
corra por ella ſem medo
todo homẽ ſem cegueira.
691. *Vic.* *H* Oxala quiſeſſem todos
los mandamientos goardar
podrian bien gouernar
ſus almas por lindos modos
y alos cielos aportar.
696. *Go.* *H* Porque eſcuſa naõ ficafſe
quiſ oſũmo Df Jeſus



nacer, e morrer na Cruz
peraque participasse
o mundo de sua luz.

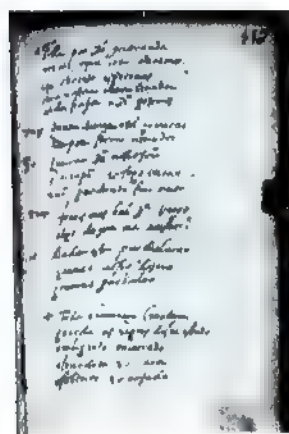
116v

701. H Elle nos comunicou
sua fee con luz inteira
abrindo larga carreira
coo exemplo q̃ nos deixou
pera auida uerdadeira.
706. Vic. H Es tan grande obligacion
la fee, q̃ Dios nos ha dado
q̃ hazē maor peccado
los Christianos de nacion
biuiendo tanfin cuidado.
711. Go. H Mui bẽ aueis apontado
porque auerdadeira fee,
he gouerno descaçado,
quẽ quer ser bẽ gouernado
faça nela fincapee
716. H Enaõ cure de doutrinas
q̃ enuenta amaldade humana
cõ opiniois peregrinas
mas apeguese as diuinas
q̃ ensina aigreja Romana.



p. 116v

721. H Ella por D^f gouernada
nos diz oque crer deuemos,
ebẽ obrando esperemos
fera noſtra alma leuada
onde ſempre a D^f gozemos.
726. Vic. H Quien tuviere tal gouierno
ſiempre ſera uencedor.
- Go. Queira D^f noſſoſõr
q̃ eſcapẽ do fogo eterno
naõ perdendo ſeu amor.
731. Vic H Teneis maſ buẽ p.^e viejo
algo deque me auifar?
- Go. Ainda eſta por declarar
ſegundo uoſſo dezeio
gouerno particular.
736. H Toda ahumana Creatura
goarde aſ regras deſeu eſtado
oreligioſo encerrado,
oſacerdote, e o Cura,
oſolteiro eo caſado.



741.

H O Juiz O Vreador
Ouuidor, eCapitaõ
O meirinho, eescriuaõ
O eserauo, eosõr
O fidalgo eopiaõ.

117v

746.

H porque estas saõ leys humanas
q̃ dependẽ da diuina.

Vict.

Quadrame urã doctrina
las almas serian sanas
con tan buena medicina.

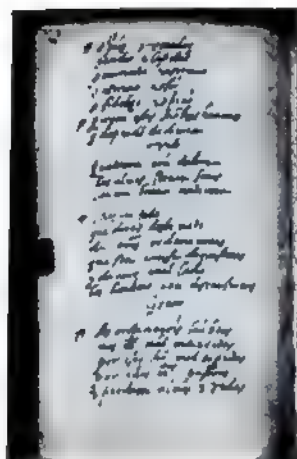
751.

H Mas con todo
que direis deste modo
de nrã ordenaciones
queson causa dequestonef
y decair enel lodo
los hombres con dissenfiones.

Gouer.

757.

H As ordenaçõis saõ boas
mas m^{to} mal entendidas
por isso saõ mal regidas.
por ellas m^{tas} pessoas
eperdem almas e vidas



p. 117v

H porque oignorante, emao
pouco cura da uerdade
por fazer sua uontade
uof fara dapedra pao
Indaã a Df desagrade.

Victoria

767.

H O gouierno de mi uida
confegero sin fofpecha
quiero fer por uof rigida
porque el alma eftaperdida
del hombre, q̃ of defe cha.

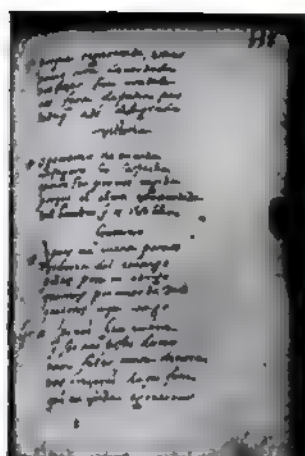
772.

H Ypues me⁽¹⁷⁾ uiene poruof
victoria del enemigo
pidoof pera mi abrigo
queirais por amor de Dios
quedarof aqui comigo.

777.

Go.

H Ifso naõ, ficai embora
q̃ soo naõ poſſo durar
nem fazer muita demora
pois lançaraõ daqui fora
quê me ajuda agouernar.



p. 118

(17) — Riscado Governo.

782.

H Esperai, logo uereis
hũa uelha aqui chegar
q̃ ma defazer calar
epor aqui sabereis
qual esta uosso lugar

118v

Ficaõ ambos afsétados,
eentra a Ingratidaõ.

Ingratidaõ

787.

H Arrenego decaluino
de Luthero, e Lucifer
mofina de ti molher
q̃ naõ fazes de contino
fenaõ mil caldos meixer.
Quero uer

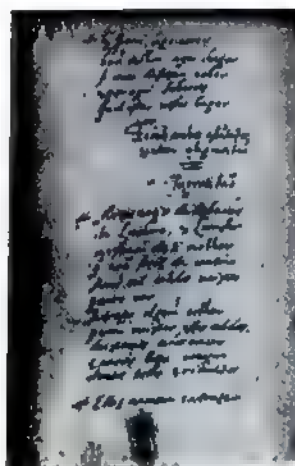
93.

H setrago algũa colher
pera meixer estes caldos,
deixaiuos adormecer
e uereis logo crescer
tantos potes eribaldos.

798.

H Elles uemme catrazer

Z



p. 118v

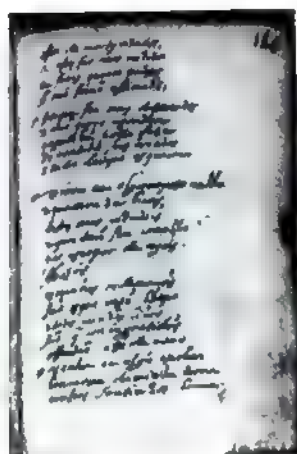
ossof de martyrizados,
 zi, effes fãõ meus cuidados
 eu farej quanto puder
 q̃ não feiaõ estimados,

803. H porque sou may depeccados
 e não quero agradecer
 quanto bẽ pode fazer
 D^r contodos seus criados
 e tudo deixo esquecer.

808. H Vira ca o Governo uelho
 equerera dar liçoĩs
 aestes meus cidadãoĩs
 eque tomẽ seu concelho
 por escapar de cajoĩs.
 Abozoĩs ⁽¹⁸⁾

814. H as minhas ordenaçõĩs
 fãõ as que regẽ opouo
 e todas minhas liçoĩs
 fãõ, q̃ con ingrátidoĩs
 offendaõ a D^r de nouo.

819. H Venha ca algũ escolar
 lançarme da minha terra
 con seus santinhos louuar,



p. 119

(18) — Parece que o copista quis colocar "Abozoĩs" sob "cajoĩs", como tórmo substitutivo. Nesse caso, não constituiria verso.

q̃ eu lhedarey tanta gerra
queofaça logo appildar.

119v

sentaſſe eentra
hũ castellano do
Rio daprata por
embaixador.

Embaixador

824.

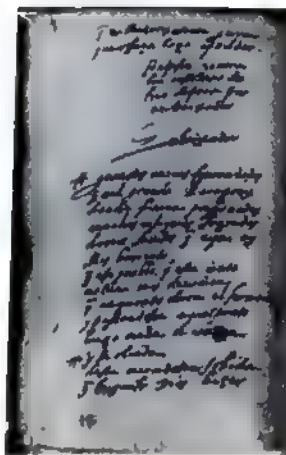
H grandes nueuas fuerandadas
e nel grande Paragoay
donde fueron pregonadas
muchas reliquias ſagradas
dunos ſanctos q̃ aqui ay

829.

Mas barrunto
q̃ este pueblo, q̃ esta iunto
notiene mas deuocion
q̃ enquanto dura el ſermon,
y paſſandoſſe aquelpunto
luego muda el coraçon

835.

H Y ſe oluida
deſta merced tanſobida
q̃ le quiſo Dios hazer

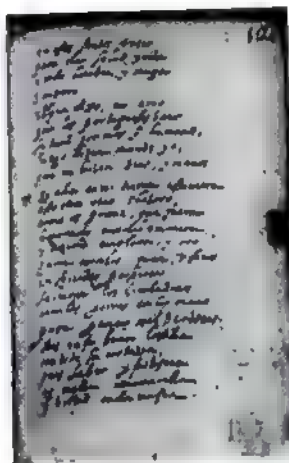


p. 110v

en estos santos trazer
para dar salud y vida
a todo hombre, y muger.

120

841. Empero
elque dixo, no erro
que los portugueses vanos
se tienē por mas q̄ humanos,
luego dizen mando yo,
que me bezen pies, y manos.
847. H sy alla en mi tierra estuuiera
esto tan rico thesoro
como os parece, que fuera
honrrado entoda amanaera,
y cozido emplata, y oro?
852. Quan cortesef, quan vfanos
en folienef & cifsiones
salieron los ciudadanos
con las gorras en las manos
para ganar mil perdonef.
857. H Mas enfin biua Castilla
con toda su cortezia,
pues saber, y polifcia
ay enella amarauilla
y virtud ende masia.



p. 120

Ingratidaõ

862. H ã diz este Castilhano
blasonador Andaluz

Emb.

Dios me ualga ã abestruz
el me libre de tu mano
por la seña del +

Ing.

867. H feros etalhos despada
diso podeis descançar
mas ao tempo dorrancar⁽¹⁹⁾
hũa uelha alcorcouada
basta pera oespantar

Emb.

872. H Ox, ã miedo mepusisti!
nobastara ã escoadron
para hazer lo ã hesiste
porque todo me mouiste
con tu tan fea iufion⁽²⁰⁾.

877. H Oualgame, s fr^{co}
penseme ã eras dragon
o aquel brauo Cãnon
ã se llama Baseliſco
o el fiero tarracon

882. H Di, quien eres? 120v
que pienſo, ã de mugeres
no nascio tal fealdad

Ing.

Mas tu fanfarraõ, ã queres?
es por dita algũ al feres
seruo desu Maieſtad?

888. H Oues algũ capitaõ
ã narmada ca uieste
pera goardar ofogaõ
e como forte uaraõ
polos matos te escõdeste?

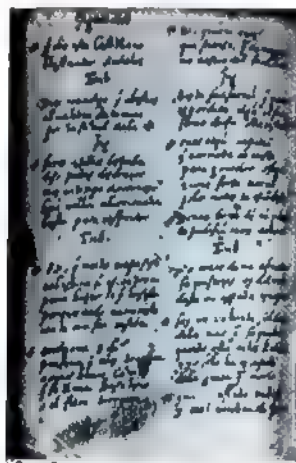
893. H Donde⁽²¹⁾ nẽ dſ nẽ o diabo
te pudeſsẽ mais achar?

Emb.

No cures de me afrentar
se quisiereſ oy del rabo
desta mi espada escapar

898. H ſoy un valiente soldado
dela nao ã se quebro
quando alla enlos Palos dio
y yo ſolo he es capado
dela gente ã murio

903. H y mui confiado endios
y enel nombre de Jesus



p. 120v

(19) — Leitura provável.

(20) — Engano provável (= iufion).

(21) — Riscado -d.

con mi espada y arcabus
pafse polos Carijos
hasta dar en^{ta} Cruz.

detodosu coracion 121
amartyr tan excellente?

908. H Dende alli el adelantado
y los señores de minas
pera ca man embiado
pola fama, q̄ ha llegado
destas reliquias diuinas.

928. H A, q̄ todo es pleitear
y tratar noches y dias
mil peleas y &fias,
por rigir, y gouernar,
soberbias y fantasias

Ing.

913. H No se si en medio Peru
hallaras un tal señor
q̄ se igo ale amiualor
y quieres bulrarte tu
dun tan graue embaixador

933. H Oula, naõ uenhaiſ uosca
afalar deſa maneira
q̄ eſta gente hemui gerreira,
olhaŷ, q̄ naõ faltara
alguã paa deforneira.

Ing.

Emb.

918. H Epoiſ deq̄ te queixauas
quando andauas paſſeando
q̄ taõ brauo te moſtrauas
etantos ralhos deitauas
q̄ meeſtauas eſpantando

938. H Maſ q̄me matẽ mil uezeſ
por la iuſticia morir
enfin ſiempre oy dizir,
q̄ ſoberuios Portugueſeſ
o mandar, ono biuir.

Emb.

Ing.

923. H No tengo mucha razon,
dequexarme deſtagente
q̄ notiene deuocion

943. H fazẽ bem, q̄ todo homẽ
como o mũdo agora uay
ha deſer f^o depay
ſe quiſer ter algũ nome
e ſair aſua may



948. H Do mau leite q̄ lhes dou
uēferē desconhecidos,
Ingratos, descomedidos,
eufou, aq̄ sempre fou
meixedora da^rruidos⁽²²⁾.

Emb.

953. H No fin causa mespantaste
luego quando te mire,
dime, donde te criaste?
eres sathã y contraste
detoda lafaneta fee?

Ing.

958. H Bẽ amaõ
sou auelha engratidaõ
q̄ todo mundo cerquey,
toda aterra conquistei
sou mais antiga q̄ Adaõ
q̄ en Lusifer comecey.

964. H O meu trato
hee fazer opouo engrato
as merces q̄ d^r lhe fas
e eporter comigo paz
q̄ se meuẽdẽ taõ barato
deixando seu d^r atraf.

Emb.

121v

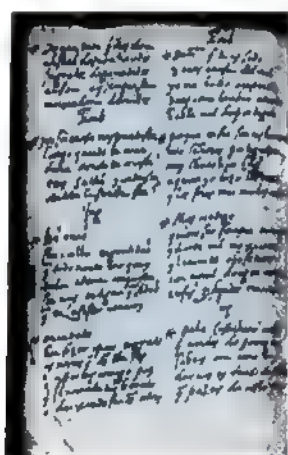
970. H Dem^{ra} q̄ tu as fido
e eres causa del mal?
Yo me hallo arepentido
pues como hombre atreuido
hable mal deportugal

975. H porque enfin son mis hermanos
mis señores portugueses
muy Chatolicos Cristianos
a quien yo bezo las manos
y los pies mui muchas uezes

980. H Mas contigo
quiero ser siempre enemigo
y darte mil moxicones,
y lançarte abofetones,
con aquel dragon antiguo
ensus &fundos rincones.

Ing.

986. H Oula Castelhana malo
q̄ uindes do paragoay
sabeis ora como uay?
daruos ey tanto depalo
q̄ pezeis de uosso pay.



p. 121v

(22) — Emenda (r).

Emb.

991. H El Diablo q̃ te lleue
mala vieja regañada
parece q̃ estas prênada
y q̃ la prênez te mueue
ahazer tanta enfalada.

tanto ha q̃ estas preñada 122
y no acabas deparir?
q̃ puede deti salir
fino alguna sierpe hinchada
para el mûdo destruir?

Ing.

Ing.

996. H Or, olhai o castelhano
naõ ues tu minha barriga?
esa he aq̃ me obriga
aprocurar tanto dano
cõ tanta dor efadiga.

1017. H Agora me quero rir
de tua graõ bobaria
naõ sabes que cadadia
pairo fennunca parir
cõ mui estranha alegria?

Emb.

1001. H Tu naõ sabes q̃ emprenhey
do fermozo Lusifer
quãdo quis tamanho ser
como d^f eterno Rey
eter supremo poder?

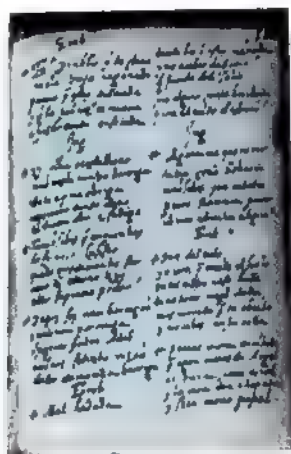
1022. H Dios del cielo,
yo iuro, q̃ entodo el suelo
vn tal mōstro nose halle,
tu no tienes ningũ talle,
mas mirrada q̃ tu abuelo
y no cabes en la calle.

1006. H Depois foy meu barregaõ
e metomou por amiga
oIngrato padre Adaõ
naõ uez, setenho rezaõ
deter tamanha barriga?

1028. H parecef mora encâtada
q̃ agora uienes de Argel
el vientre, como tonel
y la cara tan chupada
y seca momo⁽²³⁾ papel.

Emb.

1011. H Mal hadada



(23) — Engano provável (= como).

1033. H Arezaõ
 hee porque aIngratidaõ
 tẽ hũa tal calidade
 q̃ chea de maldiçaõ
 esgota afonte ebẽçaõ
 da diuina piedade.
1039. H O q̃ pecca eſeconhece
 echora como ſeſudo
 dele d/ se compadece
 o Ingrato naõ merece
 / se naõ q̃ lhe neguẽ tudo

Emb.

1044. H Aora te quiero oir
 ſe deueras me hablareſ
 dime, q̃ quiere dizir
 q̃ empreñas y ſiemprepareſ
 y no acabas deparir?

Ing.

1049. H Agora uas acaminho
 ouue neſcio Caſtelhano

Emb.

Vieja no te de una mano
 pienſas q̃ ſoy algũ niõo?

Arrela, q̃ palaciano.

1054. H Ouue ſaberaſ meu trato
 e natural condiçaõ
 aprim.^{ra} emprehidaõ
 ſoy de Lucifer engrato
 aoutra do uelho adaõ

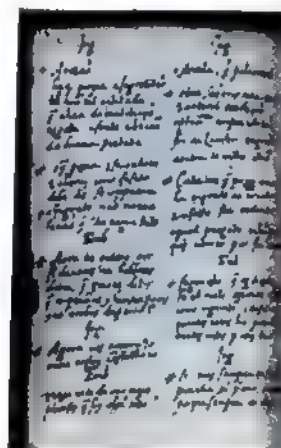
1059. H Cada uez q̃ pecca o mao
 he engrato ao criador
 eaJesu ſeu redentor
 oqual pregado enhũ pao
 quiſ morrer por ſeu amor

Emb.

1064. H ſugun⁽²⁴⁾ eſſo, q̃ eſ tu fado
 ſe el malo offiende a Jesu
 como ingrato y deſalmado,
 quantas uezes ha peccado
 tantas uezes pareſ tu

Ing.

1069. H ſi, mas ſempre eide ficar
 prenhe ſẽ parir, de todo,
 porque ſempre aõ depeccar



p. 122v

(24) — Engano provável (= ſegun).

os homens por algũ modo
enquanto o mũdo durar

Emb.

as deprendido quiza
en la ciudad dalcala
de alguna hechizera
q̃ del reino uino aca?

123

1074. H No dizem q̃ los peccados
perdonados una vez
no seran mas castigados
y seran siempre olvidados
de Dios q̃ es iusto Juez?

Ing.

Ing.
1095. H Ellas aprẽdẽ de mim
q̃ faço grandes sermoĩs
e lhes ensino oraçõs⁽²⁾
q̃ ellas semeaõ por y,
com mtas superstiçois

1079. H Asi he, mas o engrato
q̃ depois torna aofender
a mesma pena hadauer
porque quebrou ocõtrato
quando quis engratofer.

Emb.

1100. H Enfim enqualquer pecado
eusou sempre adianteira
quẽ pecca, mes q̃ naõ queira
mefaz sempre gashado
ou duã, oudoutra maneira.

1084. H No oimos esso nos outros
enlo Rio delaplata

Ind.⁽²⁵⁾

1105. H Enquanto me naõ lançar
fora desi todo pouo
bẽ podeis tuperdoar
q̃ elle nũca ha de cessar
depeccar sempre de nouo.

Emb.

yAũ por esso es tambarata
amaldade entre uos outros
porser tua gente engrata

Emb.

1110. H Valag me dios soberano
q̃ sierpe tan ponçoñoja
fuera daqui mala coja.

1089. H de manera
q̃ eres grande bachillera,



(25) — Engano provável (= Ing.).

(26) — Engano provável (= oraçõis).

Ing.

Falai suos bẽ Castelhano

Emb.

Vete maldita rapoza

1115. H q̃ contiguo
nunca el pueblo tera abrigo
destos martyres de Dios.

Ing.

Nuera mala perauos
nosso amor he mui antigo
sẽ mim ficaraõ mui sos.

Emb.

1121. H Juro atal, q̃ as desalir
apoder de cuchilazos,
q̃ nose puede sufrir
los portuguezes biuir
en redados con tus lazos.

Ing.

1126. H Odemo nio Castelhano
procurar por portuguez

Emb.

Cata note de un reuez
con esta mi fuerte mano
q̃ te henda hasta lop ies.

Ing.

1131. H Que ralar!

nesta uila ey de morar 123v
esazela sempre engrata

Emb.

pues Juro detrabajar
destas reliquias llevar
para el Rio delaplata

F Entra Victoria e
dos companheiros de
s. Mauricio
afauorecer ao embaixa
dor

Victor

1137. H Hermano q̃ dis enfsion
es aquesta que teneis?

Emb.

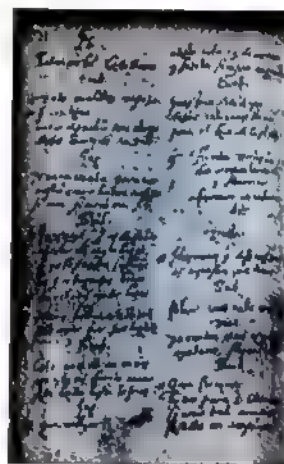
señor euos nolo ueis?

Vic.

Yo uendre cõ mi esquadron
ayudaros sequereis

Emb.

1142. H Gran ser uicio
fu era para s. Mauricio
si como buẽ cauallero
fusedes mi compañero



p. 123v

pera hazer un sacrificio
anrõ dios uerdadero.

Vict.

124

1148. H Mas sefois deportugal
por dicha de castilla?

Vict.

De Mauricio y su quadrilla
victor⁽²⁷⁾ alferes real
padroero desta uilla

Emb.

1153. H En buen punto sois uenido
peraser mi ajudador
q̃ sierto estoy mui corrido
duna vieja auer podido
escapar de mi furor.

1158. H sy, yo cõ otro lo oujera
conespada y con broquel,
de mis manos tal saliera
q̃ ya el sacristan pudera
campanas doblar por el.

Vict.

1163. H Dizid por urã salud
quien os tiene asi anoiado?

Emb.

Laq̃ es raiz delpeccado
q̃ se llama engratitud
q̃ el Jnferno aca embiado

1168. H No me direis para que
q̃ yo con mi compãia
luego la castigare

Emb.

para hazer perder la fee
q̃ este pueblo uos tenia

Vict.

1173. H pues q̃ quereis q̃ hagamos
para contentar adios?

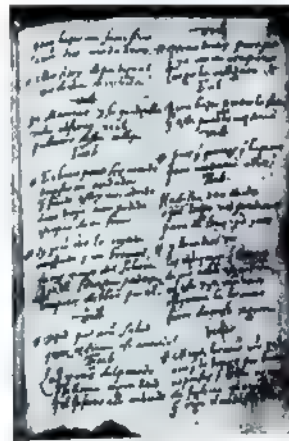
Emb.

Hadeser vno de dos
o que luego nos partamos
para el Rio yo y uos

1178. H y lleuemos
las reliquias q̃ tenemos
de urõ noble esquadron,
oq̃ esta veja matemos
osiquiera la lancemos
fuera daquesta region.

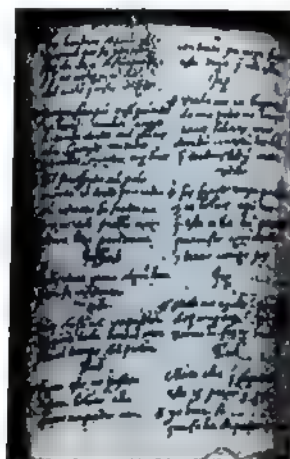
Victor

1184. H Mirad, hermano urõ zelo
aun q̃ lo tengo por bueno
no penseis q̃ estan ageno
da Justicia el rey del cielo
q̃ rige el mûdo sin freno



(27) — Leitura provável.

1189. H Los hombres de uño Rio
merecē por sus peccados
ser de Dios desamparados
y q̄ no uengaro cio
del cielo por sus collados,
contanto que uaya fuera 124v
esta vieja q̄ alli esta.
Ing.
1194. H porque siempre en sã grêtados
an biuido muchos annos
hazendo tantos mil dānos
alos Carijos cuitados
con robos, muertes, engaños.
1214. H Vinde uos ca bujarraõ
do meu pouo me lançar
euuof saberey tornar
tambē comeste bordaõ
q̄ tenhais bē q̄ corar.
Vict.
1199. H El q̄ colgado nũ palo
morio cõ tanta paciencia
aũ no mudo su sentencia
porque urõ pueblo mano⁽²⁸⁾
nunca hizo penitencia.
1219. H sus fuera vieja perdida
y no boluas aqui mas
q̄ nesta uilla mi querida
quiere ser agradescida
y tener conmigo paz
(29)Emb.
Ing.
1204. H Pues nunca uerna algũa hora
para su uisitacion
1224. H Onde me ey dir? pera o Rio
do paraguay? ou daprata?
Voume lafazer beata.
Emb.
- Dios desũma compafsion
en quien toda bondad mora
sabe el tiempo del perdon.
Mira alla q̄ desuario
esta es peor q̄ gata
Emb.
1209. H segun esso no quisiera
agora boluer alla
quero mequedar aca
1229. H yo bien se
que se ha de quedar empee



(28) — = malo.

(29) — Riscado Ing.

aũ que caiga del tejado.

Ing.

pois q̃ cuidas abobado
sempre madegoardar fe
este pouo meu amado.

F Acabaõ e uanse eo
Gouerno torna acont
nuar suapratica
cõ auila da Vi
toria.

Gouerno.

125

1235. H Eisme uou, mas sê perigo
q̃ eu darey auolta cedo
q̃ este pouo he meu amigo

Emb.

Vaya el Diablo contigo
q̃ meas hecho tanto miedo.

Vict -

1240. H Hermano quedad aca
con mi capitan Mauricio
pues la vieja iaseua,
y elpueblo agradeçera
este tan gran beneficio.

Emb.

1245. H Ajsy espero
yo quiero ser compañero
de uros hijos amados
q̃ deixaron los peccados
con coraçon mui intero
pues q̃ sois sus abogados.

1251. H Jase foy aencantadora
que nos ueo aperturbar
bẽ podemos rematar
nossa pratica sãr
iruoiseis arepoufar.

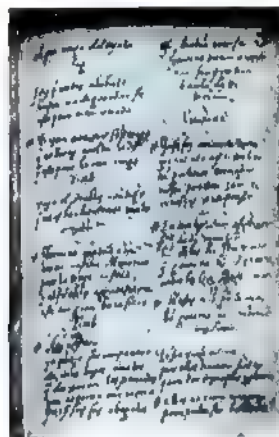
1256. H Eu tenho dous asistentes
f^{os} ded^s meusõr
hũ deles he seu temor
q̃ gouerna bẽ as gentes,
outro he seu santo amor.

1261. H sê estes naõ pode auer
bõ gouerno, nẽ Victoria.

Victoria

Efsa escosa notoria
pues ellos tienen poder
para dar tryumpho y gloria,

1266. H Mas no auria manera
para poder ser hallados?



quiza q̃ estan disfrazados
debaxo dela bandera
de Mauricio y fus soldados.

Gouerno

1271. H La estaõ bẽ descançados
porque os agasalha bẽ
Mauricio cõ seus soldados
q̃ deles foraõ leuados
agloria q̃ agora tem.

1276. H Pedios cõ deuacão
uerdadeira e grande fee
a Mauricio Capitaõ
q̃ tomaſtes por patraõ

Vict.

señor ajsy lo hare.

F Posedegiolhos
ediz

agora fereuencida
alcabo de mi vez

125v

F Emtraõ temor ea
mor de dñ, ediz o

Gouerno

1291. H Aliuẽ meus companheiros
agora finca bordaõ
contaõ graue Capitaõ
etaõ fortes caualeiros
venceraſ todo esquadraõ

F Temor de Dñ fala
cõ o amor ediz

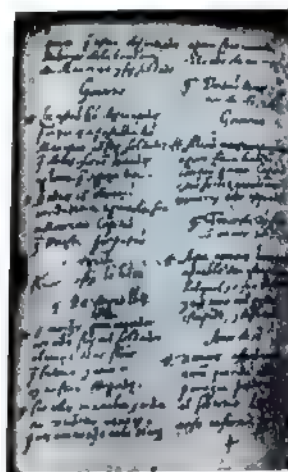
1296. H Aque uenimos hermano
apueblo tan estragado
delqual yo fue desterrado
y uos como uil gusano
escupido, y desamado.

Amor de Dñ

1281. H O martyr gran uencedor
con uos seis mil soldados
alcançad demi señor
q̃ futemor y amor
oy meſean otorgados.

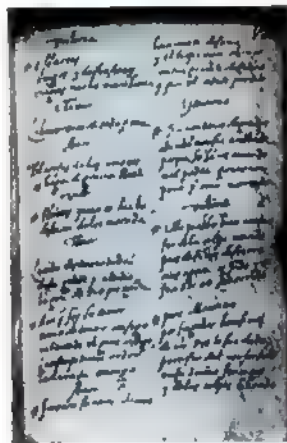
1301. H Venimos a socorrer
añra querida uilla
para que pueda uencer
al soberuio Lucifer
con su infernal quadrilla⁽⁸⁰⁾

1286. H sin ellos mi nombre y uida
de Victoria uano es
pues uenciendo en la niñez



(80) — Riscado um f-.

- Victoria
1306. H O señores
amigos y defensores
vengais mucho nua buena
- Gouerno
- Temor
- Libreos Dios de toda pena.
- Amor
- El consus dulces amores
of haga de gracia llena.
- Victoria
- Vict.
1312. H señores quien os hecho
desta mi dulce morada?
- Temor.
- La uida desconcertada
desta gente q uendio
lagrã de Dios por nada.
1317. H A mi q soy su temor
temio de tener consigo
no timiendo el gran castigo,
q consenpiterno ardor
ledara su enemigo.
- Amor
1322. H pues ami su amor diuino
- locamente desamo,
y el turpe amor abraço
con tan grande desatino
q por el aDios perdio.
- 126
1327. H Eu uendouos degradar
tambẽ mefui acolhẽdo
porque so sã uos uiuendo
mal podia gouernar
pouo q uiue morrendo.
1332. H Mi pueblo bien mereficio
ser dela culpa uencido
pues desi uos desterro
mas agora os pido yo,
seapor uos socorrido
1337. H pues Mauricio
por singular beneficio⁽³¹⁾
de nro Dios le fue dado
para ser del confortado
en su diuino seruicio
y delas culpas librado



(31) — Riscando um -f.

Temor

1343. H Vros ruegos Justos son
y pues Victoria os nōbrais
es menester q̄ tengais
este tan fuerte esquadron
de sanctos, cō q̄ uençais

1348. H Ellos uenceron la muerte
cō nra ajuda y fauor,
porque cō temor, y amor
suffrieron conpecho fuerte
la muerte por su amor.

1363. H yfino dizime uos
los q̄ tienen este officio
se uienē al sacrificio
q̄ se haze al sūmo Dios
à honrra de s. Mauricio

126v

1368. H Ja se tiene por afrenta
asus missas asistir,
elque no quiere siruir
mil inuenciones inuenta
para dellas se excluir

Gouerno

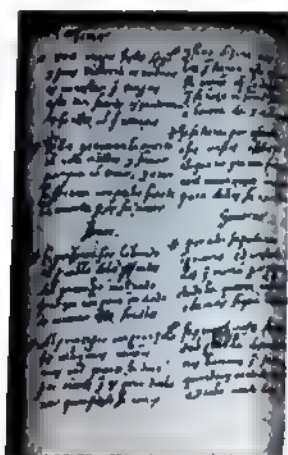
Amor

1353. H si quisiere ser librado
el pueblo delos espantos
del enemigo maluado
trabaje con gran cuidado
de uenerar estos sanctos.

1358. H Al principio con gran zelo
sus reliquias recibio
mas ued quanto le duro?
por cierto q̄ es gran duelo,
uer quan presto se canço.

1373. H por ahi sepodeuer
o gouerno eo conserto
dos q̄ morrē por reger,
tudo he querer ualer
o de mais fique deserto.

1378. H sepera as cousas diuinas
taō grande descuido ha
nas humanas q̄ sera,
quandonas uontades malinas
o Diabo uento da?



p. 126v

Temor

1383. H Hermana no os espanteis
si parece no curar
Mauricio deste lugar
pues el pueblo, segun ueis
cura poco de lo honrrar.

1388. H si falta lluja en la tierra
yse pierde lo plantado
es porque el pueblo y senado
haze adios continua guerra
cõ las armas del peccado.

Gouerno

1393. H Isso bẽ estaprouado
porque sã condenaçaõ
ecoraçaõ humilhado
tiraõ o Martyr sagrado
en solemne & cisaõ

1398. H Da Ds chuua sentardança
ecrecẽ as nouidades
esẽ usar de uingança
mil males da terra lança
em^{ta} enfermidades.

Temor

1403. H pues quien defiende la tierra
decofairos Lutheranos

quien ameaça los paganos 127
y tapuyas de la sierra
quien les amarra las manos

1408. H O furor
de pueblo tan sin temor
O gente desconocida
quese dexa estar caida
en offensas del señor
q̃ les da salud y uida

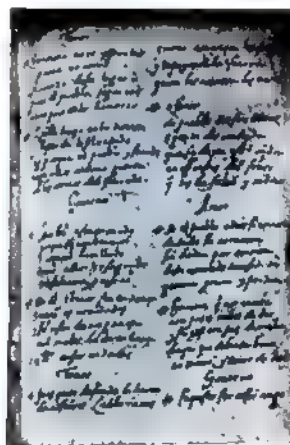
Amor

1414. H si el pueblo adios si conuerte
detodo su coracion
sin duda por oracion
deste exercito tan fuerte
ganara gracia y perdon.

1419. H Conuiene q̃ nos reciba
con pazes ambos de dos
y se espera paz, derriba
daqui por delante biua
en temor, y amor de dios

Gouerno

1424. H se quiser ser uosso amigo



eu cō uosco ficarei
gouernandoosẽ perigo.

~ Thema ~

127v

Victoria

1427. H Para q̃ esto se concluya
y cō mis hijos quedeis
conuiene, q̃ les hableis
ruegoos como madre sua
quentrambos le prediqueis.

Temor

1432. H Mouido por uros ruegos
yo les quiero predicar
delos infernales fuegos
si de todo no son ciegos
configo me haran quedar.

1437. H Mas para darles mas gosto,
començare emportugez.

Victoria ~

Esso officio urõ es,
que hazeis del malo iusto,
yo me pongo auros pieis.

sermaõ do Te
mor de d^s aopo
uo

1442. .§. Peccador

feito escauado do s̃or,
se do peccado naõ temes
do fogo porque naõ tremeis

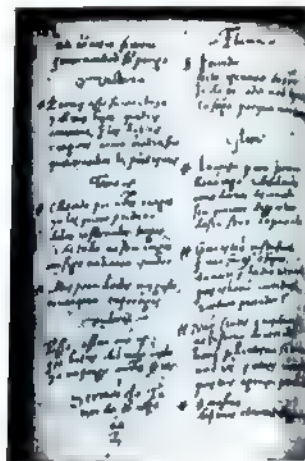
Glosa

1446. H he cousa pera pasmar
homẽ cego edesalmado
como dormes descançado
sen queres despertar
desse sono do peccado

1451. H Como es taõ insensiucl
q̃ naõ sentes o furor
da morte q̃ he taõ terriuel,
pois es homẽ corrutiuel,
ecatiuo peccador?

1456. H Naõ sentes q̃ uas decendo
ao Inferno de corrida?
homẽ phantasma s̃ẽ uida
naõ ues, q̃ uiues morrẽdo
pois tens agraça perdida

1461. H O mofino
depenas eternas digno



p. 127v

pois te fazes seruidor
do peccado, taõ sentino
deixando oualor diuino
feito eserauo do fõr.

Victoria

128

1467. H Temes ador corporal
foies dequalquer afronta
edaquele eterno mal
do brauo fogo infernal,
naõ fazes nhũa conta?

1487. H Bien parece q̃ sois don
de Dios el spũ sancto
q̃ condulce deuocion
aueis hecho tal sermon
q̃ atodos nos puso espãto.

1472. H se cometes opeccado,
e nada te dois, nẽ gemes
teme, queferas queimado
sempre uiuo esempre afsado
se do peccado naõ temes.

1492. H pues su temor inche todo
plega la sũma bondad
hincha todos de uerdad
desu temor por tal modo
q̃ cumplan su uoluntad.

Temor

1477. H Acama enq̃ has de iazer,
hadeser de fogo ardente
bichos q̃ teaõ de roer
os quais nunca aõ de morrer
com brauo ranger dedente.

1497. H Vnaparte me haquedado
para dar fin al combate
holgareis q̃ la relate?

Vict.

El beneficio doblado
acabad y dalde mate.

1482. H do furor do omnipotente
peccador porque naõ temes?
como naõ choras egemes,
pois tens aforca presente?
dofogo porque naõ tremeis,

Temor & sigue ofer
maõ

Thema.



1502. F Oque pena
 fera estar en la cadena
 y biuir siempre moriendo
 y morir siempre biuiendo.

Glosa

1506. # si tratasse cadadia
 unpoco en tupensamento
 aquel enferral tormento
 tristeza sin alegria
 pezar sin ningũ contento,

1511. # Hambre sin nunca comer,
 y fuego sin luz serena,
 sed terrible sin beber,
 noche sin amanescer,
 oã dolor, ¿que pena!

1516. # pera siempre encarcelado
 donde el Diabolo te asombre
 donde mal diga el nõbre
 de tu dios, q̃ te ha criado
 y tepeze de ser hombre.

1521. H Alli ni la Virgẽ Madre
 ya mas te podraser buena
 O q̃ intolerable pena
 perseguido de tupadre
 fera estar ental cadena!

1526. # La condenacion postrera 128v
 se llama morte sin m^uerte⁽³²⁾,
 fera muerte de manera
 q̃ te dexe uida entera
 site cupiere tal sorte,

1531. # porque siempre as de biuir
 fuego eterno padesciendo
 y al eterno Dios no uiendo
 as por força de morir,
 y biuir siempre moriendo

1536. # mil cuentos de cuẽtos de annos
 tu tormento a dedurar,
 quando podrias penssar
 q̃ se acaban ia tus daños,
 de nueuo an de començar

1541. H pues dexa ia depecar
 atu Dios te conuertiendo
 siquiere uida gañar,
 sino biuo te as darsar
 y morir siempre biuiẽdo

Gouerno

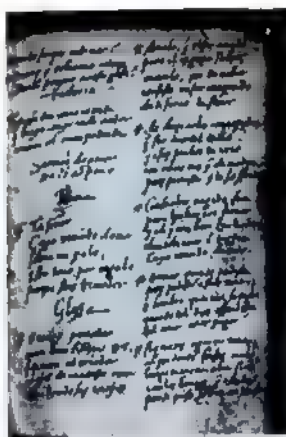
1546. # Ouistes Victoria honrrada
 sermaõ de tanto uigor?
 quẽ naõ fera uencedor
 sedeles fordes amada



p. 128v

(32) — Emenda (u).

- biuiendo sempre entemor? 1566. H Amalo, q̄ el ser amado 129
para el es gran sabor,
onrralo, que tuualor
consiste en ser uenerado
de ti seruo tu señor.
1551. H Quereis q̄ odiuino amor
tambē pregue auofa gēte?
- Victoria
1571. H Af damarlo como apadre
q̄ ser imortal tedio
y asus pechos te crio
con amor mas q̄ de madre.
pues peccaste y te soffrio.
- Escofa tan conueniente
q̄ luego con grande ardor
amara al omnipotente.
1576. H Con su oleo ungido fue
para luchar con feruor
y aũ q̄ era buen Luchador
dandole amor ũ traspie
cayo uencido damor.
- sermaõ doamor
De d/ ao pouo.
- Thema
1581. H O amor quanto podiste
pues podiste a Dios matar,
O hombre quan mal supiste
quando tal dios offendiste
tal amor a Dios pagar?
1586. H siquieref agora amar,
aũ que dantes fueses malo,
luego te uerna abra fsar
con los braços, q̄ estirar
por ti quiso sobre un palo.
- Glosa
1561. H O amigo peccador
mira bien sitienes ojos,
q̄ te mira el criador
cõ ojos de immenso amor
oluidando sus enojos.



1591. H Amor te piden sus llagas
sus açotes, sus espinas
aunque todo te desagas
si no amas nadapagas
asus entranhas diuinas

1596. H porque ames quiso ser
tenido por hombre malo
la honrra yuidaperder
y tal muerte padecer
esto tuuo por regalo.

1601. H si peccas, a Dios no amas,
ama siempre, y uenceras
Mundo, Carne, y sathanas,
ypues Christiano te llamas⁽³²⁾
no te dexes uencer mas.

1606. H Lo que biues, y as' biuido,
pierdes por faltade amor,
con amor seras vnido
alque fue damor uencido
porqueseas uencedor.

Victoria

1611. H Y agora estoy consolada,
y con grandeconfiança
q̃ mi pueblo hara mudança

dela uida mal gastada 129v
fundada en falsa esperança

1616. H y agora el Martyr Ma^{tricio}
cõ su esquadron ualerozo
aura deldiuino espozoz
q̃ en su diuino seruicio
lo haga mui animozo

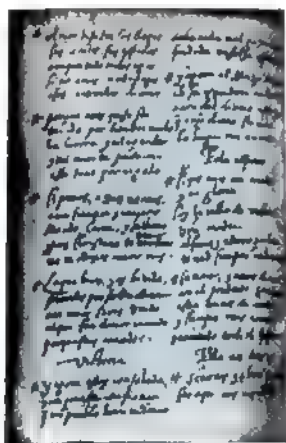
Fala aopouo:

1621. H Hijos mios mui amados
y mi gloria
soy la uilla de Victoria
Vrã madre
alsũmo, y eterno padre
tened siempre en la memoria

1627. H su temor, y amor diuino
con el prudente gouierno
esten con uos de contino
y siempre ireis acamino
venciendo todo el Jnfierno

Fala aos tres

1632. H señores ya bien podeis
ser aqui mis moradores



p. 120v

(32) — Emenda (llama f) sôbre, riscado, nambra f.

Gouerno

Eperpetuos defensores
E uosso f^o uereis
ser con nosco uencedores

Victoria

1637. H Goardemos este tesoro
quel sūmo Dios membio
mas refinado q̄ el oro,
con el qual espero yo
ser libre detodo lloro

Amor

1642. H Nuerabuena
Venga alguna cantillena
consuaue molodia⁽³⁴⁾
conq̄ cresca el alegria
deq̄ esta uña alma llena
eneſte ſolemne dia.

Victoria -

1648. H ſone la harpa
conque Lucifer ſecarpa
y ſu quadrilla

Niño llama la Capilla 130
para gloria
destos sanctos, q̄ Victoria
daran ſiempre anña uilla.

Finis

Aqui uieraõ quatro con hũa
tumba para leuarẽ aſancta
cabeça

I

1655. F Ocabeça esmaltada
cõ ouro dafortaleza
cõ oſangue adornada
ede martirio coroada
linda mais q̄ alindeza

2.

1660. F Martires celeſtiais
ideuos aſepultura
q̄ naõ uos ſera eſcura
poiſ cõ noſſo rei reinais
engloria, paz, edoçura.

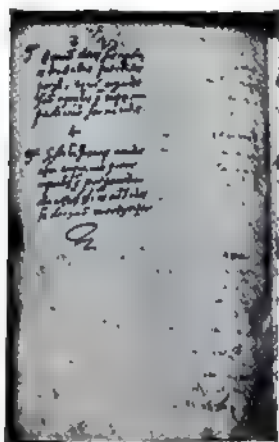


p. 130

(34) — = melodia.

1665. F O quaõ doceſ ſaõ agora
oſ trabalhos padecidoſ
por X, equã erguidoſ
ſaõ aqueleſ q̃ outra ora
padeciaõ ſer uencidoſ.

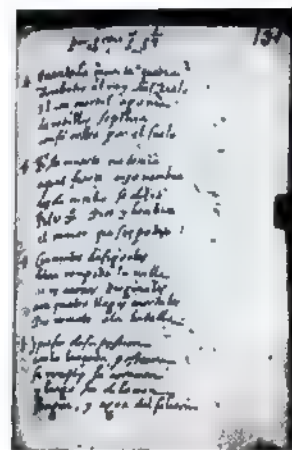
1670. F Eſtehe Jrmaõſ amadoſ
o fim enque uaõ parar
aqueleſ q̃ por goardar
de noſſo⁽¹⁶⁾ Dſ oſ mãdadoſ
ſe deixaõ martyrizar



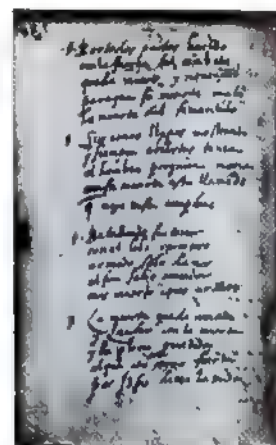
p. 130v

(16) — Riscado - f.

1. .§. Quando la muerte queria
combatir al rey del cielo
el con mortal agonía
de rodillas seponia
con su rostro por el suelo.
6. .§. Esta muerte no temia
aquel fuerte, cuyo nombre
desde pinho se dizia
Jesu X Dios y hombre
el maior, que ser podia.
11. .§. Conaçotes desiguales
tiene rompida la malla
de sus carnes Virginales
con quatro llagas mortales
Dio remate ala batalla.
16. .§. Y por fin de supasion
con la lançada postrera
se rompio su coracion
y luego sin dilacion
sangre, y agoa del salierã.
21. .§. Por todas partes herido
con la fuerça del combate
queda muerto y no uencido
para que su muerte mate
la muerte del fementido.
26. .§. sus cinco llagas mostrando
q̃ siempre abiertas tenia
al hombre por quien moria
con su muerte esta llamãdo
q̃ uaya en su compãia.
31. .§. Batallando sin temor
con el lobo carnicero
armado solo dador
al fin salio uencedor
mas muerto como cordero.
36. .§. La muerte queda uencida
y Lucifer con la muerte
y la gloria & metida
alque con animo fuerte
por Jesu diere la uida



p. 131r



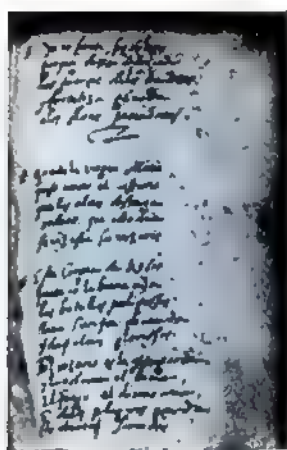
p. 131v

(1) — II^a, B 23.

.§. Ya no siente sus dolores
 porque dexa destrozadas
 las fuerças delos traidores
 y fortaleza gánada
 alos flacos peccadores.

LVI⁽¹⁾

1. .H. Quando la Virgen Maria
 quiso uencer el corsario
 que las almas destruya
 ordeno, que cada dia
 ferezaſse su roſario
6. .H. Esta Corona de Roſas
 Junta cõ labuena uida
 las batallas peligrosas
 lleva ſiempre deuencida
 y dapalmas glorioſas.
11. .H. El roſario eſ la eſpingarda,
 y lapoluora el temor,
 El fuego el diuino amor,
 q̃ delos pligros goarda
 ſus deuotos⁽²⁾ ſeruidor.



p. 132

(¹) — II^a, B 24.

(²) — Riscado o - f.

H. Las cuentas q̄ son pelotas
dala madre de Jesu⁽³⁾
alas almas, sus deuotas
con las quales sean rotas
las armas de Belzebu.

(3) — Riscado o -f.

LVII⁽¹⁾

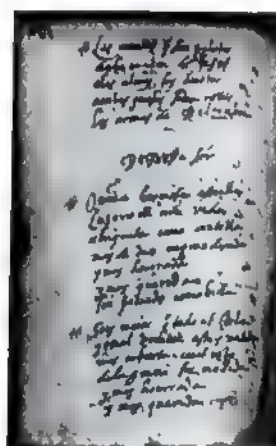
De Nofsa s̄or

1.

H Oniña hermosa estrella
Luzero de nra vida
chiquita como centella
Mas de dios engrandescida
y mas honrrada
y mas querida
sin peccado concebida

8

H sois maior q̄ todo el Cielo
y enel vientre estais metida
mas cubierta conel uelo
delagrancia sin medida
y mas honrrada
y mas querida ∞.



p. 132v

(1) — II^o, B 23, Cf I^o, IV, (1)

H Vos niña foyf el comienço
dela uida prometida
y pariendo adios inmenfo
fereis Virgen yparida
y maf honrrada
y maf querida
fin peccado concebida.

LVIII⁽¹⁾

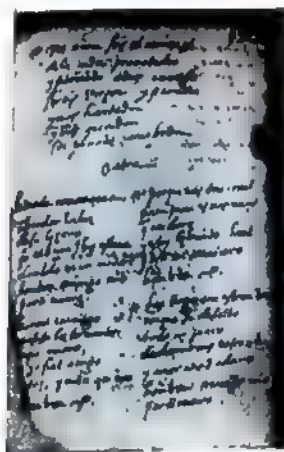
Outra

1. Latarde començaua
aperder laluz
desu luzero
qn el buen Jhus estaua
clamado en un madero
hombre enemigo mio
por ti muero.

8. H Tu cruel enemigo⁽²⁾
causaste los tormentos
deque muero,
y yo fiel amigo
tupaz, yuida quiero
hombre ∞.

15. H porque eres tan cruel
para quien es maf mção
que cordero
y estoy bebiendo hiel
porti mi carnicero
hombre ∞.

22. H Las llagas tan estranhas
conque se desollo
todo mi cuero
declarañ mis entranhas
y amor uerdadero
hombre enemigo mio
por ti muero.



p. 133

(1) — II^a, B 26. Cf. I^a, IV. (1).
(2) — Riscendo um -e- (enimieço).

29. H O duro coracion
 mas brauo q̄ leon
 y tigre fiero
 notienes compafsion
 detan manço cordero
 hombre ∞.

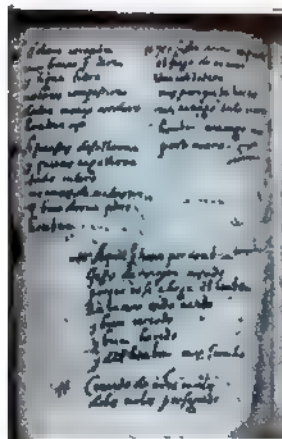
36. H fipienfsas desollarme
 y quieres engullirme
 todo intero
 no curef de matarme
 q̄ biuo darme quiero
 hombre. ∞.

43. H No fuffre darme empartes 133v
 el fuego de mi amor
 tan uerdadero
 mas paraque te hartes
 me entrego todo entero
 hombre enemigo mio
 por ti muero.

LIX (1)

1. H Aquel q̄ tiene por nombre
 Jesu da Virgen nascido
 porque nofe ahoge el hombre
 En lamar anda metido
 y bien cercado
 y bien herido
 y del hombre mal(2) feruido.

8. H Cercado de nros males
 delos malos perseguido,



p. 133v

(1) — II^a, B 27.

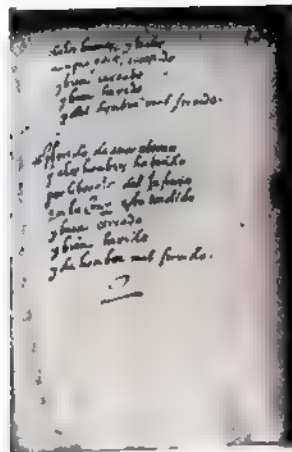
(2) — Sob o d lè-se f.

delos buenos, y leales
 aunque pocos, conosci-
 do y bien cercado
 y bien herido
 y del hombre mal seruido.

134⁽³⁾

15.

H Herido de amor eterno
 q̃ alos hombres ha tenido
 por librarlos del Infierno
 En la Cruz esta tendido
 y bien cercado
 y bien herido
 y del hombre mal seruido.



p. 134

(3) — O resto da página e a 134v estão em branco.

Guaixara

1. (21)

F Xe moaju marāgatu
xe moirō etecatuabo
aipo teco piçaçu
aba çerã ogoeru
xeretama momoxiabo?

6. (26)

F Xe anho
co taba pupe, aico
çerecoaramo uitecobo
xereco rupi imoingobo
que çui aço mamō
amo taba rapecobo.

12. (32)

No original existia
cúepe⁴

F Aba çerã xe yabe?
yxe cerobiaripira
xe anhanguçū mixira
guaixara çeribae
coape imoerapoanimbira.

17. (37)

página

112

F Xe reco iporāgete
naipotari aba çeitica
naipotari aba imōbica
aipotacatutenhe
opabi taba mōdica.

22. (42)

F Bae ete caugoaçū
caōy moyebiyebira
aipo çauçucatupira
aipo anhe yamōbeu
aipo imomorangimbira.

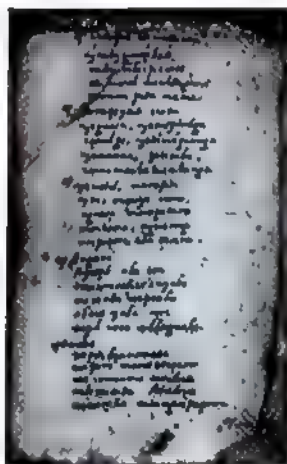


(1) — II^a, E 2 b, cf. XLIV, (1).
Sobre a observação inicial, cf. NP,
§ 1. A numeração entre parênteses
corresponde à de XLIV, par-
cialmente repetida nesta. Pequenas
alterações de verso vêm anotadas
em II^a, E 2 b.

27. (47) F Çerapoã co moçacara
ycaôyguaçubae
caôy mboapiarete
ae marã monhangoara
marana pota meme.
32. (52) F Moraçeyae icatu
yeguaca, yemopirâga
çamôgi, yetimāguanga
yemouna, petimbu,
carai monha monhanga.
37. (57) F Yemoirô, morapiti
you, tapuija rara,
aguaça, moropotara
manhana, ciguaragi
naipotari, aba çeiara.
42. (62) F Angari
Ayoçub aba coti
taxerero^{biar} uyabo.
ou tenhe xepeabo
abare yaba cori
tupã reco mōbeguabo.
48. (68) F Oicobe
xepitiboanamete
xepori mara tecoara,
xe irunamo ocaibae
tubixacatu Aimbire
miauçuba moangaipapara.

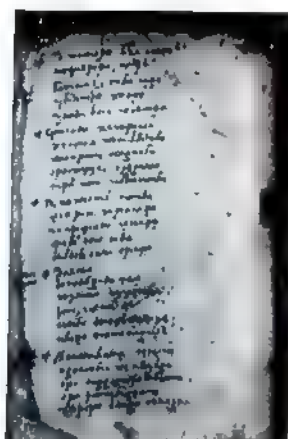
X^e piri.

To mamô



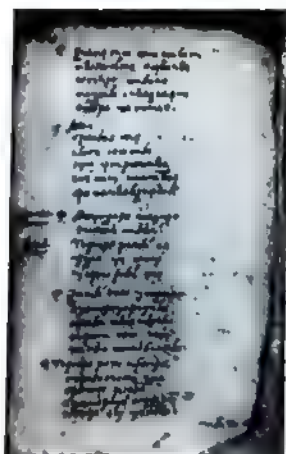
p. 135v

54. (84)		F	To mamope âhe recou? erequcpipo, ejupa? Erimae, taba çupa ybitiripe xeçou yande boia rerocupa.	136
	<u>Aimb.</u>			
59. (89)		F	Çoricatu xerepiaca xe ajubâ xemôbitabo coarapucui ocaguabo oporaçeya, oyeguaca tupâ reco môburuabo.	
64. (94)		F	Te, xereçemô toriba çeco poxi repiacape xeapiçicatu çecoape opabî teco aiba môdebi catu opiape.	
69. (99)	<i>guair.</i>	F	Daetee deratâgatu reçe uiyecoca, uyyerobia, jori, eçenoî anga coeibo deremimoauye. abape eremoangaipa?	
75. (105)	<u>Aimb.</u>	F	Marataõame tecoara ogoerobia xenheëga opa tangarape ndoara, opa paraibiguara, xepope oanga meëga.	



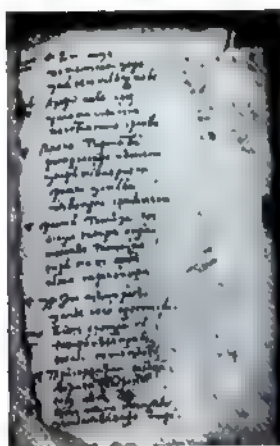
80. (110) F Queiçe raco amo canhemi
nheteroime oçobonhe
reritipe amboae
naçaubi inhegoaçemi
tûbiçe xe rumeẽ.
85. (115) F Aere
opitabae reçe
abare reco aubi
ique çerupotanhe
eri aani amorâbue
opa xenheẽgendubi.
91. (121) guaix. F Moçangape ereyapo
Aimb. tureimi anõde?
Tapuipe guaibĩ ae
yque çui araço
yapiçic pabẽ çeçe.
96. (126) F guaibĩ raco yangaipa
oyemopayepayebo
apiaba mboemboebo
tupana reco reja
xenho xemõbaetebo.
101. (131) F Tapuipe poxi mboripa
tiapotareimi que
oporaçeĩ piçare
oyemõpaye angaipa
tatape oço yanõde.

—Eri auye



p 136v

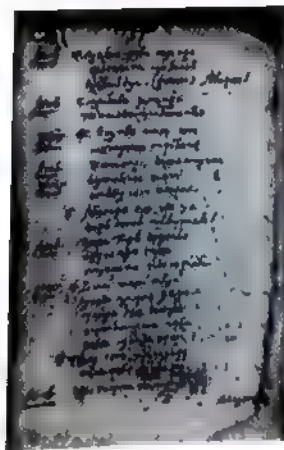
106. (136)	<u>guaix.</u>	F Eri, auye xe mooricatu yepe ynā teco mōbeguabo.	137
	<u>Aimb.</u>	Ayepic anhe çeçe yanama catu rire xerēbiaramo ipeabo.	
112. (142)		F Maene, Tupināba paragoaçupe ndaroera ytupā ocibaepuera opacatu yamōba nitibangai çembiroera.	
117. (152)		F Opaumā Tamūya çou Ocaya tatape oupa, moconho Temimino tupā oca ri çecou abare rapiaraupa.	
122. (157)	<u>guaix.</u>	F ⁽²⁾ Jco miaçu pochi yande reco ogueroirō Eiori çaanga rō totupānheengabi, tocau, tomondarō.	
127. (162)		F Toporepenhan oicobo toipuru teco poxi toço oiara çuj ejori muru moingobo yandenheenga rupí.	



p. 137

(2) — Riscado H-.

132. (167)	<u>Aimb.</u>	F	Yabai xebo çaanga, çerecoara yabaete xemôdija. (guaix.) Abapae? <u>Aimb.</u> Carai bebe poranga xe amotareimbaranhe.	137v
137. (187)	<u>guaix.</u> <u>Aimb.</u> <u>guaix.</u>	F	Ocij nhe moxi cori xerepiaca rupibene. Namoangi, demoauyene. eyerobiate xeri amôdij cori nonene	
142. (192)	<u>Aimb.</u>	F	Abatepe oico xe ya tupã tiruã mōburuabo? Deite Tupã depeabo aepueripe tata auyerama nderapiabo.	
147. (212)	<u>guaix.</u>	F	Ecoaĩ moxi mboa yande yuçana pupe. yanga toa tauye omonhangara reja robia yande reçe.	
152. (238)	<u>Aimb.</u>	F	Tiaço cori nderejape miauçuba piçicapa. Ye, taçone xemondoape Memeti xe	



p. 137v

memetixe xepiape
emona teco pota.

138

157. (248)

F Xerapixara angaipaba
miauçuba xepocua
çeçenheayecotia
taipobu cori igaçaba
xepotaba caõy ra.

162. (248)

guaix.

F Nei tereço tauye
de apoã. Aimb. anhāgatune
tayebiyebi ranhe
corie derurire
yamõba moxiyādune.

guaix.

167. (253)

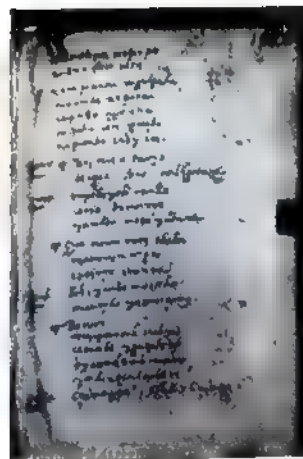
F Que muru ruri obebo,
niateimiri angai
erejupe itaucai?
Eã, yande moetebo
miauçuba yemoçaray.

Aimb.

172. (258)

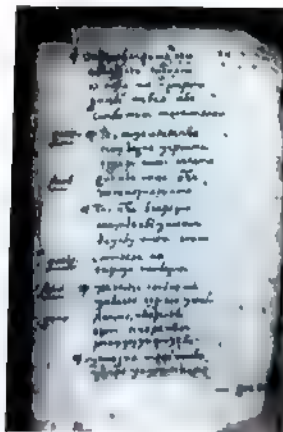
F Derori
tiniçemumã caõy
cetanhe ygaçabuçu
oyoenõ umã muru
ymboapiaõ amari.
Çaicatupe? (Aimb.) Çaicatu.

guaix.



178. (264) F Onheinhangumã çeçe
cunumjeta caguara
co taba moangaipara
guaibĩ, tuihae abe
cunhamucu moreimbara. 138v
183. (269) guaix. F Te, auyecatutenhe
tiaço begue yapuama,
Aimb. tixapi moxi retama.
Que aba recou ahe
xerenopuapuama.
188. (708) guaix. F To, ahe baepeque
caninde obiyaoara
doyabij muru arara.
Carai bebe ae
tapuija rarõçara
193. (279) Aimb. F Xereitic corine mã
yabaete çepiaca yxebo.
guaix. Aanixo, ndepiatã
ejori tixepenhan
jmociquieyeybo
198. (284) F Yamõgua moxi ruuba
yxupe yayemoitiamo

~ Que turi



p 138v

Ver página 123 deste livro

página 66 do
manuscrito aqui
impresso.

Aimb.

Que turi yande nupamo
aririj, opa xeuba
yecij, oyemoatamo.

139

fala o anjo cõ guaixara.

203. (289)

Anjo.
guaix.

F Abapende?
Guaixara caguara yxe
boitininguçu, iaguara
moruara, moroapiara
andiragoaçu bebe
anhangá morapitiara

209. (295)

Anjo.
Aimb.

F Aepico?
xegiboya, xe çoco
xe tamuyuçu aimbire
Çucuriju, taguato
tamandoa atirabebo
xe anhangá morope.

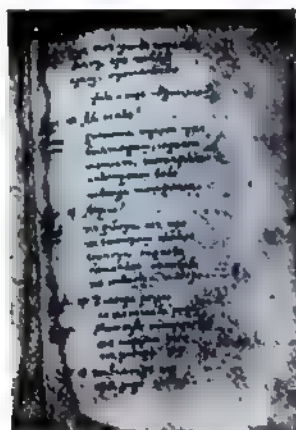
215. (301)

Anjo.
guaix.

F Baetepe peçeca
co xerecoaba pupe?
Miauçuba rauçupanhe
ore rapiara pota
ore putupa çeçe

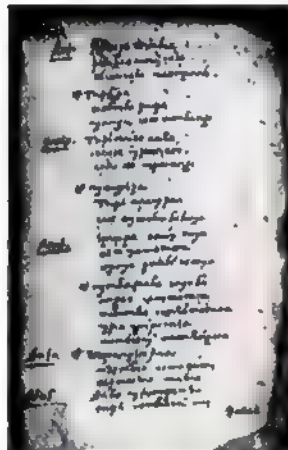
220. (306)

F Ombaenipo açe
opia pupe çauçubi.



	<u>Anjo.</u>	Abatepe erimbae pembraemo reçe miauçuba meengaubi.	139v
225. (311)	<u>guaix.</u>	F Tupã ae ocaraiba pupe yanga, çete monhangî. Tupã tenipo anhe, çecote ypoxiete, çeco ae niporangi.	
231. (317)	<u>Aimb.</u>	F Yangaipa Tupã oçaçupea çeçe oyerobiabebuya. igaçape caoy tuya ae te yamomota oyoya guaibî recuya.	
237. (323)		F Ymboapiaba cuyaba angae çemimotara mamonhe canhêmotara ypia yaiporaca nomoetey omonhâgara.	
242. (328)	<u>Anjo</u> <u>Aimb.</u>	F Noçaangitepaco nhemboe coarapucuj oçomeemo mamô. Anhe yiurupenho ⁽³⁾ Tupã rerobiara ruj	

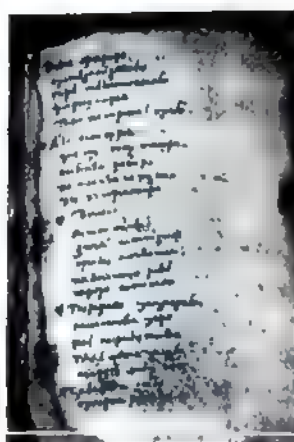
Deitee



p 139v

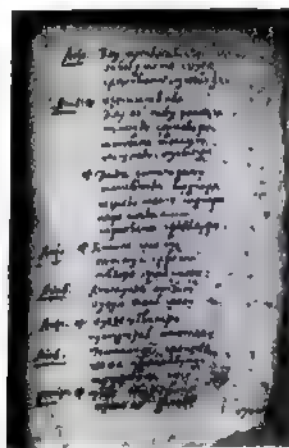
(3) — Engano providel (yiurupenho).

247. (333)		F	Deitee opiapupe oyemôgetâgetabo tupã mōburucatuabo çeçapiço aupee Tupã xe repiaca? oyabo.	140
252. (366)		F	Āhe ecoa çapia que çui, taço moçupa, ocibinhe pobu pa xe moanhe co xe boia yei xe repiacaupa.	
257. (369)	<u>Anjo.</u> <u>Aimb.</u>	F	Vmabae Miauçu tunhaẽ <i>tunhaẽ</i> guaibi, cunumigoaçu apiaba, cunhamucu, xeboiaramo pabē xepope areco catu	
263. (375)	<u>Anjo.</u> <u>Aimb.</u>	F	Taipapane yangaipaba, taxererochia yepe. Neĩ taçendu tenhe Tinicē meme igaçaba niapori caõy rece	
268. (380)		F	Çabeipora çuibe oyoapixa pixapa	



	<u>Anjo.</u>		Rey morubixabanhe onheëg meme ixupe çenonhena, yacaca pa.	
273. (385)	<u>Aimb.</u>	F	Oporacacab aba Rey ae caõy poaitara miauçuba çoguabo pa. morubixa moçacara ⁽⁴⁾ tei yxebo, oyabanga.	
278. (390)		F	Deitee cunumiguaçu morubixaba oçoguape oiquebo meme caguape aepe cunha mucu repenhana ipotaçape.	
283. (395)	<u>Anjo.</u>	F	Emona çeco cui aracaya çapecou mûdepe iporeraçou Aracayate omborĩ oyoya marã çecou	
	<u>Aimb.</u>			
288. (400)	<u>Anjo.</u>	F	Oyepe yõbenipo yangaipab amomee. Namoangi, cetanhe xe ae aporomoingo moropotara rece.	
	<u>Aimb.</u>			
293. (405)	<u>guaix.</u>	F	Yãbe toropitibone oyoao ao guaibĩ	

oyoamo-

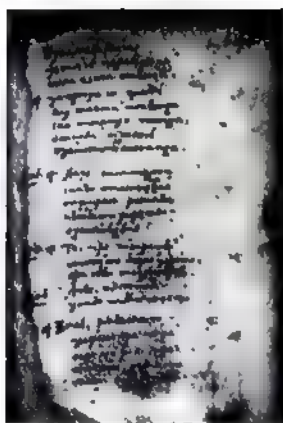


p. 140v

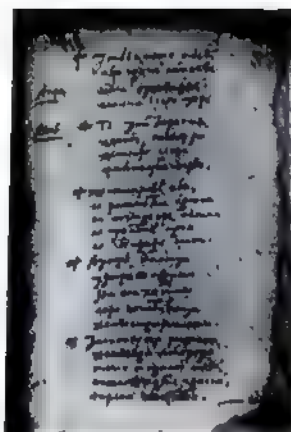
(4) — Engano provável (= moçacara).

oyoamotareim
yemoirô nopabixone
mara eiara omboribĩ.

298. (410) F Yangaipa co quenai
ey moema monhanga
caa moçanga raanga,
oauçuba oipotari.
oyemomorâmoranga.
303. (415) Aimb. F Aepe cunumigoaçu
cunha oimomoçêbae
tapuipera potanhe
nhaĩbiara pupe catu
oyecotirũgbae ?
308. (420) guaix. F To, aipo nipapaçabi
coaraçimo oique yepemo.
opa taba moangaipabi.
Aimb. Anhe, nitecocuabi
yande mōburumeemo.
313. F Emaẽ, pindaiticara
yepotaçape meme
oaguaça poxi çupe
oimoiaoc oembiara
ojara cupebonhe.

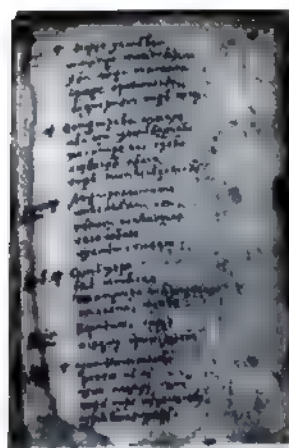


318. Anjo. F Jmōda meme mochi
aba igara mimanhe.
Ojara opea itupee
emona çecou yepi 141v
322. Aimb. F To, ynā jeperae
xerori, taraço pa
xeratape çeroa
çembiauçuba reçebe.
326. F Xerauçupabē aba,
co paranābuc iguara,
co aritaguape ndoara
co ynābuti igua — 376a
co ibi apape çoara.
331. F Ayoçub ita ucaya
ypupe co aiputuu
Jta oca xerauçu
aepe xeremiboaya
xenheengapiacatuu.
336. F Jacurutu coa pupiara
xenheēga oimopopa
meme maguari çara,
tacoari, çobai iguara,
tapera xererobia. oicobe



p. 141v

341. (425)	<u>Anjo.</u>	F	Oicobe yemōbeu moçanga moeirabijara Aba onga maraara ipupe opoeiraicatu, çaquipueri tupã rara.	141a
346. (430)		F	Oangaipaba moaçire aba çou yemōbeguabo xe catupe ca, oyabo oçobaçab abare tupã monhirōgatuabo.	
351. (435)	<u>guaix.</u>	F	Angaipabeimame onhemōbeucatu, miauçú cunhamucu oeco aibete oyomim, oicuacu.	
356. (440)	<i>Aimb.</i>	F	Çemō yepe teō rerobicae xe angaipa tubixagoera anoçene, eynhe.	
	<u>guaix.</u>		Ecendute, çupie açequij ipoxipuera	
362. (446)	<u>Anjo</u>	F	Yamotareimetebo pereco ai ai yxe nayegij ixuj tupã çupe uiyerurebo ypitibomo yepi.	



p. 141a

367. (451)

F Tupã reçe oyerobia
oimonhang co cõfraria,
teco angaipaba regija
Pay Jesu reco ra
çeçenhe oyemboririja.

141a v

372. (456)

guaix.

F Eytenhe çerobia
ereipiçirõtenhene
depo çui anoçene
abebe co ibitu ya
anonhan, arobebene.

377. (461)

Aimb.

F Aimbire
yaraço muru tauye
yande roipira moeçãya.
co xe acuçu, xerãya
Ye, cobe xepoapẽ
xeroaibucu, xetiãya.

383. (467)

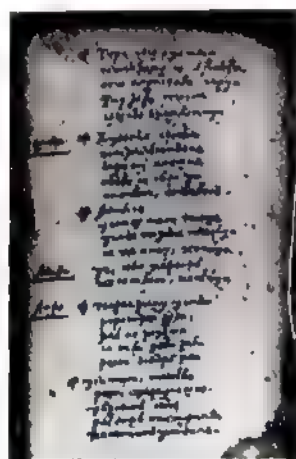
Anjo.

F Napeapiçay yandu
peporapiti pota,
peẽ aẽ peyecoa
co taba pobu pobu
pecoa tatape pea.

388. (516)

F Yiamuru, mocoibe
pecai oyepeguaçune.
Yãgaturã coire
pai tupã rauçupanhe
xeremiarõ yandune,

Perori



p. 141a v

393. (571)

F Perori
xeraireta xeri
co aico pepiçiromo
ajur ibaca çui
perocibinha rupi
yepinhe pepilibomo.

142

399. (577)

F Co taba renireme
pepirinhe xe recou,
daroyai mamô xeçou,
taba raroanamonhe
yande iara xemoingou.

404.

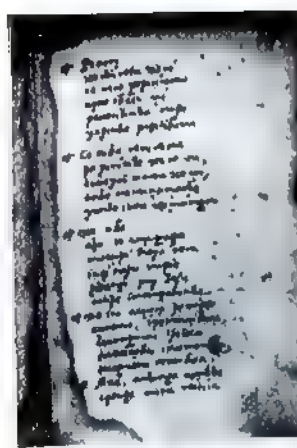
F Xe abe
aju co arapupe
moçapi Reya reru
iaçi tata rupie
pitangĩ pay Iesu
cotipe imoingobonhe

410.

F Xe ico açauçu peanga
çaromo, iporauçuboca,
coarapucui ipococa
imoaiçobo, imomorâga,
tecopuera recoaboca.

415.

F Maê, anhangã ajmôdo
çatape muru reitica.



naipotari peri yxica
memenhe opoapeco
peraromo, perepica.

142v

420. (623)

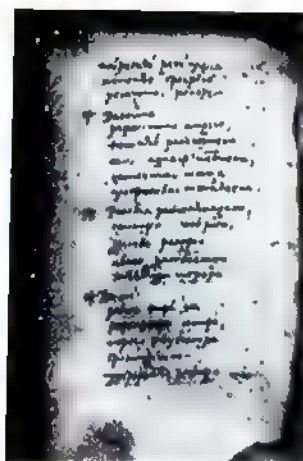
F Peteume
pepoxiramo angire,
tocanhẽ perecopuera,
cau, aguaça nẽbuera,
temoema, mara e
yoapixaba, marãduera.

426. (629)

F Perobia pemonhangara,
çaucupa, çeco pota,
jpiribe peçapia
abare pemboeçara
inheenga mopopa.

431. (644)

F Pejori
pebaca tupã coti
pepiapupe çerupa,
tapeço peyecoçupa
ypotaripira ri
yyipipenhe pejupa. ~



p. 142v

1

437.

Vimos auos uisitar
bõ minino D^s eterno
Vos nos queirais ajudar
pera poder escapar
do grande fogo do inferno

2

442.

Os tres reis cõ deuação
Vieraõ auisitaruos
Eutambẽ quero louuaruos
de todo meu coração
E sempre sõi amaruos

3.

447.

Eu tambẽ uenho adançar
postoque sou peccador,
mas naõ tenho q̃ uos dar
porque naõ querofurar
opeixe de meu sõi.

4.

452.

Los reyes eneste dia
os truxeron muchos donej
yo uengo cõ alegria
sorã sancta Maria
apedir muchos per donej

5

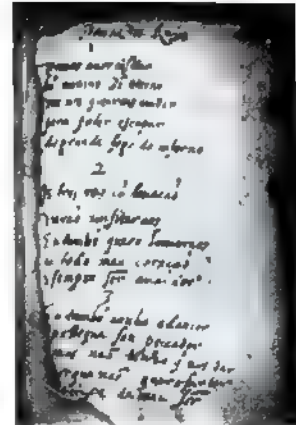
457.

Co aiu nde robaque
derece guiyerobia
eiori xejarigue
taxeraucubayepe
dembraemo xera

6

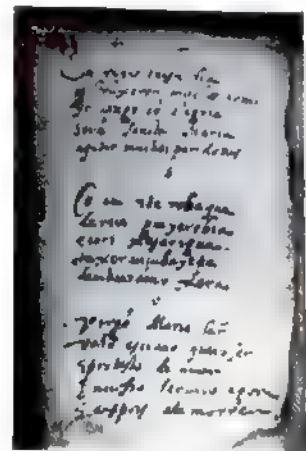
462.

Virgẽ Maria saĩ
Vosso eserauo quero ser
Eprotesto de uiuer
Enuosso seruiço agora
E despois ate morrer.



p. 143

143v



p. 143v

(1) — Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em E 2 b, onde aparecem numa única peça os ns. LX e LXI.

467.

Aroirō tecopochi
dereco potacatuabo
jori ndereco rupi
xemoingobo xejari
xereco pochi jucabo.

8

472.

Madre del sōr Jesv
pues os hablo en castellano
tenedme de urā mano
para que ueasu luz
enel reino soberano

9

477.

sōr estes cinco reis
saō do peixe q̄ uendi
naō uos trago mais aqui
porque ontē todo omais
dei por uinho q̄ bebi.

10

482.

Eufui oseu companheiro
Epor mim foý enganado
perdoai nosso peccado
pois q̄ uos sois ocordeiro
q̄ pagais polo culpado.

144v⁽²⁾

11

487.

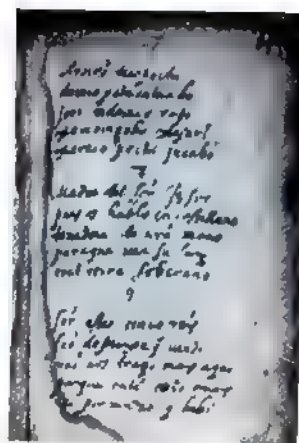
Eufou saluagē Brasil
E como naō seý furtar
naō tenho pera uos dar
nē moeda nē feitil
cō tudo uos quero amar

tamūya

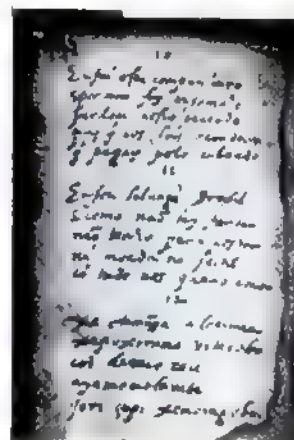
12

492.

Xe ramūya a Coeimee
xepoxiramo vitecobo
coi dereco rece
ayemomotarete
Jori çupi xemoingobo.



p. 144



p. 144v

(2) — As pp. 145 e 145v estão em branco.

Da Conceição de Nossa sãr

I.

a

1. §. Aue M poranga
Caraibebe çoce
doicoi aba de yabe
cori erenhemonhanga
Santa Anarigue pupe.

6. §. Doyepotari deri
coig denhemonhãgape
Tubipi reco pochi
depicirõte ixui
Tupã derauçu catuape.

2

11. §. Onhemomota xeanga
de anga poranga ri
taroirõ teco pochi
dereco catu raanga
ymocanhema çui.

16. §. Emainãgatu xeri
xẽboareimuca
tecopoera taipea
taicoumene marani
Tupã ñeẽga rapia.

3.

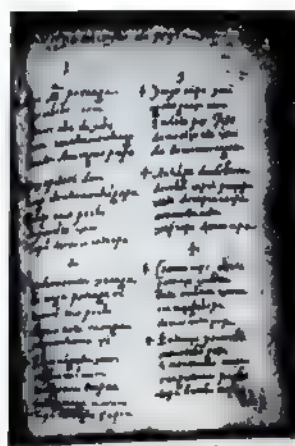
21. §. Yaico nipo yaci
ogoba goaçu reru
Endete pay Jesu
demoaico ete ixui
de remomorangatu

26. §. Anhãga demõburu
deroba repia pouçupa
xete derepiacaupa
oroamota catu
xepiape derauçupa.

4.

31. §. Coaraci nipo obero
putunuçu coabire
dete erebera ixoce
ore reçahebopa
dereco catu pupe

36. §. Putunuçu porarabo
oroicotebẽ gatu
Emonanamo ereiu
oreputuna peabo
tupã beraba reru.



p. 146

(1) — II.º D 12.

41. § Tupā derauçubete
graçari demoinicema
de dererobij coêma
ara ruri yanōde
putunuçu mocanhema

46. .§. Anhāga monhegoacēma
cecopochi recebe
ereru de abaete
ejori muru mocema
taxemocanhemume.

51. .§. Anhāga demoabaite
de çui ociquijebo
xemopiatā⁽²⁾ yepe
tapuā muru rece
augerāma ymoaugebo

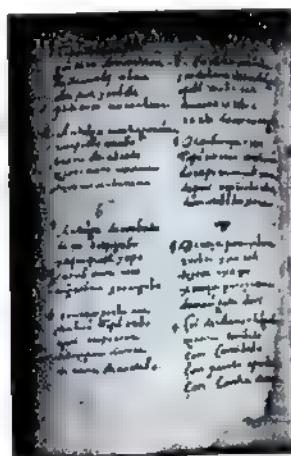
56. .§. Ore reco pochi oca
tinhirō Tupā orebo
ejori orepococa
toroçapeco deroca
de meme de moetebo.

61. .§. Ocirāma recenhe
yandeiara demonhāgui
opabī cunha çoce
de mombaetebo ê
na ete demomorangi

66. .§. Dereburuçu rire
Tupā ciramo ereicone
doroporeauçubixoene *doreporeauçubixoene*
depīri oroicobonhe
doroicotebêbeixone.

71. .§. Dereça porauçubara
erobac yxe coti
toyeoc ixe çui
xereça poropotara
tamaēgatu deri

76. .§. Coi denhemonhāgaba
ogoeru toribete
Çori Caraibebe
Çori pacatu apiaba
Çori Cunhā derece



p. 146v

(2) — Riscado -j- (xemopiatā).

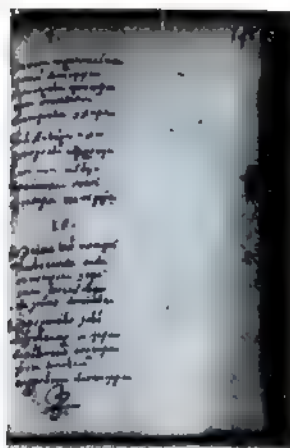
81. §. Deroca angaturaoāma
oroimoī derauçupa
deraangaba reroçupa *perocup*
ejori oreretāma
ararupinhe yxupa.

86. § Tocē Anhāga ixui
goecopochi re⁽³⁾ rocija
Eiori muru mōdija
Topuāmume oreri
ogoatape ore ri quja

10.

91. §. Derece teō nocigui *noçigui*
Tecobe iarete ende *diçl*
oremoingobe yepe,
orebe toremō digui⁽⁴⁾ *t'oré mondyk-*
de jrūmo toroicobe

96. § Depoguiribo pabē
toronhenong orojupa
demēbiramō orocupa
ybate torobacē
augerāma derauçupa.

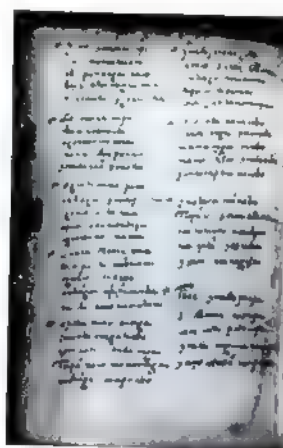


p. 147

(3) — Cortado -s (reñ).

(4) — Emenda (-d) sobre, cortado, -ci.

1. H Eua yandeci ipi
onhemomotarete
ibaporanga rece
boya nhe enga rupi
y ijquiebo, ygoabonhe
6. H Ae omena çupe
ibau ucaraubi
ogoemirico rece
Imena doupouçubi
yande reõ y anõde.
11. H Ogoëbiaramo pabê
anhãga yandepiciqui
ogoecopochi rece
opabî aba mondiqui
ogoribamo meme.
16. H Janta Maria rece
teco pochi nobacemi
ogoaço catupupe
anhãga apipicanhe
mochi reco mocanhemi.
21. H Oyopic muru acanga
Imoatã eingatuabo
çori catu yande anga
Tupã reco momoranga
anhãga rauçupeabo.
26. H Yande jaramôgatu
tireco Santa Maria
anhãga timôburu
tupã ci tiaçauçu
cece yanhemoririja
31. H Cecocatu rerecobo
yande anga yecoçubi
nimarã angai oicobo
meme Jesus yandeçubi
yanderapeco pecobo.
36. H O mēbira jrūmobe
Tupã ci Santa Maria
ace çumarã mondija
ace çubi yepinhe
y xui aceregija
41. H Tiae yandepiape
J. Maria rerupa
ceco catu potaçape
yande angime çauçupa
yaço tupã roripape.



p. 147v

(1) — II^a, D 17. Repete-se, com pequenas variantes ortográficas e seguido de dança, em I^a, LXXIII.

(2) — Cf. II^a, D 17, (1).

I Diabo

Vmape Cau mōda?
Vmape moroupiaro era?

148

1. §. Acai, aceca yepe
mitaçaba amo guitecobo
eri, xemocē meme
tabaçui Abare
quepe catu xemondobo.
6. §. Oporomboe au
Tupā nheenga raanga,
ixi mombeuporanga
xemoingotebē gatu
omombuquibe xecāga.
11. §. Çai xejucacimi
Tupā ci rera abaite
cerēduba rupibe
amōgoti xenhemimi
xeputunuçupupe
16. .§. Acoeime co tabigoara
xepoguiribo cecou,
Tupā ci xemōburuara
opacatu xerēbiara
xepo çui ceraçou.
21. .§. Acaigoa
nitibangai xeboya
xeratā gatu irūboera
Vmape tatapitera?

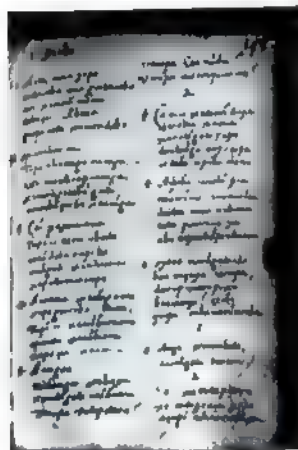
- 2.
27. .§. Co aico xerenōi dape
ejerobia xerece
xeratāgatu pupe
denheēga mopo çape
co taba aipubu meme
32. .§. Aipobu Goaibī pia
imoirōmo, imomarāna
deitee moxi onhana
tata piririca ya
aba repenhā penhana
37. § Oyoao marāgatuabo
bae requija ixupe,
derapixara pixe
baenemiju? oyabo
quipe onhemoirō monhe.

I.

42. § Auge, xeroribete,
de arōgatu der era

2

Eē, xe tata pitera
xe tatagoaçu yabe
açapi nhemoirōboera.



p. 148

(1) — II^a, D 13.

47. § Aunhenhe
oapixarĩ rece
y repiqui, mara oyabo
y curapa, y angagoabo
oimoerapoanibe
ojurupe ymomochiabo.

repiqui
petro i s-

2

148v

Cau mōda
Tupā ci ibō ibomo,
imōdobo, cēbiara.

53. § Aipo co derēbiarāma
cetanhe co tape oçoapa⁽²⁾
aipo deremixirā ma
yaço cece yapuama
tupana cicupeapa.

oçoapa

73. § Erene cori cepiaca
ipoa catu co muru

I

Augebete rō. tou.

58. § Ycuabeimebe
yaço muru reraçobo

2

I

que turi arupareaca
jurupara ndi ceru.

Dereicuabi bae
Tupā ci opabenhe
bae oicuab oicobo.

3.

63. § yyipipe opirumuā⁽³⁾
y ande çui ypicirōmo,
omēbirationhirōmo,
yaço ume, yande nupā
tatape yande mō bomo.

2

78. § Co aico caugoçu
co aico Cau monda,
abape cori xeya?
eri aanj, aimōburu
acoeime Tupināba.

83. § Ei tenhe onhemoitĩ amo
Vuba mogapota
eri aanj, ayibōba,
ipicica, y apiti amo
xerēbiaramo tā pa.

68. § Tou yandepitibomo
xerebira deboya

I

Abape?

88. § Y tupā oqui yepe
Tupā mongueta guetabo
aimomochi pabenhe
piçare ymōgagoabo
Jmomōdaromobe



p. 148v

(2) — Há uma linha riscada ilegível.

(3) — Borrão -p- (opirumuā).

93. §. Jrôbe
aipo daey pa quixe
xerebira rerobia?

I.

Depipo Cau mōda.

3.

Xe ico xejarigue
co xerecou dereca.

99. §. Aba demōbaete
aipota catu guitecobo
taba yacatu guixobo
aba raanga meme
de boiaramo ymoingobo

I.

104. §. Aepe mara ereico
aba moauge pota?

3.

Doicuabipe taa
cagoaramo xereco
yxeniã Cau monda.

109. §. Yxe co caurece
aporomoingo iepi
ocaugoaçupabē
apiaba cunhādibe
xe omoingoaba rupi

114. §. Piçare
y caugoaçu rire
aço aba rerobobomo

Cunha rece ipitibomo
ypotauca yxupe
cece ymomōdaromo.

120. §. Emona guiporomoingobo
aba momochipota
ayonong Cau monda
xereramō cerecobo,
xerapiacatu aba.

I.

125. §. Jco tabape mara,
dereipe ixuperanhe?

3

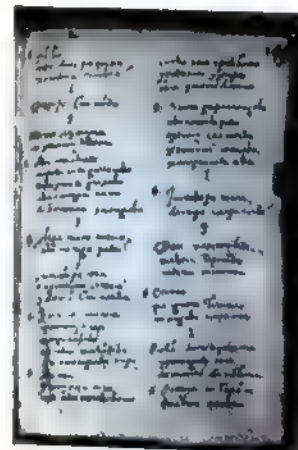
Daei, xepoeraibite
xeboia Tupināba
retama reiarire

130. § Coromo
que iguara Temimino
mo augebo açapecone

I

- (⁴) Aã, dereitiquixone,
yporangatu ceco
dereroirō demōbone.

136. § Oçaçu co Tupã ci
Jmēbira rerobia



(⁴) — Riscado §.

deicatu derapia
onhemoteoã moxi
demonhegoacẽ mota.

3.

141. §. Eri, aimoauge yādune
ayecotirung cecene
cotipe cori aimoinguene
aipia mombumōbune
aimoangaipapabenhene.

146. §. Oicobe xeruba angaba
Tupi moangaipaparoera.

I.

Abape? Marape cera?

3.

Anhanga poromōbaba
boyuçu moroupiaroera.

151. §. Yxupe yaçoa oiej
ereçapuca pucal.

I

Anhe uj xereçarai
tecotebẽ ete çui
bae naicuabangai.

3

156. §. Que turi depitibomo
igapema renonhana,

oicua catu marana
morape aro aromo
oporomona monana.

149v

161. §. Jndi cori tiaço,
Temimino repenhana
aunhenbe cetama amana

I.

Eneĩ, tiaraço
cenōde co muçurāna

3

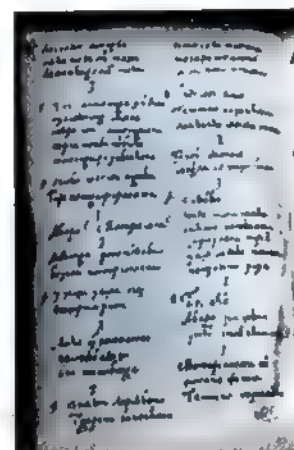
166. §. Enhābe,
toute muru ranhe
onharō rerobacema
çaquipoera rupiẽ
yaço cotaba monema
moropotara pupe.

I.

172. § To, ahẽ
Abape que çobace
quibō omaẽ nhemima?

3.

Moroupiaroera aẽ
ouramo derece
Temimino roquecima



p. 149v

178. §. Eri, auge
Depipo Boiuçugue?

4.

Xe ico aico de çupa
aju demomorandupa
xeporapiti rece

183. §. Paranagoaçu raçapa
ibitiribo guibebebo
aço Tupi moangaipapa
ae re muru mōbapa
xeratape ceroiquebo

I.

188. §. Bae apiaba paipo?

4.

Tupinaquijã que igoara
tiapira moroupiara
muru anhe oyāgao
Doiabi angai Jaguarã.

193. §. Quece Caraiba ri
ipocogui yapitiabo
nhumiteripe imboiabo
cetama rera Boigí
aepe imogipa, iguabo.

198. §. Rumbi Caraiba oçobo

oyepica xerapia
aço cae ceraçobo
capitãoamo guitecobo
ixupe ibōbabuca

150

203. # Jrō xeratāgatu
anhāga marānijara
moroupiara boyuçu,
taçone co tapijara
de boiaramo ceru

3.

208. §. Erubia xerubangaba
tandemoēbia cori
co ae xe quereimbaba
oicua morapiti
oicua oromōbaba.

I

213. §. Çatāgatute⁽⁵⁾ nipo
cerimbae receê
na inani Tememino
ceroquipira yepe
oerūmana mombo.

218. §. Emonanamo Tupã
ymoatāgatu yepi
oyoia co Tupã ci
yande rereco memoã
apiaba rauçuba ri.



p. 150

(5) — Riscado -s- (-uefs).

223. §. Da moabaetej mochi
y xe moroupiaroera
iporangatu xerera
ajucaumuã Tupĩ
Tupã möburuaroera
228. §. Yanga abe cerocoa
xeratapupe çapiabo
coire acoeya ya
Temimino momochiabo
yanga ajucapota
233. §. Oyoece teõ açape
tete canhema yabe
aba anga reõunhe
Tupana nheenga abiape
jrõ, aicua bae.
238. §. Aipo guijabo naquixe
anhonong Moroupiaroera
teco angaipaba pupu
xeporõboarire
yabaete catu xerera.
243. §. Aebe cori aba
xejuçaneme jmboane
peccado monhãgucane
ceõ re ceitica pa
xeratape ceroane.

248. §. Deapici catupipo
orenheẽga rendupa?

I.

Xe apicicatu *guitupa*,

2

peneĩ ro tiaço
que yaguapica, yacupa.

253. §. peru apicaba amo
begue yayomõgueta,
tonhãdu ume aba
cori na yandereco
yande moaroapa angã

I

258. §. Ererupe de pitima

2

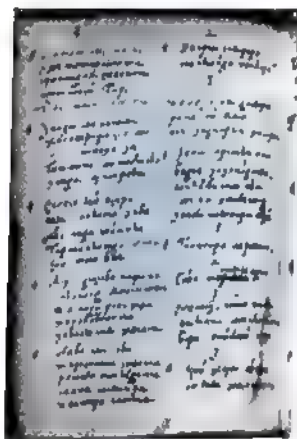
Cobe, xerata^{te} ogue⁽⁶⁾

I

Naçacij, neĩne ende
enhana cerunhemima
bipe emõdarõ cece

3

263. §. Jrõ xejar abebe
co tata xeçoangoera



p. 150v

(6) — Riscado *pitima* e emendado *rata te ogue*.

Pê, que Tatapitera
togoapic, ujme ende,
ique morouparocera.

F fentaõse cõ as fitimas⁽⁷⁾,
etrataõ sobre quem
prenderaõ ∞.

268. §. Peratâgatu rece
guijecoca açopota
tabapobu pobupa
co xeiuçana pupe
aba anga amõboâ

273. § Neí de⁽⁸⁾ Tatapiter
abape yaru corine?

yaipicic amo goaibine,
yangaipapa, inhemoirõduer
tatapupe yaçapine,

278. § Nopiqui ynheëgatã
memenhe oporoagoabo
ynhëeng memoã memoã
moema co omopoã
aba momochimochiabo⁽⁹⁾.

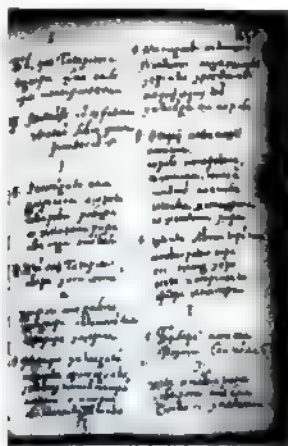
283. § Noimogoabi onhemoirõ 151
Ninhiroí, niyerecoabi
yepinhe ypora⁽¹⁰⁾ cacabi⁽¹¹⁾
ocequi⁽¹¹⁾ cequij teõ
y nheëga aci nopabi.

288. §. Ociquij cunha maye
caruara,
nopabi moropotara,
teçainana, maraê,
mondarõ, moemabe
cetanhe xerauçupara
co xeretama pupe.

295. §. eytenhe. Abare tupã rece
cerobac potar aupa,
eri, oçaang yepe
xete xerapiarete
opiape xererupa

300. § Endepe mara ere
Boyuçu, Cau mõda?

Xete xerëbia pota
çabeipora amo rece
Cunha ri ymoreca



(7) — O -j confunde-se com f e p.

(8) — Riscado -e (dee).

(9) — Emendado -mo- (-mochiabo).

(10) — Emenda -a-.

(11) — Riscado -j.

305. § Xepoguiripe areco
Cunumigoaçu angaipaba
tunhabae cacuaba
oyepe ombe anho
nomoangaipabi co taba

310. § Naxereroiroi goaibĩ
Cunha eigoaragibora
aipopoar, ayapitĩ
cunha mucu tabapora
xepiapupe anhomim.

315. §. Abare dogoerobiari
putuna rupi ocagoabo
tupana rauçupeabo
Cunhari ynhemomotari
aipotatemã, oyabo.

320. § Aere,
mochi recou piçaye
oquibijnha, açã açapa
temirico moãgaipapa
omõdaromo cece
cunha mena cupeapa

326. § Cunha raquipuemõdobo
apiaba niapiçai
caa embeipe oçobo
onhemima, daerojay
ymoabaete oicobo.

331. §. Mendaroera co rea
dei oyeacacapa,
arobie ume peca
oimo muru oçoapa
Tupã nheenga rapia.

I

336. §. Aepe ae cunha
nonheranj imomarana?

3

Oimborite, oimõgeta
aba momanha manhana
(²)ari oicopota.

2

341. §. Aipo yande roripaba
y andepotaoamae
tiaço ceru tauge

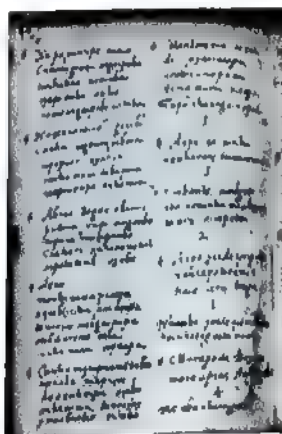
1

Nhambe, yande quireibaba
tiainheeng endu ranhe

346. § Marapêde Boyuçu
moro upiar, Anhãgobi?

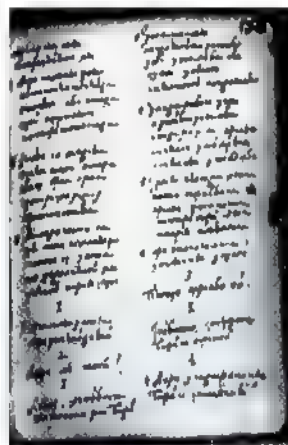
4

Xe aba nheenga ri.



12) — Borrão em letra inicial.

	aipicipota catu morepenhādara ndi	371. § Jporauçubarete oangaturāma poruabo yxi yereconba abe oyooc yabaete inhemoirō nongatuabo	152
351. §	Aipo naxeabi potari omaramonha monhāga oimomboi aba acanga oyrū noyamotari moronupā momoranga	376. § Yangaipabete yepe co perēbia potaçaba yangaipa yepe apiaba cunhari ymōdabae cunha abe ymōdoçaba	
356. §	Oicobe co xegiba einhe moxi ocoapa abarj opoa opoa oporapixa pixapa oporoiraromba.	381. § Jpochi nheengui xoera moema mopuābara apiaba maramotara moronupā nupā coera morapiti momboitara	
361. §	Aiucape muru ca yē meme nixandogui marana ri yaraa aco yagoanharō ya ynharō niputu çogui.	386. § Opa emonatecoara yanderata yayarō.	
	I	3	
366. §	Xemomota pacatu aipo penheēgabiā	Tiaraço çapiabo rō	
	2	I	
	Aepe coi marā?	Jrābuemo, çauçupara Tupā ci oipicirō	
	I	4	
	Aririj, xemōburu xemoarua pai Tupā.	391. § Aepe yangaipamenhe Tupā ci çauçubaubi?	



Omēbira reō re
opabi aba rauçubi
icaturāma rece

412. §. Aepe icuacubipira?

I

396. § Deitee
Aba opiapupe
oangaipaba *mochiabo*
ae re imombegoabo
Tupã monhirō mobe
yandereta yandepeabo

Ae Tupã nhemoiroama
nhirōçabeimaoāma
aipo yanderata guira
porama, çapipirāma.

417. § Emonanōgara amo
tiaço cori ceru

4

2

402. §. Yiabaibete aipo
nopiqui nhemōbegoara
yandepo çui cembaliara.

Eneĩ Temimino
arebonhe oimōbeu
oangaipa mirĩ anho.

I

422. §. Tubixabete oceja⁽¹⁴⁾
abare çui imima

Anheã, aipo teco
yandemo panemijara

I

4.

407. §. Doicotebe⁽¹³⁾ amōbae
Tupã nhirō çabeima?

Begue tiaço ceca
bipe muru roquicima
yanderata poraca

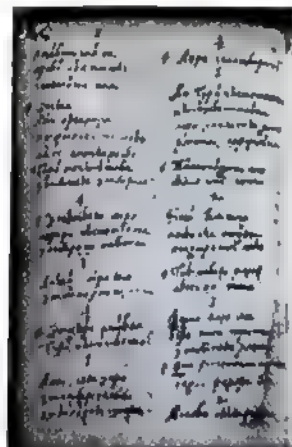
I

427. § Que pirataraca angœra
begue pepope toa

Aani, ceta yepe
oicuacubipireima
inhirōgatu ixupe.

2

Aicobe tatapitera



(13) — O -b- confunde-se com -p-.

(14) — Riscado -j-.

Aicobe, cau mondã.

Aicobe moroupiaroera.

Eſcondēſe euē
huã alma

xereropiape aba ri
quepenhe xereraçobo
xerape catu çuj?

452. §. Mamopaco xeraroãna
Caraibebe ycoi?
Jeſu naxereraçoi
amo anhãguçumanhana
yepi meme xemôboi.

Da com elleſ
e diz

432. §. Marabaepiã ri?
xepirataraca angoera
aceja co ceôboera,
acē amoī ixui
nאיאçabi popitera.

457. §. Iu Anhãga pi cori
Aarite ipope mã

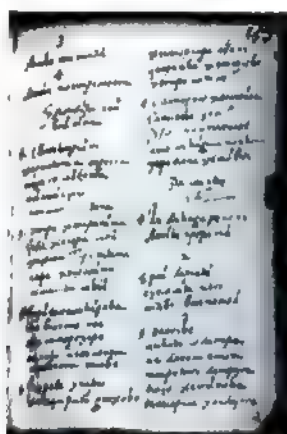
437. §. Vmãpe xeraperãma
Jeſu, xeropa cerã,
xeçoaba Tupã retama
aepe xeçoaoãma
aicuacatu cobia.

Epoã depiatã
eyecocatu xeri
nitibi baememoã

442. §. Tupã tecomonhãgaba
iba⁽¹⁵⁾ biaramo rae
opa caimopoyepe ⁽¹⁶⁾
aeanha xerecoaba
cerobiara recebe.

462. §. Dearibe
anhete co derape
ae deremi ecarã
naipotari deropara
tiaço xeirũmobe
terecepiac yandejara

447. §. Jcopebe yiabai
xeraço putũ guixobo



(15) - Borrião (-b-) ?

(16) - Haverã um e- ?

- 153v
- | | |
|--|---|
| <p style="text-align: center;">Alma</p> <p>468. H Taçoumene xemocō
quepe boyuçu amone</p> <p style="text-align: center;">3</p> <p>Deapicic, aānixoene
xe cororopicirō
de çui muru mōbone</p> <p>473. H Cobe xejurupara
cobe arupareaca</p> <p style="text-align: center;">Alma</p> <p>Yiabaete catu de aca
xeri derēbia pota
queibonhe xererobaca</p> <p style="text-align: center;">4</p> <p>478. H Onhemoteguātemā
orogoeraço corine
aecatu derupine
xepoçaca, xeratā
oroapeç, oroecine</p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>483. H Jia muru, cenonhana
toropitibōgatune</p> <p style="text-align: center;">Alma</p> <p>Oicobe pai Tupana</p> | <p>ixi abe xeraroana
opoapipic yandune</p> <p style="text-align: center;">4</p> <p>488. H Derorib Anhāguçu
orogoerur ore çoaba
Co Pirataracuçu</p> <p style="text-align: center;">I</p> <p>Cecoabae quireimbaba,
eri, auge, peputuu</p> <p>493. H Marape ceco agoera
peē imboaraoāma⁽¹⁷⁾</p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>Yati cecopochipoera
Tupā reroiō agoera
ore ipicicaoāma.</p> <p>498. H Doieroqui erimbae
ogoerumana rauçupa
cereima recebe
yaroa tata pupe
cerocaya, cerocupa,</p> <p style="text-align: center;">Alma</p> <p>503. H Cemoē oyobaupa
xereroc ete pai
aroirōba tecopochi
Abare nhe enguendupa
xe X^{uō}, xe caraf.</p> |
|--|---|



(17) — Sob o -b- lê-se B.

508. H Tupã ete rerobiara
yaiporaca xeibijnha

I

Abapẽ dererocara

Al.

Aco Ana goaibĩ rainha
pai Tupã rauçupara

I

513. H Marape dererocaba
abare reminõgoera

Al.

Eracicu perera angaba
caraiba rubixaba
quirimurepe⁽¹⁸⁾ ndaroera.

518. H Aere
Abaregoaçu abe
onong Vacicu perana
Coutinho tunhabae
aipo tera xearoana,
ae aromanonhe.

3

524. H Demoiacuc ipobiã
pai demongaraipa
aere ereicomemoã

dereçapiari Tupã
orcnheenga moripa.

154

529. H Cepiape ereyacaço
mĩssa rēdupabeima
ereu meme çoo
aretereme ereico
copira rece, co tima

Al

534. H Çupie
xereco equij yepe
ae poera aimo aci
pai abare çupe
imombegoabo iepi
imboepicatuabobe.

4

540. H Tiguirõ racipeê
cunha eremõdamõda
Marani noicoj yepe
ereropoar ibira
deremirico rece

545. H Cuçyanhe, itigatigabo
ereyãgao aba



(18) — Sob o -t- (-im-) lê-se e.

airarôpe muru ea
nâbobiruã eyabo
oporapiti pota

3

154v

550. H Emona tecoara uba
ocai xerata pupe.

Alma

Jmboacieimae
ixete Tupã xeruba
aimongueta memenhe

555. H Xecaturãma momboya
xeangaipaba rapirômo
ipeabo, imomanomo
xejarareõ renoya
imôbica, imonhiromo

4

560. H Deporopotari xuera
doiretei deçuj
demôdabeipo caoi
quepe cunha mêdaroera
erei momochi mochi

565. H Mondarô, nheengaiba,
moëma derece mō,
moçareya, nhemoriba
gucena, cauaiaba
marana, moroibō.

570. H Oroico meme depiri
peccado monhãguca
Ndeinhe, çapoaçapoa
ibicuitinga iguiri
opacatu oroipapa.

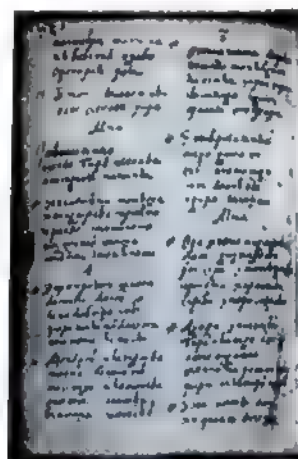
575. H E recēpotatenhe
orepo guira çui
eri, oromoauge
tata dearō ete
ipupe tereyeci

Alma

580. H Opa xereco angaipaba
ajooç guijacegoabo
pai çupe ymombegoabo
cepirãma xepoitaba
çupibe ymopocatuabo

585. H Ayapa yecoacuba
Tupã nheenga açang
areco angaturã
xeanãma poreauçuba
guipe anhenupã nupã

590. H Y xe xecatu daey
xe quia te turuçu



p. 154v

ae xciara Jesu
oguguipupe xerei
onhirōnamōgatu.

Anhāguçu

595. H yabaetepe tera mǎ?
çaĩ naxemomanoi

Al.

Aiticpa teco memoã
yrō, oyepetirua
peccado naromanoi

2

600. H Toroçone Anhāguçu
orereitic orenonga

I

Pepita manemuçu
taipobu cigue aponga
oyomĩ amo yandu

605. H Deroriroribau
xeboia momaraa
eretenhe eyerobia
xe toropicicatu
xemōdepe demboa

610. H Nhemombeupa⁽¹⁹⁾ mce
Tupã abarauçubari

Endete dereçapiari
peccado mima oyepce
dereimōbeu potari

Alma

615. H Aãni naicuacubi
bae xenhemōbegoape
Tupã reco cuapape
nanhemōbeu pouçubi
xebo inhirō motaçape

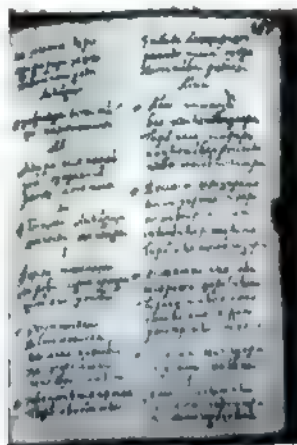
620. H Peccara cetayepemo
turuçu yepemo ocoapa
oimombeupamo acemo
inhirōnhepabenhemo
Tupã nhe moirō mogapa.

625. H Oicuacumo amo aba
tecopoera oyepcĩnhomo
Tupana ninhiroixomo
imimbaramo oipea
peratapenhe imōbomo

630. H Emona teco cuapa
nayomim amōbae

I

Aani, erenhomĩ nhe
acoeime yapiraçapa
zedemoingoçabae



(19) — Riscado -c.

635. H Nãde ruãte paco
cunhari ereyemomota
quece deremirico
manhanamo ereimôdo
endebo ceruruca.

*Virã esta palavra da junção de
Al. co + oico*

640. H To, anhe caico emona
cunha uubã xerauçu

1

Aepe ereim ôbeu
ae rece demonda?

Al.

Xereçarai tecatu

645. H Anhãgereco yepe
aipo çupe nabacemi
anhe naxeremoemi

1

Aã, cenotiamo e
imima derenocemi

650. H Xereça pupe catu
acepiac de imimagoera.
Eipiac mo'upiaroera ⁽²⁰⁾
eipitibo Boyuçu
Eçapi tatapitera.

Alma

155v

655. H Tupã ei
demaçdua xeri
ejori xerepenhana
Tou tauge xeraroana
xe picirômo ixui
Jmôdobo imomarana.

Aparece hũ Anjo

1

661. H Que Vrutaurana ruri

2

Caraibebe piã?

3

Caraibebe cerã.

Alma

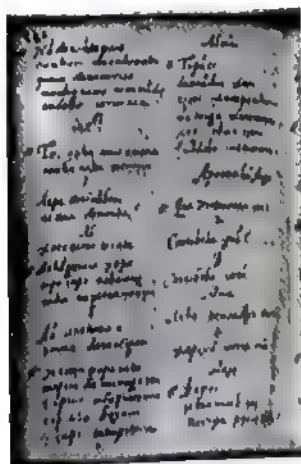
Anhe pemondija turi.

4.

Xepixã corine mã.

Anjo

666. H Pepoi
xeremiarô çui
Marape peico cece?



(20) — Etacenda^r.

orerēbiarocrae
acoeime oecopochi
mombeu eimere

Al

672. H Xereçaraiye guitecobo
nacejapotarua,
eiori xęumarā
reitica, moximombo
tauge, xerequijatā

Anjo

677. H Pepoi ixui aipo,
nopoaciga cigabi.

3

Eri, dore abangabi

Anjo

ęaroanamo caico.

3

To, anhe, dorocuabi.

682. H Marape ereipicirō
orecaneō agoera?

Anjo

Tupāci rauęuparoera
ico xeremiarō
peē peęumarāboera

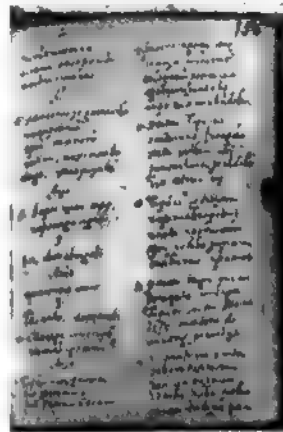
687. H Peiuraragoay ceco
requija noicuaubi
tecopochipoera amo
ogoeęarayamonho
aipo teco nonhādubi

692. H Deitee Tupanaci
omēbiramo Jmoingobo
xete xēbou cori
pemoanhana, pemōdobo
ico cetama ęuj.

697. H Tupāci cotabijara
napemoēbiapotari
naete iporaęubari
Opa cotaba pupiara
omēbiramo ipapari

702. H Pecoa taugę que ęui
penemete xerocija
Tupā ci fanta Maria
Ięsu omenbira di
ou moang pemondija

707. H Napeapięai yandu
peporapitipota
peē ae peyecoa
cotaba pobu pobu
pecoa tatape pea



p. 156

712. H Yiamuru, opabenhe
pecai⁽²¹⁾ oiepegoarane
yangaturã coire
pai tupã rauçupa nhe
Xeremiarõ yandune.

I

717. H Acai, nacepia potari
yabaete catu çoba
açope guibebebo ea

2

Xe abe, naxepopoari
Xe nupã nupãmuca

3

722. H Cecoabae que cunha
oreacanga yapiti
ore acanga ocapota
oremoapara para
orepoar, orepiapic⁽²²⁾

4.

727. H Tacejane moxirõ
taçone paratijpe
Tupinaquija reigpe
amo amo taijbõ

2

Xete cori riritipe

732. H Xe cori quepe catu
itareimirime açone,
ibi oca açapecone
ita oca abe aipobu
ruûhi Jupaogoaõne.

Vanse

Anjo

737. H Yandete yande retama,
ibaca tixepenhan
toçauçupa de anama.
Tupã ci angaturama
tomombo teco memoã

742. H Tupãci porauçubara
co taba oçarõgatu
Jmëbirete Jesu
opacatu tapijara
ocipiribe oçauçu

747. H Toçapiapabê aba
pai Jesu imoetebo.
opiapupe imoinguebo
tou ceraçobopa
ibacupe eroiquebo.



p. 156v

(21) — Risendo -o- (-oa-).

(22) — Emenda a.

752. H Tocendu aipo dee
Jesu nheenga puruabo
yandete tiabebe
Tupã roripapenhe
augerama yapitabo.

Anjo

757. H perori
xerajreta xeri
co aico pepicirômo
ajur ibaçu
peroquibija rupi
iepinhe pepitibomo
763. H Co taba re⁽²³⁾ nireme
pepiri nhe xerecou
naroiai mamô xeçou,
Taba raroanamonhe
yandeiara xe moingou
768. H Anguire
peporeauçubume
Taceçaỹ coperetama
ara momoranganhe
timaẽdua perece
tupãci angaturâma.

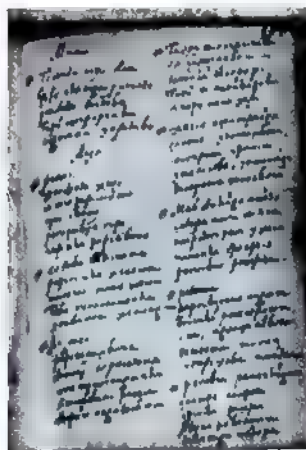
774. H Toçopa tecoangaipaba
co Goaraparim çui
tocanhẽ tecopoxi
Tupã tecomonhãgaba
timopo meme yepi.

779. § Xeico açauçupeãga
çaromo, yporauçuboca,
coarapucui ipococa
ymoaçobô, ymomorãga
tecopoera recoaboca.

784. H Maẽ Anhãga aimôdo
çatape muru reitica
naipotari peri yxica
memenhe opo apeco
perarômo, perezica.

789. H peteume
pepochiramo anguire,
tocanhẽ perecopoera,
cau, agoaça nẽboera,
temoema, marae
yoapixaba, marãdoera

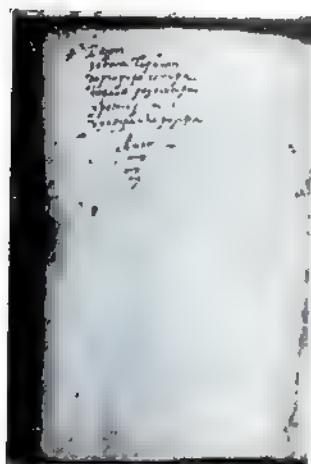
795. H perobia pemonhãgara,
çauçupa cecopota,
ipiribe peçapia
Abare pêboeçara
inheenga mōbopa⁽²⁴⁾.



(23) — Emenda (re) sobre, riscado, de.

(24) — Sob o -b- lê-se p.

H Pejori
 pebaca Tupã coti
 pepiapupe cerupa
 tapeço peyecoçupa
 ypotaripira ri
 yyipipenhepejupa
 Amen

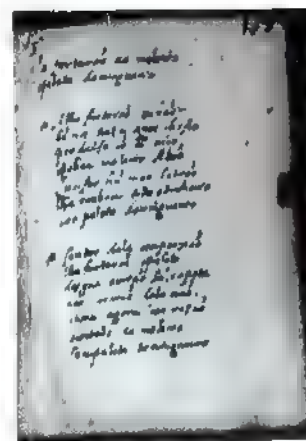


p. 157v

Ja furtaraõ ao moleiro
opelote domingueiro

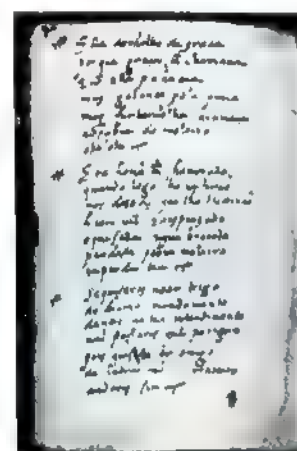
158

3. H se lho furtaraõ ou naõ
bẽ nos peza anos cõ isso
perdeuse cõ m^{to} uiço
opobre moleiro Adaõ
Lucifer hũ mao ladraõ
lhe roubou todo o dinheiro
coo pelote domingueiro.
10. H senter dele compaixaõ
lhe furtaraõ opelote
desque ouiraõ jẽ capote
naõ curaraõ dele naõ.
chora agora con rezaõ
ocoitado do moleiro
sempelote domingueiro
17. H Elle deraõlho de graça
porque graça se chamaua
e cõ elle passeaua
muy galante pola praça
mas furtaraõ lhe aramaça
aopobre do moleiro
o pelote ∞.
24. H Era homẽ m^{to} honrrado
quando logo lho uestiraõ
mas despois que lho dispiraõ
ficou uil e desprezado
o queseda, eque brocado
perdeste pobre moleiro
enperder teu ∞.
31. H sequiseras moer trigo
do diuino mandamento
dentro ao teu intendimento
naõ passaras tal periguo
pois quiseeste ser amigo
de ladraõ taõ forrateiro
andaras sen. ∞.



p. 158

158v



p. 158v

(1) — II^a, A 9. Cf. I^a, IV, (1).

38.

H Mui fermozo trigo tinha
q̃ era ahumana natureza
mas moeoo taõ deprefsa
q̃ fez mto mafarinha
epor ifso taõ azinha
apanharaõ ∞.

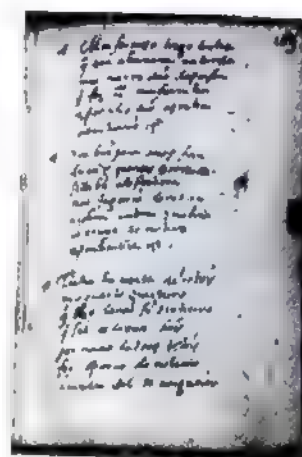
159

45.

H Era huã peça amais fina
de todas quantas tiuera
felle bẽ odefendera
naõ Jugaraõ derapina
acobra ladra e malina
cõ enueja do moleiro
apanhoulhe ∞.

52.

H Tinha hũ monte debotois
en o quarto dianteiro
q̃ lhe deraõ sē dinheiro
q̃ faõ os diuinos dois
por menos de dous tostois
foy oparuo do moleiro
a uender tal do mingueiro



p. 159

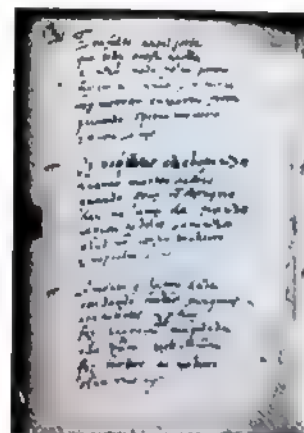
59.

H Era feito detal sorte
que toda acafa uestia
en nhũ modo podia⁽³⁾
furtarfe se naõ por morte
foy morrer enbora forte
peccando opobre moleiro
eficou sē ∞.

159v

66.

H Os pob^{re}tes⁽³⁾ e^a chopinhos⁽⁴⁾
ficaraõ mortos defrio
quando opay cõ desuario
deu na lama de fucinhos
cercou todolos caminhos
oladraõ conseu bicheiro
e rapoulhe o



p. 159v

73.

H A molher q̃ lhe foy dada
cuidando furtar maquias
con debates e&fias
foy dagraça maquiada
ella Nua eesbulhada
fez furtar ao moleiro
oseu rico ∞.

(3) — Risendo furtar

(3) — Emenda re

(4) — Emenda a.

80.

H Toda bebedá douinho
da soberba q̃ tomou
o moleiro derrubou
no lumiar do moinho
acodio o seu uizinho
sathana's m^{to} matreiro
e rapoulhe o ∞.

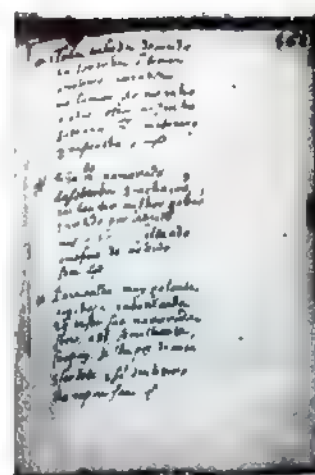
160

87.

H Elle m^{to} namorado
da soberba einchação
cuidou ter melhor gabaõ
e ser tido por letrado
mas achouse salteado
o mofino do moleiro
sem ∞.

94.

H Pareceulhe muy galante
acachopa embonicada
e q̃ enser sua namorada
seria a D^s semelhante,
seupay se lhe pos diante
esendote esẽ dinheiro
lhe rapou seu ∞.



p. 160

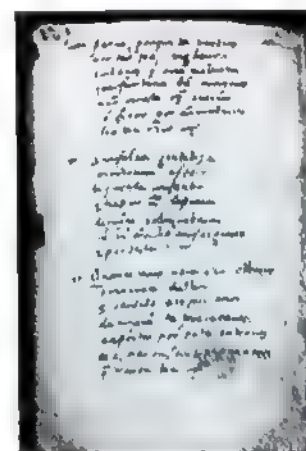
101.

H paruo porque te perdias
por taõ fea regateira
cuidauas q̃ era moleira
quefurtaua bẽ maquia's
naõ ouueste o q̃ querias
cõ ficar por derradeiro
sen teu rico ∞.

160v

108.

H suafalça gentileza
conuidauate a sobir
tuquiseeste consentir
etrepár m^{to} depreça
deraõte pola cabeça
cõ hũ trocho de falgueiro
eperdeste o ∞



p. 160v

115.

H Quanto mais pera ella olhauas
pareciate melhor
eperdido por seu amor
de ninguẽ te precatauas
aaporta por onde entrauas
te esperouseu companheiro
q̃ rapou teu ∞

122.

H Elle soubes se ajudar
da molher tua parceira
efez dela alcoueteira
pera embreue tenganar
Tu sem mais considerar
lhe creste paruo moleiro
eperdeste o ∞.

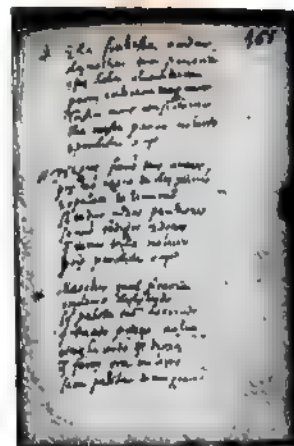
161

129.

H Negros foraõ teus amores
pois taõ negro te deixaraõ
e o pelote te leuaraõ
sẽ te dar nhũs penhores
se naõ fadigas edores
q̃ teras triste moleiro
pois perdeste o ∞

136.

H Maochas qual ficaria
o moleiro desastrado
sẽ pelote taõ honrrado
q̃ tanto preço ualia
como he certo q̃ diria
q̃ faras ora moleiro
sem pelote domingueiro



p. 161

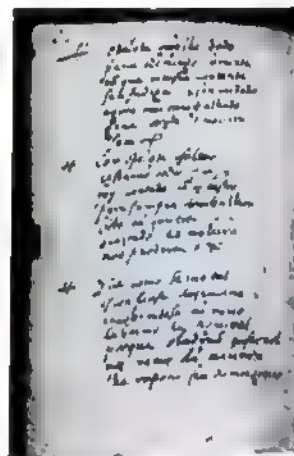
143.

H Opelote foylhe dado
pera odomingo semente
cõ que uiuesse contente
senfadiga esen cuidado
agora mui trabalhado
geme otriste do moleiro
sem ∞.

161v

150.

H Com opelote faltar
cessaraõ todas as festas
foy contado cõ as bestas
perasempre trabalhar
sisto bẽ quifera olhar
ocoitado do moleiro
naõ perdera o ∞.



p. 161v

157.

H Elle como feuiu tal
escondeuse deseuamo
encobrindose cū ramo
debaixo dũ figueiral
porque oladraõ infernal
nos ramos dũ macieiro
lhe rapou seu domingueiro.

164.

H seu amo foy espancalo
cõ araiua q̃ ouue delle
e cuberto con huã pelle
fora de casa lan çalo,
Naõ quis detodo matalo
esperando q̃ o moleiro
cobraria o domingueiro.

162

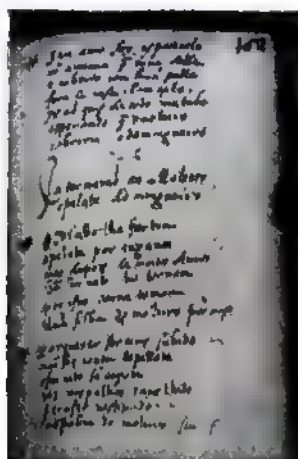
Ja tornaraõ ao Moleiro
opelote do mingueiro.

173.

O Diabo lhe furtou
opelote por enganos
mas depois de muitos Annos
hũ seu neto lho tornou
por isso carne tomou
duã filha do moleiro. por ∞.

180.

H Porquerer ser mais subido
naõ fez conta do pellote
o seu neto s̃e capote
iaz nas palhas encolhido
perafer restituído
aopobre do moleiro. seu ∞.



11. 102

187.

H Quis uestido apparecer
empelote desomana
porque uẽ con carne humana
a trabalhos padecer
e no feno se enuoluer
p^a tornar ao moleiro
seu ∞.

162v

194.

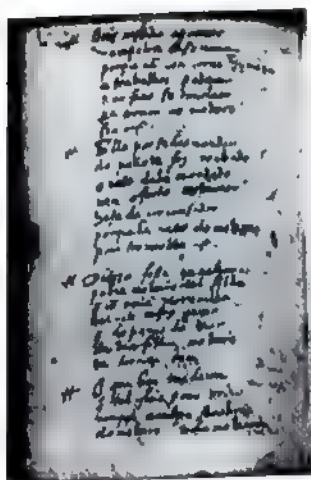
H Elle por se desmandar
do pellote foy roubado
o neto dalẽ mandado
uem ofurto restaurar
hase de circunsidar
porquehe neto do moleiro
por tornarlhe ∞.

201.

H Ditozo foste enachar
pobre moleiro tal filha
q̃ cõ noua merauilha
tal neto tefoy gerar
q̃ do panno do tear
de tuafilha moleiro
te tornou teu.

208.

H O que boa tecedeira
q̃ taõ fino pano Vrdio
conque aculpa fecobrio
do moleiro eda moleira



p. 162v

conficar atea Jnteira
 fez que aopobre do moleiro
 se tornase odomingueiro.

163

215.

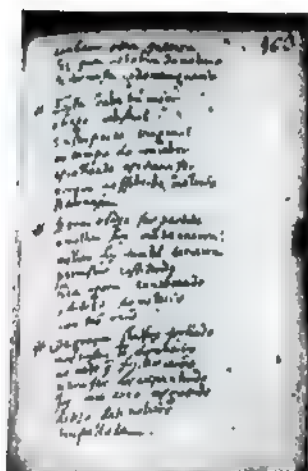
H Esta soube bẽ moer
 o trigo celestial
 Enfeu peito Virginal
 ao tempo do conceber
 escolhendo escaua ser
 porque ao soberbo⁽⁵⁾ moleiro
 se tornasse.

222.

H Pera ofayo ser perdido
 amolher foy medeaneira,
 molher foy tambẽ terceira
 pera ser restituído
 fica agora ennobrecido
 o ditozo do moleiro
 con taõ rico

229.

H Degraça lhefoy tornado
 mas custou m^{to} dinheiro
 ao neto q̃ foy ter ceiro
 pera ser desempenhado
 foy mui caro resgatado
 ditozo deti moleiro
 teupellote



p. 163

(⁵) — Riscada uma primeira letra.

236.

H Trinta etres annos andou
sem temer nhũ perigo
moendose como trigo
ate que o desempenhou
con seu sangue resgatou
pera opobre do moleiro
opellote.

163v

243.

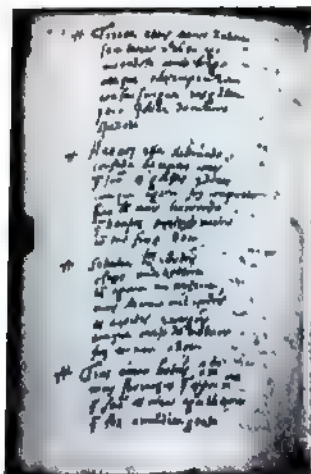
H Heeuos elle debruado
confeda de muitas cores
q̃ saõ os golpes edores
conque agora foy comprado
fica m^{to} mais honrrado
q̃ dantes oatafoneiro
cõ taõ fino dom.

250.

H setinha m^{to}s botois
ofayo nadianteira
tẽ agora na trazeira
mais de cinco mil cordois
os agoites euergois
conque oneto do moleiro
fez tornar o dom.

257.

H Traz cinco botois som^{te}
mais fermozos q̃ os prim^{ros}
q̃ saõ os cinco agulheiros
q̃ fez amaldita gente



p. 163v

em ocorpo do innocente
pera tornar-se ao moleiro
taõ galante dom.

164

264.

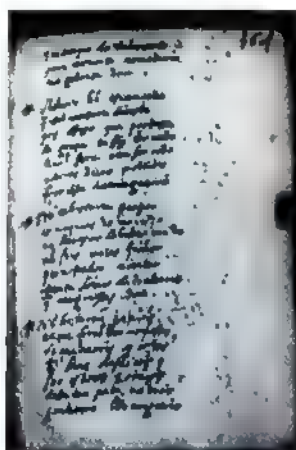
H Moleiro bẽ escançado
q̃ tal uentura tiueste
pois ofayo que perdeste
de graça te foý tornado
senaõ fora oenforcado
poderaſ dizer moleiro
fogo uiſte domingueiro

271.

H Nẽ te bastara poupar
aſ maquiaſ do moinho
nẽ deixar deber uinho
nẽ seiſ mezeſ Jaiuar
perapoder aiuntar
tanta ſõma de dinheiro
que compraſſeſ dom.

278.

H Nẽ bastaraõ petiçoĩs
enque foraõ ben compoſtaſ
nẽ que leuaraſ aſ coſtaſ
mtoſ ſacoſ daſliçoĩs,
ſoo aſ doreſ eoraçoĩs
deſte teu neto moleiro
ganharaõ odomingueiro.



p. 164

285.

H A elle foy concedido
epor isso nuu nasceo
edepois quando cresceo
foy depurpura uestido
ena Cruz todo moido
porque tupobre moleiro
cobrassef teu dom.

164v

292.

H Jagora podef sair
compelote damascado
daltabaixo pespontado
q atodos pode cobrir
yapodef bailar erir
edar uoltas enterreiro
cõ taõ fresco dom.

299.

H Bem podef sempre trazelo
en domingo edia santo
e ensonana sã quebranto
q taiaõ dedar por ello
bem cingido con orelo
de Justiça bõ moleiro
goardarasf teu domingueiro

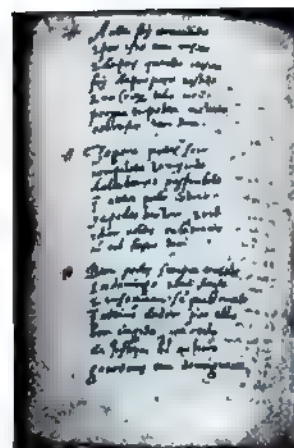
306.

H As moças iapodẽ ter
amores de teu(?) pellote
euiştirse tal chiote
se fermosas querẽ fer
Japodẽ todas dizer
viva o neto do moleiro
q nos deu tal domingueiro.

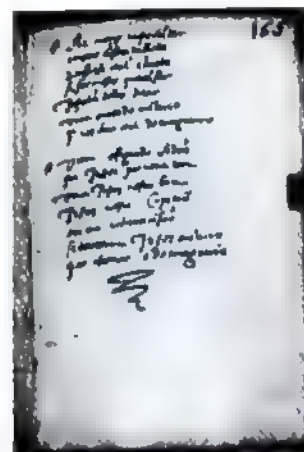
165(6)

313.

H Viua osegundo Adaõ
que Jesus por nome tem
Viua Jesus nosso bem
Jesus nosso Capitaõ
oie na circuncisaõ
se tornou Jesus moleiro
por tornar o domingueiro



p. 164v



p. 165

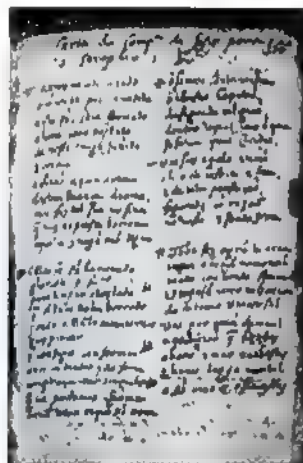
(6) — A p. 165v está em branco.

(7) — Riscuda uma letra entre de e t.

Carta da Comp^a de Jesus pera
o seraphico f. Fr.^{co}

166

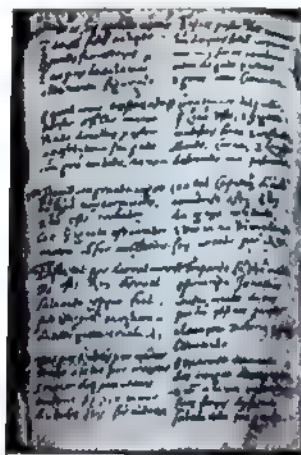
- | | |
|--|---|
| <p>1. H depois de tudo criado
por conto, pezo, e medida
disse D^s, seia formado
o homẽ, como treslado
de nosa imagẽ subida</p> <p>6. E criou
a Adaõ, a quem dotou
da semelhança diuina,
mas foy tal sua mofina
q̃ muy deprefsa borrou
aquella ymagẽ taõ digna.</p> <p>12. H Mas X^o D^s humanado
glorioso f. fr.^{co}
pera limpar o treslado
q̃ Adam tinha borrado
pondo o Mũdo entanto risco</p> <p>17. Quis pintar
e configo conformar
auos de dentro ede fora
congraca taõ singular
q̃ uos podemos chamar
homẽ nouo enquẽ D^s mora.</p> | <p>23. H Ô famoso Patriarcha
Ô illustre Capitaõ
da sagrada religiaõ
dentro daqual como ã arca
se salua opouo Christaõ,</p> <p>28. Vos sois aquele varaõ
cheo de iustica efee,
e de toda perfeiçaõ,
figurado cõ rezaõ
no iusto e santo Noe.</p> <p>33. H Noe fez agrãde arca
enque o homẽ racional
iunto coo bruto Animal
escapafẽ como en barca
do diluio vniuersal.</p> <p>38. Vos por ordẽ diuinal
na religiaõ, q̃ fizestes
a bons, e maos recebestes
e liures dagoa mortal
a D^s uiuo os ofrecestes.</p> |
|--|---|



p. 166

(¹) — II^a, A 10.

43. H Vos sois o grãde uaraõ
q̃ de D^s fostes achado
segundo seu coraçãõ
e no pay de salamaõ
altamente figurado
48. O qual como desprezado
por ser o filho menor
sendo douelhas pastor
apascantaua seu gado
con grã cuidado e amor.
53. H Dauid con grande uigor
hũ liaõ muy carniceiro,
e hũ usso roubador
Coo Gigante espantador
matou cõ ser ouelheiro.
58. Este tal por derradeiro
D^s ofez Rey disrael
saluando opouo fiel.
por este grã caualeiro
detoda gente cruel.
63. H Vos uos tinheis por menor
tendo atodos por maiores,
e maior dos peccadores
tendouos D^s por maior
de todos seus siruidores.
68. Fesuos pastor dos menores 166v
hũs dos quais foraõ cordeiros,
mas muy fortes caualeiros,
outros do gado pastores
e guias como Carneiros.
73. H Concedeuuof tal poder
q̃ Liaõ, V^sso, e Gigante
matafseis forte e constante,
Mundo, Carne, e Lucifer
destruindo mui possante.
78. Contal Capitaõ diante
aumētouse afee e ley
da igreja militante,
e Vos ia na triumphante
sois coroado por Rey.
83. H Trepando sã nhũ medo
o principe Jonathas
confeu criado de tras
por hũ aspero penedo
alcançou victoria e paz.
88. Cometendo
o exercito tremendo
dos imigos derepente
e cõ animo ualente
suas forças desfazendo
saluou toda sua gente.

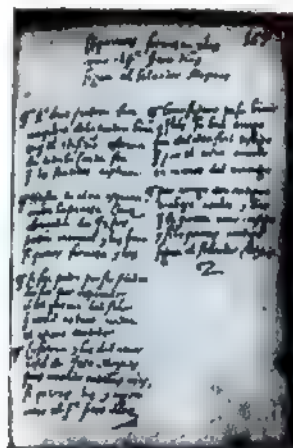


p. 166v

siquieref firmeza y luz
como el p^e Pero diaz
figue ao saluador Mixiaf

167

4. F Po diaz piedra fue
miembro dela piedra biua
enq̃ el edificio estriua
de toda la santa fee
q̃ los sentidos captiua.
9. F No sea tu alma esquiua
contra lapenosa Cruz
abraçada de Jesus
piedra marmol y luz biua
si quieref firmeza y luz.
14. F si fue pedro por ser piedra
dia fue por resplandor
cõ tal gracia del señor
q̃ conel no tuuo medra
el escuro tentador.
19. F La fuerça y luz del amor
nascẽ de Jesu Mexiaf
pues amaldo entrañas mias,
si quereis luz y uigor
como el p^e pero diaz
24. F Como siguio en su biuir
a Jhũf su buẽ amigo
fue del tan fiel testigo
q̃ por el uino amorir
en manos del enemigo.
29. F por amigo tan antiguo
trabaja noches, y dias
q̃ te quiere unir consigo
y silo quieref contigo
figue al saluador Mixiaf.



p. 167

(1) — 11^o, B 28.

§. 1.

1. Rertiba xeretama
xui xerurique
xerapixari pabe
arete angaturāma
tacepiane uyabo nhe.
6. Arureta co riri
ipupe depoi pota
pecuape cunumi
puamaubi xeri
xeçui igoabopa.
11. Conho anocē yepe
moxi çui uinonhana
eteume cori marana
rerecobo xerece.
15. Xepoi ucate yepe
quecebe bae nauj
agoata coarapucui
dererapoana rece.

§. 2.

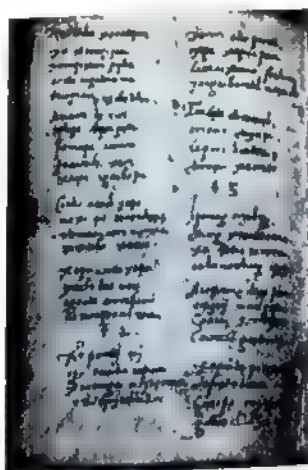
19. Xe paratij çui
ayu rainha repiaca
xeacanga moyegoaca
ymoeçayaoāmar

23. Daruri amo parati,
oyepe xepiça pora
dereui xuemo senhora
yangaibaratā moxiçui

27. Endete, derecemō
ariamā, tayaçu
depiri baetau
turuçu xecaneō.

§. 3.

31. Jporang erimbae
Miaig xeretāboera
xe Jetuu rairoera
anhe monhang ipupe
35. Aco eime⁽²⁾ raco pira
acequij marāgatu
Cuuca, goarapucu
Camuri, goatucupa
39. Xepinda porangete
topindaiticine endebo
Cunapu requijetebo
goara obanha nete



p. 167v

(1) — II^a, D 14.

(2) — Borrão em letra inicial.

43. Reyamo ereico tenhe
Cetatenhe deboya
Xete toroporaca
yetuu raira ixe.

§ 4.

47. Xegoaraparĩ çui
Rainha repi^aca⁽³⁾ aju
xeroribete catu
ara angaturāma ri

51. Acoeime ereçapeco
oreretama çauçupa
aepe mijsa rendupa
aretereme ereço

55. Acoeime apita meme
depiri ibitirapoape
xeanama goataçape
demorerecoa cece

59. Emonanamo xeruri
debo ara momoranga
debo toriba monhāga
xeanama xēbouri.

§ 5.

168

63. Xe aba aibi anhe
iporoceō xerera
xerēbiara rēbiroera
arurý reya çupe

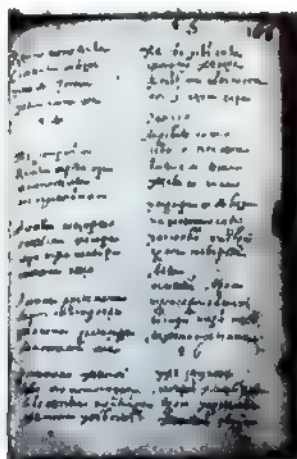
67. Depipo?
Augebete co aico
debo co ciri reru
Icatu nhe, tereu
xe abe co auamo

72. Yangaipa co de boya
na xererecocatui
yaribobō omōgui
igara coabipota⁽⁴⁾

76. Aere
oicotebē Abare
uigoaçapa oāmari
einupā nupā moxi
taxemo mochi ume.

§ 6.

81. yxe çauj aeta
cerapoā xerenoi^laba
igoara yeporacaba⁽⁵⁾
xerecemō çauja



p. 108

(3) — Emenda (a).

(4) — Há uma letra medial (ð-ø) ilegível.

(5) — É possível que a leitura deste termo não esteja correta. Cf. II^o, D 14, -V. 81.

85. Coromo ipo eregoata
xerecoape eyepotane
aereme amō ajucane
xe juçaneme imboa
endebo imeengabone.

90. derece uiporādupa
Reyamo dereco re
anhemoanhe anhe.
Çaunya rerureupa
tou reya ujaboe

105. Eteume
aipo teco coabire
teco pochi rerecobo
tei tupā demoingobo
oagiramo ibate.

110. Co deremimboayeta
toitiepa teco pochi
enonhē, eyacaca⁽⁸⁾
toyepicirō mota
anhāgarata çui

168v

§ 7

Juicu cō Ambof

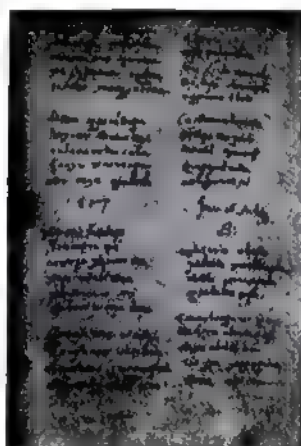
95. Xerori Jbitirape
Jbitirapoa çui
co tape xe⁽⁶⁾ ruri re
xeporandubireme
xepoanamo cori⁽⁷⁾
de rerāpoana rece

101. Gracia cera co nde
Rainhamo renoybira
Rainhamo ⁽⁷⁾moingopira
dejara goaibī çoce.

8.

115. Xe iuicu abaite
yabaite xerēbiaçaba
nitibi xeraçapaba
ogoatabae çupe.

119. Eimonhangucar igoara
de Reya abaite pupe
taxe abaite ume
ico jui xerupiara⁽⁹⁾
tereu cepi rece

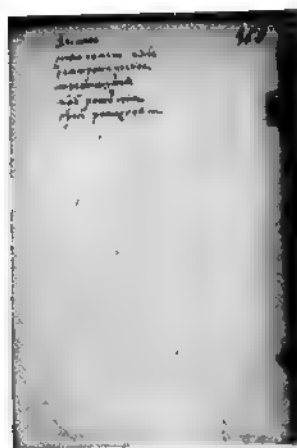


p. 108v

(6) — Sob o x- lê-se r.
(7) — Parece haver uma letra inicial.
(8) — Riscudo -h.
(9) — Sob o -r- lê-se p.

124. Peicoete
 gracia rainha ndibe
 perecopoera reitica
 tapereraçoybate
 tupã pereõ roire
 opiri pemogoapica.

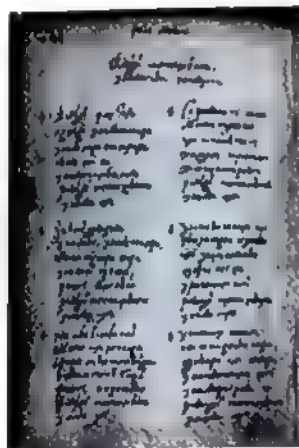
169



p. 169

Pitāgi morauçubara,
yanderuba, yandejara.

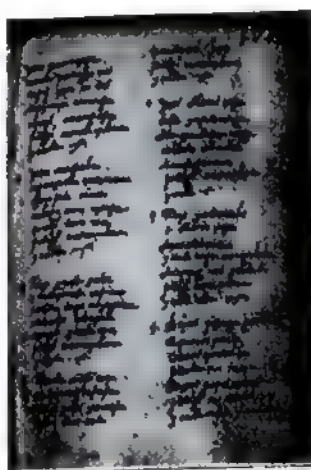
- | | |
|---|---|
| <p>3. §. Pitāgi pay Jesu
ogoegi yanderecoape
yande anga rauçupape
ibate çui ou
yanderauçuba catu
pitāgi morauçubara
yande ∞.</p> | <p>24. §. Co putuna ri ciari
Maria rigue çui
ixi nimembira eiç
Naçuguij, nimaraari
Diaimomarāpotari
pitāgi morauçubara
yande ∞.</p> |
| <p>10. §. Jnhirōgatupota
yandebo, yande rauçupa,
Maria riguepe oupa
yanderi oyecea,
peiori tiarobia
pitāgi morauçubara
yande ∞.</p> | <p>31. § Yaimōboreaçu roi
ymoyacegoa cegoabo
ixi yaçoicatuabo
oyopia roi çui
yporeaçu miri
pitangī morauçubara
yande ∞.</p> |
| <p>17. §. Na ababicaba ruā
Maria ixiporanga
ipupe onhemonhāga
onhemomirī Tupā
peiori, peyaiuban
pitāgi morauçubara
yande ∞.</p> | <p>38. § Ycamucey cunumi
oei camagoabo oupa,
ogibape ixi cerupa,
y cambuxeme çori i kambu-hei
yandepoipota coi
pitangī morauçubara
yande ∞.</p> |



p. 160v

(1) — II^a, D 15.

45. § yaceo porara çape
cunumi poranga rui
capij çoce co tui
tapij ruçu caruape
oqueri omoupape
pitâgi morauçubara
yande ∞.
52. §. Yara cuapabe
cigoaçume rerecoara
oyoçu pota oiaa
cabarareru ixupe.
Çoribi tura rece
pitâgi morauçubara
yande. ∞ .
59. §. Tiaço yande yabe
yandejarete repiaca
yande anga moyegoaca
ceraçobo çobaque
tomaê yande rece
pitâgi morauçubara
yande. ∞ .
66. §. Tianhe mopiçaçu
tecopoerapeapapa
pitâgi yabe yaçoapa
tiaia teco catu
- yanderarç(²) Jefu
pitâgi morauçubara
yande ∞.
73. § Yxi Maria çupe
tiaç yayetanonga
tou yandepoçanonga
omêbira irûmobe
tiannepea ume
pitâgi morauçubara
yande ∞.
80. § Tiaço yaierurebo
f. Maria çupe
tacecateimume
yande anga moingobebo
toimeeng cori yandebo
pitâgi morauçubara
yande ruba ∞.
87. §. Pejori pitanga goabo
Tupana reçareta
Cunumi moconâba
penhiâme imomîdabo
taçori pepoi catuabo
pitâgi morauçubara
yande ruba, yandejara



p. 170

(²) — O *y* parece emendado sobre *tj*.

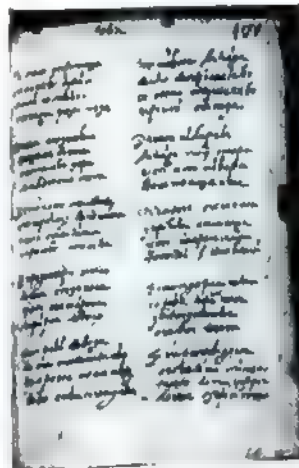
- | | |
|---|--|
| 94. Tupāci angaturāma
ayerobia de rece
eipota miri u me
tatape xeçaoāma | 114. Topita pai Jesu
deirūmobe xenhiame
tacepiane peretame ⁽²⁾
perobaporangatu |
| 98. Eimonhego acē Anhāga
toyepea xeçui
eimoingo catu xeāga
pai tupā reco rupi | 118. Erobaç oreçoti
de reça porauçubara
toçopa xemaraara
quepe xeanga çui |
| 102. Ejori xereçapebo
tarobia catutupā
taitipa teco memoā
tayeauçubucar endebo | 122. Aimōbaete deroca
ipupe guipora ceya
ejori xeanga reya
imotinga ipoxi oca |
| 106. Tupā ciramo ereico
ejori xerauçuba
daçopotari mamō
de irūnamo aicopota. | 126. Morauçubereçoçape
ace anga erejoçu
ei moingo pai Jesu
de membira xepiape |
| 110. Jta. Maria derera
aceroripabete
taxemomotarume
xeramuya recopoera | 130. Toroaçu catu guitecobo
xerecobe yacatu
Xeyequij me tereju
ibate xereraçobo |

p. 170^v

(1) — II^a, D 15, cf. D 16, (1). Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em D 15, onde aparecem numa única peça os n.ºs. LXIX e LXX.

(2) — Sob o -p lê-se x.

- | | |
|---|--|
| <p>1. Co oroico (oroporaceya
demoetebo tupâci
emaẽ co tabari
oreanga poxi reya.</p> <p>5. Derece oroyerobia
oroyecoc derece
orerauçuba yepe
demẽbiramo orera</p> <p>9. Deirũnamo oroicopota
oroimonhang de ro coãma
eçarõ oreretãma
çapecobo⁽²⁾, çauçuba.</p> <p>13. Depoguiripe oroico
derece oroyecoca
ejori oremãgoca
tupãpiri toroço</p> <p>17. Çori pabẽ deboya
de ara moetecatuabo
tecopoera moaciabo
debo onhemeengaba.</p> | <p>21. Oroimõburu Anhãga
denho derapiaretebo
co oroico oreyerurebo
eipicirõ ore anga</p> <p>25. Derera rêdupabe
Anhãga ririj oçoapa
ejori muru mõbapa
toremo auye ume</p> <p>29. Niapori oreçumarã
yepinhe oreraanga
ejori imoporaranga
toroitic⁽³⁾ ceco memoã</p> <p>33. Eimoingopucu catu
co taba tupã rece
ybitiriguarabe
orepiri tereru</p> <p>37. Eruparaibigoara
oreretãma irũ momo
taceta derauçupara
derece oyepiciromo</p> |
|---|--|



p. 171

(1) — II^a, D 16. Cf. D 16, (1).

(2) — Engano provável (çapecobo).

(3) — Riscado -j.

LXXII (1)

1º

1. Muito ha q̃ receiamos⁽²⁾
vossa uinda bõ pastor
paraque nosso soĩ
nos conceda oq̃ esperamos

5. Esperamos dalçancar⁽³⁾
aconfirmação dagraça
aqual atodos nos faça
ate ofim perseuerar.

2º

9. Perseuerar naõ podemos
se Ds abre denos maõ
mas cõ sua confirmação
q̃ trazeis fortes seremos.

13. seremos mui confirmados
cõ este sagrado Ingueto
E diuino sacram^{to}
cõ q̃ seremos Crismados

3º

17. Crismados receberemos
agraça cõ fortaleza
pera cobrar alimpeza
q̃ pola culpa perdemos

21. perdemos acharidade
qñ amamos opeccado
mas pois somos uosso gado
curai nossa Infirmitade

4º

171v

25. Infirmitade mortal
hee aculpa, mas poruos
seremos curados nos
cõ o Chriσμας Diuinal

29. Diuinalm^{te} escolhido
fostes pera nos crismar
pera Ds nos aceitar
porseugado mui querido

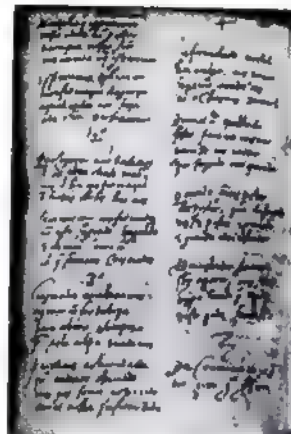
5º

33. Quirido seiais pastor
dopastor, que deseugado
Vos fez pastor eprelado
e grande administrador

37. Administrador soomente
sois agora, mas seiais
bispo sancto q̃ rejais
Vosso gado sanctam^{te}

LXXIII (1)

Da Conceição de N. s^a
por graci g^{co} g^{te}



p. 171v

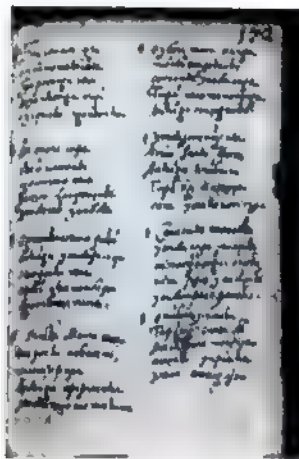
(1) — II^o, A 11.

(2) — Riscado *esperamos*.

(3) — Engano provável (= *alcançar*).

(1) — II^o, D 17. Cf. LXIII, (1).

- | | |
|--|--|
| <p>1. § Eua yandeci igpi
onhēmomotarete
jba poranga rece
boyanheenga rupi
iyiquiebo, igoabonhe</p> <p>6. § Ae omena çupe
iba û ucaraubi
ogoemireco rece
Jmena doupouçubi
yandereõ yanõde.</p> <p>11. § Oguembiamamo pabê
anhâga yandepicigui
oecopochi rece
opabî abamondigui
ogoribamo meme.</p> <p>16. § sancta Maria rece
teco pochi nobacemi,
oecocatupupe
Anhâga apipicanhe
Mochi reco mocanhemi.</p> | <p>21. § Oyopic muru acanga 172
imoatã eingatuabo
çoricatu yande anga
Tupã reco momoranga
Anhâga rauçupeabo.</p> <p>26. § Yandejaramõgatu
tirico sancta Maria
Anhâga timõburu
Tupã cig tiaçaçu
cece yanhemoririya</p> <p>31. § Ceco catu rerecobo
yande anga yecoçubi
ni marã nangai oicobo
meme Jesus yandçubi
yanderapeco pecobo.</p> <p>36. § O mēbira yrūmobe^a
Tupācig sancta M^a
Ace çumarã mondiya
aceçubi yepinhe
yxui aceregiya</p> |
|--|--|



41. H Tiaê yandepigape
santa Maria rerupa
ceco catupota çape
yande angime çauçupa
yaço tupã roripape.

LXXIV (1)

Dança

1

- 4 H Peiori xeirũ eta
tiaço Maria çupa
inheeng porang endupa
yande aiba toipea.

2

50. H Eneĩ tiaço tauge
ixupe yayerurebo
toimeeng cori yandebo
(2) omēbi porāgete

3.

54. H Yporauçubacatu
Tupācig 5^{ta} Maria
Emonanamo açauçu
cece guinhemoririja

4.

58. H Maria(3) icatuete
nonhãdui moropotara
onhemonhang yandejara
cigueporanga pupe.

5

172v

62. H Anhete co cerapoan
Maria reco poranga
Deitee ipupe Tupã
pitangamo onhemonhãga

6

66. H Virgêramo oicobobe
Maria cunhãgatu
puruaramo rae
tecopochi oimõburu

7.

70. H Noipotari yanderi
yandęumarāpuama
yandereco caturāma
oi meenguca iepi.

8.

74. H Jmēbira oarumuã
amo putuna rece
pitangĩ porangete
ixi naçugui tiruã
yacui, nicoarinhe

9

79. H Jesus imēbira rera
ae yande picirõ
ceco omõgaturõ
yandereco pochi poera



p. 172v

(1) — H^o, D 17. Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em D 17, cf. LXXV.

(2) — Riscado *omemb*.

(3) — Riscado *il*.

83. H Açaçu catupota
xeiarĩ pai Jesu
timaēduacatu
xerece xeraçuba

LXXV⁽¹⁾

Outra

1

1. H Yandeiara arire
mamoçui Ireyaruri
çerobiacatuabonhe
oyetanonga ixupe
imbaerāma reruri

2

6. H Reya anheco ar ijara
pitangi çupe oũ
oçaçubetecatu
opigape omonhāgara

3

10. H Deitee miauçubeta
icoara momorāga
Reya recopoeraanga
Tupā rece oyerobia

4

14. H Ixe cece guiporādupa
xeroça çui aiũ

Anhemoeçaĩgatu
miauçubete rauçupa

5

18. H Xenaiupotaribiã
Canaiba moabaitebo
memenhe moxi yādebo
mara ey memoã memoã

6

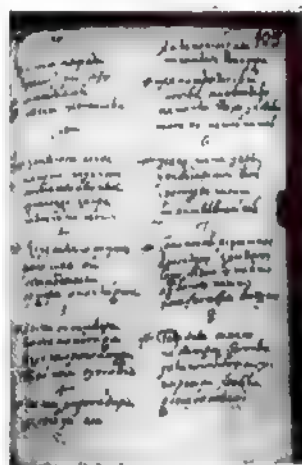
22. H Na ey meme yepi
yanderepiaca cerã
iporangete cunumi
miauçubābuerĩ mã

7

26. H Como noſ uē piquinonoſ
dançadoreſ, egaiteiroſ
logo dizem oſ malinoſ
o q̃ bonitoſ mininoſ
paraſer noſſoſ boeyroſ

8

31. H Tate tate cunumi
nādenupai Caraiba
ynhemoirōdoamoxi
noipetequi deatiba
goereco aibari



p. 173

(1) — II^a, E 6. Cf. LXXIV e II^a, E 6, (1).

36. H yabaib aipo nheenga
taugete tianhēboi
tinhirōgatu cori
yandebo pinda meēga

40. H Xe Jesu angaturāma
yxig Maria ribe
aporacei potanhe
xeanga recoberāma
toimeeng guijaboê.⁽²⁾

(2) — Emenda (ê) sôbre, riscado, -nhe.

LXXVI (1)

1. Yabaete pai Jesu
yandeçu marā mōdiya
yanderauçuba catu
Tupāci 5^{ta} Maria.
5. H Yanderogui ci meme
Anhāga yādemōboya
Tupā cig yande cenoya
oimoaciatuete

9. H Yande te yapic ume
cenoya muru mōdiya
yanderauçubarete
Tupā cig 5^{ta} Maria.

13. H Jesu ereme mochi
ciquigeu onhanaupa
Tupā ci rera rēdupa
obebe yandeçui

17. Maria tiambori
Anhāga reco regija
yanderauçuba yepi
Tupā cig 5^{ta} Maria

21. H Yande anga çumarā
oyoupe yanderiquij
ixui yande regij
yanderubete tupā

25. H Tupācig mochi oinupā
imonhana imoririja
yanderauçubacatu
Tupā cig 5^{ta} Maria



(1) — II^a, D 18.

29. H yande mōburuburu
yande anga upota
yaraa yagoara ya
yanderaquipoe mbou

LXXVII (1)

174

Misterios gozozof

33. Maria, pai Jesu
erendupa oço ocija
yande rauçuba catu
Tupã cig ʃta Maria.

1. H O Virgē Maria
Tupã cig ete
Abaparapora
oico nde yabe.

37. H Yande repenhã penhã
yande momochi moāga
ʃta Maria poranga
ocenopuāpuā

5. H De mōbaete
Tupã derauçupa
de ijbija pupe
pitangamo oupa
oiara rerupa
ypo derigue
Abap.

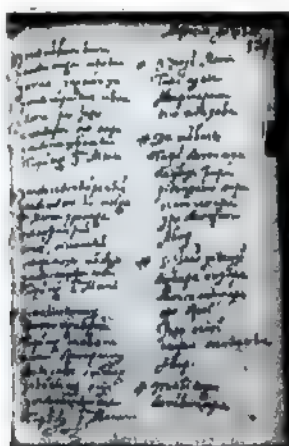
41. oirarō, oimoanhã
çatapemoxi mōdija
yande rauçuba catu
Tupã cig ʃta Maria

13. H ʃ. João pitangĩ
tiguepe oupape
derura andupape
opo oporĩ
Jesu oiari
cuapa aunhenhe
Abap.

45. H Oyecotirutirung
oporomo niguepota
Tupãcig cerubura
mururi opurupurung

21. H Nitibi tugui
demēbiraçape

49. ybutu yabe oçunung
yaba eteçui ocija
yanderauçuba catu
Tupãcig ʃta Maria.



p. 174

(1) — II^a, D 9, Cf. XXXIV e Ia, IV, (1).

Ende degibape
Jesu ereçupi
ipoya miri
nde cama pupe
Abap. ∞.

29. H Ojara reca
Reya bacēbape
y yetanōgape
çori depiga
pitanga roba
ceçay ixupe
Abap. ∞.
37. H De pope ogoapica
oço cunumi
Tupã tuba ri
dereroyaibica
demoapicica
oguba rece
Abap. ∞.

Dapaixaõ

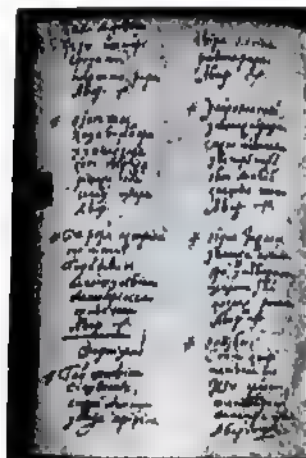
45. H Teõ rerobica
ci aytecatu,
çugui turuçu
yanga apipica

ibipe ocirica
putunapupe
Abap. ∞.

53. H Yaipopoaratã
y moangaipapa
çugui mōbucapa
y ai nupã nupã
oboc denhiã
çauçuba rece
Abap. ∞.

61. H Oique Jugoaçu
yacanga cutuca
opa ymōbupuca
oimomboreauçu⁽²⁾
xejara Jhū
çoçang parece
Abap. ∞.

69. H Oatijbari
Cruça o çupi
membra çui
Jesu ceroari,
cece ibiapoari⁽³⁾
dereçape nhe
Abap. ∞.



p. 174v

(2) — Não se encontra no original. Restituiu-se conforme a p. 37v.

(3) — Emenda (ibia) sobre quatro letras riscadas, ilegíveis.

77. H yaipo açaça
ypig recebe
cruça çocenhe
xejara moya
oique itapigoa
de anga pupe
Abapara pora
oico de yabe.

Gloriozoj

85. H Ocē oicobebo
Otimifroire
Anhāga ndibe
teō mo augebo
de rocpe oiquebo
de çupa aunhenhe
Abap. ∞.

93. H Jbaca raçapa
oço dereja
opo oboya
depope ymogapa

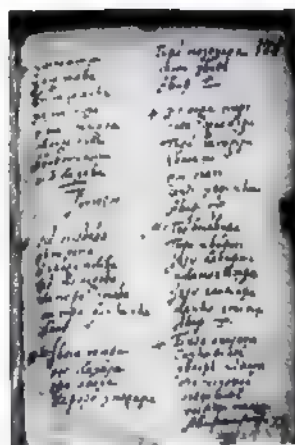
Tupā moyoyapa
cecou ybate
Abap. ∞.

101. H De anga oçapi
çata oguegipa
Tupā rerogipa
ibaca çui
ocic oreri
cendi yepinhe
Abap. ∞.

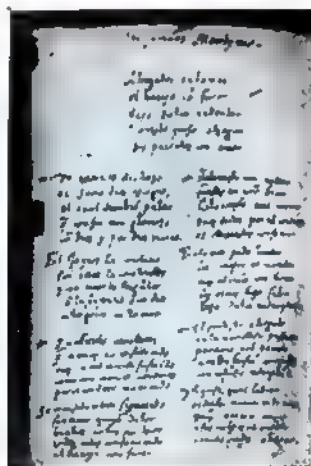
109. H Teō bacēbape
Tupā tubapiri
Jesu derupiri
ndemoeteçape
Jesu ecatuape
denho ereime
Abap. ∞.

117. H Ende orejara
Cunhapiatā
ybacpe ndoara
opa ereyopoā
oreçu marā
reitica meme
Abaparapora ∞.

175



1. Ahogolos enlamar
el hereje cõ furor.
Iesu dulce redentor
conesto quiso ahogar
sus peccados con amor.
6. H Vn exercito dichozo
el fumo dios escogio,
el qual tambiẽ peleo,
q̃ confin mui gloriozo
cõ dios y por dios murio.
11. El Jaquez los condeno
sin ellos le constarstar
y con muerte singular
cõ la sententia, que dio
ahogolos en la mar.
16. H O ualientes caualleros
q̃ uencis no resistiendo
mas cruel muerte sufriẽdo
como mui manços corderos
por el cordero muriendo.
21. su mansedumbre siguiendo
sin temer ningũ dolor
hechos hostias de loor
vras uidas consumiendo
el hereje con furor.
26. H Holocausto mui entero
fuestes en uño biuir
holocausto enel morir
pues todos por el cordero
os dexastes consumir.
31. Enla mar pudo hundir
los cuerpos el matador
mas al cielo con honor
las almas hizo subir
Iesu dulce redemptor.
36. H El quiso ser ahogado
en la mar desu passion
paraque nr̃ peccado
enella fuese arrojado
con copiosa redemptiõ
41. Y si quiso, quel ladron
os diesse muerte en la mar
vr̃as animas lauar
y sus culpas de rondon
conesto quiso ahogar.



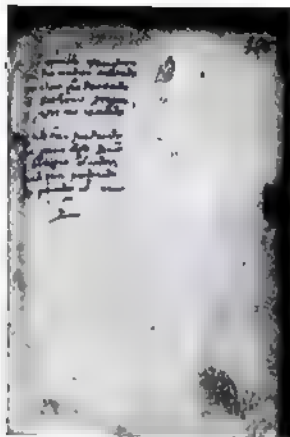
46.

H o q̃ terrible esquadron
de dios tambien ordenado
por el qual fue derrocado
el sathanico Dragon
y Jesus mui exaltado,

176

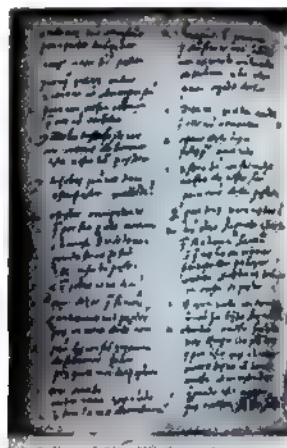
51.

Mas tudo bien ponderado
fue gracia deste señor
y benigno saluador,
quele auia perdonado
sus peccados cō amor.



p. 176

1. 1 Onde uas taõ aprefado
periquito tangedor.
2 a uer noſſo bõ paſtor.
4. 1 peraque quereſ andar
ecorrer cõ tantaprefa?
2 pera uer⁽²⁾ noſſa cabeça
q̃ noſ uẽ auſitar.
- 1 Dino he defefteiar⁽³⁾
con cantareſ de louuor
eſte noſſo bõ paſtor
11. E tu ſabeſ quẽ noſ deu
eſtepaſtor excellẽte?
2 opaſtor omnipotente
q̃ por ſeu gado morreu
chamaſe Bertolameu
grande ſeruo do ſõr
eſte noſſo bõ paſtor
18. 1 e q̃ ſobre nome tem?
2 ouvi dizer, q̃ ſimõis
1 ganharemoſ mil perdois
pois en nome ded^r uem.
2 Naõ deſconfie ninguem
doſoberano fauor
pois quelemoſ talpaſtor.
25. 1 tenſ ouuido
outro nome eapelido
q̃ tem la na derradeira?
- 2 Imagino, q̃ pereira
q̃ dafruito mui ſubido
con exemplo conhecido
de doctrina ebõ odor
pera ogado doſor.
33. 1 Dize tu, qualhe ogado
q̃ elle uẽ apacentar
2 opouo deſte lugar
pelos p^{es} bautizado.
- 1 Eſera bẽ confirmado
naſee de noſſo ſõr
pola maõ deſte paſtor.
E que traz para noſ dar?
40. 2 hũ oleo ſagrado e bento
q̃ ſe chama ſacramto
cõ q̃ noſ ha de criſmar
perapoder peleijar
contra ſathanaſ traidor
con ajuda do paſtor
47. 1 E quẽ pode confirmar
ſe naõ ha biſpo ſagrado?
2 tambẽ onofſo prelado
pois opapa lho quer⁽⁴⁾ dar
e por iſſo quiſ chamar
outro biſpo cõlouuor
onofſo adminiſtrador
54. 1 ſegundo iſſo parece
que amitra ſo lhe falta?



p. 176v

(1) — II^a, A 12.

(2) — Sob o -r lê-se s.

(3) — Risendo -ſte- (de ſteſteſteiar).

(4) — Emenda (er) sobre borrão.

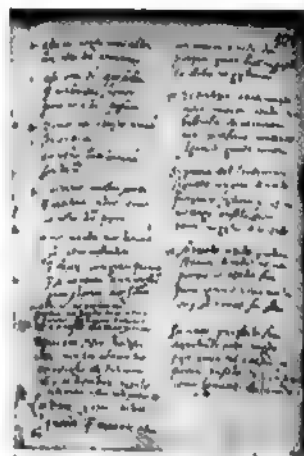
- 2 Isso he cousa mui alta
mas elle bẽ amarece.
- 1 Ose ora d' quise fse
q̃ uiefse tal honor
para nosso bõ pastor
61. 2 Vamof dhe a beijar a maõ
- 1 *fouconvente*
darnosha sua bençaõ
fantam^{te}
- 2 diremos anossa gente
q̃ uenhaõ adar louuor
ao nosso bõ pastor.
68. E uos manda por tençaõ
sõr administrador
q̃ façais con gran feruor
q̃ se aumente aconuersaõ
para gloria dosõr.

LXXX (1)

1. Lo dulce no gustara
quien no gusta delo azedo
como Ignacio dazeuedo
4. H el exceso damarguras
quel buẽ Iesus padifcio
con amor las conuertio
en exceso de dulçuras
cõ q̃ al hombre regalo
- adiante esta na outra —|—
9. Lo Vno y otro bibio
Ignacio q̃ muerto esta

con muerte, q̃ uida da 177
porque quien hiel no gustõ
lo dulce no gustara.

14. H El trabajo, abatimiento
dolor, muerte, azedos son
bebiolos de coracion
con excessiuo contento
Ignacio grande uaron
19. si quieret tal bendicion
figuelo con gran de nuedo
porque es Justicia y razon
notenga consolacion⁽²⁾
quien nogusta delo azedo
24. H Azeuedo azedo queda
si facas de medio el ue
porque lo azedo fue
para ignacio uina rueda
con q̃ se prouo su fe
29. su amor perfecto fue
desechãdo todo miedo
pues quien tal exẽplo ue
firme en solo dios su pie
como Ignacio dazeuedo.



p. 177

(1) — 11^a, B 30.

(2) — Riscado -e- (con folaccion).

1.

Dos cabritas combatterõ
el poderozo gygante
ellas pafsan adelante
y uencidas lo uencieron
el quedo mas triumphante.

177v

6. H Como echo por el peccado
Dios al hombre maldicion
q̃ de gerra y tentacion
Viuiessse siempre cercado
con dolor de coracion

26. H Truecã los gustos carnales
por el diuino folaz
corrẽ libres desus males
alos gustos celestiales
dela soberana paz.

11. Contra el triste con razon
los uicios se embrauescieron
y tan atreuidos fueron
q̃ al fortis^o leon
dos cabritas combatieron.

31. No pueden esperar mas
con deseo desu amante
mueren cõ pecho constante
f. Xpaõ queda atraf
ellas pafsan adelante

16. H Primero fueron cabritas
la Niceta y Aquilina
mas boluiolas mui aina
f. Christouao corderitas
con lapotestad diuina

36. H En la fe bien cofirmada
no timieron al feroz
tyrano, ni muerte atrof
de Xpaõ animadas
con su exemplo y cõ su boz

21. Con la carnal golozina
se le poniam delante
mas consu casta doctrina
las faco detal cantina
elpoderozo gigante.

41. Primeiro uencio las dos
qñ endios por el crieron
ellas despues mas corrierõ
antes del muertas pordios
y uencidas lo uencieron

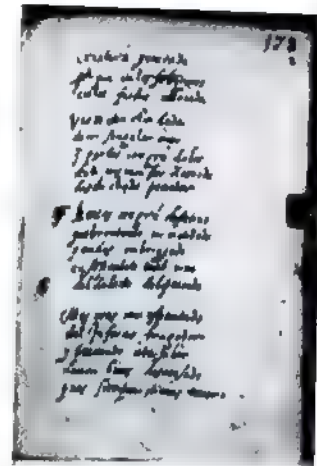


p. 177v

(1) - II^a, B 31.

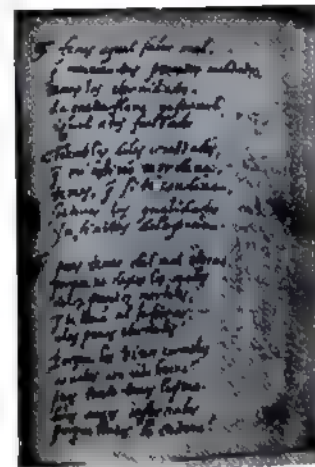
1. Criatura generada
p.^a que en los soberanos
cielos fuese colocada⁽²⁾.
4. Veo te tan olui dada
de mi singular amor
q̄ puedes con grā dolor
de ti mismo ser llamada
desdichado peccador.
9. Peccas con grā desatino
quebrantando mi mandado
y andas embriagado
en sopandote en el uino
del deleite del peccado.
14. Mas eres mui espantado
del Inferno tragador
y peccando atusabor
nunca biues descansado
pues siempre tienes temor.
19. F temes aquel sūmo mal
q̄ merecen tus maldades⁽³⁾
temes las eternidades
daquella flama infernal
igual atus fealdades
24. Tiemblas delas crueldades,
q̄ mi iusticia te ordena,
temes, q̄ si te condena,
sintiras las qualidades
Infinitas dela pena.
29. F pues temes del mal eterno
porque no dexas los males
delos peccados mortales,
q̄ te lleuā al Infierno
alas penas eternas?
34. Porque los vicios carnales
no malas con uida buena?
pues tanto temes la pena
delas cueuas infernales
porque hazes la cadena?

178



p. 178

178v



p. 178v

(1) — II^a, B 32.

(2) — Borrño (-co.)

(3) — Riscado peccado f.

39.

F la huerca sin el cordel
nola tiemen los uarones
ni espanta los coraciones
la carcel aunque cruel,
si saltā llaue yprisiones,

179

44.

sy miras estas razones
lo q̄ tiemes as causado,
pues que hazes el candado
del Infierno y los grilhones
con la sogua del peccado.

49.

F Tu soberbia, ypresuncion,
tu codicia incafiabile
y tu carne delesnable
entorpeza y corrupcion,
yra ygula tan notable

54.

Todo esto miserable,
deq̄ estas tan rodeado
es herroso y gran candado
ycadea intolerable
conlaqual seras atado.

59.

F Tu mismo por tu querer
al peccado te entregaste
y conel tualma ataste,
sin nunca amar, ni temer
a mi, contra quien peccaste.

179v

64.

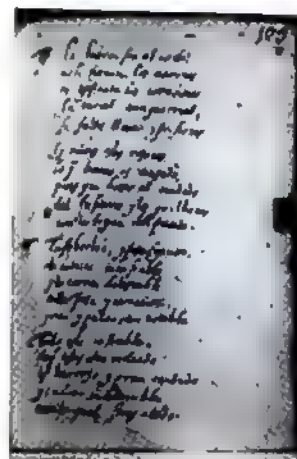
Pues tualma captiuaste
con culpas, dequeesta llena,
yusto es, quete den pena,
q̄ tu mismo pro curaste,
pues la culpa te condena.

69.

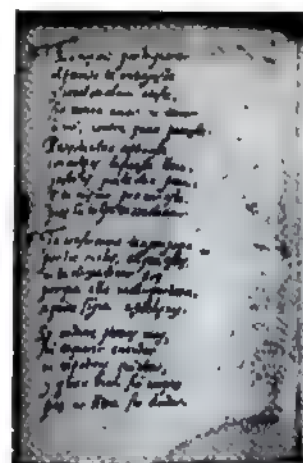
F Tu consciencia te aguijona
por los males, enque estas,
ni te dexa tener paz
porque ella nunca perdona,
a quien sigue as thanas,

74.

sy cadauez peccas mas,
sin te querer emendar
no tepodras quietar,
y quien biue sin compaz
paz no tiene sin dudar.



p. 179



p. 179v

79.

F Dezeas subir alcielo,
y no hazes lo q̄ deues,
peraque seguro llegues,
porque del amor del suelo
ni solo un passo te mueues.

180

84.

sy de contino te atreues
peccados acrescentar
muy facil es deprouar
quepor mucho q̄ lo niegues
Tu mismo quieres penar.

89.

F Eres cruel pera ti
mas que todo lo criado,
pues con el mismo peccado
con que te alexas de mi
te tienes alanciado

94.

Peccador desatinado
pues dizes, quebien tequieres,
porquebuscas plazeres
con los quales denodado
te lastimas, yte hieres.

99.

F Yo soi vida uerdadera
y todo lomas es muerte,
quien con animo muy fuerte
mesigue por mi carrera,
terna gloriosa suerte,

180v

104.

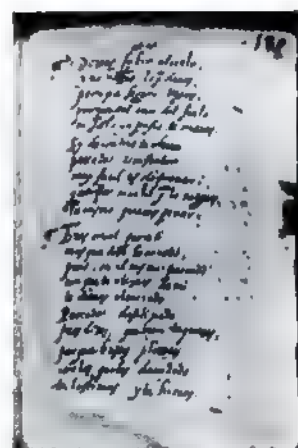
Quien ay, que pueda ualerte,
pues aDios seguir no quieres?
porque quanto mas bi ueres,
mas te abraças con la muerte,
y queriendo biuir, mueres.

109.

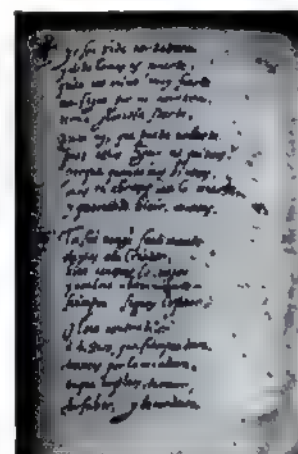
F Tu sin ningū sentimiento
dexas atu Criador,
bien conoces lo mejor
y conloco atreuimiento
siempre sigues lopeor.

114.

O loco contratador
a tu Dios, que siempre dura,
truecas por la criatura,
enque empleas tu amor,
tus saber, y tu cordura



p. 180



p. 180v

119.

F Tienes hambre dela tierra
del cielo nogustas nada,
con tu carne paz firmada
con tu alma tienes guerra
de todas partes trauada

181

124.

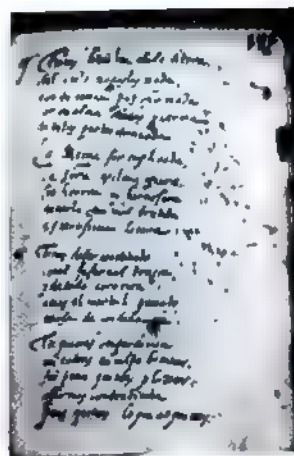
La Reina ser captiuada,
la sōra esclaua escura
sin honrra ni hermosura,
tenerla tan mal tratada
es certissima locura.

129.

F Temes desfer condenado
conel Infernal dragon,
ydetodo coracion
amas el mortal peccado
causa de condenacion.

134.

Tu quieress tuperdicion
mi entrass en culpa biuiress,
sin pena quieress plazeres,
afirmass contradicion
pues quieress lo que no quieress.



p. 181

LXXXIII (1)

181v

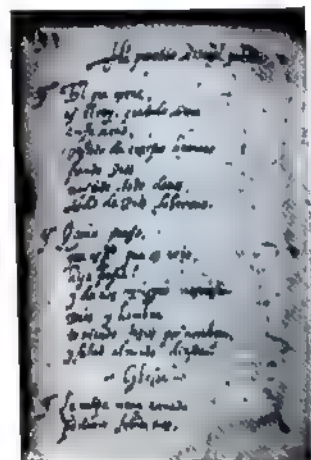
Hũ peccador à Uirgē parida

1.

F El que uiene,
es elrey, quetodo tiene
ensu mano,
vestido de cuerpo humano
siendo Dios
nacido todo deuos,
todo de Dios soberano.

8.

F Quien penso,
que el pē que os crio,
hijo fuesse?
y de uos Virgen nasciesse
Dios y hombre
teniendo Jesus por nombre,
ysalud al mundo diesse?



p. 181v

~ Glosa ~

15.

F La culpa tiene tomado
poderio sobre nos,

(1) — II^a, B 33.

y como bestia feroz
 tieneya fuera lançado
 de las animas a Dios.

182

20. O Virgen madre sin uos
 el mundo no se sustiene
 porque el peccador no pene,
 el mismo q es summo Dios,
 esse mismo es elque uiene.

25. F Viene uencido damor
 a ser capitan y guia
 de mi cego peccador
 y pagar como deudor
 lapena que yo diuia

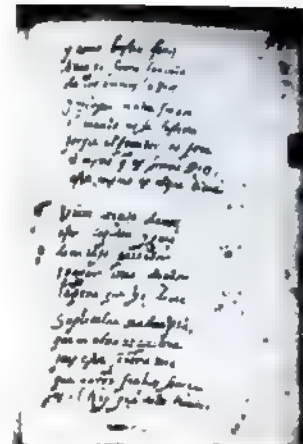
30. suplicalde madre pia,
 que mi alma no condene,
 pues esse senora mia
 que aurõs pechos secria
 es el Rey que todo tiene.

35. F Tiene todo en supoder,
 y porque el hombre despierte,
 amenazalo con muerte,
 y hazendose temer
 las almas asy conuierte.

40. En su mano esta mi suerte
 nosse, si de enfermo, osano
 porque yo no corra en vano
 suplicalde muger fuerte
 metenga siempre en sumano.

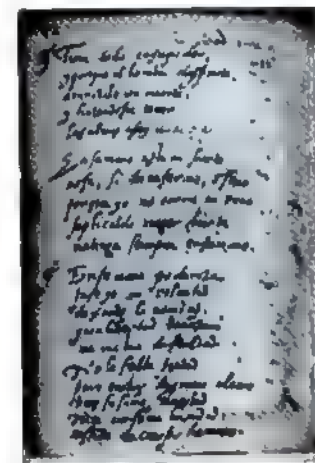
45. F En su mano poderoza
 puse yo mi voluntad
 dexando la uanidad,
 y con libertad dañoza
 me inchia defealdad.

50. No le falta piedad
 para enchar de gracia aluano
 pues su suma maiestad
 viene con suma humildad⁽²⁾,
 uestido de cuerpo humano.



p. 182

182v



p. 182v

(2) — Engano provável (= humildad).

55.

F Es humano, y todo bueno
su elemenfia nunca canfa,
yome hize del ageno,
el de manfedumbre lleno
mecomvida a confiança

183

60.

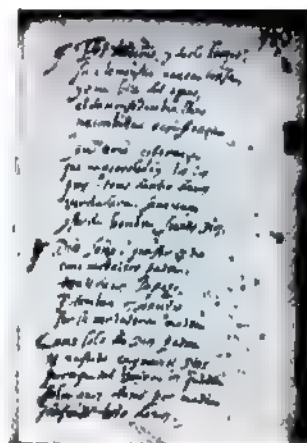
Como no⁽³⁾ terne esperança
que me goardareis los dos
pues tomo dentro deuos
uerdadera semeiança
yferde hombre fiendo Dios.

65.

F Dios ſūmo, queſer os dio
como uerdadero padre,
tanto de uos ſepago,
q̄ tambien os concidio
ſer ſu uerdadera madre

70.

Como ſolo de Dios padre
eſ nacido enquanto Dios
para que tal honrra os quadre
ſola auos tomo por madre
Nacido todo deuos.



p. 183

75.

F Vos ſois madre de pureza⁽⁴⁾
yo deuicioſ combatido
porque noſea uencido
alcançadme fortaleza
del hijo, que aueis parido.

183v

80.

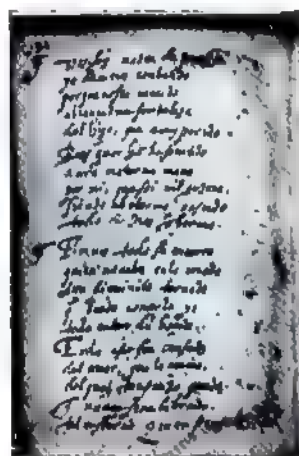
Pues amor Lohaſomitido
a urã materna mano
por mi, queſoi uil guzano,
ſiendo ab eterno nacido
todo de Dios ſoberano.

85.

F En uos todo ſe encerro
quien no cabe en lo criado
tan piquinito tornado
q̄ puedo comerlo yo
todo entero dū bocado.

90.

Todo eſto fue cauſado
del amor, que lo uencio,
del qual tanprezo quedo,
q̄ nunca ſeralibrado.
tal miſterio Quien penſo?

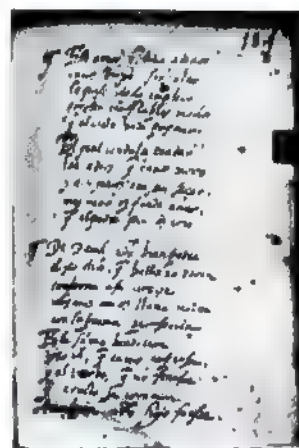


p. 183v

(3) — Emenda (no).
(4) — Quase ilegível.

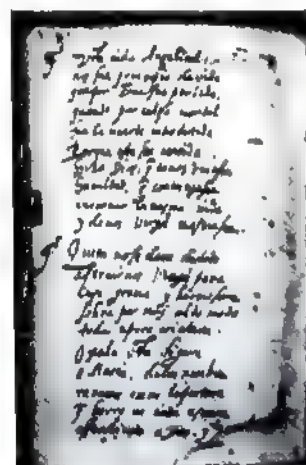
95. F Este amor q̄ tuuo a todos
enuoz Virgẽ singular
lo quiso todo emplear
por tan inẽflables modos
q̄ el cielo hazẽ pasmar.
100. El qual condulce cantar
loa a Dios, q̄ enuoz moro
y aunqueos ame sen seçar,
muy menos os puede amar,
q̄ el padre que os erio.
105. F De Daud urõ buenpadre
dixo dios, q̄ halho un varon
conforme a su coraçon
mas auos^(a) os llama madre
con suprema perfeccion
110. Esta sũma bendicion
hizo el, q̄ en uos cupiesse,
y el Verbo, q̄ no teneisse
q̄ cruẽto su coracion
tambien urõ hijo fueisse.
115. F Vra uida Angelical
nos fue principio de vida
quepor Euafue perdida,
quando por culpa mortal
fue la muerte introduzida.
120. Porque esta sea uencida
hizo Dios, q̄ en uos viuesse
humildad, q̄ contriniesse
encarnar la mesma uida
y de uos Virgẽ nasciesse.
125. F Quien nose dara detodo
aferuir uos Virgẽ pura
Cuja gracia y hermosura
sobra por muj alto modo
toda apura criatura.
130. Oxalá Vra figura
o Maria, dulce nombre
renueue en mi lapintura
q̄ borro mi uida escura
offendiendo a Dios, y hombre.

184



p. 184

184v



p. 184v

(a) — Há duas letras intermediárias riscadas.

135.

F No podeis deixar de ser
piadoza alquees culpado,
porque se esta mal llagado
en uos madre esta el poder
con que ha de ser curado.

185

140.

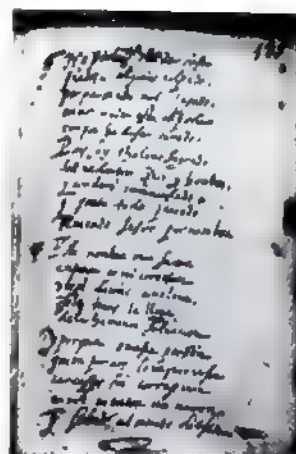
Pues sois thalamo sagrado
del redentor Dios y hombre,
y cordero immaculado
q̄ quita todo peccado
teniendo Jesus por nombre.

145.

F Este nombre mui suaue
empremi en mi coraçon⁽⁶⁾
Virgẽ diuino conclaue,
q̄ sola teneis la llau
de la humana saluacion

150.

Y porque ouiesse perdon
quien por uos lo requiriesse
cercaſtes ſin corrupcion
en v̄ro uentre un uaron
q̄ ſalud al mundo dieſse.



p. 185

(6) — Riscado -2- (coraçion).

LXXXIV (1)

Hum peccador ao

185v

Minino nascido.

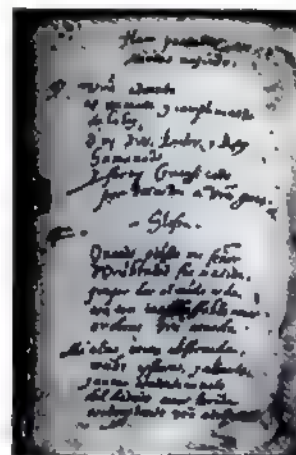
1.

F Vrõ aduento
es remate y cumplimiento
delaley,
O mj Dios, Pastor, y Rey
humanado
y ſereis Crucificado
por dar uida a Vrã grey.

~ Glosa ~

8.

F Quando piẽſso mi ſeñor
Vrã bondad ſin medida,
quepor dar al mudo uida
con tan inefable⁽²⁾ amor
ordeno Vrã uenida.



p. 185v

13.

Mi alma enuof abſoruida,
recibe eſfuerço, y aliento,
y nueuo contentamiento
del diuino amor herida
contemplando vrõ aduento.

Ad.

(1) — II^a, B 34.

(2) — Riscado -ſſla- (ineſſtable).

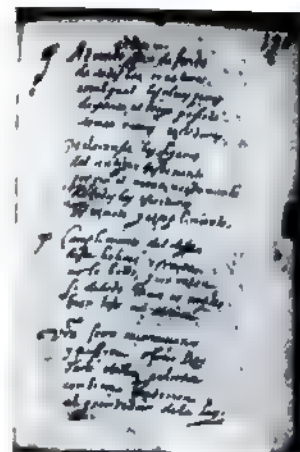
18. F Aduento tan deseado
de todas las creaturas,
conelqual las almas puras
dexando eltraje passado
toman nuevas uestiduras.

186

23. Declaranse las figuras
del antiguo testamento
por que el nueuo mandamiento
de todas las escrituras
Es remate y cumplimiento.

28. F Cumplimiento del desseo
destehumano coraçon
nolo hallo, y con razon
si detodo en uos no empleo
buen Iesu mi coraçon.

33. Vra sacra encarnacion
y passyon osũmo Rey
dara eterno galardon
con diuina bendicion
algoardador dela ley.



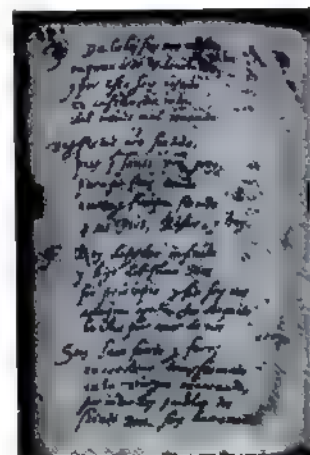
p. 186

38. F De la lei sois uos el fin,
enquien todo es concluido,
y por esso sois nascido
en casilla tan roin
del mundo mal conocido.

186v

43. Despertad nro sintido,
pues qsomos Vra grey,
paraqueseais temido
amado, ysiempre seruido
O mi Dios, Pastor, y Rey.

48. F Rey depoder infinito
y hijo delsumo Dios
sin principio yfin sois uos
aunque agora tan chiquito
hecho por amor de nos.



p. 186v

53. sois leon fuerte y feroz
en cordero transformado
en la Virgen encarnado,
por iutar los pueblos dos
siendo Dios, sois humanado.

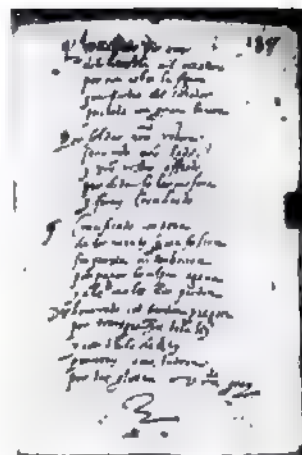
58. F humanado por amor
del hombre uil creatura,
porque cobre la figura
queperdio del Criador
peccando congran lucura.

187

63. Por soldar nãa rotura
sera roto urõ lado,
y Vrõ rostro affeado
perdida su hermosura
y fereis Crucificado.

68. F Crucificado conpena
de tormento y confusion
sin quexa ni turbacion,
por pagar la culpa agena
y alos malos dar perdon

73. Deshonrrado con pregon
por transgressor dela ley,
y con titulo de Rey
penareis comoladron
por dar gloria aVrã grey.



p. 187

LXXXV (1)

187v

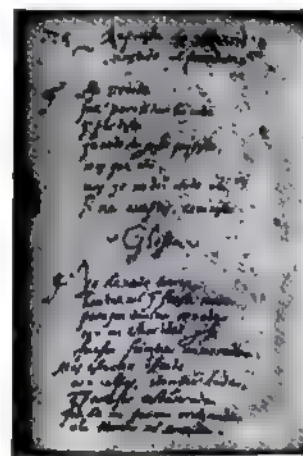
~ Repuesta do Minino
nascido al peccador ~

78. F Mi venida
fue paratedar la uida
q̃ perdiste
quando tu gusto quisiste,
mas que ami,
mas yo me doi todo ati
si me acceptas, reuiuiste.

~ Glosa ~

85. F Yo de nada te crie,
hombre uil q̃ fueste nada
paraque tualma ornada
con mi charidad yfe
fuese siempre mimorada.

90. Mas esta tan affeada
con culpas, etanperdida,
q̃ para ser restaurada
fue de mi padre ordenada
ala tierra mi uenida.

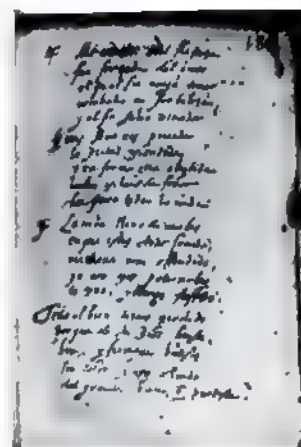


p. 187v

(1) — II^a, B 34. Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em B 34, onde aparecem numa única peça os ns. LXXXV e LXXXVI.

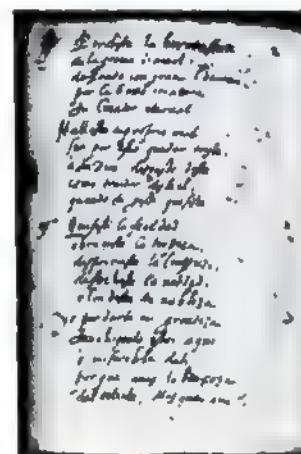
95. F Mi uenida atal flaqueza
fue forçada del amor
el qual sin ningū temor
combatio mi fortaleza,
y alfin salio vencedor
100. Pues seme uez peccador
la Deidad escondida
y enforma tan abatida
hecho esclauo de señor.
fuepera tedar la uida
105. F La uida llena de males
enque estas todosumido,
metiene mui offendido,
yo con ojos paternales
te veo, y tengo soffrido.
110. Todo el bien tienes perdido
porque de tu Dios huieste,
biuis, ysiempre biuiste
sin dolor, y con oluido
del grande bien, q̄ perdiste.
115. F Perdiste la hermosura
delagracia diuinal
dexando con gran locura
por labaxa criatura
tu Criador eternal.
120. Hallaste tuproprio mal
sin por esso quedar triste,
a tu Dios desgusto diste
como traidor desleal,
quando tu gusto quisiste.
125. F Quisisti lasealdad,
abraçaste la torpeza,
despriciaste la limpieza,
desechaste la uerdad,
oluidaste tu nobleza.
130. Yo por darte mi grandeza,
tan chiquito estoi aqui,
O miserable deti
por que amas la baixeza
del deleite, Mas que ami?

188



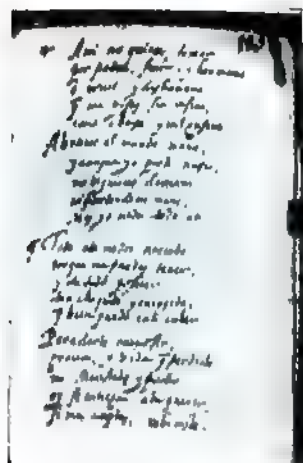
p. 188

188v



p. 188v

135. F Ami no quierēs tomar 189 (2)
 por padre, señor, y hermano
 O cruel, y deshumano
 q̃ me pisas sin cesar,
 como abaxo y uil gusano.
140. Abraças el mundo uano,
 y aunque yo porti nasci,
 no tequierēs darteami,
 ni fiarte de mi mano,
 Mas yo medoi todo ati.
145. F Todo ati medoi nascido
 porque mepuedas tener,
 y de todo posseer
 tan chiquito y encogido,
 q̃ bien puedo enti caber.
150. Para darte nueuo ser,
 gracia, y vida q̃ perdiste
 mi Maieſtad⁽³⁾ y poder
 oy se entrega atuquerer,
 si me acceptas, rebiuiste.



p. 180

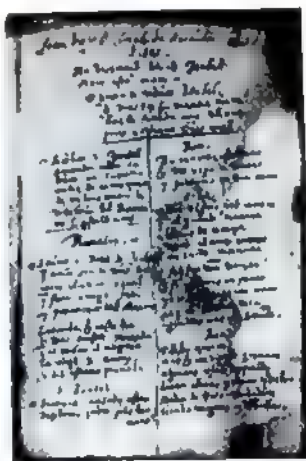
(2) — De p. 189v a 199v o caderno está em branco.

(3) — Riscado -e.

IEſVſ.

Na Viſitação de ſ. Iſabel
ſobre eſte mote —

1. F Quien te viſito Iſabel,
q̃ Dios en ſu vientre tiene?
hazle fieſta muy ſolenne,
pueſ q̃ viene Dios enel.
- ~ Eſtãdo ſ. Iſabel
ſentada nũa ca
deira na Capella
anteſ de começarſe
à miſſa, entra a
viſitala hũ Romei
ro Caſtelhano.
- Romeiro. ~
5. F ſalue oſ Dios ſ. Iſabel
q̃ enla fin de Vrõſ diaſ
aueiſ cõcebido aquel
q̃ ſera amigo fiel
y precursor del Mexiaſ
10. Entiendo, q̃ neſte dia
de Dios fueſteſ viſitada
q̃ oſ traxo cõ alegria
la Virgẽ ſ. Maria,
q̃ del eſtaua preñada.
- ſ. Iſabel.
15. Pareceiſ canſado eſtar,
Dezidme, quien ſoiſ her-
mano?
- Rom.
- Vn romero Caſtelhano
q̃ voſ vëgo a viſitar
y ponerme en vĩa mano.
- ſ. Iſ.
20. F Biẽ vëgaiſ fiel romero
q̃ cõ grande deuocion
a hõrrar do coraçõ
veniſ cõ amor entero
mi ſãcta viſitacion.
25. F A q̃ fue vĩa venida?
q̃ ſi quereis mi fauor
yo oſ lo offreſco con amor
pã q̃ cõ buena vida
agradeiſ maſ al ſenõr.
- Rom.
30. F Eſſo quiero.
maſ q̃ me digaiſ primero
algunas coſaſ daquella
Luna llena, y clara eſtrella
Madre de Dios verdadero
ſiendo Virgen, y doçella.



(1) — II^o, B 35. Sobre
a observação inicial, cf.
NP, § 1.

f. Jf.
36. F Pregūtad, q̃ yo of dire
no todo, mas vn poquito
pues q̃ ya el fruto bendito
desu vientre lo loe
Dios eterno y infinito.

Rom.

41. F Pregūto, q̃ nada se
desta tã grãde sora,
mas espero, q̃ terne
aumento de amor y fe,
cõ lo q̃ direis agora.

f. Jf.

46. Breuem.te Vos y yo,
seamos breues en todo,
pues cõ tã Diuino modo
el Verbo se abbreujo
vestido de nrõ lodo.

~ Pregūta o Romeiro
com o mote ~

51. F Quien te visito, Jsabel,
q̃ Dios ensu viētre tiene?
haz le fiesta muj solēne,
pues q̃ viene Dios enel.

Responde f. Jsabel

55. F Visito me la Muger
en sus ojos mui chiquita,
mas la bondad infinita
enella pudo caber.

Cõclue o Romeiro.

59. Muger de tam grãde ser
q̃

q̃ Dios ensu vientre tiene
hazle fiesta muj solenne
pues q̃ viene Dios enel.

f. Isab.

63. F Es la colmena suaue,
donde se crio el panal
lleno de miel Diuinal,
quãdo le dixerõ, Aue.

Rom.

67. Botica, q̃ tal xaraue
dētro de su vientre tiene,
haz le fiesta muj solēne
pues q̃ viene Dios enel.

f. Jsab.

71. F Es la abeja, q̃ formo,
en su vientre aq̃lla miel
cõ nosotros Dios Manuel,
quando dixo, Esclaua so,

Rom.

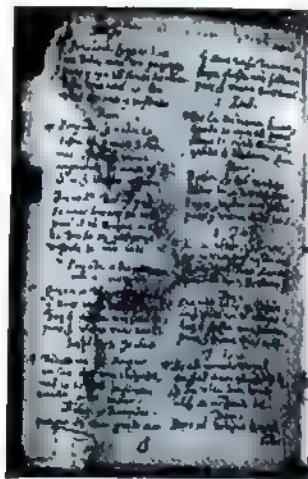
75. siendo tal, te visito
la q̃ Dios en si cõtine?
hazle fiesta mui solenne,
pues q̃ viene Dios enel.

f. Isab.

79. F Es el cerrado vergel
en q̃ el fruto esta plātado
q̃ da vida dun bocado
alq̃ se mātine del.

Rom.

83. Pues tã diuino donzel
dētro.



p. 200v

dentro desu viētre tiene,
hazle fiesta mui solēne
pues q̄ viene Dios enel.

f. Isab.

87. F Es la fuēte bien sellada
cō virginidad entera,
de q̄ mana la ribera
sapiēcia de Dios llamada:

Rom.

91. A tā preciosa morada,
q̄ Dios en su viētre tiene,
hazle fiesta mui solenne,
pues que viene Dios enel.

f. Jfab.

95. F Es el pozo largo y lleno
del agua biua, q̄ es Dios,
q̄ p.^a caber en nos,
quiso caber en su seno.

Rom.

99. A pozo tā hōdo y bueno,
q̄ tal agua en si cōtiene,
hazle fiesta mui solēne,
puesque viene Dios enel.

f. Jfab.

103. F Es finalmēte la madre
q̄ cerco sin corrupcion,
en su vientre el grā varō
hijo del eterno Padre.

Rom.

107. No ay cosa, q̄ no quadre
a tal

a tal viētre q̄ tal tiene
hazle fiesta mui solenne
pues q̄ viene Dios enel.

201

Preg.^a the o Romero

111. F Essa sōra sagrada
no me diries, a q̄ vino?

f. Jfab.

A traer Dios Vno y Trino
y dexarlo en mi posada
hecho morador contino.

Rom.

116. F Tābien os pregūto yo,
de donde fue su salida?

f. Jfab.

De Nazareth la florída,
despues q̄ en si cōcibio
ala vida, q̄ da vida.

Rom.

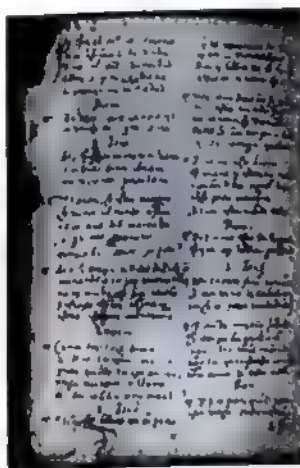
121. F Y como no recelo
tal camino tal princeza
viniēdo cō tāta priesa
& mōtañas, q̄ passo
cō tā grande fortaleza?

f. Isab.

126. F Porq̄ todo su cuidado
es de trabajos sufrir,
pues q̄ quiso descendir
el Verbo enella humanado
a padescer, y seruir.



131. y & q̄el seruir cōuiene
ala esclaua da verdad
vino cō tāta humildad
ella, q̄ & bondad viene
a seruir mi soledad
Rom.
136. F De tan lexos se atreujo
a venir tā grã sōra?
f. Isab.
si, & q̄ enla misma hora
q̄ a Dios biuo cōcibio
la hizieron portadora.
141. F No sabes, q̄ esta muger
q̄ vino cō tanto afan
es la nao del mercader
q̄ p.^a nos proueer
traxo de lexos su pan?
146. F La q̄ traxo a Dios del cielo
metiendolo en sus entrañas,
no es mucho, q̄ sin recelo
pafsasse & mi cōsuelo
estas asperas montañas.
Romero
151. F Como dezis, q̄ dexo
à Dios en v̄ra posada,
pues quādo da qui boluio,
ensu vientre lo lleuo
a su celda muy amada?
f. Isab.
156. F Ella lo lleuo en su pecho
- q̄ es recamara de Dios
y en su vientre lleuo dos,
Dios y hēbre vn X hecho
q̄ viene a morir & nos.
161. F Mas como Dios no se muda,
mas⁽²⁾ esta en todo lugar,
no teneis, q̄ vacillar
ia q̄ sin ninguna duda
qui so comigo quedar.
166. F Para mi casa lauar
& nueuo y estraño modo
lançado della aquel lodo,
con q̄ pudo macular
Adam este mūdo todo.
Rom.
171. F Dezid me esso devagar,
& que soy hōbre grosiero.
f. Isab.
No sabeis fiel romero,
q̄ me vino a saludar,
la q̄ es pozo verdadero?
176. F Y fuēte muibiē sellada
q̄ traxo la perēnal
agua del cielo embiada,
con la qual fuese lauada
nra alma de todo mal.
Rom.
181. F y q̄ os dixo, quādo entro
esta Virgē sublimada?
f. Jsa.



(2) — Sob o - m le-se 6a

f. Isab.

A Dios gr̃as madre hōrrada
y della lodeprendio
la Iglesia s̃acta y sagrada.

Rom.

186. F Como os pudo es̃sa agua dar
q̃ yo cierto no lo se?
dezid me, es̃so como fue?

f. Isab.

No veis, q̃ ella es singular
vaso de toda la fe?

191. F Que creyo
al Angel, q̃ le ānūcio
la diuina encarnacion,
y al pūto, q̃ cōsintio,
en su vientre Dios entro,
como vn rio de rondon?

Rom.

197. F Ò Dios, jmmēsa grādeza
quien podria tal pensar?

f. Isab.

Pues esta sūma p̃riceza
quādo cō tā gr̃a baxeza
me vino aca à saludar,

202. F La boz, q̃ della salio
no fue, sino vn grāde rio,
q̃ en las orejas me dio,
cō q̃ primero lauo
a Iuanico hijo mio.

207. F y la boca uirginal 202
q̃ traya a Christo En si,
alimpio dentro de mi
del peccado original
a Juā, q̃ entoō pari

Rom.

212. F Este pūto es farseado,
declaradme lo mejor

f. Isab.

El niño estaua enlodado
del original peccado,
sin sentido ni vigor,

217. F Mas viniendo su for
en la Virgen encerrado,
al pūto, q̃ fue lauado
dio saltos cō gr̃a feruor
sin la carga del peccado.

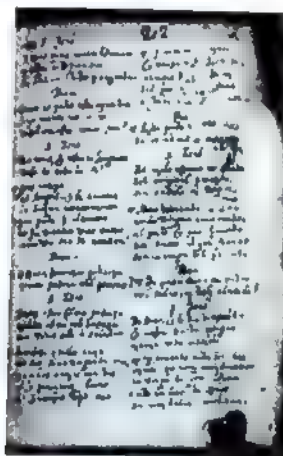
Rom.

222. F De quien tuuo tal poder
tal saber, y tal sentido?

f. Isab.

De Dios, q̃ le dio à entēder,
q̃ nesta s̃acta muger
venia todo metido.

227. F Y, tratādo alla los dos
niños en hora mui buena
la Virgē de gra^a llena
cāto en loor de Dios
su muj dulce cantilena,



232. De myſterio tã preñada
quãto el la Virgen madre
eſtaua ya toda hñhada
el viẽtre tiẽdo ocupada
del Vro diuino Padre.

237. F Y Vos o ſãcta Iſabel
deziðme q̃ recebiſteſ
cõ la uenida daquel
q̃ en ſu cerrado vergel
en ura caſa acogiſteſ⁽³⁾?

f. Iſab.

242. F Recebi deſu bõdad
ſer cobierta conel mãto
de ſu jmmẽſa piedad
llena de ſpiritu ſãcto,
q̃ eſ Dios ſũma charidad.

Rom.

247. Zaccarias Vro viejo
q̃ todo mudo quedo,
& q̃ al Angel no creyo,
& eſte tan claro eſpejo,
deziðme, q̃ recebio?

f. Iſab.

252. F Por el le vino la luz,
cõ la qual prophetizo,
y la boz, cõ que canto,
Bendito ſea Ieſuſ,
q̃ ſu pueblo redimio.



p. 202v

257. F ytodo lleno quedo 202v
del ſpũ Diuino,
Cuya gracia lo colmo,
enla qual perfeuero
haſta la fin de cõtino.

262. F Pues ſabeiſ, q̃ reſulto
deſta ſu ſãcta uenida?
q̃ quedo cõſtituida
del hijo, q̃ cõcibio
& ſõra dela vida

267. F Madre de miſericordia,
madre de conſolacion,
q̃ con ſu viſitacion
arrãca toda diſcordia
del humano coraçon.

272. F Ella loſ ſanoſ viſita,
enfermoſ, attribuladoſ,
perſeguidoſ, maltratadoſ,
q̃la bõdad Jnfinita
tiene p^a ſi guardadoſ.

Rom.

277. F Y loſ maloſ peccadoreſ,
no entran eneſſacuenta?

f. Iſab.

A eſſoſ libra daſrenta
haziendoleſ mil fauroreſ,
ſacandoleſ de tormẽta.

282. Porq̃ al pũto, q̃ eſ llamada
cõ humilde coraçon
la pi

(3) — Os vv. 232-241 eſtão muuto prejudicados.

la piadoza abogada
lo oye damor llagada
sin ninguna dilacion

287. F Negociando cõtricion
cõ su hijo mui amado,
cõ q̃ el peccador culpado
& su pia intercesion
sea libre y perdonado.

Rom.

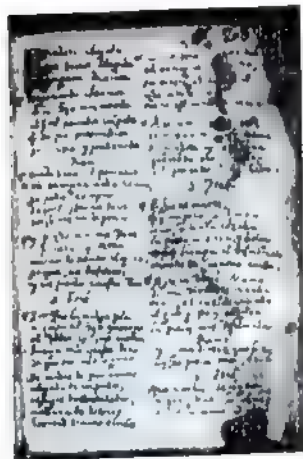
292. F Quãto deue el peccador
tã benigna madre hõrrar,
pã poder escapar
daquel eterno dolor,
en q̃ oujera depenar.

297. F y & esso aca me vine
esperãdo, q̃ oiria
nueua de tanta alegria
pã que no desatine,
y me pierda enesta via.

f. Isab.

302. F Por esso la madre pía
a quien el hijo entrego
el hẽbre, & quien moria,
huelga tãto eneste dia,
en que tal nõbre gano

307. De madre de peccadores,
abogada de culpados,
refugio dattribulados,
medicina de dolores,
liberidad dencarcelados.



p. 203

Rom.

203

312. F Como Nrõ Df es tal
tã benigno ypiadoso
su majestad diuinal
este titulo real
tiene & mas glorioso

317. F Afsi la madre diuina
se precia mui deste nõbre
de piadosa y benigna
queriẽdo ser la reina
del peccador y del hũbre^(*).

f. Jsab.

322. F Esso es cierto
& q̃ entodo su cõcierto
como la linda dõzella
la pieça mas rica, y bella
trae siempre al descubierto
mirãdo se siempre enella,

328. F Afsi la Virgẽ Maria
de mil virtudes ornada
trae del cuello colgada
cõ grã gusto y alegria
la pieça mas estimada

Rom.

333. yno me direis, qual es,
aq̃lla pieça tan fina?

f. Jsab.

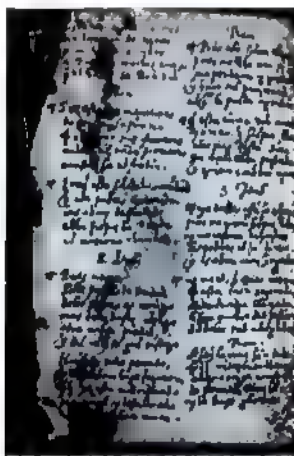
Misericordia benigna
la qual dende su niñez
le dio la mano Diuina.

(*) — Os vv. 312-321 estão muito prejudicados.

338. *Esta tiene âte sus ojos*
fin dexarla de mirar
para hazer olujdar
â Dios los muchos enojos,
q̃ el hõbrele suele dar.
 Rom.
343. F Por esso los moradores
 daquesta Capitania
 & alcançar sus fauores
 andan cõ tâtos feruores
 enesta su cõfradia^(*).
348. F Porq̃ esta fãcta hermandad
 q̃ con pobres exercita
 las obras depiedad
 ella siẽpre la visita
 cõ materna charidad.
 f. Isab.
353. F Pues notad
 Este pueblo de verdad
 delos pobres es amigo
 mas deue deter cõfigo
 otra major piedad,
 q̃ del cielo es grã testigo.
359. Huyẽdo todo peccado,
 q̃ nĩa alma haze ingrata,
 &q̃ ya esta aueriguado
 ser cruel y defalmado
 aquel q̃ su alma mata.
- Rom.
364. F Pido ala sũma clemencia
 pues me hizo aca ajar
 me perdone, y quiera dar
 q̃ haga tal penitencia,
 cõ q̃ la pueda agradar.
369. F Q̃ esta tierra vĩa amada
 yo creo, q̃ siẽpre llora
 alos pies desta sõra
 su mala vida passada
 q̃ quiere emẽdar agora
 f. Jfab.
374. F yo dellos asĩ lo espero
 pues me quierẽ siẽpre hẽrrar
 y no cesan dayudar
 los pobres cõ su dinero,
 q̃ esobra mui singular.
379. F y creed, q̃ Dios eterno
 & esta casa sagrada,
 Misericordia llamada
 libra muchos del Infierno
 dãdoles tal abogada.
 Rom.
384. Asĩ lo creo sin duda
 &q̃l misericordioso
 aũque caiga enalgũ pozo
 de peccado, Dios lo muda
 y lo haze glorioso.

f. Is.

Mas



p. 203v

(*) — Os VV 338-347 estão bastante prejudicados

f. Jfab.

389. F Mas os digo
q̃ es Ihūs tā grāde amigo
de qualquiera obra pia
q̃la guarda alla cōfigo
p^a della ser testigo
en aq̃l postrero dia.
395. y & esta casa sancta,
q̃lguarda siēpre ēsus manos,
los peruerfos Lutheranos
cō grande terror espāta,
y los guaimurēs paganos.

Romei.

400. F yo me voy mui cōsolado
mas suplico os, q̃ rogueis
& mi peccador maluado
cō aquel sãcto cujdado
q̃ delos pobres teneis.
405. F y pedi ala Virgē madre
haga cō su dulce amor,
q̃ este pueblo peccador
en seruir al sūmo Pe
vaya de bien en mejor

f. Jfab.

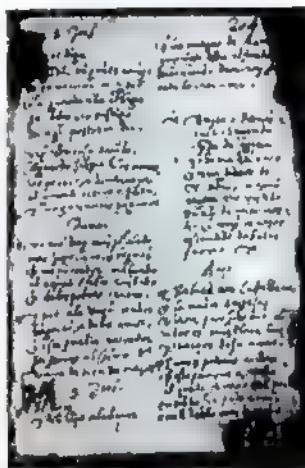
410. F si hare
y del hijo alcãçare

& los ruegos de Maria 204
augmēte esta cōfradia
hinchiendo damor y fe
toda la Capitania.

~ Vayse o Romei-
ro, e chegando
aṗta da igreja
o chama hũ anjo
q̃ vem diante de
N. sōra, a qual
entra coo vestido
emāto da misericor-
dia, q̃ trazē os anjos
estendido dābalaṡ
partes. ~.

Anjo.

416. F Bolued aca Castellano,
q̃ la madre dejesus
viene, pues sois buē Xiano
a daros mui clara luz
y teneros desu mano.
421. F Para q̃ podais andar
& este camino estrecho
cō grāde feruor del pecho
entrādo sin pūto errar
enel cielo mui derecho.



Ajûtaõselhe
 .4. Companhei-
 ros, q̃ vaõ cõ
 elle.

y ācha puerta del *cielo* 204v
 &la qual los deste *suelo*
 hallā espaciosa ētrada (º)
 pª alla ētrar sin recelo.

~ 1º Companº.

446.

426. Nosotros cõ vos jremos
 a ver la madre dõzella,
 y el Aue do Mar estrella
 de rodillas le diremos
 pª auer mercedes della.

F Recibistes aq̃l Aue
 dela boz de Gabriel
 tã diuino y tã suave
 q̃ fuestes hecha cõclaua
 de nro grã Dios Me!

2º

~Tornaõ e poẽse
 degiolhos diãte
 de N. sora.

451.

F En Aue se muda Eua
 q̃ perturbo nra paz
 mas Vos otra Eua nueva
 nos sacareis dela cueua
 y prisiõ de sathanas.

Romeiro

431. F Aue estrella dela mar
 guia delos q̃ nauegan
 los Quales a Vos sentregã
 &que neste nauegar
 & muchas vias se ciega.

456.

F Vos sois delos ciegos lūbre
 destruciõ depeccados
 libramiẽto de culpados,
 q̃ lleuais ala alta cūbre
 de todos bienes colmados.

3º

436. Aue madre de Dios Biuo
 y siẽpre virgẽ entera,
 capitana muj guerrera,
 & quiẽ el pueblo catiuo
 de culpa salir espera.

461.

F Mostrad, q̃sois pia madre
 del Pe, q̃ Vos crio
 q̃ en vra mano entrego

~ 1º Cõpan. ~

En la

441. F Aue bienaueturada



p. 204v

(6) — Riscado um verso seguinte: pª penetrar al.

En la cruz, como buē Pe
sus hijos, q̄ redimio.

466. F Eres Virgē singular
delas māsas la mas mās,
cuya grā nos alcança
ser māsos sin nos ajrar,
y castos cō grā bonança.

4º

471. F Conceded nos vida pura,
dadnos seguro camño
p^a ver la hermosura
de Iesu dulce benigno
cuya vista siēpre dura.

476. F Gloria sea al sūmo P^e
gloria al hijo Redēptor
y al espīritu señor
cuya grā os hizo madre
virginal del saluador.

N. forā.

481. F Yo soy estrella sin duda,
q̄ todo el sol encubri
yo soy la q̄ cōcebi
a dios, q̄ nūca se muda,
y despues Virgen pari.

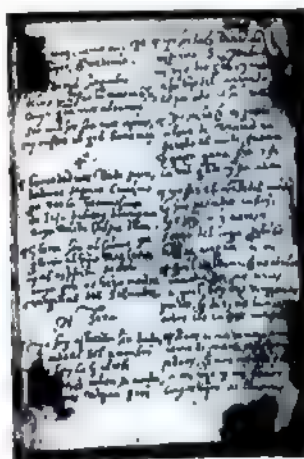
486. F yo soi la q̄ visitādo 205
miprima .f. J̄sabel
mi hijo dio grā, y miel
a su hijo del lançando
el peccado cōsu hiel

491. F yo soi la q̄ oi gane
nōbre de visitadora
de todo el mūdo tutora
& quien gana grā y fe
la vil gēte y peccadora.

496. F yo soi el mātō del mūdo
q̄ sus peccados cubri,
yo soi, la q̄ merefci
sacar del lago & fūdo
los q̄ se acogen a mi

501. F Quiē me llama, q̄ no alcāce
remedio p^a sus males?
a quiē doy mis virginales
pechos, q̄ de si no lance
todas las culpas mortales?

506. F Pues si me teneis amor
como de fuera mostrais
pidoos, q̄ mas no offēdais
a mi hijo y mi señor
cuyos hijos os llamais.



511. F El esta siempre comigo
y yo siẽpre estoy conel,
yo soi todo ṽro abrigo,
el os tiene aca cõsigo
dãdo os gracias q̃ es la miel.
516. F Gustad del, q̃ es muj suaue
comedlo, para biuir,
el es la diuina llaue
q̃ a mi se dio conel Aue
p^a los cielos abrir.
521. F El es la miel substãcial,
del alma dulce comida,
el es el dulce panal
q̃ en mi vientre virginal
se crio, & darnos vida.
526. F Esta ṽra Confradia .
cõ q̃ a pobres soccoreis,
es obra tã sãcta y pia
q̃ cõ ella me terneis
alas puertas cada dia.
531. Por mi hõrra y la de Dios
curais los pobres fieles
no querais ser cõtra vos
& la culpa tan crueles,
q̃ nos perdaís a los dos.
536. F Quedaos, mas no me voy 205v
y no me aparto de Vos
pues siẽpre cõ Vos estoy
y mil mercedes os doy
q̃ en mi mano puso Dios.
541. F yo os dexo mi bendiciõ
y hazed grã regozijo
pues & mi visitacion
os alcãçare perdon
de mi Dios, s̃or, y hijo.
546. F Pido al P^e soberano
y al hijo ñro señor,
y al espiritu dador
de vidas põga su mano
sobre vos cõ dulce amor
- Rom.
551. F Pues q̃ Dios en Vos se ãcierra
de los malos yo el mas malo
os pido, q̃ en paz y guerra
todo el pueblo desta tierra
trateis cõ todo regalo.
556. F Partome, sin me partir
de Vos mi madre y s̃ora
cõfiado, q̃ en la hora,
en q̃ tẽgo de morir
fereis mi visitadora



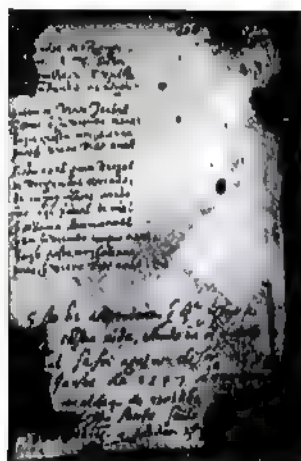
Vaõse os Romei-
ros, e N. fora
recolhefe, e vaõlhe
câtando a Câtiga.

561. Quien te visito Jfabel
q̃ Dios ã su vientre tiene?
hazle fiesta mui solenne
pues q̃ viene Dios enel.

565. Esta es el gran vergel
de virginidad cercado,
de cuyas flores criado
fue aq̃l panal de miel

569. q̃ se llama Emmanuel
q̃ en su vientre limpio tiene,
hazle fiesta mui solenne,
pues q̃ viene Dios enel.

Esta he *aderradeira* q̃ op^e Joseph
fez *ensua* uida, estando ia m^{to} doente
o qual sefoi agozar do^r aos 9
de Junho de 1597 Annos (mor-
reu na aldea de *reritiba* na *Capi-
tania* do^{sp}ũ *santo* sendo *superior* o *Pe*
pero *foarez* . e daldea op^e *Diogo Fernandes*) (7)



p. 206

(7) — As referências ao P. Diogo Fernandes dão-no como superior da aldea de Reritiba em 1598 (HCJB, II, 433). Não é provável que em junho do ano anterior o superior fôsse outro, sem menção expressa. Em VJA (II, 146) dá-se o P. João Fernandes acompanhando os restos mortais de Anchieta. O preenchimento desta lacuna fica, portanto, dependendo de informações mais precisas. Sobre a observação final, cf. NP, § 1.



FIG. 5

Tábua a óleo, muito antiga, que se supõe representar Anchieta.
Pertence ao Colégio São Luís, da Companhia de Jesus, em São
Paulo (anônimo).

SEGUNDA PARTE

REPRODUÇÃO CRÍTICA

Dêste livrinho de várias poesias, que contém 208 fôlhas numeradas, das quais se gastou a primeira com o tempo, é fama antiga e constante ser autor o Venerável P. José de Anchieta.

A sua própria letra, de que se não duvida, se acha nas fôlhas 9 a 10, e na 21 até as 27, e na 61 até as 84, e na 135 até as 142, e na 200 até as 206.

Muitas dições, que neste original dificultosamente se lêem, na cópia ou traslado fiel estão mais claras, exceto na fôlha 202 verso, as primeiras duas quintanilhas, que por estarem meias comidas se não puderam de todo entender. E por isso no traslado, a fôlhas....⁽¹⁾, se deixaram em branco.

⁽¹⁾ — Cf. NP, (3).

TEXTOS

- A — Poesias em português
- B — Poesias em castelhano
- C — Poesias em latim
- D — Poesias em tupi
- E — Poesias polilíngües

A — POESIAS EM PORTUGUÊS

- *9 1. Ó que pão, ó que comida,
 ó que divino manjar
 se nos dá no santo altar
 cada dia !
5. Filho da Virgem Maria,
 que Deus-Padre cá mandou
 e por nós na cruz passou
 crua morte,
9. e para que nos conforte
 se deixou no sacramento
 para dar-nos, com aumento,
 sua graça,
13. esta divina fogaça
 é manjar de lutadores,
 galardão de vencedores
 esforçados,
17. deleite de namorados,
 que, co'o gosto dêste pão,
 deixam a deleitação
 transitória.
21. Quem quiser haver vitória
 do falso contentamento,
 goste dêste sacramento
 divinal.

(1) — P, VI. Várias vezes publicada. O original corrige e fixa alguns passos, cf. VV. 17, 18, 21, 58, 65, 106, 107, 109, 115, 121, 122, 127, 135, 182, 183, etc. e VV. 45, 55, cf. PL, 23-32. Faltam em PL os VV. 145-148, cf. PL, 30. Esta poesia poderia ser considerada uma oração, cf. final.

25. Este dá vida imortal,
 êste mata tôda fome,
 porque nêle Deus e homem
 se contém.
29. Ê fonte de todo bem,
 da qual quem bem se embebeda
 não tenha mêdo da queda
 do pecado.
33. Ó que divino bocado,
 que tem todos os sabores !
 Vinde, pobres pecadores,
 a comer !
37. Não tendes de que temer,
 senão de vossos pecados.
 Se forem bem confessados,
 isso basta,
41. qu'êste manjar tudo gasta,
 porque é fogo gastador,
 que com seu divino ardor
 tudo abrasa.
45. Ê pão dos filhos de casa,
 com que sempre se sustentam
 e virtudes acrescentam
 de contino.
- *9v 49. Todo al é desatino,
 se não comer tal vianda
 com que a alma sempre anda
 satisfeita.
53. Êste manjar aproveita
 para vícios arrancar
 e virtudes arraigar
 nas entranhas.

57. Suas graças são tamanhas
que não se podem contar,
mas bem se podem gostar
de quem ama.
61. Sua graça se derrama
nos devotos corações
e os enche de benções
copiosas.
65. Ó entranhas piedosas
de vosso divino amor !
Ó meu Deus e meu Senhor
humanado !
69. Quem vos fêz tão namorado
de quem tanto vos ofende?
Quem vos ata? Quem vos prende
com tais nós?
73. Por caber dentro de nós
vos fazeis tão pequenino,
sem o vosso ser divino
se mudar!
77. Para vosso amor plantar
dentro em nosso coração,
achastes tal invenção
de manjar,
81. em o qual nosso padar
acha gostos diferentes,
debaixo dos accidentes
escondidos.
85. Uns são todos incendidos
do fogo do vosso amor ;
outros, cheios de temor
filial ;

VV. 59, 60 — Entendam-se: bem podem ser apreciados por aquêlle que ama.
-V. 81 — *Padar* — * *paadar*, apóc. (= paliadar).

89. outros, co'o celestial
 lume dêste sacramento,
 alcançam conhecimento
 de quem são ;
93. outros sentem compaixão
 de seu Deus, que tantas dôres,
 por nos dar êstes sabores,
 quis sofrer,
97. e desejam de morrer
 por amor de seu amado,
 vivendo sem ter cuidado
 desta vida.
101. Quem viu nunca tal comida,
 que é sumo e todo bem ?
 Ai de nós ! Quê nos detém ?
 Quê buscamos ?
- * 10 105. Como não nos enfrascamos
 nos deleites dêste pão,
 com que nosso coração
 tem fartura ?
109. Se buscamos formosura,
 nêle está tôda metida ;
 se queremos achar vida,
 esta é.
113. Aqui se refina a fé,
 pois debaixo do que vemos,
 estar Deus e homem cremos,
 sem mudança.
117. Acrescenta-se a esperança,
 pois na terra nos é dado
 quanto nos céus guardado
 nos está.

121. A caridade, que lá
há de ser perfeiçoadá,
dêste pão é confirmada
em pureza.
125. Dêle nasce a fortaleza,
êle dá perseverança,
pão de bem-aventurança,
pão de glória,
129. deixado para memória
da morte do Redentor,
testemunho de seu amor
verdadeiro.
133. Ó mansíssimo cordeiro,
ó menino de Belém,
ó Iesu, todo meu bem,
meu amor,
137. meu espôso, meu senhor,
meu amigo, meu irmão,
centro de meu coração,
Deus e pai !
141. Pois com entranhas de mãe
quereis de mim ser comido,
roubai todo meu sentido
para vós !
145. Prendei-me com fortes nós,
Iesu, filho de Deus vivo,
pois que sou vosso cativo,
que comprastes
149. co'ô sangue, que derramastes,
com a vida, que perdestes,
com a morte, que quisestes
padecer !

153. Morra eu, por que viver
vós possais dentro de mi.
Ganhai-me, pois me perdi
em amar-me.
157. Pois que para incorporar-me
e mudar-me em vós de todo,
com um tão divino modo
me mudais,
161. quando na minh'alma entraís
e dela fazeis sacrário
de vós mesmo, e relicário
que vos guarda,
- *10v 165. enquanto a presença tarda
do vosso divino rosto,
o sab'roso e doce gôsto
dêste pão
169. seja minha refeição
e todo meu apetite,
seja gracioso convite
de minha alma,
173. ar fresco de minha calma,
fogo de minha frieza,
fonte viva de limpeza,
doce beijo
177. mitigador do desejo
com que a vós suspiro e gemo,
esperança do que temo
de perder.
181. Pois não vivo sem comer,
coma-vos, em vós vivendo,
viva a vós, a vós comendo,
doce amor !

185.

Comendo de tal penhor,
nêle tenha minha parte
e depois, de vós me farte
com vos ver !

Amém.

* 11 1. 1.º —

Ó Maurício Capitão,
cuja gloriosa fama
resplandece como flama
que lume, sem dilação,
por tôdas partes derrama,

6.

vossa vida e morte clama,
nossas almas despertando,
para que vivam honrando
a Deus, que tanto nos ama,
sua santa lei guardando.

11. 2.º —

Quando o imperador da terra
a seus deuses quis honrar,
obrigou a sacrificar
os soldados que, na guerra,
com êle haviam d'entrar.

16.

Mas vós, para glória dar
a Deus todo-poderoso,
vosso esquadrão animoso
fizestes logo apartar
de trato tão pernicioso.

(1) — I^a, VII. Compõe-se de dez subdivisões de duas estrofes, indicadas por numeração original, de 1 a 10, sugerindo, como succede nas danças que encerram algumas peças (cf. E 1, 2, 6), dez pessoas que declamam. Deve ter sido representada em Vitória (VV. 48 e 68), por ocasião de alguma entrada (V. 85) posterior a incursões protestantes (VV. 78 e 80) e relacionar-se com as peças B 7 e E 5.

-V. 1 — São Maurício capitaneava uma legião de combatentes conhecida por "Legião Tebana". Chamada para reforçar o exército de Maximiano, na perseguição aos cristãos, seus soldados se recusaram a obedecer às ordens do imperador. Foram dizimados. Continuando a recusa, a legião recomeçou. Os soldados enviaram uma carta ao imperador, protestando a sua fé cristã. Maximiano condenou toda a legião. O massacre se verificou no campo de Agaune, a 14 milhas do Lago Lemano, em 286. São Maurício foi padroeiro da Vila da Vitória, no Espírito Santo, onde se veneravam reliquias suas. Consideravam-no protetor contra a seca, cf. VV. 96-97. Cf. E 5, XI.

21. 3.º — Se quiséreis honra ter,
muita o mundo prometia,
mas a vossa fidalguia
só daquele eterno ser
— do sumo Deus — dependia.
26. Por isso, com alegria,
o vão mundo desprezastes,
com o qual nos ensinastes
fazer dêle zombaria,
como vós dêle zombastes.
31. 4.º — Vossos seis mil e seiscentos
e sessenta e seis soldados
por vós foram animados
para serem, com tormentos
e com morte, coroados.
- *11v 36. Para serem degolados,
cada um queria ser
o primeiro, sem temer
os cutelos aguçados
com fúria, de Lucifer.
41. 5.º — Ó valoroso esquadrão !
Ó gente vitoriosa !
Ó vitória gloriosa !
Ó fortíssima legião !
Ó campanha generosa !
46. Vossa morte preciosa
é honra do grão Iesu,
e d'aquesta vila vossa
defensão mui poderosa,
espanto de Belzebu.

—V. 32 — A legião romana acompanha-se de seis mil soldados. Várias vêzes mencionado nas poeas de Anchieta, o esquadrão de São Maurício figura, entretanto, com 6666 e 6600 soldados, cf. A 7, V. 234 e E 2 a, V.1284.

—V. 40 — Em todo o texto, oxítono: Lucifer.

—V. 48 — A vila da Vitória, cf. (1).

51. 6.º —
 Vossa vida, São Maurício,
 e dos vossos, que perdestes,
 quando pela fé morrestes,
 foi um vivo sacrificio
 com que a Deus engrandecestes.
56.
 Com tais mortes, mereceste
 triunfos mui gloriosos,
 e que vossos fortes ossos,
 que defender não quisestes,
 sejam defensores nossos.
61. 7.º —
 Ó divinos baluartes,
 que nunca fostes rendidos,
 pôsto que mui combatidos
 — com muitas fôrças e artes
 mortos, mas nunca vencidos — ,
66.
 pedimos ser recebidos
 com amor dentro de vós,
 porque o imigo feroz,
 de quem somos perseguidos,
 seja vencido de nós.
71. 8.º —
 O pecado nos dá guerra
 em todo tempo e lugar.
 E, pois quisestes morar
 nesta nossa pobre terra,
 ajudai-a sem cessar,
- *12 76.
 porque cessando o pecar,
 cessarão muitos reveses
 com que os herejes franceses
 nos poderão apertar
 e luteranos inglêses.

-V. 60 — Cf. E 5, -V. 1.

-V. 80 — Corsários inglêsa e franceses atacaram o Espírito Santo, notadamente nos anos de 1581 e 1582. As razões do ataque, sempre comerciais, eram mascaradas, geralmente, com intenções religiosas.

81. 9.º — Mártires mui esforçados,
pois sois nossa defesa,
defendei, com vossa mão,
vossos filhos e soldados,
que são idos ao sertão,
86. pois vão, com boa intenção,
a buscar gente perdida,
que possa ser convertida
a Iesu, de coração,
e ganhar a eterna vida.
91. 10.º — Procurai-nos a saúde
com que a Deus servir possamos,
e no coração tenhamos
o puro amor da virtude,
e sem pecado vivamos.
96. Das novidades sejamos
providos sem carestia,
e vossa capitania,
livre do que arreceamos,
vos honre com alegria.
-

—V. 90 — Os jesuítas tomavam parte nas entradas, onde podiam oferecer aos brancos assistência espiritual e oficial e prestígio junto aos índios. Organizaram algumas sobeitadas, às vèzes, pelos poderes públicos, a fim de apaziguar hordas revoltadas, por sua livre iniciativa, de outras vèzes. Em 1576 um padre desceu mil índios do sertão (HCJB, I, 232). Em 1583 houve uma dessas entradas aos aimorés (HCJB, II, 184). Em 1584 chegou ao Espírito Santo uma leva de índios e foram enviados dois padres a atrair os restantes (TTGB, 342).

—V. 97 — Cf. -V. 1.

—V. 98 — A Capitania do Espírito Santo. Cf. (1).

- *15v 1. Não há cousa segura.
Tudo quanto se vê
se vai passando.
A vida não tem dura.
O bem se vai gastando.
Tôda criatura
passa voando.
8. Em Deus, meu criador,
está todo meu bem
e esperança,
meu gôsto e meu amor
e bem-aventurança.
Quem serve a tal Senhor
não faz mudança.
- *16 15. Contente assim, minha alma,
do doce amor de Deus
tôda ferida,
o mundo deixa em calma,
buscando a outra vida,
na qual deseja ser
tôda absorvida.
22. Do pé do sacro monte
meus olhos levantando
ao alto cume,
vi estar aberta a fonte
do verdadeiro lume,
que as trevas de meu peito
tôdas consume.

(1) — Is, XIV. Numa cópia existente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, esta poesia tem o título "Da vaidade das cousas do mundo", cf. NP,(1).

29.

Correm doces licores
das grandes aberturas
do penedo.
Levantam-se os erros,
levanta-se o degrêdo
e tira-se a amargura
do fruto azêdo !

- *16 1. Como vem guerreira
a morte espantosa !
*Como vem guerreira
e temerosa !*
5. Suas armas são doença,
com que a todos acomete.
Por qualquer lugar se mete,
sem nunca pedir licença.
Tanto que se dá sentença
da morte espantosa,
*como vem guerreira
e temerosa !*
13. Por muito poder que tenha,
ninguém pode resistir.
Dá mil voltas, sem sentir,
mais ligeira que uma azenha.
Quando manda Deus que venha
a morte espantosa, "
*como vem guerreira
e temerosa !*
21. A uns caça quando comem,
sem que engulam o bocado.
Outros mata no pecado,
sem que gôsto nêle tomem.
Quando menos teme homem
a morte espantosa,
*como vem guerreira
e temerosa !*
- *16v

(1) — P, XV.

29. A ninguém quer dar aviso,
porque vem como ladrão.
Se não acha contrição,
então mata mais de liso.
Quando toma de improviso,
a morte espantosa,
como vem guerreira
e temerosa !
37. Quando esperas de viver
longa vida, mui contente,
ela entra, de repente,
sem deixar-te a perceber.
Quando mostra seu poder,
a morte espantosa,
como vem guerreira
e temerosa !
45. Tudo lhe serve de espada,
com tudo pode matar ;
em todos acha lugar
para dar sua estocada.
A terrível bombardada
da morte espantosa,
como vem guerreira
e temerosa !
53. A primeira morte mata
o corpo, com quanto tem.
A segunda, quando vem,
a alma e o corpo rapa.
Co'o inferno se contrata
a morte espantosa.
Como vem guerreira
e temerosa !
-

I

- *16v 1. Cordeirinha linda,
 como folga o povo
 porque vossa vinda
 lhe dá lume novo!
5. Cordeirinha santa,
 de Iesu querida,
 vossa santa vinda
 o diabo espanta.
- Por isso vos canta,
 com prazer, o povo,
 porque vossa vinda
 lhe dá lume novo.
- *17 13. Nossa culpa escura
 fugirá depressa,
 pois vossa cabeça
 vem com luz tão pura.
- Vossa formosura
 honra é do povo,
 porque vossa vinda
 lhe dá lume novo.
21. Virginal cabeça
 pola fé cortada,
 com vossa chegada,
 já ninguém pereça.

(1) — I^a, XVI e XVII. Esta poesia foi publicada, com indicações bibliográficas, em HCJB, II, 604, com pequenas variantes (VV. 62, 71). O refrão de VV. 3-4 só se mantém na primeira parte da poesia (VV. 1-36). O final é constituído por pequeno cântico a Santa Inês, cuja imagem é levada ao altar (VV. 77-99). Na poesia A 7 o mesmo cântico se repete, com algumas variações, dedicado a Santa Úrsula (cf. A 7, VV. 208-232).

Vinde mui depressa
ajudar o povo,
pois com vossa vinda
lhe dais lume novo.

29. Vós sois, cordeirinha,
de Iesu formoso,
mas o vosso espôso
já vos fez rainha.

Também padeirinha
sois de nosso povo,
pois, com vossa vinda,
lhe dais lume novo.

II

37. Não é d'Alentejo
êste vosso trigo,
mas Jesus amigo
é vosso desejo.

Morro porque vejo
que êste nosso povo
não anda faminto
dêste trigo novo.

45. Santa padeirinha,
morta com cutelo,
sem nenhum farelo
é vossa farinha.

Ela é mezinha
com que sara o povo,
que, com vossa vinda,
terá trigo novo.

53. O pão que amassastes
dentro em vosso peito,
é o amor perfeito
com que a Deus amastes.

Dêste vos fartastes,
dêste dais ao povo,
porque deixe o velho
polo trigo novo.

*17v 61.

Não se vende em praça
êste pão de vida,
porque é comida
que se dá de graça.

Ó preciosa massa !
Ó que pão tão novo
que, com vossa vinda,
quer Deus dar ao povo !

69.

Ó que doce bolo,
que se chama graça !
Quem sem êle passa
é mui grande tolo.

Homem sem miolo,
qualquer dêste povo,
que não é faminto
dêste pão tão novo !

III

Cantam :

77.

*Entraí ad altare Dei,
virgem mártir mui formosa,
pois que sois tão digna espôsa
de Iesu, que é sumo rei.*

81.

Debaixo do sacramento,
em forma de pão de trigo,
vos espera, como amigo,
com grande contentamento.
Ali tendes vosso assento.

86. *Entraí ad altare Dei,
virgem mártir mui formosa,
pois que sois tão digna espôsa
de Iesu, que é sumo rei.*

90. Naquele lugar estreito
cabereis bem com Jesus,
pois êle, com sua cruz,
vos coube dentro no peito,
ó virgem de grão respeito.

95. *Entraí ad altare Dei,
virgem mártir mui formosu,
pois que sois tão digna espôsa
de Iesu, que é sumo rei.*

- *32 1. 1.º — Vossa vinda, bom pastor,
de todos tão desejada,
do Senhor foi ordenada,
porque sois consolador
desta pequena manada.
6. Deseja ser conservada
no seu pequeno curral,
com vosso amor paternal
defendida e ajudada
e livre de todo mal.
11. 2.º — Pois que vindes, pai benigno,
vossos filhos visitar,
devemo-nos d'alegrar,
e, com o favor divino,
vossa vinda festejar.
16. Para que todo pesar
seja de nós desterrado,
rogai vós, pai mui amado,
que nunca tenha lugar
em nós o mortal pecado.
21. 3.º — Viestes, mestre e doutor
dos rudes e ignorantes,
para sermos mais constantes
no caminho do Senhor,
e com Cristo triunfantes.

(1) — Ia, XXXII. Talvez referente ao P. Marcos da Costa, que chegou ao Brasil em 1588, foi superior da casa do Espírito Santo e faleceu no Brasil em 1626 (HCJB, II, 397). Cf. VV. 43-44.

26. Somos fracos caminhantes
mas, para que não cansemos,
vossa doutrina ouviremos,
e correndo mais que dantes,
a bom pôrto chegaremos.
31. 4.º — Vinde, grande capitão,
defender vossos soldados,
pois estamos infestados
de nosso imigo Satã,
e de perigos cercados.
36. Pois que somos tão coitados,
ajudai-nos nesta guerra.
Não sejamos maltratados,
oprimidos e avexados
dos moradores da terra.
41. 1.º — Ah, N. Marinheiro,
que novas correm por cá?
2.º — Dizem ser chegado já
nosso pai e padroeiro.
45. 1.º — E, por dita, saberás
dizer-me como se chama?
*32v 2.º — Um pai, que muito nos ama,
como por obra verás.
49. 1.º — Quem queres significar
com esta tua resposta?
2.º — O P. N. da Costa,
que nos vem a visitar.
53. 1.º — E que nos há de fazer
com sua visitaçãõ?
2.º — Desterrar a Lucifer
de nossa povoação.

—V. 41 — *N.* — abreviatura de nome que se ignora ou se quer ocultar, servindo, pois, para qualquer marinheiro que devesse chegar com o visitador. A repetição da mesma sigla no V. 51 faz supor que o próprio Anchieta ignorasse ainda ou quisesse manter em segredo o prenome do visitador.

—V. 51 — *Cl.* (1).

57. 1.º — E tem êle coração
contra tão brava serpente?
2.º — Sim, que é muito sapiente
e valente capitão.
61. 1.º — De que armas vem armado
contra tão forte imigo?
2.º — O bom Jesus traz consigo,
no coração encerrado.
65. 1.º — Dêsse nome poderoso
nasce tôda a fortaleza,
com que se vence a fereza
dêste dragão furioso.
69. 4.º — E para bem pelejar,
de que modo usa dêle?
2.º — De coração crendo nêle
e amando-o sem cessar.
73. 3.º — E a nós, de que feição,
na guerra nos há d'armar?
2.º — Por palavra há d'ensinar
o que traz no coração.
77. 3.º — E isso, de que maneira?
2.º — Ensinando-nos a crer,
e amando a Deus correr
por sua santa carreira.
81. 1.º — Não foi sem causa escolhido
de Deus, por nosso pastor!
*33 2.º — Bem o mostra no amor
e zêlo tão incendido.
85. 4.º — Para pagar tal amor,
que faremos, companheiros?
3.º — Que sejamos bons cordeiros,
pois temos tão bom pastor.

89. 4.º — E de tão sábio doutor
a lei de Deus aprendamos,
para que sempre o sirvamos
com reverência e temor.
93. 1.º — Pois tal pai nos vem a ver,
bem será que o festejemos.
2.º — Por certo que lho devemos,
se filhos queremos ser.
97. 4.º — Pois vem com grande fadiga
da praia, que lhe faremos?
2.º — Todos juntos lhe diremos
uma solene cantiga.
101. 3.º — Eia, pois, sem dilação,
nossas frautas entoemos.
4.º — E depois lhe pediremos
de joelhos a benção.
-

-V. 100 — Era hábito esperar no pórtico os visitantes e acompanhá-los, em procissão, com cânticos, até à igreja, onde se representavam pequenos diálogos. Cf. E 1, NI.

A 7

QUANDO, NO ESPÍRITO SANTO, SE
RECEBEU UMA RELÍQUIA DAS ONZE
MIL VIRGENS (1)

I

*33v 1. *Diabo* —

Temos embargos, donzela,
a serdes dêste lugar.
Não me queirais agravar,
que, com espada e rodela,
vos hei de fazer voltar.

6.

Se lá na batalha do mar
me pisastes,
quando as onze mil juntastes,
que fizestes em Deus crer,
não há agora assim de ser.
Se, então, de mim triunfastes,
hoje vos hei de vencer.

13.

Não tenho contradição
em tôda a Capitania.
Antes, ela, sem porfia,
debaixo de minha mão
se rendeu com alegria.

18.

Cuido que errastes a via
e o sol tomastes mal.
Tornai-vos a Portugal,
que não tendes sol nem dia,
senão a noite infernal

(1) — I^o, XXXIII. Publicada em REA, 127-128 (parte); PL, 46 e BMP 3, 107-119. Cf. E 5.

-V. 1 — Refere-se a Santa Úrsula que, segundo a lenda, percorreu, com suas companheiras, vários países, em peregrinação. Aprisionadas pelos hunos, foram por eles massacradas.

-V. 2 — Provavelmente a Vila da Vitória, cf. VV, 85 e sgs.

23. de pecados,
em que os homens, ensopados,
aborrecem sempre a luz.
Se lhes falardes na Cruz,
dar-vos-ão, mui agastados,
no peito, c'um arcabuz.

(*Aqui dispara um arcabuz.*)

29. *Anjo* — Ó peçonhento dragão
e pai de tôda a mentira,
que procuras perdição,
com mui furiosa ira,
contra a humana geração !

34. Tu, nesta povoação,
não tens mando nem poder,
pois todos pretendem ser,
de todo seu coração,
inimigos de Lucifer.

*34 39. *Diabo* — Ó que valentes soldados !
Agora me quero rir !...
Mal me podem resistir
os que fracos, com pecados,
não fazem senão cair !

44. *Anjo* — Se caem, logo se levantam,
e outros ficam em pé.
Os quais, com armas da fé,
te resistem e te espantam,
porque Deus com eles é.

49. Que com excessivo amor
lhes manda suas espôsas
— onze mil virgens formosas —,
cujo contínuo favor
dará palmas gloriosas.

—V. 38 — *Inimigos* — ἀπὸς. (= inimigos).

54. E para te dar maior pena,
a tua soberba inchada
quer que seja derribada
por u'a mulher pequena.

58. *Diabo* — Ó que cruel estocada
m'atiraste
quando a mulher nomeaste !
Porque mulher me matou,
mulher meu poder tirou,
e, dando comigo ao traste,
a cabeça me quebrou.

65. *Anjo* — Pois agora essa mulher
traz consigo estas mulheres,
que nesta terra hão de ser
as que lhe alcançam poder
para vencer teus poderes.

70. *Diabo* — Ai de mim, desventurado !
(*Acolhe-se Satand's.*)
Anjo — Ó traidor, aqui jarás
de pés e mãos amarrado,
pois que perturbas a paz
dêste *pueblo* sossegado !

75. *Diabo* — Ó anjo, deixa-me já,
que tremo desta senhora !
*34v *Anjo* — Com tanto que te vás fora
e nunca mais tornes cá.
Diabo — Ora seja na má hora !

(*Indo-se, diz ao povo :*)

80. Ó, deixai-vos descansar
sôbre esta minha promessa :
eu darei volta, depressa,
a vossas casas cercar
e quebrar-vos a cabeça !

—V. 71 — *Jarás*, arc. (= *jazerás*).

II

85. Vila — *Mais rica me vejo agora
que nunca dantes me vi,
pois que ter-vos mereci,
virgem mártir, por senhora.*
89. O Senhor onipotente
me fêz grande beneficio,
dando-me aquela excelente
legião da esforçada gente
do grande mártir Maurício.
94. Neste dia
se dobra minha alegria
com vossa vinda, Senhora.
E, pois a Capitania
hoje tem maior valia,
mais rica me vejo agora.
100. Com a perpétua memória
de vossa mui santa vida
e da morte esclarecida,
com que alcançastes vitória,
morrendo sem ser vencida,
105. serei mais favorecida,
pois vindes morar em mi.
Porque, tendo-vos aqui,
fico mais enriquecida
que nunca dantes me vi.
110. Da Senhora da Vitória,
“Vitória” sou nomeada.
E, pois sou de vós amada,
d’onze mil virgens na glória
espero ser coroada.
115. Por vós sou allevantada
mais do que nunca subi,
para que, subindo assi,
não seja mais derrubada,
pois que ter-vos mereci.

120. Meus filhos ficam honrados
em vos terem por princesa,
porque, de sua baixeza,
por vós serão levantados
a ver a divina alteza.
125. Tudo temos,
pois que tendo a vós, teremos
a Deus, que convosco mora,
e logo, des desta hora,
todos vos reconhecemos,
virgem mártir, por Senhora.

*Um companheiro⁽²⁾ de São Maurício
vem ao caminho à virgem, e diz :*

131. Tôda esta Capitania,
virgem mártir gloriosa,
está cheia d'alegria,
pois recebe, neste dia,
u'a mãe tão piedosa.
136. Nós somos seus padroeiros,
com tôda nossa legião
dos tebanos cavaleiros,
soldados e companheiros
de Maurício Capitão.
141. Ele espera já por vós
e tem prestes a pousada
para, com vossa manada,
serdes, como somos nós,
dêste lugar advogada.
146. *Úrsula* — Para isso sou mandada.
E com vossa companhia,
faremos mui grossa armada,
com que seja bem guardada
a nossa capitania.

—V. 111 — Cf. E 5, —V. 178.
(²) — Cf. (²).

III

*Ao entrar da igreja, fala São Maurício
com São Vital ⁽³⁾, e diz :*

- *35v 151. *Maurício* — Não bastam fôrças humanas,
 não digo para louvar,
 mas nem para bem cuidar
 as mercês tão soberanas
 que, com amor singular,
156. Deus eterno,
 abrindo o peito paterno,
 faz a todo êste lugar,
 para que possa escapar
 do bravo fogo do inferno,
 e salvação alcançar.
162. Ditosa capitania,
 que o sumo Pai e Senhor
 abraça com tanto amor,
 aumentando cada dia
 suas graças e favor !
167. *Vital* Ditosa, por certo, é,
 se não fôr desconhecida,
 ordenando sua vida
 de modo que junte a fé
 com caridade incendiada.
172. Porque as mercês divinais
 então são agradecidas
 quando os corações leais
 ordenam bem suas vidas
 conforme as leis celestiais.
177. *Maurício* — Bem dizeis, irmão Vital,
 e, por isso, os sabedores
 dizem que obras são amores,
 com que seu peito leal
 mostram os bons amadores.

(3) — Do esquadrão de São Maurício (cf. A 2, -VV. 1 e 32) são conhecidos os nomes de quatro soldados apenas.
Um dêles é São Vital. Cf. E 2 a, -V.1137.

182. *Vital* — E dêstes, quantos cuidais
que se acham nesta terra?
Maurício — Muitos há, se bem olhais,
que contra os vícios mortais
andam em perpétua guerra,
187. e guardando, com cuidado,
a lei de seu Criador,
mostram bem o fino amor
que têm, no peito encerrado,
de Iesu, seu Salvador.
- *36 192. *Vital* — Êstes tais sempre terão
lembrança do benefício
de terem por seu patrão,
com tôda nossa legião,
a vós, Capitão Maurício.
197. *Maurício* — Assim têm.
E, por isso, o sumo bem
lhes manda aquelas senhoras
onze mil virgens, que vêm
para conosco, também,
serem suas guardadoras.
203. *Vital* — Tão gloriosas donzelas
merecem ser mui honradas.
Maurício — E conosco agasalhadas,
pois que são virgens tão belas,
de martírio coroadas !
- Recebendo a virgem, diz :*
208. Úrsula, grande princesa,
do sumo Deus mui amada,
boa seja a vossa entrada,
grande pastora e cabeça
de tão formosa manada !

213. *Úrsula* — Salve, grande Capitão
Maurício, de Deus querido !
Este povo é defendido
por vós e vossa legião
e nosso Deus mui servido.
218. *Maurício* — Sou dêle agora mandada
a ser vossa companheira.
Defensora e padroeira
desta gente tão honrada,
que segue nossa bandeira.
223. Nós dêles somos honrados,
êles guardados de nós.
Porque não sejamos sós,
serão agora ajudados
conosco também, de vós.
228. *Úrsula* — Se os nossos portugueses
nos quiserem sempre honrar,
sentirão poucos reveses.
De ingleses e franceses
seguros podem estar.
- *36v 233. *Vital* — Quem levantará pendão
contra seis mil cavaleiros
de nossa forte legião,
e contra o grande esquadrão
de vossos onze milheiros ?
238. *Úrsula* — Os três inimigos d'alma
começam a desmaiar.
E, pois tem este lugar
nome de Vitória, e palma,
sempre deve triunfar.
243. *Vitória* — Isso é o que Deus quer.
Guardem êles seu mandado,
que nós teremos cuidado
de guardar e engrandecer
este nosso povo amado.

248. Se quereis
 aqui ficar, podereis.
 Nem tendes melhor lugar
 que aquêlé santo altar
 no qual, conosco, sereis
 venerada sem cessar.

254. *Úrsula* — Seja assi !
 Recolhamo-nos aí,
 com nosso senhor Jesus,
 por cujo amor padeci,
 abraçada com a cruz
 em que êle morreu por mi.

Levando-a ao altar, lhe cantam () :*

260. *Entraí ad altare Dei,*
 virgem mártir mui formosa,
 pois que sois tão digna espôsa
 de Jesus, que é sumo rei.

264. Naquele lugar estreito
 cabereis bem com Jesus,
 pois êle, com sua cruz,
 vos coube dentro no peito.

268. Ó virgem de grão respeito,
 entraí ad altare Dei,
 pois que sois tão digna espôsa
 de Jesus, que é sumo rei.

-V. 232 — Cf. A 2, -V.80

(*) — Os VV. 260-271 repetem, com algumas variações, o final de A 5.

-V. 259 — *mi*, * *mm*

- *40v 1. O mãe sempre virgem, ó virgem fecunda,
com novos prazeres cantamos o "Ave!"
com que quis fechar-se, no vosso conclave,
o Verbo do Padre, pessoa segunda.
5. De novo, senhora, receba vossa alma
o "Ave!" segundo, com nova alegria,
pois o que foi morto, com grand'alegria,
a morte vencida, ressurge com palma.
9. As chagas cruentas das mãos delicadas
vêm mais rubicundas que tôdas as rosas,
para que por elas se tornem formosas
as almas que foram da culpa afeadas.
13. O peito sagrado, com lança rompido,
que para vossa alma foi bravo cutelo,
com raios de glória ressurge tão belo
que tem vossas dôres de todo vencido.
17. Ó madre de vida, pois tendes tal dia,
fazei-nos dar vida, que mortos jazemos,
e livres da morte, com Iesu tornemos
em vida de graça, com tôda alegria.
-

(1) — I, XXXVII. Publicado em PL, 38-39, com pequenos enganos.

- *158 1. *Já furtaram ao moleiro
o pelote domingueiro.*
3. Se lho furtaram ou não,
bem nos pês a nós com isso !
Perdeu-se, com muito viço,
o pobre moleiro Adão.
 Lucifer, um mau ladrão,
 lhe roubou todo o dinheiro,
 co'o pelote domingueiro !
10. Sem ter dêle compaixão,
 lhe furtaram o pelote.
Des que o viram sem capote,
não curaram dêle, não.
 Chora agora, com razão,
 o coitado do moleiro,
 sem pelote domingueiro !
- *158v 17. Êle, deram-lho de graça,
porque "Graça" se chamava
e com êle passeava,
mui galante, pela praça.
 Mas furtaram-lhe, à ramaça,
 ao pobre do moleiro,
 o pelote domingueiro.

(1) — Ia, LXV. Destinada a um 1.º de janeiro, festa da Circuncisão, celebrada pela Companhia de Jesus (cf. V. 317). Já publicada em PL, 76-91, com pequenos enganos. Pelo confronto de estilo e léxico, esta peça não parece original de Anchieta, mas adaptação por êle feita de alguma composição anterior. Não haverá relação entre A 9 e a "Pregação Universal", destinada, ao que consta, à festa da Circuncisão? Cf NP, § 11
Pelote — traje antigo, espécie de casaca.

24. Era homem muito honrado,
quando logo lho vestiram.
Mas depois que lho despiram,
ficou vil e desprezado.
 Ó que sêda ! E que brocado
 perdeste, pobre moleiro,
 em perder teu domingueiro !
31. Se quiseras moer trigo
do divino mandamento,
dentro ao teu entendimento
não passaras tal perigo.
 Pois quiseste ser amigo
 de ladrão tão sorrateiro,
 andarás sem domingueiro.
- * 159 38. Mui formoso trigo tinha,
que era a humana natureza,
mas moeu-o tão depressa,
que fez muito má farinha.
 E por isso, tão azinha
 apanharam ao moleiro
 seu pelote domingueiro.
45. Era u'a peça, a mais fina
de tôdas quantas tivera.
S'êle bem o defendera,
não jogaram de rapina.
 A cobra ladra e malina,
 com inveja do moleiro,
 apanhou-lhe o domingueiro.
52. Tinha um monte de botões
em o quarto dianteiro,
que lhe deram sem dinheiro,
que são os divinos dões.
 Por menos de dois tostões,
 foi o parvo do moleiro
 a vender tal domingueiro !

- *159v 59. Era feito de tal sorte
que tôda a casa vestia.
Em nenhum modo podia
furtar-se, senão por morte.
Foi morrer, embora forte,
pecando, o pobre moleiro,
e ficou sem domingueiro.
66. Os pobretes cachopinhos
ficaram mortos de frio,
quando o pai, com desvario,
deu na lama de focinhos.
Cercou todos os caminhos
o ladrão, com seu bicheiro,
e rapou-lhe o domingueiro.
73. A mulher que lhe foi dada,
cuidando furtar maquias,
com debates e porfias
foi da graça maquiada.
Ela nua e esbulhada,
fêz furtar ao moleiro
o seu rico domingueiro.
- *160 80. Tôda bêbada do vinho
da soberba, que tomou,
o moleiro derrubou
no limiar do moinho.
Acudiu o seu vizinho
Satanás, muito matreiro,
e rapou-lhe o domingueiro.
87. Ele muito namorado
da soberba e inchação,
cuidou ter melhor gabão
e ser tido por letrado.
Mas achou-se salteado
o mofino do moleiro,
sem pelote domingueiro.

—V. 74 — *Maquias* — porção do produto retirado pelos moleiros em pagamento de mão de obra. Cf. VV. 104 e 272.

91. Pareceu-lhe mui galante
a cachopa embonecada
e que em ser sua namorada,
seria a Deus semelhante.
Seu pai se lhe pôs diante
e, sem dote e sem dinheiro,
lhe rapou seu domingueiro.
- *160v 101. Parvo, por que te perdias
por tão feia regateira?
Cuidavas que era moleira,
que furtava bem maquias?
Não houveste o que querias,
com ficar, por derradeiro,
sem teu rico domingueiro.
108. Sua falsa gentileza
convidava-te a subir.
Tu quiseste consentir
e trepar muito depressa.
Deram-te pela cabeça
com um trocho de salgueiro...
E perdeste o domingueiro.
115. Quanto mais para ela olhavas,
parecia-te melhor,
e perdido por seu amor,
de ninguém te precatavas.
À porta, por onde entravas,
te esperou seu companheiro,
que rapou teu domingueiro.
- *161 122. Ele soube-se ajudar
da mulher, tua parceira,
e fez dela alcoviteira,
para em breve te enganar.
Tu, sem mais considerar,
lhe creste, parvo moleiro,
e perdeste o domingueiro.

129. Negros foram teus amores
— pois tão negro te deixaram
e o pelote te levaram,
sem te dar nenhuns penhõres
 senão fadigas e dôres,
 que terás, triste moleiro,
 pois perdeste o domingueiro.
136. Maochas qual ficaria
o moleiro desastrado,
sem pelote tão honrado,
que tanto preço valia,
 como é certo que diria :
 “Que farás, ora, moleiro,
 sem pelote domingueiro?”
- *161v 143. O pelote foi-lhe dado
para o domingo sòmente,
com que vivesse contente,
sem fadiga e sem cuidado.
 Agora, mui trabalhado,
 geme o triste do moleiro
 sem pelote domingueiro.
150. Com o pelote faltar,
cessarão tôdas as festas.
Foi contado com as bestas,
para sempre trabalhar.
 S'isto bem quisera olhar,
 o coitado do moleiro
 não perdera o domingueiro.
157. Ele como se viu tal,
escondeu-se de seu amo,
encobrendo-se c'um ramo
debaixo d'um figueiral,
 porque o ladrão infernal,
 nos ramos d'um macieiro
 lhe rapou seu domingueiro.

—V, 136 — *Maochas* = em má hora (arc.).

- *162 164. Seu amo foi espancá-lo
com a raiva que houve dêle,
e coberto com u'a pele,
fora de casa lançá-lo.
 Não quis de todo matá-lo,
 esperando que o moleiro
 cobraria o domingueiro.
- Já tornaram ao moleiro
o pelote domingueiro.*
173. O diabo lhe furtou
o pelote por enganoso.
Mas, depois de muitos anos,
um seu neto lho tornou.
 Por isso, carne tomou
 de uma filha do moleiro,
 por pelote domingueiro.
180. Por querer ser mais subido,
não fêz conta do pelote.
O seu neto, sem capote,
jaz nas palhas, encolhido,
 para ser restituído
 ao pobre do moleiro
 seu pelote domingueiro.
187. Quis vestido aparecer
em pelote de somana,
porque vem, com carne humana,
a trabalhos padecer
 e no feno se envolver,
 para tornar ao moleiro
 seu pelote domingueiro.
- *162v 194. Êle, por se desmandar,
do pelote foi roubado.
O neto, d'além mandado,
vem o furto restaurar.
 Há-se de circuncidar
 porque é neto do moleiro,
 por tornar-lhe o domingueiro.

201. Ditoso fôste em achar,
pobre moleiro, tal filha,
que com nova maravilha
tal neto te foi gerar,
 que do pano do tear
 de tua filha, moleiro,
 te tornou teu domingueiro.
208. Ó que boa tecedeira,
que tão fino pano urdiu,
com que a culpa se cobriu
do moleiro e da moleira !
 Com ficar a tela inteira,
 fêz que ao pobre do moleiro
 se tornasse o domingueiro.
- *163
215. Esta soube bem moer
o trigo celestial,
em seu peito virginal,
ao tempo do conceber,
 escolhendo escrava ser,
 por que ao soberbo moleiro
 se tornasse o domingueiro.
222. Para o saio ser perdido,
a mulher foi medianeira.
Mulher foi também terceira,
para ser restituído.
 Fica agora enobrecido
 o ditoso do moleiro
 com tão rico domingueiro.
229. De graça lhe foi tornado,
mas custou muito dinheiro
ao neto, que foi terceiro,
para ser desempenhado.
 Foi mui caro resgatado
 (ditoso de ti, moleiro !)
 teu pelote domingueiro.

- *163v 236. Trinta e três anos andou,
sem temer nenhum perigo,
moendo-se como trigo,
até que o desempenhou.
 Com seu sangue, resgatou
 para o pobre do moleiro,
 o pelote domingueiro.
243. É-vos êle debruado
 com sêda de muitas côres,
 que são os golpes e dôres
 com que agora foi comprado.
 Fica muito mais honrado
 que dantes, o atafoneiro,
 com tão fino domingueiro.
250. Se tinha muitos botões
 o saio, na dianteira,
 tem agora, na traseira,
 mais de cinco mil cordões
 — os açoites e vergões
 com que o neto do moleiro
 fêz tornar o domingueiro.
257. Traz cinco botões sòmente,
 mais formosos que os primeiros,
 que são os cinco agulheiros,
 que fêz a maldita gente
*164 em o corpo do inocente,
 para tornar-se ao moleiro
 tão galante domingueiro.
264. Moleiro bem escançado,
 que tal ventura tiveste
 (pois o saio, que perdeste,
 de graça te foi tornado),
 se não fôra o enforcado,
 puderas dizer, moleiro :
 "Fogo viste, domingueiro".

—V. 264 — *Escançado* = afortunado.

—V. 270 — "*Fogo viste, domingueiro*", entenda-se : "Duraste pouco, domingueiro !".

271. Nem te bastara poupar
as maquias do moinho,
nem deixar de beber vinho,
nem seis meses jejuar,
 para poder ajuntar
 tanta soma de dinheiro,
 que comprasses domingueiro.
278. Nem bastaram petições
em que foram bem compostas,
nem que levaras às costas,
muitos sacos d'afflições.
 Só as dôres e orações
 dêste teu neto, moleiro,
 ganharam o domingueiro.
- * 164v 285. A êle foi concedido
e por isso nu nasceu,
e depois, quando cresceu,
foi de púrpura vestido
 e na cruz todo moído,
 porque tu, pobre moleiro,
 cobrasses teu domingueiro.
292. Já'gora podes sair
com pelote damascado,
d'alt' a baixo pespontado,
que a todos pode cobrir.
 Já podes bailar e rir
 e dar voltas em terreiro,
 com tão fresco domingueiro.
299. Bem podes sempre trazê-lo
em domingo e dia santo,
e em somana, sem quebranto
que t'hajam de dar por êlo,
 bem cingido com ourelo.
 De justiça, bom moleiro,
 guardarás teu domingueiro.

*165

306.

As moças já podem ter
amores de teu pelote,
e vestir-se tal chioite,
se formosas querem ser.

Já podem tôdas dizer :

“Viva o neto do moleiro,
que nos deu tal domingueiro !

313.

Viva o segundo Adão,
que “Jesus” por nome tem !
Viva Jesus, nosso bem,
Jesus, nosso capitão !

Hoje, na circuncisão,
se tornou Jesus moleiro
por tornar o domingueiro.”

- *166 1. Depois de tudo criado
por conto, pêso e medida,
disse Deus : "Seja formado
o homem, como treslado
de nossa imagem subida".
6. E criou
a Adão, a quem dotou
da semelhança divina.
Mas foi tal sua mofina,
que mui depressa borrou
aquela imagem tão dina.
12. Mas Cristo, Deus humanado,
glorioso São Francisco,
para limpar o treslado,
que Adão tinha borrado,
pondo o mundo em tanto risco,
17. quis pintar,
e consigo conformar
a vós, de dentro e de fora,
com graça tão singular,
que vos podemos chamar
homem novo, em quem Deus mora.
23. Ó formoso patriarca,
ó ilustre capitão
da sagrada religião,
dentro da qual, como em arca,
se salva o povo cristão !

(1) — Is. LXVI. Já publicada em PL, 33-37 e A, 44-47.

28. Vós sois aquêlê varão
cheio de justiça e fé
e de tôda perfeição,
figurado, com razão,
no justo e santo Noé.
33. Noé fêz a grande arca
em que o homem racional,
junto co'o bruto animal,
escapassem, como em barca,
do dilúvio universal.
38. Vós, por ordem divinal,
na religião, que fizestes,
a bons e maus recebestes,
e livres d'água mortal,
a Deus vivo os of'recestes.
- *166v 43. Vós sois o grande varão
que de Deus fôstes achado
segundo seu coração,
e no pai de Salomão
altamente figurado.
48. O qual, como desprezado
por ser o filho menor,
sendo d'ovelhas pastor,
apascentava seu gado
com grã cuidado e amor.
53. Davi, com grande vigor,
um leão mui carniceiro
e um urso roubador,
co'o gigante espantador
matou, com ser ovelheiro.
58. Êste tal, por derradeiro,
Deus o fêz rei de Israel,
salvando o povo fiel,
por êste grã cavaleiro,
de tôda a gente cruel.

63. Vós vos tínheis por menor,
tendo a todos por maiores,
e maior dos pecadores,
tendo-vos Deus por maior
de todos seus servidores.
68. Fêz-vos pastor dos menores,
uns dos quais foram cordeiros,
mas mui fortes cavaleiros,
outros, do gado pastores
e guias, como carneiros.
73. Concedeu-vos tal poder,
que leão, urso e gigante
matásseis, forte e constante,
mundo, carne e Lucifer
destruindo mui possante.
78. Com tal capitão diante,
aumentou-se a fé e lei
da igreja militante,
e vós, já na triunfante,
sois coroado por rei.
83. Trepando sem nenhum medo
o príncipe Jônatas,
com seu criado de trás,
por um áspero penedo,
alcançou vitória e paz,
88. cometendo
o exército tremendo
dos imigos, de repente.
E, com Ânimo valente,
suas fôrças desfazendo,
salvou tôda sua gente.

-V. 86 — Alusão, talvez, ao penedo da Penha, onde se estabeleceram os franciscanos. Cf. B 35.

- *171v 1. 1.º — Muito há que receíamos
vossa vinda, bom pastor,
para que Nosso Senhor
nos conceda o que esperamos.
5. Esperamos de alcançar
a confirmação da graça,
a qual a todos nos faça
até o fim perseverar.
9. 2.º — Perseverar não podemos,
se Deus abre de nós mão,
mas com a confirmação,
que trazeis, fortes seremos.
13. Seremos mui confirmados
com êste sagrado unguento
e divino sacramento,
com que seremos crismados.
17. 3.º -- Crismados receberemos
a graça, com fortaleza,
para cobrar a limpeza
que, pela culpa, perdemos.
21. Perdemos a caridade,
quando amamos o pecado,
mas, pois somos vosso gado,
curai nossa enfermidade.

(1) — I^a, LXXII. O P. Bartolomeu Simões Pereira, administrador eclesiástico, chegou ao Espírito Santo em 1.º de julho de 1591, data que se poderia relacionar com esta peça, porquanto peças seguintes (Cf. I^a, LXXVIII, LXXIX) referem-se a festejos de 15-7 e 25-7. Bartolomeu Simões Pereira era amigo particular de Anchieta e, indisposto com a Companhia, procurou refúgio no Espírito Santo. Estava em Vitória ainda em 1595.

25. 4.º —

Enfermidade mortal
é a culpa, mas por vós
seremos curados nós,
com o crisma divinal.

29.

Divinalmente escolhido
fostes, para nos crismar,
para Deus nos aceitar
por seu gado mui querido.

33. 5.º —

Querido sejais, pastor,
do pastor que, de seu gado
vos fêz pastor e prelado
e grande administrador.

37.

Administrador sòmente
sois agora, mas sejais
bispo santo, que rejaís
vosso gado santamente.

- *176v 1. Onde vais tão apressado,
periquito tangedor?
— A ver nosso bom pastor.
4. — Para que queres andar
e correr com tanta pressa?
— Para ver nossa cabeça,
que nos vem a visitar.
Digno é de festejar,
com cantares de louvor,
êste nosso bom pastor.
11. — E tu sabes quem nos deu
êste pastor excelente?
— O pastor onipotente,
que por seu gado morreu.
Chama-se Bartolomeu,
grande servo do Senhor,
êste nosso bom pastor.
18. — E que sobrenome tem?
— Ouvi dizer que Simões.
— Ganharemos mil perdões,
pois em nome de Deus vem.
Não desconfie ninguém
do soberano favor,
pois que temos tal pastor.

(1) — P, LXXIX, cf. A 11. (1).

25. — Tens ouvido
outro nome e apelido,
que tem lá na derradeira?
— Imagino que "Pereira",
que dá fruto mui subido,
com exemplo conhecido
de doutrina e bom odor,
para o gado do Senhor.
33. Dize tu, qual é o gado
que êle vem apascentar?
— O povo dêste lugar,
pelos padres batizado.
E será bem confirmado
na fé de Nosso Senhor,
pela mão dêste pastor.
40. — E que traz para nos dar?
— Um óleo sagrado e bento,
que se chama sacramento,
com que nos há de crismar,
para poder pelejar
contra Satanás traidor,
com ajuda do pastor.
47. — E quem pode confirmar,
se não há bispo sagrado?
— Também o nosso prelado,
pois o papa lho quer dar
e por isso quis chamar
outro bispo, com louvor,
o nosso administrador.
- *177 54. — Segundo isso, parece
que a mitra só lhe falta?
— Isso é cousa mui alta,
mas êle bem a merece.
— Ó! se ora Deus quisesse
que viesse tal honor
para nosso bom pastor?!

61.

— Vamos-lhe a beijar a mão.

— Sou contente.

Dar-nos-á sua benção
santamente.

— Diremos a nossa gente,
que venham a dar louvor
ao nosso bom pastor.

68.

E vos manda pôr tenção,
senhor administrador,
que façais, com grã fervor,
que se aumente a conversão
para glória do Senhor.

B — POESIAS EM CASTELHANO

- *2 1. ⁽²⁾ Dallí luego fué ayuntar
por desiertos y poblados,
por valles y por collados
y ribera de la mar,
los carneros derramados.
6. Con su palabra de vida,
los lobos ahuyentaba.
Con su palabra ayuntaba
la manada desparcida
y la yunta conservaba.
11. Treinta y tres años enteros
se detuvo, el buen pastor,
todo vencido de amor,
recogiendo los corderos
con grande afán y sudor.
16. Y queriéndose apartar
sin apartarse de todo,
hizo, para se quedar,
de sí pasto singular,
por un soberano modo.
21. Olvidado de las viejas
culpas del pastor primero,
este nuevo ganadero
ordenó que sus ovejas
comiesen su cuerpo entero.

⁽¹⁾ — P., I.

⁽²⁾ — Cf. NP, § 4.

26. Su carne y sangre real
les dejó, de que comiesen,
para que siempre viviesen
con su pastor eternal,
y en él se convirtiesen.
31. Y porque la grey vivir
no podía, sin su muerte,
escogió, por buena suerte,
la muerte de cruz sufrir,
con su caridad muy fuerte.
36. Del madero de la cruz
hizo lecho muy amado,
en que el cuerpo delicado
de este buen pastor Jesus
de todo fuese rasgado.
- *2v 41. En él quiso que se abriesen
cinco fuentes perennales,
y cinco ríos caudales,
porque de sed no muriesen
sus ovejas racionales.
46. El pastor perdió la vida
por la grey, que se perdió,
y el pecho roto dejó
para que fuese guarida
del ganado, que ganó.
51. ⁽³⁾ Pues buscándome rompiste,
buen pastor, el zamarrón
de la carne, que vestiste,
y tu pecho y corazón
para mi guarida abriste,

(3) — Cf. VV. 51-05 e II, VV. 56 em diante. Cf V. 56 e V. V.153

56. gáname, que me perdí.
 (¡ Y tú perdiste la vida
 por me dar la vida a mí !)
 Yo soy la oveja perdida,
 que de tí siempre huí . . .

61. Haz que yo muera por ti,
 ¡ oh pastor muy amoroso !
 pues tú, siendo tan hermoso,
 mueres, por amor de mí,
 con tormento tan penoso.

O menino nascido ao pecador ⁽²⁾ :

- *2v 1. *Yo nací porque tú mueras,
porque vivas moriré,
porque rías lloraré,
y espero porque esperas,
porque ganes perderé.*
6. Por tu amor soy niño tierno,
¡y tu vida es el pecar!
Mira que, para escapar
de la muerte del infierno,
la muerte debes buscar.
- *3 11. Muere a ti, sin más tardar,
porque a mí vivas de veras,
porque, si bien consideras,
en este pobre lugar
yo nací porque tú mueras.
16. La carne que me vestí
pasará muy cruda muerte,
porque deseo tenerte
siempre vivo par de mí,
preso con amor muy fuerte.
21. Esta vida y buena suerte
es de caridad y fe.
Mira a cuanto me obligué,
que por vivo poseerte,
porque vivas, moriré.

(1) — I^o, II e III. Cf NP. § 8.

(2) — Subtítulo dado à vista dos VV. 56-110. Cf. I^o, XXXII e LXXXIII.

26. Si me ves estar llorando,
lloro porque tú no llores,
porque tus gustos y amores
ya te están aparejando
tristes llantos y dolores.
31. Porque escapes de temblores,
tiemblo ahora, y temblaré
cuando sangre sudaré,
y en la cruz, con mil dolores,
porque rias, lloraré.
36. Desespero de hallar
descanso sino en un palo,
y tú, siendo todo malo,
¡ esperas de te salvar
viviendo en todo regalo !
41. Vesme entre bestias estar,
¡ y eres peor que fieras !
Pecando de mil maneras,
¿ qué puedo de ti esperar ?
Desespero porque esperas.
46. Tú has el cielo perdido
y los infiernos ganado.
Yo, en pajas acostado,
¡ estoy tan empobrecido,
abatido y humillado !
51. Por perdido reputado
de todo el mundo seré.
Mas porque determiné
que seas rico y honrado,
porque ganes, perderé.

O pecador ao menino nascido :

- *3v 56. *Tú naces, ¡ y yo no muero !
No vivo, ¡ y tú morirás,
niño, príncipe de paz !
Digo que ser tuyo quiero . . .
¡ No sé qué te diga más !*
61. Este nuevo nacimiento
es para que muera yo
al pecado, que me dió
vida, con que descontento
al Señor, que me creó.
66. Tanto consigo me ato,
que en él siempre vivir quiero.
Y aunque niño verdadero,
¡ oh mi Dios ! te veo yo.
Tú naces, ¡ y yo no muero !
71. No muero, porque mi vida
es hacer mi voluntad.
Mas, en hecho de verdad,
no vivo, porque es perdida,
si no amo tu bondad.
76. Mas tú, con tu caridad,
tales extremos harás,
que por mí padecerás.
Y yo, amando la maldad,
no vivo, ¡ y tú morirás !
81. Siempre anda batallando
la carne con la razón.
Pero vence la pasión . . .
Así, miserable, ando
sin paz, ni consolación.

86. Mas tu gracia y bendición
puede en todo mucho más.
Y pues, niño, te me das,
¡ da paz a mi corazón,
niño, príncipe de paz !
91. No podrá de paz gozar
quien contra sí no guerrea.
Dame luz, con que yo vea
como pueda pelear,
porque el ciego mal pelea.
- * 4 96. Si quieres que tuyo sea,
y deje el Señor primero,
para que así, todo entero,
a ti, sumo bien, posea,
digo que ser tuyo quiero,
101. digo que eres todo bueno,
digo que eres creador,
digo que eres redentor,
digo que eres de amor lleno,
digo que eres todo amor,
106. digo que eres mi Señor,
digo que muerto serás,
digo que das vida y paz,
digo que es sin fin tu honor . . .
¡No sé qué le diga más !
-

- *4 1. Pues venís a rescatarnos,
buen Señor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.
5. Descendisteis, a salvarnos,
de las alturas del cielo,
y tomasteis, sin recelo,
carne con que rescatarnos.
Pues quisisteis tanto amarnos,
buen Señor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.
- *4v 13. En la Virgen, siendo Dios,
os queréis hombre hacer,
para los hombres volver
dioses, unidos con vos.
Pues queréis a vos atarnos
con amor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.
21. Nacisteis sin corrupción,
de vuestra bendita madre,
para que nos tome el Padre,
por hijos de bendición.
Pues quisisteis procurarnos
tal honor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

(1) — Ia, IV.

— V. 4 — O sentido parece exigir "maltratarvos". A leitura do original, não admite, porém, dúvida, a menos que se entenda "pecador" sinónimo de "Satanás", cf. I, IV, VV. 4 e 260. Pode ter havido engano de cópia. A letra não é de Anchieta, cf. frs.

29. Quisisteis, circuncidado,
vuestra carne lastimar,
para en nosotros cortar
el deleite del pecado.
Pues queréis en esto darnos
tal favor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
37. Descubristeis a los Reyes
vuestra suma deidad,
porque la gentilidad
se sujete a vuestras leyes.
Pues a vos queréis llevarnos,
redentor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
45. En el templo os presentasteis,
y al juez, con tal presente,
los ojos, profundamente,
del justo furor cegasteis.
Pues así queréis quitarnos
el temor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
53. A Egipto vais huyendo,
porque vuestra fe y amor
su divina luz y ardor
vaya luego descubriendo.
Pues queréis así alúmbrenos
resplandor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
61. Vuestra madre muy querida
os perdió en Jerusalén,
porque halléis ¡ oh, sumo bien !
la oveja que era perdida.
Pues así queréis buscarnos,
buen pastor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*

69.

A José, con vuestra madre,
fuisteis siempre muy sujeto,
porque, por vuestro respeto,
sirvamos a vuestro Padre.

Pues queréis ejemplo darnos,
servidor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*

*5

77.

Sin mancha de algún pecado,
os quisisteis bautizar,
para después se limpiar
las mancillas del ganado.

Pues así queréis mudarnos
la color,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*

85.

En el desierto ayunáis
entre fieras, muy contento,
porque quedéis más hambriento,
para que nos engulláis.

Pues así queréis tragarnos,
tragador,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*

93.

Predicasteis tal doctrina,
con que todo pecador
llegue, con temor y amor,
a ver la cara divina.

Pues quisisteis enseñarnos,
buen doctor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*

101.

Para que siempre os amemos,
muy grande amor nos tuvisteis,
y vuestro cuerpo nos disteis,
que a cada día comemos.

Pues queréis de vos hartarnos
con dulzor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*

109. Ante el sumo Padre orasteis,
entrando en vuestra pasión,
y con gran tribulación,
copiosa sangre sudasteis.
Pues oráis por ayudarnos,
con ardor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
117. A Anás y Caifás atado,
os presentan los sayones.
Ellos os dan bofetones,
y de Pedro sois negado.
Pues tal sufrís por librarnos,
sin rencor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
125. Herodes burla de vos,
con ropa blanca vestido,
y por bobo sois tenido,
no por hombre, ni por Dios.
Pues así queréis mostrarnos
lo mejor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
133. Vuestra divina persona
con azotes es rasgada,
y en vuestra cabeza, trenzada
de espinos, una corona.
Pues quisisteis coronaros
con tal flor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
- *5v 141. Vuestros azotes y espinas,
que vuestros miembros rasgaron,
todas las culpas pagaron,
de nuestras almas mezquinas.
Pues así queréis pagarnos
nuestro error,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*

149. Al Calvario camináis,
con la cruz pesada a cuestras.
Estas son las tristes fiestas
que en el pecador halláis.
Pues carga queréis echarnos
la menor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
157. Pies y manos, en la cruz,
os enclavan cruelmente,
y morís, siendo inocente,
por mis culpas, ¡ buen Jesús !
Pues queréis así enclavarnos
con temor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
165. Pedís agua, y danos hiel.
Mas con la sed, que sentís,
de salvarnos, recibís
este jarabe cruel.
Pues bebéis, por aduizarnos,
amargor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
173. Vuestra madre consoláis,
por sus hijos nos dejando,
y al Padre vuestra alma dando,
con gran dolor expiráis.
Pues pasáis, por aliviarnos,
tal dolor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
181. La carne de vuestro lado,
con cruel lanza es abierta,
y del cielo abris la puerta
cerrada por el pecado.
Pues queréis allá ensalzarnos,
con loor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*

189. Vuestra sangre preciosa
disteis por nuestro rescate,
y con muerte disteis mate
a la sierpe ponzoñosa.
Pues derramáis, por sanarnos,
tal licor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
197. La sentencia estaba dada,
contra nosotros, de muerte,
mas por vos, benigno y fuerte,
con clemencia fué mudada.
Y pues quisisteis juzgarnos
sin furor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
- * 6 205. Las injurias, que pasasteis,
a nosotros fueron gloria,
y ganásteisnos victoria,
cuando vencido quedasteis.
Pues sufristeis, por honrarnos,
deshonor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
213. Cuando la muerte abrazasteis
de la temerosa cruz,
luego al punto, buen Jesús,
a la vida nos tornasteis.
Pues quisisteis tanto amarnos,
amador,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
221. Llevan a la sepultura
vuestro cuerpo embalsamado,
y con él queda enterrado
nuestro mal y desventura.
Pues así queréis tirarnos
lo peor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*

229. Resucita, al tercer día,
vuestro cuerpo ya inmortal,
y dais vida al desleal,
que la culpa muerto había.
Pues queréis resucitarnos,
vencedor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
237. Sobre el cielo levantasteis
vuestra santa humanidad,
y nuestra cautividad
cautiva con vos llevasteis.
Pues con vos queréis sentarnos,
gran Señor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
245. Con las lenguas, que enviasteis
del cielo, como de fuego,
disteis lumbré al mundo ciego,
y la gracia confirmasteis.
Pues quisisteis enviarnos
tal calor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
253. Volveréis, juez muy fuerte,
y daréis, por despedida,
al bueno, sin muerte vida,
al malo, muerte sin muerte.
Para del todo librarnos
del furor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*
-

- *6v 1. No sabe al que dolerse entristecida,
la madre piadosa desconsolada,
viendo ya desfallecerse su dulce vida,
con figura lastimosa y afeada.
5. Con suspiros dolorosos sollozando,
miraba su amor, Jesús, que se moría,
y con ojos lagrimosos lamentando,
a la muy penosa cruz, triste, decía :
9. “¡ Oh cruz áspera ! ¡ Oh madero descomedido !
¿ Por qué matas, sin razón, al inocente
y mansísimo cordero, de Dios ungido,
con tormentos y pasión, tan cruelmente ?
13. ¡ Oh hijo de mi dolor, mi Benoní !
Rásgaseme el corazón en ver dolerte.
¡ Quién me diera, mi amor, que agora, por ti,
yo sufriese tu aflicción y cruda muerte !
- *7 17. Si los brazos de la cruz te dan tormento,
¡ oh mi bien y mi solaz tan regalado !
vente a mí, dulce Jesús, si te contento,
que en los míos morirás más descansado.”
21. El hijo, sus dulces ojos ensangrentados,
a la madre, con dolor, triste volviendo,
“Cesen”, dice, “tus enojos y cuidados,
que vencido del amor estoy muriendo.

(1) — I^a, V.

25. Si te mueres de pesar en ver mi muerte,
mira que mi pena crece en ver tu pena.
No te quieras afligir con mal tan fuerte,
que yo solo he de pagar por culpa ajena.
29. Bástate que me crié a tu dulce pecho,
saliendo de tu conclave nunca abierto.
Déjame agora morir en este lecho,
que a tus brazos tornaré después de muerto."
33. Alma mía, si no sientes el agonía
de la madre y de tu Dios crucificado,
¿qué será, ¡triste de ti! el postrer día,
pues que mueren hoy los dos, por tu pecado?
- * * *
- *7v 37. Llegado el fin de sus penas y dolores,
la cabeza inclinó para la madre.
Agotadas ya las venas de sus licores,
con gran voz, el alma dió al sumo Padre.
41. Ya recibe en su regazo el cuerpo santo,
y con lágrimas lo regó la madre pía.
Y apretado entre sus brazos, con grave llanto,
dulces besos en sus llagas imprimía.
45. "¡ Oh amor de mis entrañas !", le decía.
"¿ Qué es de vuestra gran belleza y compostura ?
¿ Quién, con penas tan extrañas, ¡ oh gloria mía !,
afeó vuestra lindeza y hermosura ?
49. ¿ Qué calor ha sido aquél, tan sin medida,
que os hizo tan marchito, lirio divino ?
¡ Oh cabeza imperial, fuente de vida !
esta corona cruel, ¿ dónde os vino ?

53. De vinagre y triste hiel veo abrevada
vuestra boca, a que mi leche dió gran dulzura,
¡ oh divina suavidad, tan mal gustada !
¿ Quién hechó en panal de miel tal amargura ?

*8 57. Vuestras manos, pies y lado están hendidos,
hechos fuentes de salud a pecadores.
Vuestros delicados miembros, tan mal heridos,
que todo sois un traslado de dolores.

61. ¿ Quién así os destempló, salterio mío,
que las cuerdas de mi pecho ha destemplado ?
Pues fuerza de amor causó tal desvarío,
no dejéis mi corazón desconsolado.

65. No me habla vuestra lengua, Verbo del Padre,
no me miran vuestros ojos, ¡ oh luz del cielo !
¿ Cómo dejáis en tal mengua a vuestra madre,
sin amparo, sin tutor y sin consuelo ?

69. Si queréis dar refrigerio a mis enojos,
con morir se acabará mi gran fatiga.
Pues os vieran expirar mis tristes ojos,
dadme licencia, mi Dios, que muerta os siga.

73. Y si no, llevad con vos al monumento,
mi llagado corazón, de penas lleno.
No se aparte vuestro amor sólo un momento,
que mi alma os guardará dentro en su seno.

O Autor :

*8v 77. ¡ Oh corazón maternal, por culpa mía
con cuchillo de dolor todo rasgado,
curad mi llaga mortal, con mano pía,
y seréis, sanando yo, refocilado !

- *12 1. Mil suspiros dió María
 por se estar Jesús finando.
 ¡ Quién con él fuera expirando,
 pues muere la vida mía !
5. Tan grandes suspiros dió,
 que los cielos lo sintieron,
 y luego se entristecieron
 con el sol, que se eclipsó.
9. Mas viendo, la madre pía,
 su hijo estarse finando,
 "*¡ Quién con él fuera expirando !*",
 con mil suspiros decía.
13. Pues la vida mo llevó,
 con él morirme quisiera,
 y muriendo con él, fuera
 más viva que muerta yo.
- *12v 17. ¡ Oh qué terrible agonía
 de Dios, que se está finando !
 ¡ Quién con él fuera expirando,
 pues muere la vida mía !
21. ¿ Cómo puedo yo vivir,
 pues que se muere mi vida ?
 Y, con muerte tan sentida,
 ¿ como vivo sin morir ?

(1) — 1^a, VIII. Composição irregular, cf. NP, (5).

—V. 13 — *mo* = *melo*, confusão de línguas. Cf. B 35, —V. 423.

25.

Mi Jesús, ¡ qué el luz del día
con muerte se va apagando !
¡ *Quién con él fuera expirando*
y muriendo, viviría !

- *12v 1. Venid a suspirar con Iesu amado,
los que queréis gozar de sus amores,
pues muere por dar vida a pecadores.
4. Tendido está en la cruz, corriendo sangre,
sus santas llagas hechas limpios baños,
con que se da remedio a nuestros daños.
- *13 7. Venid, que el buen pastor ya dió su vida,
con que libró de muerte su ganado,
y dale de beber a su costado.
-

(1) — Ps. IX.

(Cantiga)

- *13 1. — Iesú, buen pastor,
¡ cómo andáis penado !
— *Ando maltratado,*
por te dar mi amor.
5. — Andáis pensativo,
Jesús, pastor bueno,
de cuidados lleno,
más muerto que vivo.
9. — Híceme cautivo,
siendo sumo Señor.
Ando maltratado,
por te dar mi amor.
13. — De piel de cordero
os veo cubierto,
en este desierto,
al pié de un madero.
17. ¡ Oh Iesú ovejero !
¿ Quién os ha mudado ?
— El amor, que me da cuidado,
de te dar mi amor.
21. Es un mal tan fuerte
el amor que tengo,
que, de grado, vengo
a sufrir la muerte.

(1) — I^a, X. Cf. NP, (5).

25.

¡ Oh dichosa suerte
la de mi ganado !
Pues, por el, soy crucificado
por le dar mi amor.

- *13 1. ¡ Oh Dios infinito,
por nos humanado,
véoos tan chiquito
que estoy espantado !
- *13v 5. Estáis encerrado
en lugar estrecho,
porque en nuestro pecho
queréis ser guardado.
9. Hame enamorado
vuestra gracia y nombre,
pues os come el hombre
de un solo bocado.
13. Sois "Jesús" llamado,
perennal hartura,
vida y hermosura
y pan consagrado.
17. Esto ha inventado,
¡ oh Iesú benigno !
vuestro amor divino,
de amor forzado.
21. Pues sois estrechado
con tan grande aprieto,
¿ quién, con tal secreto,
no será espantado ?

(1) — 1ª. XI. Mira é uma vila de Portugal, no Douro, frequentada por romarias, especialmente a de São Tomé, em 24-25 de julho. A poesia não é, entretanto, dedicada a São Tomé, nem a ele se refere. É uma espécie de hino ao Santíssimo Sacramento, muito comparável a A 1. Talvez o título indicasse apenas a data da representação, cf. 1ª, XXVI, XXXII, XLI, LIII, LVIII. As poesias B 9 e B 10, seguintes, trazem, no original, o título "Outra", fazendo supor idêntica destinação.

25. Pan y vino veo,
gusto pan y vino,
mas, sin desatino,
otra cosa creo.
29. Por eso peleo
contra mi sentido,
porque lo comido
es Dios, que no veo.
33. Sólo en él empleo
la fe, con que vivo.
Hágome cautivo,
sin ver lo que creo.
37. De éste me proveo
para mi camino.
Este pan divino
harta mi deseo.
-

- *14 1. Quién murió por darnos vida,
muchas veces me llamó,
mas yo díjole de *¡ no, no, no, no, no !*
4. Díjome que no pecase,
pues por me salvar murió,
mas yo díjole de *¡ no, no, no, no !*
7. Estar siempre en el pecado,
por vida lo tengo yo,
no puedo dejar *¡ no, no, no, no, no !*
10. A la hora de la muerte,
llamé a Dios, que me llamó,
no me quiso hablar ¡ no, no, no, no, no !
13. Pregunté a mi conciencia
si podré salvarme yo,
ella dijo que ya *¡ no, no, no, no, no !*
16. Quién pecó tan sin vergüenza,
contra Dios, que lo creó,
que no tenga vida *¡ no, no, no, no, no !*
- *14v 19. Al que "¡ no !" siempre decía,
al que siempre le llamó,
que también le diga *¡ no, no, no, no, no !*

(1) — P., XII. Cl. B 8. (1).

¿ QUIÉN VERÁ AL PASTOR? ⁽¹⁾

- *14v 1. ¿ Quién verá al pastor
 vestido de fiesta,
 su zamarra puesta ?
 — *Verálo la pastora.*
5. ¿ Quién verá al pastor
 que vino del cielo
 vestido de amor ?
 Tendido en el suelo
 por nuestro consuelo,
 se vistió de fiesta,
 su zamarra puesta . . .
12. En tanta pobreza
 lo vió la pastora,
 que de frío llora
 la suma riqueza.
 Mas con la bajeza,
 haze grande fiesta,
 su zamarra puesta . . .
19. Porque las ovejas
 oyesen mejor
 la voz del pastor,
 ya no por semejas
 hizo, de pelejas,
 zamarrón de fiesta,
 lindo y muy apuesta,
 su zamarra puesta . . .

(1) — I*, XIII. Deve ter-se destinado a um dia 1.º de janeiro (cf. VV. 76-77).

27. Yo lo vi nacido,
por nos dar perdón,
con un zamarrón
de carne vestido.
De amor vencido,
se vistió de fiesta,
su zamarra puesta . . .
- *15 34. Su madre le ha dado
capotín de grana ;
sale, de somana,
blanco y colorado.
Huélgase el ganado
viéndolo de fiesta,
su zamarra puesta . . .
41. Envuélvele en paños
como pobrecico,
mas él, como físico,
quita nuestros daños,
danos buenos años
y día de fiesta,
su zamarra puesta . . .
48. Su camisa blanca,
de lino tejida,
será bien curtida
como fina holanda.
Su padre le manda
que salga de fiesta,
su zamarra puesta . . .
55. Zapatos de cuero
le quiso calzar,
para predicar
paz, como cordero.
Todo placentero,
se vistió de fiesta,
su zamarra puesta . . .

62. Dale de mamar
la pastora y madre.
Así dice el padre
que le han de criar.
Con tan buen manjar,
hace grande fiesta,
su zamarra puesta . . .

69. El cielo le adora
de carne vestido,
al pastor nacido
hijo de pastora.
Aunque el niño llora,
hace grande fiesta,
su zamarra puesta . . .

76. Hoy sale herido
y circuncidado,
mas "Jesús" llamado,
"Salvador" nacido.
Con tal apellido,
hace grande fiesta,
su zamarra puesta . . .

83. "Jesu medianero"
le ponen por nombre,
porque es Dios y hombre,
león y cordero.
Parece ovejero,
que sale de fiesta,
su zamarra puesta . . .

*15v

90. Después de crecido
le darán sombrero,
por el carnicero
de espinos tejido.
Agora nacido,
hace grande fiesta,
su zamarra puesta . . .

97.

Para dar guarida
a todo el ganado,
tomará cayado
al fin de la vida.

Con ropa teñida
y la cruz a cuestras,
su zamarra puesta . . .
Verálo la pastora.

- *18 1. Pues paristeis a Dios vivo,
virgen madre galilea,
 ¡ enhorabuena sea !
4. En Nazareth concebisteis,
flor de toda Galilea.
 ¡ Enhorabuena sea !
7. Quien no cabe en todo el mundo,
todo en vos, Virgen, se emplea.
 ¡ Enhorabuena sea !
10. En Belén, Virgen, paristeis,
noble ciudad de Judea.
 ¡ Enhorabuena sea !
13. El que mueve todo el mundo,
toma en sí nuestra pelea.
 ¡ Enhorabuena sea !
16. ¡ Oh bendito tal caudillo,
que por nos tán bién guerrea !
 ¡ Enhorabuena sea !
19. Vístese de nuestro traje,
por nos dar leal librea.
 ¡ Enhorabuena sea !
22. Por nos dar su hermosura,
toma nuestra carne fea.
 ¡ Enhorabuena sea !

(1) — P. XVIII. Espéole de ladainha, cujo refrão seria, talvez, cantado.

25. Mas, nacido de vos, Virgen,
nuestra vida hermosea.
¡ Enhorabuena sea !
28. Por vestirnos de su gloria,
vistióse de vil librea.
¡ Enhorabuena sea !
31. Por librar a los cautivos,
de prisiones se rodea.
¡ Enhorabuena sea !
34. Como diestro bombardero,
que su espera bien bornea,
(¡ Enhorabuena sea !)
37. en los pechos de su padre,
todos los tiros emplea.
¡ Enhorabuena sea !
40. ¡ Oh qué águila divina,
que tán bién toma la prea !
¡ Enhorabuena sea !
43. Plega a él, por su clemencia,
que mi alma suya sea.
¡ Enhorabuena sea !
46. Y con vos, señora mía,
yo su rostro santo vea.
¡ Enhorabuena sea !
-

- *18v 1. El que muere en el pecado,
sin arrepentirse de él,
este tal, es excusado
campanas doblar por él.
5. Mancebiño rozagante,
por las calles se pasea,
y todo el pueblo rodea,
mirando atrás y delante.
La muerte, con su montante,
da, de súbito, con él.
Este tal, es excusado
campanas doblar por él.
13. Embebido en su señora,
a quien ama, el desdichado,
mil veces, en el pecado,
se deleita cada hora.
Viene la muerte traidora,
con su espada y broquel . . .
Este tal, es excusado
campanas doblar por él.
21. Él siempre vive riendo,
en deleites embebido.
Allí tiene su sentido,
mil pecados cometiendo.
Entra la muerte corriendo,
a llevarlo de tropel.
Este tal, es excusado
campanas doblar por él.

(1) — I^a, XIX.

29. Piensa el loco en el pecado
vivir mucho a su placer,
holgar, comer y beber,
y pecar muy descansado.
Dale la muerte un bocado
más amargo que la hiel.
*Este tal, es excusado
campanas doblar por él.*
37. Ni cuaresma, ni carnal
deja sus deleitaciones.
Ni le bastan confesiones,
para salirse del mal.
Mas la sentencia final,
en el fuego da con él.
*Este tal, es excusado
campanas doblar por él.*
45. Si le hablas en el cielo,
para donde fué creado,
él dice que en el pecado
tiene todo su consuelo.
Si de sí no tiene duelo,
¿quién tendrá memoria de él,
*para le doblar campanas,
ni salmos rezar por él?*
- *19 53. Si le dices que se enmiende
por Iesú y sus dolores,
él dice que andar de amores
es mejor. Y en éso entiende...
El Señor, a quien ofende,
tal venganza toma de él,
*que, de todo, es excusado,
doblar, ni rezar por él.*

61. Como la mujer sin cura,
que vive en la mancebía,
pasa el malo, noche y día,
con la carne y su blandura.
Merece su vida impura
que se muera en el burdel.
*Este tal, es excusado,
campanas doblar por él.*
69. Anda ya tan estragado
como cesto todo roto.
Al diablo ha hecho voto
de estar siempre amancebado.
Con él ha capitulado
de le ser siervo fiel.
*Este tal, es excusado
campanas doblar por él.*
77. No puede dormir contento,
si primero no pecó.
Al diablo se entregó,
con firme conocimiento.
Hale hecho juramento
de le ser siervo fiel.
*Yo te juro que ¡ es de balde
responsos rezar por él !*
-

- cedros
- | | | |
|------|-----|---|
| * 19 | 1. | Tras del río de los cedros,
el buen Jesús se salía,
con pavor y gran tristeza,
a orar, como soler hacía,
<i>en el huerto.</i> |
| | 6. | Postrado sobre su rostro,
ante el Padre se ponía.
Con suspiros entrañables,
estas palabras le decía
<i>en el huerto.</i> |
| * 20 | 11. | "Padre mío, si mi muerte
excusar no se podía,
hágase perfectamente
tu voluntad, y no la mía,
<i>en el huerto.</i> |
| | 16. | Orando prolijamente,
puesto en mortal agonía,
sudaba gotas de sangre,
que hasta la tierra, de él corría,
<i>en el huerto.</i> |
| | 21. | Mis grandes males son éstos,
¡oh buen Jesús, vida mía!
que te hacen sudar sangre,
y causan tal agonía,
<i>en el huerto.</i> |

(1) — I^a, XX. Repete-se, com pequenas variantes, em I^a, XXXIX, cf. -VV. 6, 9, 32, 37, 41, 44 e 47.
 -V. 6 — sobre, I^a, XXXIX, ante.
 -V. 9 — le decia, I^a, XXXIX, decia.

26. En angustia tan extraña,
que al Señor cercado había,
éñtrase el traidor de Judas,
con su infernal compañía,
en el huerto.
31. Prenden al manso cordero,
que recibirlos salía.
Una soga a la garganta,
el cruel sayon le ponía,
en el huerto.
36. Escupen su santa cara,
que en el cielo es alegría.
Atan sus sagradas manos,
con que el cielo formado había,
en el huerto.
41. Al Verbo del Padre eterno,
hijo de la Virgen pía,
de coces y bofetones
cada cual lleva porfía,
en el huerto.
46. Así pagas tú, sin culpa,
buen Iesú, la culpa mía,
y la que el primer padre
comitió, con gran osadía,
en el huerto.
-

-V. 32 — *que recibirlos, 1º, XXXIX, que a recibirlos.*

-V. 37 — *en el, 1º, XXXIX, del*

-V. 41 — *Padre eterno, 1º, XXXIX, sumo Padre.*

-V. 44 — *lleva, 1º, XXXIX, le daba a.*

-V. 47 — *Iesú, 1º, XXXIX, Jesús.*

- *29v 1. Desterróse el rey del cielo,
de su celestial morada,
por el grande amor y celo
de la Iglesia, su amada.
5. Treinta y tres años de vida,
por su amor tuvo por nada,
sufriendo, por despedida,
cruel muerte y deshonorada.
9. Antes de la cruda muerte,
viéndola desconsolada,
le habló, con pecho fuerte,
como a dulce enamorada :
13. "No sientas mi partida.
Mas antes, si me tienes en tu pecho,
y estás conmigo unida
con amor muy estrecho,
alégrate, que al Padre voy derecho.
18. No cause mi ausencia
algun olvido en ti, que si no quedo
contigo, por presencia,
mi cuerpo te concedo
que tengas hasta el fin, sin ningún miedo.
- *30 23. Esposa muy querida,
yo solo quiero ser de ti amado,
pues muero, por tu vida,
y soy crucificado
para te dar, sin fin, glorioso estado".

(1) — Ia, XXX.

28.

Respondió la esposa amada :
"Yo juro, divino esposo,
que todo mi ser y gozo
será ser yo tu morada."

*38v

1.

*¿Qué se podía pegar
a tal hijo, de tal madre,
y a tal hija, de tal padre?*

Del hijo

4.

A él, de ella se pegó
carne, para se abajar,
porque el más bajo lugar
ella para sí tomó.

8.

Hoy nació
tan chiquito, y no curó
de la alteza,
que por su naturaleza,
de su padre heredó.

13.

De aquí vino
que, con grande desatino,
del amor de la bajeza,
hoy apoca su grandeza,
por mostrarnos el camino
de la humildad y pobreza.

19.

Hoy, niño
le vemos, tan pequeño
que se envuelve en una faja,
y duerme en pesebre y paja,
y después, muy más chiquito,
estará en una migaja.

(1) — I^a, XXXV. Destinada ao Natal (Cf. V. 10 e segs.).

25. Ella, ehica,
tan humilde y pobreica,
puso al hijo en tal andar,
que se quisiese estrechar,
y en una sola gotica
de vino todo encerrar.

31. ¿Qué más se pudo apretar
el Verbo del sumo Padre?
Juzga, si sabes juzgar:
*¿qué se podía pegar
a tal hijo, de tal madre?*

*39

Dela madre

36. Ésta, del hijo, que es Dios,
heredó tal dignidad,
que es fuente de piedad,
derramada sobre nos,
y espejo de su bondad.

41. La grandeza
de su virginal pureza
todo sobra.
¿Quién pensó de ver tal obra,
como aquesta,
por la cual la vida honesta,
que era perdida, se cobra?

48. Sus virtudes soberanas
a ella se le pegaron,
de manera que sobraron
todas las fuerzas humanas,
y los ángeles pasaron.

53. Ella es pura,
 más que toda criatura.
 Es menor
 en sus ojos, mas mayor
 ante aquel
 que hizo de ella vergel
 de su mismo Creador.
60. De ser madre de él que da
 a todas las cosas ser,
 se le pegó tal poder,
 que todo cuanto querrá
 ha su hijo de hacer.
65. Si loor
 le queréis dar, y valor
 que le cuadre,
 es hija, virgen y madre
 singular.
70. *¿Qué se podía pegar
 a tal hija, de tal padre?*
-

- *41 1. Recemos, Ruben, la prima
 en loor
 de la madre del pastor.
4. Esta Virgen, yo barrunto
 ser la prima
 con que el canto y contrapunto
 sube acima.
 Si la tienes en estima,
 sentirás el dulce amor
 de la madre del pastor.
11. Es por Eva, la primera,
 destemplada
 la canción, que de Dios fuera
 compasada.
 Mas será bien concertada
 por el virginal tenor
 de la madre del pastor.
- *41v 18. Nuestra prima y nuestra hermana
 es María,
 que cubrió, con nuestra lana,
 al Mesía.
 Fué tan dulce el armonía
 de su virginal primor,
 que de Dios hizo pastor.

⁽¹⁾ — J^o, XXXVIII.
-V. 22 — *Ia (arc.)

*53v 1. *Patre, rogaui pro te patrem, ut
non deficiat fides tua.*

3. *Cristo* — Pedro, di ¿qué has perdido?
Pedro — Lo que luego hallaré.
Cristo — ¿Perdiste, quizá, la fe?
Pedro — No, que con todo sentido,
 por guardarla, trabajé.

8. *Cristo* — ¿Quién te dió fuerza y valor,
con que la fe no perdiste?
Pedro — Tú, Señor, que me quisiste
dar tu gracia y fuerte amor,
con el cual me preveniste.

13. *Cristo* — ¿Cómo así? ¿Tú no podrías,
sin éso, creer en mí?
Pedro — No, Señor, que si creí,
fué porque tú me hacías
que creyese sólo en ti.

*54 18. *Cristo* — Porque, sin ti, ni pensar
yo podría cosa buena.
Según dices, ¿ es ajena
la fe, que te quise dar,
de balde, con mano llena?

(1) — R. XII.

-V. 2 — Conta Simão de Vasconcelos (VJA, 118-119) que certo sacerdote, tentado por uma doente maliciosa, encontrou na sacristia a P. Anchieta, que o surpreendeu dizendo-lhe: "*Pater, ego rogavi pro te, ut non deficeret fides tua*" (Padre, orei por ti para que te não faltasse a fé). Esse padre seria o P. Pero Dias, a que se refere este diálogo, diferente do Pero Dias mártir, a que se refere a poesia B 28, mas dá esta a impressão de uma *contaminatio* entre a falta, que teria cometido o sacerdote tentado e o heroísmo do mártir de 1571, cf. B 28. A ser exata a relação entre esta peça e a citação de Simão de Vasconcelos, seria ela posterior a 1593 e escrita no Espírito Santo.

23. *Pedro* — Confieso que tuya es,
y de esa verdad no huyo,
mas yo te pregunto ¿cúyo
es lo que me das, después
que haces mío lo tuyo?
28. *Cristo* — Tuyo es, pues te lo doy.
Pedro — Mas dime: ¿tú, cúyo eres?
Pues que todo darme quieres,
sin duda que tuyo soy,
con todo cuánto me dieres.
33. *Cristo* — Dices bien, mas dime más:
Pedro — el "Pedro", ¿quién te lo dió?
Tu poder, que me creó,
y, como piedra, me da
la fuerza que tengo yo.
- *54v 38. Porque de mí, nada tengo,
Cristo — si no siempre desmayar.
Por eso quise rogar
a mi padre, de quien vengo,
para tu fe no faltar,
43. que de mí, que piedra soy,
Pedro — te viene ser "Pedro" fuerte.
Muy dichosa fué mi suerte,
pues, por tus pisadas, voy
hasta pasar cruda muerte.
48. *Cristo* — ¿Cómo viste mis pasadas
Pedro — para por ellas andar?
Con tu luz muy singular,
con que fueron alumbradas
las mías, para acertar.
53. Porque el hombre, que camina
Cristo — encuan-to la luz le dura,
no ofende en la noche oscura.
Por mi caridad divina,
has tenido tal ventura.

58. *Pedro* — Por eso te quise dar
el sobrenombre de "Días".
Yo lo creo, sin dudar,
que las noches eran más,
en que solía pecar.
- *55 63. Mas esclareciendo el día
que tú eres, vime a mí,
y sin más tardar, perdí
la vida, con alegría,
viéndote morir a ti.
68. *Cristo* — ¿Cómo dices? ¿Que es perdida
la vida, que no tenías,
cuando en pecado vivías?
Pedro — Yo tenía la por vida,
aunque tú lo prohibías.
73. Mas esa vida dejé,
que, de verdad, era muerte,
cuando tu muerte miré
con la luz de gracia y fe,
que me dió tu mano fuerte.
78. *Cristo* — Esa pérdida te dió
la verdadera ganancia
de la vida, que soy yo.
Pedro — Señor, toda mi substancia
de tu espíritu nació,
83. que es la gracia interior,
que lo más son accidentes
del mundo, falso traidor.
*55v *Cristo* — Ése da pena y dolor
eternal a sus sirvientes.
88. Mas cuando al mundo moriste,
Pedro — se comenzó tu vivir.
Sí, que tu vida seguir,
es la vida que me diste,
para nunca más morir.

93. *Cristo* — Y por ésta no perder,
di la vida terrenal . . .
Con la gracia divinal,
que te quise conceder,
para hallar la celestial.
98. *Pedro* — Esa bienaventuranza
ha mi ánima hallado.
Cristo — Pues, ¿de qué estás aquejado?
Pedro — Esperando la mudanza
de mi cuerpo estoqueado.
103. *Cristo* — Y ¿cuándo será mudado?
Pedro — Cuando, en el postrero día,
con eternal alegría,
ha de ser resucitado
de ti, ¡Dios y vida mía!
- * 56 108. *Cristo* — Ya me tienes respondido
a lo que te pregunté,
mas no digas "hallaré
lo que tenía perdido".
Antes di: "Ya lo hallé".
113. Porque por la mala vida
que tú perdiste por mí,
vida de gracia te di,
y tu alma esclarecida
tiene vida eterna en sí.
118. *Pedro* — ¿Y la vida, que perdió
mi cuerpo, con fiera espada?
Cristo — Haz cuenta que ya es hallada
y que ya resucitó,
pues será resucitada.
123. *Pedro* — Pues digo que ya hallé
lo que perdido tenía.
Cristo — Por eso te llamaré
clara luz y fuerte fe,
fuerte Pedro y claro día.

- *56v 1. *Quiso Dios que diese vida
al enemigo francés,
la muerte del portugués.*
4. Con la Virgen en tu mano,
¡ oh Ignacio, varón fuerte !
peleaste de tal suerte,
que del hereje tirano
triunfaste con tu muerte.
9. Recibiste, sin moverte,
cruel y mortal herida,
y con tal victoria habida,
a ti, tu sangrienta muerte
quiso Dios que diese vida.
14. Jaques Sória te mató,
francés y cruel ladrón,
mas tu vida y tu pasión
creemos que le alcanzó
verdadera contrición.
19. A la fe de corazón
se redujo, en la vejez,
porque tú, con oración,
ganaste de Dios perdón
al enemigo francés.

(1) — I*, XLII. Designado visitador do Brasil, Inácio de Azevedo chegou à Bahia em 25-8-1568, voltou à Europa em 14-8-1568 e tornou com um reforço de 39 jesuítas. Atacado no mar pelo pirata francês Jaques Sória, foi trucidado com os companheiros. Sua morte é comemorada pela Igreja em 15-7. Em 1584, Fernão Cardim assistiu, em Pernambuco, à festa do martírio, com oração em verso no refeitório e outra em língua de Angola (TTGB, 327). Ao mesmo Inácio de Azevedo é dedicada a poesia B 29. As comemorações aos mártires tiveram início na Bahia em 1574 (HCJB, II, 264), o que situa esta peça em ano posterior.

*57

24.

Como tenías por guía
a Iesú crucificado,
que, a voces, perdón pedía
para el pueblo, que lo había
en el madero enclavado,

29.

le ruegas, muy inflamado,
por tu matador francés.
Él quiere, por ti aplacado,
que gane vida al culpado,
la muerte del portugués.

- *57 1. *Ovejero,
de pastor hecho guerrero,
¡ bien tocas el atambor !
— Agora toco mejor
cuando, sin quejar, me muero,
con tal fuerza de dolor.*
7. Mira bien, hermano mío,
Manoel, quien eres ayer,
y lo que veniste a ser
*57v con tal honra y señorío,
por el divino poder.
12. Su gracia te quiso hacer
buen religioso primeiro,
y en el tránsito postrero,
por su mártir te escoger,
siendo de antes *ovejero*.
17. Fuiste oveja, cuando entraste
mansamente en el corral,
y como limpio animal,
los misterios rumiaste
de la vida perennal.
22. Combatiste al infernal
y cruento carnicero,
con esfuerzo muy entero,
de la gracia divinal
de pastor hecho guerrero.

(1) — Is. XLIII. O Irmão Manoel Álvares veio na expedição de Inácio de Azevedo. Defendia-se e aos seus, valentemente, protestando sua fé em brados, que eram ouvidos ao longe. Teve o rosto retalhado e as pernas e braços quebrados. Foi atirado vivo ao mar (Cr, 95, 112).

27. Viendo los buenos cristianos,
en las ondas de la mar,
fuertemente contrastar
a los malos luteranos,
que los quieren acabar,
- *58 32. para más los esforçar
en la fe de tu Señor,
con increíble fervor,
no cesando de gritar,
bien tocas el atambor.
37. — Tocado de Dios, toqué
lo que el mundo dar podía,
y tomando por mi guía
mi pastor Jesús, entré
en su santa Compañía.
42. Padecí con alegría
tormentos por mi Señor,
y tocado, con furor,
de la herética porfía,
agora toco mejor.
47. Tocóme, con gran denuedo,
el francés ladrón profano
y corsario luterano,
quebrantándome sin miedo,
con su furiosa mano.
- *58v 52. Yo, como fiel cristiano,
más y más tormentos quiero,
y sigo, como cordero,
a Jesús, Dios soberano,
cuando, sin quejar, me muero. . .

57. Con sus crueles espadas,
 mi cara despedazaron,
 brazos y piernas quebraron,
 con escopetas pesadas.
 ¡ Ni con esto se hartaron !

62. Medio muerto me dejaron
 para doblar su furor,
 mas yo salí vencedor,
 porque en nada me doblaron
 con tal fuerza de dolor.

- *94 1. Mira el malo, con dureza,
a Jesús, como moría.
Lloraba la redondeza,
con dolor y gran tristeza . . .
¡ Y él de nada se dolía !
6. La justicia furiosa,
viendo en pena al inocente,
decía, muy rigurosa :
“ ¡ Sumo Dios omnipotente !
¿ no vengáis tan grave cosa ? ”
11. Mas la clemencia, muy pía,
del hijo de Dios, clamaba,
y al Padre perdón pedía
para aquel que lo mataba.
¡ Y él de nada se dolía !
16. El sol, con verguenza y duelo,
ver morir a Dios no pudo,
y cubrióse oscuro velo,
porque moría desnudo,
en la cruz, el rey del cielo.
- *94v 21. Toda la tierra bullía
y las piedras se quebraban.
En noche se vuelve el día.
Todas las cosas lloraban . . .
¡ Y él de nada se dolía !

(1) — Ia, XLVI. Talvez constituisse parte do festival de São Lourenço, cf. E 2 a.

26. El corazón de la madre
de dolor está oprimido,
viendo su hijo querido
ser de Dios, su eterno padre,
como puesto ya en olvido.

31. Puesto en mortal agonía,
su Señor y Dios miraba,
y viva, con él moría.
Mas el malo duro estaba,
¡y de nada se dolía!

- *94v 1. El buen Jesús me prendió,
y me dió por madre aquella
que yo moria, sin ella,
y ella vida me dió.
- *95 5. Buen Iesu, quando quisiste
darme por madre tu madre,
con amor más que de padre,
toda mi alma prendiste.
9. Tan grande amor me obligó
a servir y amar aquella
que yo moría, sin ella,
y ella vida me dió.
13. Como yo estaba sin ella,
también estaba sin ti.
Mas tú, dándomela a mí,
también te diste con ella.
17. Tu vida se remató
con me dar por madre aquella
que, siendo yo hijo de ella,
por hermano te me dió.
-

(1) — I^a, XLVII. Talvez constituisse parte do festival de São Lourenço, como as poesias XLV e XLVI, entre as
quais se encontra. Cf. E 2^a.

- *95v 1. *Los que muertos veneramos
 por su Dios,
 si no los seguimos nos,
 ¿qué ganamos?*
- *96 5. Los que las honras del mundo
 despreciaron,
 y las deshonras amaron
 de la cruz,
 éstos, con su buen Jesús,
 de la muerte triunfaron.
11. Sin ningún temor pasaron
 a la vida, que esperamos,
 en sus manos con los ramos
 del triunfo, que alcanzaron,
 los que muertos veneramos.
16. Vivieron vida del cielo,
 continuamente muriendo,
 a sí mismos persiguiendo,
 sin querer ningún consuelo,
 de los que mueren, viviendo.
21. Al tirano no temiendo,
 muy feroz,
 sufren muerte muy atroz,
 muy contentos,
 y con crueles tormentos,
 dan la vida por su Dios.

(1) — I^a, XLIX, onde se lê: "Estas se fizeram na festa do P. Inácio de Azevedo e seus companheiros", cf. B 18.

27.

Amadores de pobreza,
celosos de castidad,
paciencia con humildad
juntaron con sencillez,
obediencia y caridad.

32.

Si queremos, de verdad,
ser de Dios,
hermanos, decidme vos
si podemos
alcanzar lo que queremos
¿ si no los seguimos nos?

38.

Dejamos el mundo malo,
que cautivos nos tenía.
Venimos, con alegría,
a llevar el santo palo
de la cruz, de noche y día.

43.

Si la vida de la cruz
no tomamos,
y viviendo procuramos
de morir,
y muriendo a nos, vivir
a sólo Dios, *¿ qué ganamos?*

- *131 1. Quando la muerte quería
 combatir al rey del cielo,
 él, con mortal agonía,
 de rodillas se ponía
 con su rostro por el suelo.
6. Esta muerte no temía
 aquél fuerte, cuyo nombre
 desde niño se decía
 "Iesú Cristo, Dios y hombre",
 el mayor que ser podía.
11. Con azotes desiguales
 tiene rompida la malla
 de sus carnes virginales.
 Con cuatro llagas mortales,
 dió remate a la batalla.
16. Y por fin, de su pasión,
 con la lanzada postrera,
 se rompió su corazón,
 y luego, sin dilación,
 sangre y agua de él salieron.
- *131v 21. Por todas partes herido
 con la fuerza del combate,
 queda muerto y no vencido,
 para que su muerte mate
 la muerte del fermentido.

(1) — Ia, LV. Relacionado, talvez, com alguma solenidade de Semana Santa. Interpretação do título duvidosa, cf. NP, (38).

26. Sus cinco llagas mostrando,
que siempre abiertas tenía,
al hombre, por quien moría,
con su muerte está llamando,
que vaya en su compañía.
31. Batallando sin temor,
con el lobo carnicero,
armado sólo de amor,
al fin salió vencedor,
mas muerto como cordero.
36. La muerte queda vencida,
y Lucifer con la muerte
y la gloria prometida
al que, con ánimo fuerte,
por Jesú diere la vida.
- *132 41. Ya no siente sus dolores,
porque deja destrozadas
las fuerzas de los traidores,
y fortaleza ganada
a los flacos pecadores.
-

- *132 1. Cuando la Virgen María
quiso vencer el corsario,
que las almas destruía,
ordenó que, cada día,
se rezasse su rosario.
6. Esta corona de rosas,
junta con la buena vida,
las batallas peligrosas
lleva siempre de vencida,
y da palmas gloriosas.
11. El rosario es la espingarda,
y la pólvora el temor,
el fuego, el divino amor,
que de los peligros guarda
su devoto servidor.
- *132v 16. Las cuentas, que son pelotas,
da la madre de Iesú
a las almas, sus devotas,
con las cuales sean rotas
las armas de Belcebú.
-

(1) — 1ª, LVI. Destinada, provavelmente, à festa do Rosário (10 de outubro).

- *132v 1. ¡ Oh niña, hermosa estrella,
 lucero de nuestra vida,
 chiquita como centella,
 mas de Dios engrandecida,
 y más honrada,
 y más querida,
 sin pecado concebida !
8. Sois mayor que todo el cielo,
 ¡ y en el vientre estáis metida !
 mas cubierta con el velo
 de la gracia sin medida,
 y más honrada,
 y más querida,
 sin pecado concebida.
- *133 15. Vos, niña, sois el comienzo
 de la vida prometida,
 y pariendo a Dios inmenso,
 seréis virgen y parida,
 y más honrada,
 y más querida,
 sin pecado concebida.
-

(1) — Ia, LVII. Destinada, provavelmente, à festa da Conceição de Nossa Senhora (8 de dezembro). Cf. A 27

*133

1.

La tarde comenzaba
a perder la luz
de su lucero,
cuando el buen Jesús estaba
clamando, en un madero :
 *" ¡Hombre, enemigo mío,
 por ti muero !"*

8.

Tú, cruel enemigo,
causaste los tormentos
de que muero,
¡ y yo, fiel amigo,
tu paz y vida quiero !
 *¡ Hombre, enemigo mío,
 por ti muero !*

15.

¿ Por qué eres tan cruel
para quién es más manso
que cordero ?
¡ Y estoy bebiendo hiel
por ti, mi carnicero !
 *¡ Hombre, enemigo mío,
 por ti muero !*

22.

Las llagas tan extrañas,
con que se consolló
todo mi cuero,
declaran mis entrañas
y amor verdadero.
 *¡ Hombre, enemigo mío,
 por ti muero !*

(1) — 1ª, LVIII.

¡ Oh, duro corazón,
 más bravo que león
 y tigre fiero !
 ¿ Non tienes compasión
 de tan manso cordero ?
*¡ Hombre, enemigo mío,
 por ti muero !*

Si piensas desollarme,
 y quieres engullirme
 todo entero,
 no cures de matarme,
 que vivo darme quiero.
*¡ Hombre, enemigo mío,
 por ti muero !*

No sufre darme en partes
 el fuego de mi amor
 tan verdadero.
 Mas, para que te hartes,
 me entrego todo entero.
*¡ Hombre, enemigo mío,
 por ti muero !*

- *133v 1. Aquel que tiene por nombre
"Iesú", de la Virgen nacido,
porque no se ahogue el hombre,
en la mar anda metido,
 y bien cercado,
 y bien herido . . .
 ¡ y del hombre mal servido !
- *134 8. Cercado de nuestros males,
de los malos perseguido,
de los buenos y leales,
aunque pocos, conocido,
 y bien cercado,
 y bien herido . . .
 ¡ y del hombre mal servido !
15. Herido de amor eterno,
que a los hombres ha tenido,
por librarlos del infierno,
en la cruz está tendido,
 y bien cercado,
 y bien herido . . .
 ¡ y del hombre mal servido !
-

(1) — I^a, LIX. Cf. B 25.

- *167 1. *Si quieres firmeza y luz,
 como el Padre Pero Dias,
 sigue al Salvador Mesías.*
4. Pero Días piedra fué,
 miembro de la piedra viva
 en que el edificio estriva
 de toda la santa fe,
 que los sentidos cautiva.
9. No sea tu alma esquiva
 contra la penosa cruz
 abrazada de Jesús,
 piedra mármol y luz viva,
 si quieres firmeza y luz.
14. Si fué "Pedro" por ser piedra,
 día fué por resplandor,
 con tal gracia del Señor,
 que con él no tuvo medra
 el oscuro tentador.
19. La fuerza y luz del amor
 nacen de Iesú Mesías.
 Pues amadlo, entrañas mías,
 si queréis luz y vigor,
 como el Padre Pero Días.

(1) — P., LXVII. Pero Dias chefiava 14 jesuitas, que vinham de Portugal ao Brasil e foram mortos em 13 e 14 de setembro de 1571, pelos piratas de Capdeville. Pero Dias, morto a estocadas, foi atirado ao mar. Cf. B 17.

24. Como siguió en su vivir
a Jesús, su buen amigo,
fué de él tan fiel testigo,
que por él vino a morir
en manos del enemigo.
29. Por amigo tan antiguo,
trabaja noches y días,
que te quiere unir consigo.
Y si lo quieres contigo,
sigue al Salvador Mesías.
-

*175v

1.

*Ahogólos en la mar
el hereje, con furor.
Jesú, dulce redentor,
con esto quiso ahogar
sus pecados, con amor.*

6.

Un ejército dichoso
el sumo Dios escogió,
el cual tán bién peleó,
que, con fin muy glorioso,
con Dios, y por Dios, murió.

11.

El Jaques los condenó,
sin ellos le contrastar,
y con muerte singular,
con la sentencia, que dió,
ahogólos en la mar.

16.

¡ Oh, valientes caballeros,
que vencéis, no resistiendo,
mas cruel muerte sufriendo,
como muy mansos corderos,
por el Cordero muriendo,

(1) — 1º, LXXVIII. Os Irmãos mártires são Pero Correia, língua, e João de Sousa, cozinheiro, cuja história, contada pelo próprio Anchieta (C, 71-78) seria a seguinte: por ordem de Manoel da Nóbrega, partiram ambos, com Fabiano de Lucena, para Cananéia, onde este ficou, prosseguindo os dois Irmãos para o sul, a fim de estabelecerem paz entre tupis e carijós, perantirem a passagem para o Rio da Prata a alguns castelhanos anteriormente conduzidos por Leonardo Nunes e iniciarem a catequese dos ibitajaras. Em novembro de 1554 apareceram dois intérpretes, um espanhol e outro português. O primeiro fôra salvo da morte por jesuíta, mas o jesuíta fizera casar a moça, que vivia com êle, com um morador de São Vicente, ofensa que o espanhol não perdoou. Por isso, quando os dois missionários saíram do campo dos carijós e penetraram no sertão à procura dos ibirajaras, foram flechados. Pero Correia morreu pregando aos seus atiradores; João de Sousa ajoelhou-se e morreu louvando o Senhor pelo martírio que lhe concedia. O fato foi posterior ao Natal de 1554, e fixaria a poesia em fins de um dezembro, caso ela não tivesse sido representada, como parece, na comemoração geral dos mártires, em 15 de julho de um ano posterior a 1574. Cf. B 17.

21. su mansedumbre siguiendo,
sin temer ningún dolor,
hechos hostias de loor,
vuestras vidas consumiendo
el hereje, con furor !
26. Holocausto muy entero
fuisteis, en vuestro vivir,
holocausto en el morir,
pues todos, por el Cordero,
os dejasteis consumir.
31. En la mar pudo hundir
los cuerpos, el matador,
mas al cielo, con honor,
las almas hizo subir
Iesú, dulce redentor.
36. Él quiso ser ahogado
en la mar de su pasión,
para que nuestro pecado
en ella fuese arrojado
con copiosa redención.
41. Y si quiso que el ladrón
os diese muerte en la mar,
vuestras ánimas lavar,
y sus culpas, de rondón,
con esto quiso ahogar.
- *176 46. ¡ Oh, que terrible escuadrón,
de Dios tan bién ordenado !
por el cual fué derrocado
el satánico dragón,
y Jesús muy exaltado.
51. Mas todo bien ponderado,
fué gracia de este Señor
y benigno Salvador,
que le había perdonado
sus pecados, con amor.

- *177 1. *Lo dulce no gustará
quien no gusta del acedo,
como Ignacio de Azevedo.*
4. El exceso de amarguras,
que el buen Jesús padeció,
con amor las convirtió
en exceso de dulzuras,
con que al hombre regaló.
9. Lo uno y otro bebió
Ignacio, que muerto está,
con muerte, que vida da,
porque quien hiel no gustó,
lo dulce no gustará.
14. El trabajo, abatimiento,
dolor, muerte, acedos son.
Bebiólos, de corazón,
con excesivo contento,
Ignacio, grande varón.
19. Si quieres tal bendición,
síguelo con gran denuedo,
porque es justicia y razón,
no tenga consolación
quien no gusta del acedo.

(1) — Ia, LXXX. Cf. B 18 e 22.

24. Azevedo acedo queda,
si sacas de medio el «ve»,
porque el acedo fué
para Ignacio vino rueda,
con que se provó su fe.

29. Su amor perfecto fué,
desechando todo miedo,
pues quien tal ejemplo ve,
firme en solo Dios su pie,
como Ignacio de Azevedo.

- *177v 1. *Dos cabritas combatieron
el poderoso gigante.
Ellas pasan adelante,
y vencidas, lo vencieron.
El quedó más triunfante.*
6. Como echó, por el pecado,
Dios, al hombre, maldición,
que de guerra y tentación
viviese siempre cercado,
con dolor de corazón,
11. contra el triste, con razón,
los vicios se embravecieron,
y tan atrevidos fueron,
que al fortísimo león
dos cabritas combatieron.
16. Primero fueron cabritas
— la Niceta y Aquilina —,
mas volviolas, muy afna,
São Cristóvão, corderitas,
con la potestad divina.
21. Con la carnal golosina,
se le ponían delante,
mas, con su casta doctrina,
las sacó de tal cantina
el poderoso gigante.

(1) Ia, LXXXI. São Cristóvão, cuja festa se celebra em 25-7, converteu as pagãs Niceta e Aquilina. Cananeu, combateu contra os persas, converteu-se ao cristianismo e passou a pregar o Evangelho, na Grécia, onde converteu muitos com seu fervor e milagres. No tempo de Décio, foi encarcerado, pôsto sobre ascas em brasa, embebido em azeite e, por fim, decapitado. As duas conversas foram atormentadas e degoladas antes da morte dele. Em HCJB, II, 229, cita-se uma aldeia de São Cristóvão, no Espírito Santo; em 1689, era residência fixa dos jesuítas, dirigida pelo P. Diogo Fernandes.

26. Trocan los gustos carnales
por el divino solaz.
Curren, libres de sus males,
a los gustos celestiales
de la soberana paz.
31. No pueden esperar más.
Con deseo de su amante,
mueren, con pecho constante.
São Cristóvão queda atrás,
ellas pasan adelante.
36. En la fe bien confirmadas,
no temieron al feroz
tirano, ni muerte atroz,
de Cristóvão animadas
con su ejemplo y con su voz.
41. Primero venció las dos,
cuando en Dios, por él, creyeron.
Ellas, después, más corrieron,
antes de él muertas por Dios,
y vencidas, lo vencieron.
-

- *178 1. Criatura generada
para que en los soberanos
cielos fueses colocada,
4. véote tan olvidada
de mi singular amor,
que puedes, con gran dolor,
de ti misma ser llamada
"desdichado pecador".
9. Pecas con gran desatino,
quebrantando mi mandato,
y andas embriagado,
ensopándote en el vino
del deleite del pecado.
14. Mas eres muy espantado
del infierno tragador,
y pecando a tu sabor,
nunca vives descansado,
pues siempre tienes temor.
- *178v 19. Temes aquel sumo mal
que merecen tus maldades.
Temes las eternidades
de aquella flama infernal,
igual a tus fealdades.
24. Tiembles de las crueldades,
que mi justicia te ordena.
Temes que, si te condena,
sentirás las cualidades
infinitas de la pena.

(1) — I, LXXXII.

29. Pues temes del mal eterno,
¿por qué no dejas los males
de los pecados mortales,
que te llevan al infierno,
a las penas eternas?
34. ¿Por qué los vicios carnales
no matas, con vida buena?
Pues tanto temes la pena,
de las cuevas infernales
¿por qué haces la cadena?
- *179 39. La horca sin el cordel,
no la temen los varones,
ni espanta los corazones
la cárcel, aunque cruel,
si faltan llave y prisiones.
44. Si miras estas razones,
lo que temes has causado,
pues que haces el candado
del infierno, y los grillos,
con la soga del pecado.
49. Tu soberbia y presunción,
tu codicia insaciable,
y tu carne deleznable
en torpeza y corrupción,
ira y gula tan notable,
54. todo esto, miserable,
de que estás tan rodeado,
es herroso y gran candado,
y cadena intolerable,
con la cual serás atado.
- *179v 59. Tú mismo, por tu querer,
al pecado de entregaste,
y con él tu alma ataste,
sin nunca amar ni temer
a mí, contra quien pecaste.

64. Pues tu alma cautivaste
 con culpas, de que está llena,
 justo és que te den pena,
 que tú mismo procuraste,
 pues la culpa te condena.
69. Tu conciencia te aguijona
 por los males en que estás,
 ni te deja tener paz,
 porque ella nunca perdona
 a quien sigue a Satanás.
74. Si cada vez pecas más,
 sin te querer enmendar,
 no te podrás quietar,
 y quien vive sin compás,
 paz no tiene sin dudar.
- *180 79. Deseas subir al cielo,
 ¡y no haces lo que debes,
 para que seguro llegues!
 porque, del amor del suelo,
 ni solo un paso te mueves.
84. Si de continuo te atreves
 pecados acrecentar,
 muy facil es de probar
 que, por mucho que lo niegues,
 tú mismo quieres penar.
89. Eres cruel para ti,
 más que todo lo creado,
 pues con el mismo pecado
 con que te alejas de mí,
 te tienes alanceado.
94. ¡ Pecador desatinado !
 pues dices que bien te quieres,
 ¿ por qué buscas placeres
 con los cuales, denodado,
 te lastimas, y te hieres ?

- *180v 99. Yo soy vida verdadera,
y todo lo más es muerte.
Quien, con ánimo muy fuerte,
me sigue por mi carrera,
tendrá gloriosa suerte.
104. ¿Quién hay, que pueda valerte,
pues a Dios seguir no quieres?
Porque cuanto más vivieres,
más te abrazas con la muerte,
y queriendo vivir, mueres.
109. Tú, sin ningún sentimiento,
dejas a tu Creador.
Bien conoces lo mejor,
y con loco atrevimiento
siempre sigues lo peor.
114. ! Oh loco contratador !
a tu Dios, que siempre dura,
¿trocas por la criatura
en que empleas tu amor,
tu saber y tu cordura?
- *181 119. Tienes hambre de la tierra.
Del cielo, no gustas nada . . .
Con tu carne, paz firmada,
con tu alma, tienes guerra
de todas partes trabada.
124. La reina ser cautivada,
la señora, esclava oscura,
sin honra ni hermosura,
tenerla tan mal tratada,
es certísima locura.
129. Temes de ser condenado
con el infernal dragón,
¡ y de todo corazón
amas el mortal pecado,
causa de condenación !

134.

Tú quieres tu perdición,
mientras en culpa vivieres.
¿ Sin pena, quieres placeres ?
Afirmas contradicción,
pues quieres lo que no quieres.

- *181v 1. *El que viene
es el rey, que todo tiene
en su mano,
vestido de cuerpo humano
siendo Dios,
nacido todo de vos,
todo de Dios soberano.*
8. *¿Quién pensó
que el Padre, que os creó,
hijo fuese?
¿y de vos, Virgen, naciese
Dios y hombre,
teniendo "Jesús" por nombre,
y salud al mundo diese?*
- *182 15. La culpa tiene tomado
poderío sobre nos,
y, como bestia feroz,
tiene ya fuera lanzado
de las ánimas a Dios.
20. ¡ Oh Virgen madre ! sin vos,
el mundo no se sostiene.
Porque el pecador no pene,
el mismo, que es sumo Dios,
ese mismo, es *el que viene*.
25. Viene, vencido de amor,
a ser capitán y guía
de mí, ciego pecador,
y pagar, como deudor,
la pena, que yo debía.

(1) — I^a, LXXXIII.

30. Suplicadle, madre pía,
que mi alma no condene,
pues ése, señora mía,
que a vuestros pechos se cría,
es el rey, que todo tiene.
- *182v 35. Tiene todo en su poder,
y, porque el hombre despierte,
amenázalo con muerte,
y haciéndose temer,
las almas a sí convierte.
40. En su mano está mi suerte
— no sé si de enfermo o sano.
Porque yo no corra en vano,
suplicadle, mujer fuerte,
me tenga siempre *en su mano.*
45. En su mano poderosa
puse yo mi voluntad,
dejando la vanidad,
y, con libertad dañosa,
me henchía de fealdad.
50. No le falta piedad
para henchir de gracia al vano,
pues su suma majestad
viene, con suma humildad,
vestido de cuerpo humano.
- *183 55. Es humano y todo bueno.
Su clemencia nunca cansa.
Yo me hice de él ajeno,
él, de mansedumbre lleno,
me convida a confianza.
60. ¿Como no tendré esperanza
que me guardaréis, los dos,
pues tomó dentro de vos
verdadera semejanza
y ser de hombre, *siendo Dios?*

65. Dios sumo, que ser os dió,
como verdadero padre,
tanto de vos se pagó,
que también os concedió
ser su verdadera madre.
70. Como sólo de Dios Padre
es nacido, encuan to Dios,
para que tal honra os cuadre,
sóla a vos tomó por madre,
nacido todo de vos.
- *183v 75. Vos sois madre de pureza,
yo de vicios combatido,
porque no sea vencido,
alcanzadme fortaleza
del hijo, que habéis parido.
80. Pues amor lo ha somitido
a vuestra materna mano,
por mí, que soy vil gusano,
siendo *ab aeterno* nacido
todo de Dios soberano,
85. en vos todo se encerró
quien no cabe en lo creado,
¡ tan pequeñito tornado,
que puedo comerlo yo
todo entero, de un bocado !
90. Todo esto fué causado
del amor, que lo venció,
del cual tan preso quedó,
que nunca será librado.
Tal misterio, ¿ quién pensó ?
- *184 95. Este amor, que tuvo a todos,
en vos, Virgen singular,
lo quiso todo emplear,
por tan inefables modos,
que el cielo hacen pasmar.

100. El cual, con dulce cantar,
loa a Dios, que en vos moró,
y aunque os ame sin cesar,
muy menos os puede amar
que el Padre, que os creó.
105. De David, vuestro buen padre,
dijo Dios que halló un varón
conforme a su corazón.
Mas a vos, os llama "madre",
con suprema perfección.
110. Esta suma bendición
hizo él que en vos cupiese,
y el Verbo, que no tenese
que cruento, su corazón
también vuestro *hijo fuese.*
- *184v 115. Vuestra vida angelical
nos fué principio de vida,
que por Eva fué perdida,
cuando, por culpa mortal,
fué la muerte introducida.
120. Porque ésta sea vencida,
hizo Dios que en nos viviese
humildad, que constriñese
encarnar la misma vida,
y de vos, Virgen, naciese.
125. ¿Quién no se dará de todo
a serviros, Virgen pura,
cuya gracia y hermosura
sobra, por muy alto modo,
toda a pura criatura?
130. ¡Ojalá vuestra figura,
¡oh María, dulce nombre!
renueve en mí la pintura,
que borró mi vida oscura,
ofendiendo a *Dios y hombre!*

*185

135.

No podéis dejar de ser
piadosa al que es culpado,
porque, si está mal llagado,
en vos, madre, está el poder
con que ha de ser curado.

140.

Pues sois tálamo sagrado
del redentor, Dios y hombre,
y cordero inmaculado,
que quita todo pecado,
teniendo "Jesús" por nombre,

145.

este nombre muy suave
imprimí en mi corazón,
¡ Virgen, divino conclave,
que sola tenéis la llave
de la humana salvación !

150.

Y porque hubiese perdón
quien por vos lo requiriese,
cercasteis, sin corrupción,
en vuestro vientre, un varón,
que salud al mundo diese.

I

*185v

Um pecador ao menino nascido :

1.

*Vuestro advento
es remate y cumplimiento
de la ley,
¡ oh mi Dios, pastor y rey
humanado !
¡ Y seréis crucificado,
por dar vida a vuestra grey !*

8.

Cuando pienso, mi Señor,
vuestra bondad sin medida,
que por dar al mundo vida,
con tan inefable amor
ordenó vuestra venida,

13.

mi alma en vos absorbida
recibe esfuerzo y aliento,
y nuevo contentamiento,
del divino amor herida,
contemplando *vuestro advento*.

*186

18.

Advento tan deseado
de todas las criaturas,
con el cual las almas puras,
dejando el traje pasado
toman nuevas vestiduras.

(1) — I^a, LXXXIV e LXXXV.

23. Decláranse las figuras
del antiguo testamento,
porque el nuevo mandamiento,
de todas las escrituras,
es remate y cumplimiento.
28. Cumplimiento del deseo
de este humano corazón,
no lo hallo, y con razón,
si de todo en vos no empleo,
buen Iesú, mi corazón.
33. Vuestra sacra encarnación
y pasión, ¡ oh sumo rey !,
dará eterno galardón,
con divina bendición,
al guardador *de la ley.*
- *186v 38. De la ley sois vos el fin,
en quien todo es concluído,
y por eso sois nacido
en casilla tan ruín,
del mundo mal conocido.
43. Despertad nuestro sentido,
pues que somos vuestra grey,
para que seáis temido,
amado y siempre servido,
¡ oh mi Dios, pastor y rey !
48. Rey de poder infinito,
e hijo del sumo Dios,
sin principio y fin sois vos,
aunque agora tan chiquito
hecho por amor de nos.
53. Sois león fuerte y feroz
en cordero transformado,
en la Virgen encarnado.
Por juntar los pueblos dos,
siendo Dios, sois *humanado.*

- *187 58. Humanado por amor
del hombre, vil criatura,
porque cobre la figura,
que perdió, del Creador,
pecando con gran locura.
63. Por soldar nuestra rotura,
será roto vuestro lado,
y vuestro rostro afeado,
perdida su hermosura,
y seréis crucificado.
68. Crucificado con pena
de tormento y confusión,
sin queja ni turbación,
por pagar la culpa ajena
y a los malos dar perdón.
73. Dishonrado con pregón
por transgresor de la ley,
y con título de rey,
penaréis como ladrón,
por dar gloria a vuestra grey.

II

*187v *Resposta do menino nascido ao pecador :*

78. *Mi venida
fué para te dar la vida,
que perdiste,
cuando tu gusto quisiste
más que a mí.
Mas yo me doy todo a ti.
Si me aceptas, reviviste.*
85. Yo de nada te creé,
hombre vil, que fuiste nada,
para que tu alma, ornada
con mi caridad y fe,
fuese siempre mi morada.

90. Mas está tan afeada
con culpas, y tan perdida,
que para ser restaurada,
fué de mi Padre ordenada
a la tierra, *mi venida.*
- *188 95. Mi venida a tal flaqueza
fué forzada del amor,
el cual, sin ningún temor,
combatió mi fortaleza,
y al fin salió vencedor.
100. Pues si me ves, pecador,
la deidad escondida,
y en forma tan abatida
hecho esclavo, de señor,
fué para te dar la vida.
105. La vida llena de males
en que estás todo sumido,
me tiene muy ofendido.
Yo, con ojos paternos,
te veo, y tengo sufrido.
110. Todo el bien tienes perdido,
porque de tu Dios huíste.
Vives y siempre viviste
sin dolor, y con olvido
del grande bien, *que perdiste.*
- *188v 115. Perdiste la hermosura
de la gracia divinal,
dejando, con gran locura,
por la baja criatura,
tu Creador eternal.
120. Hallaste tu propio mal,
sin por eso quedar triste.
A tu Dios disgusto diste,
como traidor desleal,
cuando tu gusto quisiste.

125. Quisiste la fealdad,
abrazaste la torpeza,
despreciaste la limpieza,
desechaste la verdad,
olvidaste la nobleza.
130. Yo, por darte mi grandeza,
tan chiquito estoy aquí.
¡ Oh miserable de ti !
¿ Por qué amas la bajeza
del deleite, *más que a mí ?*
- * 189 135. A mí no quieres tomar
por padre, señor y hermano,
¡ oh cruel y deshumano,
que me pisas, sin cesar,
como a bajo y vil gusano !
140. Abrazas el mundo vano,
y aunque yo por ti nací,
no te quieres darte a mí,
ni fiarte de mi mano . . .
Mas yo me doy todo a ti.
145. Todo a ti me doy nacido,
porque me puedas tener
y de todo poseer,
¡ tan chiquito y encogido,
que bien puedo en ti caber !
150. Para darte nuevo ser,
gracia y vida, que perdiste,
mi majestad y poder
hoy se entrega a tu querer.
Si me aceptas, *¡ reviviste !*
-

B 35 — NA VISITAÇÃO DE SANTA ISABEL

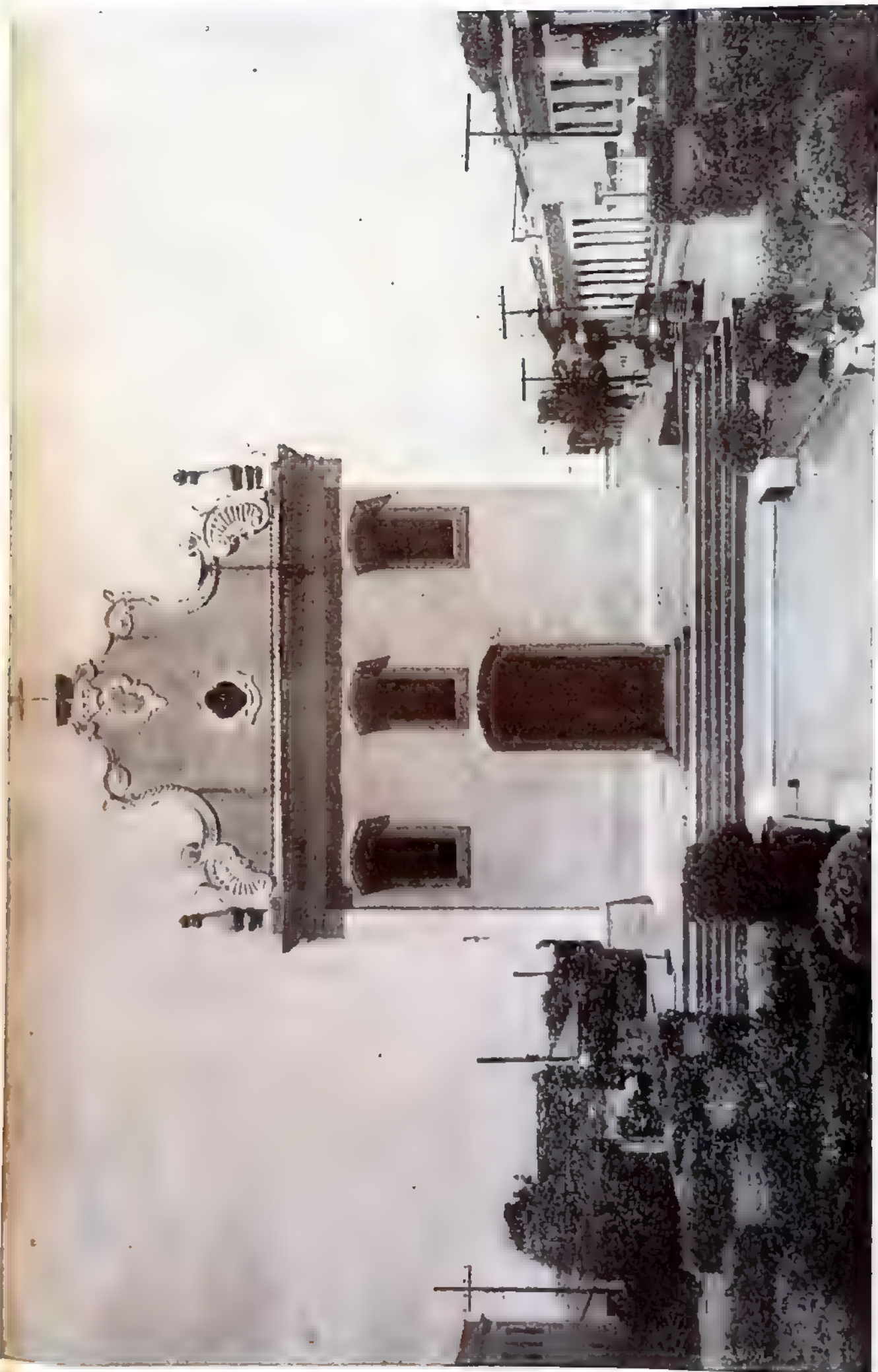


Fig. 6

Aspecto atual da Igreja do Rosário, de Vila Velha, à qual se teria destinado "Na Visitação de Santa Isabel",

NA VISITAÇÃO DE SANTA ISABEL

Existe, em Vila Velha, antiga capital do Espírito Santo, uma igreja simples, centro da praça pública local. É a Igreja do Rosário ⁽¹⁾, quase fronteira à praia tranqüila e tradicional onde, em 1558, o santo Frei Palácios se abrigou. Ali viveu sob uma gruta, ainda hoje venerada, junto à qual construiu um oratório consagrado a Nossa Senhora da Penha, cuja imagem trouxera consigo. Mais tarde fez-lhe uma capela sobre o morro. Hoje, um caminho íngreme, calçado de lajes musgosas, que romeiros sobem, de joelhos, conduz ao majestoso Convento da Penha, erguido como um baluarte sobre a nova capital do Espírito Santo ⁽²⁾.

"Na visitação de Santa Isabel" destinar-se-ia àquela igreja. Seria representado em 2 de julho de 1595 ⁽³⁾, antes da missa de inauguração da Santa Casa de Misericórdia que, em 1595, o Capitão Miguel de Azeredo fizera construir a pedido de Anchieta ⁽⁴⁾. Seus principais personagens são um romeiro castelhano, devoto de Nossa Senhora da Penha, e Santa Isabel, padroeira das Santas Casas de Portugal e do Brasil.

É a última composição do caderno de Anchieta, a última, talvez, de sua vida.

O anotador que, piedosamente, lhe conservou as relíquias ⁽⁵⁾, acrescentou no final desta:

«Esta é a derradeira que o P. José fez em sua vida, estando já muito doente. O qual se foi a gozar do Senhor aos 9 de junho de 1597 anos. Morreu na aldeia de Reritiba, na Capitania do Espírito Santo, sendo Superior o P. Pero Soares, e da aldeia o P. Diogo Fernandes.» ⁽⁶⁾

(1) — Fig. 6.

(2) — Fig. 7.

(3) — Ainda hoje as Santas Casas celebram, em 2 de julho, dia da visitação de Santa Isabel, a sua festa principal. Em TTGB, 203, porém, a festa da visitação é indicada em 3 de julho.

(4) — BMP 3, 123-127.

(5) — Cf. NP, § 1 e fig. 4.

(6) — Fig. 4. Cf. I*, LXXVI, (7).

LOCAL — Igreja do Rosário, em Vila Velha, no Espírito Santo ⁽¹⁾, antes da missa.

DATA — 2 de julho de 1595 (?).

PERSONAGENS — Romeiro
Santa Isabel
Nossa Senhora
Anjos
Quatro companheiros do romeiro

TEMA — Um romeiro saúda Santa Isabel, no dia da Visitação. Pede-lhe explicações sobre o significado da festa. Ao retirar-se, Nossa Senhora aparece, chama-o e o abençoa. Quatro companheiros do romeiro a homenageiam e retiram-se cantando.

⁽¹⁾ — Fig. 6



* 200

Sôbre este mole :

1. *¿Quién te visitó, Isabel,
que Dios en su vientre tiene?
Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.*

*Estando Santa Isabel sentada nũa cadeira,
na capela, antes de começar-se a missa, en-
tra a visitá-la umromeiro castelhano :*

5. *Romeiro* — *¡ Sáveos Dios, Santa Isabel,
que en el fin de vuestros días
habéis concebido aquel
que será amigo fiel
y precursor del Mesías !*
10. *Entiendo que, en este día,
de Dios fuisteis visitada,
que os trajo, con alegría,
la Virgen Santa María,
que de él estaba preñada.*
15. *Santa Isabel* — *Parecéis cansado estar.
Decidme, ¿quién sois, hermano?*
Romeiro — *Un romero castellano,
que os vengo a visitar
y ponerme en vuestra mano.*

⁽¹⁾ — I^a, LXXXVI. Publicado em BMP 3, 131-157.
V. 10 — Cf. ⁽²⁾.

20. *Santa Isabel* — ¡ Bien vengáis, fiel romero,
que, con grande devoción,
a honrar, de corazón
venís, con amor entero,
mi santa visitación !
25. ¿ A que fué vuestra venida ?
Que, si queréis mi favor,
yo os lo ofrezco con amor,
para que, con buena vida,
agradéis más al Señor.
30. *Romeiro* — Eso quiero.
Mas, que me digáis primero
algunas cosas de aquella
luna llena y clara estrella,
madre de Dios verdadero,
siendo virgen y doncella.
- *200v 36. *Santa Isabel* — Preguntad, que yo os diré,
no todo, mas un poquito,
pues que ya el fruto bendito
de su vientre lo loé,
Dios eterno e infinito.
41. *Romeiro* — Pregunto, que nada sé
de esta tan grande señora.
Mas espero que tendré
aumento de amor y fe,
con lo que diréis agora.
46. *Santa Isabel* — Brevemente, vos y yo.
Seamos breves en todo,
pues, con tan divino modo,
el Verbo se abrevió,
vestido de nuestro lodo.

Pregunta o romeiro com o mole :

51. *¿Quién te visitó, Isabel,
que Dios en su vientre tiene?
Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.*

Responde Santa Isabel :

55. *Visitóme la mujer
en sus ojos muy chiquita,
mas la bondad infinita
en ella pudo caber.*

Conclui o romeiro :

59. *Mujer de tan grande ser,
que Dios en su vientre tiene,
hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.*
63. *Santa Isabel — Es la colmena suave,
donde se crió el panal
lleno de miel divinal,
cuando le dijeron “¡ Ave !”*
67. *Romeiro — Botica que tal jarabe
dentro de su vientre tiene,
hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.*
71. *Santa Isabel — Es la abeja, que formó
en su vientre aquella miel,
con nosotros Dios — Manuel — ,
cuando dijo “Esclava soy”.*
75. *Romeiro — Siendo tal, ¿ te visitó
la que Dios en sí contiene?
Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.*

79. *Santa Isabel* — Es el cerrado vergel
 en que el fruto está plantado,
 que da vida, de un bocado,
 al que se mantiene de él.
- *201 83. *Romeiro* — Pues tan divino doncel
 dentro de su vientre tiene,
hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.
87. *Santa Isabel* — Es la fuente bien sellada
 con virginidad entera,
 de que mana la ribera
 "sapiencia de Dios" llamada.
91. *Romeiro* — A tan preciosa morada,
 que Dios en su vientre tiene,
hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.
95. *Santa Isabel* — Es el pozo largo y lleno
 del agua viva, que es Dios,
 que, para caber en nos,
 quiso caber en su seno.
99. *Romeiro* — A pozo tan hondo y bueno,
 que tal agua en sí contiene,
hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.
103. *Santa Isabel* — Es, finalmente, la madre,
 que cercó, sin corrupción,
 en su vientre, el gran varón,
 hijo del eterno Padre.
107. *Romeiro* — No hay cosa que no cuadre
 a tal vientre, que tal tiene.
Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.

Pergunta-lhe o romeiro :

111. Esa señora sagrada,
 no me diréis ¿a qué vino?
Santa Isabel — A traer Dios uno y trino,
 y dejarlo en mi posada
 hecho morador contino.
116. *Romeiro* — También os pregunto yo :
 ¿de dónde fué su salida?
 Santa Isabel — De Nazaret, la florida,
 despues que en si concibió
 a la vida, que da vida.
121. *Romeiro* — ¿Y cómo no receló — receió
 tal camino, tal princesa,
 viniendo con tanta priesa,
 por montañas, que pasó,
 con tan grande fortaleza?
126. *Santa Isabel* — Porque todo su cuidado
 es de trabajos sufrir,
 pues que quiso descendir
 el Verbo, en ella humanado,
 a padecer y servir.
- *201v 131. Porque el servir conviene
 a la esclava de verdad,
 vino con tanta humildad
 ella que, por bondad, viene
 a servir mi soledad.
136. *Romeiro* — ¡¿ De tan lejos se atrevió
 a venir, tan gran señora !?
 Santa Isabel — Sí, porque en la misma hora
 que a Dios vivo concibió,
 la hicieron portadora.
141. ¿ No sabes que esta mujer,
 que vino con tanto afán,
 es la nao del mercader,
 que para nos proveer
 trajo, de lejos, su pan?

146. La que trajo a Dios del cielo,
metiéndolo en sus entrañas,
¿no es mucho que, sin recelo,
pasase, por mi consuelo,
estas ásperas montañas?

151. *Romeiro* — ¿Cómo decís que dejó
a Dios en vuestra posada,
pues cuando de aquí volvió,
en su vientre lo llevó
a su celda muy amada?

156. *Santa Isabel* — Ella lo llevó en su pecho,
que es recámara de Dios,
y en su vientre llevó dos :
Dios y hombre, un Cristo hecho,
que viene a morir por nos.

161. Mas como Dios no se muda,
mas está en todo lugar,
no tenéis que vacilar,
ya que, sin ninguna duda,
quiso conmigo quedar,

166. para mi casa lavar
por nuevo y extraño modo,
lanzando de ella aquel lodo
con que pudo macular
Adán este mundo todo.

171. *Romeiro* — Decidme eso de vagar,
porque soy hombre grosero.
Santa Isabel — ¡¡ No sabéis, fiel romero,
que me vino a saludar
la que es pozo verdadero

176. y fuente muy bien sellada;
que trajo la perennal
agua, del cielo enviada,
con la cual fuese lavada
nuestra alma de todo mal?!

- *202 181. *Romeiro* — ¿ Y qué os dijo, cuando entró,
esta virgen sublimada ?
 Santa Isabel — “¡ A Dios gracias, madre honrada !”
Y de ella lo deprendió
la Iglesia santa y sagrada.
186. *Romeiro* — Cómo os pudo esa agua dar
— que yo, cierto, no lo sé —
decidme : ¿ éso cómo fué ?
 Santa Isabel — ¿ No veís que ella es singular
vaso de toda la fe ?
191. ¿ Que creyó
al angel, que le anunció
la divina encarnación,
y al punto que consintió,
en su vientre Dios entró
como un río, de rondón ?
197. *Romeiro* — ¡ Oh Dios, inmensa grandeza !
¿ quién podría tal pensar ?
 Santa Isabel — Pues esta suma princesa,
cuando, con tan gran bajeza,
me vino acá a saludar,
202. la voz que de ella salió,
no fué sino un grande río,
que en las orejas me dió,
con que primero lavó
a Juanico, hijo mío.
207. Y la boca virginal,
que traía a Cristo en sí,
alimpió dentro de mí,
del pecado original,
a Juan, que entonces parí.
212. *Romeiro* — Este punto es farseado.
Declarádmelo mejor.
 Santa Isabel — El niño estaba enlodado
del original pecado,
sin sentido ni vigor,

217. mas viniendo su Señor,
 en la Virgen encerrado,
 al punto que fué lavado,
 dió saltos, con gran fervor,
 sin la carga del pecado.
222. *Romeiro* — ¿ De quién tuvo tal poder,
 tal saber, y tal sentido?
 Santa Isabel — De Dios, que le dió a entender
 que, en esta santa mujer,
 venía todo metido.
227. Y tratando allá los dos
 niños, en hora muy buena,
 la Virgen, de gracia llena,
 cantó en loor de Dios
 su muy dulce cantilena.
- *202v 232. De misterio tan preñada
 cuanto él, la virgen madre
 estaba ya toda hinchada,
 en el vientre siendo ocupada
 del vuestro divino Padre.
237. *Romeiro* — Y vos, ¡ oh Santa Isabel !
 decidme, ¿ qué recibisteis
 con la venida de aquel
 que, en su cerrado vergel,
 en vuestra casa acogisteis ?
242. *Santa Isabel* — Recebí de su bondad
 ser cubierta con el manto
 de su inmensa piedad,
 llena de Espíritu Santo,
 que es Dios suma caridad
247. *Romeiro* — Zacarías, vuestro viejo,
 que todo mudo quedó,
 porque al ángel no creyó,
 por este tan claro espejo,
 decidme, ¿ qué recibió ?

252. *Santa Isabel* — Por él le vino la luz
con la cual profetizó,
y la voz, con que cantó :
“¡ Bendito sea Jesús,
que su pueblo redimió !”
257. Y todo lleno quedó
del Espíritu divino,
cuya gracia lo colmó,
en la cual perseveró
hasta lo fin, de contino.
262. Pues sabéis, ¿qué resultó
de esta su santa venida?
Que quedó constituída
del Hijo, que concibió,
por señora de la vida,
267. madre de misericordia,
madre de consolación,
que, con su visitación,
arranca toda discordia
del humano corazón.
272. Ella los sanos visita,
enfermos, atribulados,
perseguidos, maltratados,
que la bondad infinita
tiene para sí guardados.
277. *Romeiro* — Y los malos pecadores,
¿no entran en esa cuenta?
Santa Isabel — A esos libra de afrenta,
haciéndoles mil favores,
sacándolos de tormenta.
282. Porque al punto que es llamada
con humilde corazón,
la piadosa abogada
lo oye, de amor llagada,
sin ninguna dilación,

287. negociando contrición
con su hijo muy amado,
con que el pecador culpado,
por su pía intercesión,
sea libre y perdonado.
292. *Romeiro* — ¡ Cuánto debe el pecador
tan benigna madre honrar,
para poder escapar
de aquel eterno dolor
en que hubiera de penar !
297. Y por eso acá me vine,
esperando que oiría
nueva de tanta alegría,
para que no desatine
y me pierda en esta vía.
302. *Santa Isabel* — Por eso la madre pía,
a quien el Hijo entregó
el hombre, por quien moría,
huelga tanto en este día,
en que tal nombre ganó
307. de madre de pecadores,
abogada de culpados,
refugio de atribulados,
medicina de dolores,
liberidad de encarcelados.
312. *Romeiro* — Como nuestro Dios el tal,
tan benigno y piadoso,
su majestad divinal
este título real
tiene por más glorioso.
317. Así la madre divina
se precia muy de este nombre
de piadosa y benigna,
queriendo ser la reina
del pecador y del hombre.



FIG. 7

Ao alto : O Convento da Penha, em Vila Velha, no Espírito Santo. *Em baixo :* O santuário primitivo e a pequena gruta que, dizem, serviu de abrigo a Frei Palácios, seu fundador.

322. *Santa Isabel* — Eso es cierto,
porque en todo su concierto,
como la linda doncella
la pieza más rica y bella
trae siempre al descubierto,
mirándose siempre en ella,

328. así la virgen María,
de mil virtudes ornada,
trae del cuello colgada,
con gran gusto y alegría,
la pieza más estimada.

333. *Romeiro* — ¿Y no me diréis cual es
aquella pieza tan fina?
Santa Isabel — Misericordia benigna,
la cual, dende su niñez,
le dió la mano divina.

* 203v 338. Esta tiene ante sus ojos,
sin dejarla de mirar,
para hacer olvidar
a Dios los muchos enojos
que el hombre le suele dar.

343. *Romeiro* — Por eso los moradores
de aquesta Capitanía,
por alcanzar sus favores
andan con tantos fervores
en esta su Cofradía.

348. Porque esta santa hermandad,
que con pobres ejercita
las obras de piedad,
ella siempre la visita
con materna caridad.

353. *Santa Isabel* — Pues notad :
este pueblo, de verdad
de los pobres es amigo,
mas debe de ter consigo
otra mayor piedad,
que del cielo es gran testigo,

359.			huyendo todo pecado que nuestra alma hace ingrata, porque ya está averiguado ser cruel y desalmado aquel que su alma mata.	
364.	<i>Romeiro</i>	—	Pido a la suma clemencia (pues me hizo acá hallar), me perdone y quiera dar que haga tal penitencia, con que la pueda agradar.	
369.			Que esta tierra, vuestra amada, yo creo que siempre llora a los pies de esta Señora, su mala vida pasada, que quiere enmendar agora.	
374.	<i>Santa Isabel</i>	—	Yo de ellos así lo espero, pues me quieren siempre honrar, y no cesan de ayudar los pobres, con su dinero, que es obra muy singular.	
379.			Y creed que Dios eterno, por esta casa sagrada, “Misericordia” llamada, libra muchos del infierno, dándoles tal abogada.	
384.	<i>Romeiro</i>	—	Así lo creo sin duda, porque el misericordioso, aunque caiga en algún pozo de pecado, Dios lo muda y lo hace glorioso.	
*204	389.	<i>Santa Isabel</i>	—	Más os digo : que es Jesús tan grande amigo de cualquiera obra pía, que la guarda allá consigo, para de ella ser testigo en aquel postrero día.

395. Y por esta casa santa,
que él guarda siempre en sus manos,
los perversos luteranos
con grande terror espanta,
y los guaymurés paganos.

400. *Romeiro* — Yo me voy muy consolado,
mas suplicoos que roguéis
por mí, pecador malvado,
con aquel santo cuidado
que de los pobres tenéis.

405. Y pedí a la Virgen madre
haga, con su dulce amor,
que este pueblo pecador,
en servir al sumo Padre
vaya de bien en mejor.

410. *Santa Isabel* — Sí, haré,
y del hijo alcanzaré,
por los ruegos de María,
aumente esta Cofradía,
hinchendo de amor y fe
toda la Capitanía.

*Vai-se o romeiro, e chegando à porta da
igreja o chama um anjo, que vem diante de
Nossa Senhora, a qual entra com o vestido e
manto da misericórdia, que trazem os anjos
estendido de ambas as partes :*

416. *Anjo* — Volved acá, castellano,
que la madre de Jesús
viene, pues sois buen cristiano,
a daros muy clara luz,
y teneros de su mano,

421. para que podáis andar
por este camino estrecho,
con grande fervor del pecho,
entrando, sin punto errar,
en el cielo, muy derecho.

*Ajuntam-se-lhe quatro companheiros,
que vão com êle :*

426. *1.º companheiro* — Nosotros, con vos iremos
a ver la madre-doncella,
y el “¡ Ave, do mar estrella !”
de rodillas le diremos,
para haber mercedes de ella.

*Tornam e põem-se de joelhos diante
de Nossa Senhora :*

431. *Romeiro* — “¡ Ave ! estrella de la mar,
guía de los que navegan,
los cuales a vos se entregan,
porque en este navegar
por muchas vías se ciegan.

436. ¡ Ave ! madre de Dios vivo,
y siempre virgen entera,
capitana muy guerrera,
por quien el pueblo cautivo
de culpa salir espera.

441. *1.º companheiro* — ¡ Ave ! bienaventurada
y ancha puerta del cielo,
por la cual los de este suelo
hallan espaciosa entrada
para allá entrar sin recelo.

446. Recibisteis aquel “¡ Ave !”
de la voz de Gabriel,
tan divino y tan suave,
que fuisteis hecha conclave
de nuestro gran Dios Manuel.

451. *2.º companheiro* — En “Ave” se mude “Eva”,
que perturbó nuestra paz.
Mas vos, otra Eva nueva,
nos sacaréis de la cueva
y prisión de Satanás.

456. Vos sois de los ciegos lumbre,
destrucción de pecados,
libramiento de culpados,
que lleváis a la alta cumbre
de todos bienes colmados.

* 205 461. 3.º *companheiro* — Mostrad que sois pía madre
del Padre, que os creó,
que en vuestra mano entregó
en la cruz, como buen padre,
los hijos, que redimió.

466. Eres, Virgen singular,
de las mansas, la más mansa,
cuya gracia nos alcanza
ser mansos sin nos airar,
y castos con gran bonanza.

471. 4.º *companheiro* — Concedednos vida pura,
dadnos seguro camino
para ver la hermosura
de Iesú, dulce y benigno,
cuya vista siempre dura.

476. Gloria sea al sumo Padre,
gloria al Hijo redentor
y al Espíritu Señor,
cuya gracia os hizo madre
virginal del Salvador.

481. *Nossa Senhora* — Yo soy estrella, sin duda,
que todo el sol encubrí.
Yo soy la que concebí
a Dios, que nunca se muda,
e despues, virgen, parí.

486. Yo soy la que, visitando
mi prima Santa Isabel,
mi hijo dió gracia y miel
a su hijo, de él lanzando
el pecado, con su hiel.

491. Yo soy la que hoy gané
nombre de visitadora,
de todo el mundo tutora,
por quien gana gracia y fe
la vil gente y pecadora.
496. Yo soy el manto del mundo,
que sus pecados cubrí.
Yo soy la que merecí
sacar del lago profundo
los que se acogen a mí.
501. ¿Quién me llama, que no alcance
remedio para sus males?
¿A quién doy mis virginales
pechos, que de sí no lance
todas las culpas mortales?
506. Pues si me tenéis amor,
como de fuera mostráis,
pídoos que más no ofendáis
a mi hijo y mi Señor,
cúyos hijos os llamáis.
- *205v 511. El está siempre conmigo
y yo siempre estoy con él.
Yo soy todo vuestro abrigo,
él os tiene acá consigo,
dándoos gracias, que es la miel.
516. Gustad de él, que es muy suave.
Comedlo, para vivir.
Él es la divina llave,
que a mí se dió con el "Ave",
para los cielos abrir.
521. Él es la miel substancial,
del alma dulce comida.
El es el dulce panal,
que en mi vientre virginal
se crió, por darnos vida.

526. Esta vuestra Cofradía,
con que a pobres socorréis,
es obra tan santa y pía,
que con ella me tendréis
a las puertas, cada día.
531. Por mi honra y la de Dios,
curáis los pobres fieles.
No queráis ser contra vos,
por la culpa tan crueles
que os perdáis a los dos.
536. Quedaos, más no me voy
y no me aparto de vos,
pues siempre con vos estoy,
y mil mercedes os doy,
que en mi mano puso Dios.
541. Yo os dejo mi bendición,
y haced gran regocijo,
pues, por mi visitación,
os alcanzaré perdón
de mi Dios, Señor e Hijo.
546. Pido al Padre soberano
y al Hijo, Nuestro Señor,
y al Espíritu dador
de vidas, ponga su mano
sobre vos, con dulce amor.
551. *Romeiro* — Pues que Dios en vos se encierra,
de los malos yo, el más malo,
os pido que, en paz y guerra,
todo el pueblo de esta tierra
tratéis con todo regalo.
556. Pártome, sin me partir
de vos, mi madre y señora,
confiado que, en la hora
en que tengo de morir,
seréis mi visitadora.

*Vão-se os romeiros e Nossa Senhora
recolhe-se, e vão-lhe cantando a can-
tiga :*

561. *¿Quién te visitó, Isabel,
que Dios en su vientre tiene?
Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.*

565. *Éste es el gran vergel
de virginidad cercado,
de cuyas flores creado
fué aquel panal de miel,*

569. *que se llama Emanuel,
que en su vientre limpio tiene.
¡ Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él !*

C — POESIAS EM LATIM

- 39v 1. *São Francisco* — Cumque tibi dominus plagas impressit Iesus,
haec grauis amborum uulnera fecit amor.
3. *Santa Bárbara* — Turribus inclusam te uincit amator Iesus, ut
uincas hostes, Barbara, uicta tuos.
5. *Santa Úrsula* — Quae tegis innumeros materno tegmine natos,
me pia, sub pennis, Úrsula, conde tuis.
7. *Cristo (in cruce)* — Filius ecce tuus, mulier. Ne despice natum.
Non decet, o mulier, cor muliebre furor !
9. *San'ó Estêvão* — Obrueris pectus, et petris eruis hostes, mollitur
precibus dum petra uiua tuis.

Tradução :

- | | |
|---|---|
| 1. Se o Senhor Jesus imprimiu chagas em ti,
amor profundo causou os ferimentos de
[ambos. | 5. Tu, que tantos filhos proteges com
[materno amparo,
abriga-me, piedosa Úrsula, sob teus
[auspícios. |
| 3. Enclausurada em tórre, Jesus terno te
[venceu,
para que vencida, ó Bárbara, venças os
[teus inimigos. | 7. Mulher, eis o teu filho. Não o desprezes.
Não condiz o furor, ó mulher, com o
coração feminino! |
| 9. Com pedras cobrem-te o peito e com
[pedras dispersas o inimigo,
enquanto a pedra viva abrande-se por
tuas preces. | |

(1) — P, XXXV.

-V. 4 — Dióscoro, pai de Santa Bárbara, encerrou-a numa tórre, onde, enquanto ele viajava, ela fez abrir uma janela, completando três e querendo significar, assim, a sua fé na Santíssima Trindade. Dióscoro deu-lhe o nome de Santa Úrsula e foi indicado por ele para decapitar a filha.

-V. 6 — A devoção a Santa Úrsula reflete-se em várias poesias de Anchieta, cf. P, XXXIII, - V. 1.

-V. 9 — Santo Estêvão morreu apedrejado pelos judeus, quando pregava entre eles. Suas últimas palavras foram uma prece de perdão.

11. *Santa Catarina — Spina caput, clavi feriunt palmasque pedesque,*
de Sena *hasta latus. Sponso sic simulare tuo.*
13. *A Nossa — Iste tibi carus, tu multo carior illi, qui sibi*
Senhora *te matrem pertulit Iesu Puer.*
- 40 15. *A Cristo, de — Ante Patrem, supplex, flexo procumbis Iesu*
jochos *poplite, post tergum condar ut ipse tuum.*
17. *São Lourenço — Ferrea te crates, crux lignea mactat Iesum.*
Haec tibi dat, ligni mactet ut illa necem.
19. *Santa Clara — Pyxide, Clara, fugas hostes, armata cruentos.*
Quid mirum? Stygius iam draco uictus erat . . .
21. *São João, bati- — “Unda, laua Christum !” Sed Christus consecrat*
zando a Cristo *undam, ut sacra mortiferum diluat unda scelus.*

11. Espinhos ferem-te a cabeça, cravos as
 [mãos e pés,
 a espada o lado. Assemelhas-te, assim,
 [ao teu espôso.

13. Ésse te é caro, tu muito mais cara és
 àquele
 Menino Jesus, que te escolheu por mãe.

15. Súplice, ó Jesus, inclinas-te ao Pai,
 [genuflexo,
 para que eu próprio me oculte atrás de ti.

17. A ti uma grêlha de ferro, a cruz de
 [madeira imola a Jesus.
 Ela te dá a morte, para que consagre
 [a crucifixão.

19. Armada com a póxide, afugentas, ó Cla-
 [ra, inimigos cruentos.
 Admira? Já o dragão estígio fôra
 [vencido . . .

21. “Purifica, água, a Cristo !” E Cristo
 [santifica a água,
 para que a água sagrada apague o
 [pecado mortal.

-V. 11 — Santa Catarina de Sena é representada com os estigmas das chagas, a coroa de espinhos e lírios.

-V. 17 — São Lourenço foi morto sobre grêlhas em brasa. Cf. E 2 a, NI.

-V. 19 — Santa Clara, fundadora da Ordem das Clarissas, abadessa do Convento de São Damião, em Assis, afugentou os exércitos de Frederico II, que devastavam o Vale de Espoleto, saindo a seu encontro com a póxide à mão.

-V. 20 — Estígio, rio mitológico, cujas águas tinham a propriedade de tornar estéreis os campos. Por elas faziam os deuses seus juramentos de ódio. Cf. NP, § 8 e C 2, VV. 250 e 251.

DE ASSUMPTIONE BEATAE MARIAE
UIRGINIS ⁽¹⁾

- *44 1. Super coelos eleuaris,
 Uirgo, uirginum praeclara,
 Uirgo clemens, Deo cara,
 Christi mater.
5. Illi, cui Deus est pater,
 mater es, et dignitatis
 talis, ut sis Trinitatis
 uiuum templum.
9. Tibi nulla dat exemplum
 uirtutis et honestatis ;
 sed totius sanctitatis
 es magistra.
13. Tibi quaequumque ministrat
 mens, per te fiunt uerecunda,
 Uirgo mater, rubicunda
 plus quam rosa.

Tradução :

- | | |
|--|---|
| 1. Aos céus te elevas,
ó virgem, das virgens ilustríssima,
virgem clemente, a Deus cara,
mãe de Cristo. | 9. Ninguém tem mais virtude
e valor que tu ;
de toda a santidade
és mestra. |
| 5. Daquele, cujo pai é Deus,
és mãe, e de dignidade
tal, que da Trindade és
vivo templo. | 13. Tudo que de ti pensa
o espírito, torna-se recatado
por ti, Virgem mãe, mais rosada
que uma rosa. |

(1) — I^a, XXXIX. Visivelmente relacionada com DB, esta poesia não pode deixar de ser mais ou menos contemporânea daquela e destinada, ao que parece, a um dia 15 de agosto Cf. VV, 21 e 274 e DB, VV. 5.307-5 582.

*44v 17. Super omnes speciosa,
fons signatus, flos hortorum,
quae candorem liliorum
 antecellis,

21. iam reciperis in coelis.
astra supra exaltaris
et super choros locaris
 angelorum.

25. Ordo dat inferorum
tibi locum subeunti
et decantat transeunti
 dulce melos.

29. "Qui pugillo claudit coelos",
inquit, "in te se conclusit,
et quos Tartarus abstrusit,
 liberauit.

33. Nostras sedes reparauit,
quas Diabolus destruxit,
genus hominum reduxit
 ad amorem."

17. Bela entre as belas,
fonte selada, flor dos jardins,
que o candor dos lírios
 ultrapassas,

21. és hoje recebida nos céus,
exaltada sobre os astros
e anteposta aos coros
 dos anjos.

33. Reparou nossa morada,
que o diabo destruiu,
reconduziu a raça humana
 ao amor."

25. A ordem dos inferiores
cede lugar a ti, que te aproximas,
e entoa, ao passares,
 doce canto.

29. "Aquêle que contém os céus na mão",
dizem, "se encerrou em ti,
e os que o Tártaro encarcerou
 tornou livres.

-V 25 — *Inferorum* — divindades inferiores, que habitavam o Tártaro, em contraposição com os *Superi* (V. 56) deuses que habitavam o Olimpo. Cf. NP, (8).

-V. 31 — *Tartarus* — prisão a que eram lançados os deuses vencidos e heróis que tivessem ofendido a Deus. Esta concepção modificou-se, sob a influência dos mistérios e do orfismo, no séc. VI a. C., passando a indicar o lugar onde todos os culpados são castigados e confundindo-se, assim, com o inferno. Assim pôde o Olimpo significar o céu cristão (Cf. V. 208).

- *45 37. Inde transis, et honorem
principatus tibi reddunt,
potestates tibi cedunt
et uirtutes.
41. Per te iugum seruitutis
deponentes, liberamur
ab infernis et uocamur
"filii Dei".
45. Per te salui fiunt rei
et replentur coeli bonis.
Cherubines te cum thronis
uenerantur.
49. Seraphines admirantur
uim amoris, quo flammescit
tibi pectus, et liquescit
uelut cera.
53. Corpus mundum, mens sincera
reddunt te tam gratiosam
et reginam gloriosam
Superorum.
- *45v 57. Te chorus Apostolorum
benedicit gloriosus
et conuentus numerosus
Prophetarum.

37. Quando passas,
os principados homenageiam-te,
as potestades e virtudes
curvam-se diante de ti.

41. Por ti o jugo da servidão
depondo, libertamo-nos
dos infernos e somos chamados
"filhos de Deus".

45. Por teu intermédio tudo se salva
e os céus tornam a se encher de bens.
Com os tronos, os querubins
veneram-te.

49. Os serafins admiram
a força de amor, com que o teu peito
arde e abrandam-se
como a cera.

53. O corpo casto, o pensamento puro
tornam-te tão graciosa
e gloriosa rainha
dos entes celestiais.

57. O cântico dos apóstolos
te bendiz, glorioso,
e o conjunto numeroso
dos profetas.

61. Cunei Patriarcharum
tibi subdunt se libenter,
benedicta, cuius uenter
gessit Deum.
65. Confessorum, propter eum,
te confessus honoratus,
martyrumque candidatus
laudat coetus.
69. Miros exprimunt affectus
gaudii turmae uirginales,
palmas tibi triumphales
praetendentes.
73. Te reginam praeferentes,
digna laude uenerantur,
hymnos cantant et laetantur
te uidendo.
- *46 77. Prospere tu procedendo,
gressum tendis ad regnandum
et Olympi moderandum
uastam molem.
81. Prosequuntur, atque prolem
post te pergunt ante tuam,
dominamque uocant suam
te puellae

61. Grupos de patriarchas
aproximam-se, de bom grado, de ti
bendita, cujo ventre
gerou Deus.

65. Todos os confessores,
por éle honrados,
e os mártires de alva toga
louvam-te.

69. Admiráveis sentimentos de alegria
demonstram os bandos de virgens,
palmas triunfais
ofertando-te.

73. Desejando-te como rainha
digna de louvor, veneram-te,
cantam hinos e regozijam-se
ao te ver.

77. Adiantas-te rapidamente,
vais dominar
e dingir do Olimpo
a vastidão imensa.

81. Acompanham-te e atrás de ti
fazem prosseguir a tua prole,
e chamam-te sua senhora
as meninas

85. uerecundae, castae, bellae,
omnes sponsae tui nati,
agni mitis, trucidati
 leto diro.
89. Quem tu, mater, sine uiro
ferundata, peperisti,
et post partum permansisti
 uirgo pura.
93. In aeternum permansura
Trinitatis ante sedem,
iam locaris et mercedem
 capis dignam.
- *46v 97. Pater natam, matutinam
plus quam stellam, radiantem,
filiasque superantem
 uniuersas,
101. amplexatur, et diuersas
gratiarum formas donat,
et dilectam te coronat
 replens bonis.
105. Ueri thronus Salomonis
iuxta Natum collocaris,
cuius mater praedicaris
 in aeternum.
-
85. úmidas, castas, belas,
prometidas de teu filho,
o manso cordeiro, trucidado
 por morte cruel.
89. Tu, mãe, sem homem
fecundada, o deste à luz,
e após o parto permaneceste
 virgem pura.
93. Tu, que viverás eternamente
na morada da Trindade,
aí estás agora e recebes
 digna merecé.
97. O Pai a filha
mais radiosa que a estrela matutina
e superior às outras filhas
 todas
- 101 abraça e com diferentes
formas de graça a presenteia,
e coroa-te dileta aquêlê que é
 a fonte do bem.
105. Trono do verdadeiro Salomão,
junto de teu filho és posta
e proclamada sua mãe
 para sempre.

-V 105 — *Salomonis* — rei de Israel e Judá, filho de Davi e Betsabé, fixado pela História como símbolo da justiça e da prudência

109.	Fructus tuus sempiternum, sol iustitiae, durabit, rex coelorum et regnabit Deus et homo.
113.	Cuius in excelsa domo thronus tuus, ut impleta luna lucens et perfecta permanebit
*47 117.	in aeternum et lucebit, ut prophetae praedixere et, ut David canit uere super coelis.
121.	Testis aderns fidelis, quod de tua carne ueram carnem sumpsit et sinceram uerbum Patris,
125.	ut redimeret, quos fratris non redemit uirtus, homo, et in summa coeli domo collocaret,
129.	et te matrem confirmaret super omnem creaturam, sempiterno regnaturam cum honore.
109.	O teu fruto, ó sol de justiça, durará perenemente, e o rei dos céus reinará como Deus e homem.
113.	Em sua casa excelsa permanecerá o teu trono, como lua cheia, brilhante e perfeita,
117.	e brilhará eternamente, conforme predisseram os profetas e como Davi, com verdade, canta, sobre os céus.
121.	Serás a testemunha fiel de ter tomado de tua carne a vera e legítima carne, o Verbo do Padre,
125.	para redimir o homem os que a virtude de seu irmão não e à morada suprema do céu [redimiu, levá-los,
129.	e a ti, mãe, confirmar sobre toda criatura, como a que sempre com honra reinará.

—V.119 — *David* — pai de Salomão, herdou seu reino de Saul, cuja melancolia acalmava ao som da harpa. Na harpa cantou seus salmos e profecias.

133. Sanctus spiritus amore
iam coelesti te uestiuit.
Quam sibi, sponsam asciiuit
aeternalem.
- *47v 137. Iam triumphum immortalem
diadema regni comis
geris regnans. Et es pomis
constipata,
141. fulta floribus, ornata
cultu uario uirtutum.
Tibi parens est ad nutum
orbis moles.
145. Te circundat tua proles
coruscani solis uelo,
et plantarum pro scabello,
lunam sternit.
149. Tuo capiti, quod spernit
laudum pompam mundanarum,
dat duodecim stellarum
diadema.
153. Tu sanctorum es suprema,
angelorum imperatrix,
mundi potens moderatrix
et regina.
-
133. Já o Espírito Santo envolveu-te
com seu amor celestial.
Ele te uniu a si, como espôsa
eterna.
137. Já o triunfo imortal
ostentas, rainha, com o diadema
de um reino esplêndido. Cercam-te
os frutos,
141. apoias-te em flores, orna-te
o culto vário das virtudes.
Ao teu aceno obedece
a mole do universo.
145. Tua prole cerca-te
com o véu coruscante do sol,
e para descanso de teus pés
oferece-te a lua.
149. À tua cabeça, que despreza
a pompa dos louvores mundanos,
dá um diadema
de doze estrélas.
153. Tu és a santa das santas,
a imperatriz dos anjos,
a poderosa senhora e rainha
do mundo.

*48 157. Quae sola fuisti digna
fructum edere, ter denum,
sexagesimum, centenum
Deo grata.

161. In Urbe sanetificata
quiescendo, pulcra, micas
et in populo radicas
honorato.

165. Regno tuo confirmato
in Ierusalem superna,
est potestas sempiterna
tibi data.

169. Quasi cedrus exaltata,
super Libano uirescis,
et plus coeteris candescis
castitate.

173. In Sionis summitate,
ut cypressus, exaltaris,
et plus cunctis specularis
os diuinum.

157. Fôste a única digna
de gerar seu filho, e trinta,
sessenta, cem vêzes ser
agradável a Deus.

165. Confirmado o teu reino
em Jerusalém superna,
o poder eterno
te é conferido.

161. Em Roma santificada,
repousando, bela, cintilas,
e em seu povo honrado
lanças as tuas raízes.

169. Elevada como os cedros,
verdejas sôbre o Líbano,
e mais que os outros alvejas
de castidade.

173. No cume do Sion,
como um cipreste, te ergues,
e melhor que êles contemblas
o rosto divino.

-V. 161 — *Urbs* — referia-se a Roma. Parece que Anchieta quer aqui indicar a cidade sagrada — o céu, Jerusalém superna (Cf. V. 160 e -V. 173).
-V. 170 — *Libano* — Sistema montanhoso da Síria, paralelo ao Mediterrâneo. A vertente ocidental, coberta de vinhas, oliveiras, cereais e tabaco, conserva apenas alguns dos célebres e possantes cedros de outrora.
-V. 173 — *Sionis* — Uma das colinas sôbre as quais está construída a cidade de Jerusalém. Por extensão, a própria Jerusalém. Figurado, o céu.

- *48v 177. Quasi Iubar matutinum
fulges, nocte transeunte,
et ut rosae, in Ierichunte
 quae plantantur,
181. odor tuus dilatatur
per olympicas plateas,
ubi uirginum choreas,
 laeta, ducis.
185. Et splendore tuae lucis
plus illustras coeli domum,
et ut fragrans cinnamomum
 das odorem
189. et myrrae fundis liquorem,
qui foetorem mentis sanat;
uestibusque e tuis manat
 pinguis gutta.
193. Casia et tura soluta,
omnis odor unguentorum
et suaue pigmentorum
 spiramentum.

177. Como a estrêla matutina
tu brilhas, passada a noite,
e como as rosas, que se plantam
em Jericó,

185. E no esplendor de tua luz,
iluminas melhor o palácio do céu;
como a canela fragrante
exalas

181. espalhas teu perfume
pelas alamedas do céu,
onde os coros das virgens,
alegre, conduzes.

189. e difundes o licor da mirra,
que saneia a mente impura;
de tuas vestes mana
gota pingue.

193. És canela e incenso derramados,
és odor de todos os unguentos
e suave exalação
de especiarias.

-V. 179 — A rosa de Jericó é uma pequena espécie de cruceífera da Síria, Palestina e Egito. Sêcas as suas sementes, ela fecha as brácteas como uma bola. Transportada, porém, para um solo úmido, torna, em dez minutos, a abrir-se, como se revivescesse. Jericó situa-se a mais ou menos 25 km de Jerusalém. Foi das principais cidades do reino de Judá. Embelezada por Herodes, era, no princípio da era cristã, cidade de luxo e de prazer. Vespasiano a destruiu e Adriano a reconstruiu. Os turcos abandonaram o sistema de irrigação da cidade, transformando-a num pântano. Restam ruínas belas e uma cidadezinha habitada por árabes e beduínos, com uma igreja grega, outra latina e algumas hospedarias.

-V. 187 — *Cinnamomum* — o termo designa a caneleira, de perfume suave, mas era empregado também como expressão de carinho. Cf. V. 193.

-V. 193 — Cf. -V. 187.

- *49 197. Quasi platanus, quae augmentum
magnum capit, ad decursum
sata laticum et sursum
 tollit caput,
- 201 sic tu sublimaris apud
fontem uitae copiosum
et flumen impetuosum
 uoluptatis,
205. oleumque pietatis
fundis largiter, unguendo
plagas nostras et medendo
 sauciatis.
209. Intercedis pro peccatis,
iram Dei mitigando,
peccatores occultando
 subter alas,
213. et lugentum tergis malos,
mitis praebens consolamen,
nulli denegans iuuamen
 te poscenti.
- *49v 217. Ut oliua, quae patenti
sita campo dat liquorem,
qui tristem sanat languorem
 aegrotorum,

197. Como o plátano, que cresce
à medida que lhe extraem
o látex, e ergue para o alto
a fronte,

201. assim te elevas
junto à fonte abundante da vida
e o rio impetuoso
do prazer,

205. e o bálsamo da piedade
derramas largamente, ungindo
as nossas chagas e medicando
os feridos.

209. Intercedes pelos pecados,
mitigando a cólera de Deus,
defendendo os pecadores com a tua
proteção,

213. e dissipas os males dos que choram,
oferecendo consêlo aos mansos,
não negando nunca auxílio
aos que recorrem a ti.

217. Como a oliva, que plantada
em campo aberto, produz óleo,
que o languor triste dos doentes
sana,

221. iure certam infirmorum
te salutem inuocamus
et, plorantes, flagitamus
des fauorem.
225. Pietatis sparge rorem
in nos steriles, Maria,
uirgo mitis, uirgo pia,
mater alma,
229. quae consurgis, uelut palma
in coelos, et bonitatis
tenes atque sanctitatis
principatum.
233. Per te, mundum captiuatum
liberauit tuus natus,
dum in ligno trucidatus
fuit crucis.
- * 50 237. Tu nos regis, tu nos ducis.
Te sequentes, consequentur
palmam laudis, et fluentur
uera pace.
241. Tetra iacet in fornace
Cacodemon, per te uictus,
diris ignibus addictus
et tormentis.
-
221. com razão te suplicamos
salvação segura dos enfermos
e, chorando, imploramos
teu favor.
225. Roreja-nos, a nós estéreis,
com o orvalho da piedade,
ó Maria, doce virgem, virgem pia,
alma mater,
229. que, como a palmeira, te ergues
para os céus, e o principado
da bondade e da virtude
tens.
233. Por intermédio teu, teu filho
libertou o mundo escravizado,
quando foi trucidado no lenho
da cruz.
237. Tu nos reges, nos conduzes.
Seguindo-te, conseguiremos
a palma da vitória, e gozaremos
verdadeira paz.
241. Jaz na fornalha atra
Cacodemo, por ti vencido,
condenado a espantosas chamas
e tormentos.

-V 230 — *Coelos* — * *Cades*, cf. Is, XXXIX, (12).

-V 242 — *Cacodemon* — mau gênio (*kakós-daímōn*), que se encontra no homem para levá-lo ao mal.

245. Qui humanae, quondam, mentis,
ut possessor exultabat,
quam foetore conspurcabat
uitiorum.
249. Tu, de faece peccatorum
mentes purgas, et Draconem
calcas pedibus, Leonem
comprimendo,
253. ne quos quaerit, rugiendo
labe culpa reddat sotes,
in torrentes Phlegetontis
flammas mittens.
- *50v 257. Tu uirtute nati nitens,
bellum geris et reportas
uicttricem palmam et portas
coeli pandis.
261. Et tu ipsa miserandis
coeli patens es fenestra,
tui nati mors sequestra
quos redemit.

245. Êle se vangloriava, outrora,
de dominar a alma humana,
que conspurcava com vícios
repugnantes.

249. Tu, do lodo dos pecados
expurgas os espíritos e calcas
aos pés o Dragão, esmagando
o Leão,

253. para que não torne réus
da mancha da culpa, os de quem se
[aproxima,
rugindo, o lançador das flamas, que
[jorram
do Flagetonte.

257. Cintilante do brilho de teu filho,
diriges a guerra, conquistas
a palma da vitória e abres
as portas do céu.

261. Tu própria és a janela do céu
aberta para os miserandos,
que a morte mediadora de teu filho
redimiu.

-V 249 — Cf. I^a, XXXIX, (11).

-V 250 — *Draconem* — animal fabuloso, representado geralmente com garras de leão, asas de águia e cauda de serpente. Em estilo místico, o demônio. Cf. V. 251 e C I, V. 20.

-V 251 — *Leonem* — empregado, parece, com o mesmo sentido de *Draconem*, Cf. -V. 250.

-V 256 — *Phlegetonte*, rio de chamas sulfurosas, que cerca o Tártaro. Cf. -V. 31.

265. Qua morte mortem peremit
et infernum spoliauit.
Uictus uicit. Triumphauit
triumphatus.
269. Ab hoc, tibi principatus
fit in coelum, terram, mare.
Hic dat Tartarum calcare
atque mortem.
273. O felicem tuam sortem !
O beatum diem istum,
quo locaris iuxta Christum
super coelos !
- * 51 277. Coelum tibi pangit melos,
terra laudes modulatur,
quo decori gratatur,
laetabunda.
281. Exultamus, quod faecunda
meritorum ubertate,
consueta pietate,
nos fouebis.
285. Et muneribus implebis,
quae, ubertim, accepisti,
cum in altum ascendisti
nobis danda.
-
265. Com essa morte éle aniquilou a morte
e derrotou o inferno.
Vencido, venceu. Derrotado,
triunfou.
269. Teu reino estende-se, por isso,
sôbre o céu, a terra, o mar.
Domina o Tártaro
e a morte.
273. Destino feliz o teu !
Feliz dia êste
em que és posta junto de Cristo
nos céus !
277. A ti o céu entoia melodias,
a terra modula louvores
e, com essa homenagem, regozija-se,
feliz.
281. Exultamos, pois, com a fecunda
uberdade dos méritos,
com a misericórdia, que tens sempre,
favorecer-nos-ás.
285. E nos cumularás dos dons,
que recebeste, com fartura,
quando para o céu subiste,
dando-os a nós.

-V. 271 — Cf. -V. 31.

-V. 274 — O dia 15 de agosto, cf. C 2, (1).

289.	Exultamus, quod nefanda crimina, quae perpetramus, per te, matrem, nunc speramus remittenda
293.	et perpetuo delenda, ne perpetuo damnemur in obscuro, sed saluemur in Olympo.
*51v 297.	Si laudemus de longinquo te colentes, quod amorem nobis praestas et timorem foras mittis,
301.	quanto magis, quod cupitis iam amplexibus potiris, et exultas modis miros iuxta prolem,
305.	et hanc orbis amplam molem mundi, princeps, moderaris, et plus cunctis famularis Trinitati!
309.	Sempiternae Deitati quia semper placuisti, super omnes mater Christi benedicti,
289.	Exultamos, pois os crimes nefandos, que perpetramos, por ti, mãe, agora esperamos hão de ser remidos
293.	e eternamente delidos, para não sermos condenados à escuridão eterna, mas salvemo-nos no céu.
297.	Se te louvamos, de longe cultuando, porque amor nos ofereces, e o temor afastas,
301.	quanto mais te louvaremos porque já possuis os abraços desejados, e em admiráveis cânticos exultas junto a teu filho,
305.	e esta imensa mole do globo, como rainha, reges, e mais que todos auxílios à Trindade!
309.	Porque sempre agradaste à divindade eterna, ó mãe de Cristo, bendito sobre todos,

313. tuis laudibus addicti
te amantes ueneramur
et tuae congratulamur
 dignitati.
- *52 317. Infinitae bonitati
grates ferimus, quod qualem
te fecit, nec fecit talem
 nec creabit.
321. Ergo, pete Natum — dabit
matri dona supplicanti —,
quae te turmae postulanti
 largiaris.
325. Quem muneribus ditaris,
nemo faciet egenum.
Fac ut numerum septenum
 consequamur,
329. ut per illum mereamur
tuo nato famulari
et a sordibus mundari
 peccatorum.
333. Leua mentes ad coelorum
uitam semper contemplandam
et perennem exoptandam
 uoluptatem.
-
313. louvamos-te com dedicação,
veneramos-te com amor
e congratulamo-nos com tua
 dignidade.
317. Rendemos graças
à bondade infinita, pois qual te fêz,
nem criou, nem criará
 igual.
321. Pede, pois, a teu filho — êle
concederá, suplicando a mãe —,
os dons, que distribuis liberalmente
 aos que te imploram.
325. Quem com dádivas enriqueces,
ninguém os empobrecerá.
Faze que obtenhamos
o número dos sete,
329. para que mereçamos
servir a teu filho
e ser purificados da pecha
 dos pecados.
333. Eleua as nossas mentes
à contemplação eterna da vida celestial
e ao amor da felicidade
 perene.

*52v	337.	Fac beatam Trinitatem ut credentes cognoscamus, et noscentes diligamus, corde puro,
	341.	ut in seculo futuro uideamus claritatem et diuinæ puritatem faciei.
	345.	O Maria, lux diei, rosa uernans, flos rosarum, consolatrix animarum, uis et rosa,
	349.	monstra nobis, o formosa, tui uultus honestatem. Tuæ uocis suauitatem audiamus,
	353.	et te semper imprimamus nostræ menti, contemplantes, diligentes, uenerantes matrem piam.
*53	357.	ut post actam uitæ uiam, tecum uideamus eum, quem trinum et unum Deum confitemur.

337. Faze que, erentes,
conheçamos a Trindade santa,
e, conhecendo-a, a amemos
de coração puro,

341. para que na vida futura
contemplemos a claridade
e a pureza da divina
face.

345. Ó Maria, luz do dia,
fresca rosa, flor das rosas,
consoladora das almas,
forte e bela,

349. mostra-nos, formosa,
a beleza de teu rosto
Ouçamos a suavidade
de tua voz

353. e guardemos sempre a ti
gravada em nosso coração,
contemplando-te, amando-te e vene-
rando-te,
mãe piedosa,

357. para que, depois da morte,
vejamos contigo àquele
que por Deus uno e trino
confessamos.

361.

Ubi semper epulemur
"Sanctus, Sanctus !" decantantes,
laude tibi gratulantes
sempiterna.

365.

Deo-Patri laus aeterna
Nato, Flamini reddatur.
Meritusque persoluatur
honor tibi. *Amen.*

361. Onde sempre o festejemos,
entoando "Sanctus ! Sanctus !",
rendendo a ti
perpétua graça.

365. Louvor eterno seja dado
a Deus Padre, Filho, Espírito Santo.
Honra e mérito,
a ti. *Amém.*

-V 360 — *Flamen* — o sópro, indicando o Espírito Santo.

D — POESIAS EM LÍNGUA TUPI

- *25 1. Tupansý porangeté,
 oropáb oromanómo,
 oré moingobé jepé
 nde membýra moñyrómo,
 inongatuábo ;
 oré rarómo,
 oré ánga pysyrómo.
8. Ejorí, oré resé
 nde membýra mongetábo,
 toroekatú taujé,
 añánga rausú peábo,
 imomoséma,
 imomoxyábo,
 jangaipába momburuábo.
13. Nde porangatú rausúpa,
 tekoaíba oromombó,
 nde resé memé oroikó,
 nde robá repiakaúpa,
 nde rapekóbo,
 nde su, nde súpa,
 oré ybýime nde rerúpa.

1. Mãe de Deus muito formosa,
conforta-nos
na nossa morte,
fazendo manso o teu filho
e compassivo ;
defende-nos,
salva a nossa alma.

8. Vem, e por nós
ora a teu filho,
para que, sem demora,
repelindo as tentações,
afastemo-nos do mal,
aborrecendo-o,
maldizendo-lhe a impiedade.

15. Amando a tua virtude,
renunciamos ao vício,
e em ti vemos,
aspirando ao teu olhar,
buscando-te,
imitando-te,
trazendo-te no coração.

(1) — P, XXIII. Publienda em Ca; RAM, LXXII: 201-214; BFF, LI, n.º II; A, 48. Cf. fig. 13.

22.

Morausuberekosára,
oroé pabē endébo,
jorí, nde porausubára
mojaojaóká orébo,
 oré rausúpa,
 oré mboébo,
 oré ánga resapébo.

29.

Emojerekuáb orébo
Icsu, nde membý poránga.
Teikatú oré ánga
serohyá sausubetébo,
 imombeguábo,
 aré arébo,
 indihé nde moetébo.

22. Ó tu que és compassiva,
suplicamos em uníssonos,
vem, e teu favor
concede-nos,
 amando-nos,
 inspirando-nos,
 iluminando o nosso espírito.

29. Faze para nós benigno
Jesus, teu filho formoso.
É que nossa alma erente
muito o ame
 e proclame
 eternamente,
 com êle te glorificando.

*25v

1.

Jandé kañemýra, jandé rausúpa,
Tupã amó kuñangatú moñángi.
Abá sosé pabê imomorángi,
tekokatú resé imojekosúpa.

3.

“Xe sýramongatú toikó”, ojábo,
amó kuñã suí imoinguébo,
sausúba rerekóbo, imoetébo,
jangaturangatú moeburusuábo.

9.

“*Santa Maria*” séra, aňangupiára,
Tupã rendabeté, Tupã rajýra,
Tupã sýrama ri imoňangimbýra,
teõ rupiára ñe, tekobé jára.

13.

Syguépe oetérama Tupã tári,
ipukeymeñé oá oúpa.
Jandé poreausubóka, jandé súpa,
pitáng amongatú sekó potári.

1. Amando-nos, a nós condenados,
Deus criou uma santa.
Mais linda que toda a gente,
pela virtude a enalteceu.

5. Dizendo: “Que seja minha boa mãe”,
de outra mulher fé-la nascer,
e amando-a, engrandeceu-a,
dotando-a dos maiores bens

9. Chamou-se “*Santa Maria*”, inimiga do
[ma].
verdadeira morada de Deus, filha de
[Deus],
criada para ser a mãe de Deus,
imortal, embora, senhor da existência.

13. Nela se encarna o corpo de Deus,
e nasce de uma virgem.
Para extirpar nossas misérias, para nos
[visitar],
consente em ser um lindo menininho.

(1) — 1^a, XXIV. Publicada em BFF, LI, n.º III e A, 50.

17.

Maria Tupansý, moroitykára,
añánga sumará, ixikysyjéba,
jandé mará irũ, jandé abaitéba,
tekokatú resé jandé moinguára.

*26

21.

Tiasausú pabē *Santa Maria*,
jandé pyá pupé sekó mondépa,
topoár añánga ri, mburú mombépa,
sekó poxy súi jandé rejýia.

17. Maria é a mãe de Deus, que expulsa
o demônio inimigo, que é seu receio,
nossa companheira de lutas, nossa for-
[talêza,
nosso modelo de virtude.

21. Amemos todos a Santa Maria,
abrigando-a em nossos corações,
para que detenha o demônio, esma-
lgando-o,
desviando-nos do mal.

*26

1.

Jandé rubeté *Iesu*,
jandé rekobé meengára,
oimomboreausukatú
jandé amotareymbára,
añánga aíba,
morapitiára,
jandé ánga jukasára.

8.

Jandé ánga rausupápe
ybyrá pupé omanómo,
jandé repymeengápe,
añangápe ojemoyrómo,
jandé rausúpa,
jandé rarómo,
jandé ánga pysyrómo.

15.

Ejorí, Pai Tupā,
xe ánga moingokatuábo !
Taroirô tekó memoã,
añánga rausú peábo,
toroausúne,
nde mombeguábo,
nde ño nde moetekatuábo !

1. Jesus, nosso verdadeiro pai,
senhor de nossa existência,
aniquilou
nosso inimigo,
o anjo mau,
corruptor,
assassino de nossa alma.

8. Por amor de nossa alma
morreu crucificado,
redimindo-nos,
irritando-se com o demônio,
amando-nos,
guardando-nos,
amparando o nosso espírito.

15. Vem, Senhor,
santificar a minha alma !
Que eu deteste a maldade
repelindo a tentação,
para que te ame,
proclame,
só a ti louve !

(1) — I^a, XXV. Publicada em BFF, LI, n.º IV; A, 51; RAM, LXXIX : 281-283

22.

Asopotá nde retáme.
Nde porangatú repiáka,
eiké korí xe ñyáme,
xe keranáma mombáka,
xe momaémo,
xe moobaybáka,
nde kotý xe rerobáka.

22. Quero partir para o teu reino.
Ao contemplar-te,
penetra-me o coração,
desperta-me deste letargo,
faze-me ver-te,
adorar-te,
volver para junto de ti !

- *26 1. Ára angaturameté
oá jandébo korí.
Peneĩ, taperorý,
Tupansý reõ resé.
5. Osó, ko ára pupé,
Tupã rorypápe oséma,
jandé reõ mokañéma,
jandé moingobébo ñe.
9. Nde membýra rorypápe
eresó, ko ára ri.
Toroausúne, Tupansý,
nde moingóbo xe pyápe.
- *26v 13. Nde porausubakatuápe,
naxereroyrõĩ jepé.
Nde maenduá memé
xe resé, xe rausupápe.

1. Um grande dia
desponta hoje para nós.
Eia pois, alegrai-vos
com a morte da mãe de Deus.

5. Ela vai, neste dia,
partindo para o reino dos céus,
afugentar de nós a morte,
concedendo-nos a vida eterna.

9. A glória de teu filho
tu vais, neste momento.
Que eu te ame, mãe de Deus,
depondo-te em meu coração.

13. Em tua caridade,
não me desprezes.
Lembra-te sempre
de mim, que te amo.

(1) — P, XXVI. Publicada em BFF, LI, n.º V; A, 52. Parece relacionar-se com D 5, a cuja representação precederá.

17. Nde rejár, erimbaé,
ko ybýpe, nde membýra.
Nde resé serokipýra,
japysykatueté.
21. Nde repiáka potañé,
jaé u kuépe suí.
Nde rekó poránga ri
ojemomotá memé.
25. Tupána repiakaupápe,
erejaseó jepí.
Nde rerojeupí korí,
nde membýra ogorypápe.
29. Korí, karaibebé
nde robá poráng epiáka.
Ejorí, xe mojeguéka
nde rekokatú pupé !
33. Ejorí ! Xe angekýia
tasóne nde ropesýka,
nde robaké uiguapíka,
pecado suí uixýia.
37. Neí, taujé, xe rejýia !
Toroakypoereká.
Taxemondó, sapiá,
nde ri xe ñemboryrýia.

17. Tu deixaste, outrora,
neste mundo, os teus filhos !
Assim chamados por ti,
nós nos confortamos.

21. Para contemplar-te,
de longe esta gente veio.
De tua beleza
ela se encante sempre.

25. Ansiosa de Deus,
tu choravas sempre.
Vives, hoje, a seu lado,
na glória de teu filho.

29. Os anjos, agora,
contemplam teu rosto lindo.
Vem, ilumina-me
com tua graça !

33. Vem ! Que minha alma impura
eu de ti possa chegar
e à tua frente prostrar,
oprimida de pecados.

37. Guia-me, pois, depressa !
Seguir-te-ei as pegadas.
Oxalá eu, sem demora,
me afervore por ti !

41. Taroyrongatú añánga,
xe rekó poxy peábo,
nde ño nde rausukatuábo,
nde rekokatú raánga.

45. Xe jára repiá poránga
xe ánga toimomotá.
Tasepiáne nde robá,
tiapysykatú xe ánga !

41. Deteste eu o demônio,
e me afaste do mal,
amando-te a ti somente,
imitando tua santidade.

45. Que o lindo olhar de minha senhora
encante a minha alma.
Ao contemplar-te o rosto,
atraia ele o meu espírito !

D 5 — DIA DA ASSUNÇÃO, QUANDO LE-
VARAM SUA IMAGEM A RERITIBA



Anchieta, em 1950.



Praias de Anchieta.
Ao longe, a Ponta dos Castelhanos.



Parte velha da cidade (1559)



Caixas primitivas no porto «Mandocá».

FIG. 8

Aspectos de Anchieta, antiga Reritiba, no Espírito Santo.

DIA DA ASSUNÇÃO, QUANDO LEVARAM SUA IMAGEM A RERITIBA

Reritiba, atual Anchieta, no Estado do Espírito Santo, é pouco mais que uma vilazinha. Consagrada ao Apóstolo do Brasil e situada junto à foz do Rio Benevente, antigo Reritiba ⁽¹⁾, nela se misturam colégios modernos, aonde afluem centenas de jovens do Estado e de Minas Gerais, e uma população humilde de pescadores, a transportar, em varas, sobre os ombros, o produto da pesca rudimentar, sustento de seu dia ⁽²⁾. Sobre a colina, dominando a praia, vê-se o velho Convento Anchieta, parte da igreja local, consagrada a Nossa Senhora da Assunção ⁽³⁾. Fundado, diz a tradição, por Anchieta, em 1579, ali passou ele os últimos anos de sua vida. O turista pode, hoje, visitar, com veneração e encanto, a sua cela ⁽⁴⁾, transformada em pequeno museu religioso mantido pela Companhia de Jesus. Nela se encontram livros, fotografias, selos e medalhas, placas comemorativas, relíquias e objetos relacionados com José de Anchieta. Uma cadeira antiga é tida como sua ⁽⁵⁾. Numa vitrine, em estójo de prata, ricamente forrado de veludo rubro, conserva-se um fragmento de osso ⁽⁶⁾. Sobre uma mesinha, a imagem de Nossa Senhora da Assunção ⁽⁷⁾, provavelmente a mesma a que se deve referir a peça presente e que se destinou, parece, à sua recepção num 15 de agosto: o de 1579, talvez, ou posterior a ele, mas anterior, por certo, a 1597 ⁽⁸⁾.

(1) — O sentido de "Reritiba" (ryry + tyba = ostral) parece ainda expressivo, quando se observam as caieiras primitivas do local (Fig. 8).

(2) — Fig. 8.

(3) — Fig. 9.

(4) — Fig. 10.

(5) — Pertencerá ao séc. XVII. Um quadro exposto na mesma cela parece cópia invertida da figura que se encontra no volume de documentos referentes à beatificação do P. José de Anchieta (SR).

(6) — Fig. 11. Conta um documento autêntico, exposto nessa cela, a curiosa história do fragmento. No ano de 1888, estiveram no antigo Colégio de Vitória (Cf. E 5, fig. 19) dois jesuítas. Ali havia uma caixa de madeira com o letreiro "Ossos do Venerável P. José de Anchieta". Aberta, viram um osso e souberam, por certo historiador presente, que D. Pedro II, em visita à cidade, tirara um fragmento dele como relíquia. Um dos jesuítas solicitou, então, levar também uma relíquia. Com surpresa para os dois sacerdotes, deu-lhes aquele senhor o osso inteiro... É o que está exposto na cela. Voltou, mais tarde, ao Espírito Santo, por interferência de D. Helvécio, arcebispo de Mariana. É o seguinte o texto do documento citado: "*J. M. J. Anno Domini millesimo octogesimo octingentesimo octavo, cum essem Victoriae, urbis principis Provinciae Sancti Spiritus in Brasilia, una cum Patre Benedicto Schettini S. J., invenimus thesaurum, ut ajebant, in ipsis aedibus Gubernii, quae fuerant Societatis Jesu. Praeter candelabra, calices et alia, fere omnia e nostris domibus desumpta, vidimus duas capsas lignaeas, haec fere verba ferentes: "Ossa Venerabilis Patris Joseph Anchieta". Vir quidam a secretis et auctor cujusdam historiae Provinciae Sancti Spiritus, aperuit unam ex capsas, argenteis laminis copertam, nobisque ostendit partem ossis Venerabilis Patris, subiungens: Petrum secundum Brasiliae Imperatorem, cum invisisset Victoriae, abastulisse fragmentum ejusdem ossis, in memoriam Patris Anchieta. Tunc Pater Benedictus Schettini rogavit, vellet etiam nobis dare particulam ossis. Benigne assensit, imo, praeter expectationem, donavit integram partem ossis, nihil reliquens in capsis. Quam, magna cum reverentia, recepit et ego constanter super pectus scripsi usque ad Urbem Fluminis Januarii, quo, cum pervenissem, dedi Ro. Patri Augusto Stanislao Aureli S. J. eo tempore Missionis Brasiliensis Praesidi:—Testor hoc esse idem os, quod tuli de Urbe Victoriae, veraque esse quae dixi et omnia sub juramento confirmo — Neo-Friburgi in die festo S. Antoni Abbatis, annis millesimi noncentesimi decimi sexti. — P. Vincentius Prosperi". Cf. fig. 12.*

(7) — Fig. 13.

(8) — Morte de Anchieta. Em 1579 Anchieta esteve em Reritiba. Registrou-se em 15-8-1579 missa à qual assistiram os índios, celebrando a inauguração da igreja dedicada a Nossa Senhora da Assunção.

LOCAL — Reritiba, atual Anchieta, no Espírito Santo.

DATA — 15 de agosto (1569-1597?)

PERSONAGENS — Diabo
Anjo
Diabos companheiros
6 selvagens dançarinos
Cita-se São Sebastião, cuja imagem parece estar na cena.

TEMA — Compõe-se de três partes: na primeira, ao aproximar-se a imagem de Nossa Senhora da capela de Reritiba, discutem anjo e diabo sobre as consequências dessa vinda (VV. 1-36); na segunda, no terreiro do Convento, índios do sertão dançam os machatins (VV. 37-76); finalmente, um anjo encerra o espetáculo com pequeno discurso (VV. 77-103). O cântico de D 4 parece ter precedido a representação da peça.



FIG. 9

Em cima - Aspecto atual do Convento Anchieta, em Anchieta, antiga Reritiba, no Espírito Santo.
Em baixo : O mesmo Convento segundo gravuras antigas.

I

- *27 1. *Anjo, no caminho* — Ejorí, *Virgem Maria*,
Tupansý, ko tába súpa,
mamó añánga mondýia.
Teikatú, nde rausúpa,
nde resé ojemboryrýia !
6. Eipeapá maraára
— takúba, teikoaruguý,
tygueaíba, uú asý —
tojerobyá tapijára
Tupã, nde membýra ri.
11. *Diabo* — Aáni, erejú teñé
tába suí xe peábo.
Ojemomotá pabē
tapijára xe resé,
xe rekopotakatuábo.

1. —Vem, Virgem Maria,
mãe de Deus, visitar esta aldeia
e expulsar delao demônio.
Oxalá, por teu amor,
ela se santifique !

6. Afasta as enfermidades
— febres, disenterias,
as corruções e a tosse —
para que seus habitantes
creiam em Deus, teu filho.

11. —Não, vens de balde
afustar-me da aldeia.
Todos, na taba,
gostam de mim
e conservar-me-ão.

(1) — I^a, XXVII. Publicado em REA, 95-96 ; BFF, XXIV (VV. 1-36) e LI, n.º VI (VV. 1-103).

V. 7 — As epidemias de câmaras de sangue não eram raras. Em HCJB, I, 240 cita-se uma em 1567.

16. Ekoá jebý nde rekoápe ;
naipotári nde reiké.
Yhytyriguára e,
arekó ko xe rupápe,
nasorýbi nde resé . . .

21. *Anjo —* Teté marã ejábo mã !
Yhytyriguára abé
osaustú paí Tupã.
Ekoá, eá tatá pupé !

25. Ixé, ko tába raroána,
oromondoñé ixuíne.
Oiké Tupansý koríne.
Ke ! Ixé súa nde repañána !

29. *Diabo —* Xe poreausubeté mã !
Oipysyrõ Tupansý
xe retáma xe suí . . .
Tupansý xe sumarã !

Fala com seus companheiros :

33. Tiasó tába pobú
Diabos — jandé mondó janondé !
Neí ! Tiasó taujé
angaipába amõ rerú . . .

16. Retoma teu caminho ;
eu não consentirei que entres.
Como êstes índios da serra,
aqui estou em minha casa
e não simpatizam contigo . . .

21. -Que absurdo estás dizendo !
Os habitantes da serra
amam a Nosso Senhor.
Vai, caí tu no fogo !

25. Anjo custódio da aldeia,
dela expulsar-te-ei.
Entrará agora a mãe de Deus.
Cuidado ! Vou atacar-te !

29. -Pobre de mim !
A mãe de Deus libertou
a terra que era minha . . .
A Virgem é minha inimiga !

33. Vamos fugir da aldeia
antes que nos expulsem dela !
-Eia ! Vamos depressa
longe os pecados levar . . .



FIG. 10

Aspecto actual da casa onde morreu o Venerável P. José de Anchieta. Constitui, hoje, um pequeno museu religioso.

II

Seis selvagens que dançam os machatins (2) :

*27v 37. 1.º —

Sarauájamo oroikó,
kaápe orojemoñánga.
Orojú nde momoránga,
oré aiba reropó.

41. 2.º —

Nde irúmo be torosó,
Tupã retáme oroikébo !
Ejorí oré mboébo
toroína nde rekó.

45. 3.º —

Kaapytéra suf
ajú, nde rúra repiáka.
Ejorí, xe rerobáka
nde rekokatú kotý.

49. 4.º —

Koí, nde rúra resé,
xe aiba aitykipáne.
Arobýk Tupã eté.
Iñeénga rerobyáne . . .

53. 5.º —

Ko aikó nde robaké
—xe, iguareropépa !
Ejorí nde xe mondépa,
nde rekokatú pupé.

37. —Vivemos como selvagens,
somos filhos da floresta.
Viemos saudar-te,
renunciamos aos vícios.

41 —Quem dera te acompanhássemos,
entrando no reino de Deus !
Vem ensinar-nos
a seguir tuas leis.

45. —Do meio da mata
venho, para assistir à tua recepção.
Vem, converte-me
à tua virtude.

49. —Hoje, em homenagem à tua visita,
repudiarei meus defeitos.
Aproximo-me do verdadeiro Deus.
Venerarei suas palavras . . .

53. —Aqui estou à tua frente
— eu, que era um rebelde !
Vem abrigar-me
em tua virtude !

(2) — Termo arcaico, designativo de uma dança popular. Cf. D 7, (1).

57. 6.º —

Asejarumã kaá
nde rerapoána resé.
Xe rausukatú jepé,
xe poxy reitýka pa.

Dançam dois e, em presença dos do sertão, dizem:

61. 1.º —

Ybytýripe uitekóbo,
mbaé naikuabetéi . . .
Koi aroporuséi
xe anáma serekóbo.

65.

Aikuabumã Tupã,
nde membýra, Tupansý.
Emonánamo, korí,
aroyrõ mbaé memoã.

69. 2.º —

Ikó xe anameté,
Marataoã iguaroéra.
Oikuakatú nde réra,
senõia jepí memé.

73.

Oroikó tebẽ pabẽ
paí maraá ri.
Ejorí nde, Tupansý,
imomboerápa taujé.

57. —Deixei a floresta
em tua honra.
Ama-me muito,
livra-me de todo o mal.

61. —Vivendo na serra,
não sei muita coisa . . .
Danço aqui
à moda dos meus.

65. Eu já conheço Deus,
teu filho, Senhora.
Assim, agora,
detesto a maldade.

69. —Aqui está a minha gente,
que morava em Maratauã
Conhecendo o teu nome,
invoca-o continuamente.

73. Estamos atilidos
com a moléstia do padre.
Vem, mãe de Deus,
saná-la depressa !

- V. 70 — Maratauã seria alguma aldeia sobre a qual não ficaram outros informes ? Cf. D 8, V. 30.



FIG. 11

Fragmento, considerado autêntico de um osso de Anchieta, conservado em sua cela, em Anchieta, no Espírito Santo.

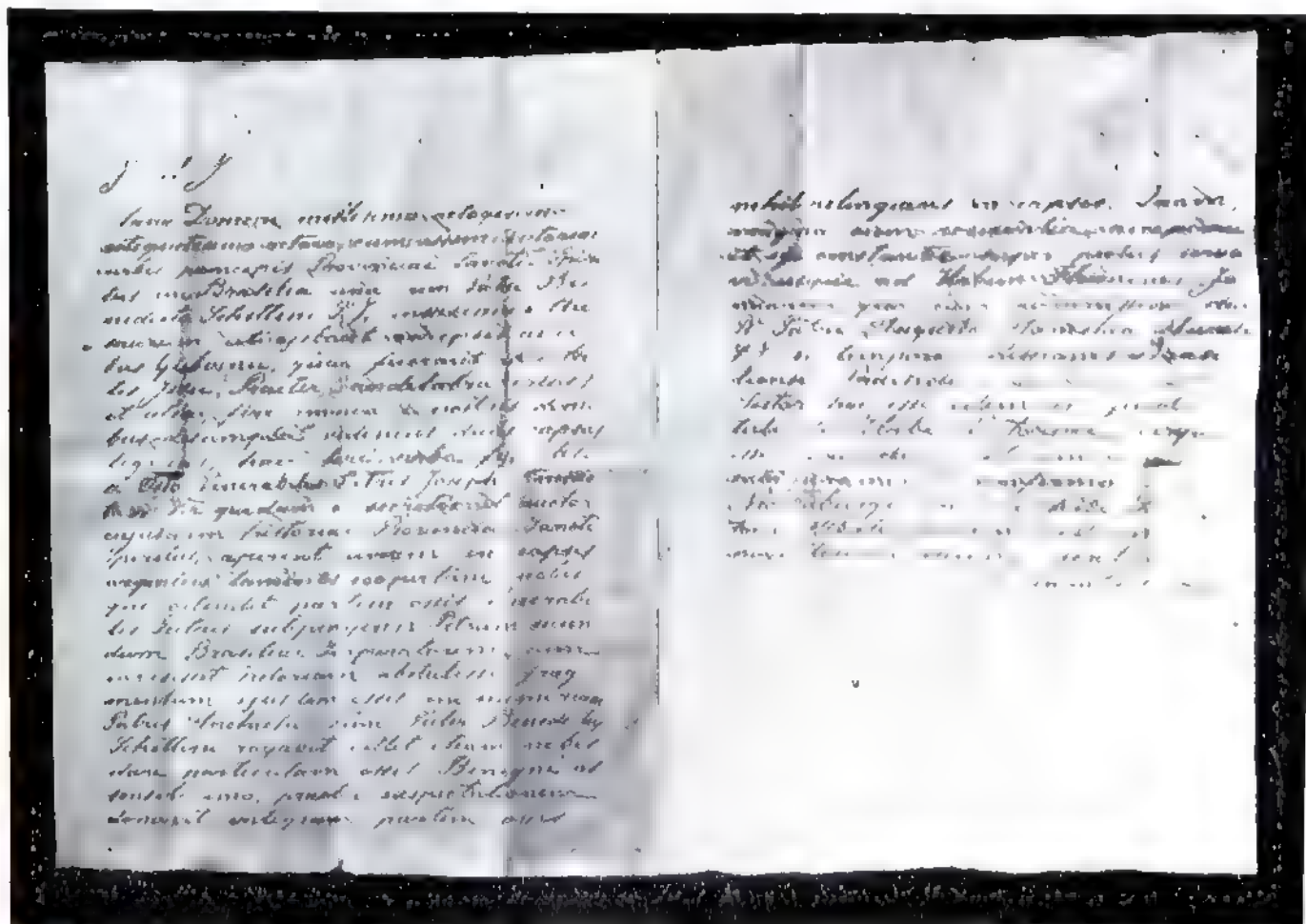


FIG. 12

Certificado referente à autenticidade do fragmento ósseo conservado na cela de Anchieta.

III ⁽²⁾

*28 77. *Anjo* —

Ko aikó nde pytybómo.
Tupána xe mbousápe,
ajú nde ánga rarómo,
teiñé nde reté omanómo,
nde ánga tosó sekoápe.

82.

Paí *Iesu* mombeguápe,
uúba ereiporará.
Jorí sepyráma ra,
karaibebé rupápe !

86.

São Sebastião nde réra.
Nde moeté paí *Iesu*.
Nde moerapoangatú,
nde, yböybōaguéra.

90.

Nde resé, ko tabiguára
torýba moñáng oikóbo,
tupā-óka rapekóbo,
emonánamo, ko ára
momorángi serekóbo.

95.

Angiré, ko tába súpa
terejú memé jepí,
añánga rekó sú,
tapijára kuakúpa.

77. —Eis-me aqui para ajudar-te.
A mandado do Senhor,
venho guardar a tua alma,
para que, morto embora o teu corpo,
suba tua alma ao seu reino.

82. Por tua fé em Jesus,
tu suportaste flechas.
Vem ser feliz, agora,
no reino dos anjos !

86. Chamas-te "São Sebastião".
Jesus te santificou.
Fêz-te glorioso o nome,
a ti, que crivaram de setas.

90. Êstes habitantes da aldeia
estão fazendo festa em tua honra,
visitando a igreja,
assim êste dia
tornando sagrado.

95. De agora em diante,
vem sempre visitar a aldeia,
para, do mal,
proteger seus habitantes.

—V. 77 — Cf. I^o, XXVII, (2).

(2) — Trecho, provavelmente, interpolado. O copista não alterou o V. 86 que evidentemente, não se justificaria nesta representação.

99.

Emoingó pabê apiába
Tupána rekó rupi. #1*
Kuñã, guaibĩ, kurumĩ,
tosopá tekó angaipába
ko taporánga suí !

99. Faze que todos os homens
observem as leis de Deus.
Que mulheres, velhas, crianças,
afastem os peccados
desta aldeia formosa !



FIG. 13

A imagem de Nossa Senhora da Assunção, que se conserva na cela onde morreu o P. José de Anchieta e que seria a mesma a quem dedicava os seus arrebatos poéticos.

- *28 1. 1.º — Oré rausúba jepé,
pitangĭ, paí *Iesu*.
Toroikó pabengatú,
nde rekokatú pupé.
- *28v 5. 2.º — Pitangĭnamo ereikó,
Tupánamo eikóbo be.
Nasopotári mamõ,
nde pýri guitekoboñé.
9. 3.º — Ybáka suí erejúr
xe ánga pysyronsápe.
Eingatú xe pyápe,
xe jari, paí *Iesu*.
13. 4.º — Xe ánga mongaturómo,
Tupã-túba nde mboúri.
Emonánamo, xe rúri
nde resé guijepysyrómo.

-
1. -Ama-nos tu,
meninozinho Jesus.
Vivamos todos felizes,
em tua santa lei.
5. -És uma criancinha,
embora um Deus também.
Não quero afastar-me,
permaneço a teu lado.

9. -Vieste do céu
para salvar minha alma.
Reina em meu coração,
meu senhorzinho, Jesus.
13. -Para santificar a minha alma,
Deus Padre te enviou.
Venho, por isso,
salvar-me por ti.

(¹) — P. XXVIII. Publicado em BFF, LI, n.º VII.

-V. 9 — Cf. a rima *erejúr* — *Iesu* com a de VV. 30-31 : *erejosúb* — *Iesu* e VV. 38-39 : *jakatá* — *terejúr*.

17. 5.º — Pitangĩ repiakatĩpa,
ajúr xe róka suí.
Ejorí, xe jára sy,
xe ánga pupé serúpa !
21. 6.º — Jandé moñangára ñe
erenoi nde jybápe.
Xe abé, sausukatuápe,
tarúr xe pyá pupé.
25. 7.º — Emaengatú oré ri
Tupansý, *Santa Maria* !
Jorí, añánga mondíia,
oré moaujé suí !
29. 8.º — Morausúba rekosápe,
asé ánga erejosúb.
Emoingé, paí *Iesu*,
nde membýra, xe pyápe.
33. 9.º — Tupansý, xe sy abé,
aroyrõ tekó poxy.
Asausúb nde membyrĩ.
Xe peá umé jepé.

-
17. —Desejando adorar o menininho,
venho de minha casa.
Ó mãe de meu senhor,
deposita-o em minha alma !
21. —O nosso criador
conservas em teus braços.
Que eu também, por muito amá-lo,
traga-o em meu coração.

25. —Protege-nos,
mãe de Deus, Santa Maria !
Vem, assustando o demônio,
defender-nos dêle !

29. —Em tua misericórdia,
procuras nosso espírito.
Coloca Jesus,
teu filho, em meu coração.

33. —Mãe de Deus e minha mãe,
eu detesto a vida impura.
Amo o teu filhinho.
Não me abandones tu.

*29

37. 10.º —

Oroausúb katú guitekóbo
xe rekobé jakatú,
xe jekýime, terejúr
ybaté xe rerasóbo.

41. 11.º —

Amoaé tubixá katú
nde resé ojerobyá.

Ko xe resóu nde reká, → Acho que deve ser

xe rubi, paí Iesu.

recon, pois o que

45. 12.º —

Nde rekokatú potá,
aroyrô xe rekó poéra.

parece & deve ser

Iporangatú nde réra.

Ejorí, xe rausubá !

o ni dá !

rubí nome, inscrito:

37. —Amando-te tanto
durante a minha vida,
oxalá, na morte, venhas
buscar-me para o céu.

41. —Outros excelentes chefes
confiam em ti.
Aqui venho eu procurar-te,
meu paizinho, Jesus.

45. —Quero tua lei santa,
renuncio a meus velhos hábitos.
É lindo o teu nome.
Vem, meu amor !

*29

1.

Tupána kuápa,
koí asausú
xe jára, Iesu.

4.

Akoeýme, guimanómo,
 añánga esapyá - *asapiga no,*
 xe ánga ajusá *ting*
 pecado irumómo.
 Aé reroyrómo, *ajuc,*
koí asausú
xe jára, Iesu.

11.

Xe tekokuába
 opá amokañē.
 Xe ánga omonē
 tekó angaipába.
 Xe angorypába
koí asausú
xe jára, Iesu.

1. Conhecendo Deus,
agora eu amo
a Jesus, meu senhor.

4. Antigamente, eu morrendo,
 um ataque do demônio
 prenderia minha alma
 pecadora.
 Detestando o mal,
agora eu amo
a Jesus, meu senhor.

11. O meu entendimento
 todo eu consumi.
 Corromperam minha alma
 costumes perversos.
 O meu consólo é que
agora eu amo
a Jesus, meu senhor.

(1) — 1^a, XXIX. Publicada em REA, 9; BFF, LI, n.º VIII. Gravada em disco da Coleção Documentação Lingüística, n.º 1.

18. Xe rausubasápe,
xe ánga moténi.
Pitángamo séni
Maria jybápe.
Aé kuapápe,
koí asausú
xe jára, Iesu.
25. Jandé moingobé,
teõ porarábo,
añánga peábo,
teõ resé be.
Aipó reseñé,
koí asausú
xe jára, Iesu.
- *29v
32. Opá oguguy
meéngi, omanómo,
jandé pysyrómo
añánga suf.
Aipóbae ri,
koí asausú
xe jára, Iesu.
39. Pejó, pabeñé,
Iesu momoránga,
sausúba raánga,
xe irúnamo be.
Iesu, mbaé eté,
pei, pesausú !
Xe jára, Iesu,
xe rúba, Iesu !
-
18. Amando-me,
conforta a minha alma.
Está como uma criança
nos braços de Maria.
Por conhecê-lo,
agora eu amo
a Jesus, meu senhor.
25. Ele nos redimiu,
sujeitando-se à morte,
vencendo o demônio
e a morte também.
Por causa disso,
agora eu amo
a Jesus, meu senhor.
32. Todo o seu sangue
êle deu, ao morrer,
para libertar-nos
do mal.
Por tudo isso,
agora eu amo
a Jesus, meu senhor.
39. Vinde, ó vós todos,
juntamente comigo,
saudar a Jesus,
símbolo do amor.

Ao grande Jesus,
cia vós, amai !
Jesus, meu senhor,
Jesus, o meu pai !

- *31 1. *Paratiy* — Xe Paratiy sui
ajú, Tupansý repiáka,
guiñemojeguajeguáka
xe rorybaóáma ri.
5. Sorykatú xe ybyiá.
Iporangatú resé,
sorybá, xe iabé,
xe rúba Tupána kyia. *Tupunakyiz =*
Tupunakyim
9. Arobykatupeká *(Aportuguesado)*
iporáng epiakatuábo.
Jasó korí, imombeguábo,
guaibí moesáia mba.

Oração

13. Tupansý porangeté,
xe anáma nde rausú.
Tosarõ paí *Iesu*
xe retáma, nde abé.

1. -Venho do Rio Parati,
para ver a mãe de Deus,
tendo-me pintado todo
em sinal de alegria.

5. Exulta o meu coração.
Na sua virtude,
alegre como eu,
meu pai-Deus se enfeitou.

→ *meu pai Tupiniquim*

9. Quero chegar-me
para contemplar sua beleza.
Vamos todos, em sua honra,
acabar com a alegria das velhas.

13. Mãe de Deus muito formosa,
a minha gente te ama.
Guarda, com Nosso Senhor,
a minha terra natal.

(1) — 1º. XXXI. Publicada em REA, 112 (parte); BFF, LI, n.º IX. Está incompleta, e é precedida, no ms., por páginas em branco (30v e parte da 30). Obedece ao mesmo sistema das demais peças (Cf. D 5), mas nesta, parte da fala de cada personagem deveria ser feita de joelhos (oração), enquanto, nas outras, em intervalos de dança. Relaciona-se com D 14.

-VV, 6-8 — Alusão, talvez, a alguma imagem de Deus.

-V, 12 — As velhas eram atribuídas maléficis influências, cf. E 2 a, VV, 126-130.

17. *Rerytýba* — Rerytýba, xe retáma,
tába angaturangatú !
Xe anáma xe mboú
Tupansý repiakaráma.
21. Iporáng ko tupã-óka
jeguakabetá rerúpa !
Aujeté, ko ánga andúpa,
asejá, kuesé, xe róka
ko pupé *missa* rendúpa.

Oração

26. Ejorí, *Santa Maria*,
xe anáma rausubá !
Jangaipá parapará,
ojemoryrý ryrýa.
30. Tiasó Marataoáme
ojoupé ojobaúpa ?
Xe te, xe ánga rausúpa,
abyari xe retáme.
34. *Tupinambá* — Xe Tupinambá guasú.
Paí-guasú irundýba
— opakatú karaiha —
xe mombaeté katú.

17. -Reritiba, minha terra,
aldeia virtuosíssima !
Mandam-me, os meus parentes
para ver a mãe de Deus.

21. Que linda esta igreja
adornada de pinturas !
Na verdade, por esta alma,
deixei ontem minha casa
para ouvir a missa aqui.

26. Vem, Santa Maria,
protetora dos meus !
De seus inúmeros pecados,
eles se apavoram.

30. Iremos a Maratauã,
prejudicar-nos mutuamente ?
Eu, na verdade, por amor de minha alma,
acomodei-me em minha terra.

34. -Sou o grande Tupinambá.
Os companheiros do bispo
— todos os cristãos —
me temem muito.

-V. 30 — Maratauã — Cf. D 5, V. 70

-V. 34 — Tupinambá — CL. I^a, XXXI. (3).

38. Xe anáma, erimbaé,
tekó ypýramo sekóu.
Ixupé, rañé, abaré
Tupã mombeguábo, ixóu.
- *31v 42. Oré tupã-ogetá — *oqueta*
ipupé oroñemboébo, *or . . . i*
Tupã rerobiaretébo,
tekó poéra mombopá.
46. Ajurí guijerurébo
Santa Maria supé
omembý porangeté
tomojerekuáb orébo.
- Oração*
50. Paranã guasú rasápa
ajú ; nde repiapotá.
Ejorí, oré rausubá !
Teikatú nde kuápa
xe rúba Tupinambá !

38. Minha gente, antigamente,
seguia usos primitivos.
Os padres, depois, procuraram-na,
anunciando-lhe Deus.

42. Em nossas igrejas
nos instruindo,
ensinando o verdadeiro Deus,
destruíram os velhos hábitos.

46. Eu venho suplicar
a Santa Maria
faça para nós benigno
o seu formosíssimo filho.

50. Atravessando o grande rio
eu vim ; queria ver-te.
Vem, nossa protetora !
Oxalá possa conhecer-te
o meu pai Tupinambá !

D 9 — DOS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO DE
NOSSA SENHORA

DOS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO DE
NOSSA SENHORA

Poderosos meios de catarse mental oferecidos pelas religiões à humanidade, foram a penitência e a meditação.

O catolicismo soube fazer descer até as camadas populares a abstração meditativa, concretizando-a em episódios de cunho dramático, tais como se observam no exercício da *Via Sacra*. O suplicio e a morte de Jesus, litanizados por um estribilho musical, em que o público alterna cânticos com o sacerdote, proferindo frases latinas — que a maioria não entende e por isso deturpa, conferindo-lhes valor cabalístico —, e um câro fúnebremente conduzido de quadro em quadro, acabam por impressionar, concentrando a atenção num determinado episódio, emocionando e despertando, através dele, num momento de exaltação mística, sentimentos piedosos e humanitários.

As meditações do rosário representam alguma coisa de mais abstrato na meditação popular. Instituição existente em várias religiões e baseada num princípio de contagem numérica, verificável, em povos primitivos, na forma de colares de dentes, pedras, sementes, etc., faz parte da Igreja Católica desde 1208, tendo-se difundido rapidamente como devoção, sob o patrocínio da Ordem Dominicana, fazendo-se, porém, na liturgia católica, apenas no séc. XVIII, por determinação de Benedito XIII.

A intenção principal do rosário era divulgar a saudação angélica simbolizada na "Ave Maria", repetida e com intervalos, onde um Padre Nosso periodizava a série. Esse tipo de devoção calava no espírito, tanto pela frequência, quanto pelo ritmo da repetição.

O monge de la Roche introduziu, nesta oração mecanizada, uma parte mais espiritual de meditação. As virtudes — pureza, caridade, paciência — concretizavam-se em cenas da vida de Maria. Os chamados "mistérios" constituiram quadros de valor teatral, com a vantagem de não impressionarem apenas pelo aspecto doloroso da seqüência observada na *Via Sacra*, pois se enriqueceram com mistérios "gazosos" e "gloriosos", sugestivos e edificantes.

As meditações do rosário deviam constituir motivo especialmente aproveitável no teatro catequético, pois ensinavam, através desses quadros, descritivos e objetivos, as virtudes teológicas.

Observe-se, nos versos seguintes, a simplicidade encantadora com que Anchieta faz desenrolar-se a lição evangélica em pequeninos quadros emoldurados num estribilho apaixonado, dedicado a Maria:

"Abápe arapóru
oikó, nde jabé? ⁽¹⁾

(1) — Cf. D 9, VV. 11-12, 19-20, etc.

*37 1. O Virgem Maria,
 Tupansý eté,
 abápe arapóra
 oikó, nde jabé ?

5. *Gozosos* — Nde mombaeté
 Tupã, nde rausúpa,
 nde ybyiá pupé
 pitángamo oupa.
 Tupána rerúpa,
 ipó nde rygué.
 Abápe arapóra
 oikó, nde jabé ?

13. São João pitangi
 tyguépe oendápe,
 nde rúra andupápe,
 opó-oporî,
 Iesu, ojarî,
 kuápa auñeñé.
 Abápe arapóra
 oikó, nde jabé ?

1. Ó Virgem Maria,
 grande mãe de Deus,
 que criatura
 há, como tu ?

5. —Engrandeceu-te
 Deus, te amando,
 dentro de tuas entranhas
 como criança estando.
 Contendo Deus,
 salta o teu ventre,
 Que criatura
 há, como tu ?

13. O meninozinho São João
 estando no ventre,
 pressentindo a tua vinda,
 deu saltinhos,
 Jesus, seu senhorzinho,
 reconhecendo imediatamente.
 Que criatura
 há, como tu ?

(1) — Ia, XXXIV e LXXVI, onde se repete, sem título e com pequenas variantes, cf. -VV. 9, 14, 33, 50,
 73. Publicada em REA, 56 e PL: 137-142.
 - V. 9 — Ia, LXXVI, *Ojára rerúpa* (Trazendo o Senhor).
 - V. 14 — Ia, LXXVI, *tyguépe oupápe*.

21. Nitýbi tuguý
nde membyrasápe,
endé, nde jybápe,
Iesu eresupí,
ipojá mirĩ
nde káma pupé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

29. Ojára reká
Rejá, mbasembápe,
ijetanongápe.
Sorý nde pyá.
Pitánga robá
sesai ixupé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

37. Nde pópe uguapýka
osó kunumĩ,
Tupã-túba ri
nde rerojaibýka,
nde moapysýka
ogúba resé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

21. Sem sangue
ao parir,
tu, em teus braços,
Jesus ergueste,
amamentando-o
em teu peito.
Que criatura
há, como tu ?

29. Procuram seu senhor
os Reis Magos, ao chegarem,
fazendo-lhe oferendas.
Alegra-se o teu coração.
A vista da criança
alegra a êles.
Que criatura
há, como tu ?

37. Em tuas mãos sentado
vai o menino,
a Deus-Padre
te curvando,
fazendo-te chegar
ao seu próprio pai.
Que criatura
há, como tu ?

Teõ rerobýka,
siayté katú,
suguý turusú
iánga apypýka,
ybýpe osyrýka,
mitýma pupé.
*Abápe arapóra,
oikó, nde jabé ?*

53.

Jaipopoaratã,
imoangaipápa,
suguý momukápa,
jainupānupā.
Obók nde ñyã,
sausúba resé.
*Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?*

61.

Oiké juguasú
jakánga, kutúka.
Opá imombupúka,
oimomboreausú
xe jára Iesu,
sosáng poresé.
*Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?*

45. —Aproximando-se a morte,
êle suou muito,
grande quantidade de seu sangue
sua alma oprimindo,
na terra correndo,
dentro do horto.
*Que criatura
há, como tu ?*

53. Amarram-lhe fortemente as mãos,
judiando dêle,
fazendo derramar-se o seu sangue,
açoitando-o.
Abrem suas entranhas
pelo seu amor.
*Que criatura
há, como tu ?*

61. Grandes espinhos penetram
sua cabeça, espetando-a.
Todos êles furando-a,
afligem
meu senhor Jesus,
que se submete a isso.
*Que criatura
há, como tu ?*

—V. 45 — II^a, LXXVI, *Da prisão* (= *Dolorosos*).

—V. 50 — II^a, LXXVI, *putina pupé* (dentro da noite)

69. Oatýba ri,
 krusá osupí.
 Membéka súf,
 Iesu seroári.
 Sesé abá poári
 nde resápe ñe.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

77. Jaipó asasá
 ypý recebé.
 Krusá sosé ñe
 xe jára mojá.
 Oiké itapiguá
 nde ánga pupé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

*38 85. *Gloriosos* — Osẽ oikobébo,
 otými roiré,
 añánga ndibé
 teõ moaujébo,
 nde rócupe oikébo,
 nde súpa auñeñé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

69. Sôbre suas costas,
 a cruz ergueram
 De fraqueza,
 Jesus caí com ela.
 Alguém o açoita
 à tua vista.
Que criatura
há, como tu ?

77. Transpassam
 seus pés unidos.
 Sôbre a cruz
 meu senhor pregam.
 Entram os pregos
 em tua alma.
Que criatura
há, como tu ?

85. -Ao ressuscitar,
 depois de enterrado,
 com o diabo
 a morte vencendo,
 entra em tua casa,
 visitando-te imediatamente.
Que criatura
há, como tu ?

93. Ybáka rasápa,
osó, nde rejá
opá obojá,
nde pópe imoguápa.
Tupã moioiápa
sekóu ybaté.
*Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?*

101. Nde ánga osapý
satá oguejýpa.
Tupã rerojýpa
ybáka suí,
osýk oré ri,
sendý jepí ñe.
*Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?*

109. Teombasembápe,
Tupã-túba pýri,
Iesu nde rupíri,
nde moetesápe.
Iesu ekatúpe,
nde ño ereimé.
*Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?*

93. Ao céu transportando-se,
vai, deixando-te
todos os seus servos,
em tuas mãos colocando-os.
A Deus igual
vive no alto.
*Que criatura
há, como tu ?*

101. Tua alma abrasa
seu fogo, baixando.
Com Deus descendo
do céu,
chega até nós
a luz eterna.
*Que criatura
há, como tu ?*

109. Chegando, pela morte,
junto de Deus-Padre,
Jesus te eleva,
engrandecendo-te.
De Jesus à direita,
tu só estás.
*Que criatura
há, como tu ?*

117.

Endé, oré jára,
kuñã piatã,
ybákupe ndoára,
opá erejopoã
oré sumará,
reytýka memé.

*Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?*

117. Tu, Nossa Senhora,
mulher valorosa,
no céu estando,
ameaças
nosso inimigo,
esmagando-o para sempre.
*Que criatura
há, como tu ?*

- | | | |
|-----|-----------|---|
| *97 | 1. 1.º — | Pitangi porangeté,
oroguerobiá katú.
Xe jarĩ, paĩ <i>Iesu</i> ,
xe moingó katú jepé,
nde aão torosausú. |
| | 6. 2.º — | Opá ybáka ereimopó,
paraná, ybý abé.
Aé koý, xe resé,
omirĩ pupé ereikó. |
| | 10. | Ejorĩ, teremondó
xe suĩ tekó angaipába.
Ko xe ánga, nde rusába,
nde rupábamo toikó. |
| | 14. 3.º — | Nde, porausubĩ, ejúpa,
ybytú nde rasapápe,
tapyrusú saroápe,
capiĩ aãé rerúpa. |

1. -Lindo menininho,
acredito piamente em ti.
Meu senhorzinho, Jesus,
faze-me ser bom,
que só a ti eu ame.
6. -Tu criaste tudo : o céu,
os rios e a terra.
Hoje, por mim
em um casebre estás.
10. Vem, para extirpares
de mim os maus costumes.
À tua vinda, minha alma
será aqui tua morada.
14. -Enquanto, pobrezinho, estás deitado,
o vento perpassa por ti,
o boi te custodia,
trazendo capim.

(¹) — Ia, L. Publicada em PL, 198, incompleta.

18. Jorí xe mojekosúpa,
nde rekó katú meénga.
Taimopóne nde ñeénga
xe pyápe nde rausúpa.
22. 4.º — Sorý karaibebé,
ikó ára momoránga.
Ejorí, xe jarí gue,
tasorybeté xe ánga
nde araguéra resé.
27. Akoéime aikó tebē,
xe rekopoxypuruábo.
Taitýk pa, kotý ipeábo,
xe ñyáme tereiké,
xe pyá moingatuábo.
32. 5.º — Adão, oré rub ypý,
oré mokañemeté
añánga ratápe ñe
oré kaiaoaáma ri.
36. Nde erejemosusuní
eremoingobé potá.
Ejorí, tojepeá
tekó aíba xe suf.

18. Vem me fazer feliz,
dando-me as tuas boas leis.
Que eu cumpra as tuas palavras,
em meu coração te amando.

22. —Alegram-se os anjos,
celebrando este dia.
Vem, ó meu senhorzinho,
para que a minha alma exulte
com a tua glória.

27. Eu era, antes, miserável,
portando-me com mau proceder.
Renunciarei a ele, afastando-o,
para que entres em meu coração,
induzindo-me interiormente ao bem.

32. —Adão, nosso primeiro pai,
nos condenou a
no inferno
nos queimarmos.

36. Tu te fizeste criança
porque quiseste viver.
Vem, oxalá se afaste
de mim o mal.

*97v 40. 6.º —

Añánga xe moajú,
koára pukúi xe raánga.
Tekó poxy momoránga
xe pyá pobupobú.

44.

Kunumí poráng *Iesu*,
xe rausú katú jepé.
Taxemomotareté
nde robá porangatú.

48. 7.º —

Nde moangaturameté
paí Tupã *Virgem Maria*.
Jorí añánga mondýia
taxemomoxý umé.

52.

Xe rarongatú jepé,
nde pyá pupé xe míma.
Nde poropotareýma
tojakatú xe resé.

56. 8.º —

Oiké Tupã nde pupé,
pitángamo oñemoñánga.
Opabí nde momoránga
karaibebé sosé.

60.

Nde réra rendúpa be,
añánga ryrý osoápa.
Ejorí murú mombápa,
satápe seytýka ñe.

40. —O diabo me apavora,
tentando-me continuamente.
Costumes profanos
meu coração transtornam.

44. Lindo Menino Jesus,
ama-me muito.
Oxalá eu anseie
por teu belo rosto.

48. —Fizeste muito venturosa,
pai Tupã, a Virgem Maria.
Vem assustar o diabo
para que não me perverta.

52. Guarda-me,
escondendo-me em teu coração.
Tua pureza
se apodere de mim.

56. —Penetra Deus em ti,
concebido numa criança.
Honra-te infinitamente
sobre os anjos.

60. Ao ouvir o teu nome,
o diabo passa trêmulo.
Vem exterminar o mal,
atirando-o ao seu fogo.

64. 9.º — Oá nde rygué suí
pai Tupã-túba raýra.
Tarekóne nde membýra
xe pyápe, Tupansý.
68. Xe xe ánga aimomoxý,
xe jára ñeénga abyábo.
Jorí xe moingokauábo mangokatuábo
nde rekó katú rupi.
72. 10.º — Tupansýramo ereikó,
ipitangí mokambuábo.
Ejorí xe poikatuábo
nde membýramo taikó.
76. Xe anáma abé emoingó,
sausupáramo ixupé.
Iñeénga abé sendúpe,
sorypápe ñe toikó.
- 98 80. 11.º — Jandé rubeté Tupã,
erenoí nde jybápe
nde ánga moapysykápe.
Oré jajubājubā.
84. Eipysyrō xe ñyā,
nde membýra renaoáma.
Sekopoéra angaturáma,
xe resé tojeratā.

64. -Nasce de teu ventre
o filho do Senhor Deus-pai.
Tenha eu o teu filho
em meu coração, mãe de Deus.

68. Prejudiquei a minha alma,
desviando-me das palavras de Deus.
Vem induzir-me
em tuas boas leis.

72. -Como mãe de Deus estás,
seu filhinho amamentando.
Vem alimentar-me,
para que eu seja teu filho.

76. Anima também os meus parentes,
amando-os.
Ao ouvir suas palavras,
eles também se alegrarão.

80. -Nosso verdadeiro pai Tupã
colocas em teus braços,
tua alma consolando.
Nós o abraçamos repetidamente.

84. Salva o meu coração,
colocando nele o teu filho.
A sua santidade
em mim se fortalecerá.

Nos
Nã he

88. 12.º —

Oré ánga iporausú
pecado moñangiré.
Jorí sekýia taujé,
ypý suí, serubú.

92.

Oroausupotá katú,
orojemeénga endébo.
Nde teremeéng orébo
nde membý poráng, *Jesu*.

88. —Nossa alma é desgraçada
desde que cometeu o pecado.
Vem depressa arrancar,
pela raiz, o seu mal.

92. Nós te queremos muitíssimo,
a ti nos ofertando,
Dá-nos
teu lindo filho, Jesus.

D 11

OŨ TUBIXÁ KATŨ ⁽¹⁾

*98

1.

Oŭ tubixá katú,
mamó suí nde reká.
Xe abé, xe anametá
aroporaséi serú.
Nde pópe imeengatú.

-
1. Vêm grandes chefes
de longe procurar-te.
Eu também, os meus parentes
trago para dançar.
Entrego-os em tuas mãos.

(1) — Ia, LII. Incompleta. Provável relação com E 6.

*146 1. 1.º —

Ave Maria poránga
 karaibebé sosé,
 ndoikói abá nde jabé. *não ter*
 Korí ereñemoñáng ~~o~~ *A no manuscrito.*
 Santa Ana rygué pupé.

6.

Ndojepotári nde ri
 koý, nde ñemoñangápe,
 tubypý rekó poxý.
 Nde pysyrónte ixuí
 Tupã, nde rausú katuápe.

11. 2.º —

Oñemomotá xe ánga
 nde ánga poránga ri.
 Taroyrô tekó poxý.
 Nde rekó katú raánga
 imokañéma suí.

1. —Ave Maria, mais linda
 que os anjos,
 não há ninguém como tu.
 Hoje foste concebida
 no ventre de Santa Ana.

6. Não se inoculou em ti
 hoje, à tua concepção,
 o pecado do primeiro pai.
 Libertou-te dele
 Deus, por muito te amar.

11. —Minha alma anseia
 pela beleza da tua alma.
 Odiarei o pecado.
 A imitação de tua virtude
 faz fugir dele.

(1) — I^a, LXII. Provável a relação entre esta poesia e o diálogo da "Ave Maria" citado por Cardim (TTGB, 339-340), o qual seria da lavra de Álvaro Lobo e teria sido representado, entre outros festejos, na aldeia de Nossa Senhora da Conceição, na Capitania do Espírito Santo, em 8-12-1584. É possível, porém, seja este o próprio diálogo, adaptado ao tupi por Anchieta, cujo estilo habitual não se reconhece nele. Aliás, segue-se, no original, outra poesia destinada à mesma festa. Cf. D 17.

16. Emainangatú xe ri,
xe mboareymuká.
Tekó poéra taipeá,
taikó uméne maráni,
Tupã ñeénga rapiá.

21. 3.º — Jaisó, nipó, jasy,
ogobá guasú rerú.
Endeté, paí *Jesu*
nde moaysó eté ixuí.
Nde remomorangatú.

26. Añánga nde momburú,
nde robá repiá pousúpa.
Xeté, nde repiakaúpa,
oroamotá katú,
xe pyápe nde rausúpa.

31. 4.º — Koarasý, nipó, oberá,
putunusú koabiré.
Ndeté, ereberá ixosé,
oré resapébo pa
nde rekó katú pupé.

36. Putunusú porarábo,
oroikó tebengatú.
Emonánamo, erejú,
oré putúna peábo,
Tupã berába rerú.

16. Guarda-me,
não me deixes cnir.
Afaste eu os hábitos antigos,
não viva brigando,
obedeça à palavra de Deus.

21. —É linda, em verdade, a lua,
com o seu grande rosto.
A ti, porém, o senhor Jesus
fêz mais bela que a ela.
Tu foste feita a mais bela.

26. O diabo te maldiz,
vexando-se ao ver teu rosto.
Eu, ao te ver,
quero-te muito,
amando-te em meu coração.

31. —O sol, em verdade, brilha,
depois que a noite escura passa.
Tu, porém, brilhas mais que êle,
iluminando-nos intensamente
com a tua virtude.

36. Suportando a escura noite,
éramos infelizes.
Assim, tu vens,
afastando a nossa escuridão,
trazer a luz de Deus.

- *146v 41. 5.º — Tupã nde rausubeté,
graça ri nde moiniséma.
Nde ndererobýi koéma,
ára rúri janondé
putunusú mokañéma.
46. Añánga moñeguaséma,
sekó poxy resebé,
ererú nde abaeté.
Ejorí murú moséma,
taxemokañemumé.
51. 6.º — Añánga nde moabaité,
nde suí osykyjébo.
Xe moapyatã jepé,
tapuã murú resé,
aujérama imoaujébo.
56. Oré rekó poxy óka,
tiñyrõ Tupã orébo.
Ejorí oré pokóka.
Torosapekó nde róka,
nde memé nde moetébo.
61. 7.º — Osýrama resé ñe,
Jandé Jára nde moñangi,
opabi kuñã sosé
nde mombaetébo e.
Ndaeté nde momorangi.
-
41. -Deus muito te ama,
fazendo-te cheia de graça.
Tu és a manhã azul,
que antes do vir do dia
faz fugir a noite escura.
46. Expulsando o demônio,
conjuntamente com o mal,
trazes tua fortaleza.
Vem acabar com as desordens,
não me perca eu.
51. -O diabo te teme,
apavorando-se de ti.
Faze-me forte,
que eu me erga contra o mal,
para sempre o consumindo.
56. Abolindo os maus costumes,
Deus nos perdoará.
Vem nos amparar.
Freqüentemos nós tua casa,
tu sempre te engrandecendo.
61. -Para sua própria futura mãe,
Nosso Senhor te criou,
sobre todas as mulheres
te engrandecendo.
Assim te santificou.

66.

Nde reburusú riré,
Tupā sýramo ereikóne.
Ndoropoerausubixoéne. *Nod*
Nde pýri oroikóbo ñe,
ndoroikotebembeixóne. *nosreporeratu...*

71. 8.º —

Nde resá porausubára
erobák ixé kotý,
tojeók ixé suí
xe resá poropotára,
tamaengatú nde ri.

76.

Koí, nde ñemoñangába
oguerú torybeté.
Sorý karaibebé,
sorý pakatú apiába,
sorý kuñā nde resé.

*147

81. 9.º —

Nde róka angaturaoáma,
oroimoí, nde rausúpa,
nde raangába rerosúpa. *f*
Ejorí oré retáma
ára rupi ñe ixúpa.

86.

Tosē añānga ixuí,
gukopoxý rerosýia.
Ejorí murú mondýia.
Topuamumé oré ri,
oguatápe oré ri kýia ! *ret*

66. Depois que tu cresceres,
serás a mãe de Deus.
Não mais seremos lastimáveis.
Junto de ti vivendo,
não seremos necessitados.

71. —Teus olhares compassivos
volta para mim,
para que se elidam de mim
meus olhares desonestos,
e eu te contemple a ti.

76. Hoje, tua concepção
traz muita alegria.
Alegram-se os anjos,
alegram-se todos os homens,
alegram-se as mulheres por tua causa.

81. —Tua casa será feliz,
entramos nela, por te amar,
à procura de tua imagem.
Vem tu sempre
visitar a nossa terra.

86. Saia dela o demônio,
a sua própria maldade o afastando.
Vem assustar o maldito.
Que se não erga contra nós,
conspirando-nos em seu fogo !

91. 10.º —

Nde resé teõ ndosýi. *no - syk - i*
Tekobé jareté endé.
Oré moingobé jepé,
orébe toremondýi, *mondyk - i*
nde irúmo toroikobé.

96.

no 7 este
Nde po guýribo pabē = *no ã digui*
toroñenóng orojúpa.
Nde membýramo orokúpa,
ybaté torobasē,
aujérama nde rausúpa.

* Em alguns casos, qui e q:

para representar o fonem
está errada esta palavra (

noção de noção.

91. -De ti não se aproxima a morte.
Tu és a verdadeira senhora da vida.
Anima-nos tu,
quando ela nos surpreender,
para que vivamos contigo.

96. Em tuas mãos todos
repousemos tranquilos.
Guardando-nos como teus filhos,
ao céu chegaremos,
amando-te eternamente.

D 13 — NA ALDEIA DE GUARAPARIM



FIG. 14

Aspecto atual da igreja de Guaraparim, restaurada pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional. Nela se teria representado parte da peça "Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao P. Provincial Marçal Belarte".



FIG. 15

A "Fonte dos Padres", em Guaraparim, onde, ainda hoje, se abastecem as lavadeiras.



FIG. 16

Ruínas da igreja iniciada em princípios do séc. XVII, em Guaraparim, o destinada a substituir a velha, dos jesuítas.

NA ALDEIA DE GUARAPARIM

Esta é a mais longa peça do caderno de Anchieta escrita exclusivamente em língua tupi.

Deve situar-se na aldeia de Guaraparim ⁽¹⁾. Apresenta uma personagem original para o teatro indígena — a Alma — e uma provável cena celestial ⁽²⁾, indícios de época avançada na catequese. Contém elementos de outras peças ⁽³⁾, o que sugere arranjo organizado à pressa e fiza a sua composição em data posterior à delas ⁽⁴⁾.

Fornece dados etnográficos, como o comportamento dos casais ⁽⁵⁾, a adoção de muitos nomes, à moda indígena ⁽⁶⁾, e indicações geográficas, como a de aldeias não conhecidas na documentação da época ⁽⁷⁾.

Linguisticamente, revela flexibilidade na linguagem, rapidez no diálogo e vocabulário relativamente mais rico que o das peças tupis anteriores.

(1) — V. 775, cf. E 1, NI.

(2) — VV. 485-487.

(3) — Cf. D 13, V. 183 e D 8, V. 50; D 13, VV. 288-294 e E 1, VV. 223-229; D 13, VV. 757-773 e E 2 b, VV. 393-403, etc.

(4) — Sendo essas peças de 1584 a 1589 e estando D 13 situada, no caderno manuscrito, entre D 12 e A 9, fixadas em 8 de dezembro e 1.º de janeiro, parece provável que se deva situar em dezembro de 1589 ou ano pouco posterior (1590-1594).

(5) — VV. 320 e sgs.

(6) — VV. 513-523.

LOCAL — A aldeia de Guaraparim, no Espírito Santo.

DATA — Dezembro de 1589-1594.

PERSONAGENS — Diabo 1 = Anhanguçú
Diabo 2 = Tatapitera / Arongatu
Diabo 3 = Caguaçu / Caumondá
Diabo 4 = Moroupiara / Mboiçu /
Anhangobi
Alma
Anjo
Citam-se : Nossa Senhora, Jesus Cristo,
Jaganharão e vítimas.

TEMA — Diabos planejam dominar Guaraparim. Avistando uma alma, que acaba de se desprender do corpo humano, acusam-na de pecados cometidos. Ela contesta, invoca Nossa Senhora. Um anjo a salva e expulsa os demônios, protegendo a aldeia.

*148 1. *Diabo 1* —

Akái ! Aseká, jepé,
mitasába amo guitekóbo.
Eri ! Xe mosē memé
tába suí abaré,
kuépe katú xe mondóbo.

6.

Oporomboé, aú,
Tupã ñeénga raánga.
Ixý mombeú poránga
xe moingó tebengatú,
omombúki be xe akánga.

11.

Saí, xe jukaeými,
Tupansý rera abaité.
Serendúba rupi be,
amongotý xe ñemími,
xe putunusú pupé.

16.

Akoéime, ko tabiguára
xe po guýribo sekóu.
Tupansý, xe momburuára,
opakatú xe rembiára
xe po suí serasóu.

1. —Ai ! Tenho andado, de balde,
à procura de um pouso.
Irra ! Sempre me faz sair
da taba o sacerdote,
expulsando-me para bem longe.

6. Infelizmente, ele ensina
a obedecer às palavras de Deus.
Proclama que sua linda mãe
me desgraçou,
quebrou minha cabeça.

11. Humilha-me, sem me matar,
o nome terrível de Nossa Senhora.
Ao ouvi-lo,
oculto-me além,
em minha grande noite.

16. Antigamente, estes aldeões
viviam sob meu domínio.
Ameaçando-me Nossa Senhora,
todas as minhas presas
escaparam de minha mão.

(1) — P. LXIV.

21.

page 614
no 203

Akaiguá !
Nitibangái xe bojá,
xe ratangatú irumboéra !
Umã pe Tatapytéra ?
Umã pe Kaumondá ?
Umã pe Moroupiaroéra ?

27. Diabo 2 —

Ko aikó. Xe renoindápe ?
Ejerobiá xe resé.
Xe ratangatú pupé
nde ñeénga moposápe,
ko tába aipobú memé.

32.

Aipobú guaibí pyá,
imoyrómo, imomarána.
Ndeiteé, moxý oñána,
tatá piriríka iá
abá repeñápeñána.

37.

Ojoaó marangatuábo,
mbaé rekýia ixupé.
"Nde rapixára pixé !
Mbaé némi, ju !" ojábo,
kýpe oñemoyrómo ñe.

21. Ai !

Já não há criados meus,
meus companheiros de inferno! fortes
Onde está Tatapiterá ?
Onde está Caumondá ?
Onde, Moroupiaroera ?

27. -Aqui estou. Tu me chamaste ?
Confia em mim.
Quando, em meu grande fogo,
chegam as tuas ordens,
eu sempre alvoreço esta aldeia.

32. Perturbo os corações das velhas,
irritando-as, fazendo-as brigarem.
Por isso, as malvadas se engalfinham,
o fogo crepitante as toma
e acomete os índios.

37. Insultam umas às outras,
provocantemente.
"Tu cheiras a chamusco !
Ó, que mau cheiro !" dizem,
irritando-se, às vezes, seriamente.

-V. 24 — *Tatapytéra* — Literalmente composto de *tatá* (fogo) + *pytéra* (sopro), o que corresponde aproximadamente a "Lança-fogo".

-V. 25 — *Kaú mondá* — Literalmente composto de *kaú* (vinho) + *mondá* (ladrão).

-V. 26 — *Moroupiaroéra* — Expressivo em sua composição tupi, mas de difícil tradução, corresponde aproximadamente a "adversário antigo e temível, por muito afeito à luta" (*moro* + *upiár* + *oéra*).

42. *Diabo 1* — Aujé. Xe rorybeté.
Nde "Arongatú" nde réra.
Diabo 2 — Eë. Xe, Tatapytéra,
xe tataguasú jabé,
asapý ñemoyromboéra.

- *148v 47. Auñé ñe,
oapixarĩ resé
irepýki, marã ojábo,
ikurúpa, iangaguábo.
Oimoerapoáni be,
ojurúpe imomoxyábo.

53. Aipó ko nde rembiaráma.
Setá ñe ko tapé osoápa,
aipó nde remixiráma.
Jasó, sesé, japuáma,
Tupána sy kupeápa.

58. Ikuabeyme be.
Diabo 1 — Jasó murú rerasóbo.
Ndereikuábi mbaé.
Tupansý opabeñé
mbaé oikuáb oikóbo.

42. —Basta. Estou satisfeito.
Tu te chamas "Arongatu".
—Sim. Eu, Tatapitera,
como meu grande fogo,
asso os que se odeiam.

47. Inútilmente,
aos seus próprios amigos
êles vingam, dizendo desaforos,
insultando, vituperando.
Quanto mais os defendem,
com sua própria boca os vão prejudi-
cando.

53. Êstes aqui vão ser presas tuas.
Como muitos passam nesta estrada,
êsses serão para cozeres.
Vamos, para isso, nos erguendo,
na ausência da mãe de Deus.

58. Ela não sabe de nada.
Vamos fazer desordens.
—Tu é que não sabes de nada.
A mãe de Deus
está sabendo de tudo.

—V. 43 — *Arongatú* — Literalmente, *arõ* (guarda) + *katú* (bom). O recebimento de novos nomes correspondia a títulos novos. Cf. E 2 a, —V. 533.

63. Ijypýpe opyrumuã,
jandé suf ipysyrómo,
omembýra moñyrómo.
Jasó umé, jandé nupã,
tatápe jandé mombómo.
68. *Diabo 2* — Tou jandé pytybómo
xe rebýra, nde bojá.
Diabo 1 — Abápe?
Diabo 2 — Kaú mondá.
Tupansý ybôybómo,
imondóbo, sembiára.
73. Eréne, korí, sepiáka.
Ipoakatú ko murú.
Diabo 1 — Aujebeté, rō ! Tou.
Diabo 2 — Kc, túri ! Arupareáka
jurupára ndi, serú .
- Diabo 3* — Ko aikó, Kauguasú.
Ko aikó, Kaumondá.
Abápe korí xe ja ?
Eri, aáni ! Aimomburú.
Akoéime tupinambá.
83. Eiteñé, oñemoityámo,
uúba mogapotá.
Eri, aáni ! Ajybombá,
ipysýka, iapytiámo,
xe rembiáramo ta pa.
-
63. Ela se ergue, altaneira,
libertando-os de nós,
perdoando os seus filhos.
Se não formos, açoita-nos,
lançando-nos ao fogo.
68. —Virá nos ajudar
um meu irmão, teu criado.
—Quem?
—Caumondá.
Flechando a mãe de Deus,
êle a prenderá, expulsando-a.
73. Chama já, para veres.
É certoiro este malandro.
—Pois bem ! Venha.
—Ó, vem vindo ! Farpas
com o arco, traz.
78. —Aqui estou eu, Cauguaçu.
Aqui estou eu, Caumondá.
Quem há hoje que me iguale ?
Ó não ! Eu faço desordens.
Eu era tupinambá.
83. Em vão, para se destruírem,
gostam de disparar flechas.
Não vê ! Eu os flecho a todos,
prendo-os, amarro-os,
apanho-os para minhas presas.

88. ITupa óki, jepé,
Tupã mongetagetábo,
aimomoxý pabeñé,
pysaré imongaguábo.
Imomondarómo be.
- *149 93. *Diabo 2* — Irõ be.
(Aipó ndaeipáki, xe . . .)
Xe rebýra, rerobiá?
Diabo 1 — Nde pipó Kaumondá?
Diabo 3 — Xe ikó, xe jari, gue!
Ko xe rekóu, nde reká.
99. Abá nde mombaeté.
Aipotá katú guitekóbo,
tába jakatú guixóbo,
abá raánga memé,
nde bojáramo imoingóbo.
104. *Diabo 1* — Aépe marã ereikó
abá moaujepotá?
Diabo 3 — Ndoikuábipe, taá?
Kaguáramo xe rekó,
ixé niã Kaumondá.
109. Ixé ko, kaú resé,
aporomoingó jepí
okauguasú pabē
— apyába, kuñã ndibé —,
xe omoinguába rupi.

88. Embora, em suas igrejas,
rezem a Deus,
faço-os todos pecarem,
bebendo vinho à noite.
Roubando também.

93. —Está bem.
(Isso nem me acorda, a mim . . .)
Acreditaste, meu irmão?
—Então tu és Caumondá?
—Sou, meu caro senhor!
Aqui estou, procurava-te.

99. Os índios te respeitam.
Tenho sempre procurado,
quando vou às aldeias,
seduzir os índios,
reduzindo-os a escravos teus.

104. —E como pretendes
subjugar os índios?
—Não sabe, senhor?
Têm-me como beerrão,
pois eu sou Caumondá.

109. Eu aqui, com o vinho,
vou sempre fazendo entrarem
todos os beerrões
— homens e mulheres —
no meu sistema.

114. Pysaré,
ikauguasú riré,
asó abá rerobobómo,
kuñā resé ipytybómo,
ipotauká ixupé,
sesé imomondarómo.
120. Emonā, guiporomoingóbo,
abá momoxypotá.
Ajonóng kaumondá.
Xe réramo serekóbo,
xe rapiá katú abá.
125. *Diabo 1* — Ikó tábape, marā
ndereípe ixupé rañé?
Diabo 3 — Ndaéi, xe poerái mbyté,
xe bojá tupinambá
retáma rejá riré.
130. Koromō,
ke iguára, temiminó
moaujébo, asapekóne.
Diabo 1 — Aã! Nderetykixóne.
Iporangatú sekó.
Ndereroyrō, nde mombóne.
136. Osausú ko Tupansý,
imembýra rerobiá.
Ndeikatúi nde rapiá.
Oñemoteoã moxý.
Nde moñ:guasê motá.
- *149v
-
114. À noite,
depois de eles beberem muito,
vou cochichar aos ouvidos dos homens,
ajudando-os acerca de mulheres,
incitando-os a desejarem-nas,
fazendo-os agredir a elas.
120. Assim, onde me vcu introduzindo,
os índios desejam praticar o mal.
Domino os ladrões de vinho.
Tendo o meu nome,
todos os índios me obedecem.
125. —Nesta aldeia
já falaste a eles?
—Não, estava meio cansado,
tinha vindo da terra
de meus servos tupinambás.
130. Daqui a pouco,
submetendo os temiminós,
queimarei estes habitantes.
—Pois sim! Eles te esmagarão.
Sua vida é virtuosa.
Odeiam-te, expulsar-te-ão.
136. Amam aqui a mãe de Deus,
creem em seu filho.
Não podem obedecer-te.
Converteram-se os maus.
Querem te fazer partir.

141. *Diabo 3* —

Eri! Aimoaujé, jandúne.
Ajekotyrúng, seséne,
kotýpe korí aimoingéne,
aipyamombumombúne,
aimoangaipápa be ñéne.

146.

Diabo 1 —
Diabo 3 —

Oikobé xe rúba angába,
tupí moangaipaparoéra.
Abápe? Marápe séra?
Añánga poromombába,
Mboiusú, Moroupiaroéra.

151.

Diabo 1 —

Ixupé jasoá ojeí
eresapukapukái.
Añé, uí! Xe resarái
tekotebē eté suí!
Mbaé naikuabangái!

156. *Diabo 3* —

Ke, túri nde pytybómo,
ingapéma renoñána!
Oikuá katú marána,
morapearoarómo,
oporomonamonána.

141. —Ó! Eu os submeterei, como sempre.
Para isso, ficarei de emboscada,
entrarei hoje no seu quarto,
perturbarei o seu coração
e os farei pecar muitíssimo.

146. Existe um meu compadre,
que faz os tupis pecarem.
—Quem? Como se chama?
—Diabo destruidor,
Boiuçu, Moroupiaroera.

151. Parece que hoje
tu chamaste por ele.
—Ó, é verdade! Esqueci
do coitado!
Sou um tonto!

156. —Olha, vem correndo te ajudar
e traz consigo a ingapema!
Ele sabe guerrear,
fica espreitando os caminhos,
dissimulando as armadilhas.

—V. 149 — *Boiusú* — Literalmente, Cobra-grande (*mbóí-usú*).
Moroupiaroéra — Cf. —V. 26.

—V. 157 — *ingapéma* — Cf. E 2 a, —V. 747.

—V. 160 — *oporomonamoná* — Segundo o VLB, 261, significa propriamente misturar terra seca e pó com terra fresca,
para se não enxergar haver cova no caminho.

161. *Diabo 1* — Indí, korí, tiasó
temiminó repeñána,
auñeñé setáma amána.
Eneĩ, tiasasó
senondé ko musurána.
166. *Diabo 3* — Eñambé !
Toú te, murú, rañé.
Oñarō rerobaséma.
Sakypoéra rupié,
jasó ko tába monéma
moropotára pupé.
172. *Diabo 1* — To, ahé !
Diabo 3 — Abápe ke sobasé,
kuibō omaē ñemíma ?
Moroupiaroéra aé,
oúramo nde resé,
temiminó rokesýma.
- *150 178. *Diabo 1* — Erĩ, aujé !
Diabo 4 — Nde pipó Mboiusú, gue ?
Xe ikó, aikó nde súpa.
Ajú nde momorandúpa
xe porapití resé.
-
161. Vamos, hoje, com ele,
atacar os temiminós,
cercando, imediatamente, a sua terra.
-Eia, levemos
à sua frente esta muçurana.
166. ~Espera !
Ele já vem vindo antes.
Avança ao teu encontro.
Seguindo as suas pegadas,
nós tornaremos esta aldeia
repugnante de malícias.
172. -Olá !
Quem é esse que chega
e olha para cá dissimuladamente ?
-É Moroupiaroera,
que vem por tua causa,
tomando a dianteira aos temiminós.
178. -Ó, basta !
Então, tu és Boiuçu ?
-Sou, vim procurar-te.
Venho te fazer um relato
de minhas matanças.

183

Paraná guasú rasápa,
ybytýribo guibebébo,
asó tupí moangaipápa,
aeré, murú mombápa,
xe ratápe seroikébo.

188. *Diabo 1* —
Diabo 4 —

Mbaé apiábap' aipó?
Tupinakía, ke iguára,
tiapýra moroupiára.
Murú, añé, ojangaó!
Ndojábi angái Jaguára...

193. *ipocogu'*
ipokók-i

Knesé, karaíba ri
ipokógi, japytiábo,
ñumitéripe imbojábo.
Setáma réra Mboijý.
Aépe imojípa, iguábo.

198.

Rumbý, karaíba osóbo,
ojepýka, xe rapiá.
Asó kaẽ serasóbo.
Kapitãoamo guitekóbo,
ixupé ybombabuká.

183. Atravessando o grande rio,
sobrevendo a serra,
eu fui fazer os tupis pecarem,
provocando, assim, desordens,
em meu grande fogo os fazendo entra-
[rem.

188. -Que homens são esses?
-Os tupinaquis, que moram aqui,
guias desonestos.
Os danados são rixentos!
Não parecem com o bom Jaguar...

193. Ontem, a um cristão
agarraram, amarrando-o,
subjugando-o no meio do campo.
Sua terra se chama Boiji.
Ali o assaram e comeram.

198. Enfim, de um cristão, que passava,
vingaram-se, a meu mandado.
Eu o vou levando para moqueá-lo.
Estando como capitão,
a ele mandei flechar.

-V. 183 — Cf. D 8, V. 50.

-V. 192 — A aldeia de Guaraparim foi povoada com a gente de Jaguaruçu (Cão Grande), irmão de Araribóia.

-V. 190 — *Mboijý* — Literalmente, Rio das Cobras (*Mbói* + *y*).

-V. 201 — *Kapitãoamo* — Híbrido português-tupi (*capitão* + (*ri*)amo).

V. 111, 600
111, 600

203. Irõ, xe ratangatú,
añánga maranijára,
Moroupiára, Mboiusú !
Tasóne ko tapijára
nde bojáramo serú.
208. *Diabo 3* — Erubiá, xe rubangába,
tandemoembiá korí.
Ko aé xe kyreimbába
oikuá morapití,
oikuá oromombába.
213. *Diabo 1* — Satangatú, tenipó,
serimbaé resé e.
Ndaináni, temiminó,
serokipýra jepé,
oerumána mombó.
218. Emonánamo, Tupã
imoatangatú jepí.
Ojojá, ko Tupansý,
jandé rerekomemoã
apiába rausúba ri.
- *150v 223. *Diabo 4* — Ndamoabaetói moxý.
Ixé Moroupiaroéra.
Iporangatú xe réra.
Ajuká, umuã, tupí,
Tupã momburuaróera.
-
203. Portanto, sou forte,
diabo senhor das guerras,
sou Moroupiaroera, Boiuçu !
Irei êstes tabajaras
como teus escravos trazer.
208. -Podes erer, meu padrinho,
tu terás presas hoje.
Aqui êste meu valentão
sabe esmagar,
sabe destruir.
213. -Talvez tenha sido forte
no passado.
De modo algum os temiminós,
embora batizados,
renunciam a seu nome antigo.
218. Assim, Deus
os faz sempre muito fortes.
A mãe de Deus, igualmente,
nos maltrata
por amor dos índios.
223. -Eu não temo os maus.
Sou Moroupiaroera.
É lindo o meu nome.
Matei, outrora, os tupis,
que desacatavam a Deus.

-V. 217 — Os nomes correspondiam a títulos obtidos por qualidades ou ações dignificantes. Cf. E 2 a. -V. 533.

228. Iánga abé serók oá
xe ratá pupé sapyábo.
Koiré, akoéi ajá
temiminó, momoxyábo.
Iánga ajuká potá.
233. Ojoesé teõ asápe,
teté kañéma jabé,
abá ánga reõ u ñe,
Tupána ñeénga abiápe.
Irõ, aikuá mbaé . . .
238. Aipó guijábo, nákyi xe.
Añonóng moroupiaroéra
tekó angaipába pupé.
Xe poromboá riré.
Jabaeté katú xe réra.
243. Aé be, korí, abá
xe jusáneme imboáne,
pecado moñangukáne,
seõ re, seytýka pa,
xe ratápe seroáne.
248. *Diabo 2* — Nde apysykatú pipó,
oré ñeénga rendúpa?
Diabo 1 — Xe apysykatú guitúpa.
Diabo 2 — Peneĩ, rõ, tiasó
ke jaguapýka jakúpa.

228. E suas almas pagãs tombaram
para arderem em meu fogo.
Agora há pouco, prendi aquêle
temiminó, destrocando-o.
Quero matar a sua alma.

233. Atacando de morte uns aos outros,
quando os corpos se salvam,
vem a morte às almas dos índios,
por transgredirem as palavras de Deus.
Bem, eu sei cousas . . .

238. Dizendo isto, eu não sou fraco.
Eu induzo os adversários
a hábitos pecaminosos.
Depois, eu os faço caírem.
É temível o meu nome.

243. Assim também, hoje, os índios
farei caírem em meus laços,
obrigando-os a pecarem,
para arrastá-los todos, depois de sua
[morte,
a tombarem no meu fogo.

248. -Estás satisfeito,
ouvindo as nossas palavras?
-Estou bem contente.
-Eia, pois, vamos todos
ficar aqui sentados.

253.

Perú apykába amó
mbegué jajomongetá,
toñandú umé abá.
Korí, nã, jandé rekó
jandé moaroápa, angá !

258. *Diabo 1* —

Ererúpe nde pitýma ?

Diabo 2 —

Kobé. Xe ratá, te, ogué !

Diabo 1 —

Ndasasýi. Neíne endé,
eñána, serú ñemíma,
mbípe emondarõ sesé.

263. *Diabo 3* —

Irõ ! Xe jar, abebé.

Ko tatá xe so aguéra.

*151

Diabo 1 —

Eë, ke Tatapytéra
toguapýk, uíme endé,
iké Moroupiaroéra.

*Sentam-se com as vítimas e tratam
sobre quem prenderão :*

268. *Diabo 1* —

Pe ratangatú resé
guijekóka asó potá,
tába pobupobú pa.
Ko xe jusána pupé
abá ánga amomboá.

253. Trazei algumas cadeiras
para conversarmos baixinho,
sem que os índios percebam.
Assim, hoje, os danados não nos
impedirão de ficarmos.

258. —Trouxeste teu tabaco ?
—Está aqui. Opa, meu fogo apagou !
—Não importa. Eia tu,
corre, traze-o escondido,
rouba deles por aí.

263. —Pronto ! Eu o peguei, voei.
Está aqui o fogo que fui buscar.
—Bem, aqui Tatapitera
sentará, lá tu,
ali Moroupiaroera.

268. —Em vossa força
quero estar apoiado,
ao revolver a aldeia.
Aqui nestes meus laços
faço caírem as almas dos índios.

273.

Diabo 2 —

Neĩ, nde, Tatapytér :
abápe jarú koríne ?
Jaipysýk amó guaibíne.
Iangaipápa, iñemoyrondué,
tatá pupé jasapýne.

278.

Ndopýki iñeengatã,
memé ñe oporoaguábo.
Iñeéng memoãmemoã,
moéma ko omopoã,
abá momoxymoxyábo.

283.

Ndoimoguábi, oñemoyrõ,
niñyrõ, ndijerekoábi,
jepí ñe iporaakakábi,
osekyseký teõ.
Iñeénga asý ndopábi.

288.

Osykýi kuñã majé
Karuára.
Ndopábi moropotára,
tesainána, marã e,
mondarõ, moéma abé.
Setá ñe xe rausupára
ko xe retáma pupé.

273. Eia, tu, Tatapitera :
quem vamos devorar hoje?
— Agarraremos algumas velhas.
Sendo pecadoras, rixentas,
no fogo as queimaremos.

278. Não cessam suas palavras rudes,
estão sempre discutindo.
Suas conversas maliciosas
levantam calúnias aqui,
prejudicando o gentio.

283. Não joeiram, são briguentas,
não perdoam, são grosseiras,
estão sempre censurando,
invocando a morte.
Suas palavras cruéis não têm fim.

288. As mulheres respeitam o pajé
Caruara.
Não têm fim os desonestos,
dissolutos, caluniadores,
ladrões e mexeriqueiros.
Eles todos são meus amigos
aqui em minha terra.

—VV. 288-294 — Cf. E 1, VV. 223-229. Há divergências em : V. 288 : *kuñã majé* — E 1, *byté pajé*; V. 294 : *ko xe retáma pupé* — E 1, *ko Guarapari pupé*.

295. Eý, teñé, abaré Tupã resé
serobák potaraúpa.
Erĩ, osaáng jepé,
xe, te, xe rapiareté,
opyápe xe rerúpa.
300. *Diabo 1* — Endépe, marã eré,
Mboiusú? Kaú mondá?
Diabo 3 — Xe te, xe rembiá potá
sabeipóra amó resé,
kuña ri imoreká.
- *151v 305. Xe po guýripe arekó
kunumí guasú angaipába,
tuñábae kakuába.
Ojepé ombé añó,
nomoangaipábi ko tába.
310. Naxereroyroy guaibĩ.
Kuñã syguarajibóra
aipopoár, ajapitĩ.
Kuñamukú tába póra,
xe pyá pupé añomĩ . . .
315. Abaré ndoguerobiári,
putúna rupi okaguábo,
Tupána rausupeábo.
Kuñã ri iñemomotári,
"Aipotá temã . . ." ojábo.
-
295. Os sacerdotes desejam,
em vão, convertê-los a Deus.
Ó, embora tentem,
a mim, na verdade, obedecem,
trazendo-me em seu coração.
300. -E tu, que dizes,
Boiuçu? Caumondá?
-Quanto a mim, gosto de prender
certos beberões,
levando-os a procurarem mulheres.
305. -Eu tenho em meu poder
mancebos pecadores,
velhos de muita idade.
Se os deixasse à vontade,
esta aldeia não pecaria.
310. Eu não desprezo as velhas.
As mulheres desonestas
eu manieto, arrasto.
As moças que moram na aldeia,
guardo em meu coração . . .
315. Não crêem no sacerdote,
bebendo de noite,
renegando a Deus.
Cobiçam as mulheres
dizendo: "Eu desejaria . . ."

-VV. 305-314 — Cf. E 1, 166-174.

320.

Aeré,
moxý rekóu pysajé,
okibiñã asaasápa,
temirekó moangaipápa.
Omondarómo sesé,
kuñã ména cupeápa.

326.

Kuñã rakypué mondóbo,
apiába niapisái
kaá embeýpe osóbo.
Oñemíma, ndaerojái,
imoabacté oikóbo.

331.

Mendaroéra, ko reá, c-î-mor... o-kûapa
ndéi, ojeakakápa. Nawarro (1999 e 2006)
Arobýk umé peká,
oýmo murú osoápa, eimo muru osoapa
Tupã ñeénga rapiá. (no manuscrito)

336. *Diabo 1* —

Diabo 3 —

Aépe aé kuñã
noñeráni, imomarána?
Oimborý te, oimongelá!
Abá momañamañána
ári oikopotá!

320. Assim,
passam criminosamente as noites,
perpassando o interior das casas,
fazendo espôsas pecarem.
Como eles as agridem,
as mulheres traem os maridos.

326. Mandando as mulheres caminharem no
os varões não percebem [seu rasto,
quando vão até o mato.
Escondido, embora,
cometem-se desonestidades.

331. Apesar disso, os maridos
nada falam, censurando.
Sem que eu procure me aproximar,
os coitados vão seguindo,
obedecem às palavras de Deus.

336 -E com as mulheres
não protestam, não brigam?
-Até gostam, contam-no!
Os índios gostam de fiar
espreitando!

-V. 340 — Cf. I*, LXIV, (12).

341. *Diabo 2* — Aipó jandé rorypába.
Jandé potaoáma e
tiasó serú taujé.
Diabo 1 — Ñambé, jandé kireimbába
tiaïneengendú rañé.
- *152 346. *Diabo 4* — Marā pe nde : Boiusú,
Moroupiár, Añangobý?
Xe abá ñeénga ri,
aipysý potá katú
morepeñandára ndi.
351. Aipó naxeábi potári.
Omaramoñamoñánga,
oimombói abá akánga.
Oirũ ndojamotári
moronupã momoránga.
356. Oikobé ko xe jybá.
Eiñé moxý okoápa.
Abá ri opoapoá
oporapixapixápa,
oporoirarombá.
361. “Ajuká pe murú ka !”
ié memé. Nixandógi *Ni Xandók-i*
marána ri. Iaraá.
Akó Jaguanharō iá *Navarro 1999 e 2006*
iñarō, niputusógi. *ni putu-sok-i*

341. -Isso é uma alegria para nós.
Nossos futuros quinhões
vamos trazer logo.
-Da mesma forma, nosso herói
antes ouçamos falar.

346. Que dizes tu : Baiuçu,
Moroupiara, Anhangibi?
-Eu pretendo
capturar os índios
com ataques de palavras.

351. Não os quero ferir.
Eles vivem lutando,
quebram a cabeça dos índios.
Seus próprios companheiros
gostam de celebrar surrando.

356. Aqui estão estes meus braços.
Eles abraçam falsamente os maus.
Erguem-se contra os índios
para espancá-los,
para esmurrá-los.

361. “Eu vos matarei”
dizem sempre. Não soltam os venci-los
de guerra. São ligeiros.
Jaguanharão os prende,
ataca, não lhes dá trégua.

366. *Diabo 1* — Xe momotá pakatú
aipó pe ñeénga biã.
Diabo 2 — Aépe koí marã?
Diabo 1 — Aryrý, xe momburú,
xe moaruá paí Tupã!
371. Iporausubareté,
oangaturáma poruábo.
Ixý jerekoába, abé.
Ojoók jabaeté,
iñemoyrõ nongatuábo,
376. iangaipabeté jepé
ko pe rembiá potasába,
iangaipá jepé apiába,
kuñã ri imondá mbaé
kuñã abé imondosába.
381. Ipoxý ñeengixoéra,
moéma mopuambára.
Apiába maramotára,
moronupânupã koéra,
morapití, momboitára.
386. Opá, emonã, tekoára
jandé ratá iajarõ.
Diabo 3 — Tiarasó sapyábo, rõ.
Diabo 1 — Irambuémo, sausupára,
Tupansý oipysyrõ.

366 -Eu desejaria executar
tôdas estas vossas palavras.
-Agora mesmo?
-Eu tremo, desafici,
ofendi o Senhor Deus!

371. Ele é misericordioso,
pratica sua própria virtude
Sua mãe é, também, compassiva.
Ela extirpa a arrogância,
apaziguando os irritados,

376. embora sejam muito más
estas vossas cobiçadas presas,
ainda que os homens sejam maus,
atraíçõem as mulheres
e as expulsem.

381. Elas são maldizentes,
caluniadoras.
Os homens são furiosos,
espaucadores,
trucidam, ameaçam.

386. Assim, todos os habitantes
nosso fogo consome.
-Vamos queimá-los, então.
-Devagar, companheiros,
a mãe de Deus os protege.

391. *Diabo 4* — Aépe iangaipáme ñe,
Tupansý sausubaúbi?
*152v *Diabo 1* — Omembýra reô re :
opabi abá rausúbi,
ikaturáma resé.
396. Ndeiteé,
abá opyá pupé,
oangaipába moxyábo.
Aeré, imombeguábo,
Tupã moñyrómo be,
jandé retã jandé prúbo.
402. *Diabo 4* — Jiabaieté aipó !
Ndopýki, ñemombeguára,
jandé po sú sembiára.
Diabo 1 — Ané ã, aipó tekó
jandé mopanemijára.
407. *Diabo 4* — Ndoikói tebê amombacé
Tupã ñyronsabeyma ?
Diabo 1 — Aáni. Setá jepé,
oikuakubipvreyma,
iñyrongatú ixupé.
412. *Diabo 4* — Aépe ikuakubipýra ?
Diabo 1 — Aé, Tupã ñemoyroáma,
ñyronsabeymaoáma.
Aipó jandé ratá guýra
poráma, sapypvráma.

391. —Sendo eles pecadores,
ama-os a mãe de Deus?
—Seu filho por isso morreu :
pelo amor de todos os homens,
pela sua felicidade futura.

396. Assim,
no seu coração, os índios
os seus pecados condenam.
Depois, confessando-os,
Deus os perdoa,
afastando-nos de nossa terra.

402. —Isto é terrível !
Não cessam, os que se confessam,
de serem tomados de nossas mãos.
—Na verdade, esse sistema
nos tem empobrecido.

407. —Não são condenados aqueles
que não têm o perdão de Deus?
—Não. Embora muitos,
aos que se confessam,
perdoa-os.

412. —E os que não se confessam?
—Estes, Deus se irritando,
não há de perdoar.
O fundo de nosso fogo
eles habitarão, para serem queimados.

417. Emonã, nongára amó
 (iasó korí serú.
Diabo 2 — Eneĩ, temiminó
 arébo ñe oimombeú
 oangaipá miri añó.
422. Tubixabeté osejá,
 abaré suí imíma.
Diabo 1 — Mbegué, tiasó seká
 mbípe murú rokysýma
 jandé ratá poraká.
427. Ke ! Pirataráka anguéra
 mbegué pepópe, toá !
Diabo 2 — Aikobé, Tatapytéra.
 *153 *Diabo 3 —* Aikobé, Kaú mondá.
Diabo 4 — Aikobé, Moroupiaroéra.

Escondem-se e vem uma alma :

432. *Alma —* Marámbae piã ri ?
 Xe Pirataráka anguéra.
 Asejá ko seomboéra.
 Asẽ amoĩ ixuí.
 Nainsábi popytéra . . .
437. Umámpe xe raperána ?
Iesu, xe rópa serã !
 Xe soába Tupã retáma,
 aépe xe soaoáma.
 Aikuakatú ko biã . . .

417. Então, alguns d'esses
 vamos trazer agora.
 -Olha, os temiminós
 confessam todos os dias
 somente os pecados pequenos.

422. Os grandes eles deixam,
 escondendo-os do sacerdote.
 -De vagar, vamos procurar
 encontrar algures um infeliz
 para alimento de nosso fogo.

427. Ó ! A alma do Pirataraca
 vai se erguer de mansinho, voando !
 -Aqui estou eu, Tatapitera.
 -Aqui estou eu, Caumondá.
 -Aqui estou eu, Moroupiaroera.

432. -Que há ?
 Sou a alma do Pirataraca.
 Deixei agora o meu corpo.
 Saí dele há pouco.
 Nem cruzei as palmas das mãos . . .

437. Onde será meu caminho ?
 Jesus, talvez me tenha enganado !
 Dirijo-me ao reino de Deus,
 para lá é que devo ir.
 Não sei se será aqui . . .

442.

Tupã tekomoñangába
iabyáramo raé,
opá aimopó jepé.
Aé, añé, xe rekoába,
serobiára resé be.

447.

Ikó pebé jiabáí
xe rasó, putũ guixóbo.
Xe reropíape, abá ri,
kuépe ñe xe rerasóbo,
xe rapé katú suí?

452.

Mamó, pakó, xe raroána
Karaibebé ikói?
Iesu, naxererasói!
Amó añangusú mañána
jepí memé xe mombói.

Dá com êles e diz:

457.

Diabo 2 —

Ju, añánga pikó ri!
Aári, te, ipópe, mã!
Epoã, nde piatã.
Ejekokatú xe ri.
Nitibi mbaé memoã.

442. Talvez eu tenha transgredido
algum mandamento de Deus,
embora cumprisse todos.
Aquêle é, certamente, o meu pouso,
juntamente com os seus fiéis.

447. Até aqui, difficilmente
eu vim vindo na escuridão.
Terei me desviado, por causa dos índios,
que me trouxeram consigo,
do meu bom caminho?

452. Onde, na verdade, o meu anjo
da guarda estará?
Jesus, eu não posso passar!
Algum diabo espião
me destruirá para sempre!

457. Ó, os diabos!
Vou cair nas suas mãos!
—Ergue-te, sê forte.
Apoia-te em mim.
Não há nenhum perigo.

—V. 457 — Cf. E 2 a, V. 74.

—V. 443 — *iabyáramo* — Cf. I^a, LXIV, (1⁶).

—V. 444 — *aimopó* — Cf. I^a, LXIV, (1⁶).

462. *Diabo 3* — Nde arybé.
Añeté, ko nde rapé
aé nde remiekára.
Ndaipotári nde ropára.
Tiasó xe irúmo be,
teresepiák Jandé Jára.
- *153v 468. *Alma* — Tasó uméne. Xe mokō
kuépe Mboiusú amóne.
Diabo 3 — Nde apysýk aáni xoéne.
Xe kororō, pysyṛō.
Nde suí murú mombóne.
473. *Alma* — Kobé xe jurupará,
kobé arupareáka.
Jiabaeté katú nde aká.
Xe ri nde rembiá potá.
Kuéibo ñe xe rerobáka.
478. *Diabo 4* — (Oñemoteguaté, mã !)
Oroguerasó korí ne,
aé katú nde rupi ne.
Xe posaká, xe ratã.
(Oroapék, oroesýne . . .)
483. *Diabo 2* — (Jiamurú, senoñána !)
Alma — Toropytybongatúne.
Oikohé pai Tupána
ixý abé, xe raroána.
Opoapík, jandú ne.
-
462. -Tu morreste,
Na verdade, é éste o caminho
que procuravas.
Não quero desviar-te.
Vamos comigo,
verás a Nosso Senhor.
468. -Não irei. Devorar-me-á
por aí um tal Boruçú.
-Eu não te prenderei.
Eu rosno, protejo.
Afastarei de ti os malvados.
473. Aqui está o meu arco,
aqui estão farpas.
Os teus chifres são temíveis
Tu me queres para tua presa.
Vou voltar para o outro lado.
478. -(Ó ! ela escapa !)
Agora eu te carregarei,
será bom para ti.
Carrego grandes pesos, sou forte.
(Eu te chamuscarei, te assarei . . .)
483. -(Ó, danada, ela se vai !)
Eu te ajudarei.
-Aqui estão Deus
e sua mãe, minha protetora.
Eles vos esmagarão, como de costume.

488. *Diabo 1* — Nde rorýb, Añangusú,
oroguerúr oré soába
ko Piratarakusú.
Diabo 1 — Sekoábne kyreimbába.
Eri, anjé, peputuú!
493. Marã pe sekoaguéra
peẽ imboaraoáma?
Diabo 2 — Jati sekó poxý poéra.
Tupã reroyrôaguéra
oré ipysykaoáma.
498. Ndojeróki erimbaé,
oguerumána rausúpa,
sereýma resé be.
Jaroá tatá pupé,
serokaia serokúpa.
503. *Alma* — Semoẽ, ojobaúpa.
Xe rerók eté paí.
Aroyrombá tekó poxý,
abará ñeengendúpa.
Xe *cristão*, xe karaí.
- 154 508. Tupã eté rerobiára
jaiporaká xe yhyña.
Diabo 1 — Abápe nde rerokára?
Alma — Akó *Ana* guaibĩ rainha,
paí Tupã rausupára.
-
488. —Alegra-te, Anhanguçu,
eu te trago para nossa comida
o Pirataraca uçu.
—Ele é um valente soldado.
Bem, basta, descansai!
493. Como viveu êle,
para vós o prenderdes?
—Tinha costumes vergonhosos.
Os que detestam a Deus
nós devemos prender.
498. Não era batizado,
prezava o seu nome antigo,
como os pagãos.
Vamos cair com êle no fogo,
para que fique queimando.
503. —Êles mentem, são malévolos.
O padre me batizou, sim.
Eu renunciei a todos os maus hábitos,
ouvindo as palavras do sacerdote.
Sou cristão, sou batizado.
508. A fé no verdadeiro Deus
encheu o meu coração.
—Quem foi a tua madrinha?
—A velha rainha Ana,
estimada por Deus.

—V. 511 — Santa Ana era padroeira da aldeia de Guarapirim.

513. *Diabo 1* — Marã pe nde rerokába
 abaré reminonguéra?
Alma — Erásiku Peréra angába,
 karáiba rubixába,
 Kirimurépe ndaroéra.

518. Aeré,
 abareguasú abé
 onóng Vásiku Perána
Coutinho tuñámbae.
 Aipó téra xe aroána.
 Aé aromandõ ñe.

524. *Diabo 3* — Nde mojasúk ipó biã
 paí, nde mongaraypa.
 Aeré, ereikó memoã,
 nde resapiári Tupã,
 oré ñeénga morýpa.

529. Sepyápe, erejakasó,
missa rendupabeyma.
 Ereú memé soó.
 Aretéreme, ereikó
 kopira resé, ko týma.

513. -Que nome
 o sacerdote te deu?
 -O do pobre Francisco Pereira,
 chefe branco,
 que morou em Quirimuré.

518. Depois disso,
 o bispo também
 colocou o do velho
 Vasco Fernandes Coutinho.
 Este nome eu conservo.
 Morri com ele.

524. -Talvez tenha te batizado mesmo
 o padre, abençoando-te.
 Porém, foste malicioso,
 desobedeceste a Deus,
 consentiste nas nossas palavras.

529. Abandonaste, de repente, a aldeia,
 ficando sem ouvir missa.
 Comeste carne todos os dias.
 Durante os dias santos, estiveste
 roçando, plantando.

-V. 517 — *Quirimuré* nome primitivo da Baía de Todos os Santos (VLB, 123)

-V. 518 — O hábito de os índios usarem vários nomes explicará, talvez, a duplicidade aqui indicada: uma no batismo, outra, provavelmente, no crisma (Francisco Pereira, Vasco Fernandes Coutinho). Cf. V. 522.

-V. 522 — Indicação, parece, de que os índios "perdiam" nomes, como os adquiriam em circunstâncias especiais. Cf. E 2 u, -V. 533

534. *Alma* — Supié.
Xe rekó ekuýi jepé
aé poéra, aimoasý.
Paí abaré supé
imombeguábo, jepí
imboepikatuábo be.

540. *Diabo* 4 — Tyguyrō, rasýpe e,
kuñā eremondamondá?
Maráni ndoikói jepé,
erepopoár yhyrá
nde remirekó resé!

*154v 545. Kuiá, ñe, itingatingábo,
crejangaó abá :
“Airarō pe, murú, eá !
nambō biruā”, ejábo.
Oporapitipotá.

550. *Alma* — Emonā, tekoaraúba
okái xe ratá pupé.
Imboasý eýma e.
Ixé, te, Tupā, xe rúba,
aimongetá memé ñe.

555. Xe katuráma mombóia,
xe angaipába rapirómo,
ipeábo, imomanómo,
xe jára reō renōia,
imombíka, imoñyrómo.

534. —É verdade.
Embora eu tenha praticado
essas ações, arrependi-me delas.
Ao sacerdote
confessei-as e sempre
cumpri a penitência.

540. —Pois então, apesar de arrependido,
agredias mulheres?
Embora não fosse briguenta,
tu espancastes a pau
a tua esposa!

545. —Envenenado de bebida,
cochichaste aos índios :
“Eia, tolos, eu vos guardo
a todos !”
Eles praticaram horrores.

550. Assim, os coitados
queimam no meu fogo.
—Eles não se arrependeram.
Eu, porém, a Deus, meu pai,
sempre rezei.

555. Visando a minha felicidade futura,
chorando os meus pecados,
afastando-os, matando-os,
de meu senhor a morte invocando,
eles cessaram, foram perdoados.

560. *Diabo 4* —

Nde poropotarixuéra
ndoiretéi nde suí.
Nde mondá be ipó kauí.
Kuépe kuñã mendaroéra
ereí momoxý moxý.

565.

Mondarõ, ñeengalba,
moéma, nde resemõ.
Mosaréia, ñemoryba,
gueéna kauí alba,
marána, moroyhõ.

570. *Diabo 3* —

Oroikó memé nde pýri,
pecado moñanguká.
Ndéi, ñe, saposapoá
ybykuí tínga iguýri...
Opakatú oroipapá.

575.

Eresé potá teñé
orepó guýra suí !
Eri, oromoaujé. !
Tatá nde arõ eté,
ipupé terejesý.

580. *Alma* —

Opá xe rekó angaipába
ajoók, guijaseguábo,
paí supé imombeguábo.
Sepýrama, xe poaitába
supibé imopokatuábo.

560. -Teus atos libidinosos
jamaís se separaram de ti.
Também roubaste um certo vinho.
A certa mulher casada
fizeste convites criminosos.

565. De roubos, maledicências,
mentiras, estás coberto.
É de brincar, folgar,
vomitar caufm azêde,
brigar, atirar flechas.

570. -Estivemos sempre a teu lado,
fazendo-te cometer pecados.
Na verdade, não disseste o que está
[escandido]
sob a areia branca...
Nós contamos tudo.

575. Queres inútilmente escapar
de sob as nossas mãos !
Vamos, eu te venci !
O fogo te guardará bem,
nêle tu assarás.

580. -Todos os meus pecados
repeh, lamentando-os,
confessando-os ao padre.
Em castigo deles, minha penitência
cumprí integralmente.

585. Ajá pa jekoakúba,
Tupã ñeénga asaáng.
Arekó angaturã.
Xe anáma poreausúba.
Guýpe, añenupānupā.
- *155 590. Ixé, xe katú ndaéi,
xe kyiá te turusú,
aé xe jára *Icsu*
oguguy pupé xe réi,
oñronamongatú.
595. *Anhanguçu* — Jabaetépe téra, mã !
Sai, naxemomanöi !
Alma — Aityk pa tekó memoã.
Irö ! Ojepé tiruã
pecado ndaromanöi !
600. *Diabo 2* — Torosóne, Añangusú.
Oré reytýk, oré nónga.
Diabo 1 — Pepytá, manemusú !
Taipobú sygué apónga !
Ojomí amó jandú !
605. Nde roryrorybaú.
Xe bojá momaraá.
Eré teñé ejerobiá.
Xe toropysykatú,
xe mondépe nde mhoá.
-
585. Eu fiz todos os jejuns,
obedeci às palavras de Deus.
Vivi honestamente.
Meus parentes são piedosos.
Por baixo, eu me disciplinei.
590. A mim, que não era bom,
que estava muitíssimo manchado,
este meu Senhor Jesus
em seu próprio sangue me lavou,
absolvendo-me.
595. -Ó, que nome terrível !
Vexa-me, não me faz morrer !
-Eu reprimi todos os maus costumes.
Ó ! Nem mesmo com um só
pecado eu morri !
600. -Devemos ir, Anhanguçu.
Ele nos venceu, nos derrubou.
Ficai, moleirões !
Não darei sossego a êsses barrigudos !
Eles se esconderam por aí !
605. Não tens razão de estar alegre.
Meus escravos te envergonharam.
Disseste crer inutilmente.
Eu te aprisionei,
fiz-te cair em meus laços.

610.

Ñemombeú pa meé
Tupã abá rausúba ri.
Endé, te, nde resapiári
pecado míma ojepé,
ndereimombeú potári.

615. Alma —

Aáni, naikuakúbi
mbaé, xe ñemombeguápe.
Tupã rekó kuapápe,
nañemombeupousúbi,
xého iñyrō motasápe.

ocoapa (no)

o-kũapa Navei

1933 e 2006

mogepa ou

mogepa, no manus.

Crito

620.

Pecára setá jepémo,
turusú jepémo osoápa,
oimombeúpamo asémo
iñyrō ñe pabeñémo,
Tupã ñemoyrōmogápa.

está claro se é

A ou E

625.

Oikuakúmo amó abá,
tekopoéra ojepé iñómo,
Tupána niñyroixómo,
imimbáramo oipeá,
pe ratápe ñe imombómo.

630.

Diabo 1 —

Emonã, tekó kuápa,
najomĩ amómbae.
Aáni, ereñomĩ ñe.
Akoéime, japyrasápa
xe nde moingosábae.

610. Confessaria tudo
o índio que amasse a Deus.
A ti, porém, apanhei de surpresa
escondendo um certo pecado,
que não querias confessar.

615. —Não, eu não escondi
coisa alguma, ao me confessar.
Conhecendo as leis de Deus,
tinha medo de não confessar
e não ser perdoado.

620. Ainda que os pecados sejam muitos,
ainda que sejam grandes,
se a gente os confessar
êles são todos perdoados,
apacando-se a cólera de Deus.

625. Se um índio esconder,
ainda que seja uma só ação,
Deus não a perdoadando,
deixa de considerá-lo coisa sua
e êle cai em vosso fogo.

630. Assim, conhecendo a doutrina,
não escondi coisa alguma.
—Escondeste, sim.
Um dia, eu te fiz dizer
umas mentiras.

635.

Nandé ruã te pakó
kuñã ri erejemomotá?
Kucsé nde remirekó
mañánamo ereimondó
endébo seruruká.

640. *Alma* —

To, añé ko oikó emonã!

Diabo 1 —

Kuñã uúba xe rausú.

Alma —

Aépe, ereimombeú
aé resé nde mondá?
Xe resarái te katú.

645.

Añangerekó, jepé,
aipó supé nabasémi.
Añé, naxeremoémi.
Diabo 1 — Aã, senotyamo e,
imíma nderenosémi!

650.

Epiac
Epiac ou
Epicic?

Xe resá pupé katú
asepiák nde imimaguéra.
Eipiák, Moroupiaroéra!
Eipytybõ, Mboiusú!
Esapý, Tatapytéra!

655. *Alma* —

Tupansý,
nde maenduá xe ri!
Ejorí, xe repeñána!
Toú taujé xe raroána
xe pysyrómo ixuí,
imondóbo, imomarána!

635. Não é verdade que tu
cobiçaste cousas às mulheres?
Uma vez a tua espósa
fizeste ficar espreitando
para as trazeres para ti.

640. —Ah, foi mesmo!
Eu gosto das flechas preparadas pelas
[mulheres].
—Então, confessas
que roubaste delas?
—Não me lembro absolutamente.

645. Tentado, embora,
não vim com elas.
Assim, não menti.
—Pois sim, de vergonha
de vir com elas, escondeste-as!

650. Com meus olhos
eu te vi escondê-las.
Olha, Moroupiaroera!
Ajuda, Boiuçu!
Queima-o, Tatapitera!

655. —Nossa Senhora,
lembra-te de mim!
Vem, estão me atacando!
Venha logo o meu anjo da guarda
proteger-me dêles,
fazendo-os irem embora, combatendo-os.

Aparece um Anjo :

661. *Diabo 1* — Ke ! Urutaurána rúri !
Diabo 2 — Karaibebé piã ?
Diabo 3 — Karaibebé serã.
Alma — Añé, (pe) mondýia túri.
Diabo 4 — Xe pixã koríne, mã !
Vos
666. *Anjo* — Pepoi
xe remiarõ suí !
Marã pe peikó sesé ?
156. *Diabo 2* — Oré rembiaroéra e.
Akoéime oekó poxy,
mombéú eýme re.
672. *Alma* — Xe resarái, je, guitekóbo.
Nasejapotá ruã !
Ejorí, xe sumarã
reytýka, moxy mombó !
Taujé, xe rekuýi atã !
Xereguia
677. *Anjo* — Pepoi ixuí, aipó !
Nopoasygasygábi.
Diabo 3 — Eri, ndoreabangábi !
Anjo — Saroánamo kaikó.
Diabo 3 — To, añé, ndorokuábi !

661. —Olha, parece que vem vindo um
[urutau !

—Será um anjo?
—Talvez seja um anjo.
—Sim, vem nos assustar.
—Ó ! Já vai me bicar !

*Vos (pe, n
tupi)*

666. —Arredai
do meu protegido !
Por que estais com ele ?
—Foi aprisionado por nós.
Antigamente vivia mal,
não se confessava.

672. —Eu sou mesmo esquecido.
Não foi por querer !
Vem, meus inimigos
esmagando, expulsar os maus !
Depressa, êles me arrastam fortemente !

677. —Arredai dêle, vamos !
Não o molesteis !
—Ora, tu não nos acovardas !
Estou aqui como seu guardião
—Ah, sim, eu não te conhecia !

682. *Anjo* — Marã pe ereipysyrõ
oré kaneõaguéra?
Tupansý rausuparoéra.
Ikó xe remiarõ.
Peẽ, pe sumarã mboéra.
687. Pejuraraguái. Sekó
rekýia, ndoikuakúbi.
Tekó poxý poéra amó
oguesaráiamo ño.
Aipó tekó noñandúbi.
692. Ndeiteé, Tupána sy,
omembýramo imoingóbo.
Xe te, xe mboú korí
pe moañána, pe mondóbo
ikó setáma suí.
697. Tupansý ko tabijára
napemoembiaipotári.
Ndaeté iporausubári.
Opá ko tába pupiára
omembýramo ipapári.
702. Pekoá, taujé, ke suí!
Penemeté rerosýia!
Tupansý, *Santa Maria*,
Jesus omembýra ndi,
oú moáng pe mondýia.

682. Então tu libertas
a nossa vítima?
— Nossa Senhora teve piedade dela.
Aqui estou de guarda.
Ela, vossa inimiga mandou irdes.

687. Vós mentistes. Suas ações
deixadas, ela não as escondeu.
Certos maus atos
ela apenas esqueceu.
Não os percebeu.

692. Por isso, a mãe de Deus,
seu próprio filho a mandam entrar.
A mim, porém, me mandam vir hoje
vos apressar, vos expulsar
aqui de sua terra.

697. A mãe de Deus
não quer que aprisioneis estes aldeões.
Ela os ama muito.
Todos os habitantes desta aldeia
considera seus próprios filhos.

702. Ide-vos depressa daqui!
Vós outros também, sumi!
Tupansý, *Santa Maria*,
com o seu filho *Jesus*,
podem vir vos espantar.

707. Napeapysái, jandú,
peporapití potá,
peê aé pejekoá,
ko tába pobupobú.
Pekoá, tatápe peá !
- *156v 712. Jiamurú, opá be ñe
pekái ojepeguára ñe.
Iangaturá, koiré,
paí Tupã rausúpa ñe.
Xe remiarõ jandúne.
717. *Diabo 1* — Akái, nasepiá potári
jabaeté katú sobá !
Diabo 2 — Asópe guibebébo, eá !
Xe abé, naxepopoári.
Xe nupānupāmuká.
722. *Diabo 3* — Sekoábae kué kuñā
oré akánga japití.
Oré akánga óka potá,
oré moaparapará,
oré poár, oré pyapýk.
727. *Diabo 4* — Tasejáne moxý, rō.
Tasóne Paratýipe.
Tupinakía rejýipe
amó mó taybō.
Diabo 2 — Xe te korí Rerytýpe.
-
707. Não espereis, como de outras vèzes,
poderdes ir matando,
atirando-vos a ela,
desorganizando esta aldeia.
Ide, caí no fogo !
712. Bem, todos vós
ardereis eternamente.
Ela será, enfim, feliz,
graças ao Senhor Deus.
Estarei sempre de guarda.
717. -Ai, eu não quero ver
o seu rosto arrogante !
Ui ! Vou voando !
-Eu também, não me amurrará as
[mãos.
Ela me faz espancar.
722. -Está aqui a mulher
que nossa cabeça esmaga.
Quer nos arrancar a cabeça,
humilhando-nos,
prendendo-nos, oprimindo-nos.
727. -Abandonarei os maus, então.
Irei ao Rio do Parati.
Nos bandos de Tupinaquia
flecharei alguns.
-Eu agora mesmo em Reritiba.

732. *Diabo 1* —

Xe korí kuépe katú
Itareimirí me asóne.
Ybyóka asapekóne,
Itaóka abé aipobú,
ruübi Jupaogoaóne.

737. *Anjo* —

Jandeté, jandé retáma,
ybáka tixepeñã,
tosausúpa nde anáma.
Tupansý angaturáma
tomombó tekó memoã.

742.

Tupansý porausubára
ko tába osarongatú.
Imembyreté *Jesu*
opakatú tapijára
okipýribe osausú.

747.

Tosapiá pabẽ abá
paí *Jesu*, imoetébo,
opyá pupé imoingébo.
Toú serasóbo pa
ybákupe eroikébo.

*157 752. *Alma* —

Tosendú aipó ndeé,
Jesu ñeénga puruábo.
Jandeté, tiabebé
Tupã rorypápe ñe,
aujérama japytábo.

732. —Eu hoje por aí
a Itareí-mirim irei.
Visitarei Ibioca,
revolverei também Itaoca,
enfim, Jupaoguaó.

737. —A nós mesmos, à nossa terra
o céu procurará,
por amor dos teus parentes.
A venturosa mãe de Deus
expulsará a malfeia.

742. A misericordiosa mãe de Deus
guarda esta aldeia.
Seu verdadeiro filho Jesus
todos os tapijaras
aldeados ama.

747. Obedeçam todos os índios
engrandecendo-o, ao Senhor Jesus,
colocando-o em seu coração.
Levando-o consigo, eles serão
recebidos por ti no céu.

752. —Que ouçam o que tu dizes,
executando as palavras de Deus.
Nós, na verdade, voaremos
para na glória de Deus
sempre ficarmos.

757. Anjo — Perorý,
xe rayretá, xe ri.
Ko aikó pepysyrómo.
Ajúr yhá suí
perokybyã rupi,
jepí ñe pepytybómo.
763. Ko tába renýreme,
pe pýri ñe xe rekóu.
Ndarojái mamó xe sóu.
Tába raroánamo ñe
Jandé Jára xe moingóu.
768. Angiré
peporeausúb umé.
Tasesãi ko pe retáma
ára momoránga ñe,
timaenduá pe resé
Tupansý angaturáma.
774. Tosopá tekó angaipába
ko Guaraparí suí.
Tokañe tekó poxý,
Tupã tekó moñangába
timopó memé jepí.
779. Xe ikó. Asausú pe ánga,
sarómo, iporausubóka,
ko ára pukúí ipokóka,
imoaisóbo, imomoránga,
tekó poéra rekoabóka.

757. —Alegrai-vos,
filhos meus, por mim.
Aqui estou para vos proteger.
Vim do céu
para junto de vós,
a ajudar-vos sempre.

763. Iluminando esta aldeia,
junto de vós estou.
Não me afastarei daqui.
De custodiar a aldeia
encarregou-me Nosso Senhor.

768. De agora em diante
vós sereis felizes.
Quero felicitar esta vossa terra
agora venturosíssima,
pois que se lembrou dela
a virtuosa mãe de Deus.

774. Seja a maldade expulsa
aqui de Guaraparim.
Extirpe-se o mal,
para o espírito de Deus
dominar perenemente.

779. Aqui estou. Amo vossa alma,
guardando-a, tendo piedade dela,
guiando-a neste grande dia,
embelezando-a, santificando-a,
afastando-a dos velhos hábitos.

VV. 757-767 Cf. D 2 b, 571-581 e E 2 b, 392-403.
VV. 770-895 Cf. D 2 b, VV. 410-430.

784.

Maë, añánga aimondó,
satápe murú reytýka.
Naipotári pe ri ixýka,
memé ñe opoapekó,
pe rarómo, pe repýka.

789.

Peteumé,
pe poxyramo angiré,
tokañë perekó puéra
— kaú, aguasá nembuéra,
temoéma, marã e,
joapyxába, maranduéra.

795.

Perobiá pe moñangára,
sausúpa, sekó potá,
ipýri be pesapyá,
abará, pemboesára,
iñeénga mombopá.

157v

800.

Pejorí,
pebáka Tupã kotý.
Pe pyá pupé serúpa,
tapesó pejekosúpa
ipotaripýra ri,
ijypýpe ñe pejúpa.

Amém.

timopó

784. Olhai, expulsei os demônios,
atirando-as a seu fogo.
Não me quero afastar de vós,
estando sempre convosco,
guardando-vos, defendendo-vos.

789. Evitai,
de hoje em diante, serdes maus,
para extinguides vossos velhos hábitos
— a bebida, o fétido adultério,
mentiras, brigas,
ferimentos mútuos, guerras.

795. Confiai em vosso criador,
amando-o, acatando sua lei,
obedecendo mais a ele,
e do sacerdote, vosso mestre,
executando as palavras.

800. Vinde,
para o lado de Deus, no céu.
Trazendo-o em vosso coração,
ireis gozar
junto dos que lhe são queridos,
pousando-lhe aos pés.

Amém.

*167v 1. 1.º —

Rerytýba, xe retáma
 i xuí, xe rúri, ke !
 Xe rapixari pabé
 areté angaturáma
 tasepiáne, ujábo ñe.

6. .

Arú retá ko ryrý,
 ipupé nde pói potá.
 Pekuápe, kunumi
 puamaúbi xe ri,
 xe suí iguábo pa.

11.

Ko ño anosê, jepé,
 moxý suí, uinoñána.
 Eteumé korí marána
 rerekóbo xe resé !

15.

Xe poiuká, te, jepé.
 Kuesebé mbaé natí.
 Aguatá koára pukúí
 nde rerapoána resé.

-
1. —De Reritiba, minha terra
 eu venho.
 A todos os meus amiguinhos
 eu disse que vinha celebrar
 êste grande dia santo.
6. Trouxe estas ostras,
 com elas te podes banquetear.
 No caminho, os meninos
 me assaltaram,
 para comê-las tôdas de mim.

11. Em todo o caso, tirei estas
 dos malvados e corri.
 Tomara que hoje não haja
 brigas comigo !
15. Deixa que, afinal, me alimente.
 Desde ontem não como nada.
 Caminhei o dia inteiro
 para te homenagear.

(1) — P, LXVIII. Cf. D 8.

—V, 6 — Reritiba, hoje Anelucta, no Espírito Santo, tem seu nome derivado da grande quantidade de ostras que produz. Cf. fig. 9.

19. 2.º — Xe Paratýi suí
ajú *rainha* repiáka,
xe akánga mojeguéka
imoesuioáma ri.
23. Ndarúri amó Paratý
ojepé xe pysá póra.
Nderenixuémó, *Senhora*,
iangaibaratã moxy suí.
27. Endeté, nde resemō
ariáma, tajasú.
Nde pýri mbaé taú!
Turusú xe kaneō.
31. 3.º — Iporáng, erimbaé,
Miaý, xe retamboéra.
Xe Jetuú rayroéra,
añemoñáng ipupé.

19. -Eu venho do Rio Parati
para ver a rainha,
adornando a cabeça
em sua honra.

23. De Parati trago apenas
o que a minha rêde contém.
ainda que o não comas, Senhora,
está sêco, não estragará.

27. Na verdade, para ti sobejam
galinhas, porcos.
Oxalá junto de ti eu coma!
Estou muito fraco.

31. -Era bela, antigamente,
minha ex-pátria, Miaí.
Nasci em Jetuu,
criei-me ali.

V. 26 — *sui* — Cf. AG, 43

-V. 32 — *Miaí* — Talvez Miaipe, pequena vila do município de Guarapirim, no Espírito Santo. Uma das fontes de renda do lugar é ainda a pesca e a venda do peixe

-V. 33 — *Jetuú* — Deve indicar alguma aldeia sem indicação histórica

-V. 37 — *Kuúka* — Provavelmente o "pinuê", designação dada pelos índios à garoupa, cuja carne usavam fresca e seca (NB, 205) e que se conserva, ainda hoje (DLB, IV, 3.081) para uma variedade (*Epinephelus gupis*, Fum *Serranidae*), peixe comum em toda a costa do Brasil e desde remoto tempo louvado por sua carne saborosa, o que lhe conferiu o apelido de "galinha do mar" (NPM, 126)
guarapuká — *chirêo*, peixe da Fm. *Cavandae* (*Cavandae hippas*) — O VLB registra para o mesmo peixe as designações *guarapusu*, *guarajuba*, *guarasyra* e *guarããna*. Por *guarapuká* designa também o peixe cavula (VLB, 431 e 447)

35. Akoéime, rakó, pirá
asekúi marangatú :
kuúka, guarapukú,
kamuri, guatukupá.
39. Xe pindá porangeté
topindaytýkine endébo,
kunapú rekyjetébo,
guaraobañaneté.
- *168 43. Réiamo ereikó teñé,
setá teñé nde bojá.
Xe te, toroporaká,
Jetuú rayra, ixé.
47. 4.º — Xe Guarapari sui
rainha repiáka ajú.
Xe rorybeté katú
ára angaturáma ri.

35. Antigamente, eu pescava
uns peixes deliciosos :
garoupas, charéus,
camurins, corvinas.

39. Meu anzol feliz
pescará para ti,
apanhando meros
e olhos-de-boi.

43. Apesar de seres soberana,
tens inútilmente tantos escravos.
Eu sim, pesco para ti,
eu, o filho de Jetuu.

47. -Eu venho de Guaraparim
para ver a rainha.
Estou muito alegre
pelo dia santo.

-V. 38 — *kamuri* — camurins, designação conservada no norte para o robalo (Fam. *Centropomidae*, gen. *Centropomus*) do sul, cuja carne oferece excepcionais qualidades como comestível. Adapta-se a águas fluviais e salobras.

guatukupá — corvina (VLB, 66 e Mev, 437 e LIX), *Micropogon furneri*, Fam. *Scianidae*. O VLB regista como *guatukupá asába* o peixe ronador (VLB, 380) e dá como *guatukupá pukú* e *guatukupá piríma* duas espécies de pescada (VLB, 340).

-V. 41 — *kunapú* — mero, peixe do mar (*Promicropus itaiara*, Fam. *Serranidae*) de tamanho grande e carne saborosa. Eram colhidos pelos índios nas camboas ou à linha e usados salgados para alimentação (NB, 201).

-V. 42 — *guaraobañána* — olho-de-boi (VLB, 317), peixe do mar (*Seriola lalandi*, Fam. *Carangidae*), comestível, de grande tamanho, conhecido no norte por "arabaians" (DAB, 549).

-V. 43 *réiamo* — Parece adaptação do português "rei" (*réia* + *mo*), sem consideração do género, o que é estranho, cf. VV. 20, 48, 66, 91, 120.

51. Akoéime, eresapekó
oré retáma, sausúpa.
Aépe, *missa* rendúpa
aretéreme eresó.
55. Akoéime, apytá memé
nde pýri, yhytyrapoápe,
xe anáma guatasápe
nde morerekoá sesé.
59. Emonánamo, xe rúri
ndébo ára momoránga.
Ndébo torýba moñánga,
xe anáma xe mboúri.
63. 5.º — Xe abá aibĩ añé.
Iporoseõ xe réra.
Xe rembiára rembyroéra
arurĩ réia supé.
67. Nde pipó?
Aujebeté ko aikó,
ndébo ko syrý rerú.
Ikatú ñe, tereú.
Xe abé ko aú amó.

51. Antigamente, tu visitavas
nossa terra, amando-a.
Para assistir à missa, ali
tu ias nos dias de festa.

55. Eu ficava, então, sempre
junto de ti, no alto da colina,
enquanto meus parentes desfilavam
em homenagem a ti.

59. Agora, eu venho
celebrar o teu dia.
Para festejar-te,
meus parentes me enviaram.

63. -Eu sou apenas um pobre índio.
Meu nome é Iporoceõ.
Um pouco da minha prêsa
eu trouxe à rainha.

67. Vês?
Estou aqui submisso,
trago-te êstes siris.
São belos, come-os.
Eu também como êstes aqui.

-V. 54 — Alusão à provável ida da imagem de Nossa Senhora para o ofício da missa noutra localidade.

-V. 57 — A imagem seria colocada sôbre alguma elevação, onde receberia a homenagem dos fiéis. Cf. fig. 14. O termo poia, contudo, ser considerado nome próprio (*Yhytyrapoã*), indicando alguma aldeia da época.

V. 64 — *Iporoceõ* — literalmente, "Matador".

-V. 66 — Cf. -V. 43.

72. Iangaipá ko nde bojá.
Naxererekokatúi.
Jarybobô omongúi
ygára kuabî potá.

76. Aeré,
oikotebê abaré
uiguasapaoáma ri.
Einupânupâ moxý,
taxemomoxý umé.

81. 6.º — Ixé Sauiaetá. *Yeara jepotasi*
Serapoã xe renoindába.
Iguára jeporakába
xe resemô sauiá.

*168v 85. Koromô ipó ereguatá,
xe rekoápe ejepotáne, *Je potá - chega a/potá*
néreme amó ajukáne,
xe jusáneme imboá,
ndébo imeengábone.

90. Nde resé uiporandúpa,
réismo nde rekó re.
Añemoañeanié.
Saujá rerú reúpa.
"Toú réin", ujábo e.

72. Êstes teus escravos são maus.
Estou muito aflito.
Êles pretendem destruir a ponte
quando o canoa passar.

81. -Eu sou o Sauiaetá.
É grande a minha fama.
Os caçadores do lugar
me fornecem sauiás.

76. Por isso,
o padre está preocupado
com a minha partida.
Castiga tu os malvados
para que não me façam mal.

85. Se um dia tu passares
e entrares em minha casa,
matarei alguns,
que no laço apanhe,
e os darei a ti.

90. Estou discursando por ti,
pois estás como rainha.
Vim muito depressa.
Trouxe sauiás para comeres,
dizendo: "Rainha os comerá".

-V. 74 — Cf. I, LXVIII, (4).

-V. 81 — *Sauiaetá* — plural de *sauia*, correspondendo, como nome próprio, a mais ou menos "o homem das sauiás".
A denominação "suiá" aplicava-se a várias espécies de ratos, todos eles comestíveis, e, segundo Cardim,
saborosos, principalmente uns semelhantes a coelhos, provavelmente o que o DAB indica por roedor da
fam. *Echimyidae*, gen. *Proechimys* (Cf. TTGB, 45; Mey, 224; VLB, 367; DAB, 718).

-V. 83 — *iguára* — Cf. I, LXVIII, vv. 83 e 110 e (5).

95. 7.º —

Xe rorý Ybytyrapé.
Ybytyrapoã suí
ko tápe xe rúri re.
Xe porandubíreme,
xeapoánamo korí,
nde rerapoána resé.

101.

Gracia séra, ko nde
raíñamo renoimbýra,
raíñamo moingopýra,
nde jára guaibi sosé.

105.

Eteumé,
aipó tekó koabiré,
tekó poxý rerekóbo.
Tei, Tupã nde moingóbô
oajýramo ybaté.

110.

Ko nde remimboaietá
toytýk pa tekó poxý.
Enoñê, ejakaká,
tojepysyrô motá
añánga ratá suí.

95. —Eu sou o alegre Ibitirapê.
Do alto da serra
a esta aldeia eu vim.
Se estou discursando,
se hoje me exalto,
é para elevar-te o nome.

101. Cheia de graça, aqui és
considerada rainha,
constituída rainha,
sôbre as anciãs senhora.

105. Tomara que,
depois de conhecer estas leis,
não haja mais pecados.
Eia, Deus criou-te
para sua excelsa filha.

110. Que êstes teus muitos escravos
esmaguem todo o mal.
Reprende, censura-os,
para que procurem libertar-se
do fogo eterno.

-V. 96 — Cf. -V. 56.

-V. 104 — Alusão à germinação indígena?

Juicum com ambos :

115. 8.^o -- Xe Juikū abaité.
Jabaité xe rembiasába.
Nitýbi xe rasapába
oguatábae supé.
119. Eimoñangukár iguára, -
nde réia abaité pupé,
taxeabaité umé.
Ikó juí, xe rupiára,
tereñ sepý resé.
- *169 124. Peikoeté
gracia rainha ndibé,
perekopoéra reytýka,
tapererasó ybaté.
Tupã pe reñ royré,
opýri pe mogupýka.
-
115. -Eu sou o temível Juicum.
Fá façanha me prender.
Não me dão passagem
nos caminhos.
119. Convince os moradores,
com tua poderosa autoridade,
a não me temerem.
Estas rãs, minhas adversárias,
comerás em troca.
124. Permaneei
com a rainha da graça,
vossos velhos hábitos afastando,
para que passeis aos céus.
Deus, depois da vossa morte,
junto dele mesmo vos fará sentar.

-V. 115 — *Juicu* — literalmente "Lingua de Rã" ou "Rã Compuída" (*juí* — *ku*). Cf. -V. 122

-V. 120 — Cf. -V. 43.

-V. 122 — *Juí* — rã, hoje considerada comestível de luxo. Atualmente encontra-se o *Leptodactylus ocellatus* no mercado alimentício.

*169v

*Pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.*

3.

Pitangĩ paí Iesu
oguejý jandé rekoápe.
Jandé ánga rausupápe,
ybaté sui ouí
jandé rausúba katú,
*pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.*

10.

Iñyrongatupotá
jandébo, jandé rausúpa.
Maria ryguépe oupa,
jandé ri ojeseá.
Pejorí, tiarobiá
*pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.*

*O meninozinho querido,
nosso pai, Nosso Senhor.*

3. O meninozinho Jesus
desceu à nossa morada.
Por amar a nossa alma,
veio do céu
o nosso grande amor,
*o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.*

10. Ele nos perdoa, de boa mente,
por nos amar.
Estando no ventre de Maria,
ele se uniu a nós.
Vinde, veneremos
*o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.*

(1) — I^a, LXIX, LXX. Cf. D 16, (1).

17. Ndaababykába ruã
Maria, ixý poránga,
 ipupé oñemoñánga,
 oñemomirĩ Tupã.
 Pejorí, pejajubã
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

24. Ko putúna ri, syári
Maria rygué suí.
 Ixý nimembyrasýi,
 ndasuguýi, nimaraári.
 Ndiaimomarã potári
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

31. Jaimomboreausú roý,
 imojaseguaseguábo.
 Ixý jasoikatuábo,
 ojopíá roý suí
 iporeausú mirĩ,
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

38. Ikamuséi kunumí
 osýi kamaguába oúpa.
 Ojybápe ixý serúpa,
 ikambúxeme sorý.
 Jandé poipotá, koí,
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

17. Sem ser tocada
 Maria, sua linda mãe,
 Deus se encarnou nela
 e fêz-se pequenino.
 Vinde, abraçai
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

24. Nessa noite, êle saiu
 do ventre de Maria.
 A mãe não delivrou,
 não derramou sangue, não adoeceu.
 Não quis fazê-la sofrer
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

31. Fustiga-o o frio,
 fazendo-o chorar.
 Sua mãe quer agasalhá-lo,
 resguardando do frio
 o pobrezinho,
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

38. Mama o menino,
 recostado ao peito de sua mãe.
 Trazendo-o em seus braços, a mãe
 alegra-se quando êle mama.
 Quer alimentar-nos, agora,
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

Jaseõ porarasápe,
kumĩ poránga rúi
kapiĩ sosé ko tũĩ,
tapirusũ karuápe.
Okerĩ, omoupápe
*pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.*

Jára kuápa be,
syguasumé rerekoára
ojosú potá ojára,
kabará rerú ixupé.
Sorybĩ túra resé
*pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.*

Tiasó jandé jabé
jandé jareté repiáka,
jandé ánga mojeguéka,
serasóbo sobaké,
tomaẽ jandé resé
*pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.*

Tiañemopysasú,
tekopoéra penpápa.
Pitangĩ jabé jasoápa,
tiãia tekokatú.
Tianderarõ Iesu,
*pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.*

45. Chorando sentidamente,
está o lindo menino
deitado aqui sôbre o capim,
mamando numa vaca.
Vomitando, dormita
*o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.*

52. Conhecendo também o senhor,
os pastores
procuram encontrar seu amo
e trazem cabras a êle.
Alegra-se pela sua vinda
*o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.*

59. Vamos também nós
ver nosso verdadeiro senhor,
adornando a nossa alma,
apresentando-a à sua frente,
para que nos contemple
*o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.*

66. Oxalá nos convertamos,
afastando os hábitos antigos.
Como o meninozinho também
alimentemos a virtude.
Guardemos Jesus,
*o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.*

73. Ixy *Maria* supé
tiaé, jajetanónga :
"Toú jandé posanónga,
omembýra irúmo be,
tiandepeá umé
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

80. Tiasó jajeturébo
Santa Maria supé,
tasekateymumé,
jandé ánga moingobébo,
toimeéng korí jandébo
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

87. Pejorí, pitánga, guáho
Tupána resaretá.
Kunumĩ, mokonambá,
peñyáme imomindábo.
Tasorý, pepoikatuábo,
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

*170v

Dança

94. Tupansý angaturáma,
ajerobiá nde resé.
Eipotá, miri umé,
tatápe xe soaoáma.

73. A sua mãe Maria
digamos, ofertando :
"Venha a nossa medicina,
com seu filho,
para não mais se afastar de nós
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor".

80. Vamos suplicar
a Santa Maria,
que, generosamente,
nossa alma animando,
nos dê hoje
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

87. Vinde, crianças, receber
o bondoso Jesus.
Meninos, rapazes,
guardai-o em vossos corações.
Alegre-me eu ao vos alimentardes dele,
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

94. Venturosa mãe de Deus,
eu creio em ti.
Não queiras, de forma alguma,
que eu vá para o inferno.

98. Eimoñeguasê añánga,
tojepeá xe suí.
Eimoingó katú xe ánga,
paí Tupã rekó rupi.

102. Ejorí xe resapébo
tarobiá katú Tupã.
Taytypá tekó memoã,
tajeausubukár endébo.

106. Tupansýramo ereikó.
Ejorí, xe rausubá !
Ndasopotári mamó,
nde irúnamo aikopotá.

110. *Santa Maria*, nde réra
asé rorypabeté.
Taxemomotarumé
xe ramúia rekopoéra.

114. Topytá paí *Iesu*,
nde irúmo be, xe ñyáme.
Tasepiáne pe retáme
pe robá porangatú.

118. Erobák oré kotý
nde resá porausubára,
tosopá xe maraára
kuépe xe ánga suí.

98. Faze sair o diabo,
que éle se afaste de mim.
Torna boa a minha alma,
conforme os princípios de Deus.

102. Vem iluminar-me
para que eu creia firmemente em Deus.
Esmagarei a malfeia,
dedicando-me a ti.

106. Tu és a mãe de Deus.
Vem, minha protetora !
Não quero me afastar daqui,
em tua companhia quero estar.

110. Teu nome, Santa Maria,
alegra a gente.
Oxalá eu renuncie
aos hábitos de meus avós.

114. Fique Jesus
contigo também, em meu coração.
Veja eu em vosso reino
vossos semblantes bonitos.

118. Volta para nós
teu olhar misericordioso,
para que minhas fraquezas vão
para longe de minha alma.

122.

Aimombaeté nde róka,
ipupé guiporaséia.
Ejorí xe ánga réia,
imotínga, ipoxý óka.

126.

Morausuberekosápe,
asé ánga erejosú.
Eimoingó paí *Iesu*,
nde membýra, xe pyápe.

130.

Toroausú katú guitekóbo
xe rekobé jakatú,
xe jekýime, terejú
ybaté xe rerasóbo.

122. Eu aprecio a tua casa,
nela estou dançando.
Vem lavar a minha alma,
purificando-a, tirando-lhe as nódoas.

126. Em tua misericórdia,
visitas nossa alma.
Coloca Jesus,
teu filho, em meu coração.

130. Vivendo a te amar
durante a minha vida,
quando eu morrer, tu virás
para levar-me ao céu.

- *171 1. Ko oroikó oroporaséia
nde moetébo, Tupansý.
Emaē ko tába ri,
oré ánga poxý réia.
5. Nde resé orojerobiá,
orojekók nde resé.
Oré rausúba jepé,
nde membýramo oré ra.
9. Nde irúnamo oroikopotá.
Oroimoñáng nde rokoáma.
Esarō oré retáma,
sapekóbo, sausubá.
13. Nde po guýripe oroikó,
nde resé orojekóka.
Ejorí oré mangóka,
Tupã pýri torosó.

1. Aqui estamos nós dançando
em tua honra, mãe de Deus.
Olha por esta aldeia,
lavando o mal da nossa alma.

5. Em ti cremos,
em ti nos apoiamos.
Ama-nos tu,
toma-nos como teus filhos.

9. Desejamos viver como teus amigos.
Construímos uma casa para ti.
Guarda a nossa terra,
visitando-a, protetora.

13. Sob tuas mãos estamos,
em ti nos apoiamos.
Vem nos libertar,
para irmos para junto de Deus.

(1) — I^a, LXXI. Substitutiva provável da dança de D 15, VV. 04-133.
-V, 6 — orojekók = orojekóg (?)

17. Sorý pabē nde bojá
nde ára moetekatuábo,
tekó poéra moasyábo,
ndébo oñemeengábo.
oñemeengábo: veja verso 89
21. Oroimomburú añánga, *na página 643,*
nde ño nde rapiaretébo. *página 318*
Ko oroikó oré jerurébo :
"Eipysyrō/oré ánga !"
25. Nde réra rendúpa be,
añánga ryrý osoápa.
Ejorí murú mombápa,
toremōaujé, umé.
29. Ndiapóri oré sumará
jepiñé oré raánga.
Ejorí imoporaránga,
toroytýk sekó memoã.
33. Eimoingopukú katú
ko tába Tupã resé.
Ybytyriguára, be,
oré pýri tererú.
37. Erú paraibiguára
oré retáma irumómo.
Tasetá nde rausupára,
nde resé ojepysyrómo.

17. Alegram-se todos os teus servos
celebrando o teu dia,
lamentando a vida antiga,
entregando-se a ti.
21. Detestamos o diabo,
obedecendo só a ti.
Aqui estamos suplicando :
"Liberta a nossa alma !"
25. Ao ouvir o teu nome,
vai-se o demônio tremendo.
Vem fazer acabar o mal,
para que nós não sejamos vencidos.

29. Já não há-de o nosso inimigo
nos tentar sempre.
Vem fazê-lo sofrer,
esmaguemos a malícia.
33. Conserva, por muito tempo,
esta taba para Deus.
Os habitantes da serra, também,
oxalá para junto de nós tragas.
37. Traze os paraibiguaras
para companheiros de nossa terra.
Serão muitos os teus amigos,
por ti se salvando eles.

*172

1.

*Eva, jandé sy ypý,
oñemomotareté
ybá poránga resé,
mbóia ñeénga rupi
ijikyébo, iguábo ñe.*

6.

*Aé oména supé
ybá u ukaraúbi.
Oguemirekó resé,
iména ndoupousúbi,
jandé reñ janondé.*

11.

*Oguembyáramo, pabé
añánga jandé pysígi. pysyk-í = calar
Oekó poxý resé,
opabí abá mondýgi mondyk-í = d
ogorýbamo memé.*

16.

*Santa Maria resé
tekó poxý ndobasémi.
Oekó katú pupé,
añánga apypýka ñe,
moxý rekó mokañémi.*

1. Eva, nossa primeira mãe,
cobiçou muito
a bela fruta,
pelas palavras da cobra
colhendo-a, comendo-a.
6. Ela ao seu marido
induziu a comer a fruta.
Por causa da esposa,
o marido foi desobediente,
antes de sermos mortais.

11. A todos, como suas prêsas,
o diabo nos apanhou.
Pelos seus maus princípios,
abrsa todos os homens
com contínuas folganças.
16. De Santa Maria
o mal não se aproximou.
Em sua santidade,
o demônio calcando,
faz fugir o mal.

(1) — Ia, LXIII, LXXIV. Cf. Ia, LXIII e D 18. O subtítulo original "Por graci g^{co} g^{te}" é de interpretação duvidosa, cf. NP, (38).

21. Ojopýk murú akánga,
imoatäeyngatuábo.
Sorý katú jandé ánga
Tupã rekó momoránga,
añánga rausú peábo.
26. Jandé jára mongatú
tirekó *Santa Maria*
añánga timomburú.
Tupansý, tiasausú,
sesé jañemoryrýia.
31. Sekó katú rerekóbo,
jandé ánga jekosúbi.
Nimaranangái oikóbo,
memé *Jesus* jandé súbi,
jandé rapekokekóbo.
36. Omembýra irúmo be,
Tupansý, *Santa Maria*,
asé sumará mondýia,
asé súbi jepí ñe,
ixuf asé rejýia.
- *172v 41. Tiaé, jandé pyápe,
147v *Santa Maria* rerúpa,
sekó katú potasápe,
jandé ángime sausúpa,
jasó Tupã rorypápe.
-
21. Ela esmaga a cabeça do maldito,
é muito forte.
Alegra nossa alma
a virtude do Senhor,
que afasta o amor do diabo.
26. Nosso Senhor fêz bem
em ter Santa Maria
para confundir o demônio.
Amemos a mãe de Deus,
a ela respeitemos.
31. Tendo bons hábitos,
regozija-se nossa alma.
Vivendo ela assim tranqüila,
Jesus nos procurará sempre,
visitando-nos mudamente.
36. Companheiros de seu filho,
a mãe de Deus, Santa Maria,
assustando o inimigo da gente,
vem sempre ao nosso encontro,
afastando-nos dele.
41. Oxalá, em nosso coração
trazendo Santa Maria,
por desejar a virtude,
amando-a profundamente,
vamos à glória de Deus.

Dança

46. 1.º —
Pejorí, xe irũ etá,
tiasó *Maria* súpa.
Iñeéng poráng endúpa,
jandé aíba toipeá.
50. 2.º —
Eneĩ, tiasó taujé
ixupé jajerurébo
toimeéng korí jandébo
omembý porangeté.
54. 3.º —
Iporausúba katú
Tupansý, *Santa Maria*.
Emonánamo, asausú,
sesé guiñemoryrýia.
58. 4.º —
Maria ikatueté.
Noñandúi moropotára,
oñemoñáng jandé jára
sygué poránga pupé.
62. 5.º —
Añeté, ko serapoã
Maria rekó poránga.
Ndeiteé, ipupé Tupã
pitángamo oñemoñánga.

46. -Vinde, meus companheiros,
vamos visitar Maria.
Ouvindo suas belas palavras,
elas afastarão nossos males.

50. -Eia, vamos depressa
suplicar a ela
que nos dê hoje
seu lindo filho.

54. -É muito misericordiosa
a mãe de Deus, Santa Maria.
Assim, eu a amo,
submetendo-me a ela.

58. -Maria é muito bondosa.
Sem pecado original,
concebeu Nosso Senhor
em seu ventre puro.

62. -Na verdade, é aqui famosa
a virtude de Maria.
Por isso, nela Deus
criou-se como um menino.

66. 6.º —
*Virgem ramo oikobobé,
 Maria, kuñangatú,
 puruáramo, raé,
 tekó poxý oimomburú.*
70. 7.º —
*Noipotári, jandé ri,
 jandé sumarā puáma,
 jandé rekó katuráma
 oimeenguká jepí.*
74. 8.º —
*Imembýra oár, umuã,
 amó putúna resé,
 pitangĩ porangeté.
 Ixý nasuguyú tiruã,
 jakuí, nicoári, ñe.*
79. 9.º —
*Jesus imembýra réra,
 aé jandé pysyrõ.
 Sekó omongaturõ
 jandé rekó poxý poéra.*
- *173 83. 10.º —
*Asausú katú potá
 xe jarĩ, paĩ Iesu.
 Timaenduá katú
 xe resé, xe rausubá.*

66. -Vivendo como virgem,
 Maria, mulher santa,
 engravidando, embora,
 o pecado repeliu.

70. -Não quer que, contra nós,
 nosso inimigo se erga,
 para a felicidade futura
 nos fazer eternamente ter.

74. -Seu filho nasceu, outrora,
 certa noite,
 como um lindo menininho.
 Sua mãe não sangrou absolutamente,
 ficou enxuta, realmente virgem.

79. -O nome de seu filho é Jesus,
 ele nos salvou.
 Sua lei tornou virtuosos
 os nossos hábitos antigos.

83. -Eu quero amar muito
 o meu senhorzinho, Jesus.
 Lembre-se êle
 de mim, e me ame.

*173v

1.

Jabaeté paí Iesu
jandé sumarã mondýia.
*Jandé rausüba katú,
Tupansý, Santa Maria.*

Yanderogui cĩ meme. Veja página 515.

5.

Jandé rógui sýi memé
añánga, jandé mombóia.
Tupansý jandé senóia,
oimoasý katú eté.

9.

Jandé te japýk umé,
senóia, murú mondýia.
*Jandé rausubareté,
Tupansý, Santa Maria.*

13.

Iesu éreme, moxý
sykyjeú oñána úpa.
Tupansý rera rendúpa,
obebé jandé suí.

1. O excelso pai Jesus
assusta nosso inimigo.
*Ama-nos muito,
Tupansý, Santa Maria.*

5. De nossa casa se aproxima sempre
o diabo, para nos escravizar.
Invocando nós a mãe de Deus,
ela o castiga severamente.

9. Sem nos ferir,
chama, assustando-o, o mau.
*Ama-nos muito,
Tupansý, Santa Maria.*

13. Ao invocar-se Jesus, o maldito
foge medroso.
Ouvindo o nome da mãe de Deus,
êle voa de nós.

(1) — I*, LXXVI, cf. D 17, (1).

17. *Maria tiamborý,
añánga rekó rejýia.
Jandé rausúba jepí,
Tupansý, Santa Maria.*
21. *Jandé ánga sumará
ojoupé jandé ri kýi. 7-01
Ixuí jandé rejýi,
jandé rubeté Tupã. N. 10004*
25. *Tupansý moxý oinupã,
imoñána, imoryrýia.
Jandé rausúba katú,
Tupansý, Santa Maria.*
- *174 29. *Jandé momburú, mburú
jandé ánga u potá.
Jaraá jaguára ja, Jaraá
jandé rakypoé mboú.*
33. *Maria, paí Iesu
erendúpa, osó osýia ?
Jandé rausúba katú,
Tupansý, Santa Maria.*
37. *Jandé repenãpeñã, repenã
jandé momoxý moánga.
Santa Maria poránga
osenopuãpuã.*

17. Maria o expulsa,
afastando as leis do demônio.
*Ama-nos sempre,
Tupansý, Santa Maria.*

21. O inimigo de nossa alma
nos conspurca. — (suyá)
Dêle nos afasta Deus,
nosso verdadeiro pai.

25. Nossa Senhora açoita o demônio,
ela o faz correr, o amedronta.
*Ama-nos muito,
Tupansý, Santa Maria.*

29. Tentando-nos, o mau
quer devorar nossa alma.
Lampeiro como um jaguar,
segue no nosso rasto.

33. Ó Maria, estás ouvindo?
É Jesus, que se aproxima.
*Ama-nos muito,
Tupansý, Santa Maria.*

37. Atacando-nos freqüentemente,
perturba o nosso entendimento.
A bela Santa Maria
ameaça-o insistentemente.

—V. 27 — A rima parece exigir *satã*, não *katú*. A tradução seria : Ama-nos fortemente, cf. VV. 43 e 51.

41. Oirurō, oimoañã,
satápe moxý, mondýia.
Jandé rausúba katú,
Tupansý, Santa Maria.

45. Ojekotyruntirúng,
oporomoniguepotá.
Tupansý serubú ra,
murú ri opurupurúng.

49. Ybytú jabé osunúng,
jabaeté suí osýia.
Jandé rausúba katú,
Tupansý, Santa Maria.

41. Ela o ataca, o empurra,
assustando-o, ao seu fogo cruel.
Ama-nos muito,
Tupansý, Santa Maria.

45. Êle arma as suas ciladas,
querendo forçar a entrada.
A mãe de Deus prende o maldito,
assalta o demônio.

49. Zune como o vento,
aproximando-se do arrogante.
Ama-nos muito,
Tupansý, Santa Maria.

-V. 43 — Cf. -V. 27.
-V. 51 — Cf. -V. 27.

E — POESIAS POLILÍNGÜES

E 1 — RECEBIMENTO QUE FIZERAM OS ÍN-
DIOS DE GUARAPARIM AO PADRE
PROVINCIAL MARÇAL BELIARTE

(português-tupi)

RECEBIMENTO QUE FIZERAM OS ÍNDIOS DE GUARAPARIM AO PADRE PROVINCIAL MARÇAL BELIARTE

Guaraparim era uma pequena aldeia à margem do Rio Guaraparim, no Espírito Santo. Em 1585, os jesuítas fundaram residência no alto da embocadura do rio e ali edificaram uma capela dedicada a Sant'Ana. Reformada e aumentada sucessivas vezes, restaurada, atualmente, pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional, a igreja de Guaraparim ostenta-se hoje, a cavaleiro do porto, numa pacata cidadezinha, rica de areias monásticas, quase desconhecida por suas propriedades de estação de cura, e pitoresca por suas reminiscências históricas ⁽¹⁾. A "Fonte dos Padres", onde se abastecem, ainda hoje, as lavadeiras, e as ruínas da igreja começada pelo seu donatário arrematante em princípios do séc. XVII, destinada, sem êxito, a substituir a velha igreja dos jesuítas, são curiosos exemplos disso ⁽²⁾.

O diálogo que aí se representou por ocasião da visita do Provincial Marçal Beliarle, indicado para substituir Anchieta no cargo, deve datar de entre 1587 e 1594, ou, exatamente, talvez, de 1589 ⁽³⁾.

A peça teria sido iniciada no porto, onde se recebeu o Provincial, para prosseguir na igreja, após o percurso, em procissão ⁽⁴⁾, do caminho curto que vai ter a ela, e encerrar-se, afinal, com uma dança no pátio fronteiro à mesma ⁽⁵⁾.

(1) — Fig. 14.

(2) — Figs. 15, 16.

(3) — Marçal Beliarle chegou ao Brasil em 7 de maio de 1587, desembarcando em Pernambuco; tomou posse na Bahia em 1588 e visitou o Espírito Santo em 1589. Entregou o provincialato ao P. Pero Rodrigues em 1594, cf. HCB, I, 233 e II, 493-495 e NP, § 6.

(4) — E 1, V, 135.

(5) — Fig. 14.

LOCAL — Pôrto de Guaraparim. Caminho do pôrto à igreja.
Terreiro fronteiro à mesma (1).

DATA — 1587 (?)

PERSONAGENS — Índio
1.º Diabo
2.º Diabo
Anjo
Meninos

TEMA — No pôrto de Guaraparim o P. Marçal Beliarte é recebido com um discurso de agradecimento pela visita e boas-vindas à aldeia. Na igreja, dois diabos mostram que os habitantes da aldeia são seus adeptos, tornando inútil a visita do Provincial. O Anjo promete guardar o local, expulsa os diabos e um índio quebra-lhes a cabeça. Dançam, em seguida, dez meninos índios.

LÍNGUAS — Portuguêsa e tupi.

(1) — Fig. 14.

RECEBIMENTO QUE FIZERAM OS ÍNDIOS
DE GUARAPARIM AO PADRE PROVINCIAL
MARÇAL BELIARTE ⁽¹⁾

I ⁽²⁾

Um índio, ao desembarcar no pôrto ⁽³⁾:

- *21 1. Vinde, pastor desejado,
visitar vosso curral,
pois, por ordem divinal,
para nós sois cá mandado
do reino de Portugal.
6. A majestade real
do Senhor onipotente
ordenou, mui sãbiamente,
que, com peito paternal,
venhais ver tão pobre gente.
11. Vinde ver, pai amoroso,
os filhos que tanto amais,
cuja salvação buscais,
e com peito piadoso
a vida lhes procurais.

(1) — I^o, XXI e XXII. Esta peça foi publicada parcialmente em BFF, LI, n.º I, quando, de posse de apenas poucas páginas do caderno de Anchieta, eu supunha que a dança com que termina, única então conhecida, constituísse uma pecinha à parte. Verificando, posteriormente, que era o final de peça maior, parte da qual vim a conhecer, preparei a sua restituição total, com início teóricamente estabelecido sobre a publicação de PL, p. 92. Finalmente, obtendo os originais do restante, foi possível organizar uma errata do texto preparado, que fora entregue à RAM, onde teve impressão demorada, não tanto, porém, que se pudesse renovar, antes da composição, o trabalho todo (Cf. RAM, CXIV, 233-251). Esta edição apresenta-o totalmente autenticado pelo autógrafo de Anchieta.

(2) — A divisão das peças do teatro de Anchieta em atos é indicada em I^o, XLV e pode-se observar em I^o, XXXIII e LX.

(3) — Há, do pôrto de Guarapirim à igreja, um caminho não longo, que liga o cemitério, pouco distante da praia, à igreja. É verossímil que fôsse este mais ou menos o trajeto percorrido, provavelmente em procissão (cf. V, 135), pelo Provincial, em sua recepção, e explicaria a divisão da peça em partes: um discurso no pôrto, um diálogo na igreja e, afinal, a dança dos meninos índios, que se realizaria no pátio fronteiro a ela (Cf. fig. 14).

16. Por mar e terra passais
trabalhos, por causa nossa,
sem que a caridade vossa,
com que tão areso estais,
em vós apagar-se possa.
21. Vinde, sábio regedor,
reger os desordenados,
para que, por vós guiados
no caminho do Senhor,
escapemos dos pecados.
26. Estamos desconcertados,
mas vós trazeis o concêrto,
para que nós, mais de perto,
por vós bem encaminhados,
achemos o céu aberto.
31. Vinde, defensor mui forte,
defender os combatidos,
porque não sejam rendidos
da culpa, que causa morte
infernai aos vencidos.
36. Se formos favorecidos
de vós, Padre Beliarte,
seremos, por tôda parte,
seguros e recolhidos
como em forte baluarte.
41. Vinde, Vigário de Cristo,
ao qual quem obedece
ser coroado merece
e com Deus estar benquisto,
que por Senhor reconhece.
46. Com ouvir-vos o bem cresce,
pois sois do rei eternal
loco-tente Provincial,
cuja graça resplandece
em vós, nosso pai Marçal.

-V, 48 — loco-tente = lugar-tenente.

- *22 51. Esta nossa pobre aldeia,
de Guaraparim chamada,
é deleitosa morada
da Senhora galiléia,
que por sua a tem tomada,
56. para nela ser amada
com inteira devoção,
e de todo coração
ser de todos venerada
sua limpa concepção.
61. Neste tão pobre lugar,
ela mora mui contente,
pois seu filho onipotente
num palheiro quis estar,
nascido mui pobrementemente.
66. Porque a fé da nossa gente
para Deus é doce leito.
A qual, com amor sujeito,
deseja ser inocente,
deixando o mal por bem feito.
71. Uns são velhos moradores,
outros novos, do sertão,
mas todos, de coração,
desejam ser amadores
da Virgem da Conceição.
76. Porque nela à redenção
obrou seu filho Jesus,
e com sua graça e luz,
nos deu vida e salvação,
sendo morto numa cruz.
81. E, pois, sois tão namorado
dos senhores filho e mãe,
nosso bem nos procurai,
tendo de nós o cuidado
que se espera de tal pai.

86. Esta aldeia conservai,
para que com paz moremos
e, pois já na fé vivemos,
todo remédio nos dai,
com que todos nos salvemos.

Fala agora aos índios :

91. Pejorí
jandé rúba rúra ri
perorýbamo pekuápa.
Peapysýkamo, korí
ko sekóu. Mamó suí
oú, paraná rasápa.

97. Angiré,
tiandé poreausubúme.
Tasesaý jandé retáma,
ára momorangañé,
imaendua sesé
jandé rúba angaturáma.

103. Aé ko paí-guasú
paí *Iesu* rekobiára,
aé tekó moñangára,
aé ko jandé rausú,
aé tekokatú jára.

*23 108. Tosopá tekó angaipába
jandé retáma suí.
Tokañé tekó poxý,
Tupã tekó moñangába
timopó memé jepí.

91. Vinde
abraçar-vos alegremente
pela chegada de nosso pai.
Tranquilizando-vos, hoje
aqui está. De longe
veio, atravessando o mar.

97. De agora em diante,
não seremos infelizes.
Quero felicitar nossa terra,
agora venturosíssima,
pois que se lembrou dela
o nosso virtuoso pai.

103. Este aqui é o sacerdote
que representa o Senhor Jesus,
criador da vida,
nosso amor,
senhor do bem.

108. Seja a maldade expulsa
de nossa terra.
Extirpe-se o mal,
para o espírito de Deus
dominar perenemente.

II

Na igreja fala um diabo contra os brancos :

113. Que padres ora cá vêm
meter-se no meu lugar?
Logo se podem tornar, *medra e t*
que nenhuma medra têm,
pois tudo está a meu mandar.

118. Eu, com uma volta dar,
quanto eles têm ganhado,
lhes tenho todo roubado,
e mui muito a seu pesar,
trago tudo d'um bocado...

123. E não tenho mais cuidado
para isso executar,
que qualquer branco chamar
dos que tenho a meu mandado
e me servem sem faltar.

128. Porque êstes tais, sem cessar,
revolvem tôdas as casas,
discretos para enganar,
ligeiros para pecar
que parece que têm asas...

Outro diabo, contra o primeiro, fala contra os índios :

133. Olhai, ó Cara de Cão !
Quem te fêz o campo franco
para, nesta procissão,
vires dizer mal do branco,
sem nenhuma conclusão?

138. Isso lá
na vila não saltará
quem lho diga muito bem !
Agora tratemos cá
dos que neste lugar há
dos brasis, que amor me têm.
144. 1.º *diabo* — Aaní ! Maíra e
xe ño xe ñeengapyá.
Xe ñeénga rupi ñe,
oikomemoámo memé,
omoñangára rejá.
149. 2.º *diabo* — Añé ipó.
Karaíba amó amó
iangaipá, nde rerobiá,
nde rekó poxy potá,
omoñangára rekó
abyábo, seityka pa.
155. Apyabaré opakatú !
Ko Guaraparí iguára,
xe rekó rupi tekoára,
xe ño xe ñeéng endú,
xe ño semierobiára.
- *23v
160. Eý teñé
abará Tupã resé
serobág potaraúpa.
Eri ! Osaáng jepé,
xe, te, xe rapiareté,
opiápe xe rerúpa.
-
138. —De modo algum ! Os Mair
só obedecem a mim.
Com meus conselhos,
vivem sempre em pecado,
abandonando o seu criador.
149. —Isso é verdade.
Muitos caraíbas
são pecadores, crêem em ti,
gostam da tua perversidade,
transgredindo, rejeitando
tôdas as leis do seu criador.
155. Ó índios !
Os habitantes aqui de Guaraparim,
que vivem conforme os meus princípios,
ouvem apenas as minhas palavras,
confiam unicamente em mim.
160. Inútilmente
o reverendo a Deus
pretende convertê-los.
Ó ! Embora êle se esforce,
a mim, na verdade, obedecem,
trazendo-me em seu coração.

—V. 144 — *Maíra* — tratamento dado aos estrangeiros.

—V. 150 — *karaíba* — nome dado aos brancos.

166. Xe po guýripe arekó
kunumí guasú angaipába,
tuñábae kakuába.
Ojepé jombé añó,
nomoangaipábi ko tába.
171. Naxereroyroĩ guaihi.
Kuñā syguarajibóra
aipopoár, ajapitĩ;
kuñamukú tába póra,
xe pyá pupé añomĩ...
176. 1.º *diabo* — Aujé ipó.
Ojepé guasú tiaikó,
angiré, moxy reitýka.
2.º *diabo* — Aujebeté. Tiaisó $\frac{1}{2}$ 12
óka rupi japypýka
jandé ratápe imombó !

Anjo da aldeia, contra os diabos :

182. Perorý teñé jandú
ko tába, rō, pepuáma,
Tupā rayra retáma.
Asarō potakatú,
nitíbi perembiaráma.

166. Eu tenho em meu poder
mancebos pecadores,
velhos de muita idade.
Se os deixasse à vontade,
esta aldeia não pecaria.

171. Eu não desprezo as velhas.
As mulheres desonestas
eu manieto, arrasto ;
as moças da aldeia,
guardo em meu coração...

176. -Está bem.
Unamo-nos fortemente
para, daqui em diante, agarrar os maus.
-Muito bem. Vamos
passar logo pelas casas
para atirá-los à nossa fogueira !

182. -Alegrai-vos sem motivo
alvorçando, assim, esta aldeia,
terra dos filhos de Deus.
Eu a guardo muito bem,
não a haveis de prender.

187. Aikobé pemondoárama,
pemoséma . . .
Maë ! Ko xe itangapéma
xe pópe ndoikói teñé,
pemombokaðáma e.
Ndoguerobiári moéma
ikó xe rayreté.
194. Angarí,
abaré guasú korí
aroguatá serekóbo
paraná guasú rupi,
peneĩ, taujé pesóbo
ko Guaraparĩ suí !
200. Ogúba resé añó
apyába ñemboryrý.
Pekoá, peñána ! Pesýi !
Peñemongatú mamó
xe suí. Nopoapýi . . .
205. 2.º *diabo* — Akaigué !
Arekó potarangá
ko tába xe pópe ñe !
Ekoá ke suí taujé !
Tasóne, xe abangá,
nde abaité katú supé !
- *24 *Anjo* —
2.º *diabo* —
-
187. Vivo vos despedindo,
vos expulsando . . .
Olhai ! Esta minha tangapema
não está em minha mão a toa,
ela vos destroçará um dia.
Não acreditam mentiras
os meus leais filhos daqui.
194. Portanto,
hoje que o superior
anda em minha companhia
ao longo do mar,
cia, ide-vos de uma vez
aqui de Guaraparim !
200. Apenas por seu pai
o gentio se afervora.
Fora, correndo ! Afastai-vos !
Ide para bem longe
de mim. Não tenho as mãos muito
leves . . .
205. -Ai !
Eu queria ter
esta aldeia inteiramente em meu poder !
-Vai-te daqui depressa !
-Irei. Estou sem ânimo,
de tanto medo de ti !

Vai-se o diabo e daí a um pedaço torna, e diz :

211. Ko aikó, ajuribé
xe rorýba mombeguábo.
Asó ñe moropeábo,
tekó poxý pupé ñe
apyába mondekatuábo . . .
216. Eỹ teñé xe angaguábo
abará ;
xe mondó potá teñé
xe rekoatýba suí.
Eri ! Xe rembiá memé
ko tabiguára resé
paí Tupã resará ndi.
223. Osykýi by té pajé
Karuára.
Ndopábi moropotára,
tesaynána, marã e,
mondarõ, moéma abé.
Setá ñe xe rausupára,
ko Guaraparí pupé.

Vem um índio com uma espada embagada contra ele :

230. *Índio —*

Teté marã ejábo mã !
Nde juraraguaí eikóbo,
ko xe rúri nde mondóbo.
Eremoyrõ paí Tupã,
ikó tába rapekóbo.

211. -Aqui estou, vim de novo
declarar minha alegria.
Enquanto vou me afastando,
meto gentio
no mal . . .

216. Debalde me censura
o padre ;
inútilmente quer me expulsar
de minha moradia.
Ó ! Prenderei sempre
estes habitantes da aldeia
esquecidos de Deus.

223. Respeitam ainda o pajé
Caruara.
Não têm fim os desonestos,
dissolutos, caluniadores,
ladrões e mexeriqueiros.
Eles todos são meus amigos,
aqui em Guaraparim.

230. -Verdadeiro absurdo estás dizendo !
Sendo tu um mentiroso,
aqui estou para te expulsar.
Irritaste o senhor Deus,
voltando a esta aldeia.

-V, 224 — *Karuára* — literalmente, "Comedor".

235. Nandeamotaretéi,
Xe anáma tapijára,
ojojá ybytyriguára,
nandererobyaribéi,
nitíbi nde rausupára.
240. Kucseñeỹ, Tupansý
nde reytýki, nde peábo,
aé xe mboú korí.
Ko aikó nde akánga kábo
nde jerobyára suí...
245. Neĩ ! Ejemosakói,
tajopúne, marandoéra !

Quebra-lhe a cabeça :

Te ! ajuká Makaxéra,
omanongatú moxý.
“Añangupiára” xe réra !

III

DANÇA DE DEZ MENINOS

- *24v 250. 1.º — Xe retáma moorýpa,
erejú xe rubigué !
Xe abé, nde robaké
ajú, uijemborymborýpa.
-
235. Eu não te estimo.
Meus parentes tapejaras,
como os habitantes da serra,
não acreditam em ti,
não são nada teus amigos.
240. Como, outrora, a mãe de Deus
esmagou-te, repelindo-te,
assim me mandou vir hoje.
Aqui estou para rachar-te a cabeça
pela tua arrogância.
245. Vamos ! Defende-te !
vou te ferir, caluniador !
Pronto, matei Macachera,
extinguiu-se o mal.
Eu sou “Anhangupiara” !
250. Alegando minha terra,
vieste ao meu encontro !
Também eu à tua presença
compareço festivamente.

—V. 249 — Literalmente “Inimigo do Demônio”. Cf. E 2 a, -V. 533.

254. 2.º — Ko xe anáma rúri pa
nde rapépe, nde repiáka.
Xe abé, xe mojeguéka,
nde moorykatú potá.
258. 3.º — Tapuý pepýra guábo,
xe ramûia poraséi ;
xe Tupã rekó ajuséi,
xe rúba rekó peábo.
262. 4.º — Xe rúba, xe moñiangára,
nde rausú xe irúmo be.
Endé te, xe rubeté,
paí *Iesu* rekobiára.
266. 5.º — Koí, ko tába rerúpa,
oroikokatú beí.
Serapuã Guaraparí,
tupã-óka rerokúpa !
270. 6.º — Guaraparí serumuána
oroitýk potá ixuí.
Santa Maria koí
iporáng imoerapuána.
274. 7.º — Tupansý morausubára
oré ánga oipysyrõ ;
nde abé ereipytybõ,
oré ánga mboesára.

254. O meu povo veio aqui
ao teu encontro, para te ver.
Eu também, enfeitando-me,
quero homenagear-te.

258. Devorando um banquete de escravos,
dançam os meus avós ;
faminto das leis de Deus,
abjuro as de meus pais.

262. Ó meu pai, criador meu,
meus amigos amam-te também.
A ti também, meu alto pai,
representante de Jesus.

266. Hoje, estando tu nesta aldeia,
sentimo-nos mais felizes.
Bendita és, Guaraparim,
tu que possuis uma igreja !

270. A má fama de Guaraparim
dela vamos expulsar.
Santa Maria é agora
sua bela padroeira.

274. A compassiva mãe de Deus
protege nossa alma ;
e tu a confortas,
nosso mestre espiritual.

278. 8.º —

Pecado amotareýma,
asausú paí Iesu.
Taxepytybongatú
opyá pupé xe míma !

282. 9.º —

Esejyukarumé
iké suí xe retáma.
Toikó pabē xe anáma
Tupána rekó resé.

286. 10.º —

Jorí, paí Marasá,
ikó tába mongatuábo,
paí Iesu mongetábo
ixupé sausubuká.

278. Já não quero o pecado,
amo a Jesus.
Agasalhe-me ele
em seu coração !

282. Não o vás apartar
desta minha terra.
Vivam todos os meus
segundo as leis de Deus.

286. Vem, ó P. Marçal,
abençoar esta aldeia,
e suplica ao bom Jesus
que a ensine a amá-lo.

-V. 286 — *Marasá* — adaptação tupi do português "Marçal".

E 2

- a) NA FESTA DE SÃO LOURENÇO (*castelhano - tupi - português*)
- b) NA FESTA DO NATAL (*tupi - castelhano - português*)



Fig. 17

A Capela de São Lourenço, no morro do mesmo nome, em Niterói.

NA FESTA DE SÃO LOURENÇO

Entre os sucessos ocorridos até 1583, Simão de Vasconcelos inclui uma célebre representação que, com grande pompa, se teria feito num dia de São Lourenço ⁽¹⁾ em que foi milagrosamente suspensa, por Anchieta, durante várias horas, a chuva que ameaçava cair ⁽²⁾. Essa representação teria tido lugar no terreiro da Capela de São Lourenço, no morro do mesmo nome, em Niterói ⁽³⁾.

"Na festa de São Lourenço" é a mais longa e rica peça do caderno de Anchieta. Tanto a extensão de seu texto, quanto o aparato literário e técnico, de que se reveste ⁽⁴⁾, explicam o êxito a ela atribuído, justificam uma sua adaptação reduzida ⁽⁵⁾ e atraem, ainda hoje, a atenção dos estudiosos da história e da língua nacional.

Escrita em português, castelhano e tupi, reflete o amálgama social da época. Contém curiosas informações etnográficas. Regista nomes de localidades e episódios contemporâneos pouco documentados — gira em torno dos ataques dos tamoios, aliados dos franceses, ao Rio de Janeiro.

Sobretudo, porém, torna-a especialmente interessante o fato de apresentar uma grande parte em língua tupi. Constitui mesmo, para a linguística americana, um documento precioso — o mais longo documento de tupi da costa até agora conhecido e efetivamente praticado em fins do séc. XVI.

(1) — 10 de agosto.

(2) — VJA, 65-66.

(3) — Fig. 17.

(4) — Cf. BMP 1, 7-15.

(5) — Cf. E 2 h.

LOCAL — Terreiro da Capela de São Lourenço, no Morro de São Lourenço, em Niterói ⁽¹⁾.

DATA — 10 de agosto de 1583 ou ano pouco anterior.

PERSONAGENS — Guaixará, rei dos diabos

Aimbiré } criados de Guaixará
Saravaia }

Tataurana }
Urubu } companheiros dos diabos
Jaguarucu }
Caborê }

Décio } imperadores romanos
Valeriano }

São Sebastião — padroeiro do Rio de Janeiro

São Lourenço — padroeiro da Aldeia de São Lourenço

Velha

Anjo

Temor de Deus

Amor de Deus

Cativos, acompanhantes

TEMA — Após a cena do martírio de São Lourenço, Guaixará chama Aimbiré e Saravaia para o ajudarem a perverter a aldeia. São Lourenço a defende, São Sebastião os prende. Um anjo manda-os afogarem Décio e Valeriano. Quatro companheiros acorrem para auxiliar os demônios. Os imperadores recordam façanhas, quando Aimbiré se aproxima. O calor que se desprende dele abrasa os imperadores, que suplicam a morte. O Anjo, o Amor e o Temor de Deus aconselham caridade, contrição e confiança em São Lourenço. Faz-se o entêrro do Santo. Meninos índios dançam.

ACTOS — 1.^o) Cena do martírio de São Lourenço. Cantam (castelhano).

2.^o) Diálogo entre diabos e santos. Luta. Os diabos são vencidos e aprisionados. Uma cantiga encerra o ato (tupi).

3.^o) A cena passa-se diante do corpo de São Lourenço. Os diabos atacam os imperadores, que são mortos (tupi-castelhano).

4.^o) Entêrro de São Lourenço. Discursos catequéticos (português-castelhano).

5.^o) Dança indígena.

LÍNGUAS — Tupi, castelhana e portuguesa.

(1) — Fig. 17.

1.º ATO

*(Enquanto se representa o
martírio de São Lourenço,
cantam (2) :*

- *95 1. Por Iesú, mi salvador,
que muere por mis mancillas,
me aso en estas parrillas,
con fuego de su amor.
- *95v 5. Buen Iesú, cuando te veo
en la cruz, por mí llagado,
yo, por ti vivo quemado,
mil veces morir deseo.
9. Pues tu sangre redentor
lavó todas mis mancillas,
arda yo en estas parrillas,
con fuego de tu amor.
13. El fuego del fuerte amor
¡ oh mi Dios !, con que me amas,
más me quema que las flamas
y brasas, con su calor.
17. Pues tu amor, por mi amor
hizo tantas maravillas,
muera yo en estas parrillas,
por el tuyo, mi Señor.

(1) — I, XLIII e XLVI. Publicada em BMP 1, 1-93.

(2) — Sobre a adoção da peça XLVI como 1.º ato de "Na festa de S. Lourenço", bem como sobre a divisão da peça em atos, cf. BMP1, 20. G.

*60

No 2.º ato entram três diabos, que querem destruir a aldeia com pecados, aos quais resistem São Lourenço e São Sebastião e o Anjo da Guarda, livrando a aldeia e prendendo os diabos, cujos nomes são: Guaixará, que é o rei; Aimbirê e Saravaia, seus criados.

21. *Guaixará* —

Xe moajú marangatú,
xe moyrôetekatuábo
aipó tekó pysasú.
Abá será oguerú,
xe retáma momoxyábo?

26.

Xe añó
ko tába pupé aikó
serekoáramo uitekóbo,
xe rekó rupi imoingóbo.
Kué suí asó mamó
amó tába rapekóbo.

*60v

32.

Abá, será, xe jabé?
Ixé serobiaripýra,
xe añangusú mixýra,
Guaixará serímbae,
kuépe imoerapoanimbýra.

21. Molestam-me os virtuosos,
irritando-me muitíssimo
os seus novos hábitos.
Quem os terá trazido,
para prejudicar a minha terra?

fazendo-a seguir minhas leis.
Daqui vou longe
visitar outras aldeias.

26. Eu sòmente
nesta aldeia estou
como seu guardião,

32. Quem, como eu?
Eu sou conceituado,
sou o diabão assado,
Guaixará chamado,
por aí afamado.

-V. 27 — *ko tába pupé* — nesta aldeia, a de São Lourenço, parte da atual cidade de Niterói

-V. 35 — *Guaixará* — Referência ao herói tamoio que, em julho de 1566, tomou parte no ataque dos tamoios de Cabo Frio, aliados dos franceses, contra os portugueses de São Sebastião. Tendo-se ateado fogo a uma das canoas tamoias, a mulher de Guaixará pôs-se a gritar que o incêndio era ardil dos portugueses para abasasar todos os índios. Os tamoios fugiram. Os portugueses atribuíram o fato a milagre de São Sebastião, que teria sido visto combatendo. Em janeiro de 1567, Guaixará tornou a atacar Araribóia, em São Lourenço. Auxiliado pelos portugueses, Araribóia o surpreendeu e venceu.

37. Xe rekó iporangeté.
Naipotári abá seytýka,
naipotári abá imombýka.
Aipotakatú teñé
opabi tába mondýka.

42. Mbaé eté kauí guasú
kauí mojebyjebýra.
Aipó sausukatupýra.
Aipó añé jamomheú,
aipó imomorangimbýra !

47. Serapoã ko mosakára
ikauinguasúbae.
Kauí mboapyareté, *mboapyar*
aé maramoñangára,
marána potá memé.

37. Meu sistema é agradável.
Não quero que seja constrangido,
nem abolido.
Pretendo
alvorçar as tabas tôdas.

42. Boa cousa é beber
até vomitar cauim.
Isso é apreciadíssimo.
Isso se recomenda,
isso é admirável !

47. São aqui conceituados os moçacaras *moçacaras*
beberrões. *(N... na)*
Quem bebe até esgotar-se o cauim,
êsse é valente, *Língua B... (c)*
ansioso por lutar.

-V. 43 — *kauí* — *cauim*, bebida constituída por um líquido espesso, obtido pela fermentação da mandioca, milho, caju, abacaxi e outras frutas mastigadas especialmente pelas velhas (cf. V. 80). Convencer o índio da inconveniência de seu uso foi um dos grandes obstáculos da catequese, pois o cauim era ingerido como alimento, con-agrava ocasiões solenes e vitórias de guerra. Pelo que se deduz do auto, media também a resistência do guerreiro (cf. -V. 48).

-V. 47 — *mosakára* — *moçacaras*, índios de maior prestígio na tribo. (cf. -V. 48)

-V. 48 — O testemunho de Anchieta parece acrescentar ao hábito do desafio oratório, o de os índios competirem na capacidade de beber. Cf. VV. 42-43.

52. Moraséia e ikatú,
jeguáka, jemopiránga,
samongý, jetyanguánga,
jemoúna, petymbú,
karaí moñamoñánga . . .
- *61 57. Jemoyrô, morapití,
jouú, tapúia rára,
aguasá, moropotára,
mañána, syguarajý
— naipotári abá sejára.
62. Angarí
ajosúb abá kotý,
taxererobiár, ujábo. — 1.
Oú teñé xe peábo
“abaré” jáha, korí,
Tupã rekó mombeguábo.
-
52. É bom dançar,
adornar-se, tingir-se de vermelho,
empenar o corpo, pintar as pernas,
fazer-se negro, fumar,
curandeirar . . .
57. De enfurecer-se, andar matando,
comer um ao outro, prender tapuias,
amancebar-se, ser desonesto,
espião, adúltero
— não quero que o gentio deixe.
62. Para isso
convivo com os índios,
induzindo-os a acreditarem em mim.
Vêm inútilmente afastar-me
os tais “padres”, agora,
apregoando a lei de Deus.

-V. 52 — *Moraséia* — dançar, divertimento e instituição de caráter religioso, figura em várias solenidades oficiais da tribo.

-V. 53 — *jeguáka* — adornar-se. O adorno habitual do índio consistia em pinturas e, principalmente, riscas (VLB, 343). Para incluir-se numa série de vícios, seria preciso considerar essa pintura como símbolo, talvez, de disposições bélicas, ou prenúncio de festins antropófagos.

jemopiránga — fazer-se vermelho, ornamentação obtida, em geral, com tinta de urucu. Hoene atribui a designação “pele-vermelha”, dada aos indígenas americanos, a seu emprêgo generalizado (DES, 229).

-V. 54 — *samongý* — empenar o corpo, processo de ornamentação empregada para a dança, na iniciação do vinho, nos enterramentos e nas cerimônias de morte dos prisioneiros. Consiste em distribuir penugem de pequenos pássaros pela pele, fixando-a com mel, cera ou resina. Podia ser substituída por serragem ou cascas de ovos pulverizadas e coloridas (CM, 128).

jetyanguánga — pintar as pernas, com urucu, por adorno ou remédio (VLB, 420).

-V. 55 — *Jemoúna* — fazer-se negro, ornamentação obtida com tinta de jeninpapo, fuligem ou resina carbonizada e pulverizada. Empregava-se em tatuagens indelévels, ou, como ornato, superficialmente, conservando-se, então, por um período curto de dias.

petymbú — fumar. Foram os americanos que ensinaram à Europa o uso do tabaco (*pety*), sorvido em canudos de osso ou do palmeira. A novidade generalizou-se, apesar das restrições, que lhe foram, desde logo, impostas.

-V. 56 — *karaí moñánga* — curandeirar. Refere-se às frequentes práticas de exorcismos, insistentemente combatidas pelos jesuítas e exercidas, apesar disso, pelas velhas e pajés.

-V. 58 — *tapúia* — tapuias, nome por que designavam os índios estranhos à grande família tupi-guarani. Tem sido traduzido como “minigo”, “rústico”, mas o sentido, que se deprende de seu emprêgo nos textos tupis, é o de “escravizável”. Anchieta diz que significa “escravo” e que se emprega para as nações com quem os indígenas têm guerra (CI, 74, 302). Trata-se, de fato, de contrários escravizáveis isto é, que vencidos na guerra seriam legitimamente escravizados. Cf. *tapúia* (E 2 b, V. 192), *tapuipera* (E 2 b, V. 305), equivalente a *miausiba* (escrava).

Oikobé
xe pytybōanameté,
xe pýri marã tekoára,
xe yrúnamo okáibae :
tubixakatú Aimbiré,
apiába moangaipapára.

*Senta-se numa cadeira e
vem uma velha a chorá-lo, e
êle ajuda-a, como fazem os
índios, e ela, depois de o chorar,
achando-se enganada, diz (3) :*

*61v

74.

Ju, añánga pikó ri !
Xe moajú te inéma mã !
Xe menduéra ipó rei
- Pirakaê amiri ! -,
aé ko ixupé biã ...

Fala com êle :

79.

Nde poxý, uí ! Ndereuí - xo ! -
korí xe reminduúne !
Xe ño aupakatúne.
Kuesebé, nakó, ayrúmo ...
Tasóne, gui ! Takaúne !

e foge.

68. Aqui está
meu ajudante-mor,
meu colaborador,
queimado como eu :
o grande chefe Aimbiré,
pervertedor dos homens.

74. -Ó, o diabo !
Como me enjoa o seu mau cheiro !
Se vivesse o meu marido
pobre Pirakaê ! -
eu diria isso a êle ...

79. Irra, tu és mau ! Não beberás
hoje do que eu mastiguei !
Beberei tudo eu só.
Há dias já que o estou juntando ...
Irei, aí ! Irei beber !

-V. 72 — *Aimbiré* — chefe tamoió. Sabendo encontrarem-se, Nóbrega e Anchieta, em Iperoig, para ali se dirigiu, disposto a matá-los. Abado dos franceses e sogro de um deles, seu ódio aos portugueses fundava-se, sobretudo, na traição de que fôra vítima, sendo aprisionado a bordo de um navio, donde conseguiu fugir a nado, apesar das correntes, que lhe pesavam aos pés. Anchieta descreve-o "alto, sêco, de catadura triste e carregada" (CI, 206). Cf. -V. 598.

(3) — Não figurando mulheres no teatro catequético, o papel da velha seria representado por um homem caracterizado. A saudação lacrimosa era lírica da hospitalidade indígena. Cf. -V. 10.

-V. 70 — *menduéra* — literalmente "ex-marido" (cf. *mendéra*, TP, 37).

-V. 77 — *Pirakaê* — *Piracae*, literalmente "Peixe-assado", deve referir-se a algum personagem celebrador das lutas entre franceses e portugueses, no período de Mem de Sá. Cf. Guairará, Aimbiré, Cururupeba, -VV. 35, 72 e 1097).

-V. 80 — Cf. -V. 43.

-V. 83 — Atribuem-se às velhas índias hábitos desleigos, entre os quais o abuso de bebida. Cf. -VV. 123, 322, 527.

Chama Guaixará ⁽⁴⁾ a
Aimbiré e diz :

84. To ! Mamópe añé rekóu ?
Ereké pipó ejúpa ?
Aimbiré — Erimaé. Tába súpa,
ybytýripe xe sóu
jandé bojá rerosúpa.
89. Sorykatú xe repiáka,
xe ajubã, xe mombytábo,
koára pukúi okaguábo,
oporaséia, ojeguéka,
Tupã rekó momburuábo.
- *62 94. Te, xe resemõ torýba.
Sekó poxy repiakápe,
xe apysykatú sekoápe.
Opabĩ tekó aiba
mondébi katú opyápe.
99. *Guaixará* — Ndaeteé,
nde ratangatú resé
uijekóka, uijerobiá.
Jorí, esenõí, angá,
kueibõ nde remimoaujé.
Abápe eremoangaipá ?
-
84. — Eh ! Onde está êle ?
Estavas dormindo ?
— Não. Visitando as tabas,
à serra eu fui
para estar com nossos súditos.
89. Regozijaram-se ao me ver,
abraçando-me, hospedando-me,
bebendo o dia inteiro,
dançando, adornando-se,
desacatando as leis de Deus.
94. Em resumo, fiquei muito alegre.
Ao ver os seus maus costumes,
tranquilei-me.
Todos os vícios
êles abrigam em seu coração.
99. — Por isso mesmo,
em teu grande prestígio
eu me apóio, eu confio.
Vem, dize o nome
dos que por lá cativaste.
Corrompeste a quem ?

(4) — Cf. I^a, XLIII, (3).

-V. 87 — *ybytyr* — *serra*. A região determinada pelos topônimos do texto parece indicar a dos Órgãos (cf. fig. 18), mas o emprêgo da mesma expressão em outros passos do autor (cf. TT, 67, VV, 18, 22 ; e 170, V, 61) e no próprio E 2 b (V, 57), dá a impressão de se designarem por *ybytyr* lugares longínquos, não atingidos pela civilização, em virtude, talvez, de serem montanhosos e, portanto, menos acessíveis.

-V. 90 — *mombytábo* — *hospedando*. Tradicionalmente hospitaleiros, os índios recebiam o hóspede com uma satisfação lúcrima, em que recordavam, chorando, as dificuldades que teria sofrido no caminho. Seguiam-se refeição alegre e palestra com o principal, travando-se, assim, relações amistosas.

105. *Aimbirê* — Marataoáme tekoára
oguerobiá xe ñeénga.
Opá ypaúme ndoára,
opá Paraibiguára
xe pópe oánga meénga.

110. Kueisé, rakó, amó kañémi,
ogueýpa Magueápe
abará oguerasoápe.
Nasausúbi ñeguasémi,
tupí súpa xe rekoápe.

115. Aeré,
opytábae resé,
abará rekoaúbi
iké serú potañé.
Eri, aáni! Amorambué.
Opá xe ñeengendúbi...

*62v

105. — Os que moram em Marataia
acreditaram em minhas palavras.
Todos os que vivem na ilha,
todos os paraibiguaras
entregaram em minhas mãos as suas
[almas.

115. Depois,
para os que ficaram,
os padres mentiras
quiseram aqui trazer.
Não vê! Eu os impedi.
Todos ouviram as minhas palavras...

110. Perdi alguns, é verdade,
que foram a Magueá
com os missionários.
Não gosto que escapem
tupis de sob o meu poder.

-V. 105 — *Marataoá* — *Marataua*, provavelmente o riacho do Rio de Janeiro, afluente do Rio São João, pelo qual se esportava grande quantidade de madeira (CB, II, 8).

-V. 107 — *ypau* — ilha, deve referir-se à atual Ilha do Governador, então chamada "Ilha do Gato" (*Ybykuí* pelos nativos, cf. VLB, 261) e habitada, durante algum tempo, por forças francesas. Cf. -V. 398.

-V. 108 — *Paraibiguára* — *paraibiguaras*, literalmente "habitantes do Paraíba", podendo-se entender Paraíba do Norte e do Sul, pois neste habitavam tamoios (cf. -V. 152), que Léry chama "Paraiabas" (VTB, 70), e naquele potiguaras, ambos aliados dos franceses. Até 1584, a região do Paraíba do Norte resistiu aos esforços da catequese (CI, 306, 313). Do Rio São Francisco para o norte estendiam-se, acompanhando a costa, os caetés, que haviam aprisionado D. Pero Fernandes Sardinha e sua comitiva, pelo que, em 1582, Mem de Sá os declarou escravos. Valendo-se do decreto oficial, os portugueses cometeram atentados contra o gentio, que se internou pelo sertão, deixando despovoadas as terras, que lhe pertenciam, e onde os franceses se abasteciam de pau-brasil. Em 1584 a região do Paraíba do Norte era a única onde ainda eles se conservavam (CI, 312).

-V. 111 — *Magueá* — *Magueá*, talvez Mauá, grafado "Maguá" em Araújo (MH, II, 68) ou *Magé*, cf. Magués, Magunses, Maués (HICJB, IV, 303) Cf. V. 124.

-V. 114 — *tupí* — tupis, habitantes do litoral de São Vicente, aliados dos portugueses.

121. *Guaixará* — Mosángape ereipurú
tureymaoáma ri?
Aimbirê — Tapúipe guaibĩ arú
amõ Magueá suí . . .
Aéreme aputuú.
126. Aé, rakó, iangaipá.
Ojemopajepajébo,
apiába mboemboébo,
Tupána rekó rejá,
xe ño xe mombaetébo.
131. Tapúipe poxy mborýpa,
tupotarey iké.
Oporaséi pysaré,
ojemopajeangaípa
tatápe osó janondé.
136. *Guaixará* — Eri, aujé.
Xe moorykatú jepé,
inã tekó mombeguábo.
Aimbirê — Ajepýk añé sesé,
ianáma katú, riré,
xe rembiáramo ipeábo . . .

121. — De que recurso usaste
para que não viessem?
— Trouxe aos tapuias as velhas
lá de Magucá . . .
E fiquei descansado.

126. Elas são, de fato, más.
Exorcizando,
industrializando os homens,
eles abandonaram as leis de Deus,
estimando a mim somente.

131. Para folgarem, os cruéis tapuias
não quiseram vir aqui.
Dançaram a noite inteira,
fazendo feitiçarias
antes de irem para o inferno.

136. — Bem, basta.
Alegreste-me,
declarando tais fatos.
— Valer-me-ei disso,
depois, para seus parentes
como prêsas arrastar . . .

-V. 123 — *guaibĩ* — *velhas*, às quais competiam obrigações pouco simpáticas: fabricar venenos, fazer feitiçarias, agravar prisioneiros, etc. Autores contemporâneos descrevem-nas cruéis, sanguinárias e impertinentes. O próprio Anchieta conta que, para castigar com mais crueldade um cristão aprisionado, os índios encarregaram de sua morte as velhas (CI, 203) Cf. VV. 126-135.

-V. 124 — *Magucá* — Cf. -V. 111.

Maéne, tupinambá
Paraguasúpe ndaroéra,
iTupã osýbae puéra,
opakatú jamombá.
Nitibetái sembyroéra...

Nitibetái

Jaúpa Mosupyróka,
Jekey, Guatapytyba,
Neteróia, Paraíba,
Guajajó, Karijó óka,
Pakukáia, Arasatyba.

142. Olha, os tupinambás
que moravam em Paraguaçu,
afastados de seu Deus,
nós os perdemos a todos.
Já não há nem traço deles...

147. Infestamos Moçupiroca,
Jequeí, Guatapitiba,
Niterói, o Paraíba,
Guajajó, Carijó-oca,
Pacucaia, Araçatiba.

-V. 142 — *tupinambá* — *tupinambás*. Às margens do Paraguaçu, rio da Baía de Todos os Santos, havia aldeias tupinambás muito tenidas. Junto delas encontravam refúgio e apoio os escravos fugidos. Solicitados por Mem de Sá, os tupinambás responderam apreendendo um barco português carregado de escravaria negra. O governador enviou contra eles Vasco Rodrigues Caldas e atacou-os, depois, pessoalmente, sendo mortos muitos, aprisionados outros e queimadas as suas aldeias (Cf. 162 e 170; Cf. 303). Quando, em 1662, Mem de Sá declarou escravos os caetés e seus parentes (cf. -V. 108), o gentio de Paraguaçu, cruzado, em parte, com eles, abandonou a terra, internando-se pelo sertão. Note-se que desde 1504 os franceses realizavam no porto de Paraguaçu transações comerciais de pau-brasil.

-V. 144 — *iTupã* — *seu Deus*. O -T- resulta da anteposição do possessivo tupi ao substantivo próprio, que determina (*i-Tupã*). Cf. V. 160, E 2 b, V. 129.

-V. 148 — *Jekey, Guatapytyba* — *Jequeí, Guatapitiba*, designações registadas para Cabo Frio, referentes, talvez, a dois pontos do local (VLB, 138).

-V. 149 — *Neteróia* — *Niterói*, nome dado pelos tamoios à Baía de Guanabara (BRJ, 18).

Paraíba — Pela posição entre os demais topónimos, parece referir-se ao Paraíba do Sul. Cf. -V. 108 e fig. 18.

-V. 150 — *Guajajó* — *Guajajó*, a ilha de São Vicente, onde os franceses fizeram algumas incursões (NB, I, 213). *Karijó-óka* — literalmente "a" ou "as aldeias dos carijós", índios que habitavam a costa do sul de São Vicente, penetrando pelo sertão, através do Paraguaçu, indicaria uma ou mais aldeias espalhadas além de Guajajó, no litoral e pelo interior. O conjunto do texto faz ligar, entretanto, a expressão *Karijó-óka* a "Carioca", nome por que se designou, no Rio de Janeiro, o trecho compreendido entre a Praia do Botafogo e o Catete. O nome provinha do de um riacho ali existente. Na foz do Carioca estabeleceu-se a aldeia de Urugumirim (Cf. -V. 518). Léry menciona nesse lugar uma aldeia "Carioca", cujo nome corresponderia a "Cariós óka" (VTB, 235 e 94/95). Interpretou-se "Cariós", como nome de antigo povo asiático. Mas não se trataria de "Cariós", isto é, "Carijó", sendo "Carioca" uma aldeia desses carijós, que Anchieta referiu espalhados "por toda parte" (Cf. 47).

-V. 151 — *Pakukáia* — *Pacucaia*, localidade do Rio de Janeiro, atual Conceição. O nome apareceu em diferentes autores e mapas com as variantes "Pacucaia", "Paquequim", "Paqueam".

Arasatyba — *Araçatiba*, nome de várias localidades. Parece tratar-se de aldeia próxima de São Lourenço e desde cedo abandonada (MHD, 174 e 349), talvez a mesma que Léry cita entre as maiores da Guanabara, no interior da terra (VTB, 235).

152. Opauumã tamúia sôu
okáia tatápe oúpa.
Mokoñó, Tupã rausúpa,
ko tába pupé sekôu
ojepysyrómo okúpa.
157. Ko temiminó poxý
jandé rekó ogueroyrô . . .
Guaixará — Ejorí saánga, rô,
toTupãñeengábi,
tokaú, tomondarô,
162. toporepeñã oikóbo,
toipurú tekó poxý,
tosó ko tába suí.
Ejorí murú moingóbo
jandé ñeénga rupi !
- *63v 167. Aimbirê — Jabái xébo saánga.
Serekoára jabaeté
xe mondýia.
Guaixará — Abápa e?
Aimbirê — Lourenço Santo poránga,
Tupã pýri oikóbae.
152. Todos os tamoios foram
jazer queimando no inferno.
Apenas alguns, amando a Deus,
vivem nesta aldeia
permanentemente amparados.
157. Êstes temiminós malvados
detestam as nossas leis . . .
— Vem tentá-los, então,
para que blasfemem,
bebam, roubem,
162. vivam provocando lutas,
cometam pecados,
afastem-se desta aldeia.
Vem induzi-los
em nossos princípios !
167. — É-me difícil tentá-los.
Seu valente guardião
amedronta-me.
— Quem ?
— O virtuoso São Lourenço,
que vive junto de Deus.

-V. 152 — *tamúia* — *tamoios*, índios do Rio de Janeiro, que habitavam a costa, do Cabo Frio até além do Parati. Aliados dos franceses, sua hostilidade contra os portugueses provinha, principalmente, de serem estes aliados dos tupis, seus inimigos, e da lembrança dos maus tratos e traições, de que tinham sido vítimas. Quando o governador Antônio de Sales os derrotou no Cabo Frio, em 1575, concedeu a alguns liberdade de fiarem em São Lourenço e São Barnabé, sob a jurisdição dos jesuítas.

-V. 157 — *temiminó* — *temiminós*, tribos do Espírito Santo, inimigas dos tamoios. O verso deve referir-se aos temiminós de São Lourenço, índios de Araribóia, para ali transferidos e aldeados.

-V. 160 — *toTupãñeengábi* — para que eles blasfemem: *to* (partícula verbal) + *Tupã* + *ñeengábi*. Cf. -V. 144.

-V. 164 — Uma das mais sérias dificuldades contra as quais tiveram os jesuítas de lutar foi o nomadismo das tribos, que elles tentaram fixar em aldeias, sem conseguir evitar que as despovoassem pouco depois, fugindo, às vêzes, a ataques inimigos ou a decretos officiaes. Cf. -V. 415.

172. *Guaixará* — Umã? Akó Rorē kaē,
jandé rapixá mixýra?
Aimbirê — Aekó.
Guaixará — — Nde putuē.
Nasatangatúí Maíra!
Koribé timokañē...
177. Ixé aé sapysaroéra
sekobé abé resý.
Aimbirê — Ndeiteé, ipó, koí
opá nde rausuparoéra
pysyrómo nde suí...
182. Imarā yrū abé
Bastião — uuboroéra.
Guaixará — Akó xe remibombuéra?
Eri! Xe rory sesé.
Tojepū xe maranduéra!
- *64 187. Mokōibé osýi korí
xe repiáka rupi béne.
Aimbirê — Namoángi. Nde moaujéne.
Guaixará — Ejeroibaté xe ri!
Amondýi, korí nonéne!
-
172. - Qual? Aquê! Lourenço queimado,
assado como nós?
- Esse mesmo.
- Descansa.
Não sou um Mair covarde!
Agora mesmo o afugentaremos...
177. Fui eu quem o queimou
e assou em vida.
- É por isso, de certo, que agora
todos os que te amavam
êle libertou de ti...
182. Seu companheiro de luta também
- Bastião -, que foi crivado de flechas.
- O que eu flechei?
Olá! Alegro-me com isso.
Recrudesça a minha insolência antiga!
187. Ambos fugirão logo
que me virem.
- Não creio. Vencer-te-ão.
- Confia em mim!
Causarei medo eu também!

-V. 172 — *Rorē* — *Lourenço*, em adaptação tupi, isto é, sem l, reduzido o ditongo e suprimida a última sílaba. A adaptação não é constante, cf. VV 271, 361, 612, 679, 1077 e 1128.
-V. 175 — *Maíra* — *Mair* nome por que se designavam os franceses. Cf. -V. 606.
-V. 183 — *Bastião* — *São Sebastião*. Cf. VV 203, 358.

192. *Aimbirê* — Abatépe oikó, xe ojá,
Tupã tiruã momburuábo?
Ndeiteé Tupã nde peábo,
aepuéripe tatá
aujérama nde rapiábo.
197. Asepiák, erimbaé,
Guaixará maranusú.
Igára setá katú.
Ereipytybô jepé,
erĩ aáni ! osýi murú . .
202. Karaíba nasetái.
São Sebastião, aé,
omondýk tatá sesé,
imondýia.- Nopytái
amó abá maranápe.
207. *Guaixará* — Karaíba, ipó,
noikoangaipapýribi . . .
Aujé ko temiminó
ndoguári Tupã rekó,
ndosausúbi, nomotíbi . . .
- *64v
212. Ekoãĩ moxý mboá
jandé jusána pupé !
Iánga toá taujé.
Omoñangára rejá,
robiá jandé resé.
-
192. Quem há, como eu,
que desafie até a Deus?
— Por isso Deus te expulsou,
e desde então o inferno
te abrasou para sempre.
202. Não havia muitos cristãos.
Porém, São Sebastião
ateou fogo nelas,
causando pânico. Não ficou
ninguém na batalha.
197. Eu assisti, outrora,
à batalha de Guaixará.
As igaras eram muitas.
Embora tu as ajudasses,
ô! debandaram em fuga . . .
207. — Os cristãos, com certeza,
não seriam rebeldes . . .
Mas esses temiminós
rejeitam as leis de Deus,
não o amam, não o prezam . . .
212. Vai fazer caírem esses malvados
em nossos laços !
Suas almas cederão depressa.
Abandonando o seu criador,
confiarão em nós.

217. *Aimbirê* — Tasó saánga teñé.
Ejé tipó xerapiáne . . .
Guairará — Jambé, xe rañé tasoáne.
Xe poroitýka jabé,
apiába eresepañáne.
222. *Aimbirê* — Eñemboryrýi umé.
Tiajekotirúng, jajúpa.
Jandé mañána, rañé,
tosó jandé renondé
opá okybyñã súpa.
227. *Guairará* — Ajé ipó.
Aipó ñe pipó ereikó,
Sarauái, mañanaíba?
*65 *Saravaia* — Oicobé xe taygaýba.
Enei! Tasó mamó!
Ixé Sarauái orýba,
233. ixé Sarauaiúsú!
Guairará — Marã pipó morandúba?
Aipotaretekatú
okybyñã nde ixusúba,
ixubiré terejú.
217. - Vou tentar.
Tempo virá em que me obedecerão.
- Espera, irei à frente.
Enquanto eu lutar,
tu assaltarás os índios.
222. - Não te afobes.
Embosquemo-nos, de bruços.
O nosso vigia, primeiro,
irá à nossa frente
para espionar o interior de todas as
casas.
227. - Muito bem.
És capaz disso,
Saravaia, mau vigia?
- Esses são os meus préstimos.
Olá! Irei longe!
Sou o alegre Saravaia,
233. sou o Saravaiaçu!
Que novidades há?
- Quero muitíssimo
que vás espionar o interior das casas,
e depois voltas.

-V. 229 — *Sarauái* = *Saracua*, nome, provavelmente, de algum espião dos franceses (cf. -V. 234, 245, 498). Poderia, entretanto, o vocábulo ser adaptação do português "selvagem", grafado "salvagem" (cf. E 2 b, V 187) e já em outra poesia adaptado ao tupi como "*sarauá*" (cf. "*sarauajamo*", D 3, V. 37).

-V. 233 — *Saravaiaçu* = *Saravaiaçu*, literalmente "o grande Saravaia" (*Sarauái-usú*). Cf. -V. 229.

238. *Saravaia* — Tasó korí nde rejápe
apiába pysýka pa.
Je tasóne xe mondoápe.
Memé tixé, xe pyápe,
emonâ tekó potá...

243. Xe, rapixá Sarauáia,
apiába xe pokuá,
sesé ñe ajekotyá...
Tarasó ko igaporáia.
Xe potába kaui ra!

248. *Guaixará* — Nei! Teresó taujé!
Nde apoã!
Saravaia — Añangatúne.

Fica passeando com Aimbirê, e diz

*63v *Guaixará* — Jajebyjebý rañé.
Sarauáia ru riré,
jamombá tába jandúne.

Torna Saravaia e diz

253. *Aimbirê* — Ke murú! Rúri obébo!
Guaixará — Irô, niateymangái!
Erejúpe, Sarauái?
Saravaia — Eê. Jandé moetébo,
apiába ñemosarái.

238. Hoje vou te deixar
aprimonar índios.
- Bem, irei aonde me mandam.
Intimamente, eu sempre
desejei mesmo êsse curango...

243. Como Saravaia, eu
aprimonarei os índios,
aos quais me tinha aliado...
Ir-me-ei nesta canoa.
Meu quinhão é caunar!

248. -Eh! Vai depressa!
Súbito!
- Corraei.
- Daremos uma voltinha rápida.
Quando Saravaia voltar,
destroçaremos a aldeia.

253. Ó danado! Veio voando!
-Ora essa, não demorou nada!
Foste, Saravaia?
-Sim. Em nossa honra,
os índios estão fazendo festas.

-V. 255 Erejüpe — Foste ou foste, era também empurramento habitual para os recém-chegados. Cf. -V. 90. Note que *ur* é empregado como *ir* e *vir*. Cf. E 2 b, V. 169.

258.

Nde rorý.
Tynysê umã kaui
setá ñe. Igasabusú
ojoenôï umã murú
imboapyaôáma ri.
Saikatúpe?
Saikatú.

Guaixará —
Aimbirê —

264.

Oñeiñangumã sesé
kunumí etá kaguára,
ko tába moangaipapára,
guaibí, tuímbae abé,
kuñamukú imoreymbára.

*66

269. Guaixará —

Te, aujé katú teñé.
Tiasó, mbegué, japuáma,
tixapý moxý retáma.

*Vêem São Lourenço com
dois companheiros e diz*

Aimbirê —

Ke ! Abá rekóu añé
xe renopuapuáma !

274.

Saravaia —
Aimbirê —
Saravaia —

Kái ! Rorê kaē piã ?
Aé. Bastião abé.
Aépe, ke, amboaé ?
Karaibebé serã
ko tába raroaneté.

258. Alegria-te.
Regoitava cauim
em quantidade. Grandes
convocavam uns aos outros
para esgotarem.
-Estava bem forte?
- Bem forte.

264. Para isso acorriam
muitos rapazes bebedores,
que pervertem esta aldeia,
velhas e velhos,
moças que servem cauim.

269. -Bem, já é bastante.
Vamos, de mansinho, assaltá-los,
arderá a terra do mal.
-Olha lá ! Aquêlê sujeito
está me ameaçando !

274. Ai ! Será Lourenço queimado ?
-Ele mesmo. Bastião também.
-É aquêlê outro ?
-Talvez seja o Anjo
da Guarda desta aldeia.

279. *Aimbirê* — Xe reytýk koríne, mã!
Jabaeté sepiáka ixébo...
Guaixará — Aáni xo! Nde piatã!
Ejorí! Tixepefiã,
imosykyjekyjébo.

284. *Aimbirê* — Jamonguá moxý ruúba,
ixupé jajemoytyámo.
Ke! Túri jandé nupámo!
Aryryí, opá xe úba
jesýi, ojemoatámo...

*66v

São Lourenço fala a Guaixará:

289. *Guaixará* — Abápe nde?
Guaixará kaguára, ixé,
mboitiningusú, jaguára,
moruára, moroapyára,
andirá-guasú bebé,
añánga morapitiára.

279. —Ai, eles me esmagarão!
É-me terrível mirá-los...
—Irre, não! Sé forte!
Vem! Ataquemo-los,
para amedrontá-los.

284. Evitaremos as perigosas flechas,
deixando-nos derrubar por eles.
—Olha! Eles vêm açoitar-nos!
Tenho medo, todos os meus músculos
tremem, estão ficando duros...

289. —Quem és tu?
—Sou Guaixará, o bêbado,
grande boicininga, jaguar,
antropófago, agressor,
andirá-guaçu que voa,
demônio assassino.

—V. 290 — *kaguára* — bêbado, cf. —V. 47.

—V. 291 — *mboitiningusú* — grande boicininga, a cascavel (*Crotalus terrificus*, Laur.), literalmente "cobra que treme" (*mbôit-tinínga-usú*) em virtude de a sua cauda terminar em anéis córneos e móveis (guisos), que vibram quando o réptil se irrita.

jaguára — *jaguar* (*Felis onca*, L.). O termo indígena designava a onça e o cão, animal que algumas tribos utilizavam na caça, no período colonial. Parece tratar-se da primeira acepção, tanto por ser o cão animal importado (TTGB, 106), como porque a intenção de Guaixará é mostrar-se feroz. Cf. —VV. 699, 764 e 765.

—V. 293 — *andirá-guasú* — *andirá-guaçu* (*Vampyrus spectrum*, L.), morcego do grande envergadura. (Cf. —V. 484).

295. *S. Lourenço* — Aé pikó?
Aimbiré — Xe jibóia, xe sokó,
xe tamuiusú Aimbiré.
Sukurijú, taguató,
tamanduá atyrabebó,
xe añánga moropé!
301. *S. Lourenço* — Mbaetépe peseká
ko xe retáma pupé?
Guaixará -- Apiába rausúpa ñe,
oré rapiára potá,
oré putupá sesé.
306. *S. Sebastião* — Ombaé nipó asé
opýá pupé sausúbi.
Abatépe, erimbaé,
pembaéramo resé,
apiába meengaúbi?
- *67 311. Tupã aé,
okaraíba pupé,
iánga, seté moñángi.
Guaixará — Tupã? Tenipó, añé...
Sekó, te, ipoxý eté,
sekó aé niporángi.
-
295. -E êle?
-Sou jibóia, sou socó,
o grande tamoio Aimbiré.
Sukurijú, gavião,
tamanduá grenhudo, *-desgrenhado,*
sou demônio luminoso! *descabelado,*
301. -Que procurais
aqui na minha terra? *despercebido*
-Amando os índios,
queremos que nos obedeçam,
preocupamo-nos por eles.
306. As suas próprias cousas a gente
ama sinceramente.
-Quem, algum dia,
para propriedade vossa,
vos entregou os índios?
311. O próprio Deus,
em sua santidade,
modelou-lhes corpo e alma.
-Deus? Talvez...
Seus costumes, porém, são bem maus,
sua vida não é edificante.
-
- V. 206 — *jibóia* — *jibóia* (*Constrictor constrictor*, L.), cobra das maiores da fauna brasileira. Caça mamíferos,
que devora, alguns de grandes dimensões.
sokó — *socó*, designativo de algumas espécies da fam. *Ardeidae*, especialmente as do gênero *Tigrisoma*.
Semelhante à garça, mas de pescoço grosso e plumagem amarela, esta ave esconde-se, durante o dia,
confundida com a folhagem da floresta.
- V. 208 — *sukurijú* — *sucuri* (*Eunectes murinus*, L. fam. *Boidae*), grande serpente não venenosa, mas que mata,
pela sua força, estrangulando a presa depois de comprimi-lhe os ossos.
taguató — *gavião*, dos maiores, parece, pois aos menores chamavam *taguató* (VLB, 248).
- V. 209 — *atyrabebó* — *grenhudo*, indicando, talvez, uma das várias espécies da fam. *Myrmecophaga tridactyla* (L),
cuja cauda tem pelos longos e cruzados. Cf. -V. 714.

317. *Aimbirê* — Iangaipá,
Tupã osausupeá,
sesé ojerobiá bebúia.
Igasápe kaui tujá,
aeré iamomotá,
ojojá guaibi rekúia . . .
323. > Imboapý abá kujabá
ánga e semimotára.
Moraséia rerobiára,
ipyá jaiporaká,
nomoetéi omoñangára . . .
328. *S. Lourenço* — Nosaángi te, pakó,
ñemboé koára pukúi?
Osó meémo mamó?
Aimbirê — Añé. Ijurúpe, ño,
Tupã rerobiára rúi.
- *67v 333. *Saravaia* — Ndeiteé. Opyá pupé,
ojemongetagetábo,
Tupã momburukatuábo,
“Sesapisó aúpe e,
Tupã xe repiáka?” ojábo.
-
317. Eles são pecadores,
repelem o amor de Deus
e orgulham-se disso levemente.
-Se o cauim regorgita nas igaçabas
então elas os tentam,
como as cujas das velhas . . .
323. As grandes cabaças tolfhem
sua liberdade espiritual.
Excitados pela dança,
ganhamos-lhe os corações,
desrespeitam ao seu criador . . .
328. -Não se esforçam, de certo,
por rezar todos os dias?
Esquivam-se?
-Isso mesmo. Em sua bôca, apenas,
reside a confiança em Deus.
333. -É sim. Intimamente,
resmungam,
desafiando a Deus,
“Terá Deus vista
capaz de me ver?” dizendo.

-V. 322 — Cl. VV. 131 e seguintes.

-V. 335 — Nem sempre a catequese alcançou a compreensão dos índios. Certo principal de Iperoig, a quem Anchieta mostrara os culcios, que usava “para castigar a carne e não ofender a Deus”, perguntou-lhe intrigado: “E Deus, que vos há de fazer? Por que tendes medo dele?” (Cl. 204).

São Sebastião com Saravaia :

338. *canipo* → Guabirú ruã pikó?
Ko nipó sariguéi néma?
Pysaré serã ereikó,
ariñáma mokañéma,
apiába mondyabó?
343. *Saravaia* — Iangaupotá e,
pysaré nakerangái...
Guaixará — Aujé, añeéng, Sarauái!
Saravaia — Xe renõi umé jepé
ixupé, naxejukái!
348. *Guaixará* — Xe mĩ, te, jepé ixuí!
Nde mañánamo toikóne!
Ndoromombeuixóne.
Eñemĩ, nde kirirĩ.
Koriẽ toromondóne.
- *68 353. *Saravaia* — Ajemingatú peká.
Aujeté naxerepiáki...
S. Sebastião — Tajibóne! Ejepeá!
Ekoá ke suĩ, reá!
Guaixará — Okerĩ... Nderemombáki!
338. -Haverá aqui um rato?
Ou um repugnante sarigüê?
Será que tu és a noite,
que afugenta as galinhas,
empobrecendo os índios?
343. -No desejo de devorar suas almas,
não dormi esta noite...
-Basta, Saravaia, falo eu.
-Não digas o meu nome
a ele, para que não me mate.
348. Esconde-me, antes, dêle!
Ficarei como teu espia.
-Não te mostrarei.
Esconde-te, cala-te.
Logo mais te deixarei sair.
353. -Vou-me esconder.
Ainda bem que não me viu...
-Vou te flechar! Afasto-te!
Vai-te daqui!
-Está dormindo um pouco... Não o
[despertes!]

-V. 338 — *Guabirú* — *guabiru*, o rato de casa (*Mus decumanus*, L). Cf. V. 485

-V. 339 — *sarigüéi* — *sarigüé*, marsupial do género *Didelphis*, também chamado "gambá". Costuma roubar galinhas (CI. -V. 341), beber sangue, embriagar-se. Quando se irrita, desprende odor característico muito desagradável. Cf. *miaratakáka*. -V.490.

-V. 341 — *ariñáma* — *galinhas*. Thevet (SFA, 224) conta que os índios chamavam "ariguane" às galinhas, introduzidas, em alguns pontos do país, pelos europeus. Léry acrescenta que elas se denominavam *ariñá-miri*, em oposição a outras, grandes, que conheciam e designavam por *ariñá-usú* (VTB, 133). Estas não seriam galinhas, mas perus, talvez, que os franceses chamaram "poules d'Inde", supondo Índia a América. O texto deve referir-se às *ariñá-miri*, cujo emprêgo no Brasil, como mantimento e alimento de doentes, é atestado por Anchieta (CI, 44, 228, 376), e cuja existência se comprova por referências no "canto do galo" (CI, 100). A predileção do sarigüé pelas galinhas (CI, 376) e ao preço irrisório por que eram adquiridos perus, patos e galinhas pelos brancos aos índios (E 5, 154, 156). Convém, entretanto, lembrar que o VLB regista como "galinha" "*guirá-sapukáia*", e como "porco", "*guirá-sapuláia-usú*" (VLB, 246, 247).

358. *S. Sebastião* — Py-aré ko ikereými
apiába pobupobú !
Saravaia — (Aipó eré. Supí katú...)

Açoita-o Guaixard e diz :

Marámpe ndereñemími?
Ereipotápe nde u?

363. *Saravaia* — Akaiguá !
Marámpe xe ri erepoã ?
Ajemingatú ko uitúpa...

Aimbirê com S. Sebastião :

Añé, pekoá esapyá !
Xe moañé, ko xe bojá
jeí xe repiakaúpa...

- *68v 369. *S. Sebastião* — Umámbae?
Aimbirê — Tapijára tuímbae,
guaibí, kunuminguasú,
apiába, kuñãmukú,
xe bojáramo, pabê
xe pópe arekó katú.

375. Taipapáne iangaipába,
taxereroiá jepé.
S. Sebastião — Neí ! Tasendú, teñé...
Aimbirê — Tynysê memé igasába.
Niapóri kauí resé.

358. —À noite êle não dormiu
para perturbar os índios !
—(Isso mesmo. É verdade...)
Por que não te escondes?
Queres que te devore?

363. —Ai !
Por que me bates?
Deitado aqui estou bem escondido...
—Vamos, retirai-vos logo !
Tenho pressa, êstes meus súditos
há muito me desejam ver...

369. —Quais?
—Os velhos habitantes da aldeia,
velhas, rapazes,
homens, moças,
todos os que, submissos,
tenho sob meu poder.

375. Enumerarei os seus vícios,
acreditarás em mim.
—Seja ! Ouvirei, mas é inútil...
—Estão sempre cheias as igaçabas.
Não há falta de cauim.

380. S. Sebastião — Sabeipóra suí be,
ojoapixapixápa.
Morubixá tuímbae
oñeéng memé ixupé
senoñéna, iakakápa.

385. Aimbirê — Oporakakáb abá ! . .
Aeté, kauí poaitára
apiába soguábo pa
"Morubixá, mosakára,
teí ixébo !" ojabangá.

*69 390. Ndeiteé, kunuminguasú,
morubixába osoguápe
oikébo memé kaguápe,
aépe kuñāmukú
repeñána, ipotasápe.

395. S. Sebastião — Emonã sekó suí
arakajá sapekóu,
mundépe iporerasóu . . .
Aimbirê — Arakajá, te, omborý.
Ojojá marã sekóu . . .

380. De tão ébrios,
ferem-se uns aos outros.
—O velho morubixaba
fala-lhes sempre
incriminando-os, censurando-os.

385. —Censura os índios ! . .
Na verdade, o dono da festa
convida todos os homens
"Morubixabas, moçacaras,
venham a mim !" exclamando.

390. Portanto, os rapazes,
a convite do morubixaba
é que se banqueteam,
ali as moças
agredindo, à vontade.

395. —Por isso costumam
frequentar os aracajás,
—que vão aprisionando . . .
—Os aracajás, porém, gostam disso.
Também vivem em desmandos . . .

—V. 380 — Cf. —V. 132.

—V. 382 — *Morubixá* — *morubixaba*, chefe temporal das tribos, cf. —V. 391. Referência, talvez, a Araribóia.

—V. 388 — *mosakára* — Cf. —VV. 47 e 382, .

—V. 390 Por ocasião dos sacrifícios de guerra, os morubixabas ofereciam grandes festas regadas de cauim, para as quais convidavam os vizinhos e em que distribuíam a carne da vítima em churrasco e moquéim. Embora costumassem tratar bem as mulheres não se comportavam assim nessas festas desculpando-se, depois, com a embriaguez (TTGB, 153-154). Cf. —V. 132.

—V. 391 — *morubixába* — O mesmo que *morubixá*, cf. —V. 382

—V. 396 — *Arakajá* — *aracajás*, provavelmente os *mbarakajá*, conhecidos por "gentio do Gato", estabelecidos na Ilha do Governador e dirigidos, até 1555, por Maracajá-guaçu (CA, 197). Cf. —V. 415.

400. *S. Sebastião* — Ojepé jombé, nipó,
iangaipáb amomeé.
Aimbirê — Namoángi . . . Setá ñe,
xe aé aporomoingó
moropotára resé.
405. *Guaixará* — Jambé, toropytybóne.
Ojoaoaó guaibĩ,
ojoamotareỹ,
marã e nopykixóne.
Marã ejára, omborybĩ . . .
410. Iangaipá ko kenai
eimoéma moñánga,
mosánga raá raánga
oausúba oipotari
ojemomoramoránga.
- *69v 415. *Aimbirê* — Aépe kunuminguasú
kuñã oimomosémbae,
miausúba potá ñe
karaibókupe katú,
oñeguaséma memé?

400. -Uns aos outros, certamente,
provocam algumas vêzes.
-Não sei . . . Frequentemente,
eu mesmo os induzo
a desonestidades.
405. -Espera, eu te ajudarei.
As velhas injuriam-se,
odeiam-se,
não cessam de maldizer.
As que se calam, consentem . . .

410. Pecam estas vagabundas
tecendo intrigas,
experimentando remédios
para serem amadas
e tornarem-se belas.
415. -E ésses rapazes
que perseguem mulheres,
cobiçam escravas
nas casas dos brancos
e fogem depois?

-V. 412 — *mosánga* — *remédios*. Os pajés preparavam infusões, a fim de rejuvenescer e embelezar as mulheres (CI, 331).

-V. 415 — Desde que os cristãos ensinaram ao gentio o valor do dinheiro, suborno e roubo penetraram, com os abusos, nas tribos. Tornou-se hábito a escravização por resgate, que os jesuítas condenaram e os franceses apoiaram. O gentio da Ilha do Governador forneceu muitas mulheres aos colonos de São Vicente (C, 151, cf. -V. 390). Os caetés vendiam-se a si próprios; o gentio do Paraguaçu entregava, por dinheiro, filhas e parentes. Depois de declarados os caetés escravos (Cf. -V. 108), refugiados no sertão, embora fôsse revogado o decreto oficial, continuaram os resgates a escravizá-los. Por êsse processo aumentou a escravatura índia do Espírito Santo e de Pernambuco.

420. *Guaixará* — To ! Aipó nipapasábi,
koarasýmo oiké jepémo !
Aimbirê — Opá tába moangaipábi !
Añé, nitekokuábi.
Jandé momburú meémo . . .

425. *S. Lourenço* — Oikobé jemombeú,
mosánga moeirabijára.
Abá ánga maraára,
ipupé opoeirakatú.
Sakipuéri Tupā rára.

430. Oikó moasý rivé,
abá sóu jemombeguábo
"Xe katú peká . . ." ojábo.
Osobasáb abaré,
Tupā moñyrongatuábo.

435. *Guaixará* — Angaipabeýmame,
oñemombeú katú !
Aujé kunuminguasú
*70 oekó aibeté
ojomī, oikuakú . . .

440. *Aimbirê* — Semō jepé,
"Teō rerobýka e,
xe angaipá tubixaguéra
amoséne" eí ñe.
Guaixará — Esendú te. Supié,
asekýi ipoxý puéra . . .

420. —Ó ! Isto não teria fim,
ainda que o sol entrasse !
A taba inteira é pecadora !
—Realmente, não têm discernimento.
Deveriam amaldiçoar-nos . . .

425. —Existe a confissão,
remédio senhor da cura.
As almas enfêrmas dos índios,
com ela saram de todo.
Segue-se-lhe a comunhão.

430. Depois de se arrependarem,
os índios vão se confessar
dizendo : "Quero ser bom . . ."
O padre abençoa-os,
apacando a cólera de Deus.

435. —Como se não tivessem pecados
êles confessam !
Os rapazes
seus vícios
escondem, disfarçam . . .

440. —Absolvidos,
"Ao aproximar-se a morte,
a meus grandes pecados
renunciarei", dizem.
—Ouve. Na verdade,
desfiei as suas velhacarias . . .

446. *S. Lourenço* — Iamotareymetébo,
perekó aí aí.
Ixe najejýi ixuí,
Tupã supé uijerurébo
ipytybómo jepí.

451. Xe resé ojerobiá,
 oimoñáng ko Tupã-óka,
 tekó puéra rekoabóka,
 oaroánamo xe ra,
 xe resé katú ojekóka.

*70v 456. *Guairará* — Eiteñé nde rerobiá.
 Ereipysyrõ jepéne,
 nde po suí anoséne.
 Abebé ko ybytú ja.
 Anoñã, arobebéne...

461. Aimbiré,
 jarasó, murú, taujé, 822.1343
 jandé roipýra moesãia.
 Ko xe akusú. Xe ráña...
 Je, kobé xe poapê,
 xe roaibukú, xe tyãia...

446. —Odiando-os tanto,
 procurais prejudicá-los.
 Eu não me afastarei deles,
 suplicando a Deus
 que os auxilie sempre.

451. Confiaram em mim
 construindo esta capela,
 extirpando velhos hábitos,
 tomando-me por padroeiro,
 apoando-se em mim.

456. —Inútilmente confiaram em ti.
 Ainda que os auxilies,
 eu os arrebatarei de ti.
 Eu voo como este vento.
 Correrei, voarei com eles...

461. Aimbiré,
 vamos depressa
 alegrar nossos fiéis.
 —Aqui estão os meus chifrões.
 Eu ranjo os dentes...
 —Sim, aqui estão também minhas
 [garraas,
 meus longos dedos, meus dentes...

—V. 452 — ko Tupã-óka — esta capela, a de São Lourenço (fig. 17).

467. Anjo — Napeapysái, jandú,
 iko tába apamonána.
 Aikobéni xe, saroána,
São Sebastião yrū,
São Lourenço pytyboána.

472. Peporeausú koríne,
 pemoyrō paí *Iesu*
 ko tába pobú pobú.
 Perapý tataendýne!
Fala com os santos : Peĩ, peipoá murú!

Os santos prendem os dois diabos.

477. *Guaizará* — Aujé bō!
S. Lourenço — Aáni! Ajemoyrō.
 Endé aé erejekuá
 xe róka pobú potá.

S. Sebastião ao Aimbirê :

Aimbirê — Nde rasē, ejeapirō!
 Oropysýk!
 Akaiguá!

467. —Não espereis, como de outras vèzes,
 revolucionar esta aldeia.
 Aqui estou eu, seu guardião,
 com *São Sebastião*
 e o padroeiro *São Lourenço*.

472. Pobres de vós,
 irritastes o Senhor *Jesus*
 desorganizando esta aldeia.
 Queimar-vos-á o inferno!
 Eia, predeci-os!

477. —Basta!
 —Não! Irritei-me.
 Tu deste provas
 de queres destruir a
 minha igreja.
 —Grita, lamenta-te!
 Eu te preendi!
 —Ai!

Presos êstes dois, fala
o Anjo ao Saravaia, que
ficon escondido, e diz :

483. Mbaépe ke túi opýka?
Andirá, ruāpe e?
Panamá, koipó guaikuika?
Enerõ, kururú asýka!
Erĩ, sariguéia e!

488. Ejorí,
mbaé némbae poxy,
mborá, miaratakáka,
sebói, tamarutáka!
Saravaia — Xe poeirái, xe ropesýi!
Aujé! Teumé xe mombáka!

494. Anjo — Abápe nde?
Saravaia — Sarauáia,
ajurujúb upiaroéra.
Anjo — Aipó ño pipó nde réra?
Saravaia — Xe abé tajasuguáia.
Xe mañána manembuéra...

483. —Que está aqui deitado escondido?
Será, acaso, um morcego?
Será borboleta ou culca?
Vamos, cururu minguado!
Eia, gambá!

488. Vem,
peste fedorenta,
borá, maritacaca,
sangue-suga, tamarutaca!
—Destroçam-me, prendem-me!
Basta! Não me despertes!

494. —Quem és tu?
—Saravaia,
inimigo dos franceses.
—São só êsses os teus títulos?
—Sou também porco doméstico.
Fui um espião mofino...

—V. 484 — *Andirá* — *antirá*, denominação genérica dos morcegos, mamíferos da ordem *Chiropteros*. Cf. —V. 293.

—V. 485 — *Panamá* — *borboleta*, denominação genérica dos *Lepidopteros*. No norte do Brasil são designadas por "punainá" borboletas brancas e amarelas (fam. *Pierideos*, gen. *Catopsilia* e *Eurema*), cujas migrações se fazem em bandos de milhões de indivíduos (Cf. DAB, 562).

guaikuika — *culca*, marsupial de pequeno porte, espécie de rato do mato, da fam. *Didelphyideos*. O nome vulgar abrange representantes dos gêneros *Melachirus*, *Marmosa* e *Peromys*.

—V. 486 — *kururú* — *cururu*, designando o gênero *Bufo*.

—V. 487 — Cf. —V. 339.

—V. 490 — *mborá-borá* (*Trigona clavipes*, F.), abelha social preta, de pequeno porte. Não possui ferrão e fabrica o ninho em cavidades de pau.

miaratakáka — *maratáca*, o cangambá, mustelídeo do gênero *Conepatus*, de hábitos semelhantes aos do gambá (Cf. —V. 339).

—V. 491 — *sebói* — *sangue-suga*, verme hematófago, em geral, vulgarmente designado "bichas". A espécie mais conhecida (*Hirudo medicinalis*, L.), não pertence à fauna brasileira.

tamarutáka — *tamarutaca*, crustáceo estomatópode, fam. *Squillaideos*, mais ou menos semelhante à lagosta. Produz estalidos como os do bater de castanholas.

—V. 497 — *tajasuguáia* — *porco doméstico* (*Sus scrofa domestica*), em contraposição ao caítetu (*tajasú tirika*, *Pecari tajacu*, L.) e o queixada (*tajasú pitá*, *Tayassu pecari pecari*, Link.) Cf. —V. 501.

—V. 498 — *mañána* — *espião*. Cf. —V. 229.

499. *Anjo* — Ndeiteé nde ruumusú,
abá ánga momoxyábo.
Mbaé uúma, tajasú,
oroapý korí jandú !
Saravaia — Akái ! Teumé xe rapyábo !

- *71v 504. Tameéne pirá rúba
endébo, uijepymeénga . . .
Erejuséipe uf púba ?
Anjo — Ereipotápe itajúba ?
Nasendúbi nde ñeénga.

509. Nde remimimbuéra aÑé . . .
Umámepe nde mondá ?
Abá rókupe erekoá
tañemími anondé ?
Ereruretá, será ?

514. *Saravaia* — Aáni, mosapý ño.
Karaibókupe uitekóbo,
xe pópe ñónte arasó.
Uiporabykyábo uixóbo . . .
Nipóri beí xe ajó.

499. —Por isso és sujo
e maculas as almas dos índios.
Bôrra, porco,
eu hoje te queimarei !
—Ai ! Não me queimes !

504. Eu darei ovas de peixe
em retribuição, a ti . . .
Gostas de farinha-puba ?
Queres dinheiro ?
—Não percebo o que dizes.

509. De certo tens essas cousas escondidas . . .
Onde roubaste tu ?
Em casa de quem estiveste
antes de te esconderes ?
Trouxeste mais cousas ?

514. —Não, somente estas três.
Da casa dos cristãos,
trago apenas o que tenho nas mãos.
Estive trabalhando . . .
Não há mais nada em meus bolsos.

—V. 501 — *tajasú* — *porco*, nome genérico dos *Suidcos* (porcos). Cf. —V. 497.

—V. 506 — *uf púba* — *farinha puba*, também chamada "farinha d'água", feita de certo género de mandioca puba (o nipim), amolecida em água durante vários dias. Esta farinha distingua-se da chamada *tina* ou *mizakurúba*, que se espremia com as mãos ; a puba era amassada no tipiti e peneirada (VLR, 231).

—V. 507 — Cf. —V. 415.

—V. 517 — Raramente o índio se sujeitou ao trabalho que os brancos lhe quizeram impor.

—V. 518 — *ajó* — *bolsos*, pode referir-se a bolsa ou saio, em que Saravaia guardasse os objetos citados.

519. Yrumbuéra akoéime be.
Kauī repyráma ri,
aimeéng abá supé,
kauíáia uséia e.
Opakatú amboapý.
524. *Anjo* — Jorí, terejá sekó.
Tasepý nde mondaguéra.
Saravaia — Aanuméne, asabeipó . . .
(Okaubé xe rayxó
guaibī, marā serā serā . . .)
- *72 529. Xe rybýt, nde ñyrō xébo,
xe rasý, xe maraá.
Kobé xe rembiaretá,
tameéne amó endébo
iakánga terejoká.
534. Ejerók moxý resé
tandererapoangatú.
Anjo — Mbípe erebasē xupé?
Saravaia — Aiké ñaimbyára pupé.
Angaipába aipokosú.
-
519. Aquêles companheiros ali têm mais.
Para comprar cauim,
dei aos índios,
que queriam beber vinho.
Tudo eu acabei.
529. Perdoa-me, meu irmão,
tenho dores, estou doente.
Destas minhas prêsas,
darei algumas a ti
para que lhes quebres as cabeças.
524. -Vem, entrega o que é dêles.
Restituirei o que tiveres roubado.
-Não faças isso, eu estou bêbado . . .
(Bebe mais a minha sogra
velha, rabujenta . . .)
534. Toma o nome dêsses malvados
para te tornares famoso.
-Onde os encontraste?
-Entrei pelo sertão.
Apanhei de surpresa os maus.

-V. 522 — *kauíáia* — *rinho de urap*, diferente do *kauí* indígena (cf. V. 43).

-V. 527 — Cf. -V. 83.

-V. 533 — Quebrar a cabeça do inimigo constituía honra de guerra para o vencedor e para o vencido, permitindo àquele tomar novo nome e evitando, para éste, ser sepultado e condenado à humilhação de suportar o peso da terra (CI, 45). O ato revestia-se de solenidade e exigia armas especiais (NB, 276 e segs.). Cf. VV. 744-745. Cf. D 13, V. 43 e -V. 522, e E 1 a, V. 249.

539. *Anjo* — Abá raýrape uí? !
Saravaia — Se. Abá raýra, ipó...

yáýángu fúu —> *yíjja pucu can*
 amó iakánga suí,
 oporakypué mondó...

544. *Kotýpe murú amoiagé,*
kuñã jusái sekoápe.
Xe mañaneymeté,
nakerangái sekasápe,
xe rembiáramo memé.

Amarra-o o Anjo e diz :

549. Nde poxy potaraúb.
 Teresó rō nde ratápe,
 aujérana terejúb
 morausúba moñangápe.
 Irō, oropokosúb !

- *72v 554. *Saravaia* — Aimbiré !
Aimbiré — Oi !
Saravaia — Xe pysyrō jepé !
Aimbiré — Xe pysýkko makaxéra !
 Xe abé ! Ijibombiruéra
Bastião xe moaujé.
 Nitibi xe abaeté puéra...

539. Filhos de índios eim?
 Não sei. Filhos de índios, talvez.
 Presos por longas cordas,
 alguns pela cabeça,
 fui-os enfileirando...

549. Desejaste, em vão, maldades.
 Irás para o teu fogo
 e ficarás eternamente
 a tramar misérias.
 Pronto, eu te prendi !

544. Provoquei revoltas nas casas,
 licei mulheres nos lares.
 Espreitando de mansinho,
 não dormi à sua procura,
 para serem prêsas eternas minhas.

554. -Aimbiré !
 -Oi !
 -Ajuda-me !
 Êste diabo me prendeu !
 -Eu também. O flechado
 Sebastião derrotou-me.
 Acabou-se a minha arrogância
 antiga...

-V. 556 — *macaxéra* — macaxeira, gênio da mitologia americana. Seu nome foi aplicado ao demônio, equivalendo a *anãnga*. É curioso o emprêgo da acepção vulgar "malvado", "espertalhão", etc. Cf. V. 716.

-V. 558 — *Bastião* — Cf. - V. 183.

560. *Saravaia* — Akaiguá !
 Ereképe, Guaixará ?
Nde rejúri → Nde rejúri xerepýka ?
Guaixará — Teté marā ejábo mā !
 Rorē kaē xe po poá,
 xe rapyábo, xe apypýka.
566. *Anjo* — Jiá, mosapyribé,
 pekái ojepeguasúne.
 Iangaturā, koyré,
 Paí Tupā rausúpa ñe.
 Xe remiarō jandúne.

Faz uma prática aos ouvintes :

571. Perorý,
 xe rayretá, xe ri.
 Ko aikó pepysyrómo.
 Ajúr ybáka suí
 peroxybyā rupi,
 jepí ñe peptybómo.
- *73 577. Ko tába renýreme,
 pe pýri ñe xe rekóu.
 Ndarojái mamó xe sóu.
 Tába raroánamo ñe
 Jandé Jára xe moingóu.

560. —Pobre de mim !
 Estás dormindo, Guaixará ?
 Tu não me vens vingar ?
 —Que absurdo estás dizendo !
 Lourenço queimado amarrou-me,
 para me queimar, confundir-me ...

566. —Bem, os três juntos,
 ardereis eternamente.
 Somos, enfim, todos felizes,
 graças ao Senhor Deus.
 Estarei sempre de guarda.

571. Alegrai-vos,
 filhos meus, por mim.
 Aqui estou para vos proteger.
 Vim do céu
 para junto de vós,
 a ajudar-vos sempre.

577. Iluminando esta aldeia,
 junto de vós estou.
 Não me afastarei daqui.
 De custodiar a aldeia
 encarregou-me Nosso Senhor.

582.

Pejabiô paí Tupã
karaibebé moingóu.
Aé pemopyatã,
aé ko pe sumará
pe ánga suí imondóu.

587.

da mesma forma veja versos 399 e 322
também → Ojojá,
ko Jandé Jára bojá.
São Lourenço angaturáma
osarô ñe pe retáma,
añánga reytýka pa,
peê te, pe mopuáma.

593.

no 11/3
São Sebastião abé,
marána rerekoaroéra,
tamúia kyreymbaguéra,
omombáb erimbaé.
Nitibangái setambuéra.

598.

Opá — Paranapukú,
Jakutínga, Morof,
Sariguéia, Guiryry,
Pindóba, Pariguasú,
Kurusá, Miapeý,

1 vela também

versos 412 7

Miapeig

582. De cada um de vós o Senhor Deus
um anjo encarregou.
Ele vos encoraja,
êstes vossos inimigos
expulsa de vossas almas.

593. Também São Sebastião,
que era soldado
e os valentes tamoios
destruiu outrora.
Já nem existe sua terra.

587. Da mesma forma,
êstes servos de Nosso Senhor.
São Lourenço virtuoso
protege a vossa terra,
esmagando todos os demônios,
mas a vós, vos elevando.

598. Tôdas — Paranapucu,
Jacutinga, Morof,
Sariguéia, Guiriri,
Pindoba, Pariguaçu,
Curuçá, Miapeli,

-V. 589 — Cf. I, XLIII, (6).

-V. 598 — *Paranapukú* — *Paranapucu*. Dois estabelecimentos franceses se haviam formado, um no continente, não longe da atual Praia do Flamengo, fundado por Pois le Comte e entregue à direção de Uruçumirim, chefe tamoio (Cf. -V. 150); outro na atual Ilha do Governador, sob a direção de Paranapucu. Esta aldeia foi atacada e destruída, em 1507, por Mem de Sá. Paranapucu, como Aimbirê, dirigira-se a Iperoig no intuito de matar Nóbrega e Anchieta, hospedados em casa de seu pai Pindobucu. O termo vem registado "Paranapeçu", "Paranapeçu", "Paranapucui", "Paranapucui".

-V. 599 — *Jakutínga* — *Jacutinga*, nome de várias localidades do Rio de Janeiro, e Espírito Santo.

Moroy — *Morof*, antiga aldeia indígena, hoje subúrbio do Niterói, onde se encontra o cemitério do Marul.

-V. 600 — *Sariguéia* — *Sariguetia*, aldeia do continente, na Baía de Guanabara (Léry, VTB, 94/95).

Guiryry — *Guiriri*. Tratar-se-á das duas pontas existentes a leste e oeste da Ilha do Cabo Frio, indicadas, respectivamente, por "Guiriri de baixo" e "Guiriri de cima"?

-V. 601 — *Pindóba* — *Pindoba*. Pode indicar várias localidades e ilhas. O argumento do auto e a distribuição dos demais topônimos (cf. fig. 10), fazem pensar no "Monte das Palmeiras", situado num dos extremos

Jabebirasýk tapéra —
akoéyme niporetái.
Iaujé muamaroéra,
ojoibíri seombuéra
paraná ybý ri ikoái.

Sausupára ajurujúba
mokába oguerú, teñé.
Jabaeté murú supé,
São Sebastião ruúba
São Lourenço pýri be.

Memé, tenipó, pe ánga
amotá, iporausubóka,
koára pukúi ipokóka,
imoaisóbo, imomoránga,
tekopuéra rekoabóka.

Méne añánga popoári,
pe ri sembiapotasápe.
Pe atóia noipotári.
Pe ánga rausukatuápe,
ombojáramo pe rári.

603. a tapera de Jabebiracica —
desde então não mais existem.
Derrotados os seus defensores,
lado a lado os seus cadáveres
jazem no fundo do rio.

608. Os seus amigos franceses
trouxeram, inútilmente, fusis.
Foram para eles terríveis
as flechas de São Sebastião
ao lado de São Lourenço.

613. Para sempre, na verdade, vossas almas
êles amarão, compadecendo-se delas,
amparando-as eternamente,
aperfeiçoando-as, santificando-as,
seus velhos hábitos extirpando.

618. Amarrarão os diabos,
quando êstes vos quiserem para prêsas
Não permitirão que vos toquem.
Amando muito a vossas almas,
tomar-vos-ão como familiares.

da Ilha de Villegaignon, constituindo a verdadeira cidade francesa, que foi vencida por Mem de Sá. Esse outeiro, como o da extremidade oposta, foi demolido por ordem régia de 22-9-1761.

-V. 602 — *Kuruká* — *Curucá*, adaptação tupi do português "Cruz". Tratar-se-á da Ilha de Itacuruçá, onde havia uma aldeia tamoia, que Mem de Sá destruiu em 1566? Léry cita *Koruké* (*Corouque*) na Ilha do Governador (VTB, 94/95).

Miapey — *Miapé*, literalmente "Rio Miapé", seria o atual Meapê, no município de Guarapari, no Espírito Santo?

-V. 603 — *Jabebyrasyk* — *Jabebiracica*, aldeia à margem do riacho do mesmo nome, situado nas proximidades do Pão de Açúcar (NB, I, 190). Deve ter sido junto dele que se estabeleceram os índios de Arari-bóia (HCJB, I, 423). Talvez seja a aldeia indicada como "Joey-yrasik", "Joeyrasik", "Jaborasi" "Iburasi" (VTB, 225 e 267).

tapéra — *tapera*, isto é aldeia extinta. Como topônimo, poderia designar várias localidades no Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Um mapa do litoral fluminense do séc. XVI (DSB, 40/41), regista com esse nome uma pequena ilha. Cf. E 2 b, V. 340.

-V. 608 — *Ajurujúba* — apelido dado aos franceses, cujas relações com os tamoios foram sempre muito cordiais, e a quem forneciam munição e armas, que os índios em breve aprenderam a manejar com perícia. Cf. -V. 175.

-V. 612 — A lenda não fala em São Lourenço. Cf. -VV. 35 e 172.

623. Peteumé,
 pepoxýramo angiré,
 tokãñē perekó puéra
 — kaú, aguasá nembuéra,
 temoéma, marã e,
 joapyxába, maranduéra.

*74 629. Pesausú pe moñangára,
 peimoeté paí *Iesu*,
 sekó angaturangatú
 pe retáma rerekoára,
São Lourenço, añé oipurú.

634. Iaseár apiabaíba
 sekobé abé rapyábo.
 Sosáng, tatá porarábo,
 omanō riré, torýba
 rerekóbo, oputuguábo.

639. Pejeausubuká ixupé,
 sausúpa, sekó potá,
 ipýri be perobiá,
 pererekoára abé
 iñeénga mopopá.

644. Pejorí
 pebáka Tupã kotý.
 Pe pyá pupé serúpa,
 tapesó pejekosúpa
 ipotaripýra ri,
 ijypýpe ñe pejúpa.

623. Evitai,
 de hoje em diante, serdes maus,
 para extinguirdes vossos velhos hábitos
 — a bebida, o fétido adultério,
 mentiras, brigas,
 ferimentos mútuos, guerras.

629. Amai o vosso criador,
 engrandeccei o Senhor Jesus,
 cuja lei virtuosíssima
 o padroeiro de vossa terra,
São Lourenço, observou.

634. Homens maus o aprisionaram
 e queimaram vivo.

Sofreu, suportando o fogo,
 para ter, depois de morto,
 alegria e paz.

639. Fazei-vos estimar por êle,
 amando-o, acatando sua lei,
 confiando mais nêle,
 e de vosso padroeiro
 executando as palavras.

644. Vinde
 para o lado de Deus, no céu.
 Trazendo-o em vosso coração,
 ireis gozar
 junto dos que lhe são queridos,
 pousando-lhe aos pés.

*Fala com os santos, convidando-os
a cantar, e com isto se despedem :*

650. Tiañeénga miri, rañé,
*74v ára momorangatuábo.
 Añánga pysýki re.
 Tasasý murú supé !
 Tasasê ojepeguábo !

*Levam presos os diabos, os quais na
última repetição da cantiga choram.*

CANTIGA ⁽⁵⁾

655. Tasorý jandé raýra
 Tupã opysyronsápe !
 Guaixará tosó tatápe !..
 Guaixará tosó tatápe !..
 Guaixará, Aimbiré, Sarauái
 tosó tatápe ...

Volta

661. Tasorýb, oikokatuábo,
 tekó poxý puéra týma,
 Tupã mokañemeýma,
 añánga rausupeábo.
 Tasorýb, oputuguábo,

650. Cantemos, agora, um pouco,
celebrando este dia.
Os demônios foram prêsos.
Celebremos a façanha !
Clamemos à sua saída !

655. -Alegrem-se os nossos filhos
por Deus os ter libertado !
Guaixará vá para o inferno !.
Guaixará vá para o inferno !..
Guaixará, Aimbiré, Saravaia
vão para o inferno ...

661. Alegrem-se, vivendo bem,
enterrando os velhos maus hábitos,
não afugentando a Deus,
e repudiando ao diabo.
Alegrem-se, em paz,

(5) — No ms. indica-se "*Cantiga pelo tom del Quen tiene rida enel cielo*", que seria, provavelmente, algum hino religioso popular, sobre o qual não possuímos dados. Cf. P., XLIII, 654-655.

666.

Tupã opysyronsápe !
Guaixará tosó tatápe !..
Guaixará tosó tatápe !..
Guaixará, Aimbiré, Sarauái
tosó tatápe ...

3.º A T O

*75

*Depois de São Lourenço morto
nas grêlhas, o Anjo fica em sua
guarda e chama os dois diabos,
Aimbiré e Saravaia, que venham
afogar a Décio e Valeriano, que
ficaram sentados em seus tronos.*

671. Anjo — Aimbiré,
ejorí xe robaké !
Nde apoã, eñã, ejú !..
Aimbiré — Irõ be, irõ jandú !
(Xe pysýk potári be
serã ko guirá-guasú ...)

677. Anjo — Nde rembiárama e,
oikobé morubixába
São Lourenço jukaré.
Tokái nde ratá pupé,
tasepý murú angaipába.

682. Aimbiré — Je, aipó xe moytarõ
xe rembiá sesé koríne.
Arasó murú seséne,
taipurú xe ñemoyrõ,
aujérama ñe asapýne.

666. por Deus os ter libertado !
Guaixará vá para o inferno !..
Guaixará vá para o inferno !..
Guaixará, Aimbiré, Saravaia
vão para o inferno ...

671. -Aimbiré,
vem à minha presença !
Apressa-te, corre, vem !
-Pronto, pronto !
(Talvez queira me agarrar de novo
este pássaro grande ...)

677. -Para prêsas tuas,
aqui estão os imperadores
que mataram São Lourenço.
Queimem-se eles em teu fogo,
em castigo de seu crime !

682. -Sim, contentar-me-ei com estes
para prêsas hoje.
Eu os levarei à fôrça,
satisfarei o meu ódio,
queimá-los-ei eternamente.

687. *Anjo* — Neĩ, taujé iajubýka !
Tosepiáki be umé
koarasý ! Neĩ, taujé
nde ratá pupé seytýka !
Peñeĩháng pabê sesé !
- *75v 692. *Aimbirê* — Neĩ ! Tasó
aipó ñeénga mopó,
xe bojá reiñāngetábo.
Sarauái, jorí ekaguábo,
aeré korí jasó
tubixába akánga kábo.
698. *Saravaia* — Ikauĩ guasú pipo,
xe ramúia Jaguarúna ?
Enei ! Tasobeý po !
Erĩ ! Aujeté, pakó,
ajeguák uiñemoúna . . .
703. Sekó aujepé guaitaká,
koipó guaianá rayra ?
To ! Temiminó, serã . . .
Aujebeté taupá
Jakaré-guasú pepýra !
-
687. -Eia, depressa a afogá-los !
Que não vejam mais
o sol ! Eia, depressa
a atirá-los ao teu fogo !
Reuni-vos todos contra eles !
692. -Pronto ! Irei
executar estas ordens,
reunindo os meus escravos.
Saravaia, vem beber,
pois vamos hoje
quebrar as cabeças dos chefões.
698. -Há muito cauim,
meu avô Jaguaruna ?
Eh ! Vou me embriagar !
Irra ! Na verdade,
eu me pinteí de negro . . .
703. Será aquêle um guaitacá,
ou filho de guaianá ?
Ó ! Um temiminó, talvez . . .
Decerto vou devorar
o banquete do Jacaré-guaçu !

-V. 699 — *Jaguarúna* — *Jaguaruna*, literalmente "Onça-preta", poderia ser traduzido como "Cão Preto", cf. *ja-guára* (-V. 291) e *Jaguarusú* (-V. 746). Tratando-se de nome próprio, cf. -V. 77. O tratamento *xe ramúia* (meu avô) era habitual para pessoas velhas.

-V. 703 — *guaitaká* — *guaitacá*, tribo de índios ferozes, cujos ataques prejudicaram a colonização do Espírito Santo. Habitavam a região compreendida entre o Cricaré e o Cabo de São Tomé.

-V. 704 — *guaianá* — *guaianá*, nome dado a certos índios estabelecidos de Angra dos Reis a Cananéia. Mantinham constantes lutas com os tamoios, ao norte, e os carijós, ao sul (NB, 218).

-V. 705 — Cf. -V. 157.

-V. 707 — *Jakaré-guaçu* — *Jakaré-guaçu*, literalmente "jacaré-grande", designa o *Caiman niger* (Spix), da Amazônia. Como nome próprio, deve referir-se a certo chefe tupinumbá, filho de Cunhambebe e aliado dos franceses. Cf. -VV. 77 e 714.

Vê o Anjo e espanta-se dizendo :

708. To ! Añé, mbaépe ke
kanindé obý jasoára ?
Ndojabýi murú arára . . .
*76 Aimbirê — Karaibebé aé,
morojubýka poaitára.
713. Saravaia — Akó, xe jubykaroéra,
Tataurána, Tamandoá !
Xe jubýk be ñe potá !
Ndarobiári Makaxéra . . .
Asópe uiñemíma, ka !
718. Aimbirê — Ejorí !
Saravaia — Xe suúmo mariguí.
Oñarõ moxý, xe úne !
Asykyjé, aryrýi ! — *aciquí*
Esapiá, te, xe miri !
Xe mokõ korí jandúne.

708. Ó ! Quê será aquilo
semelhante a um canindé azul ?
Parece arara . . .
— É o Anjo,
que dá ordens de afogar.

713. — Aqui, meus capangas,
Tataurana, Tamandua !
Ele quer me afogar também !
Não confio nesses diabos . . .
Vou tratar de me esconder !

718. — Vem !
— Os mariguis mordem-me.
Encarniçam-se comer-me-ão !
Tenho medo, estou tremendo !
Vê, sou pequenino !
Eles tragar-me-ão.

—V. 709 — *kanindé* — *canindé* (*Ara aranauna*, L.), arara de colorido azul na parte superior. Cf. —VV. 710 e 747.

—V. 710 — *arára* — *arara*, de que há várias espécies brasileiras. Parece tratar-se da *Anodorhynchus hyacinthinus* (Lathan), que se distingue por sua plumagem inteiramente azul. Os índios aproveitavam a carne dos canindés e araras, e faziam de suas penas cabo para as ingapemas. Cf. —VV. 709 e 747.

—V. 713 — *jubykaroéra* — *capangas*, indicando pessoa que presta serviços cruéis (enforcar, açoitar, etc.) para receber algum prêmio (VLB, 97, "algozes").

—V. 714 — *Tataurána* — *Tataurana*, lagarta, cujo corpo é revestido de pelos muito finos e agudos, que injetam um veneno corrosivo. É conhecida por "lagarta de fogo" e "suçuarana". Tratando-se de nome próprio, poderia recordar, por exemplo, o cacique carijó que, em 1567, se apresentou ao P. Domingos Garcia, em Laguna. Reclamava contra as injustiças e insultos dos portugueses, que haviam aprisionando Caiubi, seu irmão (HSC, 73), Cf. —VV. 77 e 707. cf. —V. 290.

Tamandoá — Denominação genérica de várias espécies da Fam. *Mirmecophagideos*. Existem, no Brasil, três espécies, duas das quais — *Tamandua mirim* e *Tamandua* — encontram-se no Norte e na Amazonia e a outra — *Tamandua-bandeira* —, conhecida por sua grande cauda, coberta de pelos longos, deve ser a referida no texto.

724. *Aimbirê* — Ndoporomeéngi abá
 oáýra, kuakúpa,
Saravaia — aémo ojubýk uká.
 Añeté, umé serobiá.
 Semoë ojobaúpa !
729. *Aimbirê* — Epytá ! Kaguápe ño,
 nde ratangatú potá ?
Saravaia — Manemusú, ambuá !
 Akaiguá ! Neï, tasó
 nde yrúmo, taxerembiá . . .

- *76v 734. Abápe jáú raéne ?
Aimbirê — São Lourenço rupiaroéra.
Saravaia — Akó tubixá nembuéra ?
 Ajerók korí, seséne.
 Tasetakatú xe réra !

739. Jiamurú ! Ipyapuéra
 xe potábamo toikó.
Aimbirê — Xe korí ipyá soó.
Saravaia — Tou jandé rokipyroéra.
 Sesé pabê tiaixoó.

724. —Os índios é que não entregam
 os seus filhos, escondendo-os,
 se os mandam afogar.
 —Têm razão, se não confiam.
 Eles logram-se mutuamente.

729. —Pára ! Só porque bebeste,
 queres ser tão valente ?
 Moleirão, ambuá !
 —Pobre de mim ! Seja, irrei
 contigo, para que me prendam . . .

734. Quem vamos nós comer ?
 —Os que foram inimigos de São
 [Lourenço].
 —Aquêles repugnantes chefes ?
 Hoje, com isso, mudarei de nome.
 Serão muitos os meus apelidos !

739. Muito bem ! suas entranhas
 serão o meu quinhão.
 —Vou morder o seu coração.
 —Comerão também os que ficaram em
 [nossas casas].
 Convidaremos todos eles.

Chama quatro companheiros, que ajudem :

744.

Tataurána,
erú ke nde mosurána ! *mosurân*
Urubú, Jaguarusú,
ingapéma be Perú !
Kaburé, jorí eñána
lobajára tiaú !

*77

Acodem todos quatro, com suas armas, e dizem :

750. Tataurana —

Ko xe musuranusú. *musuranusu*
Taú korí iyybapuéra,
Jaguarusú juguéra,
iakanguéra Urubú,
Kaburé setymambuéra.

755. Urubu —

Ko aikó,
syguepuéra tarasó
iñyambébúia abé,
xe raixó guaibí supé.
Oubé señaempepó,
tomoji xe renondé.

744. Tataurana,
traze a tua muçurana !
Urubu, Jaguaruçu,
trazei também a ingapema !
Caboré, vem correndo
comer os inimigos !

750. —Aqui está a minha muçurana grossa.
Eu lhe comerei os braços,
Jaguaruçu o pescoço,
Urubu sua caveira,
Caboré as suas pernas.

755. —Aqui estou,
vou levar as suas tripas e bofes
para minha velha sogra.
Veio também a panela,
cozerão à minha vista.

—V. 744 — Cf. —V. 714.

—V. 745 — *musurána* — *muçurana*, corda grossa, de algodão, cuidadosamente tecida e reservada para os sacrifícios de guerra.

—V. 746 — *Urubú* — *Urubu* (*Coragyps atratus foetens*, Lichtenstein), ave de rapina, imprópriamente confundida com o corvo europeu (*Corvus corax*), com o qual se parece pela plumagem negra, mas de que se distingue por outros hábitos. Alimenta-se de carniça. Como nome próprio, deve referir-se a certo chefe tupinambá (JO).

Jaguarusú — *Jaguaruçu*, literalmente "Onça" ou "Cão-grande" (*Jaguár-usú*). Algumas tribos desconheciam o cão e a expressão designava outros dois animais não bem definidos (TTGB, 38.39). Cf. —V. 291.

—V. 747 — *ingapéma* — *ingapema*, clava de guerra feita de madeira rija, vermelha ou preta, de cabo longo, a extremidade oposta achatada. Quando se destinava a quebrar a cabeça de prisioneiros de guerra, pintava-se ou tecia-se de várias cores, adornando-se com penas de arara e canindé. Constitua, então, objeto sagrado. Cf. —V. 533.

—V. 748 — *Kaburé* — *Caboré*. Por *caboré* indica-se uma coruja pequena (Gên. *Glaucidium*), mas na Amazônia é conhecido por esse nome um gavião pequeno — o Tentenzinho (*Falco albicularis*).

—V. 752 — Cf. —V. 746.

—V. 753 — Cf. —V. 746.

—V. 754 — Cf. —V. 748.

761. *Jaguarucu* — Kobé ingapê koatiára,
tajakáng mombúk murú.
Iaputuúma taú.
Xe aguaraguasú, jaguára.
Xe jaguareté iporú!

766. *Caborê* — Kueisé ko aporapití,
ajurujúba jukábo,
uiñemoerapoangatuábo.
Tasó nde pýri, korí,
aipó tubixába guábo.

*77v 771. *Saravaia* — Napeandúbi... Pejaybýk.
T... r-enoncié — Tasóáne pe renondé
pemañánamo, rañé.
Jasepeñã, jaipysýk,
iapysýk eimebé...

*Vão todos, agachados, para Décio,
que está praticando com Valeriano.*

776. *Décio* — Amigo Valeriano,
es cumplido mi deseo,
pues por arte ni rodeo
pudo escapar de mi mano
el siervo del Galileo.

781. Ni Pompeyo, ni Catón,
ni César, ni el Africano,
ningún griego ni troyano
pudieron dar conclusión
a hecho tan soberano.

761. Aqui está também a ingapema listrada,
para quebrar-lhes as cabeças.
Comerei os seus miolos.
Sou o guará, a onça.
Sou jaguaretê antropófago!

766. —Andei por aqui derrotando,
matando franceses,
para tornar-me famoso.
Irei a teu lado, agora,
devorar êstes chefes.

771. Não vos notaram... Agachai-vos.
Irei à vossa frente
antes, como vosso espia.
Ataquemo-los, prendamo-los,
antes que nos escapem...

—V. 764 — *aguaraguasú* — *guará* (*Canis jubatus*), a maior das espécies brasileiras da fam. *Caninos*, imprópriamente denominada "lôbo" (VLB, 278).

—V. 765 — *jaguaretê* — literalmente "onça-verdadeira", designa a onça-pintada.

—V. 780 — Refere-se a São Lourenço.

- *78 786. *Valeriano* El remate, gran señor,
de esta tan grande hazaña,
fué más que vencer España.
Nunca rey, ni emperador
hizo cosa tan extraña.
791. Mas, señor, ¿quién es aquel
que allí veo tan armado
con espadas y cordel,
y con gente de tropel,
de que viene acompañado?
796. *Décio* — Es nuestro gran Dios y amigo
Júpiter, sumo Señor,
que recibió gran sabor
con el horrendo castigo
y muerte de este traidor.
801. Y quiere, por regocijar
las penas de este profano,
nuestro imperio acrecentar,
con su poderosa mano,
por la tierra y por la mar.
- *78v 806. *Valeriano* — Más me temo yo que viene
a sus tormentos vengar,
y a nosotros ahorcar...
¡Oh! ¡Qué mala cara tiene!
Ya yo comienzo a temblar...
811. *Décio* -- ¿Ahorcar?
¿Quién me puede a mi matar,
o mover mis fundamentos?
Ni la furia de los vientos,
ni braveza de la mar,
ni todos los elementos.
817. No temas, que mi poder,
que los dioses inmortales
me quisieron conceder,
nunca se podrá vencer,
pues no hay fuerzas iguales.

-V. 806 — *Más* (adv.), ou *mas* (conj.)?

822. De mi cetro imperial
tiemblan reyes y tiranos.
Venzo todos los humanos,
casi puedo ser igual
a los dioses soberanos.
827. *Valeriano* — ¡ Oh ! ¡ Qué terrible figura !
¡ No puedo más aguardar,
que me siento ya quemar !
Vámonos, que es gran locura
tal encuentro aquí esperar.
- *79 832. — ¡ Ay, ay ! ¡ Qué grandes calores !
No tengo ningún sosiego.
Décio — ¡ Ay ! ¡ Qué terribles dolores !
¡ Ay ! ¡ Qué hirvientes ardores,
que me abrasan como fuego !
837. ¡ Oh pasión !
¡ Ay de mí ! que es el Plutón
que viene del Aqueronte,
ardiendo como tizón,
a llevarnos, de rondón,
al fuego del Flegetonte.
843. ¡ Oh cuitado,
que me quemo ! ¡ Aquel quemado
me quema, con gran furor !
¡ Oh mohino emperador !
Todo me veo cercado
de penas y de pavor,
849. que el diablo,
armado con su venablo,
y las furias infernales,
viene a castigar mis males.
Ya no sé lo que me hablo,
con angustias tan mortales . . .
- *79v 855. *Valeriano* — ¡ Oh Decio, cruel tirano !
Ya pagas, y pagará
contigo Valeriano,
porque Lorenzo cristiano
asado nos asará.

860. *Aimbirê* — To, kasiána pikó?
 Kasiána ñe serã...
 Xe rorýb. Aujé nipó!
 Kasiánamo, taikó!
 Aeré tasepeñã!

865. Quiero hacerme castellano
 y usar de policía
 con Decio y Valeriano,
 porque el español ufano
 siempre guarda cortesía.

870. ¡ Oh muy alta majestad!
 Beso las manos, mil veces,
 de vuestra gran crueldad,
 pues justicia ni verdad
 guardasteis, siendo jueces.

875. Soy mandado
 por San Lorenzo quemado,
 a llevaros a mi casa,
 donde sea confirmado
 vuestro imperial estado
 en fuego, que siempre abrasa.

*80

881. ¡ Oh qué tronos, y qué camas
 os tengo ya aparejadas
 en mis oscuras moradas,
 de vivas y eternas llamas,
 sin nunca ser apagadas!

860. —Ó! castelhanos?
 Castelhanos, parece...
 Alegro-me. Muito bem!
 Que sejam espanhois!
 Daqui a pouco os atacarei!

-V. 860 — *kasiána* — *castelhano*, adaptação tupi, com dissolução do grupo *-st-* e supressão de *-h-*.
 -V. 861 — Cf. -V. 860.
 -V. 863 — *kasiánamo* — *kasiána* (cf. -V. 860) + *ramo*, partícula adverbial.

886. *Valeriano* — Xe, akái ! . .
Aimbirê — ¿Vinisteis del Paraguay,
que habláis en carijó?
Todas las lenguas sé yo.
Esepeñã, Sarauái !
Ko nde momboitába, ko !
892. *Valeriano* — Aujé, xe juká jepé !
Nasetái xe angaipába . . .
Saravaia — Ejá, te, xe rubixába !
Aã ! Xe potába nde !
Nde, xe rembiapotasába !
897. *Décio* — ¡ Oh miserable de mí,
que ni basta ser tirano,
ni hablar em castellano !
¿Qué es del mando en que me vi ?
¿Qué es del poder de mi mano ?
- *80v 902. *Aimbirê* — Iesú, gran Dios soberano,
que tú, traidor, perseguiste,
te dará suerte muy triste,
entregándote en mi mano,
a quien, malvado, serviste.
907. Pues me honraste,
y siempre me contentaste
ofendiendo a Dios eterno,
es justo que en el infierno,
palacio que tanto amaste,
no sientas mal el invierno . . .
913. Porque el odio inveterado
de tu duro corazón,
no puede ser ablandado,
si no fuere martillado
con agua del Flegetón.

886. —Ai de mim ! . .

890. —Avança, Saravaia !
Aqui os teus golpes, aqui !

892. —Basta, tu me matas !
Não tenho muitos pecados . . .
Prende, antes, o meu chefe !
—Não ! És tu o meu quinhão !
Tu, a minha prêsa cubigada !

—V. 888 — *carijó* — *carijó*, a lingua falada pelas tribos do mesmo nome. Cf. —V. 150.

918. *Décio* — ¡ Mirad ! ¡ Qué consolación
para quien se está quemando !
Sumos dioses, ¿para cuándo
dilatais mi salvación,
que vivo me estoy quemando ?

*81 923. ¡ Ay, ay, qué mortal desmayo !
Esculapio, ¿ no acudis ?
Júpiter, ¿ por qué dormis ?
¿Qué es de vuestro ardiente rayo ?
¿Qué hacéis, que no venís ?

928. *Aimbirê* — ¿Qué decis ?
¿Tenéis mal de prioris ?
Háloos el pulso alterado.
¡ Es gran dolor de costado
este mal, de que morís !
¡ Habéis de ser bien sangrado !

934. Dias ha que esta sangria
se guardaba para vos,
que sangrabais noche y día,
con obstinada porfía,
a los mártires de Dios.

939. Mucho deseo beber
vuestra sangre imperial.
No me lo tengáis a mal,
que con esto quiero ser
hombre de sangre real.

944. *Décio* — ¡ Acatad ! ¡ Qué disparate
y donoso desvario !
Échenme dentro de un río,
antes que el fuego me mate,
¡ oh dioses, en que confío !

-V. 929 — *prioris* — forma arcaica de "pleuriz". As moléstias do aparelho respiratório afetavam com frequência os índios, habituados à vida da floresta. Dêso e de outros males, que conheceram ao convívio dos brancos, algumas tribos conservaram dolorosa lembrança (Cf. TT, 12-13). Cf. -V. 934.

-V. 934 — *sangrias* — já adotadas pelos pajés, as sangrias foram aplicadas pelos jesuítas, em casos de pleurisia (CI, 179) disenteria sangüínea e bexigas (CI, 186, 230), à revelia, às vezes, dos índios, que a elas atribuíam muitas mortes. Cf. AM.

- *81v 949. ¿No queréis
socorrerme, o no podéis?
¡ Oh malditos fementidos,
malos y desconocidos,
que tan poco os condoléis
de quien fuisteis tan servidos !
955. Si pudiese dar un vuelo,
yo os iría a derrocar
de los tronos de ese cielo,
y sermeía gran consuelo,
en los fuegos os lanzar.
960. *Aimbirê* — Paréceme que es llegada
la hora del frenesis,
con calentura doblada,
la cual será mal curada
de los dioses, que servis.
965. Son fieros
de los bravos caballeros
que tienen lengua y no mano,
y por eso, tan ufano,
hoy quisisteis acogeros
al romance castellano.
- *82 971. *Saravaia* — Eso es.
Pensaba dar, de revés,
espantables cuchillazos,
mas en fin, nuestros balazos
dieron con él al través,
con muy pocos cañonazos.
977. Mas, ¡ qué de bofetonazos
les tengo luego de dar !
Los tristes, sin descansar,
a poder de tizonazos,
como perros han de aullar.

—V. 958 — *sermeia* — construção portuguesa.

982. *Valeriano* — ¡ Oh qué herida !
¡ Arráncame ya esta vida,
pues mi alta condición,
contra justicia y razón,
vino a ser tan abatida,
que muero como ladrón !
988. *Saravaia* — No es otro el galardón
que yo doy a mis criados,
sino morir ahorcados,
y despues, sin remisión,
al fuego ser condenados.
- *82v 993. *Décio* — Ésa es pena doblada,
que me causa más dolor :
que yo, universal señor,
muera muerte deshonrada
de horca, como traidor.
998. Ya si fuera peleando,
dando tajos y reveses,
piernas y brazos cortando,
como hice a los franceses,
acabara triunfando.
1003. *Aimbirê* — Parece que estais pensando,
poderoso emperador,
cuando, con bravo furor,
matasteis, traición armando,
Felipe, vuestro señor.
1008. Por cierto que me alegráis,
y se cumplen mis deseos,
con los desgarros que echáis,
porque el fuego, en que os quemáis,
causa tales devaneos.
1013. *Décio* — Bien entiendo
que este fuego, en que me enciendo,
merece mi tiranía,
pues con tal cruel porfia
los cristianos persiguiendo,
con fuego los destruía.
- *83

1019. Mas que yo, en mi monarquía,
acabe con tal pregón,
muriendo como ladrón,
¡ es muy terrible agonía
y doblada confusión !
1024. *Aimbirê* — ¿ Cómo ? ¿ Pedís confesión ?
Pretendéis volar sin alas.
Sí, que vuestras obras malas
merecen haber perdón.
Pedidlo a la diosa Palas . . .
1029. O a Nero,
aquel cruel carnicero
del fiel pueblo cristiano.
Aquí está Valeriano,
vuestro leal compañero.
¡ Recibidlo de su mano !
1035. *Décio* — Esos amargosos chistes
y baldones,
acrecientan mis pasiones
y dolores,
con tan crueles ardores,
como de ardientes tizones.
- *83v 1041. Y con esto crecen más
estos fuegos, que padezco.
Acaba, que ya me ofrezco
en tus manos, Satanás,
y al tormento, que merezco . . .
1046. *Aimbirê* — ¡ Oh, cuánto que os agradezco
esa buena voluntad !
Yo, con liberalidad,
quiero daros gran fresco
para vuestra enfermedad,
1051. en la cueva,
donde el fuego se renueva
con ardores perennales,
donde todos vuestros males
harán sempiterna prueba
de dolores inmortales.

1057. *Décio* — ¿ Qué haces, Valeriano,
buen amigo?
Al cabo, serás testigo
de mi pena,
atado con la cadena
de fuego sin fin, conmigo.
- *84 1063. *Valeriano* — ¡ Enhoramala ! Ya son horas . . .
Vamos luego
de este fuego al otro fuego
eternal,
donde la llama inmortal
nunca nos dará sosiego.
1069. *Aimbirê* — ¡ Sus ! ¡ Aína !
¡ Vayan a nuestra cocina,
Sarauái !
Saravaia — Aikobé, najepeái
ixuí.
Tatapýña nojabýi.
Ojeibé murú kái . . .
1076. *Décio* — Xe rakubeté ko, mã !
Xe resý Lorẽ kaẽ.
Xe morubixába biã,
erĩ ! xe rapý Tupã,
obojá repýka ñe !
- *84v 1081. *Aimbirê* — Supié.
Erejuká potaré
São Lourenço angaturáma.
Ajú nde resé uipuáma.
Oikobé nde aroára e,
xe ratá nde kaiaõáma.
-
1071. *Saravaia* !
— Aqui estou, eu não me afasto
dêles.
As brasas não falham.
Ainda hoje queimarão os malditos . . .
1076. —Ó, eu abraso aqui !
Assa-me Lourenço queimado.
Embora eu seja um soberano,
ai ! Deus abrasa-me,
vingando o seu servo !
1081. —Efetivamente.
Tu quiseste matar
o virtuoso São Lourenço.
Vim para castigar-te.
Aqui está um teu inimigo,
e meu fogo há-de queimar-te.

*Afogam-nos e entregam-nos aos quatro
beleguins, e cada dois levam o seu.*

1087.

Pejorí,
perasó murú supí
jandé ratápe sapéka,
imongaémo, ipokéka,
saimbekatuábo, sesí,
imojýpa, imomembéka.

*Ficam ambos no terreiro com as
coroas dos imperadores nas ca-
beças, e diz Saravaia :*

1093.

Te ! Morapitiára ixé
angaipába sykyjéba,
morubixába jepé,
ajerók murú resé
xe réra "Kururupéba" !

1098.

Ánga ja,
angaipabóra ajuká,
xe ratápe seroáne.
Apiába, guaibí, kuñáne,
koára pukúí, xe rembiá
serasóbo, iguábo páne.

1087. Vinde,
conduzi os malditos
para em nosso fogo queimá-los,
serem feitos em moquecas,
tostarem, assarem,
cozerem, derreterem.

1093. —Ó ! Eu, vencedor
de pecadores temíveis,
embora verdadeiro chefe,
mudam por isso
meu nome para "Cururupeba" !

1098. Como êles,
mato os que costumam pecar,
atirando-os comigo ao meu fogo.
Homens, velhas, moças,
como eternas prêsas minhas
levando, a todos devorarei.

—V. 1097 — *Kururupéba* — *Cururupeba*, literalmente "Cururu-chato" (*Kururu-péba*, cf. -V. 486), nome do principal da Ilha de Cururupeba, na Baía de Todos os Santos. Notificado por Mem de Sá de que já se não permitia a antropofagia, matou e comeu, ostensivamente, em festas, os seus escravos de guerra. Chamado à ordem, recusou-se a dar satisfações ao governador, pelo que Vasco Rodrigues Caldas foi enviado à ilha com a incumbência de conduzi-lo à força. Conta o P. Manoel da Nóbrega que, conservando prêsos cerca de um ano, Cururupeba se tornou, ao cabo, bom cristão (C, 159-150). A Ilha de Cururupeba pertenceu, mais tarde, à Companhia e passou a chamar-se Ilha da Madre de Deus, conservando-se a denominação primitiva para a terra fronteira à mesma (NB, 282). No poema a Mem de Sá, Anchieta descreve Cururupeba :

"Barbarus, imbelles animos ignauaque corda
obscurens, letumque viris crudeles minatus" (C, 110)
(RGMS, II, 846-847).

4.º A T O

*85

*Tendo o corpo de São Lourenço
amortalhado e pôsto na tumba, entra
o Anjo, com o Temor e Amor de Deus,
a despedir a obra, e no cabo acompa-
nham o santo para a sepultura.*

1104. *Anjo* — Vendo nosso Deus benigno
vossa grande devoção
que tendes, e com razão,
a Lourenço, mártir digno
de tôda a veneração,

1109. determina, por seus rogos
e martírio singular,
a todos sempre ajudar,
para que escapeis dos fogos
em que os maus se hão de queimar.

1114. Dois fogos trazia n'alma,
com que as brasas resfriou,
e no fogo, em que se assou,
com tão gloriosa palma,
dos tiranos triunfou.

*85v 1119. Um fogo foi o Temor
do bravo fogo infernal,
e, como servo leal,
por honrar a seu Senhor,
fugiu da culpa mortal.

1124. Outro foi o Amor fervente
de Jesus, que tanto amava,
que muito mais se abrasava
com êsse fervor ardente
que co'o fogo, em que se assava.

1129. Êstes o fizeram forte.
Com êstes purificado
como ouro refinado,
padeceu tão crua morte
por Iesu, seu doce amado.
1134. Êstes vos manda o Senhor
a ganhar vossa frieza,
para que vossa alma acesa
de seu fogo gastador,
fique cheia de pureza.
1139. Deixai-vos dêles queimar
como o mártir São Lourenço,
e sereis um vivo incenso
que sempre haveis de cheirar
na côrte de Deus imenso.

*86

Temor de Deus, com seu recado :

1144. “Pecador,
engulles, con gran sabor,
el pecado,
¡ Y no te ves ahogado
con tus males !
¡ Y tus heridas mortales
no sientes, desventurado !
1151. *El infierno,
con su fuego sempiterno,
ya te espera,
si no sigues la bandera
de la cruz,
en la cual murió Jesús
para que tu muerte muera.”*
1158. Dios te envia este mensaje
con amor.
A mí, que soy su Temor,
me conviene
declarar lo que contiene,
porque temas al Señor.

Glosa e declaração do recado

- *86v
1164. Espantado estoy de ver,
pecador, tu gran sosiego.
Con tantos males hacer,
¿ cómo vives sin temer
aquel espantoso fuego?
1169. Fuego que nunca descansa,
mas siempre causa dolor,
y con su bravo furor
quita toda la esperanza
al maldito *pecador*.
1174. Pecador, ¿ cómo te entregas
a los vicios, tan sin freno?
De los cuales estás lleno,
¿ engullendo, tan a ciegas,
la culpa, con su veneno?
1179. Veneno de maldición
tragas sin ningún temor,
y sin sentir tu dolor
la carnal delectación
engulles, con gran sabor.
1184. Sabor parece el pecado,
muy más dulce que la miel,
mas el infierno cruel,
después te dará un bocado
más amargo que la hiel.
- *87
1189. Hiel beberás sin medida,
pecador desatinado,
tu alma en fuego encendida.
Esta será la salida
del deleite del pecado.
1194. Del pecado que tú amas
San Lorenzo tanto huyó,
que mil penas padeció,
y quemado en unas llamas,
por no pecar, expiró.

1199. Él la muerte no temió.
Tú no temes el pecado,
del cual te tiene ahorcado
Lucifer, que te ahogó,
¡ y no le ves ahogado !
1204. Ahogado por la mano
del diablo, se partió
Decio con Valeriano,
infiel, cruel tirano,
al fuego, que mereció.
1209. Mereció tu fe la vida,
mas con pecados mortales
la tienes casi perdida,
y tu Dios, bien sin medida,
ofendido con tus males.
1214. Con tus males y pecados,
tu alma de Dios ajena,
en la infernal cadena
pagará, con los dañados,
por su culpa, justa pena.
- *87v
1219. Pena sin fin te darán
en los fuegos infernales
tus deleites sensuales.
Tus tormentos doblarán,
y tus heridas mortales.
1224. Mortales son tus heridas.
Pecador, ¿ por qué no lloras ?
¿ No ves que, con tus demoras,
todas están corrompidas,
y cada día empeoras ?
1229. Empeoras y te finas,
mas tu peligroso estado,
la priesa y grande cuidado,
con que al infierno caminas,
¿ no sientes, desventurado ?

1234. ¡ Oh descuido intolerable
de tu vida !
Está tu alma hundida
en el lodo,
y tú ríeste de todo,
¡ y no sientes tu caída !
1240. ¡ Oh traidor !
que niegas tu Creador,
Dios eterno,
que se hizo niño tierno
por salvarte,
y tú quieres condenarte,
¡ y no temes el infierno !
- *88
1247. ¡ Oh insensible !
¿ No sientes aquel terrible
espanto, que causará
el juez, cuando vendrá,
con carranca muy horrible,
y la muerte te dará,
1253. y tu ánima será
sepultada en el infierno,
donde muerte no tendrá,
mas viva se quemará,
con su fuego sempiterno ?
1258. ¡ Oh perdido !
Allí serás consumido,
sin nunca te consumir.
Allí vida sin vivir,
allí lloro y gran aullido,
allí muerte sin morir.
1264. Planto será tu reír,
tu comer, hambre muy fiera,
tu beber, sed sin manera,
tu sueño, nunca dormir,
todo esto *ya te espera.*
- *88v

1269. ¡ Oh mohino !
pues que verás, de contino,
al horrendo Lucifer,
sin nunca llegar a ver
aquel conspecto divino,
de quien tienes todo ser,
1275. acaba ya de temer
a Dios, que siempre te espera,
corriendo por su carrera,
pues no puedes suyo ser,
si no sigues la bandera.
1280. ¡ Hombre loco !
Si tu corazón ya toco,
múdense tus alegrías
en tristezas y agonías.
¡ Mira que te falta poco
para fenecer tus días !
1286. No peques más contra aquel
que te ganó vida y luz
con su muerte tan cruel,
bebiendo vinagre y hiel,
en el árbol *de la cruz.*
1291. ¡ Oh malvado !
El murió crucificado,
siendo Dios, por te salvar,
pues, ¿ qué puedes esperar,
si tú eres el culpado,
y no cesas de pecar ?
- *89
1297. Tú lo ofendes, él te ama.
Él ciega por darte luz.
Tú, malo, ¡ pisas la cruz,
aquella tan dura cama,
en la cual murió Jesús !

-V. 1289 — *vinagre* — Cf. I^a, XLIII, (1^o).

1302. ¡ Hombre ciego !
 ¿ Por qué no comienzas luego
 a llorar por tu pecado ?
 ¿ y tomar por abogado
 a Lorenzo, que en el fuego,
 por Iesú murió quemado ?

1308. Teme a Dios, juez tremendo,
 en esta hora postrera,
 a solo Iesú viviendo,
 pues dió su vida muriendo
 para que tu muerte muera.

Amor de Deus, com seu recado :

*89v 1313. “ Ama a Dios, que te creó,
 ¡ hombre, de Dios muy amado !
 Ama, con todo cuidado,
 a quien primero te amó.

1317. Su propio hijo entregó
 a muerte, por te salvar.
 ¿ Qué más te podía dar,
 pues, cuánto tiene, te dió ? ”

1321. Por mandado del Señor,
 te dije lo que has oído.
 Abre todo tu sentido,
 porque yo, que soy su Amor,
 sea en ti bien imprimido.

*Glosa e declaração
do recado*

1326. Todas las cosas creadas
 conocen su Creador.
 Todas le tienen amor,
 porque de él son conservadas
 cada cual en su vigor.

- *90
1331. Pues con tanta perfección
su sapiencia te formó
hombre capaz de razón,
¡ de todo tu corazón
ama a Dios, que te creó !
1336. Si amas la criatura
por te parecer hermosa,
aquella vista graciosa
de la misma hermosura,
ama sobre toda cosa.
1341. De su divina lindeza
debes ser enamorado.
Sea tu ánima presa
de aquella suma beleza,
¡ hombre, de Dios muy amado !
1346. Aborrece todo el mal,
con despecho y gran desdén.
Y, pues eres racional,
abraz a Dios inmortal,
sumo, solo y todo bien.
1351. Este abismo de hartura,
que nunca será agotado,
esta fuente viva y pura,
este río de dulzura,
ama con todo cuidado.
- *90v
1356. Antes que crease nada,
ya la suma majestad
te tenia vida dada,
y tu ánima abrazada
con eterna caridad.
1361. Por hacerte todo suyo,
con su amor te cautivó,
y, pues todo te lo dió,
da tú todo el amor tuyo
a quien primero te amó.

1366. Dióte ánima inmortal
y capaz de Dios inmenso,
para que fueses suspenso
en él, aquel bien etenal, — *é* —
que es sin fin, y sin comienzo.
1371. Después que en muerte caíste,
otra vez vida te dió.
Porque salir no pudiste
de la culpa, a quien te diste,
su propio hijo entregó.
1376. Entrególo por esclavo,
quiso que fuese vendido,
para que tú, redimido
del poder del león bravo,
fueses siempre agradecido.
- *91 1381. Porque tú no mueras, muere
con amor muy singular.
Pues, ¡ cuánto debes amar
a Dios, que entregarse quiere
a muerte, por te salvar !
1386. El Hijo, que el Padre dió,
su Padre te da por padre,
y su gracia te infundió,
y cuando en la cruz murió,
su madre te dió por madre.
1391. Dióte fe con esperanza,
a sí mismo por manjar,
para en sí te transformar
en su bienaventuranza.
¿ Qué más te podía dar ?
1396. En pago de todo esto,
¡ oh dichoso pecador !
pide sólo tu amor.
Mete, pues, todo tu resto,
por ganar a tal Señor.

1401. Da tu vida por los bienes
 que su muerte te ganó.
 Suyo eres, tuyo no.
 Dale todo cuánto tienes,
 pues, cuánto tiene, le dió.

*91v

DESPE DIDA

1406. Alzad, mis hermanos, los ojos al cielo.
 Vereis a Lorenzo reinando con Dios,
 al rey de los reyes rogando por vos,
 que estáis celebrando su fiesta en el suelo.
1410. De aqui por delante tened grande celo,
 que sea Dios siempre temido y amado,
 y mártir tan santo, de todos honrado.
 Tendréis sus favores y dulce consuelo.
1414. Y, pues celebráis, con tanta afición,
 su claro martirio, tomad mi consejo :
 su vida y virtudes tened por espejo,
 llamándolo siempre con gran devoción.
1418. Por sus oraciones habréis el perdón,
 y del enemigo, perfecta victoria.
 Después de la muerte veréis, en la gloria,
 la cara divina, con clara visión.

Laus Deo

5.º ATO

*92

*DANÇA, que se fêz na procissão
de São Lourenço, de doze
meninos (*)*

1422. 1.º —

Ko oroikó oroñemborýpa
nde ára momorangápe.
Tou, nde jeruresápe,
Tupã oré moorýpa,
opytábo oré pyápe.

1427. 2.º —

Orojerobiá nde ri,
São Lourenço angaturáma.
Esarõ oré retáma
oré sumará suí.

1431.

Toroitýk oré poxý,
pajé rerobiareýma,
moraséia, mbyryrýma,
karaí moñánga ndi.

1435. 3.º —

Tupã rerobiá katú
nde pyá suí ndoíri.
Toroguerobiá, nde pýri,
jandé rubeté, *Iesu*.

1422. —Aqui estamos jubilosos
para celebrar tua festa.
Oxalá, por tuas súplicas, venha
Deus fazer-nos felizes,
ficando em nosso coração.

1427. —Nós confiamos em ti,
virtuoso São Lourenço.
Guarda a nossa terra
de nossos inimigos.

1431. Repudiemos nossos vícios,
não crendo nos pajés,
nem dançando, girando,
praticando curandeirismo.

1435. —A grande confiança em Deus
de teu coração não fugiu.
Junto de ti, confiemos
em Jesus, nosso verdadeiro pai.

(*) — Os meninos índios "fazem suas danças à portuguesa", diz Anchieta (CI, 416), "com tambores e violas, com muita graça, como se fôsem meninos portugueses, e quando faz em estas danças põem uns diademas na cabeça, de penas de pássaros de várias cores, e desta sorte fazem também os arcos e empenas e pintam o corpo, e assim pintados e mui galantes a seu modo, fazem suas festas muito aprazíveis que dão contento e causam devoção por serem feitas por gente tão indômita e bárbara, mas pela bondade divina e diligências dos nossos feitos já homens políticos e cristãos".

1439. Oré ánga tojosú,
sekó poxý mosasãia
Nde abé, imoesãia.
Iesu yrúmo terejú.
- *92v 1443. 4.º — Tynysê Tupã rausúba
nde ñyáme erimbaé.
Emaê oré resé!
Torosausú jandé rúba,
jandé moñangareté.
1448. 5.º — Eresapiá Jandé Jára,
iñeénga mopopá.
Ejorí, oré rausubá,
toroimomoráng, ko ára,
nde rekó poránga ra.
1453. 6.º — Supibé eremomboeirá
maraabóra, sobasápa.
Nde rayra imaraá.
Añánga rekó potá...
Ejorí, no, imomboeirápa!
1458. 7.º — Jandé Jára mombeguábo,
teõ ereiporará.
Torepyatã, angá,
mbaé asý porarábo
Tupána resé, nde ja.

1439. Que êle purifique nossas almas,
arejando-as de males.
E que tu, encantando-a,
com Jesus venhas.

1443. -Pleno de amor de Deus
foi o teu coração outrora.
Olha por nós!
Amemos o nosso pai,
nosso verdadeiro criador.

1448. -Obedeceste a Nosso Senhor,
cumprindo suas palavras.
Vem, amor nosso,
celebraremos êste dia
imitando a tua santidade.

1453. -Com ela tu curaste
os doentes, abençoando-os.
Teus filhos estão doentes.
Querem as leis do mal...
Vem curá-los de novo!

1458. -Confessando a Nosso Senhor,
tu suportaste a morte.
Fortifica-nos,
para suportarmos a dor
como tu, por amor de Deus.

1463. 8.º —

Osykyjé nde suí
añánga, nde moabaetébo.
Ejorí imosykyjébo,
toikó umé óka rupi
oré ánga monguébo.

1468. 9.º —

Tupā momburuaeté,
tatá pupé nde resíri.
Opá nde reté raíri
itá tiáia pupé.

1472.

Torojaseó memé
Paí Tupā repiáka úpa.
Toúr, ko ára pupé,
oré ánga moakúpa.

1476. 10.º —

Oryrý, nde jukaré,
Tupā sumarā reía.
Ejorí oré rekýia,
toroikó nde ypýpe ñe,
oré sumarā mondýia.

1481. 11.º —

Nde jukasaroéra osó
okáia añánga ratápe.
Endé, Tupā rorypápe
aujérama ñe ereikó.

1485.

Nde jabé, torosausú
Paí Tupā oré ñyáme.
Toroguerekó, setáme,
nde pýri, tekó pukú.

1463. -Têm medo de ti
os demônios, para quem és terrível.
Vem amendrontá-los,
para que não fiquem pelas ocas
entibiando as nossas almas.

1468. -Grandes herejes
no fogo te assaram.
Sarjaram-te o corpo todo
numa grêlha de ferro.

1472. Choremos sempre
de desejo de contemplar Deus-Padre.
Venha êle, neste dia,
inflamar a nossa alma.

1476. -Tremem, por te terem matado,
os inimigos de Deus.
Vem arrebatá-los,
para que fiquemos a teu lado,
assustando os nossos inimigos.

1481. -Os que te mataram foram
arder no fogo infernal.
Tu, na glória de Deus
para sempre estarás.

1485. Como tu, amemos
a Deus-Padre em nossos corações.
Tenhamos, em sua terra,
junto de ti, vida longa.

1489. 12.º —

*93v

Oré rerekoareté
nde pópe oré ánga rúi
orobiá nde resé.
Oré rausúba jepé,
oré rekobé pukúi.

Finis

1489. —Nós depositamos
em tuas mãos as nossas almas
confiantes em ti.
Ama-nos tu
durante a nossa vida.

Legenda

Texto E 2 a

Texto E 2 b



no século XVI
(1583)

FIG. 18

reconstrução topográfica dos textos E 2 a e E 2 b.

Legenda

Texto E2a

Texto E2b.





Legend
Texto E.S.P.
Texto E.I.P.

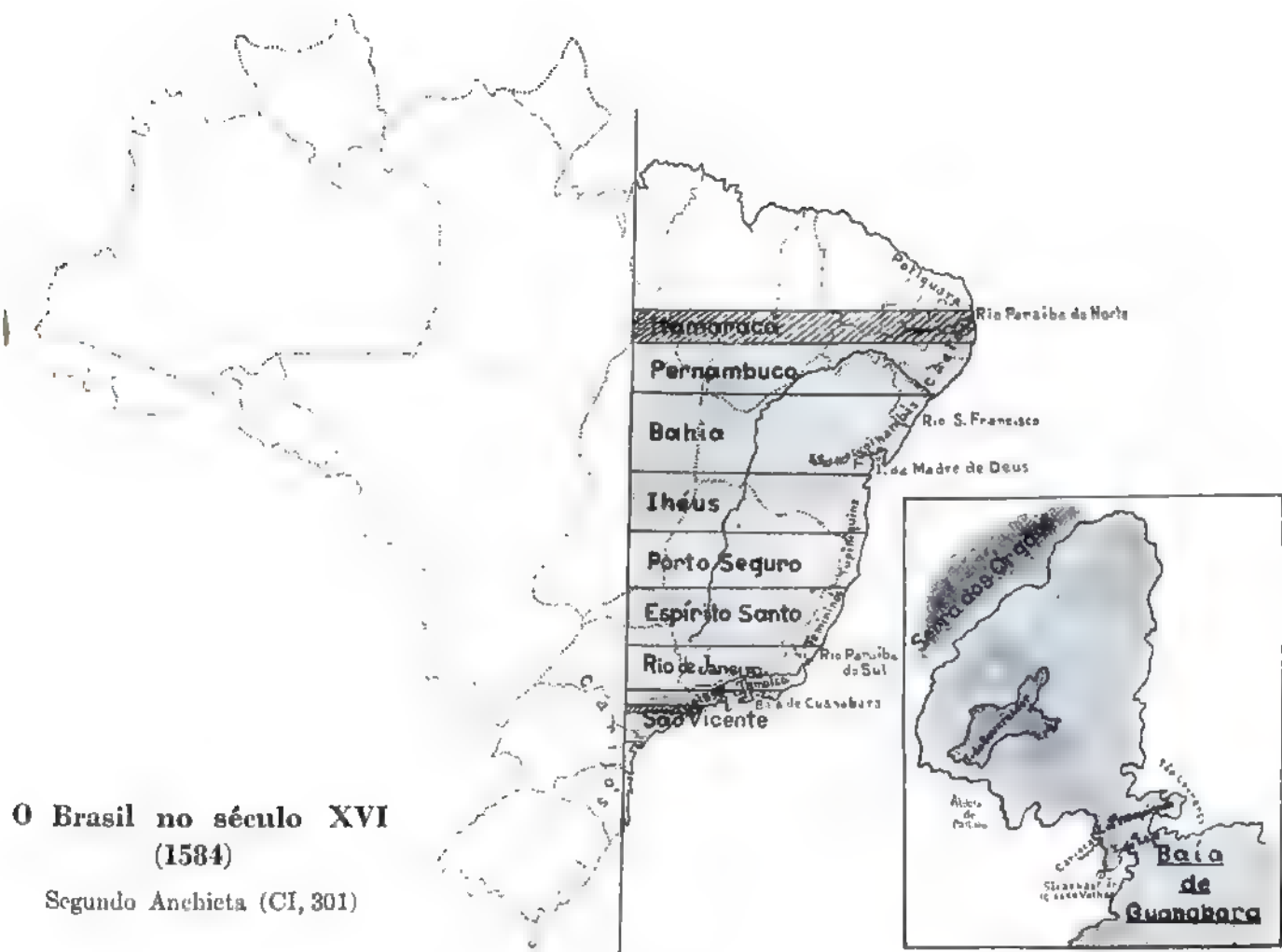


FIG. 18
Distribuição topográfica dos textos E 2 a e E 2 b.

Ação da Pregação Universal

ou

NA FESTA DO NATAL

"Na festa do Natal" é uma adaptação de "Na festa de São Lourenço", sem dúvida destinada a outro local⁽¹⁾, a um público mais simples⁽²⁾, em ocasião ligada a festividades de Natal⁽³⁾, o que dispensa referências históricas naquele frequentes.

Quase inteiramente escrita em língua tupi⁽⁴⁾, faz parte das celebrações de uma confraria⁽⁵⁾. As poucas alterações feitas limitam-se a mudanças de termos, supressão de personagens e uma breve parte original⁽⁶⁾.

Sua apresentação como peça à parte fornece, porém, novos elementos lingüísticos e o conjunto facilita a apreciação dos recursos literários e cênicos da época.

(1) — Cf. E 2 a, BMP 1, 13-15 e fig. 18.

(2) — Parece destinar-se a uma assistência de pescadores (cf. V. 313), não bem catequizados ainda.

(3) — VV. 404-409 e 437 e sgs.

(4) — De 496 versos, apenas 10 são em castelhano e 35 em português, cf. VV. 437 e sgs.

(5) — V. 368. Em SL, 243, o Rev. Lemos Barbosa lembra a Confraria dos Reis Magos, existente no Rio de Janeiro e fundada em 1586. Havia, porém, desde 1583, outra, no Espírito Santo (HCJB, II, 217 e TTGB, 332), já em 1584.

(6) — São originais apenas os VV. 313-340, 404-419 e 437-466. As variantes dos demais versos vêm apontadas em notas de rodapé anexas ao texto. Os números entre () correspondem aos versos de E 2 a. Foram repetidas as indicações constantes de E 2 a, suprimidas no ms. de E 2 b.

PERSONAGENS — Guaixará, diabo
Aimbirê, seu criado
Anjo

TEMA — Guaixará chama Aimbirê para ajudá-lo a perverter a aldeia. O anjo os expulsa e coloca três Reis Magos no presepe. Segue-se dança típica.

ATOS — 1.º Diálogo entre os diabos e o anjo (tupi).
2.º Dança indígena (trilingüe).

LÍNGUAS — Tupi, castelhana e portuguesa.

NA FESTA DO NATAL.

*Entram dois diabos, que
querem destruir a aldeia
com pecados, aos quais re-
siste o Anjo da Guarda,
que os expulsa.*

6. (26) Xe año
ko tába pupé aikó
serekoáramo uitekóbo,
xe rekó rupi imoingóbo.
Íkué suí asó mamó
amó tába rapekóbo.

6. Eu sòmente
nesta aldeia estou
como seu guardião,
fazendo-a seguir as minhas leis.
Daqui vou longe
visitar outras aldeias.

— 749 —

12. (32) Abá, serã, xe jabé?
Ixé serobiaripýra,
xe añangusú mixýra,
Guaixará serímbae,
kuépe imoerapoanimbýra.
17. (37) Xe rekó iporangeté.
Naipotári abá seytýka,
naipotári abá imombýka.
Aipotakatú teñé
opabi tába mondýka.
22. (42) Mbaé eté kaú guasú
kauĩ mojebyjebýra.
Aipó sausukatupýra.
Aipó añé jamombeú,
aipó imomorangimbýra !
- *135v 27. (47) Serapoã ko mosakára
ikauinguasúbae.
Kauĩ mboapyareté,
aé maramoñangára,
marána potá memé.
32. (52) Moraséia e ikatú,
jeguáka, jemopiránga,
samongý, jetyanguánga,
jemoúna, petymbú,
karaí moñamoñánga . . .
-
12. Quem, como eu?
Eu sou conceituado,
sou o diábão assado,
Guaixará chamado,
por aí afamado.
17. -Meu sistema é agradável.
Não quero que seja constrangido,
nem abolido.
Pretendo
alvorçar as tabas tôdas.
22. Boa cousa é beber
até vomitar cauim.
Isso é apreciadíssimo.
Isso se recomenda,
isso é admirável !
27. São aqui conceituados os moçacaras
beberrões.
Quem bebe até esgotar-se o cauim,
esse é valente,
ansioso por lutar.
32. -Ê bom dançar,
adornar-se, tingir-se de vermelho,
empenar o corpo, pintar as pernas,
fazer-se negro, fumar,
curandeirar . . .

37. (57)

Jemoyrō, morapití,
jou, tapúia rára,
aguasá, moropotára,
mañána, syguarajý
— naipotári abá sejára.

42. (62)

Angarí
ajosúb abá kotý,
taxereroiár, guijábo. (44)
Oú teñé xe peábo
“abaré” jába, korí,
Tupã rekó mombeguábo.

48. (68)

Oikobé
xe pytybōanameté,
xe pýri marã tekoára,
xe yrúnamo okáibae :
tubixakatú Aimbiré,
miausúba moangaipapára.

Chama Guaixará a Aimbiré, e diz :

*136

54. (84)

Aimbiré —

To ! Mamópe añé rekóu ?
Ereké pipó ejúpa ?
Erimaé. Tába súpa,
ybytýripe xe sóu
jandé bojá rerosúpa.

37. De enfurecer-se, andar matando,
comer um ao outro, prender tapuias,
amancebar-se, ser desonesto,
espião, adúltero
— não quero que o gentio deixe.

42. Para isso
convivo com os índios,
induzindo-os a acreditarem em mim.
Vêm inutilmente afastar-me
os tais “padres”, agora,
apregoando a lei de Deus.

48. Aqui está
meu ajudante-mor,
meu colaborador,
queimado como eu :
o grande chefe Aimbiré,
pervertedor dos escravos.

54. Eh ! Onde está ele ?
Estavas dormindo ?
— Não. Visitando as tabas,
à serra eu fui
para estar com nossos súditos.

—V. 44 — *guijábo* — E 2 a, V. 64, *ujábo*.

—V. 53 — *miausúba* — E 2 a, V. 73, *apiába*. Faltam E 2 a, VV. 74-83.

59. (89)

Sorykatú xe repiáka,
xe ajubã, xe mombytábo,
koára pukúi okaguábo,
oporaséia, ojeгуáka,
Tupã rekó momburuábo.

64. (94)

Te, xe resemõ torýba.
Sekó poxy repiakápe,
xe apysykatú sekoápe.
Opabi tekó aiba
mondébi katú opyápe.

69. (99) *Guaixará* —

Ndaeteé,
nde ratangatú resé
uijekóka, uijerobiá.
Jorí, esenõi, angá,
kueibõ nde remimoaujé.
Abápe eremoangaipá?

75. (105) *Aimbirê* —

Marataoáme tekoára
oguerobiá xe ñeénga.
Opá Tangarápe ndoára,
opá Paraibiguára
xe pópe oánga meénga.

59. Regozijaram-se ao me ver,
abraçando-me, hospedando-me,
bebendo o dia inteiro,
dançando, adornando-se,
desacatando as leis de Deus.

64. Em resumo, fiquei muito alegre.
Ao ver os seus maus costumes,
tranquilizei-me.
Todos os vícios
êles abrigam em seu coração.

69. -Por isso mesmo,
em teu grande prestígio
eu me apóio, eu confio.
Vem, dize o nome
dos que por lá cativaste.
Corrompeste a quem?

75. -Os que moram em Maratauã
acreditaram em minhas palavras.
Todos os que vivem em Tangará,
todos os paraibiguaras
entregaram em minhas mãos as suas
[almas.

-V. 77 — *Tangarápe*, E 2 a, V. 107, *ypaúme*.

-V. 81 — Os VV. 81-84, não correspondem exatamente a E 2 a, VV. 111-114.

-V. 82 — *Rerytype* — a *Reritiba*, hoje Anchieta, cidade do Espírito Santo, onde Anchieta passou os seus últimos dias. Cf. D 5, NI.

*136v

80. (110)

Kueisé, rakó, amó kañémi,
Ñeterõime osóbo ñe,
Rerytýpe amboaé.
Nasaúbi ñeguasémi,
tumbýpe xe ru meẽ . . .

85. (115)

Aeré,
opytábae resé,
aharé rekoaúbi
iké serú potañé.
Erĩ, aáni ! Amorambué.
Opá xe ñeengendúbi . . .

91. (121) *Guaixará* —

Mosángape erejapó
tureými anondé?

Aimbirê —

Tapúipe guaibĩ aé
iké suĩ arasó.
Iapysýk pabẽ sesé.

96. (126)

Guaibĩ, rakó, iangaipá.
Ojemopajepajébo,
apiába mboemboébo,
Tupána rekó rejá,
xe ño xe mombaetébo.

80. Perdi alguns, é verdade,
que foram a Niterói,
outros a Reritiba.
Se não como os que escapam,
dá-me meu pai nas ancas . . .

85. Depois,
para os que ficaram,
os padres mentiras
quiseram aqui trazer.
Não vê ! Eu os impedi.
Todos ouviram as minhas palavras . . .

91. —De que recurso usaste
antes de eles chegarem?
—Aos tapuias essas velhas
daqui levei.
Contentaram-se todos com isso.

96. As velhas são, de fato, más.
Exorcizando,
industriando os homens,
eles abandonaram as leis de Deus,
estimando a mim somente.

—V. 91 — *erejapó* — E 2 a, V. 121, *ereipurú*.
—V. 92 — E 2 a, V. 122, *tureymaõama ri*.
—V. 93 — *até* — E 2 a, V. 123, *arú*.
—V. 94 — E 2 a, V. 124 — *amõ Magucá suĩ*.
—V. 95 — E 2 a, V. 125 — *Aéreme apulúú*.
—V. 96 — *Guaibĩ* — E 2 a, V. 120, *Até*.

101. (131)

Tapúipe poxý mborýpa,
tupotarey iké.
Oporaséi pysaré,
ojemopajeangápa
tatápe osó janondé.

*137

106. (136)

Guaixard — Erĩ, aujé.

Xe moorykatú jepé,
inã tekó mombeguábo.

Aimbirê —

Ajepýk añé sesé,
ianáma katú, riré,
xe rembiáramo ipeábo...

112. (142)

Maéne, tupinambá
Paraguasúpe ndaroéra,
iTupã osýbae puéra,
opakatú jamombá.
Nitibangái sembiroéra...

Tupã-óka

Sembiroéra

117. (152)

Opaumã tamúia sóu
okáia tatápe oúpa.
Mokoñó temiminó
Tupã-óka ri sekóu,
abará rapiaraúpa.

101. Para folgarem, os cruéis tapuias
não quiseram vir aqui.
Dançaram a noite inteira,
fazendo feitiçarias
antes de irem para o inferno.

106. -Bem, basta.
Alegraste-me,
declarando tais fatos.
-Valer-me-ei disso,
depois, para seus parentes
como prêsas arrastar...

112. Olha, os tupinambás
que moravam em Paraguaçu,
afastados de seu Deus,
nós os perdemos a todos.
Não há já nem traço deles...

117. Todos os tamoios foram
jazer queimando no inferno.
Apenas alguns temiminós
vivem junto à igreja
e desejam obedecer ao sacerdote.

-V. 114 — *iTupã* — cf. E 2 a, -V. 144.

-V. 116 — Faltam E 2 a, VV. 147-151.

-V. 119 — *temiminó* — E 2 a, V. 154, *Tupã rausúpa*.

-V. 120 — Como as aldeias de índios se constituíam, em geral, em torno das capelas cristãs, a expressão equivale mais ou menos a "aldeados".

Tupã-óka ri — E 2 a, V. 155, *ko tába pupé*.

-V. 121 — E 2 a, V. 156, *ojepysarámo okápa*.

122. (157) *Guaixará* — Ikó miausú poxý
jandé rekó ogueroyrõ . . .
Ejorí saánga, rõ,
toTupãñeengábi,
tokaú, tomondarõ,
127. (162) toporepeñã oikóbo,
toipurú tekó poxý,
tosó oJára suí.
Ejorí murú moingóbo
jandé ñeénga rupi !
- *137v 132. (167) *Aimbirê* — Jabái xébo saánga.
Serekoára jabaeté
xe mondýia.
Guaixará — Abápa e?
Aimbirê — Karaibebé poránga,
xe amotareymbára ñe.
137. (187) *Guaixará* — Osýi ñe moxý korí
xe repiáka rupi béne.
Aimbirê — Namoángi. Nde moaujéne.
Guaixará — Ejerobiaté xe ri !
Amondýi korí nonéne !

122. Êstes escravos malvados
detestam as nossas leis . . .
-Vem tentá-los, então,
para que blasfemem,
bebam, roubem,
127. vivam provocando lutas,
cometam pecados,
afastem-se de seu Senhor.
Vem induzi-los em nossos princípios ! (próprio)
132. -Ê-me difícil tentá-los.
Seu valente guardião
amedronta-me.
-Quem ?
-O virtuoso Anjo,
que é meu inimigo.
137. -O malvado fugirá logo
que me vir.
-Não creio. Vencer-te-á.
-Confia em mim !
Causarei medo eu também !

-V. 122 — *Ikó miausú* — E 2 a, V. 157, *ko temiminó*.
-V. 129 — *oJára* — seu Senhor, isto é, o + *Jára*, cf. E 2 b, V. 114.
Tosó oJára — E 2 a, V. 144, *ko tába*.
-V. 136 — *Karaibebé* — E 2 a, V. 170, *Leurenço Santo*.
-V. 136 — E 2 a, V. 171, *Tupã pyri oikóbas*. Faltam E 2 a, VV. 172-186.
-V. 137 — E 2 a, V. 187, *Mokãbbé osyi korí*.

142. (192)

Aimbirê —

Abatépe oikó, xe já,
Tupã tiruã momburuábo?
Ndeiteé Tupã nde peábo,
aepuéripe tatá
aujérãma nde rapiábo.

147. (212)

Guaixará —

Ekoãi moxý mboá
jandé jusána pupé!
Iánga toá taujé.
Omoñangára rejá,
robiá jandé resé.

152. (238)

Aimbirê —

Tasó korí nde rejápe
miausúba pysýka pa.
Je, tasóne, xe mondoápe.
Memé tixé, xe pyápe,
emonã tekó potá...

*138

157. (243)

Xe, rapixára angaipába,
miausúba xe pokuá,
sesé ñe ajekotyá...
Taipobú, korí, igasába.
Xe potába kaui ra!

142. Quem há, como eu,
que desafie até a Deus?
—Por isso Deus te expulsou,
e desde então o inferno
te abraçou para sempre.

147. —Vai fazer cafrem esses malvados
em nossos laços!
Suas almas cederão depressa.
Abandonando o seu criador,
confiarão em nós.

152. Hoje vou te deixar
aprisionar escravos
—Bem, irei aonde me mandam.
Íntimamente, eu sempre
desejei mesmo esse encargo...

157. Eu, mau amigo,
aprisionarei os escravos,
aos quais me tinha aliado...
Despejarei, agora, a igacaba.
Meu quinhão é caunar!

—V. 146 — Faltam E 2 a, VV. 197-211.

—V. 151 — Faltam os E 2 a, VV. 217-237.

—V. 153 — *miauniba* — E 2 a, V. 239, *apiába*.

—V. 157 — E 2 a, V. 243, *Xe, rapizá Sarauára*.

—V. 158 — *miauniba* — E 2 a, V. 244, *apiába*.

—V. 160 — E 2 a, V. 246, *Tarasó ko igaporáia*.

162. (248) *Guaixará* — Neĩ ! Teresó taujé !
Nde apoã !
Aimbirê — Añangatúne.

Fica passeando e diz

- Guaixará* — Tajebyjebý rañé.
Korié nde ru riré,
jamombá moxý jandúne . . .

Torna Aimbirê e diz

167. (253) *Guaixará* — Ke murú ! Rúri obébo !
Niatéy mirĩ angái !
Erejúpe Itaukái ?
Aimbirê — Eẽ. Jandé moetébo,
miausúba jemosarái.

172. (258) Nde rory.
Tynysẽ umã kauĩ
setá ñe. Igasabusú
ojoenõi umã murú,
imboapyaõáma ri.
Guaixará — Saikatúpe ?
Aimbirê — Saikatú.

162. -Eh ! Vai depressa !
Súbito !
-Correrei.
-Darei uma voltinha rápida.
Quando tu voltares,
destroçaremos os maus.

167. -Ó danado ! Veio voando !
Não demorou nada !
Foste a Itaucaia ?
-Sim. Em nossa honra,
os escravos estão fazendo festas.

172. Alegra-te.
Regorgitava cauim
em quantidade. Grandes igaçabas
convocavam uns aos outros
para esgotarem.
-Estava bem forte ?
-Bem forte.

-V. 164 — *Tajebyjebý* — E 2 a, V. 250, *Jajebyjebý*.

-V. 165 — *Korié nde* — E 2 a, V. 251, *Sarauáia*.

-V. 166 — *moxý* — E 2 a, V. 252, *tába*.

-V. 168 — E 2 a, V. 254, *Irõ, ñateimangái*.

-V. 169 — *Erejúpe* — cf. E 2 a, -V. 255.

Itaukái — *Itaucaia*, povoação do Estado do Rio, não longe do Cabo Frio. Admitindo-se, entretanto, que a peça fôsse representada na aldeia do Espírito Santo, na Bahia (cf. NI), seria pouco verossímil a rapidez da volta de Aimbirê. Isto leva a preferir a hipótese apresentada em BMP I, p. 14, (46). Cf. E 2 b, V. 331.

-V. 171 — E 2 a, V. 257, *apiába jemosarái*.

Oñeiñangumã sesé
 kunumí etá kaguára,
 ko tába moangaipapára,
 guaibĩ, tuĩmbae abé,
 kuñãmukú moreymbára.

183. (269) *Guaixará* —

Te, aujé katú teñé.
 Tiasó, mbegué, japuáma,
 tixapý moxý retáma.

Vêem o Anjo e diz

Aimbirê —

Ke ! Abá rekóu añé
 xe renopuapuáma !

188. (708)

To ! Añé, mbaépe ke
 kanindé obý jasoára ?
 Ndojabýi murú arára ...

Guaixará —

Karaibebé aé
 tapúia raronsára.

193. (279) *Aimbirê* —

Xe reytýk koríne, mã !
 Jabaeté sepiáka ixébo ...
Guaixará — Aáni, xo ! Nde piatã !
 Ejorí ! Tixepeñã,
 imosykyjekyjébo.

178. Para isso acorriam
 muitos rapazes beberrões,
 que pervertem esta aldeia,
 velhas e velhos,
 moças que servem cauim.

183. -Bem, já é bastante.
 Vamos, de mansinho, assaltá-los,
 arderá a terra do mal.
 -Olha lá ! Aquêle sujeito
 está me ameaçando !

188. Ó ! Que será aquilo
 semelhante a um canindé azul ?
 Parece arara ...
 -É o Anjo
 da Guarda dos tapuias.

193. -Ai, êle me esmagará !
 É-me terrível mirá-lo ...
 -Irre, não ! Sê forte !
 Vem ! Ataquemo-lo,
 para amedrontá-lo.

-V. 188 — Os vv. 188-191 pertencem ao IIIº ato de E 2 a (VV. 708-712). Faltam E 2 a, VV. 274-277.

-V. 192 — E 2 a, V. 712, *morogubyka poaitára*. Cf. E 2 a, V. 278.

198. (284) Jamonguá moxý ruúba,
ixupé jajemoytyámo.
*139 Aimbirê — Ke ! Túri jandé nupámo !
Aryryi, opá xe úba
jesýi, ojemoatámo . . .

Fala o Anjo com Guaixará :

203. (289) Anjo — Abápe nde?
Guaixará — Guaixará kaguára, ixé,
mboitiningusú, jaguára,
moruára, moroapyára,
andirá-guasú bebé,
añánga morapitiára.

209. (295) Anjo — Aé pikó?
Aimbirê — Xe jibóia, xe sokó,
xe tamuiusú Aimbirê.
Sukurijú, taguató,
tamanduá atyrabebó,
xe añánga moropé !

- 215 (301) Anjo — Mbaetépe peseká
ko xe rekoába pupé?
Guaixará — Miausúba rausúpa ñe,
oré rapiára potá,
oré putupá sesé.

198. Evitaremos as perigosas flechas,
deixando-nos derrubar por êle.
—Olha ! Êle vem açoitar-nos !
Tenho mêdo, todos os meus músculos
Tremem, estão ficando duros . . .

203. —Quem és tu?
—Sou Guaixará, o bêbado,
grande boicininga, jaguar,
antropófago, agressor,
andirá-guaçu que voa,
demônio assassino.

209. —E êle?
—Sou jibóia, sou socó,
o grande tamoio Aimbirê.
Sucuriju, gavião,
tamanduá grenhudo,
sou demônio luminoso !

215. —Que procurais
aqui na minha morada?
—Amando os escravos,
queremos que nos obedecam,
preocupamo-nos por êles.

—V. 216 — *rekoába* — E 2 a, V. 302, *retáma*.

—V. 217 — *Miausúba* — E 2 a, V. 303, *Apiába*.

220. (306)
 *139v Anjo — Ombaé nipó asé
 opyá pupé sausúbi.
 Abatépe, erimbaé,
 pembaéramo resé,
 miausúba meengaúbi?
225. (311)
 Guaixará — Tupã aé,
 okaraíba pupé,
 iánga, seté moñángi.
 Tupã? Tenipó, añé...
 Sekó, te, ipoxý eté,
 sekó aé niporángi.
231. (317)
 Aimbiré — Iangaipá,
 Tupã osausupeá,
 sesé ojerobiá bebúia.
 Igasápe kaui tujá,
 aeré iamomotá,
 ojojá guaihi rekúia...
237. (323)
 Imboapý abá kujabá
 ánga e semimotára.
 Mamó ñe kañemotára,
 ipyá jaiporaká,
 nomoetéi omoñangára...

220. As suas próprias cousas a gente
 ama sinceramente.
 -Quem, algum dia,
 para propriedade vossa,
 vos entregou os escravos?
225. O próprio Deus,
 em sua santidade,
 modelou-lhes corpo e alma.
 -Deus? Talvez...
 Seus costumes, porém, são bem maus,
 sua vida não é edificante.

231. Eles são pecadores,
 repelem o amor de Deus
 e orgulham-se disso levianamente.
 -Se o cauim regorgita nas igaçabas,
 então elas os tentam,
 como as cuias das velhas...
237. As grandes cabaças tohem
 sua liberdade espiritual.
 Dos que querem fugir para longe,
 ganhamos-lhes os corações,
 desrespeitam ao seu criador...

-V. 224 — *miausúba* — E 2 a, V. 310, *apiába*.

-V. 239 — E 2 a, V. 325, *Morastia rerobiára*.

242. (328) *Anjo* — Nosaáŋgi te, pakó,
ñemboé koára pukúi?
Osó meémo mamó?
Aimbirê — Añé. Ijurúpe, ño,
Tupã rerobiára rúi.

- *140 247. (333) Ndeiteé. Opyá pupé,
ojemongetagetábo,
Tupã momburukatuábo,
"Sesapisó aúpe e,
Tupã xe repiáka? » ojábo.

252. (366) Añé, ekoá sapyá!
Kué suí tasó mosúpa
okybyñã pobupá.
Xe moañé, ko xe bojá
jeí xe repiakaúpa...

257. (369) *Anjo* — Umámbae?
Aimbirê — Miausú tuñae,
guaibĩ, kunuminguasú,
apiába, kuñãmukú,
xe bojáramo, pabê
xe pópe arekó katú.

242. -Não se esforçam, decerto,
por rezar todos os dias?
Esquivam-se?
-Isso mesmo. Em sua bôca, apenas,
reside a confiança em Deus.

247. É sim. Intimamente,
resmungam,
desafiando a Deus,
"Terá Deus vista
capaz de me ver? » dizendo.

252. Vamos, retira-te logo!
Daqui iréi visitar
os interiores das ocas para revolvê-los.
Tenho pressa, êstes meus súditos
há muito me desejam ver...

257. -Quais?
-Os escravos velhos,
velhas, rapazes,
homens, moças,
todos os que, submissos,
tenho sob o meu poder.

-V. 251 — Faltam E 2 a, VV. 338-365.

-V. 252 — E 2 a, V. 366, *pekoá sapyá*.

-VV. 253 e 254 — Originais.

-V. 258 — E 2 a, V. 370, *Tapijára tulmbae*.

263. (375) Taipapáne iangaipába,
taxereroiá jepé.
Anjo — Neĩ! Tasendú, teñé...
Aimbirê — Tynysê memé igasába.
Niapóri kauĩ resé.
268. (380) Sabeipóra suĩ be,
ojoapixapixápa.
*140v Anjo — Rei morubixába ñe
oñeéng memé ixupé
senoñéna, iakakápa.
273. (385) Aimbirê — Oporakakáb abá!...
R Réia e, kauĩ poaitára,
miausúba soguábo pa
"Morubixá, mosakára,
/teĩ ixébo!" ojabangá.
278. (390) Ndeiteé, kunuminguasú,
morubixába osoguápe
oikébo memé kaguápe,
aépe kuñámukú
repeñána, ipotasápe.

263. Enumerarei os seus vícios,
acreditarás em mim.
-Seja! Ouvirei, mas é inútil...
-Estão sempre cheias as igaçabas.
Não há falta de cauim.

268. De tão ébrios,
ferem-se uns aos outros.
-O morubixaba rei
fala-lhes sempre
incriminando-os, censurando-os.

273. -Censura os índios!...
O próprio rei, dono da festa,
convida todos os escravos
"Morubixabas, moçacaras,
venham a mim!" exclamando.

278. Portanto, os rapazes,
a convite do morubixaba
é que se banqueteam,
ali as moças
agredindo, à vontade.

-V. 270 — *Rei morubixába* — principal rei, deve referir-se ao chefe da confraria (cf. V. 368). A dos escravos, no Espírito Santo, era presidida por um rei e uma rainha (TTGB, 342). E 2 a, V. 382, *Morubixá tuĩmbac*.

-V. 274 — *Réia e* — E 2 a, V. 386, *Aeté*.

-V. 275 — *miausúba* — E 2 a, V. 387, *apiába*.

283. (395) *Anjo* — Emonã sekó sui
Arakajá sapekóu,
mundépe iporerasóu . . .
Aimbirê — Arakajá, te, omborý.
Ojojá marã sekóu . . .
288. (400) *Anjo* — Ojepé jombé, nipó,
iangaipáb amomecé.
Aimbirê — Namoángi . . . Setá ñe,
xe aé aporomoingó
moropotára resé.
293. (405) *Guaixará* — Jambé, toropytybóne.
Ojoaoáó guaibĩ,
ojoamotareỹ,
jemoyrõ nopabixóne.
Marã ejára, omborybĩ . . .
- *141
298. (410) Iangaipá ko kenai
eimoéma moñánga,
kaá mosánga raánga
oausúba oipotá ri —
ojemomoramoránga.

283. —Por isso costumam
freqüentar os aracajás,
que vão aprisionando . . .
—Os aracajás, porém, gostam disso.
Também vivem em desmandos . . .

288. —Uns aos outros, certamente,
provocam algumas vezes.
—Não sei . . . Frequentemente,
eu mesmo os induzo
a desonestidades.

293. —Espera, eu te ajudarei.
As velhas injuriam-se,
odeiam-se,
não cessam de maldizer.
As que se calam, consentem . . .

298. Pecam estas vagabundas
tecendo intrigas,
experimentando remédios do mato
para serem amadas
e tornarem-se belas.

—V. 296 — E 2 a, V. 408, *marã e nopykyxóne*.
—V. 300 — E 2 a, V. 412, *mosánga raá raánga*.

303. (415) *Aimbirê* — Aépe kunuminguasú
kuñã oimomosémbae,
tapuipéra potá ñe
ñaimbyára pupé katú
ojekotirúng baé?

308. (420) *Guaixará* — To ! Aipó nipapasábi,
koarasýmo oiké jepémo !
Opá tába moangaipábi !
Aimbirê — Añé, nitekokuábi.
Jandé momburú meémo . . .

313. Emaē, pindaytykára,
jepotasápe memé
oaguasá poxy supé,
oimojaók oembiára
ojára kupébo ñe.

*141v 318. Imondá memé, moxy,
abá igára míma ñe.
Anjo — Ojára opeá itúpe e,
emonã sekóu jepí.

322. *Aimbirê* — To ! Inã jepé raé ?
Xe rorý, tarasopá
xe ratápe seroá
sembiausúba resebé.

303. -E êsses rapazes
que perseguem mulheres,
cobiçam escravas
e pelos matos
se emboscam ?

308. -Ó ! Isto não teria fim
ainda que o sol entrasse !
A taba inteira é pecadora !
-Realmente, não têm discernimento.
Deveriam amaldiçoar-nos . . .

313. Olha, os pescadores,
que desejam sempre
suas maklosas mancebas,
desviam sua própria pesca
às ocultas do patrão.

318. Roubam sempre, criminosamente,
escondendo as canoas dos índios.
-Afrontam o seu Senhor,
continuando a viver dessa forma.

322. -Ó ! É assim ?
Alegro-me, arrastarei todos
a comigo caírem no inferno,
junto dos que lhes são caros.

-V. 305 — *tapuipéra*, E 2 a, V. 417, *miausúba*.

-V. 306 — E 2 a, V. 418, *karaibókupe katú*.

-V. 307 — E 2 a, V. 410, *oheguaséma memé*.

-V. 313 — Os vv. 313-340 são originais.

326.

Xe rausú pabē abá :
ko Paranambúk iguára,
ko Aritaguápe ndoára,
ko Iñambutī iguá,
ko yhyapápe soára.

331.

Ajosúb Itaukáia,
ipupé ko aiputuú.
Itaóca xe rausú.
Aépe xe remimboáia,
xe ñeénga pyakatuú.

336.

Jakurutú koá pupiára
xe ñeénga oimopopá.
Memé Maguarynsára,
Takuarý sobái iguára,
Tapéra xe rerobiá.

326. Eu gosto de todos os índios :
dos que moram em Pernambuco,
dos que moram em Aritaguá,
dos que moram em Inhambuti,
dos que moram nesta região.

331. Frequento Itaucaia,
onde descanso.
Amo Itaoca.
Ali vivem criaturas minhas,
que acatam as minhas ordens.

336. Os naturais de Jacurutu
executam o que ordeno.
Como os habitantes de Maguari,
os de além do Taquari
e de Tapera crêem em mim.

- V. 327 — *Paranambúk* — *Pernambuco*, nome por que se designam, nos mapas antigos, a capitania, o porto do Rio Igarçu e o da atual cidade de Olinda. Com o mesmo nome aparecem outras localidades e aldeamentos.
- V. 328 — *Aritaguá* — *Aritaguá*, povoação da Bahia, no município de Ilhéus.
- V. 329 — *Iñambutī* — *Inhambuti*. Seria o atual *Inhambupe* na Bahia, indicado na cartografia antiga por Rio do Ódio, lembrança possível de algum encontro hostil? (Cf. MAB, 243).
- V. 330 — *yhyapá* — Não é provável que Anchieta referisse Ipiapaba, serra do Ceará. O mapa do carmelita Santa Teresa (SHRB, 20/21) registra uma aldeia de "ibirapaba" na Província de Itamaracá. O VLB explica *yhyapá* como um "salado ou mercado qualquer, e como quer" (sic, VLB, 421), o que parece indicar a região limítrofe.
- V. 331 — *Itaukáia* — Cf. E 2 b, V. 169.
- V. 333 — *Itaóca* — *Itaoca*, literalmente "Casa de Pedra". Citam-se várias : uma junto ao riacho Carioca (VTB, 94/95), outra ao norte do canal de Itajuru, que liga o Cabo Frio à Lagoa de Araruama. Era um grande armazém abobadado, construído pelos franceses com pedra e cal. Por ele penetravam os navios que vinham se abastecer de pau-brasil (NB, 183). Além dessa, há uma *Itioca* ou *Casa de Pedra* ao sul do Rio Saquarema (SGRB, 66/67).
- V. 336 — *Jakurutú* — *Jacurutu*, nome antigo do Rio Prado, na Bahia. Vem indicado em diferentes autores como "Jucuruçu", "Jacuruçu", "Jucuru", "Jurucu", "Bucuruçu".
- V. 339 — *Taquari* — *Taquari*, nome dado a vários rios, entre os quais um em Pernambuco, na freguesia de Taquara, nascendo no Porto dos Franceses, outro na Bahia, ao sul do Prado (Cf. E 2 b, V. 336); outro no Rio de Janeiro, município de Parati. Há referência, em Haus Staden, a uma aldeia aliada dos franceses e denominada *Tycórippe* (sic), situada a seis léguas de Ubatuba (VII, 73).
- V. 340 — *Tapéra* — Cf. E 2 a, -V. 603.

*141a 341. (425) *Anjo* — Oikobé jemombeú,
mosánga moeirabijára.
Abá ánga maraára,
ipupé opoeiraikatú.
Sakipuéri Tupã rára.

346. (430) Oangaipába moasý re,
abá sóu jemombeguábo
"Xe katú peká...", ojábo.
Osobasáb abaré,
Tupã moñyrongatuábo.

351. (435) *Guaixará* — Angaipabeýmame
oñemombeú katú!
Miausú kuñāmukú
oekó aibeté
ojomĩ, oikuakú...

356. (440) *Aimbirê* — Semõ jepé,
"Teõ rerobýka e,
xe angaipá tubixaguéra
anoséne", eí ñe...
Guaixará — Esendú te. Supié,
asekýi ipoxý puéra...

341. -Existe a confissão,
remédio senhor da cura.
As almas enfêrmas dos índios,
com ela saram de todo.
Segue-se-lhe a comunhão.

346. Quando seus pecados lhes causam
[remorsos,
os índios vão se confessar
dizendo: "Quero ser bom..."
O padre abençoa-os,
aplacando a cólera de Deus.

351. -Como se não tivessem pecados
eles confessam!
As escravas moças
seus vícios
escondem, disfarçam...

356. -Absolvidos,
"Ao aproximar-se a morte,
a meus grandes pecados
renunciarei", dizem.
-Ouve. Na verdade,
desfiei as suas velhacarias...

-V. 346 — E 2 a, V. 430, *Oikó moasy riré*.

-V. 353 — E 2 a, V. 437, *Aujé kunuminguasú*.

-V. 358 — *anoséne* — E 2 a, V. 443, *amoséne*.

362. (446) *Anjo* — Iamotareymetébo,
perekó aí aí.
Ixé najejýi ixuí,
Tupã supé uijerurébo
ipytybómo jepí.

*141av 367. (451) Tupã resé ojerobiá,
oimoñáng ko "Confraria",
tekó angaipába rejýia,
Paí *Iesus* rekó ra,
sesé ñe ojemboryrýa.

372. (456) *Guaixará* — Eiteñé serobiá.
Ereipysyrō teñéne, — *ed terente n*
nde po suí anoséne.
Abebé ko ybytú ja.
Anoñã, arobebéne...

377. (461) Aimbiré,
jarasó, murú, taujé,
jandé roipýra moesáia.
Ko xe akusú. Xe ráia...
Aimbiré — Je, kobé xe poapē,
xe roaibukú, xe tyáia...

362. -Odiando-os tanto,
procurais prejudicá-los.
Eu não me afastarei deles,
suplicando a Deus
que os auxilie sempre.

367. Confiaram em Deus,
criando esta Confraria,
afastando os maus costumes,
imitando o Senhor Jesus,
a ele respeitando.

372. -Inútilmente confiaram.
Ainda que os auxílios,
eu os arrebaterei de ti.
Eu voo como este vento.
Correrei, voarei com eles...

377. Aimbiré,
vamos depressa
alegrar nossos fiéis.
Aqui estão os meus chifrões. Eu
[ranjo os dentes...
-Sim, aqui estão também minhas
[garras,
meus longos dedos, meus dentes...

-V. 367 — *Tupã* — E 2 a, V. 451, Xe.

-V. 368 — Citam-se várias confrarias no Brasil colonial: a dos Escravos, no Espírito Santo, a do Menino Jesus, em São Vicente, etc.

Confraria — E 2 a, V. 452, *Tupã-óka*.

-V. 369 — E 2 a, V. 453, *tekó puéra rekoabóka*.

-V. 370 — E 2 a, V. 454, *oarodnango xe ra*.

-V. 371 — E 2 a, V. 455, *xe resé katú ojekóka*.

-V. 372 — *Sombiá* — E 2 a, V. 456, *nde rerobiá*.

-V. 373 — *teñéne* — E 2 a, V. 457, *jepténe*.

-V. 380 — *ráia* — E 2 a, V. 464, *rãna*.

serobiá

serobia (no manu...)

383. (467) *Anjo* — Napeapysái, jandú,
peporapití potá,
peẽ aé pejekoá,
ko tába pobú pobú.
(474) Pekoá, tatápe peá !

388. (566) Jiamurú, mokoibé
pekái ojepeguasúne.
Iangaturã, koyré,
Paí Tupã rausúpa ñe.
Xe remiarõ jandúne.

Faz uma prática aos ouvinles :

*142 393. (571) Perorý,
xe rayretá, xe ri.
Ko aikó pepysyrómo.
Ajúr ybáka suí
perokybyñã rupi,
jepí ñe pepytybómo.

399. (577) Ko tába renýreme,
pe pýri ñe xe rekóu.
Ndarojái mamó xe sóu.
Tába raroánamo ñe
Jandé Jára xe moingóu.

383. -Não espercis, como de outras vèzes,
andardes matando,
atirando-vos a èles,
desorganizando esta aldeia.
Ide-vos, caí no inferno !

388. Bem, os dois juntos
ardereis eternamente.
Somos, enfim, todos felizes,
graças ao Senhor Deus.
Estarei sempre de guarda.

393. Alegrai-vos,
filhos meus, por mim.
Aqui estou para vos proteger.
Vim do céu
para junto de vós,
a ajudar-vos sempre.

399. Iluminando esta aldeia,
junto de vós estou.
Não me afastarei daqui.
De custodiar a aldeia
encarregou-me Nosso Senhor.

-V. 383 — Os VV. 384, 385 e 387 são originaes. Faltam E 2 a, VV. 467-473.

-V. 386 — Faltam E 2 a, VV. 475-565.

-V. 388 — E 2 a, V. 566, *Jiá, mosapyribé*.

-V. 397 — *perokybyñã* — E 2 a, V. 575, *perokybyã*.

404.

Xe abé
ajú, ko ára pupé,
mosapý Réia rerú
jasytatá supí e,
pitangí paí Iesu
kotýpe imoingóbo ñe.

11-11-11

(no manuscrito)

410.

Xe ikó. Asausú pe ánga,
sarómo, iporausubóka,
ko ára pukúí ipokóka,
imoi sóbo, imomoránga,
tekó puéra rekoabóka.

415.

*142v

Mãe, añánga aimondó,
satápe murú reytýka.
Naipotári pe ri ixýka,
memé ñe opoapekó,
pe rarómo, pe repýka.

420. (623)

Peteumé,
pepoxyramo angiré,
tokañē perekó puéra
— kaú, aguasá nembuéra,
temoéma, marã e,
joapyxába, maranduéra.

404. Eu também
venho, neste dia,
trazer os três Reis
e a estrela erguida,
do meninozinho Jesus
colocando-os ao lado.

410. Aqui estou. Amo vossa alma,
guardando-a, tendo piedade dela,
guiando-a neste grande dia,
embelezando-a, santificando-a,
afastando-a dos velhos hábitos.

415. Olhai, expulsei os demônios,
atirando-os a seu fogo.
Não me quero afastar de vós,
estando sempre convosco,
guardando-vos, defendendo-vos.

420. Evitai,
de hoje em diante, serdes maus,
para extinguires vossos velhos há-
bitos
— a bebida, o fétido adultério,
mentiras, brigas,
ferimentos mútuos, guerras.

—V. 404 — Os vv. 404-419 são originais. Faltam E 2 a, vv. 582-622

—V. 405 — ko ára pupé — neste dia. Cf. BMP 1, 14, (46).

426. (629)
(640)

Perobiá pe moñangára,
sausúpa, sekó potá,
ipýri be pesapyá,
abará, pemboesára,
iñeénga mopopá.

veja página 638

431. (644)

Pejorí,
pebáka Tupā kotý.
Pe pyá pupé serúpa,
tapesó pejekosúpa
ipotaripýra ri,
ijypýpe ñe pejúpa.

II.º A T O

Dança (¹) Dos Reis

*143 437. 1.º —

Vimos a vos visitar,
bom menino, Deus eterno.
Vós nos queirais ajudar
para poder escapar
do grande fogo do inferno.

442. 2.º —

Os três Reis, com devoção,
vieram a visitar-vos.
Eu também quero louvar-vos
de todo meu coração,
e sempre, Senhor, amar-vos.

426. Confiai em vosso criador,
amando-o, acatando sua lei,
obedecendo mais a êle,
e do sacerdote, vosso mestre,
executando as palavras.

431. Vinde,
para o lado de Deus, no céu.
Trazendo-o em vosso coração,
ireis gozar
junto dos que lhe são queridos,
pousando-lhe aos pés.

-V. 426 — *Perobiá* — E 2 a, V. 629, *Pesauel*. Faltam E 2 a, VV. 630-639.

-V. 428 — *pesapyá* — E 2 a, V. 641, *perobyá*.

-V. 429 — E 2 a, V. 642, *pererekoára abé*.

(¹) — 1.º, LX. Provavelmente executada por meninos índios, cf. E 2 a, V.º ato.

-V. 437 — Os VV. 437-496 são originais.

447. 3.º —

Eu também venho a dançar,
pôsto que sou pecador,
mas não tenho que vos dar,
porque não quero furtar
o peixe de meu Senhor.

*143v 452. 4.º —

Los Reyes, en este día,
os trajeron muchos dones.
Yo vengo, con alegría,
Señora Santa María,
a pedir muchos perdones.

457. 5.º —

Ko ajú, nde robaké,
nde resé guijerobiá.
Ejorí, xe jarigué !
Taxerausúba jepé,
nde mbaéramo xe ra !

462. 6.º —

Virgem Maria Senhora,
vosso escravo quero ser
e protesto de viver
em vosso serviço, agora
e depois, até morrer.

*144 467. 7.º —

Aroyrô tekopoxý,
nde rekó potakatuábo.
Jorí ! Nde rekó rupi
xe moingóbo, xe Jarí,
xe rekopoxý jukábo.

472. 8.º —

Madre del Señor Jesús,
pues os hablo en castellano,
tenedme de vuestra mano,
para que vea su luz
en el reino soberano.

457. —Aqui estou, à tua frente,
confiante em ti.
Vem, ó meu Senhor !
Ama-me,
apodera-te de mim !

467. Detesto o mal,
desejo as tuas leis.
Vem ! Em teu regime
inicia-me, meu senhorzinho,
extirpando os meus vícios.

477. 9.º —

Senhor, êstes cinco réis
são do peixe que vendi.
Não vos trago mais aqui,
porque ontem, todo o mais
dei por vinho, que bebi...

*144v 482. 10.º —

Eu fui o seu companheiro,
e por mim foi enganado.
Perdoai nosso pecado,
pois que vós sois o cordeiro,
que pagais pelo culpado.

487. 11.º —

Eu sou selvagem brasil,
e como não sei furtar,
não tenho, para vos dar,
nem moeda, nem ceitil.
Contudo, vos quero amar.

492. 12.º —

Xe ramúia, akoeimeé
xe poxyramo uitekóbo.
Kof, nde rekó resé,
ajemomotareté.
Jorí, supí xe moingóbo!

492. Sou tamoio, muito tempo
vivendo maldosamente.
Hoje, com tua lei,
quero tornar-me bom.
Vem, faze-me elevar-me!

*98v

1.

O Brasil que, sem justiça,
andava mui cego e torto,
vós o metereis no pôrto
se lançar de si a cobiça
que de vivo o torna morto.

6

Quae sine iustitia prauo Brasilia cursu
ibat et obliquum, caeca, tenebat iter,
nunc directa, tuae iusto moderamine uirgae,
seruabit, tuis rectis, iusque piunique uisu.

6. O Brasil que, sem justiça, em mau caminho
andava e, cego, mantinha rumo torto,
hoje, direito, com o contróle de teu regime justo,
observará, com teus preceitos, o que é correto e pio.

(1) — I^a, LI.

*98v 1. Non tribuli ficus non profert carduus uanos.
 Quid mirum fructus dat bona planta bonos?
 Cum sis felix, bona, nobilis, utilis arbor,
 quid, nisi iustitiae, mitia poma dabis?

5. No bom fruto se declara
 se a planta tem bondade.
 Logo, a fruta Humanidade,
 que usais com vossa vara,
 mostra vossa piedade.

1. Nem os abrolhos, nem o cardo produz figos falsos.
 Por que admirar que dê bons frutos a planta boa?
 Se és árvore fecunda, boa, nobre, útil, por que não
 produzirás apenas os pomos doces da justiça?

⁽¹⁾ — I^o, LII.

E 5

NA VILA DE VITÓRIA

(castelhano-português)

(a)



(b)



FIG. 19

O antigo Colégio dos Jesuítas (a), hoje Palácio do Governo (b), em Vitória, no Espírito Santo.

NA VILA DE VITORIA (1)

Depois de sobrevoar o território acidentado do Rio de Janeiro e as serras que atravessam o Estado do Espírito Santo, o avião baixa num campo amplo, um pouco triste, mas muito sereno: o campo de aviação de Vitória, capital capizaba. E o turista, que se perguntou tantas vezes por qual razão teria Anchieta preferido a Piratininga a Capitania do Espírito Santo, julga compreender que por tenha sido aquela a terra eleita para repouso de seus dias.

A capital estende-se em torno da bonita baía de Vitória, na Ilha de Duarte Lemos. Diante dela, no continente, como um retrato dos séculos, avista-se a antiga capital — Vila Velha — de ruazinhas estreitas e casinhas pobres, com suas reminiscências históricas. A cavaleiro do morro, dominando o mar, o esplêndido monumento da Penha (2). Na própria capital, o curioso contraste das velhas escadarias populares nas ladeiras e as escadarias monumentais dos edifícios modernos — o Palácio do Governo, por exemplo, antigo Colégio dos Jesuítas, em Vitória (3).

A ala lateral do Palácio está ocupada pela Secretaria da Educação. Há tempo funcionavam ali as oficinas da Imprensa Oficial, que substituiu a velha igreja da cidade — Igreja de Santiago (4). No pátio dessa igreja conservou-se, por muitos anos, o hábito de se fazerem representações teatrais nas festividades religiosas. Consagrava o local terem estado sepultados na igreja os ossos de Anchieta (5). Explica-se, assim, que haja hoje, no interior da Secretaria da Educação de Vitória, um compartimento reservado, espécie de capela, cuidadosamente decorada a óleo, onde se conserva a lápide encontrada por ocasião de se transformar a igreja em oficina. Nela se lê:

HIC IACVIT VENE
RAB P IOSEPHVS
DE ANCHIETA SOC
I BRASILIAE APOST
ET NOVI ORB NOV
VVS THVMATVRG.
OBIIT RERITIRAE (6)
DIE IX IVN ANN.
MDXCVII (7)

(1) — Indicado no texto como "Vila de Vitória", "Vila da Vitória" e simplesmente "Vitória", cf. VV. 398/399, 502, 566, 1250/1251 e 458.

(2) — Fig. 7, cf. -V. 185.

(3) — Fig. 19.

(4) — Fig. 20.

(5) — Em julho de 1609 os ossos de Anchieta foram trasladados para a Bahia. Posteriormente, por breve de Urbano VIII, distribuíram-se como relíquias. Consta, porém, que por ocasião de se remover a lápide citada, foram encontrados ainda sob ela alguns ossos. Transportaram-nos dali, singelamente. Devem estar sob a atual.

(6) — *Sic.*

(7) — "Aqui jazeu o Venerável P. José de Anchieta, apóstolo da Companhia de Jesus no Brasil e novo taumaturgo do Novo Mundo. Morreu em Reritiba, no dia 9 de junho do ano de 1597." Cf. fig. 21. No Museu de Arte Religiosa, de Vitória, conservam-se dois tijolos que teriam pertencido a esse sepulcro.

"Na Vila de Vilória" deve situar-se nesse ambiente. Terá sido representado na praça fronteira à Secretaria de Educação atual, antigo pátio da Igreja de Santiago, e datará, provavelmente, de 1584-1586 ⁽⁸⁾.

É o mais longo auto do caderno de Anchieta. Comparável, em técnica, inspiração e estilo a "Na festa de São Lourenço" ⁽⁹⁾, caracteriza-se, entretanto, por observações psicológicas e certos aspectos curiosos de linguagem ⁽¹⁰⁾. Relaciona-se com A2 e A7, a que se devem filiar suas origens.

⁽⁸⁾ — Cf. BMP 3, 12.

⁽⁹⁾ — E 2 a.

⁽¹⁰⁾ — Cf. BMP 3, 10, (1) a (25).

LOCAL — Pátio fronteiro à antiga Igreja de Santiago, em Vitória, no Espírito Santo (1).

DATA — Biênio 1584-1586.

PERSONAGENS — Satanás
Lúcifer
São Maurício
Vila de Vitória
Govêrno
Ingratidão
Embaixador do Rio da Prata
Vitor, companheiro de São Maurício
Temor de Deus
Amor de Deus
2 companheiros de São Maurício

TEMA — Vitória chora porque a vila está sob o domínio do mal e da ingratidão. Um Embaixador do Rio de Prata ameaça retirar da vila as relíquias de São Maurício.

ATOS — 1.º Discussão entre Lúcifer e Satanás, adversários de Deus e corruptores dos homens. Tentam São Maurício, discutem, lutam com êle e são vencidos.

2.º A Vila de Vitória chora a ingratidão de seu povo. O Govêrno aconselha obediência aos espanhóis e a Deus. Mas a Ingratidão declara-se senhora da vila. O Embaixador exige que ela seja expulsa dali, ou ficará a vila sem as relíquias, que possui. Companheiros de São Maurício expulsam a Ingratidão. O Temor e o Amor de Deus penetram na cidade, que se catequiza com seus sermões.

3.º Carregam-se em procissão as relíquias de São Maurício.

LÍNGUAS — Castelhana e portuguesa.

(1) — Fig. 20.

E 5 NA VILA DE VITÓRIA (1)

1.º ATO

*100

*Satanás a Lúcifer
antes que lente a
São Maurício :*

1. ¡ Mal mes y peores años
te dé Dios en el infierno !
¡ Acreciéntense tus daños
en aquellos frescos baños
de tu fuego sempiterno !

6. ¿Dónde vas,
sin llevar a Satanás,
tu leal siervo, contigo ?
¿Tienes otro tal amigo ?
¡ Que te doy a Barrabás
y con Judas te maldigo !

12. Con Mahoma y con Lutero,
con Calvino y Melantón,
¡ te cubra tal maldición,
que te quemes todo entero,
ardiendo como tizón,
Lucifer !

*100v 18. Dime, ¿qué de tu saber ?
¿qué es de tu pompa y estado ?
Solo, desacompañado,
¿quieres ir a cometer
capitán tan afamado ?

(1) — I^a, LII.

-V. 1 — São Maurício era padroeiro da vila da Vitória, no Espírito Santo, onde se veneravam relíquias suas. Consideravam-no protetor contra as sêns, cf. VV. 1393 e sgs. e A 2, V. 48.



Fig. 20

A antiga Igreja de Santiago, em Vitória, no Espírito Santo, hoje Secretaria da Educação. Nesta se tem representado "Na Vila de Vitória".

23. *Lúcifer* -- E como não poderei
vencer um fraco esquadrão,
pois no céu, de rondão,
tantos mil anjos levei,
e na terra, o grande Adão?
28. *Satans* — ¡ No ! que ya tu fantasía
y soberbia se abajó,
en el tiempo que ayunó
el que dicen ser Mesía,
con un revés, que te dió.
33. Bien pensaste,
cuando piedras le llevaste,
darle una buena pedrada.
Mas, mohino, ¿ en qué paraste ?
Aullando te tornaste
con la cabeza quebrada . . .
- *101 39. *Lúcifer* — Olha cá, tal vai de guerra !
Se nesse encontro caí,
tão grande afronta senti
que depois, em tôda a terra,
muitas batalhas venci.
44. *Satanás* — Por la ayuda que te di . . .
Porque siempre fui tu espía,
y toda tu valentía
fué por me tener a mí
por tu adalid y guía.
49. En fin, nunca has de dejar
de ser soberbio y arrogante . . .
Si quieres ser triunfante,
yo te debo acompañar,
armado con mi montante.
54. ¿ Si supieses lo que he hecho
en Portugal y Castilla ? !
¡ Es cosa de maravilla
cómo, a tuerto y a derecho,
levanto tanta rencilla !

- *101v 59. Aquí hago que renieguen,
allí muevo a blasfemar,
unos hago perjurar,
a otros, que siempre jueguen
para robar y matar.
64. Mi solaz
es llamarme "Satanás",
del sumo Dios adversario,
de las almas gran corsario,
destruidor de la paz,
y de todo bien contrário.
70. Yo revuelvo brevemente
Asia, África y Europa.
Así engullo toda gente,
como puede el fuego ardiente
tragarse cualquier estopa.
- *102 75. *Lúcifer* — Tais façanhas
farás tu nas Alemanhas,
que tuas mentiras crêem,
nas França e nas Espanhas.
Mas no Brasil, tuas manhas
muito pouca medra têm.
81. *Satanás* — ¡ Cierta que eres tan sutil
como un asno albardado !
¡ Lindamente has atinado !
¡ Cualquiera tierra del Brasil
me trago yo de un borado !
86. Pues esta Capitanía,
llamada "Espíritu Santo",
¡ yo le doy tal batería,
que hacen, de noche y día,
pecados a cada canto !
91. Y si no,
¿ quién pudiera, sino yo,
 viniendo acá, del infierno,
del verano hacer invierno ?
Pues todo se revolió
sobre el mando y el gobierno . . .

97. ¿Tú no ves
mis engaños, mi doblez?
¿que procuro, tan de prisa,
*102v todo mudar al revés,
y de la cabeza pies,
de los pies hacer cabeza?
103. La justicia,
¿quién hace, que con codicia
vaya contra su conciencia,
y que dé mala sentencia,
con rencor y con malicia,
sin verdad y sin clemencia?
109. Pues las guerras,
que hacen por estas tierras
los que se llaman "cristianos",
a los brasiles paganos,
por mares, ríos y sierras,
¿dónde nacen? — De mis manos.
115. Lo mejor :
hago que, con gran sabor,
encomienden al diablo
al triste predicador,
mas que alleguen en su favor
a San Pedro y a San Pablo.
121. *Lúcifer* — Se não mentes, bem trabalhas.
Mas não sei quem há de crer
*103 que tu só possas vencer,
em tão diversas batalhas,
gente de tanto saber.
126. *Satanás* — ¿Qué razón?
No queda ningún rincón
que no revuelva en un punto.
La costa con el sertón,
chico y grande, todo junto
ato yo con un cordón.

132. ¡ Si me vieses cuán de presto
doy vuelta por los quintales,
llevando, como animales,
atados con un cabresto,
estos pulidos zagales !
137. Pleitos, bandos, disensiones,
yo los muevo y los sustento.
Odios, afrentas, baldones,
cuchilladas, bofetones,
todo eso yo lo invento.
142. ¿Quién hace vender el hato
por precio tan desigual?
¿Y que el mercader carnal
venda, con tan gran barato,
su alma por un real?
- *103v 147. Pues si voy a las aldeas,
los blancos vanme buscar,
y para más me agradar,
piensan que es comer obleas
a los indios engañar . . .
152. Todo es revolver ollas.
La mentira es muy barata.
Con cualquier vintén de plata
no escapan pollos ni pollas,
gallina, Perú ni pata.
157. ¿Quieres más?
Ningún pecado verás
por playas, fuentes y ríos,
canoas, barcos, navíos,
que no invente Satanás,
con trescientos desvaríos.
163. *Lúcifer* — Pois aqui te amam todos,
onde estiveste êstes dias?
 Satanás — Allá, en las capitanías,
inventando muchos modos
para hacer mis pescarías.

-V. 151 — Alusão ao deplorável método de iludir, com promessas, os silvícolas que, enganados, eram levados a revolta e violento rancor contra os brancos.

168. Como llegué tan cansado
de muchas almas pescar,
abajo quise quedar,
donde fui muy regalado
de los del otro lugar.
- *104
173. *Lúcifer* — ¡ Has oído,
por dicha, su apellido?
Satanás — Es un lugar sin pareja,
en males envejecido,
en el cual soy muy servido,
que se llama “Villa Vieja”.
179. ¡ Son muy grandes mis devotos
aquellos honrados viejos!
Toman muy bien mis consejos
de ser siempre cestos rotos,
y nunca mudar pellejos.
184. Allí estaba a mi placer.
Mas aquella de la Pena
me hizo de allá acoger,
porque de aquella mujer
toda mi pena se ordena.
189. Y de un vuelo,
sin poner el pie en el suelo,
me fui a las rozas viejas,
donde tengo mil pellejas,
y me trago sin recelo,
como lobo, las ovejas.
- *104v 195. Mas, como vi que querías
esta guerra cometer,
te vengo a favorecer,
porque sin mí, mal podrías
tan gran batalla vencer.

-V. 178 — *Vila Velha* — denominação da antiga Vila do Espírito Santo, em contraposição com a Vila Nova, instalada em virtude de incessantes correrias do gentio goitacá, na Ilha de Duarte Lemos, e mais conhecida por Vila da Vitória, consta que por ter sido nela obtida vitória sobre os selvagens que, em 8-9-1551, a atacaram. Segundo o texto, a denominação proviria de Nossa Senhora da Vitória, cf. VV. 501 e sgs. e A 7, VV. 110-111.

-V. 185 — Uma das mais preciosas relíquias da cidade de Vitória é o Convento da Penha, construído no alto de um monte pedregoso. Foi fundado por Frei Pedro Palácios que, em 1558, trouxera de Espanha um painel de Nossa Senhora da Penha, abrigando-se ao pé do monte onde, ainda hoje, se venera a gruta em que, dizem, ele morou (Fig. 7). A história de Frei Palácios e seu convento está cercada de lendas milagrosas. Cardim cita, em 30 de novembro de 1583, uma romaria a essa capela (TTGB, 344).

200. *Lúcifer* — Cal'te! Não te gabes tanto,
que se foste vencedor
dalgum fraco pecador,
contra tão insigne santo
não tens fôrça nem valor.
205. *Satanás* — ¿No te acuerdas cuando, antaño,
me hiciste mil mercedes,
porque cacé, con mis redes,
un viejo, gran ermitaño,
metido entre dos paredes?
210. Quien tal victoria alcanzó,
¡ mira, si te ayudará !
No te vayas solo allá,
que sin mí, te juro yo
que vuelves vencido acá.
215. *Lúcifer* — Aqui tenho bons guerreiros
— a Carne e o Mundo vão — ,
que comigo vencerão,
como fortes cavaleiros,
a Maurício Capitão.
- *105 220. *Satanás* — Esos dos, yo los atizo,
que sin mí pueden muy poco.
Sin mí, ningún mal se hizo,
y por tu honra te aviso :
Lucifer, ¡ no seas loco !
225. Yo de nuevo te requiero :
no confies tanto en ti,
que Mauricio es muy guerrero.
No quedes por moradero,
si lo combates sin mí.
230. *Lúcifer* — Satanás,
não te bulas ! Fica atrás,
porque quero tôda a glória
desta tão grande vitória,
como logo bem verás,
com minha imortal memória.

Fala ao Mundo e à Carne :

236. Companheiros ! Comecemos
a batalha !
Rompa-se o saio de malha
de sua fé !
A vitória nossa é,
inda que seu Deus lhe valha !

*105v *Vão a lutar aos santos,
ficando Satanás atrás,
o qual diz :*

242. ¡ Cuatro higas para vos !
Vos volveréis bien pelado,
que ese escuadrón esforzado
tiene de sua parte a Dios,
y de fe está todo armado.

*Depois de combaterem ao santo,
tornam como vencidos, e rece-
be-os Satanás, dizendo :*

247. Mi amo, ¿ qué priesa es esa
que traéis ?
Parece que volvéis
con la mano en la cabeça,
y que habláis con los piéis . . .

252. *Lúcifer* — Venbo tão envergonhado
que estou para arrebentar.
Pois um tão fraco soldado
contra mim foi esforçado,
sem podê-lo derrubar.

—V. 244 — Várias vezes mencionado nas poesias de Anchieta, o esquadrão de São Maurício, massacrado por ordem de Maximiano, figura com 6000 e 6666 soldados, cf. V. 1282, A 2, V. 31-32, e A 7, VV. 234 e 1137.

—V. 251 — *piéis* — **peis*, rimando com *volvéis*, *traéis*.

*106 257. *Salands* —

Ende, ¡mal!
Porque no te paró tal
que quedaras sin raíces,
¿pensabas que era el real
de aquel pueblo sensual,
que pedía codornices?

263. Teníaste por león,
mas quebráronte las muelas . . .
Toma, ¡ para baladrón !
¡ Pide agora, de aguilón,
a las viejas, tus abuelas !

268. ¡ Oh, mal mes
te den, con fuego de pez !
Que yo, del primero tajo,
o del segundo revés,
diera con él a tus pies,
sin peligro ni trabajo.

274.

Esta mano
es mas fuerte que el tirano
para hacer negar a Dios.
Por eso mudé mi voz :
para hablarle castellano
y mostrarme más feroz . . .

*106v

280. Déjame le dar combate,
que yo le daré mal año.
O por fuerza, o por engaño,
¡ hoy le tengo de dar mate
y restaurar nuestro daño !

Vai tentar a São Maurício :

285. Mauricio, ¿crees en Dios?
 Mauricio — Sim, que é todo poderoso,
 infinito e glorioso.
 Satand's — Bien, concordamos los dos.
 Eres hombre generoso.

290. Bien parece que has venido
de Tebas, la gran ciudad.
Ese Dios, en que has creído,
es Júpiter muy temido.
¡ Adora su deidad !
295. *Maurício* — Bom velhaco ! És nomeado
tirano, salteador,
sodomita, matador,
dos homens o mais malvado,
de seu pai perseguidor,
- *107 300. adúltero, fementido,
peste dos gentios cegos !
Satanás, consigo : (Yo lo tengo allá en mis fuegos.
Mas, como tiene leído
las historias de los griegos . . .)
305. *Com Maurício :* Hermano, en eso va poco.
Sea Dios quien se lo fuere,
cuando el tirano viniere,
cata que no seas loco,
adora quien te dijere,
310. para que tengas riqueza,
deleites, honras y gloria.
Maurício — A verdadeira nobreza
é viver com grã pureza,
e com morte haver vitória.
315. Porque o deleite de cá
tem fim com eterna morte,
mas na mão de Deus está
o que sempre durará,
com mui gloriosa sorte.
- *107v 320. *Satanás, consigo :* Ya me allega con David . . .
¡ Mal camino lleva esto !
He miedo que, muy de presto,
dará fin a nuestra lid,
llevándome todo el resto.

325. *Com Maurício :* No te digo que te entregues
sin más consideración,
sino que, en la adoración,
sólo con la boca niegues,
mas la fe en el corazón.
330. *Maurício —* Tens razão.
Porque a fé do coração
faz ao justo vida ter.
Porém, para a salvação,
a bôca, com confissão,
há também de responder.
- *108 336. *Satanás, consigo :* (Pensé que lo habia asido,
mas yo lo doy al diablo.
Acogióseme a San Pablo.
Yo estoy medio enmudecido,
y no sé lo que me hablo . . .)
341. *Fala com Maurício :* Esto es cierto :
que Dios tiene el pecho abierto
para a todos perdonar.
Si lo quisieres negar,
ni por eso quedas muerto,
ni te has de condenar.
347. Para eso hay penitencia,
con que remediarás.
Después te confesarás,
y de la suma clemencia
cumplido perdón habrás.
- Maurício arranca da espada
e dá-lhe um golpe, dizendo :*
352. *Vade retro, Satanás,*
que quem quer obedecer
a Jesus, sumo saber,
nem um só pecado faz,
com que se possa ofender !

*108v 357. *Salandá, consigo* : ¡ Tomáos con el tebeo !
 ¡ Cómo tenía aguzada
 aquella terrible espada
 que, en el libro de Mateo,
 su Cristo dejó guardada !

362. Mas ¡ qué fiero cuchillazo
el Mauricio me arrojó !
¡ Por poco que me llevó
el pescuezo y espinazo !
¡ Ox ! ¡ Y cómo me dolió !

Vai fugindo para Lúcifer e diz :

367. Lucifer,
 ¿ si me podrías valer?
Lúcifer — Que te tem acontecido?
Satanás — ! Oh ! Que viendo mal herido
 aquel que pensé vencer,
 me dejó más que vencido.

*109 373. Es el caso.
Yo hacia el campo raso,
pensándome que era griego,
y que del primer balazo,
o cualquier arcabuzazo,
lo derrocaría luego.

379. Mas, des que vino a esta villa,
hase hecho portugués,
y arrojóme un tal revés,
que me voy para Castilla.
¡ No dé conmigo al través !

384. *Lúcifer* — Nisso vieram parar
teus ferros e fantasias?
Satanás — Si vieras sus valentias,
hubiérante de espantar
más que el Gigante Golias.

389. *Lúcifer* — Tornemos a cometê-lo !
Satánás — ¡ Ox ! ¡ Que viene San Miguel
con su espada y su broquel,
para en todo defenderlo
y colgarte de un cordel !

*109v 394. ¡ Bien llevo qué remendar
para diez o doce meses !
¡ Ox ! ¡ Qué tajos e reveses
acostumbran de arrojar
estos santos portugueses !

E acolhe-se.

2.º A T O

Entra a Vila da Vitória, passeando :

399. Como el primer padre Adán
de la culpa fué vencido,
obligado y sometido
a toda pena y afán,
el amor de Dios perdido,

404. quedó el humano sentido
inclinado a todo mal,
envuelto en lo terrenal,
dejando puesto en olvido
el gozo y bien celestial.

*110 409. El Diablo, furioso,
como se vió vencedor,
despertó más su furor,
hecho señor poderoso
del hombre, que era señor.

414. Perdió el hombre aquel valor
que del sumo Dios tenía,
y vencido, obedecía
al Diablo vencedor,
sin contraste ni porfía.
419. ¿Quién os parece que había,
que resistiese al pecado?
¿Quién era tan esforzado,
que no fuese, noche y día,
de la culpa cautivado?
424. Aquel primero bocado
a los vicios fuerza dió,
al hombre flaco dejó.
Él, desnudo y desarmado,
a ellos se sujetó.
- *110v 429. Y (lo que es peor de todo),
el cielo quedó cerrado,
para que el hombre, formado
de polvo, ceniza y lodo,
no fuese en él aceptado.
434. Pues siendo hecho y creado
a imagen de Dios vivo,
quiso ser preso, cautivo
de la muerte del pecado,
y de su Dios fugitivo.
439. Y aunque el Padre soberano
su Hijo nos envió,
que los cautivos libró,
con su poderosa mano,
y la victoria nos dió,
444. con todo, el hombre quedó
tan grande amigo del mal,
que quiere ser desleal
a Iesú, que lo salvó,
y a su bandera real.

449. ¡ Ay dolor !
 ¡ Que no hay batallador
 *111 que a los vicios guerra dé !
 No hay caridad ni fe,
 falta el divino temor.
 ¡ Triste de mí ! ¿ Qué haré ?

Posta de joelhos :

455. A vos, mi Dios, lloraré,
 y con suspiros del pecho
 justicia demandaré.
 Pues "Victoria" me nombré,
 que me guardéis mi derecho.

Sentada em uma cadeira :

460. No sabe al que dolerse entristecido,
 mi corazón lloroso y congojado,
 viendo de todo perderse, en el pecado,
 mi pueblo, de muchos vicios ya vencido.

Entra o Govêrno, passeando :

464. Suspiros entranháveis e gemidos,
 que são sinais mui certos de tristeza,
 combatem gravemente meus ouvidos
 e pedem minha ajuda com presteza.
- *111v 468. Suspeito (e com razão !) que está torvada
 a gente desta terra minha amiga,
 e que terá perdida a paz antiga,
 por não querer de Deus ser governada.

Vilória, só consigo :

472. ¡ Llorad, sin descansar, mis tristes ojos,
 mi pena, mi dolor, mi desventura !
 Porque ésta es la más breve y cierta cura,
 para dar refrigerio a mis enojos.

476. *Govêrno* — Onde suspiram? Quem chora?
Parece voz de donzela . . .
Ó! Que matrona tão bela!
Ó! Que modesta senhora!
Quero m' ir haver com ela.

E falando com ela, se assenta :

481. Senhora, vossos gemidos
me fizeram cá chegar.
Quisera vos consolar,
que não sofrem meus sentidos
deixar-vos tanto penar.

*112 486. Vosso honesto parecer,
vossa grave honestidade,
me dão mui claro a entender
que deveis princesa ser
de mui alta dinidade.

491. Dizei-me vosso apelido,
que muito saber desejo.
Não vos torve meu despejo,
porque tenho em mim entendido
que em vós há mais do que vejo.

496. *Vilória* — Gracias os hago, señor,
pues me queréis consolar.
Creo, cierto, sin dudar,
que es grande vuestro valor,
digno de se venerar.

501. Pues que lo queréis saber,
soy la "Villa de Victoria",
cuya dignidad y gloria,
pienso, ya debe de ser
venida a vuestra memoria.

506. Soy antigua en el Brasil.
Mis hijos y moradores
siempre fueron vencedores,
con esfuerzo varonil,
de los indios tragadores.

- *112v 511. En mí se plantó la ley
de Dios, que todo creó.
Con su santa fe, alumbró
Iesú Cristo, sumo rey,
los brasiles, que escogió.
516. *Govêrno* — Não debalde, cá em meu peito,
e no ponto que vos vi,
grão crédito concebi,
tendo-vos um tal respeito,
qual sinto dentro de mi.
521. Mas não me tenhais a mal
perguntar-vos, sem engano
(não vos virá disto dano) :
pois que sois de Portugal,
como falais castelhano?
526. *Vitória* — Porque quiero dar su gloria
a Felipe, mi señor,
el cual siempre es vencedor,
y por él habré victoria
de todo perseguidor.
531. Yo soy suya, sin porfia,
y él es mi rey de verdad,
a quien la suma bondad
quiere dar la monarquía
de toda la cristiandad.
- *113 536. *Govêrno* — Sei que por essa razão
pretendia vosso povo,
com mui leal coração,
dar-vos um título novo,
com nova governação.
541. *Vitória* — ¡ No ! Que eso fué desconcierto,
mas de buen celo causado,
queriendo, con gran cuidado,
viendo mi Señor ya muerto,
subirme a mejor estado.

—V. 527 — Felipe II de Espanha, célebre pela sua religiosidade.

—V. 539 — Alusão, talvez, a alguma pretendia mudança na época.

546. Quien quiere a su rey honrar,
debe en todo obedecer
al que rige en su lugar.
Esto sólo es acertar,
todo al es ofender.
551. *Govêrno* — Quem o contrário disser,
é dino de pena eterna,
pois Jesus nos manda ser
sujeitos, e obedecer,
como a Deus, a quem governa.
556. Não temos mais que tratar
nisto, por ser evidente,
mas seria mui contente,
se me quisesseis contar
vossas máguas, brandamente.
- *113v 561. Ouvindo os vossos gemidos,
tive de vós compaixão.
Qual é, senhora, a razão
de terem vossos sentidos
tanta desconsolação?
566. *Vilória* — Pues mi nombre habéis sabido,
que soy “Villa de Victoria”,
por sí se queda entendido
que ser mi pueblo vencido
es afrenta de mi gloria.
571. ¿No os parece, padre honrado,
que es muy justa mi fatiga?
¡ Pues mis hijos hacen liga
y paces con el pecado
y con la serpiente antigua !
576. La soberbia los combate,
la ira, gula y pereza,
la codicia y la torpeza
cada hora le dan mate,
con gran furor y braveza.

581. Mis hijos, sin fortaleza,
siempre se dejan vencer,
sin quererse defender,
y tienen por gentileza,
del mundo cautivos ser.
- *114 586. *Govêrno* — Bem sabeis vós que nas guerras,
bem mais val o sapiente
que grande corpo de gente,
que quem vence e ganha terras
é um capitão prudente.
591. Por eu daqui ser ausente,
o vosso povo vencido,
se fôr discreto e sabido,
tenha-me sempre presente.
Tudo lhe será rendido.
596. *Vitória* — Pues dadme vuestro favor,
así os guarde el Padre Eterno.
Y por templar mi dolor,
decidme ¿quién sois, señor?
Govêrno — Sou, senhora, o bom Govêrno.
601. *Vitória* — Cierto, en viendo vuestras canas,
me puse a considerar
que podíeis gobernar
las voluntades humanas,
sin un solo punto errar.
- *114v 606. *Govêrno* — Destas cãs não façais conta,
porque não basta ser velho.
Bem posso tomar conselho
de mancebo, sem afronta,
e tomá-lo por espêlho.
611. Que quem tem virtude e saber,
seja de qualquer idade, *N*
êste tal terá majestade
para poder bem reger
todo o mundo, com verdade.

616. Moço era Daniel,
mas muitos velhos venceu
em virtude, e converteu
todo o povo de Israel,
e a Susana defendeu.
621. Aquêles envelhecidos,
que falsamente acusaram
a Susana, em que pararam?
De Daniel convencidos,
enfim os apedrejaram.
626. *Vitória* — Muy bien caigo en esa cuenta,
que el saber y la virtud,
aunque sea en juventud,
siempre rigen, sin afrenta,
y son causa de salud.
- *115 631. Mas, si la larga vejez
es dotada de esos dones,
por muy más fuertes razones
pueden guiar, sin doblez,
los humanos corazones.
636. Porque la experiencia larga,
con la virtud y prudencia,
siempre dan mejor sentencia :
el justo queda sin carga,
el juez, con reverencia.
641. Y, pues sois el buen "Governo",
pidoos me queráis decir
como se podrán regir,
para escapar del infierno,
mis hijos, y bien vivir.
646. *Govêrno* — Senhora, o bom regimento
nasce de lei natural.
Esta ensina o bem e o mal,
e tem pôsto o fundamento
na suma lei eternal.

- *115v 651. *Vitória* — Ésa es cosa muy oscura,
que mal puedo yo entender.
Govêrno — Bem mostrais que sois mulher . . .
Antes, tôda criatura
o pode mui bem saber !
656. O que ensina a natureza,
não sòmentes o cristão,
mas também qualquer pagão
o conhece, com clareza,
sem lhe pôr contradição.
661. Não sabe qualquer pagão
ser mau ter ódio, matar, *hãc !*
fornicar, adulterar? *no*
Não lhe diz logo a razão,
ser mau furtar e enganar?
666. *Vitória* — Por cierto que eso negar
seria gran herejía.
Govêrno — Pois ser mau o infamar,
mentir e mexericar,
não é mais claro que o dia?
671. Se vossos filhos guardaram
essa lei tão natural,
não fizeram nenhum mal,
mas todos se governaram
com amor e paz igual.
- *116 676. *Vitória* — Es justo el juez divino
en condenar a los malos,
pues que para sí regalos
buscan, y al pobre vecino
quieren siempre dar de palos.
681. *Govêrno* — Porque não dissesse o mundo
esta lei ser mui escura,
Deus, que é fundo, sem fundo,
no seu roteiro segundo
nô-la deu por escritura,

686. escrevendo, com seu dedo,
em tábuas de pederneira,
a nossa lei verdadeira.
Corra por ela, sem mêdo,
todo homem sem cegueira.
691. *Vitória* — ¡ Ojalá quisiesen todos
los mandamientos guardar !
Podrían bien gobernar
sus almas, por lindos modos,
y a los cielos aportar.
- *116v 696. *Govêrno* — Porque escusa não ficasse,
quis o sumo Deus, Jesus,
nacer e morrer na cruz,
para que participasse
o mundo de sua luz.
701. Êle nos comunicou
sua fé, com luz inteira,
abrindo larga carreira
co'o exemplo, que nos deixou,
para a vida verdadeira.
706. *Vitória* — Es tan grande obligación
la fe, que Dios nos ha dado,
que hacen mayor pecado
los cristianos de nación,
viviendo tã sin cuidado.
711. *Govêrno* — Mui bem haveis apontado,
porque a verdadeira fé
é govêrno descansado.
Quem quer ser bem governado,
faça nela finca-pé.
716. E não cure de doutrinas,
que inventa a maldade humana,
com opiniões peregrinas,
mas apegue-se às divinas,
que ensina a Igreja Romana.

- *117 721. Ela, por Deus governada,
nos diz o que crer devemos,
e, bem obrando, esperemos
será nossa alma levada
aonde sempre a Deus gozemos.
726. *Vitória* — Quien tuviere tal Gobierno,
siempre será vencedor.
 Govêrno — Queira Deus, Nosso Senhor,
que escapem do fogo eterno,
não perdendo seu amor.
731. *Vitória* — ¿ Tenéis más, buen padre viejo,
 Govêrno — algo de qué me avisar?
Ainda está por declarar,
segundo vosso desejo,
govêrno particular.
736. Tôda a humana criatura
 guarde as regras de seu estado
 — o religioso encerrado,
 o sacerdote e o cura,
 o solteiro e o casado,
- *117v 741. o juiz, o v'reador,
ouvidor e capitão,
o meirinho e escrivão,
o escravo e o senhor,
o fidalgo e o peão.
746. Porque estas são leis humanas,
 que dependem da divina.
 Vitória — Cuádrame vuestra doctrina.
Las almas serían sanas,
con tan buena medicina.
751. Mas, con todo,
 ¿ qué diréis, de este modo,
 de nuestras ordenaciones,
 que son causa de cuestiones,
 y de caer en el lodo
 los hombres, con disensiones?

757. *Govêrno* —
 As ordenações são boas,
 mas muito mal entendidas.
 Por isso, são mal regidas
 por elas muitas pessoas,
 e perdem almas e vidas.
- *118 762.
 Porque o ignorante e mau
 pouco cura da verdade.
 Por fazer sua vontade,
 vos fará da pedra pau,
 inda que a Deus desagrade.
767. *Vilória* —
 ¡ Oh Gobierno de mi vida,
 consejero sin sospecha !
 Quiero ser por vos regida,
 porque el alma está perdida
 del hombre, que os desecha.
772.
 Y pues me viene, por vos,
 victoria del enemigo,
 pidoos, para mi abrigo,
 queráis, por amor de Dios,
 quedaros aquí conmigo.
777. *Govêrno* —
 Isso não, ficai embora,
 que só não posso durar
 nem fazer muita demora,
 pois lançarão daqui fora
 quem me ajuda a governar.
- *118v 782.
 Esperai, logo vereis
 uma velha aqui chegar,
 que m'ha de fazer calar,
 e por aqui sabereis
 qual está vosso lugar.

*Ficam ambos assentados
e entra a Ingratidão.*

787. *Ingratidão —*

Arrenego de Calvino,
de Lutero e Lucifer !
Mofina de ti, mulher,
que não fazes, de contínuo,
senão mil caldos mexer.
Quero ver

793.

se trago alguma colher
para mexer êstes caldos.
Deixai-vos adormecer
e vereis logo crescer
tantos (potes) e ribaldos.

Parece ser zotes (no manuscrito)

*119

798.

Êles vêm-me cá trazer
ossos de martirizados.
Sim, êsses são meus cuidados.
Eu farei, quanto puder,
que não sejam estimados,

803.

porque sou mãe de pecados
e não quero agradecer
quanto bem pode fazer
Deus, com todos seus criados,
e tudo deixo esquecer.

808.

Virá cá o Govêrno velho
e quererá dar lições
a êstes meus cidadãos,
e que tomem seu conselho
por escapar de cajões,
abusões . . .

814.

As minhas ordenações
são as que regem o povo,
e tôdas minhas lições
são que, com ingratidões,
ofendam a Deus de novo.

—V. 813 — Cf. 1^a, LII, (17).

819.
*119v Venha cá algum escolar
lançar-me da minha terra,
com seus santinhos louvar,
que eu lhe darei tanta guerra
que o faça logo apil'dar !
- Senta-se e entra um cas'elhano do
Rio da Prata, por embaixador.*
824. *Embaixador* — Grandes nuevas fueron dadas
en el grande Paraguay,
donde fueron pregonadas
muchas reliquias sagradas
de unos santos, que aquí hay.
829.
Mas barrunto
que este pueblo, que está junto,
no tiene más devoción
que en cuanto dura el sermón,
y pasándose aquel punto,
luego muda el corazón,
835.
*120 y se olvida
de esta merced tan subida,
que le quiso Dios hacer
en estos santos traer,
para dar salud y vida
a todo hombre y mujer.
841.
Empero,
él que dijo, no erró,
que los portugueses vanos
se tienen por más que humanos.
Luego dicen : "¡ Mando yo !
¡ Que me besen pies y manos !"
847.
Si allá en mi tierra estuviera
este tan rico tesoro,
¿ cómo os parece que fuera ?
Honrado en toda manera,
y cocido en plata y oro . . .

852.		¡ Cuán corteses, cuán ufanos, en solemnes procesiones, salieron los ciudadanos, con las gorras en las manos, para ganar mil perdones !
857.		Mas en fin, ¡ viva Castilla, con toda su cortesía ! Pues saber y policía hay en ella, a maravilla, y virtud en demasía.
*120v	862. <i>Ingratidão</i> —	Que diz êste castelhano, blasonador andaluz ?
	<i>Embaixador</i> —	¡ Dios me valga ! ¡ Qué avestruz ! ¡ El me libre de tu mano, por la Señal de la Cruz !
	867. <i>Ingratidão</i> —	Ferros e talhos d'espada, disso podeis descansar. Mas ao tempo do arrancar, uma velha alcorcovada basta para o espantar.
	872. <i>Embaixador</i> —	¡ Ox ! ¡ Qué miedo me pusiste ! No bastará un escuadrón para hacer lo que hiciste, porque todo me moviste, con tu tan fea visión.
	877.	¡ Oh, válgame San Francisco ! Penséme que eras dragón, o aquel bravo cañón, que se llama basilisco, o el fiero tarracón.
	882.	Di, ¿ quién eres ? Que pienso que de mujeres no nació tal fealdad . . .
	<i>Ingratidão</i> —	Mas tu, fanfarrão, que queres ? Ês, por dita, algum alferes, servo de Su Maiestad ?

888. Ou és algum capitão,
que na armada cá vieste
para guardar o fogão,
e como forte varão,
pelos matos te escondeste,
893. onde nem Deus, nem o Diabo
te pudessem mais achar?
Embaixador — ¡ No cures de me afrentar
si quisieres, hoy, del rabo
de esta mi espada escapar !
898. Soy un valiente soldado
de la nao, que se quebró,
quando allá en los palos dió,
y yo solo he escapado
de la gente, que murió.
903. Y muy confiado en Dios,
y en el nombre de Jesús,
*121 con mi espada y arcabuz,
pasé por los cariyós
hasta dar en Santa Cruz.
908. De ende allí el adelantado
y los señores de minas
para acá me han enviado,
por la fama, que ha llegado,
de estas reliquias divinas.
913. No sé si en medio Perú
hallarás un tal señor
que se iguale a mi valor.
¡ Y quieres burlarte, tú,
de un tan grave embajador !

—V. 907 — *Santa Cruz* — Citam-se várias: uma, próxima de Reis Magos, atual Nova Almeida, pouco distante de Vitória; Cardim fala da Vila de Santa Cruz, na Capitania de Porto Seguro, junto a um rio navegável (TTGB, 299); a Capitania de Itamaracá era chamada "Santa Cruz", como o porto em que Cabral desembarcou; os jesuítas tinham uma "Fazenda de Santa Cruz", em territórios do Rio de Janeiro, pouco distante de São Sebastião. A referência do texto a "senhores de minas" (V. 909), indicando região de minério extrativo, leva a supor que se trate de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. Reforça essa hipótese o V. 913, onde se refere o Peru.

918. *Ingratidão* — E pois, de que te queixavas,
quando andavas passeando,
que tão bravo te mostravas,
e tantos ralhos deitavas
que me estavas espantando?
923. *Embaixador* — ¿No tengo mucha razón
de quejarme de esta gente,
que no tiene devoción,
de todo su corazón,
a mártir tan excelente?
928. — ¡ Ah, que todo es pleitear
y tratar noches y días
mil peleas y porfías,
por regir y gobernar
soberbias y fantasías !
933. *Ingratidão* — Olá ! Não venhais vós cá
a falar dessa maneira,
que esta gente é mui grosseira.
Olhai ! Não faltará
alguma pá de forneira !
938. *Embaixador* — Mas, ¡ que me maten mil veces !
Por la justicia morir . . .
En fin, siempre oí decir
que soberbios portugueses,
o mandar, o no vivir . . .
943. *Ingratidão* — Fazem bem, que todo homem,
como o mundo agora vai,
há de ser filho de pai,
se quiser ter algum nome
e sair à sua mãe . . .
- *121v 948. Do mau leite, que lhes dou,
vem serem desconhecidos,
ingratos, descomedidos.
Eu sou a que sempre sou
mexedora d'arruídos.

953. *Embaixador* — No sin causa me espantaste
 luego quando te miré.
 Dime, ¿dónde te criaste?
 ¿Eres Satán, y contraste
 de toda la santa fe?
958. *Ingratidão* — Bem à mão!
 Sou a velha Ingratidão,
 que todo mundo cerquei,
 tôda a terra conquistei.
 Sou mais antiga que Adão,
 que em Lucifer comecei.
964.
 O meu trato
 é fazer o povo ingrato
 às mercês que Deus lhe faz,
 e é por ter comigo paz,
 que se me vendem tão barato,
 deixando seu Deus atrás.
970. *Embaixador* — De manera que í tú has sido
 y eres causa del mal?
 Yo me hallo arrepentido,
 pues, como hombre atrevido,
 hablé mal de Portugal.
975.
 Porque, en fin, son mis hermanos
 mis señores portugueses,
 muy católicos cristianos,
 a quien yo beso las manos
 y los pies muy muchas veces.
980.
 Mas contigo
 quiero ser siempre enemigo,
 y darte mil mojicones,
 y lanzarte a bofetones,
 con aquel dragón antiguo,
 en sus profundos rincones.
986. *Ingratidão* — Olá, castelhano malo,
 que vindes do Paraguai,
 sabeis, ora, como vai?
 Dar-vos-ei tanto de palo
 que peseis de vosso pai.

*122

991. *Embaixador* — El diablo que te lleve,
¡ mala vieja regañada !
Parece que estás preñada,
y que la preñez te mueve
a hacer tanta ensalada.
996. *Ingratidão* — Ox ! Olhai, ó castelhano !
Não vês tu minha barriga ?
Essa é a que me obriga
a procurar tanto dano,
com tanta dor e fadiga.
1001. Tu não sabes que emprenhei
do formoso Lucifer,
quando quis tamanho ser
como Deus, eterno rei,
e ter supremo poder ?
1006. Depois foi meu barregão
e me tomou por amiga
o ingrato padre Adão.
Não vês se tenho razão
de ter tamanha barriga ?
1011. *Embaixador* — ¡ Malhadada !
¿ Tanto há que estás preñada,
y no acabas de parir ?
¿ Qué puede de ti salir
sino alguna sierpe hinchada,
para el mundo destruir ?
1017. *Ingratidão* — Agora me quero rir
de tua grão bobaria !
Não sabes que, cada dia
pairo, sem nunca parir,
com mui estranha alegria ?
1022. *Embaixador* — ¡ Dios del cielo !
¡ Yo juro que, en todo el suelo,
un tal monstruo no se halle !
Tú no tienes ningún talle,
más mirrada que tu abuelo,
¡ y no cabes en la calle !

1028. Pareces mora encantada,
que agora vienes de Argel,
el vientre como tonel,
y la cara ¡tan chupada
y seca como papel !

*122v 1033. *Ingratidão* — A razão
é porque a Ingratidão
tem uma tal qualidade
que, cheia de maldição,
esgota a fonte e benção
da divina piedade.

1039. O que peca e se conhece,
e chora, como sisudo,
dêle Deus se compadece.
Mas o ingrato não merece
senão que lhe neguem tudo.

1044. *Embaixador* — Ahora te quiero oír,
si de veras me hablares.
Dime ¿qué quiere decir
que empuñas, y siempre pares,
y no acabas de parir ?

1049. *Ingratidão* — Agora vais a caminho.
Embaixador — Ouve, néscio castelhano !
¡ Vieja, no te dé una mano !
Ingratidão — ¡ Piensas que soy algún niño ?
Arre lá, que palaciano !

1054. Ouve. Saberás meu trato
e natural condição.
A primeira empenhidão
foi de Lucifer ingrato.
A outra, do velho Adão.

1059. Cada vez que peca o mau,
é ingrato ao Criador
e a Jesus, seu redentor,
o qual, pregado em um pau,
quis morrer por seu amor.

1064. *Embaixador* — Según eso, que es tu hado,
si el malo ofende a Iesú,
como ingrato y desalmado,
cuantas veces ha pecado,
tantas veces pares tú.
- *123 1069. *Ingratidão* — Sim, mas sempre hei de ficar
prenhe, sem parir de todo,
porque sempre hão de pecar
os homens, por algum modo,
enquanto o mundo durar.
1074. *Embaixador* — ¿No dicen que los pecados,
perdonados una vez,
no serán más castigados?
¿Y serán siempre olvidados
de Dios, que es justo juez?
1079. *Ingratidão* — Assim é, mas o ingrato,
que depois torna a ofender,
a mesma pena há de haver,
porque quebrou o contrato
quando quis ingrato ser.
1084. *Embaixador* — No oímos eso nosotros,
en el Río de la Plata . . .
Ingratidão — Y aun por eso es tan barata
a maldade entre vós outros,
por ser tua gente ingrata . . .
1089. *Embaixador* — De manera
que eres ¡ grande bachillera !
¿ Has deprendido, quizá,
en la ciudad de Alcalá,
de alguna hechicera,
que del reino vino acá ?

—V. 1086 — Confusão de línguas. A *Ingratidão* fala português, não se justifica que o V. 1086 seja em castelhano.
Cf. —V. 1118.

1095. *Ingratidão* — Elas aprendem de mim,
que faço grandes sermões
e lhes ensino orações,
que elas semeiam por i,
com muitas superstições.
1100. Enfim, em qualquer pecado,
eu sou sempre a dianteira.
Quem peca, mes que não queira,
me faz sempre gasalhado
ou d'uma, ou d'outra maneira.
1105. Enquanto me não lançar
fora de si todo povo,
bem podes tu perdoar,
que êle nunca há de cessar
de pecar sempre de novo !
1110. *Embaixador* — ¡ Válgame Dios soberano !
¡ Que sierpe tan ponzoñosa !
¡ Fuera de aquí, mala cosa !
*123v *Ingratidão* — Falais vós bem castelhano . . .
Embaixador — ¡ Véte, maldita raposa,
1115. que contigo
nunca el pueblo tendrá abrigo
de estos mártires de Dios !
Ingratidão — ¡ Enhoramala para vós !
Nosso amor é mui antigo.
Sem mim, ficarão mui sós . . .
1121. *Embaixador* — ¡ Juro a tal que has de salir
a poder de cuchillazos !
Que no se puede sufrir,
los portugueses vivir
enredados con tus lazos . . .
1126. *Ingratidão* — O demônio castelhano
procurar por português !
Embaixador — ¡ Cata no te dé un revés,
con esta mi fuerte mano,
que te hienda hasta los pies !

1131. *Ingratidão* — Que ralhar !
 Nesta vila hei de morar
 e fazê-la sempre ingrata !
Embaixador — ¡ Pues juro de trabajar,
 de estas reliquias llevar
 para el Rio de la Plata !

*Entra Vitória e dois companheiros
 de São Maurício, a favorecer ao
 Embaixador :*

1137. *Vítor* — Hermano, ¿qué disensión
 es aquesta, que tenéis ?
Embaixador — Señor, ¿y vos no lo veis ?
Vítor — Yo vendré, con mi escuadrón,
 ayudaros, si queréis.

- *124 1142. *Embaixador* — Gran servicio
 fuera para San Mauricio,
 si, como buen caballero,
 fueseis mi compañero,
 para hacer un sacrificio
 a nuestro Dios verdadero.

1148. Mas, si sois de Portugal . . .
 Por dicha, ¿de Castilla ?
Vítor — De Mauricio y su cuadrilla,
 Víctor, alférez real,
 padronero de esta villa.

1153. *Embaixador* — En buen punto sois venido,
 para ser mi ayudador,
 que, cierto, estoy muy corrido
 de una vieja haber podido
 escapar de mi furor.

—V. 1137 — Vítor, um dos companheiros de São Maurício, cujo nome a história registou, já não fazia parte da legião tebana quando, em 286, ela foi massacrada. Passando casualmente pelo local, convidado pelos soldados a tomar parte no festim do saque, mostrou-se tão apavorado que despertou suspeitas de ser cristão e foi morto. Cf. V. 1159 e sgs. e A 2, (2).

—V. 1151 — Cf. —V. 1137.

1158. Si yo, con otro, lo hubiera,
con espada y con broquel,
de mis manos tal saliera,
que ya el sacristán pudiera
campanas doblar por él...
1163. *Vitor* — Decid, por vuestra salud,
¿quién os tiene así enojado?
Embaixador — La que es raíz del pecado,
que se llama "Ingratitud",
que el infierno ha cá enviado.
1168. *Vitor* — No me diréis ¿para qué?
Que yo, con mi compañía,
luego la castigaré.
Embaixador — Para hacer perder la fe,
que este pueblo vos tenía...
1173. *Vitor* — Pues ¿qué queréis que hagamos,
para contentar a Dios?
Embaixador — Ha de ser uno de dos:
o que luego nos partamos
para el Rio, yo y vos,
1178. y llevemos
las reliquias, que tenemos,
de vuestro noble escuadrón,
o que esta vieja matemos,
o siquiera, la lancemos
fuera de aquesta región.
1184. *Vitor* — ¡Mirad, hermano, vuestro celo!
Aunque lo tengo por bueno,
no penséis que es tan ajeno
de justicia, el rey del cielo,
que rige el mundo sin freno.
- *124v 1189. Los hombres de vuestro Rio
merecen, por sus pecados,
ser de Dios desamparados,
y que no venga rocío
del cielo, por sus collados,

1194. porque siempre, ensangrentados,
han vivido muchos años,
haciendo tantos mil daños
a los cariyós cuitados,
con robos, muertes, engaños.

1199. El que, colgado en un palo,
murió con tanta paciencia,
aun no mudó su sentencia,
porque vuestro pueblo malo
nunca hizo penitencia.

1204. *Embaixador* — Pues ¿nunca vendrá alguna hora
para su visitación?
Vítor — Dios, de suma compasión,
en quien toda bondad mora,
sabe el tiempo del perdón.

1209. *Embaixador* — Según eso, no quisiera
agora volver allá.
Quiero me quedar acá,
contanto que vaya fuera
esta vieja, que allí está.

1214. *Ingratidão* — Vinde vós cá, bujarrão,
do meu povo me lançar!
Eu vos saberei tornar
tão bem, com êste bordão,
que tendeis bem que corar!

1219. *Vítor* — ¡Sus, fuera, vieja perdida!
Y no vuelvas aquí más,
que esta villa, mi querida,
quiere ser agradecida
y tener conmigo paz.

1224. *Ingratidão* — Aonde me hei d'ir? Para o Rio
do Paraguai? Ou da Prata?
Embaixador — Vou-me lá fazer beata...
Mira allá, ¡qué desvario!
¡Êsta es peor que gata!

-V. 1224 — *ande = ande.

1229. Yo bien sé
que se ha de quedar en pie,
aunque caiga del tejado . . .
- *125 *Ingratidão* — Pois que cuidas, abobado?
Sempre m'há de guardar fé
êste povo, meu amado.
1235. Eis me vou, mas sem perigo,
que eu darei a volta cedo,
que êste povo é meu amigo.
- Embaixador* — ¡ Vaya el diablo contigo,
que me has hecho tanto miedo !
1240. *Vitor* — Hermano, quedad acá,
con mi Capitán Mauricio,
pues la vieja ya se va,
y el pueblo agradecerá
este tan gran beneficio.
1245. *Embaixador* — Así espero.
Yo quiero ser compañero
de vuestros hijos amados,
que dejaron los pecados
con corazón muy entero,
pues que sois sus abogados.

*Acabam e vão-se, e o Govêrno torna
a continuar sua prática com a Vila
da Vitória :*

1251. Já se foi a encantadora,
que nos veio a perturbar.
Bem podemos rematar
nossa prática, senhora.
Ir-vos-eis a repousar.
1256. Eu tenho dois assistentes,
filhos de Deus, meu Senhor.
Um dêles é o seu Temor,
que governa bem as gentes.
Outro é seu santo Amor.

- | | | |
|----------------------------------|------------------|---|
| 1261. | | Sem êstes não pode haver
bom govêrno, nem vitória. |
| | <i>Vitória</i> — | Êsa es cosa notoria,
pues ellos tienen poder
para dar triunfo y gloria. |
| 1266. | | Mas, ¿no habría manera
para poder ser hallados?
¿Quizá que están disfrazados
debajo de la bandera
de Mauricio y sus soldados? |
| *125v | | |
| 1271. | <i>Govêrno</i> — | Lá estão bem descansados,
porque os agasalha bem
Mauricio com seus soldados,
que dêles foram levados
à glória, que agora têm. |
| 1276. | | Pedi vós, com devoção,
verdadeira e grande fé,
a Mauricio Capitão,
que tomastes por patrão. |
| | <i>Vitória</i> — | Señor, así lo haré. |
| <i>Põe-se de joelhos e diz :</i> | | |
| 1281. | | ¡ Oh mártir, gran vencedor !
Con vuestros seis mil soldados,
alcanzad de mi Señor
que su Temor y Amor
hoy me sean otorgados. |
| 1286. | | Sin ellos, mi nombre y vida
de "Victoria" vano es.
Pues, venciendo, en la niñez,
agora será vencida
al cabo de mi vejez. |

*Entram o Temor e Amor
de Deus e diz o Govêrno :*

1291. Ali vêm meus companheiros.
Agora, finca bordão.
Com tão grave capitão
e tão fortes cavaleiros,
vencerás todo esquadrão.

*Temor de Deus fala
com o Amor, e diz :*

1296. ¿A qué venimos, hermano,
a pueblo tan estragado,
del cual yo fui desterrado,
y vos, como vil gusano,
escupido y desamado?

1301. *Amor de Deus* — Venimos a socorrer
a nuestra querida Villa,
para que pueda vencer
al soberbio Lucifer,
con su infernal cuadrilla.

*126	1306.	<i>Vitória</i>	—	¡ Oh señores, amigos y defensores ! Vengáis mucho enhorabuena.
		<i>Temor</i>	—	¡ Líbreos Dios de toda pena !
		<i>Amor</i>	—	Él, con sus dulces amores, os haga de gracia llena.

1312.	<i>Vitória</i>	—	Señores, ¿quién os echó de esta mi dulce morada?
	<i>Temor</i>	—	La vida desconcertada de esta gente, que vendió la gracia de Dios, por nada.

1317. A mí, que soy su Temor,
temió de tener consigo,
no temiendo el gran castigo
que, con sempiterno ardor,
le dará su enemigo.

1322. *Amor* — Pues a mí, su Amor divino,
locamente desamó,
y el torpe amor abrazó,
con tan grande desatino,
que por él a Dios perdió.
1327. *Govêrno* — Eu, vendo-vos degradar,
também me fui acolhendo,
porque só, sem vós vivendo,
mal podia governar
povo que vive morrendo.
1332. *Vitória* — Mi pueblo bien mereció
ser de la culpa vencido,
pues de sí os desterró.
Mas agora, os pido yo,
sea por vos socorrido,
1337. pues Mauricio,
por singular beneficio
de nuestro Dios, le fué dado,
para ser de él confortado,
en su divino servicio,
y de las culpas librado.
- *126v 1343. *Temor* — Vuestros ruegos justos son,
y, pues "Victoria" os nombráis,
es menester que tengáis
este tan fuerte escuadrón
de santos, con que venzáis.
1348. Ellos vencerán la muerte,
con nuestra ayuda y favor,
porque, con temor y amor
sufrieran, con pecho fuerte,
la muerte por su amor.
1353. *Amor* — Si quisiere ser librado
el pueblo de los espantos
del enemigo malvado,
trabaje, con gran cuidado,
de venerar estos santos.

1358. Al principio, con gran celo,
sus reliquias recibió,
mas, ¡ ved cuánto le duró !
Por cierto que ¡ es gran duelo
ver cuán presto se cansó !
1363. Y si no, decidme vos,
los que tienen este oficio,
si vienen al sacrificio
que se hace al sumo Dios,
a honra de San Mauricio
1368. Ya se tiene por afrenta
a sus misas asistir.
El que no quiere servir,
mil invenciones inventa,
para de ellas se excluir.
1373. *Govêrno* — Por ahí se pode ver
o govêrno e o consêrto
dos que morrem por reger.
Tudo é querer valer.
O demais, fique deserto !
1378. Se, para as cousas divinas,
tão grande descuido há,
nas humanas, que será
quando, nas vontades malinas,
o diabo vento dá ?
- *127 1383. *Temor* — Hermana, no os espantéis,
si parece no curar
Maurício de este lugar.
Pues el pueblo, según veis,
cura poco de lo honrar.
1388. Si falta lluvia en la tierra,
y se pierde lo plantado,
es porque el pueblo y senado
hace a Dios continua guerra,
con las armas del pecado.

1393. *Govérno* — Isso bem está provado,
 porque sem condenação
 e coração humilhado,
 tiram o mártir sagrado
 em solene procissão.
1398. Dá Deus chuva, sem tardança,
 e crescem as novidades.
 E, sem usar de vingança,
 mil males da terra lança
 e muitas enfermidades.
1403. *Temor* — Pues ¿quién defiende la tierra
 de corsarios luteranos?
 ¿Quién amenaza los paganos
 y tapias de la sierra?
 ¿Quién les amarra las manos?
1408. ¡ Oh furor,
 de pueblo tan sin temor !
 ¡ Oh gente desconocida,
 que se deja estar caída
 en ofensas del Señor,
 que les da salud y vida !
1414. Si el pueblo a Dios se convierte
 de todo su corazón,
 sin duda, por oración
 de este ejército tan fuerte,
 ganará gracia y perdón.
1419. *Amor* — Conviene que nos reciba
 con paces, ambos de dos,
 y se espera paz de arriba,
 de aquí por delante viva
 en temor y amor de Dios.
- *127v 1424. *Govérno* — Se quiser ser vosso amigo,
 eu convosco ficarei
 governando-o sem perigo.

-V. 1390 — *novidades* — a colheita, cf. A 2, V, 90.

1427. *Vitória* — Para que esto se concluya,
y con mis hijos quedéis,
conviene que les habléis
Ruégoo, como madre suya,
que entrambos le prediquéis.
1432. *Temor* — Movido por vuestros ruegos,
yo les quiero predicar
de los infernales fuegos.
Si de todo no son ciegos,
consigo me harán quedar.
1437. *Vitória* — Mas para darles más gusto,
comenzaré en português.
Ese oficio vuestro es,
que hacéis del malo, justo.
Yo me pongo a vuestros pies.

SERMÃO DO TEMOR DE DEUS AO POVO

Te c -

1442. *Pecador,*
feito escravo do Senhor,
se do pecado não temes,
do fogo por que não tremes!

Go

1446. É cousa para pasmar,
homem cego e desalmado,
como dormes descansado,
sem queres despertar
dêsse sono do pecado!
1451. Como és tão insensível,
que não sentes o furor
da morte, que é tão terrível,
pois és homem corrutível
e cativo *pecador*?

1456. Não sentes que vais descendo
ao inferno, de corrida?
Homem, fantasma sem vida,
não vês que vives morrendo,
pois tens a graça perdida?
- *128 1461. Ó mofino,
de penas eternas digno,
pois te fazes servidor
do pecado, tão sem tino,
deixando o valor divino,
feito escravo do Senhor?
1467. Temes a dor corporal,
loges de qualquer afronta,
e daquele eterno mal
— do bravo fogo infernal —
não fazes nenhuma conta! ? *no*
1472. Se cometes o pecado
e nada te dóis, nem gemes,
teme que serás queimado,
sempre vivo e sempre assado,
se do pecado não temes.
1477. A cama, em que hás de jazer,
há de ser de fogo ardente.
Bichos que te hão de roer,
os quais nunca hão de morrer,
com bravo ranger de dente.
1482. Do furor do onipotente,
pecador, por que não temes?
Como não choras e gemes,
pois tens a força presente?
Do fogo por que não tremes?
1487. *Vitória* — Bien parece que sois don
de Dios, el Espíritu Santo,
que, con dulce devoción,
habéis hecho tal sermón,
que a todos nos puso espanto.

1492. Pues su temor hinche todo,
plega la suma bondad
hincha todos, de verdad,
de su temor, por tal modo,
que cumplan su voluntad.

1497. *Temor* — Una parte me ha quedado
para dar fin al combate.
¿Hogaréis que la relate?
Es beneficio doblado,
acabad y dadle mate.

Temor prossegue o sermão :

*128v 1502. *¡ Oh qué pena
será estar en la cadena,
y vivir siempre muriendo,
y morir siempre viviendo !*

1506. Si tratases, casa día,
un poco, en tu pensamiento,
aquel infernal tormento,
tristeza sin alegría,
pesar sin ningún contento,

1511. hambre sin nunca comer,
y fuego sin luz serena,
sed terrible sin beber,
noche sin amanecer,
¡ oh qué dolor ! ¡ oh qué pena !

1516. Para siempre encarcelado
donde el Diablo te asombre,
donde maldigas el nombre
de tu Dios, que te ha creado,
y te pese de ser hombre,

1521. allí ni la Virgen Madre
jamás te podrá ser buena.
*¡ Oh qué intolerable pena,
perseguido de tu Padre,
será estar en tal cadena !*

- | | | |
|-------|-----------|--|
| 1526. | | La condenación postrera
se llama muerte sin muerte.
Será muerte, de manera
que te deje vida entera,
si te cupiere tal suerte. |
| 1531. | | Porque siempre has de vivir
fuego eterno padeciendo,
y al eterno Dios no viendo,
has, por fuerza, de morir,
<i>y vivir siempre muriendo.</i> |
| 1536. | | Mil cuentos de cuentos de años
tu tormento ha de durar.
Cuando podrías pensar
que se acaban ya tus daños,
de nuevo han de comenzar. |
| 1541. | | Pues deja ya de pecar,
a tu Dios te convirtiendo,
si quieres vida ganar.
Sino, vivo te has de asar,
<i>y morir siempre viviendo.</i> |
| 1546. | Govêrno — | Ouvistes, Vitória honrada,
sermão de tanto vigor?
Quem não será vencedor,
se dêle fordes amada,
vivendo sempre em temor? |
| 1551. | Vitória — | Quereis que o divino amor
também pregue à vossa gente?
Es cosa tan conveniente
que luego, con grande ardor,
amará al omnipotente. |
- *129

SERMÃO DO AMOR DE DEUS AO POVO

1556.

*Tu Señor
cayó, vencido de amor,
sobre un palo.
Esto tuvo por regalo,
porque seas vencedor.*

1561.

¡ Oh amigo pecador !
Mira bien, si tienes ojos,
que te mira el Creador,
con ojos de inmenso amor,
olvidando sus enojos.

1566.

Ámalo, que el ser amado
para él es gran sabor.
Hónralo, que tu valor
consiste en ser venerado
de ti, siervo, *tu Señor.*

1571.

Has de amarlo como al Padre,
que ser inmortal te dió,
y a sus pechos te crió
con amor más que de madre,
pues pecaste y te sufrió.

1576.

Con su óleo ungido fué,
para luchar con fervor,
y aunque era buen luchador,
dándole amor un traspié,
cayó, vencido de amor.

1581.

¡ Oh amor, cuánto pudiste,
pues pudiste a Dios matar !
¡ Oh hombre, cuán mal supiste,
cuando tal Dios ofendiste,
tal amor a Dios pagar !

1586. Si quieres agora amar,
aunque de antes fueses malo,
luego te vendrá abrazar,
con los brazos, que estirar
por ti quiso, *sobre un palo.*
- *129v 1591. Amor te piden sus llagas,
sus azotes, sus espinas.
Aunque todo te deshagas,
si no amas, nada pagas
a sus entrañas divinas.
1596. Por que ames, quiso ser
tenido por hombre malo.
La honra y vida perder,
y tal muerte padecer,
esto tuvo por regalo.
1601. Si pecas, a Dios no amas.
Ama siempre, y vencerás
Mundo, Carne y Satanás,
y, pues "cristiano" te llamas,
no te dejes vencer más.
1606. Lo que vives y has vivido,
pierdes por falta de amor.
Con amor serás unido
al que fué de amor vencido,
porque seas vencedor.
1611. *Vitória* — Ya agora estoy consolada,
y con grande confianza,
que mi pueblo hará mudanza
de la vida mal gastada,
fundada en falsa esperanza.
1616. Ya agora, el mártir Mauricio,
con su escuadrón valeroso,
habrá del divino esposo
que, en su divino servicio,
lo haga muy animoso.

Fala ao povo :

1621. Hijos míos muy amados
 y mi gloria,
 soy la Villa de Victoria,
 vuestra madre.
 Al sumo y eterno Padre
 tened siempre en la memoria.

1627. Su Temor y Amor divino,
 con el prudente Gobierno,
 estén con vos de continuo,
 y siempre iréis a camino,
 venciendo todo el infierno.

Fala aos três :

1632. Señores, ya bien podéis
 ser aquí mis moradores . . .
*130 *Govérno* — . . . e perpétuos defensores.
 E vossos filhos vereis
 ser conosco vencedores.

1637. *Vitória* — Guardemos este tesoro,
 que el sumo Dios me envió,
 más refinado que el oro,
 con el cual, espero yo
 ser libre de todo lloro.

1642. *Amor* — ¡ Enhorabuena !
 ¡ Venga alguna cantillena,
 con suave melodía,
 con que crezca el alegría
 de que está vuestra alma llena,
 en este solemne día !

1648. *Vitória* — ¡ Suene la harpa
 con que Lucifer se carpa,
 y su cuadrilla !
 Niño llama la capilla
 para gloria
 de estos santos, que victoria
 darán siempre a nuestra villa.

3.º A T O

*Aqui vieram quatro, com uma lumba,
para levarem a santa cabeça.*

1655. 1.º — Ó cabeça esmaltada
com ouro da fortaleza,
com o sangue adornada
e de martírio coroada,
linda mais que a lindeza.

1660. 2.º — Mártires celestiais,
ide-vos à sepultura,
que não vos será escura,
pois com nosso rei reinais
em glória, paz e doçura.

*130v 1665. 3.º — Ó quão doces são agora
os trabalhos padecidos
por Cristo ! E quão erguidos
são aquêles que, outrora,
padeciam ser vencidos !

1670. 4.º — Este é, irmãos amados,
o fim em que vão parar
aquêles que, por guardar
de nosso Deus os mandados,
se deixam martirizar.

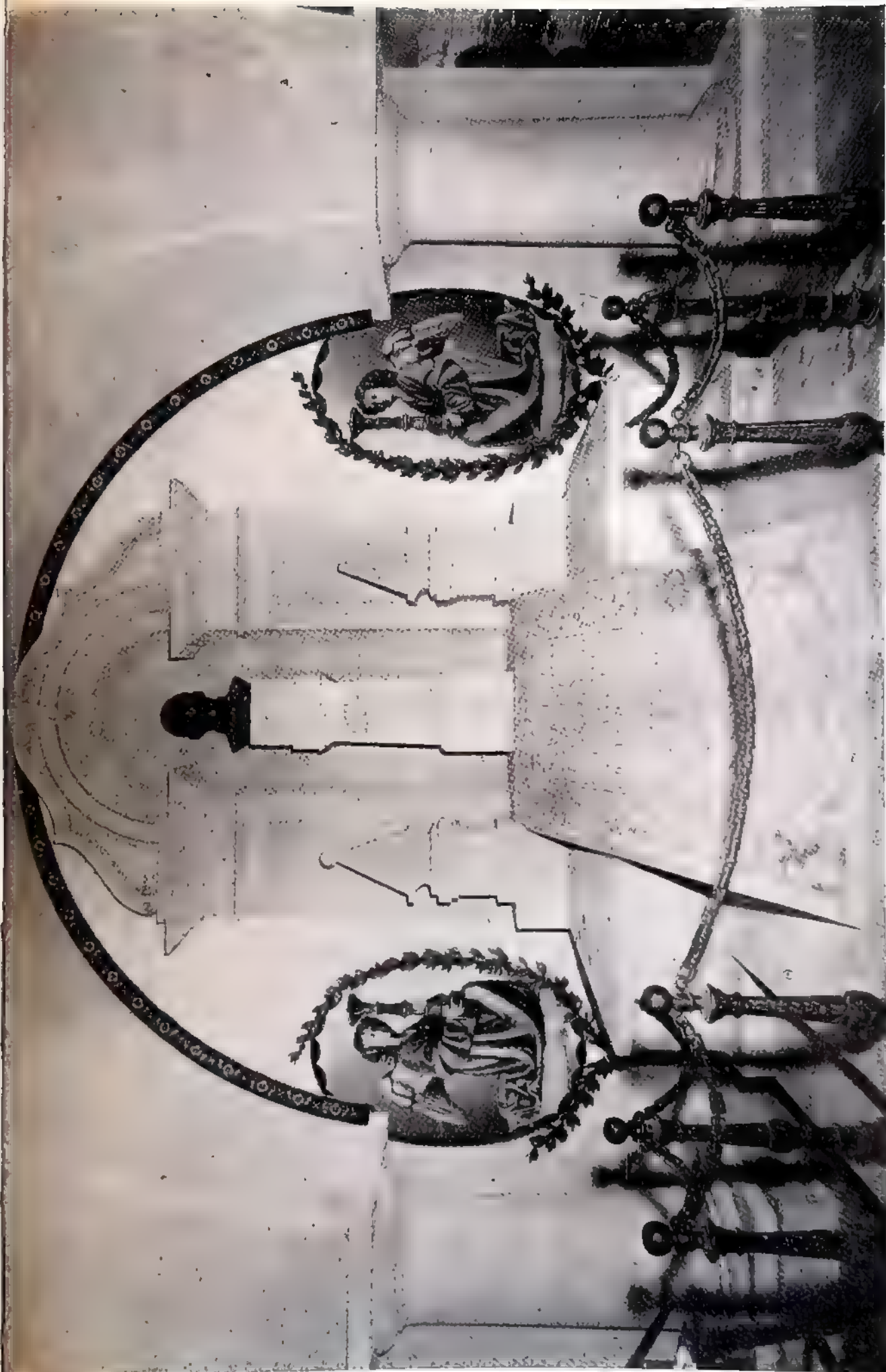


Fig. 21

A lápide de Anchieta, conservada no Palácio do Governo de Vitória, no Espírito Santo, em compartimento reservado e recentemente decorado.

*173 1. 1.º —

Jandé Jára ariré
mamó suí Réia rúri,
serobiakatuábo ñe.
Ojetanónga ixupé
imbaérama rerúri.

6. 2.º —

Réia, añé, ko ar, ijára
pitangĩ supé ouí.
Osausubeté katú,
opyápe, omoñangára.

10. 3.º —

Ndeiteé, miausubeté
ikó ára momoránga.

regina → *Rejyia* (sekó poéra ánga, *reya recopoer* - 50)
Tupá resé ojerobiá.

14. 4.º —

Ixé sesé guiporandúpa.
Xe róka suí ajú.
Añemoesaingatú,
miausubeté rausúpa.

1. À procura de Nosso Senhor
vêm de longe os Reis,
seus fiéis.
Para ofertarem a êle
trazem suas prendas.

6. Na verdade, os Reis, neste dia,
a seu senhor meninozinho vêm.
Êles amam muito,
em seu coração, o seu criador.

10. Assim, os escravos
aqui estão celebrando a data.
Deixando os hábitos antigos,
agora acreditam em Deus.

14. Por isso estou recitando.
Vim de minha casa.
Estou muito alegre
e amo os escravos.

substitui o 2.º

(1) — Id., LXXV. Provavelmente substituiu da dança que figura em D 17, VV. 46-86, mas muito semelhante à dança de E 2 b, VV. 437-496.

18. 5.º — Xe naiupotári biã,
karaíba moabaitébo,
memé ñe moxy jandébo,
marã eỹ memoãmemoã.
22. 6.º — Ndaéi memé jepí,
jandé repiáka serã :
“Iporangeté kunumí
miausubambueri, mã !” ?
26. 7.º — Como nos vêem pequeninos.
dançadores e gaiteiros,
logo dizem os malinos :
“Ô ! Que bonitos meninos
para ser nossos boieiros !”
30. 8.º — Taté, taté, kunumí,
nandenupâi karaíba !
Inemoyrondoá, moxy.
Noipetéki nde atýba,
guerekó aíba ri !
- *173v 36. 9.º — Jabaíb aipó ñeénga
taujeté tiañemboí.
Tiñyrongatú korí
jandébo pindá meénga.
40. 10.º — Xe Jesus angaturáma,
ixý Maria ri be,
aporaséi potá ñe,
xe ánga rekobé rama
toimeéng guijábo e.

18. Eu não queria vir,
temendo os brancos,
sempre maus para nós,
mesmo sem guerra traiçoeiros.

22. Não dizem tôdas as vêzes,
se nos vêem :
“Ai, que bonitos meninos
para serem escravizadosinhos ? !”

30. Cuidado, cuidado, garoto,
para que os brancos não te batam !
Eles são irritáveis, maus.

Não vão te esbofetear,
conforme é seu mau costume !

36. Essas palavras ameaçadoras
depressa se desvanecerão.
Eles hoje serão bondosos
e nos darão anzóis.

40. A meu Jesus virtuoso
e a Maria, sua mãe,
eu quero cantar,
vida eterna à minha alma
dizendo que dêem.

RESUMO

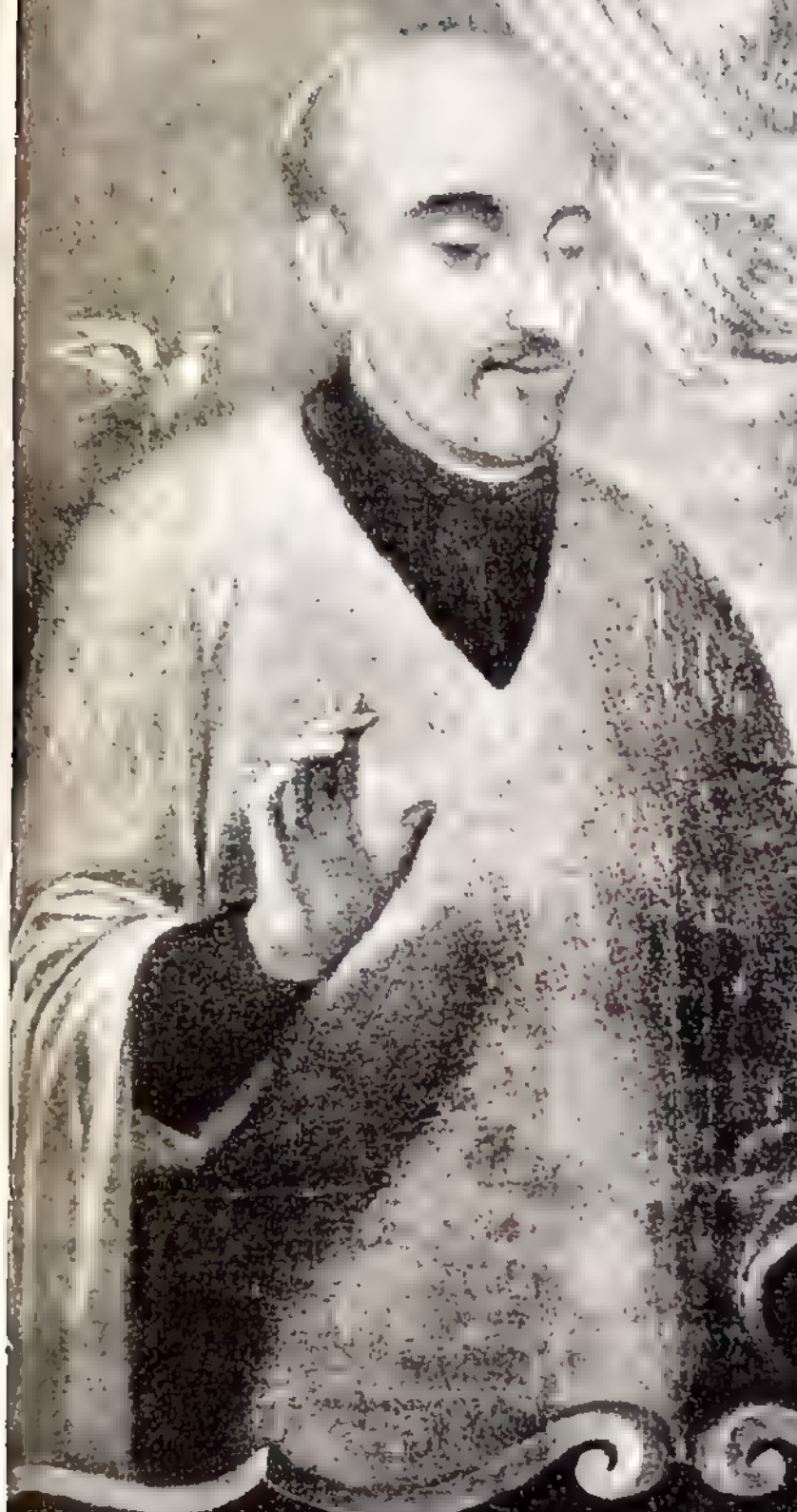
Contém textos poéticos de um caderno de Anchieta, parcialmente em autógrafo seu.

O manuscrito original pertence aos Arquivos da Companhia de Jesus. O exame dos textos e sua publicação, iniciados na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, foram concluídos na Secção de Documentação Lingüística do Museu Paulista.

O trabalho compreende duas partes distintas: na primeira, reproduzem-se os textos em edição diplomática, restituídos versos já arruinados pelo tempo, acompanhando-os, página por página, sua reprodução fac-similar. Na segunda, repetem-se os mesmos textos, distribuídos em cinco grupos: textos em português, castelhano, latim, tupi e polilíngues. Constituem peças poéticas ordenadas, modernizadas na pontuação e ortografia, completadas as suas indicações, comentadas e, tanto quanto possível localizadas no tempo e no espaço, nas suas interligações e no seu significado histórico. As partes em latim e tupi são acompanhadas de tradução portuguesa. Ilustrações documentais seguem os textos.

Fig. 22

Anchieta — tela existente em Tenerife, sua terra natal.



P. JOSEPH DE ANCHETA NATURAL D TENERIFE DESCEN-
DIENTE D GVIPVZCOA APOSTOL DL BRASIL MVPIO EN PERITI
VA A 9 D JUNIO 1597 ETATIS 64. DESCANSA EN LA BAYA.

PUBLICAÇÕES DA
SECÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO LINGÜÍSTICA

- 1 — *José de Anchieta* — AUTO REPRESENTADO NA FESTA DE SÃO LOURENÇO. Peça trilingüe do séc. XVI, transcrita, comentada e traduzida, na parte tupi, por *M. de L. de Paula Martins*. 1948. São Paulo. Brasil.
- 2 — *C. Monteiro* — VOCABULÁRIO PORTUGUÊS-BOTOCUDO — Organização, prefácio e notas de *M. de L. de Paula Martins*. 1948. São Paulo. Brasil.
- 3 — *José de Anchieta* — NA VILA DE VITÓRIA E NA VISITAÇÃO DE SANTA ISABEL — Peças em castelhano e português, do séc. XVI, transcritas e comentadas por *M. de L. de Paula Martins*. 1950. São Paulo. Brasil.



COMPOSTO E IMPRESSO PELA
IND. GRÁFICA SIQUEIRA S. A., NO ANO
DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE
S. PAULO. — 1954

